LIVRO 3 DE A RODA DO TEMPO

ROBERT JORDAN

O DRAGÃO RENASCIDO



"COM *A RODA DO TEMPO* JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR O MUNDO QUE TOLKIEN COMEÇOU A DIFUNDIR."

The New York Times

intrínseca

ROBERT JORDAN

O DRAGÃO RENASCIDO

LIVRO 3 DE A RODA DO TEMPO

TRADUÇÃO DE
MARIANA SERPA VOLLMER

intrínseca

Copyright © 1991 by Robert Jordan
Publicado mediante acordo com Sobel Weber Associated Inc.
“The Wheel of Time®”, “The Dragon Reborn™” e o símbolo da roda/cobra são marcas registradas pertencentes a Robert Jordan. Assegurados os direitos morais do autor.

TÍTULO ORIGINAL
The Dragon Reborn

EDIÇÃO
Flora Pinheiro

PREPARAÇÃO
Rayssa Galvão

REVISÃO
Marcela de Oliveira
Suelen Lopes

REVISÃO TÉCNICA
Rafael Meyer

CAPA
Júlio Moreira

IMAGEM DA RODA DO TEMPO
© Sam Weber

COURO
© Duncan P. Walker/iStockphoto

MAPAS
Ellisa Mitchell

ADAPTAÇÃO DO MAPA
ô de casa

ILUSTRAÇÕES INTERNAS
Matthew C. Nielsen e Ellisa Mitchell

REVISÃO DE EPUB
Fernanda Neves

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-602-3

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube


intrínseca

Dedicado a
James Oliver Rigney
(1920–1988)

Ele me ensinou a sempre perseguir um sonho e, ao conquistá-lo, vivê-lo.

SUMÁRIO

CAPA
FOLHA DE ROSTO
CRÉDITOS
MÍDIAS SOCIAIS
DEDICATÓRIA

PRÓLOGO: A Fortaleza da Luz
MAPA 1
1 À ESPERA
2 *SAIDIN*
3 NOTÍCIAS DA PLANÍCIE
4 SOMBRAS ADORMECIDAS
5 PESADELOS AMBULANTES
6 A CAÇADA COMEÇA
7 A PARTIDA DAS MONTANHAS
8 JAHRA
9 SONHOS DE LOBO
10 SEGREDO
MAPA 2
11 TAR VALON
12 O TRONO DE AMYRLIN
13 PUNIÇÕES
14 OS ESPINHOS DA ROSA
15 O HOMEM CINZA
16 TRÊS CAÇADORAS
17 A IRMÃ VERMELHA
18 CURA
19 DESPERTAR
20 VISITAS
21 O MUNDO DOS SONHOS
22 O PREÇO DO ANEL
23 LIGADA
24 INVESTIGAÇÕES E DESCOBERTAS
25 PERGUNTAS
26 POR TRÁS DE UM CADEADO
27 *TEL'ARAN'RHIOD*

28 UMA SAÍDA
29 UMA ARMADILHA PARA ACIONAR
30 O PRIMEIRO LANCE
31 A MULHER DE TANCHICO
32 O PRIMEIRO NAVIO
33 DENTRO DA TRAMA
34 UMA DANÇA DIFERENTE
35 O FALCÃO
36 FILHA DA NOITE
37 FOGO EM CAIRHIEN
38 DONZELAS DA LANÇA
39 FIOS DO PADRÃO
40 UM HERÓI NA NOITE
41 JURAMENTO DE CAÇADOR
42 ACALMANDO O TEXUGO
43 IRMÃOS-DAS-SOMBRAS
44 CAÇADOS
45 CAEMLYN
46 UMA MENSAGEM DAS SOMBRAS
47 CORRENDO CONTRA A SOMBRA
48 SEGUINDO O OFÍCIO
49 TEMPESTADE EM TEAR
50 O MARTELO
51 UMA ISCA PARA A REDE
52 EM BUSCA DE UM REMÉDIO
53 UM FLUXO DE ESPÍRITO
54 DENTRO DA PEDRA
55 O QUE ESTÁ ESCRITO NA PROFECIA
56 O POVO DO DRAGÃO

GLOSSÁRIO

SOBRE O AUTOR
CONHEÇA A SÉRIE
TÍTULOS RELACIONADOS

PRÓLOGO



A Fortaleza da Luz

Os velhos olhos de Pedron Niall examinaram sua sala de audiências particular, mas aqueles olhos escuros, enevoados por pensamentos, não viram coisa alguma. Tapeçarias esfarrapadas, antigos estandartes de batalhas dos inimigos de sua juventude, se fundiam aos painéis de madeira escura assentados às paredes de pedra, que, mesmo ali, no coração da Fortaleza da Luz, eram robustas. A única cadeira do recinto, pesada, de espaldar alto, quase um trono, estava invisível a seus olhos, assim como as poucas mesas espalhadas que completavam o mobiliário. Até o homem de manto branco, com sua avidez mal contida, ajoelhado sobre o sol desenhado nas amplas tábuas no chão, escapou por um instante aos pensamentos de Niall, embora poucos fossem tão rápidos em deixar de lado as notícias que ele trazia.

Jaret Byar teve tempo de se lavar antes de ser levado até Niall, mas tanto o elmo como a armadura estavam sem brilho por causa da viagem e maltratados pelo uso. Olhos escuros e profundos brilhavam com uma luz febril e premente, que parecia ter consumido todo e qualquer pedaço de carne. Ele não portava espada, uma vez que armas não eram permitidas na presença de Niall, mas parecia prestes a cometer uma violência, como um cão esperando ser solto da coleira.

Duas fogueiras em lareiras compridas, nas duas extremidades do aposento, afastavam o frio do fim do inverno. Era uma sala simples e de um estilo militar, na verdade, tudo bem-feito, mas nada extravagante, exceto

pelo sol desenhado no chão. A mobília da sala de audiências do Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz era escolhida pelo homem que assumia o cargo. O sol dourado no piso ficara gasto após gerações de suplicantes, então fora pintado novamente e se gastara mais uma vez. Nele havia ouro suficiente para comprar qualquer estado de Amadícia, junto com o título de nobreza que o acompanhava. Niall passou dez anos caminhando naquele ouro, mas jamais pensou nele duas vezes, não mais do que pensou no sol radiante que adornava seu peitoral por cima da túnica branca. Pedron Niall não se interessava por ouro.

Enfim, ele voltou os olhos para a mesa a seu lado, repleta de mapas, cartas e relatórios espalhados. Três desenhos frouxamente enrolados jaziam entre a desordem. Pegou um, relutante. Não importava qual: todos retratavam a mesma cena, embora por mãos diferentes.

A pele de Niall era fina como pergaminho gasto, contraída e retesada pela idade sobre um corpo que parecia todo feito de ossos e nervos, mas nada havia de frágil nele. Nenhum homem havia ocupado aquela posição antes de ter os cabelos brancos, muito menos um homem mais fraco que as pedras do Domo da Verdade. Ainda assim, ele de súbito se deu conta da velhice da mão que segurava o desenho, e percebeu que precisava ser rápido. O tempo estava se esgotando. *Seu* tempo estava se esgotando. Tinha que ser suficiente. Ele teria que fazer o pouco que lhe restava ser suficiente.

Obrigou-se a desenrolar o pergaminho grosso pela metade, o suficiente para ver o rosto que despertara seu interesse. Os rabiscos de carvão estavam um pouco borrados por conta da viagem nos alforjes, mas o rosto estava nítido. Um jovem de olhos cinza e cabelos ruivos. Parecia alto, mas era difícil ter certeza. À exceção dos cabelos e olhos, o rapaz poderia fixar-se em qualquer cidade sem causar grande alvoroço.

— Este… *garoto* se proclama o Dragão Renascido? — murmurou Niall.

O Dragão. O nome o fez sentir o frio do inverno e da idade. O nome que Lews Therin Telamon usava quando condenou cada homem capaz de canalizar o Poder Único, naquela hora e para sempre, à insanidade e à morte, ele mesmo inclusive. Fazia mais de três mil anos que o orgulho das Aes Sedai e a Guerra da Sombra tinham posto um fim à Era das Lendas. Três mil anos, mas a profecia e a lenda avivavam a lembrança dos homens, traziam ao menos a essência daquela memória, embora os detalhes escapassem. Lews Therin Telamon, o Fratricida. O homem que iniciara a Ruptura do Mundo,

quando loucos capazes de liberar o poder que regia o universo derrubaram montanhas e afundaram terras antigas sob os oceanos, quando toda a terra se alterou e todos os que sobreviveram fugiram como bestas diante de fogo. Não terminou até que o último homem Aes Sedai tombasse morto, e uma raça humana dispersa começasse a tentar reconstruir tudo a partir dos escombros, pelo menos onde havia vestígios de escombros. O acontecimento foi marcado na memória pelas histórias que as mães contavam aos filhos. E, segundo as profecias, o Dragão iria renascer.

Niall não tinha intenção de que o tom fosse interrogativo, mas Byar entendeu assim.

— Sim, meu Senhor Capitão Comandante, é isso mesmo. A loucura do rapaz é pior do que a de qualquer falso Dragão de que já ouvi falar. Milhares já se declararam a favor dele. Tarabon e Arad Doman estão em guerra civil, além de estarem em guerra entre si. As lutas se estendem por toda a Planície de Almoth e a Ponta de Toman, tarabonianos contra domaneses contra Amigos das Trevas, clamando pelo Dragão, pelo menos até o inverno chegar e resfriar quase tudo. Nunca vi algo se alastrar tão depressa, meu Senhor Capitão Comandante. Foi como lançar um archote sobre um monte de feno. A neve talvez os tenha enfraquecido, mas com a primavera as chamas explodirão ainda mais fortes do que antes.

Niall o interrompeu com o dedo em riste. Já era a segunda vez que o deixava contar aquela história, a voz queimando cheia de raiva e ódio. Algumas partes Niall ficara sabendo por outras fontes, e alguns pontos conhecia mais do que Byar, mas a cada vez que escutava, irritava-se outra vez.

— Geofram Bornhald e mil Filhos mortos. Obra das Aes Sedai. Você tem certeza, Filho Byar?

— Certeza absoluta, meu Senhor Capitão Comandante. Depois de um conflito no caminho para Falme, vi duas das bruxas de Tar Valon. Nos custaram mais de cinquenta homens antes que cravássemos nossas flechas nelas.

— Você tem certeza… tem *certeza* de que eram Aes Sedai?

— O chão explodiu sob nossos pés. — A voz de Byar era firme e confiante. Jaret Byar tinha pouca imaginação. A morte era parte da vida de um soldado, independentemente de como ela viesse. — Surgiram raios do

céu azul que atingiram nosso grupo. Meu Senhor Capitão Comandante, o que mais poderiam ser?

Niall assentiu com uma careta de desgosto. Não havia homens Aes Sedai desde a Ruptura do Mundo, mas as mulheres que ainda reivindicavam o título eram ruins o bastante. Elas tagarelavam sobre seus Três Juramentos: não pronunciar palavras que não fossem verdadeiras, não fabricar armas para um homem matar outro, usar o Poder Único como arma apenas contra Amigos das Trevas e criaturas da Sombra. No entanto, haviam finalmente revelado que esses juramentos eram mentiras. Ele sempre soubera que ninguém poderia querer o poder que elas tinham para outra coisa que não desafiar o Criador, o que significava servir ao Tenebroso.

— E você não sabe nada a respeito dos invasores de Falme, que mataram metade de uma das minhas legiões?

— O Senhor Capitão Bornhald disse que eles se autodenominam Seanchan, Senhor Capitão Comandante — afirmou Byar, impassível. — Disse que eram Amigos das Trevas. E a investida dele dominou as forças inimigas, ainda que tenha lhe custado a vida. — Sua voz ganhou intensidade. — Há muitos refugiados de lá. Todos com quem falei concordaram que os forasteiros foram derrotados e fugiram. Foi o Senhor Capitão Bornhald quem os venceu.

Niall deu um leve suspiro. Eram quase as mesmas palavras que Byar havia usado nas duas primeiras vezes que falara a respeito do exército que supostamente surgira do nada para invadir Falme. *Um bom soldado*, pensou Niall, *como Geofram Bornhald sempre disse, mas não um homem capaz de pensar.*

— Meu Senhor Capitão Comandante — começou Byar, de repente —, o Senhor Capitão Bornhald *ordenou* que eu ficasse longe da batalha. Eu estava ali para observar os acontecimentos e relatá-los ao senhor. E também para contar ao filho dele, Lorde Dain, como ele morreu.

— Sim, sim — disse Niall, com impaciência. Estudou o rosto encovado de Byar por um instante, para depois acrescentar: — Ninguém duvida de sua coragem e honestidade. É exatamente o tipo de coisa que Geofram Bornhald faria, lançar-se em uma batalha mesmo temendo que todos os seus homens morressem. — *E não o tipo de coisa que sua imaginação lhe permitiria pensar.*

Não havia mais o que descobrir com aquele homem.

— Você agiu bem, Filho Byar. Tem minha permissão para levar a notícia da morte de Geofram Bornhald a seu filho. Dain Bornhald está com Eamon Valda perto de Tar Valon, segundo o último informe. Pode se juntar a eles.

— Obrigado, meu Senhor Capitão Comandante. Obrigado. — Byar se levantou e fez uma mesura enfática. Porém, hesitou ao endireitar o corpo. — Meu Senhor Capitão Comandante, nós *fomos* traídos. — O ódio o fez falar entre dentes.

— Por esse Amigo das Trevas que mencionou antes, Filho Byar? — Ele não conseguia esconder a rispidez da própria voz. Os planos feitos ao longo de um ano jaziam arruinados entre os corpos de mil Filhos, e Byar só queria falar sobre aquele homem. — O tal jovem ferreiro que você viu apenas duas vezes, o tal Perrin de Dois Rios?

— Sim, meu Senhor Capitão Comandante. Não sei como, mas sei que ele é o culpado. Eu sei.

— Verei o que pode ser feito a respeito, Filho Byar. — Byar abriu a boca mais uma vez, mas Niall levantou a mão, interrompendo-o. — Está dispensado.

O homem de rosto abatido não teve escolha a não ser fazer outra mesura e sair.

Quando a porta se fechou atrás dele, Niall largou-se na cadeira de espaldar alto. O que haveria provocado o ódio de Byar pelo tal Perrin? Havia muitos Amigos das Trevas para alguém gastar tanta energia odiando um em particular. Amigos das Trevas demais, espalhados pelo mundo, escondidos por trás de palavras amáveis e sorrisos abertos, servindo ao Tenebroso. Ainda assim, um nome a mais na lista não faria mal algum.

Ele mudou de posição na cadeira dura, tentando dar algum conforto aos velhos ossos. Considerou vagamente, não pela primeira vez, que uma almofada talvez não fosse luxo demais. E não pela primeira vez, afastou o pensamento. O mundo despencava para o caos, e não havia tempo para se render à idade.

Deixou todos os sinais que prenunciavam o desastre correrem por sua mente. Tarabon e Arad Doman estavam em guerra, enquanto Cairhien passava por uma guerra civil, e um princípio de confronto ganhava contorno entre Tear e Illian, que já eram velhas inimigas. Talvez aquelas guerras não significassem nada sozinhas, pois os homens lutavam sempre, mas em geral ocorria uma de cada vez. E, além do falso Dragão em algum lugar da

Planície de Almoth, outro assolava Saldaea, e um terceiro atingia Tear. Três de uma só vez. *Todos devem ser falsos Dragões.* Têm *que ser!*

Além disso, havia pequenas coisas, algumas talvez apenas rumores infundados, mas que, somadas ao resto… Aiel vistos bem a oeste, em Murandy e Kandor. Apenas dois ou três em cada lugar, mas, fossem um ou mil, era a primeira vez em todos os anos desde a Ruptura que os Aiel saíam do Deserto. Eles haviam posto os pés para fora daquele deserto ermo apenas durante a Guerra dos Aiel. Dizia-se que os Atha'an Miere, o Povo do Mar, andavam abrindo mão de negócios para ir em busca de sinais e presságios — quais exatamente, não diziam — e viajavam em navios com metade da tripulação ou mesmo sem ninguém. Illian convocara a Grande Caçada à Trombeta pela primeira vez em quase quatrocentos anos e enviara os Caçadores em busca da lendária Trombeta de Valere, que, segundo as profecias invocaria os heróis mortos de seus túmulos para lutar em Tarmon Gai'don, a Última Batalha contra a Sombra. Segundo rumores, os Ogier, sempre tão reclusos que a maioria do povo comum pensava que eram apenas uma lenda, haviam convocado reuniões entre cada um de seus pousos remotos.

E o mais impressionante de tudo, para Niall, era que as Aes Sedai pareciam ter revelado suas intenções. Diziam que elas haviam enviado algumas irmãs à Saldaea, para enfrentar o falso Dragão Mazrim Taim. Por mais raro que aquilo fosse entre os homens, Taim era capaz de canalizar o Poder Único. O que era, por si só, algo a temer e desprezar. Mas poucos pensavam que um homem como aquele poderia ser derrotado sem a ajuda das Aes Sedai. Era melhor deixá-las ajudarem do que enfrentar os horrores inevitáveis quando ele enlouquecesse, como sempre acontecia. Porém, parecia que Tar Valon enviara outras Aes Sedai para apoiar o outro falso Dragão em Falme. Nada mais fazia sentido.

O padrão o arrepiou até os ossos. O caos se multiplicava, acontecimentos dos quais jamais se ouvira passavam a ocorrer repetidas vezes. O mundo inteiro parecia estar em um redemoinho, se remexendo, prestes a entrar em ebulição. Estava muito claro para ele. A Última Batalha se aproximava.

Todos os seus planos estavam destruídos, planos que garantiriam que seu nome fosse repetido entre os Filhos da Luz por uma centena de gerações. No entanto, inquietude era sinônimo de oportunidades, e ele tinha novos planos,

com novos objetivos. Se fosse capaz de manter as forças e a determinação para levá-los até o fim. *Luz, deixe-me continuar vivo por tempo suficiente.*

Uma batida respeitosa na porta o tirou dos pensamentos sombrios.

— Entre! — ordenou, com rispidez.

Um servo de casaco e calças de tecido branco e dourado fez uma mesura e entrou. Com os olhos baixos, anunciou que Jaichim Carridin, Ungido pela Luz, Inquisidor da Mão da Luz, viera a mando do Senhor Capitão Comandante. Carridin surgiu logo atrás do homem, sem esperar que Niall respondesse. O homem dispensou o servo com um gesto.

Antes que a porta se fechasse por completo, Carridin se abaixou, apoiando-se em um dos joelhos, e fez um floreio com o manto branco. Por trás do sol na frente do manto, jazia o cajado escarlate da Mão da Luz, símbolo do grupo que muitos chamavam de Questionadores, embora não diante de um deles.

— Como o senhor ordenou minha presença, meu Senhor Capitão Comandante — disse, com a voz grave —, retornei de Tarabon.

Niall o analisou por um instante. Carridin era alto, já estava na meia-idade e tinha cabelos levemente grisalhos, mas era forte e vigoroso. Os olhos escuros e profundos pareciam, como sempre, perspicazes. E não piscavam sob o exame silencioso do Senhor Capitão Comandante. Poucos homens tinham uma consciência tão tranquila ou tanta serenidade. Carridin permanecia ajoelhado, aguardando com calma, como se fosse parte do cotidiano receber uma ordem ríspida para deixar o comando e retornar a Amador sem demora, sem explicações. No entanto, também dizia-se que Jaichim Carridin podia ser mais impassível que uma pedra.

— Levante-se, Filho Carridin. — Enquanto o homem se erguia, Niall acrescentou: — Recebi notícias inquietantes de Falme.

Carridin ajeitou as dobras do manto enquanto respondia. Sua voz beirava o limite do respeito apropriado, quase como se conversasse de igual para igual, não com o homem a quem havia jurado obediência até a morte.

— Meu Senhor Capitão Comandante se refere às notícias trazidas pelo Filho Jaret Byar, segundo no comando do Senhor Capitão Bornhald.

O canto do olho esquerdo de Niall tremulou, um prenúncio conhecido de fúria. Supostamente apenas três homens estavam cientes de que Byar estava em Amador, e ninguém além de Niall sabia de onde ele viera.

— Não seja tão astuto, Carridin — respondeu. — Seu desejo em saber tudo pode um dia levá-lo às mãos de seus próprios Questionadores.

Ao ouvir aquele nome, Carridin não esboçou reação além de um leve comprimir dos lábios.

— Meu Senhor Capitão Comandante, a Mão persegue a verdade em todos os lugares, para servir à Luz.

Para servir à Luz. Não para servir aos Filhos da Luz. Todos os Filhos serviam à Luz, mas Pedron Niall se perguntava com frequência se os Questionadores de fato se consideravam parte dos Filhos.

— E que verdade você traz para mim a respeito do que ocorreu em Falme? — perguntou Niall.

— Amigos das Trevas, Senhor Capitão Comandante.

— Amigos das Trevas? — A risada de Niall não esboçou qualquer alegria. — Há algumas semanas, recebi relatórios seus informando que Geofram Bornhald era um servo do Tenebroso por ter contrariado suas ordens e deslocado soldados para a Ponta de Toman. — A voz ganhou um tom brando perigoso. — Agora quer que eu acredite que Bornhald, um Amigo das Trevas, levou mil Filhos da Luz à morte em uma luta contra outros Amigos das Trevas?

— Se ele era ou não Amigo das Trevas, jamais saberemos — retrucou Carridin, impassível —, pois morreu antes de ser questionado a respeito. As tramas da Sombra são obscuras, e com frequência parecem insensatas aos que caminham na Luz. Mas que a invasão de Falme foi arquitetada por Amigos das Trevas, disso não tenho dúvidas. Amigos das Trevas e Aes Sedai, em prol de um falso Dragão. Foi o Poder Único que destruiu Bornhald e seus homens, estou certo disso, Senhor Capitão Comandante. Assim como foi o Poder Único que destruiu os exércitos que Tarabon e Arad Doman enviaram a Falme para combater os Amigos das Trevas.

— E quanto às histórias de que os invasores de Falme cruzaram o Oceano de Aryth?

Carridin negou com a cabeça.

— Meu Senhor Capitão Comandante, o povo vive inventando rumores. Alguns alegam que era o exército enviado por Artur Asa-de-gavião para cruzar o oceano, mil anos atrás, voltando para reivindicar a terra. Ora, alguns alegam terem visto Asa-de-gavião em pessoa, em Falme. E mais metade dos heróis lendários. O oeste está fervilhando, de Tarabon a Saldaea,

e uma centena de rumores novos brotam todos os dias, cada um mais ultrajante que o outro. Esses tais Seanchan eram apenas mais uma escória de Amigos das Trevas reunidos para defender um falso Dragão, só que dessa vez com o apoio declarado das Aes Sedai.

— Que provas você tem disso? — Niall fez a voz soar como se duvidasse daquilo. — Tem algum prisioneiro?

— Não, Senhor Capitão Comandante. Como o Filho Byar sem dúvida lhe informou, Bornhald fez com que se dispersassem. E certamente ninguém que interrogamos admitiria ter lutado por um falso Dragão. Quanto às provas… eu as trago em duas partes. O Senhor Capitão Comandante me permite?

Niall gesticulou com impaciência.

— A primeira parte é negativa — prosseguiu Carridin. — Poucos navios tentaram cruzar o Oceano de Aryth, e a maioria jamais retornou. Os que tentaram voltaram antes que acabassem a água e a comida. Nem mesmo o Povo do Mar cruza Aryth, e eles navegam para qualquer terra onde haja negócios, mesmo que fiquem depois do Deserto Aiel. Meu Senhor Capitão Comandante, se *há* terras do outro lado do oceano, elas são muito distantes, e o oceano é muito vasto. Cruzá-lo com um exército seria tão impossível quanto voar.

— Talvez — respondeu Niall, devagar. — Faz sentido, sem dúvida. Qual é a segunda parte?

— Senhor Capitão Comandante, muitos dos que interrogamos mencionaram monstros lutando ao lado dos Amigos das Trevas e mantiveram a palavra até o fim do interrogatório. O que poderiam ser, além de Trollocs e outras criaturas da Sombra que conseguiram dar um jeito de escapar da Praga? — Carridin estendeu as mãos, como se aquilo fosse uma prova conclusiva. — A maioria das pessoas pensa que Trollocs não passam de mentiras e histórias de viajantes, e quase todo o restante acredita que foram todos mortos nas Guerras dos Trollocs. Caso vissem um Trolloc, como o descreveriam, se não como um "monstro"?

— Sim. Sim, talvez você esteja certo, Filho Carridin. Talvez, é o que eu digo. — Não daria a Carridin a satisfação de saber que concordava. *Deixe-o suar um pouco.* — Mas e ele? — Niall apontou para os desenhos enrolados. Se bem conhecia Carridin, o Inquisidor tinha algumas cópias em seus próprios aposentos. — Ele é muito perigoso? É capaz de canalizar o Poder Único?

O Inquisidor apenas deu de ombros.

— Talvez seja, talvez não. Se quisessem, as Aes Sedai sem dúvida fariam o povo acreditar que até um gato é capaz de canalizar. Quanto a ser perigoso… qualquer falso Dragão é perigoso até ser abatido, e um com o apoio de Tar Valon é dez vezes mais. Porém é menos agora do que será daqui a meio ano, se não for controlado. Os prisioneiros que interroguei nunca o tinham visto, nem faziam ideia de onde está agora. Suas forças estão divididas. Duvido que haja mais de duzentos homens reunidos em um só lugar. Tanto tarabonianos quanto domaneses poderiam cuidar dele, se não estivessem tão ocupados lutando um contra o outro.

— Nem um falso Dragão é o bastante para fazê-los esquecer quatrocentos anos de disputa pela posse da Planície de Almoth — comentou Niall, secamente. — Como se algum deles tivesse força para manter o domínio sobre ela.

O rosto de Carridin não se alterou, e Niall se perguntou como ele conseguia permanecer tão calmo. *Essa calma não vai durar muito, Questionador.*

— Isso não tem importância, Senhor Capitão Comandante. O inverno mantém todos em seus acampamentos, exceto por alguns conflitos e ataques isolados. Quando o tempo esquentar o suficiente para as tropas se deslocarem… Bornhald levou apenas metade de sua legião à morte, na Ponta de Toman. Com a outra metade, caçarei este falso Dragão até a morte. Um cadáver não oferece perigo a ninguém.

— E se você enfrentar o mesmo que Bornhald parece ter enfrentado? Aes Sedai canalizando o Poder para matar?

— A bruxaria delas não as protege de flechadas, nem de uma facada na escuridão. Morrem tão rápido quanto qualquer um. — Carridin sorriu. — Eu prometo, terei sucesso antes do verão.

Niall assentiu. O homem estava confiante. Sem dúvidas pensava que as perguntas mais perigosas já teriam chegado, se estivessem a caminho. *Você deveria ter se lembrado, Carridin, de que fui considerado um excelente estrategista.*

— Por que — continuou o interrogatório, muito calmamente — você não levou suas próprias forças até Falme? Com os Amigos das Trevas na Ponta de Toman, invadindo o lugar com um exército, por que tentou deter Bornhald?

Carridin piscou, mas manteve a voz firme.

— No início eram apenas rumores, Senhor Capitão Comandante. Rumores tão bárbaros que ninguém podia acreditar. No momento em que descobri a verdade, Bornhald já havia entrado em batalha. Estava morto, e as forças dos Amigos das Trevas, dispersas. Além do mais, eu estava incumbido de levar a Luz à Planície de Almoth. Não podia desobedecer às ordens por conta de alguns rumores.

— Incumbido? — perguntou Niall, a voz se erguendo enquanto ficava de pé. Carridin era uma cabeça mais alto que ele, mas o Inquisidor recuou um passo. — Incumbido? Você estava incumbido de tomar a Planície de Almoth! Uma porcaria que não pertence a ninguém, exceto por palavras e papéis, e sua única tarefa era tomá-la. A nação de Almoth teria revivido, governada pelos Filhos da Luz, sem precisar adular um rei idiota. Amadícia e Almoth, seria fácil agarrar Tarabon. Em cinco anos, teríamos tanta influência lá quanto temos aqui em Amadícia. E você estragou tudo!

Enfim o sorriso se foi.

— Senhor Capitão Comandante — protestou Carridin —, como eu poderia prever os acontecimentos? Mais um falso Dragão. Tarabon e Arad Doman finalmente entraram em guerra, após tanto tempo rosnando uma para a outra. E Aes Sedai revelaram suas verdadeiras faces depois de três mil anos de disfarces! Mesmo assim, entretanto, nem tudo está perdido. Posso encontrar e destruir esse falso Dragão antes que seus seguidores se reúnam. E, quando os tarabonianos e domaneses estiverem enfraquecidos, poderão ser expulsos da planície sem…

— Não! — gritou Niall. — Seus planos terminam por aqui, Carridin. Talvez eu deva entregá-lo a seus próprios Questionadores agora mesmo. O Grão-inquisidor não faria objeção. Está rangendo os dentes, doido para apontar um culpado por tudo o que aconteceu. Ele jamais entregaria um dos seus, mas duvido que protestaria se eu mencionasse seu nome. Alguns dias de interrogatório e você confessaria qualquer coisa. Chamaria a si mesmo de Amigos das Trevas, inclusive. Em uma semana, teria uma bela visão da sombra do machado do carrasco.

O suor brotava na testa de Carridin.

— Senhor Capitão Comandante… — Ele hesitou e engoliu em seco. — Senhor Capitão Comandante parece afirmar que há outra maneira. Basta dizer qual, e juro obedecê-lo.

Agora, pensou Niall. *Jogue os dados agora.* Uma comichão percorreu sua pele, como se ele estivesse em plena batalha e de súbito percebesse que cada homem a cem passos de distância era um inimigo. Capitães Comandantes não eram executados pelo machado do carrasco, no entanto mais de um morrera de forma inesperada, para então ser rapidamente pranteado e rapidamente substituído por homens de ideias menos controversas.

— Filho Carridin — começou, com a voz firme —, você deverá garantir que esse falso Dragão não morra. E, caso qualquer Aes Sedai se oponha a ele em vez de protegê-lo, pode lançar mão da velha "facada na escuridão".

O Inquisidor ficou boquiaberto. Contudo, recuperou-se depressa, lançando a Niall um olhar especulativo.

— Matar Aes Sedai é um dever, mas… permitir que um falso Dragão saia por aí? Isso… isso seria… traição. E blasfêmia.

Niall respirou fundo. Podia sentir as facas invisíveis à espreita em meio às sombras. Mas era tarde demais para recuar.

— Não é traição fazer o que precisa ser feito. E mesmo a blasfêmia pode ser tolerada em prol de uma causa. — Essas duas frases, por si só, eram suficientes para matá-lo. — Você sabe como reunir seguidores, Carridin? Sabe qual é a maneira mais rápida? Não? Solte um leão, um leão raivoso, no meio da rua. Quando todos forem tomados pelo pânico, quando todos estiverem com as calças borradas, diga calmamente que você resolverá o problema. Depois mate o leão e ordene que pendurem a carcaça onde todos possam ver. Antes que tenham tempo de pensar, dê outra ordem, e ela será obedecida. Então, se continuar a dar ordens, eles continuarão a obedecê-las, pois você será o homem que salvou suas vidas, e quem melhor para liderá-los?

Carridin moveu a cabeça, confuso.

— O senhor planeja… tomar tudo, Senhor Capitão Comandante? Não só a Planície de Almoth, mas também Tarabon e Arad Doman?

— O que tenho em mente é problema meu. O seu é obedecer conforme o juramento que fez. Espero ter notícias de mensageiros em cavalos velozes partindo para as planícies hoje à noite. Estou certo de que você sabe como emitir as ordens de modo que ninguém suspeite do que não deve. Se tiver que destruir alguém, que sejam tarabonianos e domaneses. Não seria nada

bom se eles matassem meu leão. Não, sob a Luz, devemos forçar a paz entre eles.

— Como meu Senhor Capitão Comandante ordenar — disse Carridin, com a voz suave. — Eu escuto e obedeço. — Suave demais.

Niall deu um sorriso frio.

— Caso seu juramento não tenha força o bastante, saiba de uma coisa. Se esse falso Dragão morrer antes que eu ordene, ou se for levado pelas bruxas de Tar Valon, você acordará uma bela manhã com uma adaga cravada no coração. E se qualquer… acidente… me acontecer, ou mesmo que eu morra de velhice, você não durará um mês.

— Senhor Capitão Comandante, eu jurei obedecer…

— Jurou, mesmo — interrompeu-o Niall. — Lembre-se disso. Agora vá!

— Como meu Senhor Capitão Comandante ordenar. — Dessa vez a voz de Carridin não mostrava tanta firmeza.

A porta se fechou atrás do Inquisidor. Niall esfregou as mãos. Sentia frio. Os dados estavam rolando, e não havia como dizer que face mostrariam ao parar. A Última Batalha decerto estava próxima. Não a lendária Tarmon Gai'don, com o Tenebroso se libertando para enfrentar o Dragão Renascido. Não, ele estava certo. Os Aes Sedai da Era das Lendas podem ter aberto um buraco na prisão do Tenebroso em Shayol Ghul, mas Lews Therin Fratricida e seus Cem Companheiros a selaram outra vez. O contra-ataque havia maculado a metade masculina da Fonte Verdadeira para sempre e os deixado todos loucos, e assim teve início a Ruptura. Mas um desses antigos Aes Sedai era capaz de fazer sozinho o que dez bruxas de Tar Valon dos dias atuais juntas jamais conseguiriam. Os selos que eles fizeram aguentariam.

Pedron Niall era um homem de lógica calculista, e havia chegado a uma conclusão sobre como seria Tarmon Gai'don. Hordas de Trollocs marchariam da Grande Praga em direção ao sul, como nas Guerras dos Trollocs dois mil anos antes, sob o comando de Myrddraal, os Meios-homens, e talvez até de novos Senhores do Medo humanos surgidos entre os Amigos das Trevas. A humanidade, dividida entre nações em guerra, não poderia oferecer resistência. Mas ele, Pedron Niall, uniria os homens sob o estandarte dos Filhos da Luz. Novas lendas surgiriam para contar como Pedron Niall lutara em Tarmon Gai'don e vencera.

— Primeiro — murmurou —, solte um leão raivoso no meio da rua.

— Um leão raivoso?

Niall deu meia-volta, e um homenzinho ossudo com um nariz enorme aquilino deslizou por detrás de um dos estandartes pendurados. Houve apenas o vaivém de um painel se fechando quando o estandarte caiu de volta na parede.

— Eu lhe mostrei essa passagem, Ordeith — rosnou Niall —, para que você entrasse quando eu o chamasse sem que metade da fortaleza tomasse conhecimento, e não para que escutasse minhas conversas particulares.

Ordeith fez uma reverência suave ao cruzar o aposento.

— Escutar, Grande Senhor? Eu jamais faria tal coisa. Cheguei neste instante e não pude deixar de ouvir suas palavras finais. Nada mais que isso. — O sujeito tinha um sorriso meio zombeteiro que Niall jamais vira deixar seu rosto, mesmo quando não havia razão para desconfiar de que alguém o estivesse observando.

Um mês antes, em pleno inverno, o homenzinho desengonçado chegara a Amadícia, em farrapos e quase congelado, e dera um jeito de levar na lábia todas as camadas de sentinelas até chegar a Pedron Niall em pessoa. Parecia saber coisas sobre os eventos na Ponta de Toman que não constavam nos relatórios extensos, embora obscuros, de Carridin, e muito menos nas histórias de Byar ou em qualquer outro comunicado ou rumor que tivesse chegado a Niall. Seu nome era falso, naturalmente. Na língua antiga, Ordeith significava “amargura”. Contudo, quando Niall o questionou a respeito, o homem disse apenas: “Quem fomos está perdido aos homens, e a vida é amarga.” Mas o sujeito era sagaz. Fora ele quem havia ajudado Niall a perceber o padrão que emergia nos eventos.

Ordeith andou até a mesa e pegou um dos desenhos. Ao desenrolá-lo, revelou o rosto do jovem rapaz e abriu ainda mais o sorriso, quase fazendo uma careta.

Niall ainda estava irritado com o homem que entrara sem ser chamado.

— Você acha engraçado um falso Dragão, Ordeith, ou ele o assusta?

— Um falso Dragão? — perguntou Ordeith, baixinho. — Sim. Sim, é claro, deve ser. Quem mais poderia ser? — Ele soltou uma risada estridente que deu nos nervos de Niall. Às vezes, o homem pensava que Ordeith era no mínimo um pouco louco.

Mas, louco ou não, o sujeito é esperto.

— O que quer dizer, Ordeith? Parece que você o conhece.

Ordeith levou um susto, como se tivesse se esquecido da presença do Senhor Capitão Comandante.

— Que eu o conheço? Ah, sim, eu o conheço. Seu nome é Rand al'Thor. Ele é de Dois Rios, no interior de Andor, e é um Amigo das Trevas tão enterrado na Sombra que faria a alma do senhor se encolher de medo.

— Dois Rios — comentou Niall, pensativo. — Alguém mencionou outro Amigo das Trevas de lá, outro jovem. É estranho pensar que Amigos das Trevas venham de um lugar como aquele. Mas a verdade é que eles estão em toda parte.

— Outro, Grande Senhor? — perguntou Ordeith. — De Dois Rios? Seria Matrim Cauthon ou Perrin Aybara? A idade desses dois é próxima à dele, e a maldade não fica muito atrás.

— O nome mencionado foi Perrin — respondeu Niall, franzindo a testa. — Três deles, você disse? De Dois Rios sai apenas lã e tabaco. Duvido que haja lugar mais isolado do resto do mundo ainda habitado por homens.

— Em uma cidade, os Amigos das Trevas precisam esconder sua natureza. Afinal, têm que se relacionar com outras pessoas e estranhos que vêm de fora e partem para contar o que viram. No entanto, em aldeias tranquilas, afastadas do mundo, onde poucos forasteiros aparecem… que melhor lugar há para todos serem Amigos das Trevas?

— Como é que você sabe os nomes de três Amigos das Trevas, Ordeith? Três Amigos das Trevas vindos do fim do mundo. Você guarda muitos segredos, Amargura, e tira da manga mais surpresas que um menestrel.

— Como pode um homem contar *tudo* o que sabe, Grande Senhor? — retrucou o homenzinho, com delicadeza. — Até terem alguma utilidade, seriam apenas tagarelices. Eu lhe direi uma coisa, Grande Senhor. Esse Rand al'Thor, esse Dragão, tem raízes profundas em Dois Rios.

— Falso Dragão! — reforçou Niall, com rispidez, e o outro se curvou.

— É claro, Grande Senhor. Eu falei errado.

De repente, Niall percebeu que o desenho nas mãos de Ordeith estava amassado e rasgado. Mesmo ao manter o semblante tranquilo, exceto por um sorriso irônico, as mãos dele se contorciam convulsivamente enquanto seguravam o pergaminho.

— Pare com isso! — ordenou Niall. Ele tomou o desenho de Ordeith e o desamassou o quanto foi possível. — Eu não tenho imagens desse homem sobrando para permitir que uma delas seja destruída assim. — O desenho

estava quase todo borrado, e um rasgo atravessara o peito do rapaz, mas, por milagre, o rosto estava intacto.

— Peço perdão, Grande Senhor. — Ordeith fez uma mesura profunda, sem jamais abandonar o sorriso. — Eu odeio os Amigos das Trevas.

Niall examinou o rosto desenhado a carvão. *Rand al'Thor, de Dois Rios.*

— Talvez eu deva fazer planos para Dois Rios. Quando a neve derreter. Talvez.

— Como o Grande Senhor quiser — respondeu Ordeith em tom inexpressivo.

* * *

A careta no rosto de Carridin, que percorria os corredores da Fortaleza a passos largos, fez os outros homens o evitarem, embora poucos buscassem a companhia de Questionadores. Os servos, apressados em suas tarefas, tentavam desaparecer por entre as paredes de pedra, e até os homens que ostentavam insígnias douradas nos mantos brancos decidiam pegar outro corredor ao se deparar com ele.

Ele abriu a porta de seus aposentos com um tranco e a fechou com força atrás de si, sem sentir nada da satisfação habitual ao ver os finos carpetes de Tarabon e Tear em exuberantes tons de vermelho, dourado e azul, os espelhos chanfrados de Illian, a longa mesa folheada a ouro e repleta de entalhes intrincados que ficava no centro da sala. Um mestre artesão de Lugard havia trabalhado nela por quase um ano. Ele mal reparou na mesa.

— Sharbon! — Seu camareiro não apareceu. O homem devia estar aprontando os quartos. — Que a Luz o queime, Sharbon! Onde foi que você se meteu?

Ele viu um movimento pelo canto do olho e se virou, pronto para fazer Sharbon murchar com seus xingamentos. Os próprios xingamentos murcharam quando um Myrddraal deu outro passo em sua direção, com a graça sinuosa de uma serpente.

Tinha a forma de um homem, não maior que a maioria, mas a semelhança terminava ali. As roupas e o manto negros, que quase não se agitavam quando ele se mexia, faziam a pele branca como uma larva parecer ainda mais pálida. E ele não tinha olhos. Aquele olhar sem olhos encheu Carridin de medo, como já fizera com milhares de outros.

— O que… — Carridin parou para molhar os lábios e tentar ajustar o tom de voz. — O que você está fazendo aqui? — Ainda soava estridente.

Os lábios lívidos do Meio-homem se arreganharam em um sorriso.

— Posso caminhar por onde houver sombra. — Sua voz era como o farfalhar de uma cobra por cima de folhas mortas. — Gosto de observar todos que me servem.

— Eu sir…

Era inútil. Com dificuldade, Carridin desviou os olhos daquele rosto liso, pálido e desbotado e virou as costas. Um arrepio o percorreu por dar as costas a um Myrddraal. Ele via tudo com nitidez no espelho da parede à sua frente. Tudo, menos o Meio-homem. O Myrddraal era um borrão indistinto. Nada confortável de encarar, mas melhor que enfrentar aquele olhar. Carridin recobrou um pouco de força na voz.

— Eu sirvo ao…

Ele parou e de repente se deu conta de onde estava. No coração da Fortaleza da Luz. Bastaria um rumor de que sussurrara as palavras que estava prestes a proferir para entregá-lo à Mão da Luz. O Filho mais baixo na hierarquia o mataria ali mesmo se o ouvisse. Estava sozinho, exceto pelo Myrddraal e, talvez, Sharbon — *Onde está esse desgraçado?* Seria bom ter alguém com quem compartilhar o olhar do Meio-homem, mesmo que precisasse se livrar dele em seguida —, mas ainda assim baixou a voz e disse:

— Eu sirvo ao Grande Senhor das Trevas, assim como o senhor. Ambos servimos.

— Se deseja ver dessa forma. — O Myrddraal riu, um som que fez Carridin estremecer até os ossos. — Ainda assim, quero saber por que está aqui e não na Planície de Almoth.

— Eu… vim até aqui por ordem do Senhor Capitão Comandante.

O Myrddraal se irritou.

— As palavras do seu Senhor Capitão Comandante são esterco! A ordem foi encontrar e matar o humano chamado Rand al’Thor. Isso antes de qualquer coisa. Antes de qualquer coisa! Por que não está obedecendo?

Carridin respirou fundo. Aquele olhar em suas costas era como o fio de uma faca raspando sua coluna.

— As coisas… mudaram. Algumas questões já não estão tanto sob meu controle quanto antes.

Um arranhão forte e áspero o fez virar a cabeça em um impulso.

O Myrddraal arrastava uma das mãos pela superfície da mesa, arrancando lascas finas de madeira.

— Nada mudou, humano. Você renunciou a seus juramentos à Luz e fez novos, e é a *esses* que deve obedecer.

Carridin assustou-se com os cinzéis que arruinavam a madeira polida e engoliu em seco.

— Não compreendo. Por que de repente é tão importante matar esse homem? Pensei que o Grande Senhor das Trevas pretendesse usá-lo.

— Está me questionando? Eu deveria arrancar sua língua. Seu papel não é questionar. Nem entender. Seu papel é obedecer! Sua obediência deverá servir de exemplo aos cães. Está *entendendo*? Ajoelhe-se, cão, e obedeça a seu mestre.

A raiva subiu rastejando por cima do medo, e Carridin tateou o lado do corpo com a mão, mas sua espada não estava lá. Estava no quarto ao lado, onde a deixara antes de atender ao chamado de Pedron Niall.

O Myrddraal foi mais rápido que uma víbora dando o bote. Carridin abriu a boca para gritar assim que a mão esmagou seu pulso. Os ossos quase se partiram, enviando ondas de dor pelo braço inteiro. No entanto, o grito jamais saiu de sua boca, pois o Meio-homem agarrou seu queixo com a outra mão e fechou sua mandíbula à força. Seus calcanhares se elevaram, depois os dedos dos pés deixaram o chão. Grunhindo e gorgolejando, ele balançava, suspenso pelo punho do Myrddraal.

— Ouça bem, humano. Você encontrará esse jovem e o matará o mais rápido possível. Não pense que pode me enganar. Há outros *Filhos* que me contarão se você se desviar de seu propósito. Mas lhe darei um incentivo. Se Rand al'Thor não estiver morto dentro de um mês, levarei alguém do seu sangue. Um filho, uma filha, uma irmã, um tio. Você só saberá quem quando o escolhido gritar até a morte. Se ele viver por mais um mês depois disso, levarei mais um. E então outro, e outro. E, quando não houver mais ninguém de seu sangue, se ele ainda estiver vivo, levarei você a Shayol Ghul. — Ele sorriu. — Passará anos à beira da morte, humano. Está me entendendo agora?

Carridin emitiu um som que era metade gemido, metade lamúria. Pensou que fosse quebrar o pescoço.

Com um rosnado, o Myrddraal o arremessou do outro lado do aposento. Carridin bateu na parede e deslizou até o tapete, atordoado. Com a cara no chão, lutou para respirar.

— Está me entendendo, humano?

— Eu… eu ouço e obedeço — conseguiu dizer Carridin, com a cara enfiada no tapete. Não houve resposta.

Ele virou a cabeça, encolhendo-se pela dor no pescoço. Não havia mais ninguém no recinto. Meios-homens cavalgavam as sombras como cavalos, diziam as lendas, e desapareciam quando se viravam de lado. Nenhuma parede era capaz de detê-los. Carridin quis chorar. Levantou-se, maldizendo a fisgada de dor no pulso.

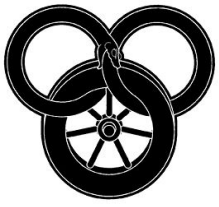
A porta se abriu, e Sharbon adentrou depressa, um homem roliço com um cesto nos braços. Ele parou e encarou Carridin.

— Mestre, o senhor está bem? Perdoe-me por não estar aqui, mestre, mas fui comprar frutas para seu…

Com a mão boa, Carridin acertou o cesto que Sharbon segurava, fazendo as maçãs de inverno mirradas rolarem pelo tapete, e deu um tapa no rosto do homem.

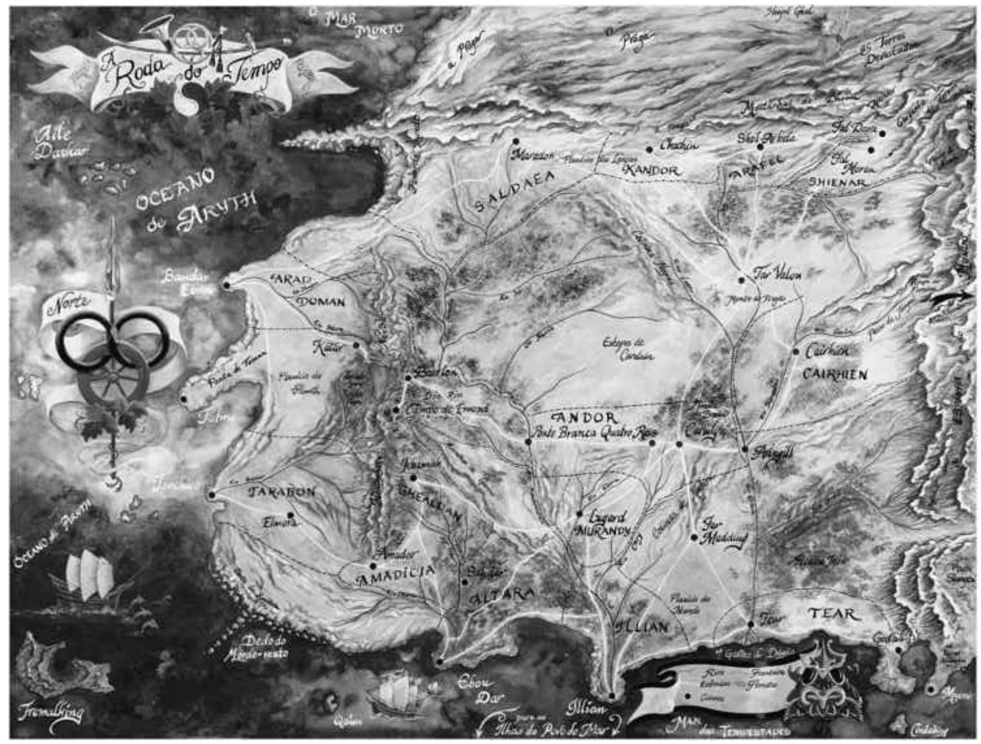
— Perdoe-me, mestre — sussurrou Sharbon.

— Traga papel, caneta e tinta — rosnou Carridin. — Ande logo, seu idiota! Preciso enviar algumas ordens. — *Mas quais? Quais?* Enquanto Sharbon corria para obedecê-lo, Carridin encarou as marcas no tampo da mesa e estremeceu.

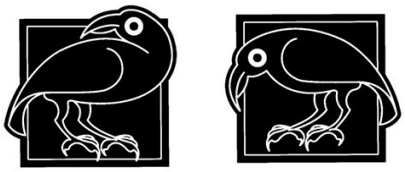


E muitos serão seus caminhos, e muitos saberão seu nome, pois muitas vezes ele renascerá entre nós, sob diversas formas, como foi e sempre será, tempo sem fim. Sua vinda será como a ponta afiada do arado, revirando e sulcando nossas vidas a começar do ponto onde jazemos em silêncio. O destruidor de elos, o forjador de correntes. O fazedor de futuros, o desmoldador do destino.

(De *Comentários sobre as Profecias do Dragão*, Jurith Dorine, braço direito da Rainha de Almoren, 742 DR, a Terceira Era)


A Roda do Tempo
O Mar Morto
Aile Dashar
Oceano de Aryth
Norte
Bandar Eban
Tanchico
Falme
Saldaea
Maradon
Kandor
Chachin
Arafel
Shol Arbela
Fal Dara
Fal Moran
Shienar
Tar Valon
Cairhien
Andor
Ponte Branca
Quatro Reis
Caemlyn
Baerlon
Arad Doman
Katar
Tarabon
Amador
Amadícia
Ghealdan
Jehannah
Salidar
Altara
Lugard
Murandy
Far Madding
Illian
Tear
Ebou Dar
Mar das Tempestades
Tremalking
O Praga
Estepes de Caralain

CAPÍTULO 1



À Espera

A Roda do Tempo gira, e as Eras vêm e vão, deixando memórias que se transformam em lendas. As lendas desvanecem em mitos, e até o mito já está há muito esquecido quando a Era que lhes deu origem retorna. Em uma Era, chamada por alguns de a Terceira Era, uma Era ainda por vir, uma Era há muito passada, um vento se ergueu nas Montanhas da Névoa. O vento não era o início. O girar da Roda do Tempo não tem inícios nem fins. Mas era *um* início.

O vento varria extensos vales, vales sombrios onde a bruma da manhã pairava, suspensa no ar, uns repletos de árvores perenes, outros nus, onde capim e flores silvestres em breve brotariam. Silvava por ruínas semienterradas e monumentos destruídos, todos tão esquecidos quanto aqueles que os haviam erguido. Gemia nas passagens, fissuras abertas pelo tempo entre picos cobertos de neve que jamais derretia. Nuvens espessas agarravam-se ao cume das montanhas, fazendo a neve e o nevoeiro branco se tornarem um.

Nas planícies, o inverno estava terminando ou prestes a terminar, embora ali nas alturas ainda resistisse, forrando as encostas com largos retalhos brancos. Apenas as árvores perenes mantinham as folhas, todas as outras permaneciam nuas, marrons e cinzentas, junto ao solo pedregoso ainda congelado. Não havia som além das rajadas cortantes de vento sobre a neve e as pedras. A terra parecia à espera. À espera de uma explosão.

Sentado em seu cavalo, bem no meio de uma mata de pinheiros e folhas-de-couro, Perrin Aybara tremia e apertava o manto forrado de pele ainda mais no corpo, o máximo que podia com um arco longo em uma das mãos e um enorme machado em forma de meia-lua no cinto. Era um bom machado de aço frio. Fora Perrin quem bombeara o fole no dia em que mestre Luhhan o fabricara. O vento balançava o manto, puxando o capuz para trás dos cachos desgrenhados, penetrando pelo casaco. Perrin agitava os dedos dos pés dentro das botas para se aquecer e se remexia sobre a sela de cepilho alto, mas de fato não prestava atenção ao frio. Observando os cinco companheiros, ele se perguntou se também sentiam aquilo. Não a espera por que haviam sido enviados até lá, mas algo mais.

Galope, seu cavalo, se mexia e sacudia a cabeça. Ele nomeara o garanhão castanho por conta das pernas ágeis, mas no momento Galope parecia sentir a irritação e impaciência do cavaleiro. *Estou cansado de toda essa espera, de ficar aqui sentado enquanto Moiraine nos mantém sob rédeas curtas. Que a Luz queime aquela Aes Sedai! Quando isso vai terminar?*

Sem pensar, farejou o vento. O cheiro de cavalo predominava no ar, junto com o de homens e de suor masculino. Um coelho passara por aquelas árvores não fazia muito tempo, correndo, impulsionado pelo medo, mas a raposa em seu encalço não o matara ali. Ele percebeu o que estava fazendo e parou. *Achei que meu nariz ficaria entupido com todo esse vento.* Quase desejou que de fato estivesse. *E eu não deixaria Moiraine fazer nada a respeito.*

Estava desconfiado de algo. Recusava-se a pensar no assunto. Não mencionou a sensação aos companheiros.

Os outros cinco homens permaneciam sentados em suas selas, arcos curtos a postos, os olhos esquadrinhando tanto o céu quanto as encostas com árvores escassas abaixo. Pareciam imperturbáveis pelo vento que agitava os mantos como estandartes. O cabo de uma espada de duas mãos aparecia por uma abertura no manto sobre o ombro de cada um dos homens. A visão das cabeças desnudas, completamente raspadas, a não ser pelos rabos de cavalo, fez Perrin sentir ainda mais frio. Para eles, aquele tempo já era plena primavera. Tiveram toda a brandura removida a marteladas, em uma forja mais dura que ele jamais vira. Eram shienaranos, vindos das Terras da Fronteira com a Grande Praga, onde ataques de Trollocs poderiam ocorrer

bem no meio da noite, onde até um mercador ou fazendeiro poderia ter que pegar em arcos ou espadas. E aqueles homens não eram fazendeiros, mas soldados, quase desde o nascimento.

Às vezes, ele refletia sobre a forma como aqueles homens respondiam a ele e seguiam sua liderança. Era como se o considerassem detentor de algum direito especial, algum conhecimento inacessível a eles. *Ou talvez apenas sejam meus amigos*, pensou, com sarcasmo. Não eram altos como ele, nem tão grandes, pois os anos como aprendiz de ferreiro lhe renderam braços e ombros com o dobro do tamanho da maioria, mas Perrin passara a se barbear todos os dias para acabar com as piadas acerca de sua pouca idade. Eram amistosas, mas ainda assim eram piadas. Não queria que começassem outra vez apenas por ele mencionar uma desconfiança.

Com um susto, Perrin lembrou-se de que também deveria estar atento. Conferindo a flecha encaixada no arco longo, observou o vale que corria pelo oeste e se estendia a distância, o chão entremeado com faixas amplas de neve, resquícios da estação fria. A maioria das árvores dispersas lá embaixo ainda tentavam agarrar o céu com os galhos rígidos do inverno, mas havia bastante árvores perenes, pinheiros, folhas-de-couro, abetos, azevinhos e até um pouco de madeira-verde nas encostas do vale e na parte baixa para dar cobertura a qualquer um que soubesse tirar proveito delas. Porém, ninguém iria até ali sem um propósito específico. As minas eram todas muito distantes ao sul, e mais distantes ainda ao norte. A maioria das pessoas acreditava que as Montanhas da Névoa traziam mau agouro, e poucos adentravam-nas se pudessem evitar. Os olhos de Perrin brilhavam como ouro polido.

A desconfiança cresceu dentro dele. *Não!*

Ele era capaz de deixá-la de lado, mas a sensação não o abandonava. Como se cambaleasse à beira de um precipício. Como se tudo o mais cambaleasse. Ele se perguntou se haveria algo desagradável nas montanhas ao redor. Talvez houvesse uma forma de saber. Em lugares como aquele, onde os homens raramente pisavam, quase sempre havia lobos. Ele parou antes que o pensamento se formasse por completo em sua mente. *É melhor continuar imaginando. Melhor do que isso.* Eles não eram muitos em número, mas tinham batedores. Se houvesse algo por perto, os outros encontrariam. *Esta é a minha forja. Cuidarei dela e deixarei que cuidem das deles.*

Ele enxergava mais longe que os outros, por isso foi o primeiro a avistar o cavaleiro que vinha da direção de Tarabon. Mesmo a seus olhos, a criatura a cavalo era somente um pontinho de cores brilhantes, percorrendo um caminho sinuoso em meio as árvores a distância, ora à vista, ora escondido. *O cavalo é malhado*, pensou. *E já não era sem tempo!* Abriu a boca para anunciar a aproximação: era uma mulher, como todos os outros cavaleiros haviam sido. Então Masema resmungou de súbito, como um xingamento:

— Corvo!

Perrin olhou rapidamente para cima. Um pássaro grande e negro sobrevoava as árvores, a menos de cem passos de distância. Sua presa devia ser alguma carniça abatida na neve ou um animal menor, mas Perrin não quis correr o risco. O pássaro não pareceu tê-los visto, mas o cavaleiro que se aproximava logo estaria ao alcance de seus olhos. Assim que avistou o corvo, elevou o arco, ergueu a flecha, puxando-a até o rosto, a bochecha, a orelha. Então a soltou, em movimentos suaves. Tinha leve consciência do som das cordas dos arcos atrás de si, mas sua atenção estava voltada para o pássaro negro.

De súbito, o corvo rodopiou ao encontrar a flecha de Perrin, e uma chuva de penas negras rolou do céu, enquanto duas outras flechas passavam como raios pelo ponto onde ele estivera. Com os arcos meio erguidos, os outros shienaranos varriam o céu, tentando ver se o animal estava acompanhado.

— Os corvos precisam reportar o que viram — perguntou-se Perrin, baixinho — ou… *ele*… vê o que eles veem? — Não tinha intenção de que alguém o escutasse, mas Ragan, o shienarano mais jovem, menos de dez anos mais velho que ele, respondeu, encaixando outro arco na flecha curta.

— Precisam reportar. Geralmente a um Meio-homem. — Nas Terras da Fronteira, dava-se uma recompensa pelos corvos. Ninguém por lá jamais ousou presumir que qualquer um deles fosse apenas um pássaro. — Luz, se o Veneno dos Corações visse o que os corvos veem, estaríamos todos mortos antes de chegarmos às montanhas. — A voz de Ragan era calma. Aquele era um assunto corriqueiro para um soldado shienarano.

Perrin estremeceu, mas não de frio, e algo rosnou nas profundezas de sua mente, um desafio até a morte. Veneno dos Corações. Nomes diferentes em terras diferentes, como Veneno das Almas e Presa-do-coração, Senhor do Túmulo e Senhor do Crepúsculo, mas era chamado de Pai das Mentiras e Tenebroso em todas elas, tudo para evitar pronunciar o nome verdadeiro e

atrair sua atenção. O Tenebroso costumava usar corvos e gralhas-pretas. Nas cidades, usava ratos. Perrin tirou outra flecha da aljava em seu quadril, pendurada para equilibrar o peso do machado do outro lado.

— Isso deve ter o tamanho de um porrete — disse Ragan, admirado, olhando o arco de Perrin —, mas atira bem. Não quero nem ver o que faria a um homem de armadura. — Os shienaranos estavam usando apenas uma malha leve sob os casacos simples, mas em geral lutavam de armadura, tanto homens quanto cavalos.

— Muito comprido para usar cavalgando — comentou Masema, com uma expressão debochada. A cicatriz triangular em seu rosto escuro tornava o sorriso de desprezo ainda mais contorcido. — Uma boa placa peitoral detém até uma pilha de flechas, a não ser a curta distância. Além disso, se o primeiro lançamento falhar, você pode acabar sendo estripado pelo sujeito em quem tentou atirar.

— É justamente isso, Masema. — Ragan relaxou um pouco quando notou que o céu continuava vazio. O corvo devia estar sozinho. — Com esse arco de Dois Rios, aposto que não é preciso ficar tão perto.

Masema abriu a boca.

— Mas que droga! Parem de falatório, suas duas lavadeiras! — ralhou Uno. Com uma grande cicatriz na parte inferior da face esquerda e aquele olho faltando, ele tinha as feições duras mesmo para um shienarano. Adquirira um tapa-olho pintado no caminho para as montanhas, durante o outono. O olho carrancudo estampado em vermelho vivo não tornava mais fácil encará-lo. — Se vocês dois chamejados não conseguem prestar atenção no que devem fazer, vou ver se um turno de guarda extra hoje à noite dá uma acalmada nos dois. — Ragan e Masema encolheram-se sob o olhar do homem, que lhes lançou uma última careta de censura e virou-se para Perrin, com uma expressão mais suave. — Já está vendo alguma coisa? — Seu tom era um pouco mais áspero do que talvez usasse com um comandante acima dele por ordem do Rei de Shienar ou do Senhor de Fal Dara, mas ainda assim havia algo nele que indicava que estava pronto para fazer o que Perrin sugerisse.

Os shienaranos sabiam que ele podia enxergar muito longe, mas, assim como faziam com a cor de seus olhos, pareciam encarar aquilo com naturalidade. Não sabiam de nada, nem da metade, mas o aceitavam como era. Como pensavam que era. Pareciam aceitar tudo e todos. O mundo estava

mudando, diziam. Tudo girava nas rodas da sorte e da transformação. Se um homem tinha os olhos de uma cor jamais vista pelos olhos dos outros homens, que lhes importava naquele momento?

— Ela está vindo — disse Perrin. — Vai aparecer agora. Ali. — Ele apontou, e Uno esticou-se para a frente, o olho verdadeiro semicerrado, até que finalmente assentiu, hesitante.

— Há algum troço se mexendo lá embaixo.

Alguns dos outros assentiram e murmuraram também. Uno cravou o olhar neles, que voltaram a examinar o céu e as montanhas.

De súbito, Perrin percebeu o que significavam as cores brilhantes nas roupas da cavaleira a distância. Uma saia de um verde vivo aparecia por detrás de um manto vermelho.

— Ela é do Povo Errante — disse, atônito. Não sabia de ninguém mais que se vestia com cores tão brilhantes e combinações tão estranhas, não por escolha própria.

As mulheres que eles haviam encontrado e guiado para o interior das montanhas diversas vezes eram de todos os tipos: uma pedinte maltrapilha enfrentando uma nevasca a pé, uma mercadora que levava sozinha uma fileira de cavalos de carga carregados, uma lady vestida em seda e finas peles, montada em um palafrém com rédeas de borlas vermelhas e sela trabalhada em ouro. A pedinte partiu com uma bolsa cheia de prata, mais do que Perrin pensou que poderiam dar, mas a senhora lhes deixou uma bolsa de ouro ainda mais gorda. Mulheres completamente diferentes, todas sozinhas, vindas de Tarabon, Ghealdan e até de Amadícia. Mas ele jamais imaginara encontrar uma Tuatha'an.

— Uma chamejada de uma latoeira? — exclamou Uno.

Os outros ecoaram sua surpresa.

O rabo de cavalo de Ragan balançou, acompanhando a cabeça.

— Uma latoeira não se meteria com isso. Ou ela não é latoeira ou não é quem devemos encontrar.

— Latoeiros — grunhiu Masema. — Covardes inúteis.

Uno espremeu o único olho até parecer o furo de ponteira de uma bigorna. Ao lado do outro, o vermelho pintado no tapa-olho, compunha a expressão cruel.

— Covardes, Masema? — retrucou, muito calmo. — Se você fosse mulher, teria os colhões de cavalgar até aqui, sozinha e sem uma droga de

uma arma? — Não restava dúvida de que ela estaria desarmada, se fosse Tuatha'an. Masema manteve a boca fechada, mas a cicatriz em seu rosto continuou retesada e pálida.

— Que me queime se eu fizesse isso — disse Ragan. — E que me queime se você fizesse uma coisa dessas também, Masema.

O outro shienarano ajeitou o manto e examinou o céu atentamente.

Uno bufou com desdém.

— Queira a Luz que aquele maldito comedor de carniça estivesse sozinho — murmurou.

Lentamente, a égua felpuda marrom e branca veio serpenteando mais para perto, abrindo caminho pelo chão aberto entre extensos montes de neve. A mulher de roupas alegres parou brevemente para observar algo no chão, depois ajeitou o capuz do manto na cabeça e afundou os calcanhares no cavalo, seguindo adiante a passos lentos. *O corvo,* pensou Perrin. *Pare de olhar o pássaro e ande logo, mulher. Talvez você traga as notícias que enfim vão nos tirar daqui. Isso se Moiraine tiver intenção de que partamos antes da primavera. Que a queime!* Por um instante ele não soube dizer se pensava na Aes Sedai ou na latoeira, que parecia não ter pressa alguma.

Se seguisse reto por onde ia, a mulher entraria no outro lado da moita, a uma distância de cerca de trinta passos. Com os olhos fixos no solo onde o cavalo malhado pisava, ela não dava sinal de vê-los por entre as árvores.

Perrin cutucou os flancos do cavalo com os calcanhares, e o garanhão deu um salto para a frente, espalhando neve com os cascos. Atrás dele, Uno deu o comando, baixinho:

— Adiante!

Galope estava na metade do caminho quando a mulher pareceu reparar neles e parou a égua com um tranco, assustada. Ela os observou formarem um círculo ao seu redor. O bordado azul de doer os olhos, em um ponto chamado labirinto taireno, tornava seu manto vermelho ainda mais espalhafatoso. A mulher não era jovem, os cabelos descobertos pelo capuz revelavam um tufo grisalho, mas seu rosto exibia poucas linhas além do franzido de desaprovação que lançou diante das armas do grupo. Se ficou alarmada por encontrar homens armados no coração de montanhas desoladas, no entanto, não deu sinal. Suas mãos repousavam tranquilas sobre o cepilho alto da sela gasta, mas bem conservada. E a mulher não cheirava a medo.

Pare com isso!, Perrin disse a si mesmo. Preparou um tom de voz suave, para não assustá-la.

— Meu nome é Perrin, boa senhora. Se precisar de ajuda, farei o que puder. Se não, vá com a Luz. Mas, a não ser que os Tuatha'an tenham alterado suas rotas, a senhora está longe dos carroções.

Ela os examinou por um instante antes de falar. Havia certa amabilidade em seus olhos escuros, o que não era de se surpreender em alguém do Povo Errante.

— Procuro uma… mulher.

A pausa foi pequena, mas aconteceu. Ela não buscava qualquer mulher, mas uma Aes Sedai.

— Essa mulher tem nome, boa senhora? — perguntou Perrin. Ele fizera a mesma pergunta muitas vezes nos últimos dois meses para que precisasse de resposta, mas era melhor ter certeza.

— O nome dela é… às vezes, o nome dela é Moiraine. Eu me chamo Leya.

Perrin assentiu.

— Nós a levaremos até ela, Senhora Leya. Temos uma fogueira e, com sorte, algo quente para comer. — Porém, ele não ergueu as rédeas de imediato. — Como foi que nos encontrou? — Também fizera aquela pergunta antes, todas as vezes que Moiraine o mandara aguardar, em um local designado por ela, alguma mulher que sabia que chegaria. A resposta seria a mesma de sempre, mas ele precisava perguntar.

Leya deu de ombros e respondeu, hesitante.

— Eu… sabia que, se viesse para cá, alguém me encontraria e me levaria até ela. Eu… só… sabia. Trago notícias.

Perrin não perguntou que notícias eram. As mulheres revelavam a informação que traziam apenas para Moiraine.

E a Aes Sedai nos conta o que escolhe contar, pensou. Aes Sedai nunca mentiam, mas todos sabiam que a verdade que uma delas contava nem sempre era a verdade que você pensava ouvir. *Agora já é muito tarde para ter receio disso. Não é mesmo?*

— Por aqui, Senhora Leya — disse, apontando para o alto da montanha. Os shienaranos, com Uno na liderança, começaram a subir em fila indiana atrás de Perrin e Leya. O homens das Terras da Fronteira ainda analisavam o céu e a terra, e os dois últimos prestavam muita atenção à retaguarda.

Eles andaram por algum tempo em total silêncio, a não ser pelos sons dos cascos dos cavalos, que às vezes esmagavam pedaços de gelo, ou pisoteavam pedrinhas nos trechos de terra batida. De vez em quando, Leya lançava olhares a Perrin, seu arco, machado e rosto, mas nada dizia. Ele mudava de posição, constrangido com o exame minucioso, e evitava olhá-la. Sempre tentava fazer com que os estranhos não tivessem a menor chance de notar seus olhos.

— Fiquei surpreso em ver alguém do Povo Errante, presumindo que a senhora seja — disse, por fim.

— É possível opor-se ao mal sem praticar a violência. — A voz mostrava a simplicidade de alguém que anunciava uma verdade óbvia.

Perrin grunhiu com amargura e murmurou uma desculpa no mesmo instante.

— Deve ser isso mesmo, Senhora Leya.

— A violência fere tanto a vítima quanto quem a pratica — prosseguiu Leya, com a voz calma. — Por isso fugimos dos que nos fazem mal. Por nossa segurança, sim, mas também para protegê-los do mal que eles mesmos praticam. Se praticarmos a violência para nos opor ao mal, em breve não seremos diferentes daquilo que desejamos combater. É com a força de nossa crença que combatemos a Sombra.

Perrin não pôde evitar uma bufada de desdém.

— Senhora, espero que jamais tenha que enfrentar Trollocs com a força de sua crença. A força das espadas deles iria dilacerá-la bem aí, onde está.

— É melhor morrer do que… — começou ela, mas a raiva fez Perrin interrompê-la. Raiva de que ela de fato preferisse morrer a machucar alguém, mesmo que vil.

— Se a senhora correr, eles vão caçá-la, matá-la e comer seu cadáver. Ou talvez nem esperem *até* virar um cadáver. De todo modo, a senhora estará morta, e o mal terá vencido. E existem homens tão cruéis quanto Trollocs. Amigos das Trevas e outros. Mais do que eu acreditaria, alguns anos atrás. Deixe só os Mantos-brancos decidirem que vocês, latoeiros, não caminham na Luz e veja quantos a força da sua crença é capaz de salvar.

A mulher lançou a Perrin um olhar penetrante.

— E nem assim você está satisfeito com suas armas.

Como é que ela sabia disso? Ele sacudiu a cabeça, irritado, balançando os cabelos bagunçados.

— O Criador fez o mundo — resmungou —, e não eu. Tenho que viver da melhor forma possível no mundo, do jeito que ele é.

— Tão triste para alguém tão jovem — disse a mulher, com delicadeza. — Por que tanta tristeza?

— Eu deveria estar de vigia, não de conversa — respondeu Perrin, secamente. — A senhora não vai me agradecer se eu errar o caminho. — Fincou os calcanhares em Galope, que avançou o suficiente para cortar qualquer conversa que viesse a surgir, mas sentia o olhar da mulher. *Triste? Não estou triste, só… Luz, eu não sei. Tem que haver uma saída melhor, apenas isso.* A desconfiança brotou outra vez em seus pensamentos, mas, concentrado em ignorar o olhar de Leya atrás de si, ele também ignorou a sensação incômoda.

O grupo subiu a colina e desceu até um vale com uma floresta e um córrego largo cuja água fria batia nas patas dos cavalos. A distância, de um dos lados da montanha, erguiam-se duas formas esculpidas. Perrin imaginava que deviam ser as formas de um homem e de uma mulher, embora o vento e a chuva as tivessem deixado indecifráveis havia muito. Nem Moiraine tinha certeza do que eram ou de quando o granito fora esculpido.

Peixes-cobrelos e pequenas trutas disparavam em fuga dos cascos dos cavalos, lampejos prateados a saltitar na água límpida. Um cervo que pastava ergueu a cabeça, hesitou ao ver o grupo saindo do riacho e correu para o meio das árvores, e um grande gato-da-montanha, cinza com listras e pontos pretos, levantou-se do chão, frustrado por ter que dar fim à tocaia. O animal observou os cavalos por um instante e, com um movimento do rabo, sumiu atrás do cervo. No entanto, ainda se via pouca vida nas montanhas. Apenas um punhado de pássaros empoleirados em galhos ou bicando o chão onde a neve havia derretido. Outros voltariam a voar dentro de algumas semanas, mas ainda não. Eles não avistaram mais corvos.

Era fim de tarde quando Perrin os conduziu por entre duas montanhas muito íngremes, com picos cobertos de neve e envoltos em nuvens, e contornou um riacho menor que corria sobre pedras cinza, formando uma série de cachoeiras diminutas. Um pássaro cantou no alto das árvores, e outro respondeu mais adiante.

Perrin sorriu. Canto de campainha-azul. Um pássaro das Terras da Fronteira. Ninguém trilhava aquele caminho sem ser visto. Ele esfregou o nariz, sem olhar para a árvore de onde o primeiro “pássaro” chamara.

O caminho se estreitava enquanto o grupo avançava em meio a folhas-de-couro raquíticas e alguns poucos carvalhos retorcidos. O terreno plano ao lado do córrego reduziu-se a ponto de só permitir a passagem de um homem a cavalo por vez, e o próprio córrego já comportava apenas a travessia de um homem alto.

Perrin ouviu Leya falando sozinha atrás de si. Quando olhou por cima do ombro, viu-a lançando olhares preocupados para as escarpas dos dois lados da montanha. Árvores esparsas elevavam-se perigosamente acima deles. Parecia impossível não caírem. Os shienaranos avançavam com facilidade, enfim começando a relaxar.

De súbito, uma depressão oval abriu-se entre as montanhas diante deles, com as laterais íngremes, mas não tanto quanto a passagem estreita. O córrego nascia de uma pequena fonte no lado oposto. O olhar aguçado de Perrin avistou um homem com um rabo de cavalo shienarano no alto dos galhos de um carvalho à esquerda. Se tivesse imitado o canto de uma gralha-de-asa-vermelha, em vez de um campainha-azul, não estaria sozinho, e a entrada do grupo não teria sido tão fácil. Alguns poucos homens poderiam proteger aquela passagem contra um exército. Se um exército viesse, alguns poucos teriam que ser suficientes.

Por entre as árvores que circundavam o vale espalhavam-se cabanas não visíveis à primeira vista, de forma que o grupo reunido em torno das fogueiras na base da depressão oval parecia estar desprotegido. Havia menos pessoas à vista do que cabanas. E outras poucas escondidas, Perrin sabia. A maioria virou-se ao ouvir o som de cavalos, e algumas acenaram. O vale cheirava a homens e cavalos, a comida cozida e madeira queimada. Um grande estandarte branco pendia frouxamente de um poste alto próximo a eles. Um vulto com no mínimo a metade da altura a mais que todos os outros, sentado em um tronco, lia, absorto, um livro que parecia pequeno nas mãos gigantescas. Ele não desviou a atenção da leitura, nem mesmo quando a única pessoa que não tinha um rabo de cavalo gritou.

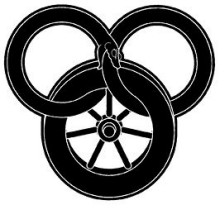
— Você a encontrou, foi? Pensei que passaria a noite fora dessa vez. — Era uma voz feminina, mas a mulher usava calças e casaco masculinos e tinha o cabelo bem curto.

Uma rajada de vento remoinhou para dentro do vale, agitando mantos e balançando o estandarte. Por um instante, a criatura representada pareceu cavalgar o vento. Uma serpente de quatro patas com escamas douradas e

escarlates, a juba dourada como a de um leão e cinco garras douradas nas pontas de cada uma das patas. Um estandarte lendário. Um estandarte que a maioria dos homens não reconheceria se visse, mas cujo nome era temido.

Perrin acenou com uma das mãos, conduzindo todos para o interior do vale.

— Bem-vinda ao acampamento do Dragão Renascido, Leya.



CAPÍTULO 2



SAIDIN

Com o rosto sem expressão, a mulher Tuatha'an olhou para o estandarte, que parou de balançar, depois voltou a atenção às pessoas em volta da fogueira. Em especial à criatura que lia, o sujeito que tinha uma vez e meia a altura de Perrin e o dobro da largura.

— Tem um Ogier aqui. Eu nunca pensei… — Ela sacudiu a cabeça. — Onde está Moiraine Sedai? — Falava como se o estandarte do Dragão nem estivesse ali.

Perrin apontou para a cabana tosca na subida da encosta, no extremo oposto do vale. Com as paredes e o teto inclinado feitos de troncos brutos, era a maior delas, embora não fosse muito grande. Talvez apenas grande o bastante para ser chamada de choupana, em vez de cabana.

— É ali que ela fica. Ela e Lan, seu Guardião. Depois que você beber algo para se esquentar…

— Não. Preciso falar com Moiraine.

Ele não se surpreendeu. Todas as mulheres que chegavam insistiam em falar com Moiraine imediatamente, e a sós. As informações que a Aes Sedai escolhia compartilhar com o restante do grupo nem sempre pareciam tão importantes, mas as mulheres eram como um caçador que persegue o último coelho do mundo para a família faminta. A velha pedinte, quase congelada, recusara cobertores e um prato de cozido quente e fora se arrastando até a cabana de Moiraine, de pés descalços na neve que ainda caía.

Leya deslizou para fora da sela e entregou as rédeas a Perrin.

— Pode alimentá-la? — A mulher afagou o nariz da égua malhada. — Piesa não está acostumada a me conduzir por terrenos tão severos.

— A comida ainda está escassa — respondeu Perrin —, mas daremos a ela o que pudermos.

Leya assentiu e saiu correndo encosta acima sem dizer outra palavra, suspendendo as saias verde vivo, com o manto vermelho de bordados azuis esvoaçando atrás de si.

Perrin desceu da sela e trocou algumas palavras com os homens que chegaram para levar os cavalos. Entregou o arco ao que levou Galope. Não, além de um corvo, não tinham visto nada que não montanhas e a mulher Tuatha'an. Sim, haviam matado o corvo. Não, ela não contara nada do que estava ocorrendo fora das montanhas. Não, ele não fazia ideia se iriam embora logo.

Ou algum dia, acrescentou para si mesmo. Moiraine os fizera ficar ali o inverno inteiro. Os shienaranos não achavam que era ela quem mandava, não ali, mas Perrin sabia que Aes Sedai de um jeito ou de outro sempre acabavam conseguindo o que queriam. Ainda mais Moiraine.

Depois de acomodar os cavalos no estábulo tosco feito de troncos, os cavaleiros foram se aquecer. Perrin jogou o manto nas costas e aproximou as mãos do fogo, agradecido. O grande caldeirão, que, pelo estilo, devia ter sido feito em Baerlon, emanava aromas que lhe davam água na boca havia algum tempo. Parecia que alguém tivera sorte na caça de hoje. Raízes grumosas giravam em outra fogueira próxima, exalando um cheiro suave de nabo assado. Ele franziu o nariz e concentrou-se no cozido. Cada vez mais, acima de tudo, queria carne.

A mulher vestida de homem olhava para Leya, já quase desaparecendo para dentro da cabana de Moiraine.

— O que está vendo, Min? — perguntou Perrin.

Ela aproximou-se dele, os olhos escuros aflitos. Ele não entendia por que a moça insistia em usar calças em vez de saias. Talvez fosse porque a conhecia, mas não entendia como alguém poderia olhar para ela e ver um jovem de boa aparência em vez de uma bela mulher.

— A latoeira vai morrer — respondeu, baixinho, observando os outros perto das fogueiras. Ninguém estava perto o suficiente para ouvir.

Ele ficou paralisado, pensando no rosto amável de Leya. *Ah, Luz! Latoeiros não fazem mal a ninguém!* Sentiu frio, apesar do calor do fogo. *Que me queime, preferia não ter perguntado.* Mesmo as poucas Aes Sedai que sabiam das visões não compreendiam o que Min fazia. Era comum que ela visse imagens e auras ao redor das pessoas, e em algumas vezes sabia até interpretar seu significado.

Masuto veio mexer o cozido com uma grande colher de pau. O shienarano olhou para eles, depois pôs o dedo ao lado do nariz comprido, deu um largo sorriso e saiu.

— Sangue e cinzas! — murmurou Min. — Ele deve ter deduzido que somos namorados trocando cochichos ao pé do fogo.

— Tem certeza? — perguntou Perrin. Ela ergueu as sobrancelhas para ele, que acrescentou depressa: — Sobre Leya.

— É esse o nome dela? Preferia não saber. Sempre torna as coisas piores, saber e não ser capaz de… Perrin, eu vi o rosto dela pairando por cima do ombro, banhado em sangue, os olhos vidrados. Nada pode ser mais claro que isso. — Ela estremeceu e esfregou as mãos com força. — Luz, queria ver mais coisas felizes. Parece que não acontecem mais.

Ele abriu a boca para sugerir que avisassem a Leya, mas fechou-a em seguida. Jamais houvera dúvidas a respeito do que Min via e sabia, para o bem ou para o mal. Se ela tinha certeza, acontecia.

— Sangue no rosto — murmurou ele. — Isso quer dizer que ela vai ter uma morte violenta? — Estremeceu por ter dito aquelas palavras com tanta facilidade. *Mas o que posso fazer? Se contar a Leya, se der algum jeito de fazê-la acreditar nisso, ela passará seus últimos dias com medo, o que não vai mudar nada.*

Min assentiu com um breve meneio de cabeça.

Se ela vai ter uma morte violenta, pode significar que o acampamento será atacado. Porém, todos os dias, batedores eram enviados para vasculhar os arredores, e havia sentinelas montando guarda dia e noite. Além do mais, segundo Moiraine, o acampamento tinha recebido selos de proteção: nenhuma criatura do Tenebroso poderia vê-lo, a não ser que entrasse nele por acaso. Ele pensou nos lobos. *Não!* Os batedores encontrariam qualquer pessoa ou coisa que tentasse se aproximar do acampamento.

— Estamos bem longe do povo dela — disse, meio para si mesmo. — Os latoeiros não iriam trazer seus carroções para depois do sopé das

colinas. Qualquer coisa poderia acontecer com ela na volta.

Min assentiu com tristeza.

— E não estamos em número suficiente para emprestar sequer um guarda para ela. Ainda que isso adiantasse alguma coisa.

Ela havia contado a ele; quando era bem pequena, tentava avisar as pessoas sobre as coisas ruins que via, mas, aos seis ou sete anos, percebeu que nem todos podiam ver o mesmo que ela. Não tinha dito mais nada, mas Perrin ficou com a impressão de que as advertências acabavam só piorando as coisas, nas vezes em que chegavam a lhe dar ouvidos. Era difícil acreditar nas visões de Min até que se tivesse provas.

— Quando? — perguntou. A palavra soou fria, além de dura como aço. *Não posso fazer nada por Leya, mas talvez consiga descobrir se seremos atacados.*

Assim que a palavra saiu da boca de Perrin, ela jogou as mãos para cima em um gesto de impaciência. No entanto, não elevou o tom de voz.

— Não é assim que funciona. Nunca consigo prever *quando* algo vai acontecer. Só sei que vai, e isso quando sei o que a visão significa. Você não entende. As visões não vêm quando eu quero, nem a minha compreensão em relação a elas. Apenas acontecem, e às vezes eu entendo. Parte delas. Um pouco. É algo que simplesmente acontece. — Ele tentou dizer algumas palavras de consolo, mas ela continuou despejando tudo em um fluxo incontrolável. — Posso ver coisas ao redor de uma pessoa num dia, e no dia seguinte não ver nada, ou o contrário. Na maior parte do tempo, não vejo nada em volta das pessoas. Aes Sedai sempre têm imagens ao redor de si, é claro, e Guardiões também, mas é sempre muito mais difícil entender o que significam do que as visões que tenho com as pessoas comuns. — Ela lançou a Perrin um olhar penetrante, os olhos semicerrados. — Outros poucos também sempre têm.

— Não venha contar o que vê quando olha para mim — cortou ele, com rispidez, e depois encolheu os ombros largos. Desde pequeno, Perrin era maior que a maioria das crianças e aprendera depressa como era fácil machucar os outros sem querer quando se era maior que eles. Isso o tornara cuidadoso e cauteloso, além de fazê-lo se arrepender quando deixava sua raiva transparecer. — Desculpe, Min. Não devia ter falado assim com você. Não quis ofender.

Ela olhou para ele, surpresa.

— Não ofendeu. Felizmente, são poucas as pessoas que *querem* saber o que vejo. A Luz sabe que eu não ia querer, se outra pessoa pudesse fazer isso por mim. — Nem as Aes Sedai sabiam de mais alguém com o mesmo talento. "Talento" era como elas viam aquilo, ainda que Min não encarasse da mesma forma.

— Só queria fazer algo em relação a Leya. Não suportaria viver como você, sabendo de algo sem poder fazer nada a respeito.

— É estranho como você parece se preocupar tanto com os Tuatha'an — respondeu ela, com ternura. — Eles são tão pacíficos, e eu sempre vejo violência ao redor…

Ele virou a cabeça, e ela parou de falar de repente.

— Tuatha'an? — bradou uma voz retumbante, como o zumbido de uma abelha gigantesca. — O que têm os Tuatha'an?

O Ogier veio juntar-se a eles à beira do fogo, marcando a página do livro com o dedo do tamanho de um salsichão. Um filete de fumaça de tabaco subiu do cachimbo que segurava na outra mão. Vestia um casaco de gola alta de lã marrom-escura, abotoado até o pescoço e aberto nos joelhos por cima das botas com as barras viradas. Perrin alcançava no máximo a altura de seu peitoral.

O rosto de Loial já havia assustado mais de uma pessoa, com o nariz que era quase uma tromba de tão largo e a boca demasiadamente grande. Os olhos eram do tamanho de dois pires, as sobrancelhas grossas pendiam como bigodes quase até as bochechas, e as orelhas pontudas se projetavam dos longos cabelos, cheias de tufos de pelos. Quem jamais tinha visto um Ogier confundia Loial com um Trolloc, embora tanto Trollocs quanto Ogier não passassem de lenda para a maioria.

Ao se dar conta de que tinha interrompido a conversa, Loial pestanejou, hesitante, e seu sorriso largo diminuiu. Perrin se perguntou como alguém poderia temer um Ogier por muito tempo. *Mesmo assim, algumas das antigas histórias os chamavam de inimigos ferozes e implacáveis.* Ele não conseguia acreditar. Ogier não eram inimigos de ninguém.

Min contou a Loial sobre a chegada de Leya, mas não sobre a visão. Ela tinha por hábito não revelar suas visões, sobretudo quando eram ruins. Em vez disso, acrescentou:

— Você deve entender como me sinto, Loial, cercada de repente por Aes Sedai e esse pessoal de Dois Rios. — Loial soltou um murmúrio imparcial,

mas Min pareceu considerar que ele concordara. — Pois é — continuou, enfática. — Lá estava eu, levando minha vida em Baerlon, do meu jeitinho, quando de repente fui agarrada pelo cangote e jogada para a Luz sabe onde. Bem, foi quase isso. Minha vida não é mais minha desde que conheci Moiraine. E esses fazendeiros de Dois Rios. — Ela revirou os olhos para Perrin, com um sorriso estranho nos lábios. — Eu só queria viver do meu jeito, me apaixonar pelo homem que escolhesse… — Ela corou de repente, então pigarreou. — Quer dizer, o que tem de errado em querer viver sem tantas reviravoltas?

— *Ta'veren* — começou Loial. Perrin fez um gesto para interrompê-lo, mas quase sempre era impossível conter o Ogier, muito menos interrompê-lo quando ele ficava empolgado. Para o padrão dos Ogier, Loial era considerado extremamente impetuoso. Ele enfiou o livro em um dos bolsos do casaco e prosseguiu, gesticulando com o cachimbo. — Todos nós, todas as nossas vidas, afetam as vidas de outros, Min. Quando a Roda do Tempo nos tece para dentro do Padrão, a trama da nossa vida se agarra às tramas das vidas ao nosso redor e as arrasta. *Ta'veren* são assim também, só que muito, muito mais fortes. Eles arrastam todo o Padrão, pelo menos por um tempo, e o forçam a se moldar em torno de si. Quanto mais perto estamos deles, mais diretamente somos afetados. Dizem por aí que um sujeito que estivesse na mesma sala que Artur Asa-de-gavião era capaz de sentir o próprio Padrão se reorganizando. Não sei o quanto disso é verdade, mas já li que era. No entanto, isso não funciona só em uma via. Os próprios *Ta'veren* são tecidos com uma trama mais justa que o restante de nós, com menos escolhas.

Perrin fez uma careta. *Com bem menos escolhas que mais fariam diferença.*

Min jogou a cabeça para trás.

— Eu só queria que eles não fossem tão… *ta'veren* o tempo inteiro, droga. *Ta'veren* puxando de um lado, Aes Sedai interferindo em tudo do outro. Que chances tem uma mulher como eu?

Loial deu de ombros.

— Muito poucas, imagino, enquanto estiver perto de *ta'veren*.

— Como se eu tivesse escolha — resmungou Min.

— Foi sorte sua, ou azar, dependendo do ponto de vista, acabar não com um, mas três *ta'veren*. Rand, Mat, Perrin. Eu vejo como extrema sorte, e

veria dessa forma mesmo que não fossem meus amigos. Acho até que eu deveria… — O Ogier olhou para eles, sentindo-se encabulado de repente, as orelhas tremelicando. — Prometem que não vão rir? Acho que eu deveria escrever um livro sobre isso. Ando tomando notas.

Min abriu um sorriso amistoso, e as orelhas de Loial se eriçaram outra vez.

— Isso é incrível — disse ela. — Mas alguns de nós nos sentimos como marionetes nas mãos desses *ta'veren*.

— Eu não pedi isso — interrompeu Perrin bruscamente. — Não pedi.

Ela o ignorou.

— Foi isso que aconteceu com você, Loial? É por isso que viaja com Moiraine? Sei que os Ogier quase nunca deixam seus *pousos*. Será que um desses *ta'veren* acabou arrastando você?

Loial ficou absorto, analisando o cachimbo.

— Eu só queria ver os bosques que os Ogier plantaram — murmurou. — Só ver os bosques. — Olhou para Perrin como se pedisse ajuda, mas o rapaz apenas abriu um sorriso forçado.

Vejamos se a ferradura está bem presa no casco. Ele não sabia de tudo, mas sabia que Loial fugira. O amigo tinha noventa anos de idade, mas ainda não era velho o bastante, de acordo com os Ogier, para deixar o *pouso* ou ir para Fora, como eles diziam, sem permissão dos Anciões. Na opinião dos humanos, Ogier viviam por muito tempo. Loial dizia que os Anciões não estariam muito satisfeitos quando pusessem as mãos nele outra vez. Parecia tentar adiar esse momento ao máximo possível.

Os shienaranos começaram a se alvoroçar, e alguns homens se levantaram. Rand estava saindo da cabana de Moiraine.

Mesmo àquela distância, Perrin conseguia enxergá-lo com clareza. Um jovem de cabelos avermelhados e olhos cinzentos. Sua idade era a mesma de Perrin, e ele era meia cabeça mais alto, além de mais magro, embora ainda de ombros largos. Espinhos dourados bordados subiam pelas mangas do casaco vermelho de gola alta, e, no peito do manto escuro, estava a mesma criatura do estandarte, a serpente de quatro pernas e juba dourada. Rand e ele haviam crescido juntos, como amigos. *Ainda somos amigos? Podemos ser? Agora?*

Os shienaranos se curvaram, todos ao mesmo tempo, em uma mesura, cabeças erguidas e mãos nos joelhos.

— Lorde Dragão — disse Uno —, estamos prontos. Honra em servi-lo.

Uno, que mal conseguia dizer uma frase sem um palavrão, agora falava com o mais profundo respeito.

— Honra em servi-lo — repetiram os outros.

Masema, que via mal em tudo, naquele momento tinha os olhos brilhando em completa devoção. Ragan e todos os outros aguardavam qualquer comando que Rand tivesse o prazer de emitir.

Do alto da encosta, Rand os encarou por um instante, depois virou-se e desapareceu por entre as árvores.

— Andou discutindo com Moiraine de novo — disse Min, baixinho. — Dessa vez, o dia inteiro.

Perrin não se surpreendeu, mas ainda ficava um pouco chocado. Discutir com uma Aes Sedai. Todas as histórias da infância lhe voltavam à memória. Aes Sedai, que moviam cordéis escondidos e faziam tronos e nações dançarem. Aes Sedai, cujos presentes eram sempre iscas, presentes cujo preço parecia sempre menor do que se esperaria, mas acabava sempre se revelando maior do que se imaginava. Aes Sedai, cuja raiva era capaz de abrir o chão e invocar raios. Algumas histórias não eram verdade, hoje ele sabia. Porém, ao mesmo tempo, não se contava nem a metade delas.

— É melhor eu ir até lá — disse. — Depois de discutirem, ele sempre precisa de alguém para conversar. — Além de Moiraine e Lan, apenas eles três, Min, Loial e ele, não encaravam Rand como alguém mais importante que um rei. E Perrin era o único dos três que ele conhecia de outros tempos.

Ele subiu a encosta, parando apenas para olhar a porta fechada da cabana de Moiraine. Leya estava lá, e Lan também. Era raro o Guardião sair de perto da Aes Sedai.

A cabana de Rand, muito menor, ficava um pouco mais adiante, bem escondida entre as árvores e afastada de todo o acampamento. Ele tentara viver lá embaixo, junto ao grupo, mas a adoração constante dos outros homens o afastou. Agora vivia isolado. Isolado demais, na opinião de Perrin. No entanto, ele sabia que Rand não fora para a cabana daquela vez.

Perrin seguiu depressa para o lado em que o vale oval desembocava em um desfiladeiro elevando-se a cinquenta passos de altura, um paredão liso, exceto por alguns arbustos espinhosos agarrados aqui e ali. Sabia exatamente onde havia uma fissura na parede de pedras cinza, abrindo-se para uma

passagem não muito maior que a largura de seus ombros. Uma fina faixa da luz do fim da tarde iluminava o caminho: era como adentrar um túnel.

A trilha se estendia por meia milha e se abria de súbito em um vale estreito de menos de uma milha de comprimento, com o chão coberto de pedras e rochas. Até os declives íngremes estavam cobertos por uma floresta de folhas-de-couro altas, pinheiros e abetos. Sombras compridas alongavam-se enquanto o sol começava a se esconder atrás dos topos das montanhas. O lugar estava cercado por paredões inteiriços, exceto por onde havia a abertura, e eram íngremes como se entalhados por um machado gigante. Seria ainda mais fácil de defender que o vale com poucos homens, mas ali não havia córrego ou nascente. Ninguém ia até lá. Apenas Rand, depois de discutir com Moiraine.

O amigo estava perto da entrada, apoiado em um tronco áspero de folha-de-couro, encarando as palmas das mãos. Perrin sabia que em cada uma havia uma garça, marcada na pele. Rand não se mexeu ao ouvir a bota do outro roçar a pedra.

De repente, começou a recitar baixinho, sem tirar os olhos das mãos:

— Por duas e mais duas vezes ele será marcado,
duas vezes para viver e duas vezes para morrer.
uma vez a garça, para traçar seu caminho.
Duas vezes a garça, para proclamá-lo verdadeiro.
uma vez o Dragão, atrás da memória perdida.
Duas vezes o Dragão, cobrar o preço a ser pago.

Com um arrepio, ele enfiou as mãos sob os braços.

— Mas nada de Dragões, por enquanto — completou Rand, dando uma risada seca. — Não por enquanto.

Perrin o fitou por um instante. Um homem capaz de canalizar o Poder Único. Um homem condenado a enlouquecer pela mácula de *saidin*, a metade masculina da Fonte Verdadeira, e a destruir tudo a seu redor com sua loucura. Um homem — uma coisa! — que todos aprenderam a temer e odiar desde a infância. No entanto… era difícil não enxergar o garoto com quem crescera. *Como se* deixa *de ser amigo de alguém?* Perrin escolheu uma pedra com topo liso, sentou-se e esperou.

Depois de um tempo, Rand virou-se e olhou para ele.

— Será que Mat está bem? Ele parecia tão doente da última vez que o vi.

— Deve estar melhor agora. — *Deve estar em Tar Valon agora. Elas vão curá-lo, por lá. E Nynaeve e Egwene cuidarão para que ele não arrume problemas.* Egwene e Nynaeve, Rand, Mat e Perrin. Todos de Campo de Emond, em Dois Rios. Poucos forasteiros iam até Dois Rios, a não ser alguns mascates e mercadores que iam uma vez por ano comprar lã e tabaco. Quase ninguém saía de lá. Até que a Roda escolhera seus *ta'veren*, e cinco simples camponeses não puderam mais ficar onde estavam. Não puderam mais ser o que eram.

Rand assentiu e se calou.

— Ultimamente — disse Perrin —, me pego desejando que ainda fosse um ferreiro. Você… acha que gostaria de ainda ser só um pastor?

— Dever — murmurou Rand. — A morte é mais leve que a pluma. O dever, mais pesado que a montanha. É o que dizem em Shienar. "O Tenebroso está se agitando. A Última Batalha se aproxima. E o Dragão Renascido enfrentará o Tenebroso na Última Batalha, ou a Sombra se abaterá sobre tudo. A Roda do Tempo será destruída. Cada Era será recriada à imagem do Tenebroso." Eu sou o único. — Ele soltou uma risada desconsolada, sacudindo os ombros. — É o meu dever porque sou o único, não sou?

Perrin mudou de posição, incomodado. A risada era tão crua que lhe deu arrepios.

— Percebi que você e Moiraine discutiram de novo. O mesmo de sempre?

Rand soltou um longo suspiro.

— Não discutimos sempre pela mesma coisa? Estão todos lá, na Planície de Almoth, e sabe a Luz onde mais. Centenas. Milhares. Apoiaram o Dragão Renascido porque ergui esse estandarte. Porque me deixei ser chamado de Dragão. Porque não vi outra escolha. E estão todos morrendo. Lutando, procurando e rezando pelo homem que deveria liderá-los. Morrendo. E eu, sentado aqui nas montanhas em segurança durante todo o inverno. Eu… tenho uma dívida… com eles.

— Acha que gosto disso? — Perrin sacudiu a cabeça com irritação.

— Você aceita tudo o que ela diz — retorquiu Rand, irritado. — Nunca a enfrenta.

— E de que adiantou você enfrentá-la? Vocês discutiram o inverno inteiro, e ficamos todos sentados aqui feito idiotas o inverno inteiro.

— Porque ela está certa. — Rand soltou outra risada que lhe deu arrepios. — Que a Luz me queime, ela está certa. Estão todos divididos em pequenos grupos e espalhados pela planície, em Tarabon e Arad Doman. Se eu me juntar a algum deles, os Mantos-brancos, o exército domanês e os tarabonianos partirão para cima deles sem piedade.

Perrin quase soltou uma risada, confuso.

— Se concorda com ela, por que, pela Luz, vocês discutem o tempo todo?

— Porque preciso tomar alguma atitude. Ou então… vou acabar explodindo feito um melão podre!

— Tomar que atitude? Se escutar o que ela diz…

Rand não deu a Perrin a chance de dizer que ficariam ali para sempre.

— Moiraine diz! Moiraine diz! — Rand levantou-se de supetão, apertando a cabeça com as mãos. — Moiraine sempre tem uma opinião a respeito de tudo! Moiraine diz que não devo ir até os homens que estão morrendo em meu nome. Moiraine diz que saberei qual é o próximo passo, porque o Padrão vai me forçar a tomá-lo. Moiraine diz! Mas ela nunca diz como vou saber. Ah, não! Isso ela não sabe. — Ele abaixou as mãos e virou-se para Perrin, a cabeça inclinada e os olhos semicerrados. — Às vezes sinto que Moiraine está guiando meus passos como se eu fosse um garanhão taireno em uma exposição. Você sente isso?

Perrin passou uma das mãos pelos cabelos desgrenhados.

— Eu… seja lá o que estiver nos empurrando ou puxando, sei quem é o inimigo, Rand.

— Ba’alzamon — disse o amigo, calmamente. Um nome antigo para o Tenebroso. Na língua dos Trollocs, quer dizer Coração das Trevas. — E eu preciso enfrentá-lo, Perrin. — Ele fechou os olhos e contorceu o rosto em uma careta que era metade sorriso, metade sofrimento. — Que a Luz me ajude. Metade do tempo eu desejo que aconteça logo, que tudo termine de uma vez, e a outra metade… quantas vezes será que vou poder… Luz, ele me puxa com tanta força. E se eu não conseguir… e se não… — O chão tremeu.

— Rand? — perguntou Perrin, preocupado.

Rand estremeceu. Apesar do frio, havia suor em seu rosto. Ainda tinha os olhos bem fechados.

— Ah, Luz — gemeu —, puxa com tanta força.

De repente, o solo abaixo de Perrin se moveu, e um grande estrondo ressoou pelo vale. Parecia que de repente o chão não estava mais sob seus pés. Ele caiu, ou foi a terra que saltou ao seu encontro. O vale tremeu, como se uma mão gigante tivesse descido do céu para arrancá-lo da terra. Ele agarrou-se ao chão, enquanto a mão tentava jogá-lo como uma bola. Pedregulhos saltaram, rolando diante de seus olhos, e ondas de poeira subiram.

— Rand! — O grito se perdeu em meio ao estrondo ensurdecedor.

A cabeça de Rand continuava jogada para trás, os olhos ainda bem fechados. Ele não parecia sentir o tremor do chão que o balançava de um lado para o outro. Não importava o quanto se sacudisse, jamais perdia o equilíbrio. Perrin não tinha certeza, com tudo tremendo tanto, mas pensou ter visto um sorriso triste no rosto de Rand. As árvores se debatiam, e a folha-de-couro de repente se partiu em duas. O maior pedaço do tronco caiu a menos de três passos de Rand. Ele mal percebeu, assim como mal percebia todo o resto.

Perrin lutou para encher os pulmões de ar.

— Rand! Pelo amor da Luz, Rand! Pare com isso!

Tão de repente quanto havia começado, tudo terminou. Um galho enfraquecido de um carvalho mirrado se partiu, produzindo um estalo agudo. Perrin levantou-se devagar, tossindo. A poeira estava suspensa no ar, partículas brilhantes sob os raios do sol poente.

Rand naquele momento olhava para o nada, arfando como se tivesse acabado de correr dez milhas. Aquilo nunca havia acontecido antes, nem qualquer coisa minimamente parecida.

— Rand — começou a dizer Perrin, medindo as palavras —, o que…

O rapaz ainda tinha o olhar perdido ao longe.

— Está sempre lá. Me chamando. Me puxando. *Saidin*. A metade masculina da Fonte Verdadeira. Às vezes não consigo resistir a tocá-la. — Ele fez um gesto como se pegasse algo no ar, depois olhou o punho fechado. — Consigo sentir a mácula antes mesmo de tocá-la. A mácula do Tenebroso, uma camada fina de maldade tentando esconder a Luz. Meu estômago fica embrulhado, mas não consigo resistir. Não consigo! Só que às vezes tento tocá-la, e é como tentar pegar o ar. — Ele abriu a mão vazia e soltou uma risada amarga. — E se isso acontecer na hora da Última Batalha? E se eu estender a mão e não conseguir tocar nada?

— Bem, dessa vez você conseguiu — retrucou Perrin, com a voz rouca. — O que estava fazendo?

Rand olhou em volta como se visse tudo pela primeira vez. A folha-de-couro caída, os galhos quebrados. Perrin notou, surpreso, que pouco estrago fora feito. Esperava ver enormes rasgões na terra. O paredão de árvores estava quase intacto.

— Foi sem querer. Era como se eu estivesse tentando abrir uma torneira, e em vez disso a puxasse inteirinha para fora do barril. Eu me senti… cheio. Precisava descarregar de alguma forma, antes que me destruísse, mas… não queria que fosse assim.

Perrin sacudiu a cabeça. *De que adianta dizer a ele para não tentar fazer aquilo de novo? Ele tem tanta noção do que faz quanto eu.* Contentou-se em falar:

— Já tem bastante gente querendo ver você morto, e a todos nós também, então não precisa fazer o serviço para eles. — Rand não parecia escutar. — É melhor a gente voltar para o acampamento. Já vai escurecer, e não sei quanto a você, mas eu estou com fome.

— O quê? Ah. Vá você, Perrin. Já estou indo. Quero ficar sozinho mais um pouco.

Perrin hesitou e depois virou-se, relutante, seguindo em direção à abertura no paredão do vale. Ao ouvir novamente a voz de Rand, ele parou.

— Você sonha quando dorme? Sonhos bons?

— Às vezes — respondeu, com cautela. — Não me lembro muito dos meus sonhos. — Ele aprendera a permanecer alerta enquanto sonhava.

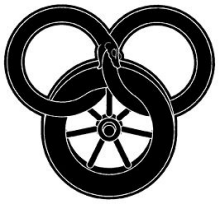
— Eles estão sempre lá, os sonhos — disse Rand, tão baixinho que Perrin quase não ouviu. — Talvez nos contem coisas. Verdades. — Ele ficou em silêncio, pensativo.

— O jantar está esperando — disse Perrin, mas Rand estava imerso nos próprios pensamentos.

Enfim, Perrin foi embora e o deixou lá, parado.



CAPÍTULO 3



Notícias da Planície

A escuridão encobria parte da fissura na rocha. Os tremores haviam derrubado um pedaço da parede do lado oposto, em um ponto bem no alto. Perrin olhou para cima no escuro, cauteloso, antes de passar correndo por baixo, mas a placa de pedra parecia bem presa no lugar. Aquela desconfiança havia retornado, agora mais forte que antes. *Não, que me queime! Não!* Então ela foi embora.

Ao avistar o acampamento de cima, viu o vale repleto de sombras estranhas formadas pelo sol poente. Moiraine, do lado de fora da cabana, examinava a fissura. Ele parou de repente. Ela era uma mulher esguia e bonita, com cabelos escuros que caíam nos ombros e o ar etéreo de todas as Aes Sedai que usavam o Poder Único havia algum tempo. Não era possível precisar sua idade: ela tinha o rosto muito suave para ser velha e olhos escuros muito sábios para ser jovem. O vestido de renda azul-escuro estava todo desalinhado e empoeirado, e mechas bagunçadas despontavam dos cabelos normalmente bem penteados. O rosto estava sujo de terra.

Perrin baixou os olhos. Ela sabia sobre ele; de todos no acampamento, apenas ela e Lan sabiam, e ele não gostava da expressão que ela fazia ao encarar seus olhos. Olhos amarelos. Algum dia, talvez, ele chegasse a perguntar o que ela sabia. Uma Aes Sedai devia saber mais sobre aquilo do que ele. Mas não era a hora. Nunca parecia ser a hora certa.

— Ele… não fez por querer… foi um acidente.

— Um acidente — retrucou a mulher, com a voz indiferente, depois sacudiu a cabeça e desapareceu dentro da cabana. A porta se fechou com um baque um pouco alto.

Perrin respirou fundo e continuou descendo em direção às fogueiras. Haveria outra discussão entre Rand e a Aes Sedai na manhã seguinte, se não àquela noite.

Havia meia dúzia de árvores caídas nas encostas do vale, com as raízes expostas, formando arcos no solo. O rastro de destruição e o solo enlameado levavam à margem do córrego e a um pedregulho que não estivera ali antes. Uma das cabanas acima, na encosta oposta, havia desabado com os tremores, e a maioria dos shienaranos estava reunida em torno dela, reconstruindo-a. Loial estava com eles. O Ogier era capaz de levantar sozinho um tronco que precisaria de quatro homens para ser erguido. De vez em quando, era possível ouvir os xingamentos de Uno.

Min estava perto do fogo, mexendo um caldeirão com uma expressão de desagrado. Tinha um pequeno hematoma no rosto. Um leve aroma de cozido queimado enchia o ar.

— Odeio cozinhar — anunciou, e espiou, desconfiada, dentro do caldeirão. — Se alguma coisa sair ruim, a culpa não é minha. Rand derrubou metade disso aqui no fogo com aquele… que direito ele tem de ficar sacudindo a gente feito sacos de grão? — Ela esfregou os fundilhos das calças e estremeceu. — Quando eu puser as mãos nele vou dar uma surra que ele jamais esquecerá. — Ela balançou a colher de pau na direção de Perrin, como se pretendesse começar a surra por ele.

— Alguém ficou ferido?

— Só se contar os hematomas — respondeu Min, em um tom de voz sombrio. — No início, todos ficaram irritados, sem dúvida. Depois viram Moiraine olhando na direção do esconderijo de Rand e concluíram que havia sido obra dele. Se o *Dragão* resolve chacoalhar a montanha bem nas nossas cabeças, o *Dragão* deve ter um bom motivo para isso. Se decidisse fazê-los arrancar a própria pele e virar esqueletos dançantes, todos achariam muito normal. — Ela bufou em desagrado e bateu com a colher na borda do caldeirão.

Ele olhou para trás, em direção à cabana de Moiraine. Se Leya estivesse ferida, se estivesse morta, a Aes Sedai não teria simplesmente voltado para

dentro. A sensação de que algo estava prestes a acontecer ainda persistia. *Seja lá o que for, ainda não aconteceu.*

— Min, talvez seja melhor você ir embora. Amanhã, assim que acordar. Posso dar alguma prata para você levar. Tenho certeza de que Moiraine lhe daria o suficiente para embarcar no trem de algum mercador saindo de Ghealdan. Estará de volta em Baerlon em um piscar de olhos.

Ela o encarou até ele começar a desconfiar de que tinha dito algo errado. Enfim, disse:

— É muito gentil da sua parte, Perrin. Mas não.

— Achei que queria ir embora. Está sempre reclamando de ter que ficar aqui.

— Certa vez, conheci uma velha illianense — começou Min, devagar. — Quando ela era jovem, a mãe arranjou um casamento com um homem que ela nunca tinha visto antes. Illian tem dessas coisas, às vezes. Ela disse que passou os cinco primeiros anos lutando contra o sujeito, e os cinco seguintes tramando como tornar a vida do homem um pesadelo sem que ele soubesse quem culpar. Foi apenas anos depois, quando o marido morreu, que a mulher percebeu que na realidade ele tinha sido o grande amor da vida dela.

— Não entendi o que isso tem a ver com o assunto.

O olhar da moça sugeria que ele não estava nem tentando entender, e sua voz assumiu um tom extremamente paciente.

— Não é só porque o destino escolheu algo para você, em vez de deixá-lo escolher sozinho, que precisa ser ruim. Mesmo se for algo que você sabe que não escolheria por nada desse mundo. "Melhor dez dias de amor que dez anos de arrependimento." — citou.

— Estou entendendo menos ainda — retrucou o rapaz. — Você não precisa ficar, se não quiser.

Ela pendurou a colher em um galho alto e bifurcado enfiado no chão, depois ergueu-se nas pontas dos pés e surpreendeu Perrin com um beijo na bochecha.

— Você é um bom homem, Perrin Aybara. Mesmo que não entenda nada.

Perrin pestanejou, vacilante. Desejou ter certeza de que Rand estava com o juízo perfeito ou que Mat estivesse por perto. Ele se sentira muito seguro em relação a garotas, mas Rand sempre pareceu saber o que fazer. Mat também. A maioria das garotas em Campo de Emond pensava que Mat jamais iria amadurecer, mas ele parecia levar jeito com elas.

— E você, Perrin? Não tem vontade de ir para casa?

— O tempo todo — respondeu, com fervor. — Mas… acho que não posso. Não por enquanto. — Ele lançou um olhar em direção ao vale de Rand. *Ao que parece, estamos atados, não é, Rand?* — E talvez nunca possa. — Ele pensou que tinha falado baixo demais, mas Min lhe lançou um olhar cheio de compaixão. E de concordância.

Ele ouviu passos leves atrás de si e olhou para trás, para a cabana de Moiraine. Duas silhuetas desciam a encosta sob o crepúsculo que avançava. Uma delas era uma mulher, delgada e graciosa mesmo enquanto caminhava no solo duro e inclinado. O homem, bem mais alto que a companheira, desviou-se para o local onde os shienaranos trabalhavam. Mesmo aos olhos de Perrin, a figura do homem era indistinta: às vezes parecia sumir por completo, para logo depois reaparecer bem no meio de um passo. Partes de seu corpo sumiam na noite e ressurgiam com o soprar do vento. Apenas o manto de um Guardião, com suas cores em constante mudança, era capaz disso, o que indicava que Lan era a figura maior, e a menor, sem dúvida, era Moiraine.

Logo atrás deles, outra silhueta, ainda mais opaca, deslizava por entre as árvores. *Rand*, pensou Perrin, *voltando para a cabana. Vai passar mais uma noite sem comer porque não aguenta os olhares de todos os outros.*

— Você deve ter olhos nas costas — comentou Min, franzindo a testa para a mulher que se aproximava. — Ou a audição mais aguçada que já vi. É Moiraine?

Descuidado. Ele já estava tão acostumado ao fato de que os shienaranos sabiam de sua visão aguçada — à luz do dia, pelo menos: não sabiam nada em relação à visão noturna —, que começava a cometer alguns deslizes. *Esse descuido ainda vai me matar.*

— A mulher Tuatha'an está bem? — perguntou Min, quando Moiraine se aproximou do fogo.

— Está descansando. — A voz baixa da Aes Sedai tinha a musicalidade habitual, como se falar estivesse a meio caminho de cantar, e o cabelo e as roupas estavam perfeitos outra vez. Ela esfregou as mãos diante do fogo. Usava um anel de ouro na mão esquerda, uma serpente mordendo a própria cauda. A Grande Serpente, um símbolo ainda mais antigo para a eternidade que a Roda do Tempo. Todas as mulheres treinadas em Tar Valon usavam o mesmo anel.

Por um instante Moiraine fixou o olhar em Perrin, parecendo ver o seu íntimo.

— Ela caiu e abriu a cabeça quando Rand… — Ela contraiu os lábios, mas no instante seguinte já tinha o rosto tranquilo outra vez. — Eu a curei, e ela está dormindo. Até a menor ferida na cabeça sangra bastante, mas não foi nada sério. Você viu algo em relação a ela, Min?

Min pareceu hesitar.

— Eu vi… achei que tinha visto a morte dela. O rosto todo coberto de sangue. Eu tive certeza do que significava, mas se ela abriu a cabeça… tem certeza de que está bem? — A pergunta era um indício de seu desconforto. Uma Aes Sedai nunca deixava nada errado em alguém que acabasse de Curar. Além disso, os Talentos de Cura de Moiraine eram particularmente fortes.

Min soou tão preocupada que Perrin se surpreendeu por um instante. Em seguida, assentiu para si mesmo. Ela não gostava de fazer o que fazia, mas era parte dela, e acreditava saber como aquilo funcionava, pelo menos um pouco. Se estivesse errada, seria quase como descobrir que não sabia usar as próprias mãos.

Moiraine refletiu por um momento, serena e controlada.

— Você nunca errou em qualquer uma das leituras que fez para mim, não em uma ocasião em que eu tivesse como saber. Talvez essa seja a primeira vez.

— Quando eu sei, eu sei — sussurrou Min, obstinada. — Que a Luz me ajude, eu sei.

— Ou talvez ainda vá acontecer. Ela tem um longo caminho a percorrer até chegar de volta aos carroções, e viajará por terras perigosas.

A voz da Aes Sedai era uma canção fria, sem compaixão. Perrin soltou um som involuntário pela garganta. *Luz, será que foi desse jeito que eu falei? Não vou deixar uma morte ser tão pouco importante para mim.*

Moiraine o encarou, como se ele tivesse falado em alto e bom som.

— Há de ser o que a Roda tecer, Perrin. Eu lhe disse há muito tempo que estávamos em guerra. Não podemos parar apenas porque alguns de nós podem morrer. Qualquer um de nós pode morrer antes de tudo terminar. As armas de Leya podem não ser iguais às nossas, mas ela sabia que talvez morresse ao tomar parte nisso.

Perrin baixou os olhos. *Pode até ser assim, Aes Sedai, mas jamais vou aceitar as coisas da mesma forma que você.*

Lan juntou-se a eles diante do fogo, acompanhado por Uno e Loial. As chamas formavam sombras bruxuleantes sobre o rosto do Guardião, fazendo-o parecer ainda mais entalhado em pedra que de costume, as feições duras e retas. Não era muito mais fácil observar seu manto à luz do fogo. Às vezes parecia só um manto cinza-escuro, ou preto, mas o cinza e o preto se contorciam e alteravam se vistos de perto, com sombras e espectros penetrantes deslizando por ele. Outras vezes era como se Lan tivesse aberto um buraco na noite e puxado a escuridão para cobrir os próprios ombros. Não era nada fácil de ver, e o homem que o usava não facilitava em nada.

Lan era alto e forte, com ombros largos e olhos azuis feito lagos congelados. Ele se movia com uma graça mortal, e a espada em seu quadril parecia fazer parte do próprio corpo. Não era apenas uma questão de parecer capaz de matar e cometer atos violentos: aquele homem domara a morte e a violência e as guardava no próprio bolso, pronto para libertá-las em um piscar de olhos, ou abraçá-las, a um comando de Moiraine. Comparado a Lan, até Uno parecia menos perigoso. Havia um toque grisalho nos longos cabelos do Guardião, presos por uma corda trançada de couro que lhe contornava a testa, mas mesmo os homens mais jovens evitavam enfrentá-lo. Se fossem sábios.

— A Senhora Leya trouxe as notícias de sempre da Planície de Almoth — disse Moiraine. — Todos lutando uns contra os outros. Aldeias incendiadas. Gente fugindo para todos os lados. E surgiram Caçadores na planície, à procura da Trombeta de Valere. — Perrin mudou de posição, desconfortável: a Trombeta estava onde nenhum Caçador da Planície de Almoth poderia encontrá-la, e onde esperava que ninguém jamais a encontrasse. Antes de prosseguir, Moiraine lançou-lhe um olhar frio. Não gostava que falassem sobre a Trombeta. Exceto quando era ideia dela, é claro. — Ela trouxe outras notícias também. Os Mantos-brancos destacaram cerca de cinco mil homens para a Planície de Almoth.

Uno grunhiu.

— Isso deve ser a bost… ah, me perdoe, Aes Sedai. Isso deve ser metade da força deles. Nunca puseram tantos em um lugar.

— Então suponho que todos os que apoiaram Rand estão mortos ou espalhados — murmurou Perrin. — Ou estarão em pouco tempo. Você estava

certa, Moiraine. — Ele não gostava de pensar nos Mantos-brancos. Não gostava nem um pouco dos Filhos da Luz.

— É aí que vem a parte estranha — disse Moiraine. — Os Filhos dizem que seu propósito é trazer a paz, mas isso é normal. O que *não* é normal é que, embora tentem fazer tarabonianos e domaneses recuarem para suas respectivas fronteiras, não deslocaram nenhuma força contra os que estão apoiando o Dragão.

Min soltou uma exclamação de surpresa.

— Ela tem certeza disso? Não parece algo que um Manto-branco faria.

— Não devem ter sobrado tantos daqueles chamej… hã… tantos latoeiros na planície — disse Uno. Sua voz falhou pela tensão de ter que moderar o linguajar na frente da Aes Sedai. Ele franziu a sobrancelha do olho verdadeiro, igualando a expressão à do pintado. — Eles não gostam de ficar perto de nenhum tipo de problema, muito menos de lutas. Não podem estar em número suficiente para ver tudo.

— Estão em número suficiente para os meus objetivos — retrucou Moiraine, com firmeza. — A maioria se foi, mas alguns permaneceram porque eu pedi. E Leya está certíssima. Ah, sim, os Filhos capturaram alguns Devotos do Dragão, em um lugar onde apenas um pequeno grupo estava reunido. Porém, embora afirmem que derrotarão este *falso* Dragão, com mil homens supostamente caçando-o, eles evitam contato com qualquer grupo de mais de cinquenta Devotos. Não abertamente, entendem? Mas sempre acontece algum atraso, algo que dá a chance de os perseguidos escapulirem.

— Então Rand pode encontrá-los, como tanto quer. — Loial piscou ao olhar para a Aes Sedai, indeciso. Todo o acampamento sabia das brigas entre ela e Rand. — A Roda abriu um caminho para ele.

Uno e Lan abriram a boca ao mesmo tempo, mas o shienarano cedeu a palavra com uma pequena mesura.

— É mais provável — disse o Guardião — que seja alguma conspiração dos Mantos-brancos, mas que a Luz me queime se eu souber o que é. Mas sabe, quando um Manto-branco me dá um presente, eu logo procuro a agulha envenenada escondida. — Uno assentiu, com uma careta. — Além do mais — Lan acrescentou —, domaneses e tarabonianos ainda estão tentando matar os Devotos do Dragão com o mesmo empenho com que tentam matar uns aos outros.

— E ainda tem outra coisa — continuou Moiraine. — Três rapazes morreram em vilarejos próximos de onde passaram os carroções da Senhora Leya. — Perrin percebeu um leve tremor nas pálpebras de Lan. Para o Guardião, aquilo era equivalente a um grito de surpresa vindo de outro homem. Lan não esperava ouvir. Moiraine prosseguiu: — Um morreu envenenado, e dois, esfaqueados. Os três em circunstâncias em que ninguém poderia se aproximar sem ser visto, mas foi assim que aconteceu. — Ela olhou para as chamas. — Todos eram mais altos que a maioria e tinham olhos claros. Olhos claros são pouco comuns na Planície de Almoth, mas acho que é muita falta de sorte ser um rapaz alto de olhos claros por lá agora.

— Como? — perguntou Perrin. — Como é que eles foram mortos se ninguém podia se aproximar?

— O Tenebroso tem assassinos que nem conseguimos ver, só quando já é tarde demais — respondeu Lan, baixinho.

Uno estremeceu.

— Os Sem-alma. Nunca ouvi falar de um ao sul das Terras da Fronteira.

— Chega desse assunto — declarou Moiraine, com firmeza.

Perrin tinha muitas perguntas — *O que, pela Luz, são Sem-alma? São como Trollocs ou Desvanecidos? O que são?* —, mas não fez nenhuma. Quando Moiraine decidia que já fora dito o bastante a respeito de qualquer coisa, não revelava mais nada. E, uma vez que ela fechava a boca, não era possível abrir a de Lan nem com uma barra de ferro. Os shienaranos também seguiam as ordens dela. Ninguém queria irritar uma Aes Sedai.

— Luz! — murmurou Min, olhando incomodada para a escuridão que se adensava ao redor. — Nós nem conseguimos *ver*? Pela Luz!

— Então nada mudou — disse Perrin, sombrio. — Nada mesmo. Não podemos descer até a planície, e o Tenebroso quer nos ver mortos.

— Tudo muda — disse Moiraine, muito calma —, e o Padrão absorve tudo. Devemos seguir o Padrão, não as mudanças momentâneas. — Ela encarou um de cada vez e prosseguiu: — Uno, tem certeza de que seus batedores não deixaram passar nada de suspeito? Nem algo pequeno?

— O Renascimento do Lorde Dragão afrouxou os nós da certeza, Moiraine Sedai, e jamais há certezas quando se luta contra Myrddraal, mas aposto minha própria vida que os batedores fizeram um trabalho tão bom quanto o de qualquer Guardião. — Era um dos discursos mais longos que

Perrin já havia escutado Uno fazer sem dizer um palavrão. O esforço deixara a testa do homem toda suada.

— Todos podemos errar — disse Moiraine. — O que Rand fez pode muito bem ter sido um chamariz para qualquer Myrddraal em um raio de dez milhas.

— Talvez… — começou Min, hesitante. — Talvez você devesse erguer uma proteção para mantê-los afastados. — Lan lançou a ela um olhar severo. Muitas vezes, ele próprio questionava as decisões de Moiraine, ainda que raramente se deixasse ser ouvido. No entanto, não aprovava que outros fizessem o mesmo. Min retribuiu a cara feia. — Bem, Myrddraal e Trollocs são bem ruins, mas pelo menos podemos vê-los. Não gosto da ideia de que um desses… Sem-alma… chegue sorrateiro e me degole sem que eu perceba.

— A proteção que ergui antes nos esconderá tanto dos Sem-alma quanto de outras criaturas da sombra — explicou Moiraine. — Em geral, quando alguém está fraco como estamos agora, a melhor opção é se esconder. *Se* houver um Meio-homem perto o suficiente para… Bem, colocar uma proteção que mate quem tentar invadir o acampamento está além das minhas capacidades. E, mesmo que eu pudesse fazê-lo, uma proteção dessas acabaria apenas nos prendendo aqui. Como não é possível erguer dois tipos de proteção de uma só vez, deixarei os batedores, os guardas e Lan a postos para nos defenderem e usarei o único tipo de proteção que pode ser mais útil.

— Posso verificar o entorno do acampamento — ofereceu-se Lan. — Se os batedores tiverem deixado passar alguma coisa lá fora, eu encontrarei. — Ele não estava se gabando, apenas constatando um fato. Uno até assentiu, concordando.

Moiraine negou com a cabeça.

— Se precisarmos de você esta noite, meu Gaidin, será aqui. — Ela ergueu o olhar em direção às montanhas escuras ao redor. — Há algo estranho no ar.

— Algo prestes a acontecer. — As palavras saíram da boca de Perrin antes que ele pudesse se conter. Moiraine olhou para ele, para dentro dele, o que o fez se arrepender de ter falado.

— Sim — concordou ela. — Prestes a acontecer. Faça com que seus guardas fiquem especialmente alerta hoje à noite, Uno. — Não havia

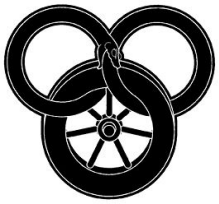
necessidade de sugerir que os homens dormissem com as armas à mão, aquele já era um hábito dos shienaranos. — Durmam bem — acrescentou, dirigindo-se a todos, como se naquele momento houvesse alguma chance de aquilo acontecer. Depois partiu de volta para a cabana. Lan ainda ficou ali por tempo o bastante para encher três pratos de cozido e depois correu atrás dela, sendo rapidamente tragado pela noite.

Os olhos dourados de Perrin brilhavam ao seguir o Guardião escuridão adentro.

— Durmam bem — murmurou. O cheiro de carne cozida de repente o deixou enjoado. — Uno, o terceiro turno é meu? — O shienarano assentiu. — Então vou tentar seguir o conselho dela. — Outros homens aproximavam-se do fogo, e o burburinho o acompanhou até a encosta.

Ele tinha uma cabana só para si, uma pequena construção de troncos onde quase não cabia de pé, as fendas repletas de lama seca. Uma cama dura, cujo colchão era apenas uma camada de ramos de pinheiro escondida sob um cobertor, ocupava quase metade do espaço. A pessoa que tirou as selas de Galope também escorou o arco de Perrin bem atrás da porta. Ele pendurou o cinturão em um pino, ainda com o machado e a aljava, depois se despiu até ficar apenas com as roupas de baixo, tremendo. As noites ainda eram geladas, mas pelo menos o frio o impedia de dormir profundamente. Com o sono profundo vinham sonhos dos quais não podia se livrar.

Durante um tempo, Perrin ficou deitado olhando para o teto de troncos, com apenas um cobertor no corpo, tremendo. Então o sono veio, e, com ele, os sonhos.



CAPÍTULO 4



Sombras Adormecidas

Estava frio no salão da estalagem, apesar do fogo que ardia na comprida lareira de pedra. Perrin esfregou as mãos diante das chamas, mas não conseguiu se aquecer. O frio proporcionava um estranho conforto, entretanto, como se fosse um escudo. Contra o quê, ele não conseguia imaginar. Um murmúrio ressoou no fundo de sua mente, um som indistinto que ele quase não ouvia, como se algo arranhasse a porta de leve, pedindo para entrar.

— Você vai desistir, então. É o melhor a fazer. Venha. Sente-se, vamos conversar.

Perrin virou-se para ver quem falava com ele. As mesas redondas espalhadas pelo salão estavam vazias, a não ser por um homem solitário sentado a um canto, na penumbra. O restante do recinto parecia um tanto obscuro, como se fosse produto da imaginação, e não um lugar real. Percebia isso sobretudo nos pontos que não encarava diretamente. Ele voltou a olhar para o fogo, que agora ardia em uma lareira de tijolos. Por algum motivo, nada daquilo o incomodava. *Deveria*, mas ele não conseguia explicar por quê.

O homem acenou, e Perrin se aproximou da mesa. Uma mesa quadrada. As mesas eram quadradas. Com a testa franzida, estendeu a mão para tocar o tampo, mas afastou-a. Não havia iluminação naquele canto do salão, e, apesar da luz em todo o resto, o homem e a mesa permaneciam quase escondidos, quase parte da penumbra.

Perrin teve a sensação de conhecer o homem, mas era tão vaga quanto o que via com o canto do olho. Era um sujeito bonito de meia-idade, vestido bem demais para uma estalagem no interior. Usava trajes de veludo escuro, quase preto, com babados de renda branca para fora do colarinho e dos punhos. O homem estava sentado ereto, e às vezes pressionava a mão no peito, como se sentisse dor ao se mexer. Tinha os olhos negros cravados no rosto de Perrin, dois pontos cintilando nas sombras.

— Desistir de quê? — perguntou Perrin.

— Disso, é claro. — O homem inclinou a cabeça para o machado na cintura de Perrin. Parecia surpreso, como se fosse um assunto sobre o qual os dois já tivessem conversado, uma discussão antiga que recomeçava.

Perrin não tinha percebido que o machado estava ali, não sentira seu peso no cinturão. Ele passou a mão pela lâmina em meia-lua e pelo cabo grosso que mantinha o equilíbrio ideal. O aço parecia… sólido. Mais sólido que tudo ao redor. Talvez até mais sólido que ele próprio. Deixou a mão parada ali, querendo se agarrar a algo real.

— Pensei no assunto — respondeu —, mas acho que não consigo. Ainda não. — *Ainda não?* A estalagem parecia tremeluzir, e o murmúrio começou a ressoar outra vez em sua mente. *Não!* O ruído morreu.

— Não? — O homem abriu um sorriso frio. — Você é um ferreiro, garoto. E dos bons, pelo que ouvi dizer. Suas mãos foram feitas para segurar um martelo, não um machado. Foram feitas para construir, não para destruir. Volte a ser o que era, antes que seja tarde demais.

Perrin percebeu que assentia.

— Sim. Mas sou *ta'veren*. — Era a primeira vez que dizia aquilo em voz alta. *Mas ele já sabe.* Tinha certeza daquilo, embora não soubesse explicar por quê.

Por um instante, o rosto do homem se contorceu em uma careta, mas logo ele voltou mais forte que antes. Uma força fria.

— Existem muitas formas de mudar as coisas, garoto. Formas até mesmo de evitar o destino. Sente-se, vamos conversar a respeito. — As sombras pareciam se deslocar, adensar, tentando tocá-lo.

Perrin deu um passo atrás, bem para o meio da luz.

— Acho que não.

— Pelo menos beba um pouco comigo. Em nome dos anos passados e dos que estão por vir. Aqui, beba isso e enxergará as coisas com mais

clareza. — A caneca que o homem empurrou pela mesa não estivera ali um segundo antes. Era de prata brilhante, cheia até a borda com um vinho escuro como sangue.

Perrin analisou o rosto do homem. Mesmo sob o olhar aguçado, as sombras pareciam encobrir as feições do sujeito como o manto de um Guardião. A escuridão o delineava, como uma carícia. Havia algo nos olhos dele, algo que Perrin achava possível recordar, se fizesse algum esforço. O murmúrio retornou.

— Não — respondeu. Falara em resposta ao ruído que ressoava baixinho em sua cabeça, mas, quando o homem contraiu os lábios em um lampejo de ira suprimido no instante que surgiu, Perrin decidiu que a negativa também serviria para o vinho. — Não estou com sede.

Ele se virou e começou a caminhar em direção à porta. A lareira era feita de seixos redondos de rio, e umas poucas mesas compridas com bancos enfileirados preenchiam o salão. De súbito, ele desejou estar do lado de fora, em qualquer lugar longe daquele homem.

— Você não terá muitas chances — disse o sujeito atrás dele, com a voz dura. — Três tramas trançadas juntas compartilham da mesma sorte. Quando uma é cortada, todas as outras também são. Seu destino é capaz de matá-lo. Isso se não fizer algo pior.

Perrin sentiu um calor repentino subir pelas costas para logo desaparecer, como se a porta de uma imensa fornalha escaldante tivesse sido aberta e fechada em um segundo. Atônito, voltou-se para o salão. Estava vazio.

É só um sonho, pensou, tremendo de frio, e no mesmo instante tudo mudou.

Olhou para o espelho. Uma parte dele não compreendeu o que viu, mas a outra aceitou. Usava um capacete dourado com forma de cabeça de leão que cobria suas feições como se pertencesse a seu corpo. Folhas de ouro cobriam a placa peitoral de acabamento martelado, e detalhes em ouro adornavam a placa e a malha nos braços e nas pernas. Apenas o machado preso na lateral de seu corpo era liso. Uma voz, sua própria, sussurrou em sua mente. Disse que ele preferia o machado a qualquer outra arma, que o carregara mil vezes, em cem batalhas. *Não!* Queria removê-lo, atirá-lo longe. *Não posso!* Um som ressoava em sua cabeça, um pouco mais alto que um murmúrio, quase inteligível.

“Um homem destinado à glória.”

Ele deu meia-volta, afastando-se do espelho, e se viu diante da mulher mais linda que já vira. Não reparava em mais nada no salão, não se importava em olhar para mais nada além dela. Os olhos eram dois lagos negros, a pele era pálida e lisa, sem dúvida mais suave que o vestido de seda branca. Quando ela caminhou até ele, Perrin sentiu a boca ficar seca. Percebeu que todas as outras mulheres que já havia visto eram feias e desajeitadas. Estremeceu e se perguntou por que sentia frio.

— Um homem precisa agarrar o próprio destino com as duas mãos — disse ela, sorrindo. Aquele sorriso era quase suficiente para aquecê-lo. Ela era alta, seus olhos ficavam menos de um palmo mais baixos que os de Perrin. Os cabelos, mais escuros que a asa de um corvo, estavam presos por pentes de prata. Usava um cinturão de elos prateados; a cintura tão fina que o rapaz poderia envolvê-la apenas com as mãos.

— Sim — sussurrou em resposta. Em seu âmago, a surpresa e a aceitação duelavam. Ele desprezava a glória. Porém, ao ouvir as palavras da mulher, não desejou nada mais. — Quer dizer… — O murmúrio lhe voltou à cabeça. — Não! — Desapareceu, e por um instante a aceitação também sumiu. Quase. Ele levou uma das mãos à cabeça, tocou o capacete dourado e o removeu. — Eu… acho que não quero isso. Não é meu.

— Você não quer? — Ela riu. — Que homem com sangue correndo nas veias não desejaria a glória? A mesma glória que teria se soasse a Trombeta de Valere.

— Eu não quero — respondeu, embora parte dele gritasse que aquilo era mentira. A Trombeta de Valere. *A Trombeta soou, iniciando uma investida desenfreada. A morte cavalgava em seus ombros, porém ainda o aguardava adiante. Era seu amor. Sua ruína.* — Não! Sou um ferreiro.

Ela exibia um sorriso de compaixão.

— É tão pouco para se desejar. Não dê ouvidos aos que tentam desviá-lo de seu destino. Eles querem degradá-lo, humilhá-lo. Destruí-lo. Lutar contra o destino só lhe trará dor. Por que escolher a dor quando pode ter a glória? Quando pode ter seu nome lembrado ao lado de todos os heróis lendários?

— Não sou um herói.

— Você não sabe a metade do que é. A metade do que pode ser. Venha, beba comigo, ao destino e à glória. — Ela segurava uma caneca brilhante de prata, cheia de vinho cor de sangue. — Beba.

Ele encarou a caneca com a testa franzida. Havia algo… familiar naquilo. Um murmúrio zumbia em sua cabeça.

— Não! — Ele lutava e resistia, recusando-se a escutar. — Não!

Ela segurava a caneca dourada diante dele.

— Beba.

Dourada? Pensei que a caneca fosse… a caneca era… Ele não conseguia concluir o pensamento. Porém, na confusão, o murmúrio surgiu outra vez, atormentando-o por dentro, exigindo ser ouvido.

— Não — repetiu. — Não! — Encarou o capacete dourado nas mãos e o atirou longe. — Sou um ferreiro. Sou… — O som em sua mente lutava para ser ouvido. Ele segurou a cabeça com os braços para afastá-lo, mas só conseguiu prendê-lo lá dentro. — Eu… sou… um… homem! — gritou.

A escuridão o envolveu, mas a voz da mulher o acompanhou, sussurrando:

— Sempre haverá outras noites, e os sonhos vêm para todos os homens. Sobretudo você, meu selvagem. E eu estarei sempre em seus sonhos.

Silêncio.

Perrin baixou os braços. Estava outra vez vestido com as próprias roupas, casaco e calças grossos e bem-feitos, embora simples. Trajes apropriados para um ferreiro ou qualquer outro camponês. Ainda assim, ele mal prestou atenção neles.

Estava de pé em uma ponte de pedra em forma de arco que ligava o parapeito baixo de duas amplas torres, também de pedra, com o topo achatado. As torres se erguiam de profundezas tão longínquas que nem mesmo seus olhos aguçados enxergavam o que havia lá embaixo. A luz teria sido fraca demais para qualquer outro par de olhos, e ele não era capaz de saber de onde ela vinha. Apenas existia. Em cada canto que olhava, à esquerda, à direita, acima e abaixo, via mais pontes, mais torres, outras rampas sem parapeito. A paisagem parecia não ter fim nem ordem. Pior, algumas das rampas levavam a topos de torres que só poderiam estar diretamente acima do lugar onde a rampa se originava. Um som de água corrente ecoava na paisagem. Parecia vir de todos os lugares ao mesmo tempo. Perrin tremia de frio.

De repente, captou um movimento com o canto do olho e, sem pensar, agachou-se atrás do parapeito de pedras. Era perigoso ser visto. Não sabia por quê, mas sabia que era verdade. Apenas sabia.

Espiando por cima do parapeito com cuidado, procurou pelo que vira se mover. Um borrão branco cintilou em uma rampa distante. Uma mulher. Teve certeza, embora não fosse capaz de distingui-la. Uma mulher de vestido branco correndo em direção a algum lugar.

Em uma ponte um pouco abaixo de onde ele estava, bem mais próxima do que a rampa por onde havia passado a mulher, surgiu um homem de repente. Era alto, escuro e esguio. Tinha cabelos prateados, que lhe conferiam uma aparência distinta, e o casaco verde-escuro coberto de bordados dourados. O cinto e a bolsa eram trabalhados em ouro, pedras preciosas cintilavam na bainha da adaga, e franjas douradas circundavam a ponta das botas. De onde viera?

Outro homem, que surgiu tão de repente quanto o primeiro, começou a cruzar a ponte pelo lado oposto. Listras pretas atravessavam as mangas bufantes do casaco vermelho, e uma renda clara e espessa despontava do colarinho e dos punhos. As botas tinham tantos detalhes em prata que era difícil enxergar o couro. Ele era mais baixo e robusto do que o sujeito que ia ao seu encontro, que tinha os cabelos bem curtos e tão brancos quanto a renda. No entanto, a idade não o fazia parecer frágil. Ele caminhava a passos largos, ostentando a mesma força arrogante do outro.

Os dois se aproximaram, cautelosos. *Como dois negociantes de cavalos que sabem que o outro sujeito vai tentar vender uma égua manca*, pensou Perrin.

Os homens começaram a conversar. Perrin aguçou os ouvidos, mas não conseguiu ouvir nada além de um murmúrio por cima dos ecos da água corrente. Viu caretas, olhares penetrantes e movimentos ágeis que quase pareciam golpes. Eles não confiavam um no outro. Perrin pensou que talvez até se odiassem.

Ele ergueu os olhos e procurou pela mulher, mas ela desaparecera. Quando olhou de volta para baixo, outro homem havia se juntado aos dois primeiros. Perrin o conhecia de algum lugar, de alguma forma, com o sentimento vago de uma antiga lembrança. Um belo sujeito de meia-idade, com roupas de veludo quase preto e renda branca. *Uma estalagem*, pensou Perrin. *E algo antes disso. Algo…* Algo que acontecera havia muito tempo, ao que parecia. Mas a lembrança não vinha.

Os dois primeiros homens se posicionaram lado a lado, como se a presença do recém-chegado os obrigasse a fazer uma aliança. O sujeito

gritou para eles e sacudiu o punho. Os outros mudaram de posição, incomodados, recusando-se a encará-lo. Se os dois se odiavam, estava claro que temiam aquele homem ainda mais.

Os olhos, pensou Perrin. *O que há de estranho com os olhos dele?*

O homem alto e escuro começou a discutir com os outros. No começo, falava devagar, mas com crescente fervor. O homem de cabelos brancos entrou na discussão, e a aliança temporária foi desfeita. Todos gritavam ao mesmo tempo, cada um com os outros dois. De repente, o homem de veludo negro abriu os braços, como se exigisse um fim à questão. E uma bola de fogo cada vez maior os envolveu e escondeu, expandindo-se constantemente.

Perrin cobriu a cabeça com os braços, jogou-se atrás da balaustrada de pedras e permaneceu agachado enquanto o vento o açoitava e rasgava suas roupas, um vento quente como o fogo. Um vento feito de fogo. Mesmo com os olhos fechados, podia ver as chamas se alastrando e engolindo tudo. A tempestade de fogo também rugia em sua direção. Perrin podia senti-la queimando-o, arrastando-o, tentando consumi-lo e espalhar as cinzas. Ele gritou e tentou se segurar, sabendo que não era suficiente.

E, entre duas batidas de seu coração, o vento cessou. De uma vez. Em um instante uma tempestade de chamas o golpeava, e, no seguinte, silêncio. O único som era o eco da água que gotejava.

Perrin sentou-se devagar e examinou o próprio corpo. As roupas estavam intactas, e a pele, exposta, sem queimaduras. Apenas a lembrança do calor o fazia crer que aquilo acontecera. Uma lembrança que existia só em sua mente: seu corpo não se recordava de nada.

Com cuidado, espiou por cima da balaustrada. Restava somente um pedaço meio derretido da base em cada uma das extremidades da ponte onde os homens estavam. Deles, nenhum sinal.

Um arrepio em sua nuca o fez olhar para cima. Em uma rampa acima e à direita, um lobo cinzento e peludo o encarava.

— Não! — Ele se levantou e saiu correndo. — Isso é um sonho! Um pesadelo! Quero acordar! — Ele corria, e sua visão começou a embaçar. Os borrões se mexiam. Um zumbido encheu seus ouvidos, depois sumiu, e o movimento dos borrões cessou.

Ele tremia de frio. Sabia que era um sonho, tinha certeza, desde o primeiro instante. Tinha a vaga consciência de alguma lembrança obscura de sonhos que ocorreram antes, mas aquele ele conhecia bem. Já estivera

naquele lugar em noites anteriores e, ainda que não entendesse nada, sabia que era um sonho. Pela primeira vez, não fazia diferença saber.

Havia gigantescas colunas de pedras vermelhas polidas em torno do espaço aberto onde ele se encontrava, sob um teto em domo a cinquenta passos ou mais acima de sua cabeça. Caso se juntasse a outro homem tão grande quanto ele próprio, os dois não seriam capazes de envolver uma daquelas colunas com os braços. O piso era revestido com enormes placas de pedras cinza-claro. Eram duras, mas já estavam gastas por incontáveis gerações de pés que por elas caminharam.

Centralizada sob o domo estava a razão pela qual tantos pés haviam pisado naquela câmara. Uma espada pairava com o cabo para baixo, parecendo não ter suporte. Estava onde qualquer um poderia estender a mão e pegá-la. Girava devagar, como se movida por uma leve brisa. Contudo, não era exatamente uma espada. Lâmina, cabo e guarda-mão pareciam feitos de vidro, talvez cristal. Absorviam toda a luz do ambiente e a refletiam em milhares de feixes cintilantes.

Perrin caminhou até ela e estendeu a mão, como fizera todas as outras vezes. Lembrava com clareza. O cabo erguido ali, bem diante de seus olhos, ao alcance das mãos. A um passo da espada reluzente, sua mão esbarrou no ar. Foi como se tocasse pedra. Como sabia que seria. Ele empurrou com mais força, no entanto mais parecia que empurrava uma parede. A espada girava, cintilante, a um passo de distância, mas tão fora de seu alcance que parecia estar do outro lado de um oceano.

Callandor. Ele não sabia ao certo se o sussurro vinha de dentro ou de fora de sua cabeça. Parecia ecoar pelas colunas, suave como o vento, insistente, onipresente. *Callandor. Quem me controla, controla o destino. Pegue-me e comece a jornada final.*

Deu um passo para trás, assustado. Jamais ouvira aquele sussurro. Já era a quarta vez que tinha o mesmo sonho, conseguia se lembrar dele, até naquele momento. Quatro noites, uma após a outra, e aquela era a primeira mudança.

Os Distorcidos chegaram.

Era um sussurro diferente, vindo de algum lugar conhecido, e ele deu um salto como se tivesse sido tocado por um Myrddraal. Havia um lobo ali, entre as colunas. Um lobo da montanha, quase da altura de seu quadril e com

a pelugem malhada de branco e cinza. Encarava-o com muita atenção, com olhos tão amarelos quanto os seus.

Os Distorcidos chegaram.

— Não — gritou Perrin com a voz áspera. — Não! Não vou deixar vocês entrarem! Eu. Não. Vou!

Dentro da cabana, ele fez um esforço para acordar e se sentou, tremendo de medo, frio e raiva.

— Eu não vou — sussurrou, rouco.

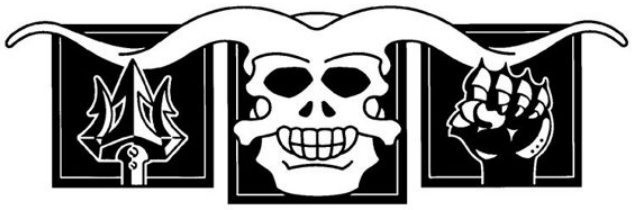
Os Distorcidos chegaram.

O pensamento era claro em sua cabeça, mas não pertencia a ele.

Os Distorcidos chegaram, irmão.



CAPÍTULO 5



Pesadelos Ambulantes

Saltando da cama, Perrin agarrou o machado e correu para fora, ainda descalço, vestido apenas com linho fino, sem se importar com o frio. A lua banhava as nuvens de um branco pálido. Luz mais que suficiente para seus olhos, mais que suficiente para enxergar as formas de todos os tamanhos que deslizavam por entre as árvores. Formas quase tão enormes quanto Loial, mas com rostos distorcidos por focinhos e bicos, ostentando cabeças meio humanas, mas com chifres e cristas emplumadas. Formas ocultas que avançavam, furtivas, sobre cascos, patas e pés calçados de botas.

Ele abriu a boca para emitir um alerta, mas de repente a porta da cabana de Moiraine se abriu com um solavanco, e Lan saiu de espada na mão, clamando:

— Trollocs! Acordem, salvem suas vidas! — Gritos vieram em resposta assim que os homens começaram a sair cambaleantes das cabanas, ainda em trajes de dormir, o que para a maioria significava traje nenhum, mas com espadas em riste. Emitindo rugidos bestiais, os Trollocs avançaram de encontro às espadas de aço e dos urros de “Shienar!” e “Dragão Renascido!”.

Lan estava completamente vestido, Perrin apostava que nem tinha dormido. O Guardião jogou-se no meio dos Trollocs como se a lã das roupas que usava fosse uma armadura. Parecia dançar de um para outro, homem e espada fluindo como água ou vento. Onde o Guardião dançava, Trollocs gritavam e morriam.

Moiraine também saíra para a noite, dançando a própria dança entre os Trollocs. A única arma que parecia carregar era uma vara, mas uma linha de fogo surgia na carne dos Trollocs que golpeava. A mão livre lançava bolas flamejantes que ela tirava do nada, e os Trollocs urravam enquanto eram consumidos pelas chamas, se debatendo no chão.

Uma árvore inteira irrompeu em labaredas, da raiz à copa, depois outra e mais outra. Os Trollocs guincharam sob a luz repentina, mas não pararam de brandir os machados com a ponta de trás comprida e as espadas curvas como foices.

De repente, Perrin viu Leya sair hesitante da cabana de Moiraine, no outro extremo do vale, e todos os demais pensamentos o abandonaram. A mulher Tuatha'an apoiou as costas na parede de troncos, levando a mão à garganta. À luz das árvores em chamas, ele viu o sofrimento, o horror e a repulsa no rosto dela, que assistia à carnificina.

— Vá se esconder! — gritou Perrin. — Volte para dentro e se esconda! — O rugido cada vez mais alto de luta e morte engoliu suas palavras. Ele correu em direção a ela. — Vá se esconder, Leya! Pelo amor da Luz, vá se esconder!

Um Trolloc se assomou por cima dele, com um bico cruel e curvo onde deveriam estar boca e nariz. Coberto dos ombros aos joelhos por uma malha negra e cheia de pregos, ele caminhava sobre garras de gavião, balançando uma daquelas espadas estranhamente curvas. Fedia a suor, sujeira e sangue.

Perrin se abaixou, esquivando-se da investida com urros sem palavras enquanto golpeava com o machado. Sabia que deveria estar com medo, mas a ansiedade sufocara o pavor. Tudo o que importava era alcançar Leya e deixá-la em segurança. E havia um Trolloc em seu caminho.

A criatura desabou, rugindo e chutando, Perrin não sabia onde o atingira, nem se ele estava morrendo ou apenas ferido. Pulou por cima da criatura caída que se debatia e saiu correndo encosta acima.

As árvores em chamas espalhavam sombras sinistras pelo pequeno vilarejo. Uma sombra bruxuleante ao lado da cabana de Moiraine de repente se transformou em um Trolloc chifrudo com focinho de bode. Com as mãos agarradas a um machado com as costas da lâmina cheias de pontas, ele parecia a ponto de correr para a briga. Então olhou para Leya.

— Não! — gritou Perrin. — Luz, não! — As pedras deslizavam sob seus pés descalços, mas ele não sentia os ferimentos. O Trolloc ergueu o

machado. — Leyaaaaaaaa!

No último instante o Trolloc girou, jogando o machado na direção de Perrin. O rapaz se jogou no chão, soltando um grito quando o aço lhe atingiu as costas. Em desespero, estendeu uma das mãos, segurou um dos cascos de bode e puxou com toda a força. O Trolloc perdeu o equilíbrio e caiu com um estrondo. Mas, ao deslizar pela encosta, a besta agarrou Perrin com mãos do dobro do tamanho das dele, e os dois saíram rolando juntos. O fedor invadiu as narinas de Perrin, um fedor que misturava cheiro de cabra e de suor azedo. Sentiu braços gigantescos envolverem seu peito feito uma serpente, fazendo-o perder o ar, e suas costelas rangeram, começando a se quebrar. O Trolloc perdera o machado na queda, mas afundou os dentes de bode no ombro de Perrin, triturando-o com as mandíbulas poderosas. O rapaz grunhiu ao sentir a fisgada de dor descer pelo braço. Seus pulmões lutavam por ar, e a escuridão tomava os cantos de sua visão, mas ele tinha a vaga consciência de que o outro braço estava livre, de que tinha dado um jeito de não largar o próprio machado. Segurou bem a ponta do cabo, como um martelo, mantendo a parte pontuda para a frente. Com um urro que acabou com todo o ar que lhe restava, ele cravou a ponta do machado na têmpora do Trolloc. O bicho convulsionou em silêncio, os braços abertos se debatendo com violência, tentando empurrá-lo para longe. Por puro instinto, Perrin manteve a mão agarrada firme ao machado, relaxando-a quando o Trolloc deslizou, ainda se contorcendo, encosta abaixo.

Por um instante Perrin ficou parado, respirando com dificuldade. O corte em suas costas queimava, e ele as sentiu molhadas de sangue. Ao se levantar, o ombro doeu.

— Leya?

Ela ainda estava lá, encolhida diante da cabana, a menos de dez passos encosta acima. Tinha um olhar que ele mal suportava encarar.

— Não sinta pena de mim! — rosnou ele. — Não sinta…!

O salto que o Myrddraal deu do telhado da cabana pareceu levar um bom tempo, e a capa profundamente negra pairou no ar durante a queda lenta, como se o Meio-homem já estivesse no chão. Ele encarou Perrin com o rosto sem olhos. Tinha cheiro de morte.

O frio invadia os braços e pernas de Perrin enquanto o Myrddraal o encarava. Seu peito parecia um bloco de gelo.

— Leya — sussurrou. Tudo o que podia fazer era não correr. — Leya, por favor, se esconda. Por favor.

O Meio-homem começou a avançar em direção a ele, devagar, confiante de que o medo o paralisava, erguendo uma espada tão preta que somente as labaredas das árvores a tornavam visível.

— Corte uma perna do tripé — disse a criatura, baixinho —, e ele desaba por inteiro. — A voz era áspera como couro podre.

De repente, Leya se mexeu, atirando-se para a frente, tentando agarrar as pernas do Myrddraal. A criatura girou a espada negra para trás de forma quase displicente, sem sequer olhar para os lados, e a mulher desabou no chão.

Lágrimas brotaram nos cantos dos olhos de Perrin. *Eu devia tê-la ajudado… tê-la salvado…. Devia ter feito… alguma coisa!* Porém, sob o olhar sem olhos do Myrddraal, até pensar era um esforço enorme.

Chegamos, irmão. Chegamos, Jovem Touro.

As palavras ressoavam em sua cabeça como o badalar de um sino, as reverberações o faziam estremecer. Com as palavras vieram os lobos, muitos deles, invadindo sua mente como ele sabia que faziam com o vale oval. Lobos-da-montanha que chegavam quase até a cintura de um homem, todos brancos e cinza, eclodindo pela noite em disparada, cientes da surpresa dos de duas pernas enquanto corriam para atacar os Distorcidos. Os lobos encheram sua mente até ele quase esquecer que era humano. Seus olhos, dourados e reluzentes, concentravam a luz. O Meio-homem parou de avançar, como se tomado por uma súbita hesitação.

— Desvanecido — disse Perrin, secamente. Mas então um nome diferente surgiu em sua mente, vindo dos lobos. Trollocs, os Distorcidos, criados durante a Guerra das Sombras a partir do cruzamento entre homens e animais, eram ruins o bastante, mas o Myrddraal… — Desnascido! — cuspiu o Jovem Touro. Com os lábios contorcidos em um rosnado, ele se lançou de encontro à criatura.

O Myrddraal se movia como uma víbora, mortal e sinuosa, e a espada negra era veloz como um raio, mas ele era o Jovem Touro. Era assim que os lobos o chamavam. Jovem Touro, cujos chifres de aço ele controlava com as próprias mãos. Ele e os lobos eram um. Ele era um lobo, e qualquer lobo morreria cem vezes para ver um Desnascido morrer. O Desvanecido recuou diante dele, a espada dardejante agora tentando amparar os golpes.

Tendão e garganta, era assim que os lobos matavam. O Jovem Touro se jogou de repente para um lado e caiu de joelhos, atingindo a parte de trás do joelho do Meio-homem com o machado. A criatura gritou, era um som de ranger os ossos que teria deixado Perrin arrepiado em qualquer outra ocasião, e caiu, apoiando-se em uma das mãos. O Meio-homem, o Desnascido, ainda segurava a espada com força, mas antes que pudesse se endireitar o machado do Jovem Touro atacou outra vez. Meio degolada, a cabeça do Myrddraal caiu para trás e ficou pendurada nas costas. Ainda assim, apoiado em uma das mãos, o Desnascido brandia a espada loucamente. Os Desnascidos sempre demoravam a morrer.

Tanto pelas imagens dos lobos quanto pelos próprios olhos, o Jovem Touro via Trollocs se debatendo no chão, ganindo, intocados por lobos ou homens. Estavam ligados àquele Myrddraal e morreriam quando ele morresse, se ninguém os matasse antes.

A ânsia de descer a encosta e juntar-se a seus irmãos, juntar-se à matança dos Distorcidos e ir à caça dos Desnascidos que restavam era forte, mas um fragmento escondido do homem que ele ainda era se lembrou: *Leya*.

Ele largou o machado e virou-se para ela, devagar. O rosto da mulher estava coberto de sangue, e ela o encarava, os olhos paralisados pela morte. Parecia um olhar acusatório.

— Eu tentei — disse. — Tentei salvar você. — O olhar dela não se alterou. — O que mais eu poderia ter feito? Ele teria matado você se eu não o tivesse matado!

Venha, Jovem Touro. Venha matar os Distorcidos.

Os lobos voltaram, envolvendo Perrin outra vez. Ele deixou Leya deitada onde estava e pegou o machado, que tinha um brilho molhado na lâmina. Seus olhos brilhavam enquanto ele descia a encosta pedregosa correndo. Ele era o Jovem Touro.

As árvores espalhadas ao redor do vale oval queimavam como tochas. Um pinheiro alto ardia em chamas quando o Jovem Touro se uniu à batalha. O ar da noite brilhava em um tom azulado, semelhante a um raio dentro de uma nuvem, quando Lan começou a lutar com outro Myrddraal. Aço antigo feito por Aes Sedai contra aço negro forjado em Thakan’dar, na escuridão de Shayol Ghul. Loial manejava um bastão do tamanho de uma vara de cerca, um pedaço de madeira rodopiante que delimitava um espaço onde nenhum Trolloc era capaz de entrar sem cair. Homens lutavam desesperados sob as

sombras dançantes, mas o Jovem Touro, Perrin, reparou a distância que muitos dos de duas pernas shienaranos haviam sido abatidos.

Os irmãos e irmãs lutavam em pequenos grupos de três ou quatro, esquivando-se das espadas em forma de foice e dos machados com um lado perfurante, investindo com os dentes afiados tentando dilacerar tendões, tentando abocanhar as gargantas de suas presas caídas. Não havia honra na forma em que lutavam, nem glória ou compaixão. Não estavam ali para batalhar, mas para matar. O Jovem Touro juntou-se a um dos pequenos grupos, a lâmina do machado fazendo as vezes de dentes.

Já não pensava na batalha como um todo. Havia apenas o Trolloc que ele e os lobos — os irmãos — apartavam do resto e traziam ao chão. Logo haveria outro, e mais outro, até que não restasse mais Trollocs. Não ali, nem em lugar algum. Ele sentiu um ímpeto de largar o machado e usar os dentes, de correr em quatro patas como faziam seus irmãos. Correr por elevados estreitos das montanhas. Correr afundado até a barriga na neve solta, à caça de cervos. Correr com o vento gelado sacudindo os pelos. Ele rosnou junto aos irmãos, e os Trollocs ganiram, ainda mais amedrontados por seus olhos amarelos do que pelos dos outros lobos.

De súbito, percebeu que não havia mais Trollocs em nenhum ponto do vale, embora sentisse que seus irmãos perseguiam os que fugiam. Um grupo de sete tinha uma presa diferente, lá fora na escuridão. Um dos Desnascidos tentou alcançar o de quatro patas de pés duros que lhe pertencia — o cavalo, lembrou uma parte distante dele —, e os irmãos partiram em seu encalço, focinhos farejando o cheiro da criatura, a essência da morte. Em sua mente, Perrin estava com eles, enxergava com os olhos deles. Ao se aproximarem, o Desnascido se virou, praguejando, espadas e roupas negras feito a noite. Mas era na noite que seus irmãos e irmãs caçavam.

O Jovem Touro soltou um rosnado quando o primeiro irmão morreu, a dor de sua morte a lanciná-lo. Os outros, porém, fecharam o cerco, e mais irmãos e irmãs morreram, no entanto as mandíbulas puxaram o Desnascido para o chão. A criatura agora lutava com os próprios dentes, dilacerando gargantas, cravando unhas que retalhavam pele e carne igual à garra dura empunhada pelo de duas pernas, mas os irmãos atacavam até a morte. Por fim, uma irmã solitária saiu arquejante da pilha que ainda se contorcia e cambaleou para o lado. Era chamada de Bruma da Manhã, mas, assim como todos os nomes deles, era mais do que aquilo: uma manhã congelante, com o

prenúncio de neve cortante pairando no ar, a névoa grossa se enroscando pelo vale, serpenteando com a brisa gélida que trazia a promessa de uma boa caçada. Erguendo a cabeça, Bruma da Manhã uivou para a lua encoberta pelas nuvens, lamentando seus mortos.

O Jovem Touro jogou a cabeça para trás e uivou com ela, lamentou com ela.

Quando baixou a cabeça, viu que Min olhava para ele.

— Você está bem, Perrin? — perguntou, hesitante. Tinha um ferimento no rosto e uma das mangas do casaco estava rasgada. Segurava um porrete em uma das mãos e uma adaga na outra, ambas sujas de sangue e pelos.

Todos o encaravam, ele reparou, todos os que ainda estavam de pé. Loial se apoiava no bastão comprido, exausto. Os shienaranos, que haviam levado os mortos para um canto, onde Moiraine se agachava sobre um deles, Lan ao seu lado. Até a Aes Sedai o olhava. As árvores flamejantes, feito imensas tochas, emitiam uma luz bruxuleante. Trollocs jaziam mortos por toda parte. Havia mais shienaranos caídos do que de pé, e os corpos de seus irmãos espalhavam-se entre eles. Eram tantos…

Perrin percebeu que queria uivar outra vez. Em um frenesi, encerrou o contato com os lobos. Imagens e emoções o penetravam enquanto ele tentava refreá-las. Finalmente, porém, parou de sentir os lobos, sua dor, sua raiva, seu desejo de caçar os Distorcidos ou de correr… Ele se sacudiu. A ferida nas costas queimava como fogo, e o ombro dilacerado parecia ter sido martelado em uma bigorna. Os pés descalços, arranhados e feridos, latejavam de dor. O cheiro de sangue estava em toda parte. Cheiro de Trollocs e morte.

— Eu… Eu estou bem, Min.

— Você lutou bem, ferreiro — comentou Lan. O Guardião ergueu a espada ainda suja de sangue sobre a cabeça. — *Tai'shar Manetheren! Tai'shar Andor!* — O verdadeiro sangue de Manetheren. O verdadeiro sangue de Andor.

Os shienaranos ainda de pé — restavam tão poucos — ergueram as espadas e juntaram-se a ele.

— *Tai'shar Manetheren! Tai'shar Andor!*

Loial assentiu.

— *Ta'veren* — acrescentou.

Perrin baixou os olhos, envergonhado. Lan o poupara de perguntas que ele não queria responder, mas lhe concedera uma honra que ele não merecia. Os outros não compreendiam. Ele se perguntou o que diriam se soubessem a verdade. Min se aproximou, e ele murmurou:

— Leya morreu. Eu não consegui… quase cheguei a tempo.

— Não teria feito diferença — respondeu ela, baixinho. — Você sabe disso. — Ela se inclinou para espiar as costas dele e estremeceu. — Moiraine vai cuidar de você. Está curando quem pode.

Perrin assentiu. Sentia as costas pegajosas do sangue que secava, escorrido até o quadril, mas, apesar da dor, mal notava a ferida. *Luz, quase não voltei, agora há pouco. Não posso deixar que isso aconteça de novo. Não vou! Nunca mais!*

No entanto, quando estava com os lobos era tudo tão diferente. Não precisava se preocupar com estranhos que se assustavam só por causa de seu tamanho. Ninguém o achava devagar demais só porque tentava ser cuidadoso. Os lobos conheciam uns aos outros mesmo sem jamais terem se visto, e, ao lado deles, Perrin era apenas mais um lobo.

Não! Ele agarrou o cabo do machado. *Não!* Levou um susto quando Masema se pronunciou, de repente:

— Isso foi um sinal — disse o shienarano, voltando-se para se dirigir a todos. Ele tinha sangue nos braços e no peito, pois lutara apenas de calças, e mancava ao caminhar, mas o brilho em seus olhos refletia um fervor jamais visto. Um fervor maior. — Foi um sinal para confirmar o nosso destino. Até os lobos vieram lutar pelo Dragão Renascido. Na Última Batalha, o Lorde Dragão convocará até as bestas das florestas para lutar do nosso lado. É um sinal para seguirmos adiante. Apenas os Amigos das Trevas não se juntarão a nós.

Dois shienaranos assentiram.

— Cale essa sua boca imunda, Masema! — ralhou Uno. Parecia ileso, mas aquele homem já lutava com Trollocs antes mesmo de Perrin nascer. Mesmo assim, estava curvado de cansaço. Apenas o olho pintado em seu tapa-olho parecia disposto. — Seguiremos adiante quando o Lorde Dragão mandar e não antes! É bom que esses seus fazendeiros chamejados se lembrem disso! — O caolho encarou a fileira crescente de homens já atendidos por Moiraine. Poucos mal conseguiam sentar, mesmo depois de

ela terminar. Ele sacudiu a cabeça. — Pelo menos teremos muito couro de lobo para aquecer os feridos.

— *Não!* — Os shienaranos se surpreenderam com a veemência na voz de Perrin. — Eles lutaram por nós, e vamos enterrá-los com nossos mortos.

Uno franziu a testa e abriu a boca como se fosse discutir, mas Perrin o encarou com olhos firmes e amarelos. Foi o shienarano quem baixou o olhar primeiro, depois assentiu.

Perrin pigarreou, mais uma vez envergonhado, enquanto Uno ordenava aos shienaranos que estavam em condições que recolhessem os lobos mortos. Min o olhava de soslaio, como fazia quando pressentia as coisas.

— Onde está Rand? — perguntou ele a ela.

— Por aí, no escuro — respondeu ela, inclinando a cabeça para o alto da encosta sem tirar os olhos dele. — Não quer falar com ninguém. Só fica sentado brigando com qualquer um que se aproxime.

— Ele vai falar comigo — disse Perrin. Ela foi atrás, resmungando o tempo inteiro que ele deveria esperar Moiraine olhar suas feridas. *Luz, o que será que ela vê quando olha para mim? Não quero saber.*

Rand estava sentado no chão logo depois do clarão das árvores incendiadas, encostado no tronco de um carvalho atrofiado. Fitava o vazio, com os braços cruzados em torno do corpo e as mãos enfiadas sob o casaco vermelho, como se sentisse frio. Não pareceu notar a aproximação dos dois. Min sentou-se a seu lado, mas ele não se mexeu quando ela pousou a mão em seu braço. Mesmo ali, Perrin sentia cheiro de sangue, e não era só o dele.

— Rand — começou Perrin, mas o outro o interrompeu.

— Sabe o que eu fiz durante a luta? — Ainda com o olhar distante, Rand se dirigia à noite. — Nada! Nada de útil. Primeiro, quando busquei a Fonte Verdadeira, não consegui tocá-la, não mantive o contato. Ficava me escapando. Depois, quando finalmente consegui, queria queimar todos eles, queria queimar todos os Trollocs e Desvanecidos. E tudo o que consegui foi atear fogo a algumas árvores. — Ele estremeceu com um riso silencioso, depois parou, com uma expressão sofrida. — *Saidin* me preencheu até eu pensar que explodiria como os fogos de artifício. Eu tinha que canalizar contra alguma coisa, tinha que me livrar daquilo antes que me consumisse, e me peguei pensando em derrubar a montanha e soterrar todos os Trollocs. Quase tentei. Essa foi a minha luta. Não contra os Trollocs. Contra mim mesmo. Para evitar que acabássemos todos soterrados pelas montanhas.

Min lançou a Perrin um olhar sofrido, como se pedisse ajuda.

— Nós… demos conta deles, Rand — respondeu Perrin. Ele tremeu, pensando em todos os homens feridos lá embaixo. E nos mortos. *Melhor que a montanha desabando sobre nós.* — Você não foi necessário.

Rand jogou a cabeça para trás, apoiando-a na árvore, e fechou os olhos.

— Eu senti a chegada deles — disse, quase em um sussurro. — Mas não soube o que era. Eles são iguais à mácula de *saidin*. E *saidin* está sempre lá, me chamando, cantando para mim. Quando percebi a diferença, Lan já estava emitindo o alerta. Se eu pelo menos conseguisse controlar o poder, poderia ter dado o alerta antes que chegassem ainda mais perto. Só que, na metade das vezes em que consigo de fato tocar *saidin*, não tenho a menor ideia do que estou fazendo. Mas eu poderia ter avisado.

Incomodado, Perrin mexeu os pés machucados.

— Recebemos avisos suficientes. — Ele sabia que soava como se tentasse convencer a si próprio. *Eu também poderia ter avisado, se tivesse falado com os lobos. Eles sabiam que havia Trollocs e Desvanecidos nas montanhas. Estavam tentando me avisar.* Mas refletiu: se não tivesse tirado os lobos da cabeça, será que não estaria correndo com eles naquele mesmo instante? Havia um homem, Elyas Machera, que também era capaz de falar com lobos. Elyas corria com os lobos o tempo todo, mas ainda parecia se lembrar de que era um homem. Contudo, nunca revelara a Perrin como conseguia, e fazia muito tempo que Perrin não o via.

O barulho de botas nas pedras anunciou a chegada de duas pessoas, e o vento trouxe seus odores até Perrin. No entanto, ele teve o cuidado de não revelar nomes até que Lan e Moiraine se aproximassem o suficiente para serem reconhecidos por olhos comuns.

O Guardião estava com uma das mãos posicionada sob o braço da Aes Sedai, como se tentasse apoiá-la sem que ela percebesse. Moiraine tinha os olhos cansados, e uma de suas mãos segurava a pequena escultura de uma mulher, em marfim, enegrecida pelo tempo. Perrin sabia que era um *angreal*, um fragmento da Era das Lendas que possibilitava que uma Aes Sedai canalizasse em segurança uma quantidade maior do Poder do que poderia sem ajuda. Utilizá-lo nas curas era um indicativo do cansaço de Moiraine.

Min levantou-se para ajudar a mulher, mas a Aes Sedai a afastou.

— Já cuidei de todos os outros — disse a Min. — Quando terminar aqui, poderei descansar. — Também dispensou Lan com um gesto, e um olhar de

concentração surgiu em seu rosto quando ela passou a mão fria pelo ombro ensanguentado de Perrin, depois pela ferida em suas costas. O toque arrepiou a pele dele. — Não está tão mal — disse. — O ferimento no ombro foi mais profundo, mas os cortes são superficiais. Aguente firme. Não vai doer, mas…

Ele jamais havia considerado fácil ficar perto de alguém canalizando o Poder Único, e menos ainda se ele estivesse envolvido. Mesmo assim passara por uma ou duas situações como essa e achava que sabia o que uma canalização envolvia, mas aquelas haviam sido curas menores, simples revigoramentos quando Moiraine não podia se dar ao luxo de tê-lo abatido. Nunca houvera nada como aquilo.

Os olhos da Aes Sedai de repente pareciam enxergar dentro dele, através dele. Ele engasgou, quase deixando cair o machado. Podia sentir a pele das costas se arrastando, os músculos se contorcerem ao se fundirem outra vez. Seu ombro estremeceu de um jeito incontrolável, e tudo virou um borrão. O frio lhe calcinou os ossos, depois queimou ainda mais fundo. Ele tinha a impressão de se mover, de desabar, de voar. Não sabia ao certo o que era, mas sentia-se como se estivesse correndo — para algum lugar, de alguma forma — para sempre, a grande velocidade. Depois de uma eternidade, o mundo entrou em foco outra vez. Moiraine deu um passo atrás, meio cambaleante, e Lan segurou-a pelo braço.

Boquiaberto, Perrin olhou o próprio ombro. Os cortes e contusões haviam desaparecido, e ele sentia apenas pontadas. Virou-se com cuidado, mas também não sentia dor nas costas. Nem nos pés, e não precisou olhá-los para saber que os arranhões e hematomas também já não estavam lá. Seu estômago roncou alto.

— Você precisa comer assim que possível — disse Moiraine. — Uma boa parte da força para isso veio de você. Precisa repô-la.

Fome, acompanhada de imagens de comidas, já começava a dominar os pensamentos de Perrin. Um bife sangrento, carne de veado, de carneiro, de… Ele fez um esforço e se obrigou a parar de pensar em carne. O que encontraria era um daqueles tubérculos que cheiravam a nabo depois de cozidos. Seu estômago resmungou em protesto.

— Quase não ficou cicatriz, ferreiro — comentou Lan, atrás dele.

— A maioria dos lobos feridos foi embora para a floresta — disse Moiraine, se espichando e massageando as costas —, mas eu curei os que

consegui encontrar. — Perrin lhe lançou um olhar aguçado, mas ela parecia estar apenas comentando. — Talvez tiveram motivos para vir, mas sem dúvida estaríamos todos mortos sem a ajuda deles. — Perrin mudou de posição, incomodado, e baixou os olhos.

A Aes Sedai estendeu o braço em direção ao ferimento no rosto de Min, que recuou:

— Não estou tão machucada, e você já está cansada. Já fiquei pior só caindo sozinha.

Moiraine sorriu e abaixou a mão. Lan pegou seu braço. A mulher oscilou, amparada por ele.

— Muito bem. E você, Rand? Está ferido? O menor talho da espada de um Myrddraal pode ser mortal, e as de alguns Trollocs são igualmente ruins.

Perrin percebeu algo pela primeira vez.

— Rand, seu casaco está molhado.

Rand afastou do casaco a mão direita, banhada em sangue.

— Não foi um Myrddraal — disse, absorto, olhando para a própria mão. — Não foi nem um Trolloc. A ferida que sofri em Falme abriu.

Moiraine sibilou, desvencilhou-se de Lan com um solavanco e jogou-se de joelhos ao lado de Rand. Puxou a lateral do casaco para trás e examinou a ferida. Perrin não conseguia ver, pois a cabeça dela estava na frente, mas o cheiro de sangue estava mais forte. As mãos de Moiraine se mexiam, e Rand fazia caretas de dor.

— "O sangue do Dragão Renascido sobre as pedras de Shayol Ghul libertará a humanidade da Sombra." Não era isso que diziam as Profecias do Dragão?

— Quem lhe disse isso? — perguntou Moiraine, ríspida.

— Se você pudesse me levar a Shayol Ghul agora — continuou Rand, sonolento — por um Portal dos Caminhos ou uma Pedra-portal, isso tudo poderia terminar. Nenhuma outra morte. Nenhum outro sonho. Mais nada.

— Se fosse simples assim — retrucou Moiraine, com uma careta —, eu daria um jeito de levar você, mas nem tudo em *O Ciclo de Karaethon* pode ser levado ao pé da letra. Para cada trecho literal, há outros dez que podem estar sujeitos a cem interpretações diferentes. Não pense que você sabe de tudo o que *deve* acontecer, mesmo que tenha ouvido alguém recitar as Profecias inteiras. — Ela fez uma pausa, como se reunisse forças. Apertou

ainda mais o *angreal* e deslizou a mão livre pelo corpo de Rand, como se ele não estivesse banhado em sangue. — Prepare-se.

De repente, Rand arregalou os olhos e se sentou ereto, arfando, trêmulo, paralisado. Quando foi curado, Perrin pensou que aquilo havia levado uma eternidade, mas em poucos instantes Moiraine ajudava Rand a se encostar outra vez no carvalho.

— Eu fiz… tudo o que pude — disse, com a voz fraca. — Tudo o que pude. Você precisa tomar cuidado. A ferida pode abrir de novo, se… — A voz foi morrendo, e ela desabou.

Rand a amparou, mas em um segundo Lan chegou para pegá-la nos braços. Naquele instante uma expressão percorreu o rosto do Guardião, a expressão mais próxima de afeto que Perrin podia imaginar em Lan.

— Exausta — disse o Guardião. — Ela cuidou de todos os outros, mas não há ninguém para ajudar com o cansaço dela. Vou colocá-la na cama.

— Tem Rand — sugeriu Min devagar, mas o Guardião negou com a cabeça.

— Não é que eu pense que você não tentaria, pastor — disse —, mas sabe tão pouco que poderia acabar matando-a em vez de ajudar.

— Está certo — concordou Rand, em um tom amargo. — Não sou confiável. Lews Therin Fratricida matou todos ao seu redor. Talvez eu faça o mesmo antes de morrer.

— Mantenha o controle, pastor — retrucou Lan, com dureza. — Você carrega o mundo inteiro nos ombros. Lembre-se de que é um homem e faça o que tem de ser feito.

Rand olhou para o Guardião, e, inesperadamente, toda a amargura pareceu se dissipar.

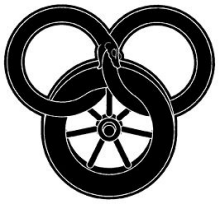
— Lutarei da melhor maneira que puder — respondeu. — Porque não há mais ninguém, e isso tem de ser feito, e o dever é meu. Vou lutar, mas não sou obrigado a gostar do que me tornei. — Ele fechou os olhos como se fosse dormir. — Eu vou lutar. Sonhos…

Lan o encarou por um instante, então assentiu. Ergueu a cabeça e olhou para Perrin e Min, que estavam diante de Moiraine.

— Tratem de deitá-lo na cama, depois vão dormir vocês dois também. Temos planos a fazer, e só a Luz sabe o que acontecerá em seguida.



CAPÍTULO 6



A Caçada Começa

Perrin não esperava pegar no sono, mas o estômago cheio de cozido frio — a decisão de que comeria apenas tubérculos havia durado apenas até o cheiro das sobras do jantar chegarem ao seu nariz — e o cansaço profundo o derrubaram na cama. Se sonhou, não lembrava. Acordou com Lan sacudindo seus ombros. A claridade da aurora que entrava pela porta transformava o Guardião em uma sombra com halo luminoso.

— Rand foi embora. — Foi tudo o que Lan disse antes de sair correndo, mas era mais que suficiente.

Perrin rastejou para fora da cama bocejando e se vestiu depressa, sob o frio da manhã. Do lado de fora havia apenas um punhado de shienaranos à vista. Arrastavam corpos de Trollocs para a floresta com a ajuda dos cavalos, e, a julgar pelo modo como se moviam, a maioria deveria estar na cama, recuperando-se. O organismo precisava de tempo para restituir a força que a Cura exigia.

A barriga de Perrin roncou, e ele farejou a brisa, na esperança de que alguém já tivesse começado a cozinhar. Comeria aquelas raízes com cara de nabo, mesmo que cruas. Sentiu apenas o fedor persistente de Myrddraal e Trollocs mortos, de homens, vivos e mortos, de cavalos e árvores. E de lobos mortos.

A cabana de Moiraine, no alto do outro extremo do vale, parecia bastante movimentada. Min entrou nela correndo, e em instantes Masema saiu, depois Uno. Mais do que depressa, o caolho sumiu em meio às árvores

em direção ao muro íngreme de pedras que ficava depois da cabana, enquanto os outros shienaranos mancavam pela descida da encosta.

Perrin foi correndo na direção da cabana. Patinhando pelo córrego raso, cruzou com Masema. O shienarano tinha uma expressão exausta, a cicatriz pálida na bochecha estava mais proeminente, e os olhos, mais fundos que o habitual. No meio do córrego, ergueu a cabeça de repente e agarrou a manga do casaco de Perrin.

— Você é da mesma aldeia que ele — disse, com a voz rouca. — Deve saber. Por que o Lorde Dragão nos abandonou? Que pecado cometemos?

— Pecado? Do que está falando? Seja lá por que Rand tenha ido embora, não foi por nada do que tenham feito ou deixado de fazer. — Masema não parecia satisfeito, continuava agarrado à manga de Perrin, perscrutando seu rosto como se ali houvesse alguma resposta. A água congelante começou a entrar pela bota esquerda de Perrin. — Masema — tentou dizer, com cuidado —, seja lá o que o Lorde Dragão tenha feito, estava dentro dos planos dele. O Lorde Dragão não nos abandonaria.

Ou será que abandonaria? Se eu estivesse no lugar dele, faria isso?

Masema assentiu devagar.

— Sim. Sim. Estou entendendo. Ele saiu sozinho para anunciar sua chegada. Nós precisamos espalhar a notícia também. Sim. — Ele avançou pelo riacho mancando, murmurando sozinho.

Chapinhando a cada dois passos, Perrin subiu até a cabana de Moiraine e bateu à porta. Não houve resposta. Ele hesitou por um instante, depois entrou.

O cômodo externo, onde Lan dormia, era tão simples e austero quanto a cabana de Perrin. Tinha uma cama dura encostada em uma parede, ganchos para pendurar os pertences e uma prateleira. Não entrava muita luz pela porta aberta, e a única iluminação extra vinha de lampiões grosseiros na prateleira, além de lascas de madeira embebidas em óleo enfiadas nas rachaduras das pedras que soltavam filetes de fumaça, formando uma nuvem sob o teto. Ao sentir o cheiro, Perrin franziu o nariz.

O teto baixo era só um pouco mais alto que sua cabeça. A de Loial chegava a tocá-lo no teto, mesmo com o Ogier sentado encolhido em uma ponta da cama de Lan. As orelhas peludas do amigo tremiam, mostrando seu desconforto. Min estava sentada de pernas cruzadas no chão sujo ao lado da porta do quarto de Moiraine, enquanto a Aes Sedai andava de um lado para

o outro, absorta em seus pensamentos. Deviam ser pensamentos sombrios. Ela só podia dar três passos em cada direção, mas fazia uso vigoroso do espaço, e a calma em seu rosto era desmentida pelos passos ansiosos.

— Acho que Masema está ficando louco — disse Perrin.

Min fungou com desdém.

— Com aquele ali, como dá para saber?

Moiraine parou diante de Perrin, com a boca contraída. Tinha a voz suave. Suave demais.

— Masema é a sua maior preocupação na manhã de hoje, Perrin Aybara?

— Não. Queria saber a que horas Rand foi embora, e por quê. Alguém o viu partir? Alguém sabe para onde foi? — Ele encarou Moiraine com um olhar tão firme e inabalável quanto o dela. Não foi nada fácil. Era bem mais alto que ela, mas a mulher era Aes Sedai. — Isso foi por sua causa, Moiraine? Você tentou conter Rand até ele ficar tão impaciente que quis sair correndo para qualquer lugar, fazer qualquer coisa, só para não ficar mais parado?

Loial enrijeceu as orelhas e sinalizou uma advertência furtiva com o dedo grosso de uma das mãos.

Moiraine perscrutou Perrin com a cabeça inclinada, e ele precisou de toda a sua força de vontade para não baixar os olhos.

— Não foi por minha causa — respondeu ela. — Ele partiu em algum momento no meio da noite. Quando, como e por quê, ainda espero descobrir.

Loial ergueu os ombros, com um discreto suspiro de alívio. Discreto para um Ogier, mas soava como um silvo de vapor escapando de ferro escaldante.

— Jamais irrite uma Aes Sedai — disse, em um sussurro obviamente dirigido para si mesmo, mas que todos ouviram. — "É melhor abraçar o sol do que irritar uma Aes Sedai."

Min estendeu o braço e entregou a Perrin um pedaço de papel dobrado.

— Loial foi ver Rand ontem à noite, depois que fomos dormir, e ele pediu caneta, papel e tinta emprestados.

O Ogier mexeu as orelhas e franziu a testa, preocupado, até que as longas sobrancelhas encostaram nas bochechas.

— Eu não sabia o que ele estava planejando. Não sabia.

— Nós sabemos — tranquilizou-o Min. — Ninguém está acusando você, Loial.

Moiraine olhou o papel com a testa franzida, mas não tentou impedir Perrin de ler. Era a caligrafia de Rand.

> *Faço o que faço porque não há outra saída. Ele está me caçando de novo, e, desta vez, acho que um de nós tem que morrer. Não é necessário que todos à minha volta morram também. Muitos já morreram por mim. Também não quero morrer, e nem pretendo, se conseguir evitar. Há mentiras nos sonhos, e morte, mas os sonhos também dizem a verdade.*

Era só aquilo, sem assinatura. Não havia motivo para Perrin se perguntar de que "ele" Rand estava falando. Para o amigo, para todos eles, só podia ser um. Ba'alzamon.

— Ele enfiou o papel por debaixo da porta — disse Min, com a voz tensa. — Pegou umas roupas velhas que os shienaranos tinham deixado secando no varal, a flauta e um cavalo. E um pouquinho de comida, até onde sabemos. Nenhum dos guardas o viu, e ontem à noite eles teriam visto até um rato passando.

— E quem disse que adiantaria caso o tivessem visto? — perguntou Moiraine, com calma. — Será que algum deles teria impedido o *Lorde Dragão* ou sequer o questionado? Alguns, como Masema, por exemplo, cortariam a própria garganta se o *Lorde Dragão* ordenasse.

Foi a vez de Perrin analisá-la.

— Você esperava outra coisa? Eles juraram segui-lo. Pela Luz, Moiraine, ele jamais teria se intitulado Dragão se não fosse por você. Que atitude esperava deles? — Ela não se pronunciou, e ele prosseguiu, falando mais baixo. — Você acredita nisso, Moiraine? Acredita mesmo que ele é o Dragão Renascido? Ou pensa que ele é só alguém que você pode usar até o Poder Único matar ou enlouquecer?

— Calma, Perrin — disse Loial. — Sem tanta raiva.

— Vou me acalmar quando ela me responder. E então, Moiraine?

— Ele é o que é — respondeu ela, ríspida.

— Você falou que o Padrão acabaria forçando Rand a seguir pelo caminho certo. É isso mesmo ou ele está só tentando fugir de você? — Por um instante, Perrin pensou que tinha ido longe demais. Os olhos negros de Moiraine faiscavam de raiva. Porém, recusou-se a recuar. — E então?

Moiraine respirou fundo.

— Pode muito bem ter sido decidido pelo Padrão, mas eu não queria que ele partisse sozinho. Apesar de tão poderoso, ele é, sob muitos aspectos, indefeso como um bebê, além de ignorante a respeito do mundo. Rand canaliza, mas não controla se estabelece contato com o Poder Único ou não, quando tenta tocá-lo, e, nas vezes em que é bem-sucedido, também não controla o que pode fazer com ele. Se não adquirir um pouco de controle, o próprio Poder vai matá-lo antes que ele tenha a chance de enlouquecer. Ele tem tanto a aprender. E quer correr antes de aprender a andar.

— Você briga por bobagens e joga pistas falsas, Moiraine — afirmou Perrin, com desdém. — Se ele é o que você diz, já lhe ocorreu que talvez ele saiba mais do que você o que precisa fazer?

— Ele é o que é — repetiu ela, com firmeza —, mas preciso mantê-lo vivo se é para ele realizar alguma coisa. Não cumprirá nenhuma profecia morto, e, mesmo que evite os Amigos das Trevas e criaturas da sombra, existem milhares de mãos dispostas a matá-lo. Basta uma pista que indique um centésimo do que ele é. No entanto, se fosse apenas isso que tivesse para enfrentar, minha preocupação não chegaria sequer à metade. Ainda temos que considerar os Abandonados.

Perrin se sobressaltou. Loial, em um canto, soltou um gemido.

— "O Tenebroso e todos os Abandonados estão presos em Shayol Ghul…" — começou a dizer Perrin, sem pensar, mas ela não lhe deu tempo de terminar.

— Os selos estão enfraquecendo, Perrin. Alguns estão quebrados, embora o mundo não saiba. O mundo não pode saber. O Pai das Mentiras não está livre. Por enquanto. Mas os selos enfraquecem cada vez mais, e quais dos Abandonados já podem estar livres? Lanfear? Sammael? Asmodean, Be'lal, Rahvin? Talvez o próprio Ishamael, Traidor da Esperança? Eram treze ao todo, Perrin, todos presos pelos selos, não na prisão que mantém o Tenebroso. Os treze Aes Sedai mais poderosos da Era das Lendas, o mais fraco deles ainda mais forte que as dez mais fortes Aes Sedai de hoje em dia. O mais ignorante detinha todo o conhecimento da Era das Lendas. Cada um desses homens e mulheres abdicou da Luz e entregou a alma à Sombra. E se estiverem livres, soltos, à espera dele? Não vou permitir que o levem.

Perrin estremeceu, em parte pela frieza determinada das últimas palavras dela, em parte por pensar nos Abandonados. Não queria imaginar que houvesse sequer um Abandonado à solta no mundo. Sua mãe o assustara com aqueles nomes quando ele era criança. *Ishamael vem pegar os meninos que mentem para as mães. Lanfear vem puxar os pés dos meninos que não vão para a cama na hora de dormir.* Ser adulto não diminuía em nada seu medo, não quando sabia que todos eram reais. Não quando Moiraine dizia que poderiam estar livres.

— Presos em Shayol Ghul — sussurrou, desejando ainda acreditar. Preocupado, releu a carta de Rand. — Sonhos. Ele também falou sobre sonhos ontem.

Moiraine se aproximou e o encarou.

— Sonhos? — Lan e Uno entraram, mas ela acenou para que fizessem silêncio. O pequeno aposento estava completamente lotado, com cinco pessoas e mais um Ogier. — Quais foram os *seus* sonhos nos últimos dias, Perrin? — Ela ignorou o protesto dele de que não havia nada de errado com seus sonhos. — Me conte — insistiu. — Que sonhos incomuns você andou tendo? Me conte. — O olhar dela o prendia como uma pinça de ferreiro, impelindo-o a falar.

Ele olhou para os outros — todos o encaravam fixamente, até Min —, e contou, hesitante, o único sonho que lhe parecia incomum, o que tinha todas as noites. O sonho da espada que ele não conseguia tocar. Não mencionou o lobo que aparecera no último.

— *Callandor* — sussurrou Lan, quando Perrin terminou de contar. Rosto de pedra ou não, ele parecia chocado.

— Sim — disse Moiraine —, mas precisamos ter certeza absoluta. Fale com os outros. — Assim que Lan saiu, ela se virou para Uno. — E você? Também sonhou com alguma espada?

O shienarano mexeu os pés. O olho vermelho pintado no tapa-olho encarava Moiraine, mas o verdadeiro piscava e tremia.

— Eu sonho com essas bost… hã, com espadas o tempo todo, Moiraine Sedai — respondeu, severo. — Acho que sonhei com uma espada nas últimas noites. Não me lembro dos meus sonhos como Lorde Perrin se lembra dos dele.

— Loial? — perguntou Moiraine.

— Meus sonhos são sempre os mesmos, Moiraine Sedai. Os bosques, as Grandes Árvores e os *pousos*. Nós Ogier sempre sonhamos com os *pousos* quando estamos longe deles.

A Aes Sedai virou-se outra vez para Perrin.

— Foi só um sonho — disse ele. — Só isso.

— Eu duvido — retrucou a mulher. — Você descreveu em detalhes o salão chamado Coração da Pedra, que fica dentro fortaleza chamada Pedra de Tear. E a espada brilhante é *Callandor*, a Espada Que Não É Espada, a Espada Que Não Se Pode Tocar.

Loial se empertigou, batendo a cabeça no teto. Não pareceu nem reparar.

— As Profecias do Dragão dizem que a Pedra de Tear não cairá até que *Callandor* seja empunhada pela mão do Dragão — disse ele. — A queda da Pedra de Tear será um dos principais sinais do Renascimento do Dragão. Se Rand empunhar *Callandor*, o mundo inteiro deverá reconhecê-lo como o Dragão.

— Talvez. — A palavra saiu dos lábios da Aes Sedai como uma lasca de gelo em águas paradas.

— Talvez? — perguntou Perrin. — Talvez? Achei que esse fosse o último sinal, o último presságio do cumprimento das Profecias.

— Não é nem o primeiro nem o último — respondeu Moiraine. — *Callandor* cumprirá apenas uma das profecias previstas em *O Ciclo de Karaethon*, assim como o nascimento dele nas encostas do Monte do Dragão cumpriu antes. Ele ainda precisa dividir as nações ou destruir o mundo. Nem os sábios que estudaram as Profecias durante a vida inteira sabem interpretar todas elas. O que significa "ele matará seu povo com a espada da paz e o destruirá com a folha"? O que significa "ele fará as nove luas o servirem"? No entanto, essas passagens têm o mesmo peso de *Callandor,* no *Ciclo*. E ainda há outras. Quais "chagas de loucura e talhos de esperança" ele curou? Quais correntes rompeu e quem foi que o acorrentou? Algumas são tão obscuras que ele talvez já tenha cumprido, embora eu não esteja ciente. Mas, não. *Callandor* está muito longe de ser o fim.

Perrin deu de ombros, incomodado. Ele só conhecia alguns trechos das Profecias, e gostava ainda menos de escutá-los desde que Rand deixara Moiraine pôr aquele estandarte em suas mãos. Não, na verdade desde antes disso. Desde que uma viagem por uma Pedra-portal o convencera de que sua vida estava atrelada à de Rand.

Moiraine prosseguiu:

— Se pensa que basta ele estender a mão, Loial, filho de Arent, filho de Halan, você é um tolo, assim como ele, se pensar como você. Ainda que ele sobreviva à viagem a Tear, talvez jamais alcance a Pedra. Os tairenos não têm amor pelo Poder Único, muito menos por qualquer homem que afirme ser o Dragão. Canalizar é proibido, e Aes Sedai até são toleradas, contanto que não canalizem. Em Tear, narrar as Profecias do Dragão ou sequer possuir uma cópia já é o bastante para ser mandado para a prisão. E ninguém adentra a Pedra de Tear sem a permissão dos Grãos-lordes. Ninguém, a não ser os próprios Grãos-lordes, entra no Coração da Pedra. Ele não está preparado. Não está.

Perrin soltou um leve grunhido. A Pedra só cairia quando o Dragão Renascido empunhasse *Callandor*. *Como, pela Luz, ele vai conseguir alcançá-la dentro da porcaria de uma fortaleza antes que o lugar desabe? É loucura!*

— Por que estamos sentados aqui? — explodiu Min. — Se Rand está indo para Tear, por que não vamos atrás? Ele pode morrer, ou… ou… por que estamos aqui sentados?

Moiraine colocou a mão na cabeça de Min.

— Porque preciso ter certeza — disse, com delicadeza. — Não é nada confortável ser escolhido pela Roda, ser grande ou estar muito próximo à grandeza. Aos escolhidos pela Roda resta apenas aceitar o que vem.

— Estou cansada de aceitar o que vem. — Min esfregou os olhos. Perrin pensou ter visto lágrimas. — Rand pode estar morrendo enquanto esperamos.

Moiraine afagou os cabelos de Min. O olhar no rosto da Aes Sedai era quase de piedade.

Perrin sentou-se na ponta da cama de Lan, do lado oposto de Loial. Havia um cheiro forte de gente no quarto — gente, medo e preocupação. Loial, além de preocupação, cheirava a livros e a árvores. Parecia uma armadilha, com as paredes em volta, todas tão próximas. As lascas de madeira queimada fediam.

— Como meu sonho pode dizer aonde Rand está indo? — perguntou. — Quem sonhou fui eu.

— Aqueles capazes de canalizar o Poder Único — explicou Moiraine, com calma —, aqueles que são muito fortes em Espírito, às vezes conseguem

fazer com que seus sonhos penetrem nos dos outros. — Ela continuava a consolar Min. — Principalmente nos mais… suscetíveis. Não creio que Rand tenha feito isso de propósito, mas os que tocam a Fonte Verdadeira podem ter sonhos muito poderosos. Os de alguém com a força dele poderiam dominar uma aldeia inteira, talvez até uma cidade. Ele sabe muito pouco a respeito do que faz, e sabe menos ainda controlar suas ações.

— Então por que você não sonhou também? — indagou o rapaz. — Ou Lan. — Uno olhava para a frente, como se preferisse estar em qualquer outro lugar, e as orelhas de Loial estavam caídas. Perrin estava cansado e faminto demais para se importar em demonstrar o devido respeito a uma Aes Sedai. Além de muito irritado, notou. — Por quê?

Moiraine respondeu com muita calma:

— Aes Sedai aprendem a resguardar os sonhos. Faço isso sem pensar quando durmo. Aos Guardiões, com o elo, algo parecido é concedido. Um Gaidin não poderia fazer o que é preciso com a Sombra invadindo seus sonhos. Todos ficamos vulneráveis enquanto dormimos, e durante a noite a Sombra ganha força.

— Você sempre conta alguma novidade — resmungou Perrin. — Será que não dava para explicar as coisas antes, em vez de esperar elas acontecerem?

Uno parecia estar tentando pensar em alguma desculpa para sair.

Moiraine lançou a Perrin um olhar indiferente.

— Quer que eu compartilhe com você uma vida inteira de conhecimento no intervalo de uma tarde? Ou de um ano? Vou lhe contar uma coisa. Tome cuidado com os sonhos, Perrin Aybara. Tome muito cuidado.

Ele desviou o olhar.

— Eu tomo — murmurou. — Eu tomo.

Depois daquilo um silêncio se abateu, e ninguém pareceu querer quebrá-lo. Min continuava sentada, encarando as pernas cruzadas, aparentemente reconfortada pela presença de Moiraine. Uno permanecia de pé diante da parede, sem olhar para ninguém. Loial se distraiu de tal forma que puxou um livro do bolso do casaco e começou a tentar ler na penumbra. A espera era longa, e nada fácil para Perrin. *Não é a Sombra em meus sonhos que me amedronta. São os lobos. Não vou deixá-los entrar. Não vou!*

Lan retornou, e Moiraine se empertigou, ansiosa. O Guardião respondeu à pergunta em seus olhos.

— Metade deles se lembra de sonhar com espadas nas últimas quatro noites seguidas. Alguns se lembram de um lugar com grandes colunas, e cinco disseram que a espada era de cristal ou de vidro. Masema afirmou que viu Rand erguer a espada ontem à noite.

— Isso já basta. — Moiraine esfregou as mãos com força. Parecia cheia de energia. — *Agora* tenho certeza. Mas ainda gostaria de saber como foi que ele saiu daqui sem ser visto. Se redescobriu algum Dom da Era das Lendas…

Lan olhou para Uno, e o caolho deu de ombros, consternado.

— Acabei me esquecendo, com todo esse falatório chamej… — Ele limpou a garganta, olhando para Moiraine. Ela correspondeu o olhar, esperando que prosseguisse, e ele continuou: — Quer dizer… hã… quer dizer, eu segui o rastro do Lorde Dragão. Agora existe outro caminho que dá naquele vale fechado. O… terremoto derrubou o paredão mais afastado. É uma subida difícil, mas dá para ir a cavalo. Encontrei mais pegadas no topo, e de lá é fácil contornar a montanha. — Ao terminar de falar, respirou fundo.

— Bom — disse Moiraine. — Pelo menos ele não redescobriu como voar, ficar invisível ou qualquer coisa saída das lendas. Precisamos ir atrás dele agora mesmo. Uno, vou lhe dar ouro suficiente para todos chegarem em Jehannah, além do nome de uma pessoa por lá que proverá mais. O povo de Ghealdan é cauteloso com estranhos, mas, se vocês não se expuserem, não serão incomodados. Fiquem lá, aguardando notícias minhas.

— Mas vamos com você — protestou ele. — Todos juramos seguir o Dragão Renascido. Não vejo como nós, sendo tão poucos, poderemos tomar uma fortaleza que nunca desabou, mas com a ajuda do Lorde Dragão faremos o que tem de ser feito.

— Então agora somos o "Povo do Dragão". — Perrin soltou uma risada melancólica. — "A Pedra de Tear não cairá antes da vinda do Povo do Dragão." Você nos deu um novo nome, Moiraine?

— Segure a língua, ferreiro — rosnou Lan, duro e frio.

Moiraine lançou aos dois um olhar penetrante, e eles se calaram.

— Me desculpe, Uno — disse ela —, mas precisamos seguir viagem rápido se quisermos ter esperanças de alcançar Rand. Vocês são os únicos shienaranos com preparo físico para uma caminhada difícil, e não podemos perder os dias necessários para que os outros recuperem a energia. Mando buscar vocês assim que puder.

Uno pareceu não gostar da ideia, mas fez uma mesura aquiescente. Assim que ela o dispensou, ele ajeitou os ombros e partiu para dar as ordens.

— Bem, eu vou junto, não importa o que você diga — falou Min, com firmeza.

— Você vai para Tar Valon — ordenou Moiraine.

— Não vou, não!

A Aes Sedai prosseguiu calmamente, como se a outra mulher não tivesse dito palavra.

— O Trono de Amyrlin deve ser informado a respeito do que aconteceu, e não posso ter certeza de que encontrarei alguém de confiança que tenha algum pombo-correio; nem que o Trono verá uma mensagem enviada por um pombo. Vai ser uma viagem longa e difícil. Não mandaria você sozinha se houvesse alguém para ir junto, mas vou lhe dar algum dinheiro e cartas que poderão ajudar no trajeto. No entanto, vai ter que cavalgar depressa. Quando um cavalo se cansar, compre outro ou roube um, se for preciso, mas cavalgue depressa.

— Deixe Uno levar a mensagem. Ele tem preparo físico, você mesma disse. Eu vou atrás de Rand.

— Uno tem as próprias obrigações, Min. Além disso, você acha que um homem poderia simplesmente cruzar os portões da Torre Branca e pedir uma audiência com o Trono de Amyrlin? Até um rei teria que esperar por dias se chegasse sem avisar, e temo que qualquer um dos shienaranos teria que esperar semanas, senão a vida inteira. Sem falar que algo tão estranho chegaria aos ouvidos de todos em Tar Valon antes do primeiro crepúsculo. Poucas mulheres pedem audiências com o Trono, mas pode acontecer, e o fato não gera grande alvoroço. Ninguém pode sequer saber que o Trono de Amyrlin recebeu uma mensagem minha. A vida dela, e a nossa, pode depender disso. É você quem deve ir.

Min continuava sentada, abrindo e fechando a boca, claramente procurando outros argumentos, mas Moiraine já prosseguia com as ordens:

— Lan, temo que encontremos mais evidências da passagem dele do que gostaria, mas confio na sua capacidade de rastrear. — O Guardião assentiu. — Perrin? Loial? Vocês podem vir comigo atrás de Rand? — De onde estava, encostada na parede, Min soltou um chiado de indignação, mas a Aes Sedai a ignorou.

— Eu vou — disse Loial, no mesmo instante. — Rand é meu amigo. E eu admito… não quero perder nada. Para o meu livro, entende?

Perrin demorou mais a responder. Rand era seu amigo, não importava o que tivesse se tornado ao ser forjado. E havia aquela quase certeza de que seus futuros estavam interligados, embora ele, se pudesse, evitaria aquela parte.

— Tem de ser feito, não tem? — disse por fim. — Eu vou.

— Bom. — Moiraine esfregou as mãos mais uma vez, com a expressão de alguém se preparando para o trabalho. — Vão todos se aprontar de uma vez. Rand está algumas horas à nossa frente. Pretendo avançar bastante antes do meio-dia.

Apesar de esguia, a força de sua presença fez todos seguirem para a saída, exceto Lan. Loial foi caminhando curvado até passar pela porta. Perrin achou que a cena parecia a de uma dona de casa espantando seus gansos.

Do lado de fora, Min se afastou por um instante e interpelou Lan com um sorriso excessivamente doce.

— Deseja que eu transmita alguma mensagem? A Nynaeve, talvez?

O Guardião, desprevenido, cambaleou como um cavalo de três pernas.

— Todo mundo está sabendo…? — Quase no mesmo instante recobrou o equilíbrio. — Se houver algo mais que ela precise saber de mim, eu mesmo direi. — Ele fechou a porta quase na cara de Min.

— Homens! — murmurou a jovem diante da porta. — Tão cegos que não enxergam o que até uma pedra poderia ver, e tão teimosos que não podemos deixá-los pensando por si próprios.

Perrin inspirou profundamente. Um leve cheiro de morte ainda pairava no ar do vale, mas era melhor que o quarto abafado. Um pouco melhor.

— Ar puro — suspirou Loial. — A fumaça estava começando a me incomodar um pouco.

Os três desceram a encosta juntos. Perto do córrego abaixo, os shienaranos capazes de se manter de pé estavam reunidos em torno de Uno. Pelos gestos, o caolho tentava recuperar todo o tempo que precisara passar sem xingar.

— Como é que vocês dois conseguiram esse privilégio? — indagou Min, de supetão. — Ela *perguntou* a vocês. Não fez a gentileza de me perguntar.

Loial balançou a cabeça.

— Acho que ela perguntou porque sabia qual seria a nossa resposta, Min. Moiraine parece saber interpretar a mim e a Perrin, conhece nossas reações. Já você é um livro fechado para ela.

Min pareceu apenas um pouco mais calma. Olhou para eles, de um lado Perrin, cujos ombros estavam na altura de sua cabeça, e de outro Loial, muito maior.

— Como se isso me adiantasse alguma coisa. Estou indo para onde ela quer, feito vocês, cordeirinhos. Você estava indo bem, Perrin. Enfrentou Moiraine como se ela tivesse lhe vendido um casaco com a costura solta.

— Enfrentei mesmo, não foi? — repetiu Perrin, pensativo. — Ele ainda não havia se dado conta do que fizera. — Não foi tão ruim quanto pensei.

— Você teve sorte — resmungou Loial. — "Irritar uma Aes Sedai é meter a cabeça em um ninho de vespas."

— Loial — chamou Min —, preciso falar com Perrin. A sós. Você se incomoda?

— Ah, claro que não. — Ele aumentou a velocidade dos passos, entrando no ritmo costumeiro, e se afastou depressa dos dois, puxando cachimbo e tabaco de um dos bolsos do casaco.

Perrin a encarou, cauteloso. Ela mordia o lábio, como se refletisse sobre o que dizer.

— Você já teve alguma visão com ele? — perguntou, inclinando a cabeça para o Ogier.

Ela fez que não.

— Acho que só funciona com humanos. Mas já vi algumas coisas à sua volta que você deveria saber.

— Eu já disse…

— Não seja mais teimoso que o necessário, Perrin. Foi lá na cabana, logo depois que você disse que iria. Não tinha visto antes. Deve ter a ver com a sua viagem. Ou pelo menos com a decisão de ir.

Após um momento ele perguntou, relutante:

— O que foi que você viu?

— Um Aiel dentro de uma jaula — respondeu ela, sem cerimônias. — Um Tuatha'an com uma espada. Um falcão e um gavião empoleirados nos seus ombros. Duas fêmeas, eu acho. E todo o resto, é claro. O que está sempre lá. Escuridão à sua volta e…

— Já chega! — retrucou, mais do que depressa. Quando teve certeza de que ela tinha parado de falar, coçou a cabeça, pensativo. Nada daquilo fazia o menor sentido. — Você tem alguma ideia do que significam? Quer dizer, as coisas novas.

— Não, mas são importantes. Tudo o que vejo sempre é. Um momento decisivo na vida das pessoas ou algo que está traçado. Sempre é importante. — Ela hesitou por um momento, olhando para ele. — Mais uma coisa — continuou, devagar. — Se você conhecer uma mulher, a mulher mais bonita que já viu, fuja!

Perrin piscou os olhos.

— Você viu uma mulher bonita? Por que eu deveria fugir de uma mulher bonita?

— Será que você não pode simplesmente seguir o conselho? — perguntou ela, irritada. Chutou uma pedra e olhou-a rolar pelo barranco.

Perrin não gostava de tirar conclusões precipitadas, era uma das razões por que algumas pessoas o julgavam meio lento, mas considerou todas as coisas que Min dissera nos últimos dias e chegou a uma conclusão assustadora. Parou, estupefato, procurando as palavras.

— Hã… Min, você sabe que eu gosto de você. Gosto de você, mas… hã… você me lembra um pouco as minhas irmãs. Quer dizer, você… — Parou de falar quando ela ergueu a cabeça e olhou para ele, sobrancelhas arqueadas e um leve sorriso.

— Ora, Perrin, sabe que eu amo você. — Ela ficou parada vendo a boca dele se mexer, depois continuou, devagar e cuidadosa. — Como um irmão, sua grande besta quadrada! Não canso de me espantar com a arrogância dos homens. Todos pensam que tudo diz respeito a eles, que todas as mulheres os desejam.

Perrin sentiu o rosto esquentar.

— Eu nunca… eu não… — Limpou a garganta. — O que foi que você viu com uma mulher?

— Apenas siga o meu conselho. — Ela prosseguiu córrego abaixo, caminhando depressa. — Se esquecer todo o resto — gritou por cima do ombro —, lembre-se disso!

Ele franziu a testa atrás dela. Pelo menos daquela vez seus pensamentos se organizaram bem depressa. Então a alcançou com dois passos.

— É Rand, não é?

Ela fez um barulho com a garganta e olhou para ele de soslaio. No entanto, não reduziu o passo.

— Talvez você não seja tão cabeça-dura, afinal de contas — murmurou. Depois de um instante acrescentou, como se para si mesma: — Estou amarrada a ele feito as ripas de madeira de um barril. Mas não sei se ele algum dia retribuirá o meu amor. E não sou a única.

— Egwene sabe disso? — perguntou.

Rand e Egwene eram praticamente prometidos desde a infância. Só faltava os dois se ajoelharem diante do Círculo das Mulheres da aldeia para anunciar o noivado. Ele não sabia ao certo o quanto estavam longe disso, nem se estavam.

— Ela sabe — disse Min, de um jeito rude. — E isso não adianta muito para nenhuma de nós duas.

— E Rand? Sabe?

— Ah, é claro — respondeu, amarga. — Eu contei a ele, não contei? "Rand, tive uma visão sua, e parece que tenho que me apaixonar por você. Também tenho que dividir você, e não gosto muito, mas é isso aí." Você é mesmo um belo idiota, Perrin Aybara. — Ela passou as mãos pelos olhos, irritada. — Se eu pudesse estar com ele, sei que ajudaria. De alguma forma. Luz, se ele morrer, não sei se vou aguentar.

Perrin deu de ombros, incomodado.

— Escute, Min. Vou fazer o possível para ajudá-lo. — *Tanto quanto for possível*. — Prometo. É mesmo melhor você ir até Tar Valon. Estará segura por lá.

— Segura? — Ela testou a palavra, como se tentasse entender o significado. — Você acha que Tar Valon é segura?

— Se não houver segurança em Tar Valon, não haverá em nenhum outro lugar.

Ela deu uma fungada de desdém, e, em silêncio, os dois foram se juntar aos que se preparavam para partir.



CAPÍTULO 7



A Descida das Montanhas

A descida das montanhas foi difícil, mas, quanto mais avançavam, menos necessário o manto de Perrin com forro de pele se tornava. Hora após hora, o grupo deixava para trás os resíduos do inverno e adentrava os primeiros dias da primavera. Os últimos resquícios de neve desapareciam, e grama e flores silvestres — como esperanças-de-donzela brancas e amores-perfeitos cor-de-rosa — começavam a cobrir os altos prados por onde passavam. Árvores surgiam em maior número e com mais folhagem, e sabiás e cotovias cantarolavam nos galhos. E havia lobos. Nunca ficavam à vista — nem Lan mencionara ter visto algum —, mas Perrin sabia. Ele se esforçava para que não invadissem seus pensamentos, ainda que de vez em quando uma leve inquietação o fizesse lembrar que estavam próximos.

Lan passava a maior parte do tempo montado em Mandarb, seu cavalo negro de batalha, cavalgando à frente em busca dos rastros de Rand, enquanto o resto do grupo seguia os sinais deixados pelo Guardião. Uma seta feita de pedras no chão, um leve arranhão na parede de uma passagem bifurcada. Virem para cá. Cruzem esta passagem. Peguem este zigue-zague, esta trilha, este caminho pelas árvores córrego abaixo, ainda que nada indicasse que alguém já tivesse trilhado aquele caminho antes deles. Nada além dos sinais de Lan. Um tufo de grama ou ervas amarrado de uma forma para mandar que virassem à direita, de outra forma para mandar que virassem à esquerda. Um galho entortado. Uma pilha de pedrinhas indicava uma subida difícil à frente, duas folhas cravadas em um espinho indicavam

uma descida íngreme. O Guardião tinha centenas de sinais, pelo que Perrin percebia, e Moiraine conhecia todos eles. Lan só retornava quando o grupo montava acampamento, e conversava baixinho com Moiraine, longe da fogueira. Quando o sol nascia, em geral ele já partira havia horas.

Moiraine era sempre a primeira a montar depois dele, assim que o céu começava a clarear a leste. Não fosse o fato de Lan se recusar a seguir adiante depois que a luz começava a enfraquecer, a Aes Sedai não desceria de Aldieb, sua égua branca, até escurecer completamente.

— Vamos demorar ainda mais se um cavalo quebrar a pata — dizia o Guardião, quando Moiraine reclamava.

A resposta dela também era sempre a mesma:

— Se não consegue andar mais rápido que isso, talvez seja melhor despachá-lo para Myrelle antes que fique velho demais. Bem, talvez dê para esperar, mas você precisa ser mais rápido.

Ela soava um pouco como se a ameaça fosse uma verdade irritante, e um pouco como se fosse uma piada. Mas Perrin não tinha dúvidas de que havia certo tom de ameaça na fala, talvez de aviso, pela forma como Lan contraía os lábios mesmo quando ela sorria logo depois e lhe dava um tapinha reconfortante nas costas.

— Quem é Myrelle? — perguntou Perrin, desconfiado, da primeira vez que aquilo aconteceu.

Loial sacudiu a cabeça e resmungou algo a respeito de coisas desagradáveis acontecerem a quem bisbilhotava os assuntos das Aes Sedai. Seu cavalo de patas peludas era alto e pesado feito um garanhão de Dhurran, mas, com as pernas compridas do Ogier penduradas de cada um dos lados, o animal ficava parecendo um pônei grandalhão. Moiraine abriu um sorriso bem-humorado e misterioso.

— Só uma irmã Verde. Alguém a quem Lan deverá um dia entregar um pacote.

— Não tão cedo — retrucou Lan, e sua voz expressava abertamente raiva. — Nunca, se eu puder evitar. Você vai viver muito mais que eu, Moiraine Aes Sedai!

Ela tem muitos segredos, pensou Perrin, mas não perguntou mais nada sobre aquele assunto capaz de tirar do sério o controlado Guardião.

A Aes Sedai levava uma trouxa envolta em um cobertor amarrado atrás da sela: o estandarte do Dragão. Perrin sentia certo desconforto em relação

àquilo, mas Moiraine não havia pedido a opinião dele nem escutado quando ele a ofereceu. Não que alguém fosse reconhecer o estandarte se o visse, mas ele esperava que ela soubesse guardar segredos dos outros tão bem quanto sabia guardar dele.

De início, pelo menos, foi uma viagem entediante. As montanhas cercadas por neblina eram todas muito parecidas, e cada passo era pouco diferente do seguinte. Em geral, jantavam os coelhos abatidos pelas pedras do estilingue de Perrin. Ele não tinha tantas flechas para arriscar perdê-las tentando acertar coelhos naquele terreno rochoso. O café da manhã era quase sempre coelho frio, assim como o almoço, que comiam montados.

Às vezes, quando acampavam perto de algum córrego e havia luz suficiente, ele e Loial tentavam pegar trutas-da-montanha. De barrigas no chão, com os braços enfiados na água até os cotovelos, expulsavam delicadamente os peixes de escamas verdes das saliências das rochas onde se escondiam. Os dedos de Loial, mesmo enormes, eram ainda mais ágeis que os de Perrin.

Uma vez, no terceiro dia de viagem, Moiraine juntou-se a eles, deitando-se à beira do córrego e desatando as fileiras de botões de pérolas para arregaçar as mangas enquanto perguntava como se fazia. Perrin e Loial trocaram olhares surpresos. O Ogier deu de ombros.

— Não é tão difícil, na verdade — disse Perrin. — É só enfiar a mão por trás do peixe e por baixo, como se quisesse coçar a barriga dele. Depois basta puxar. Mas é preciso prática. Talvez você não pegue nada das primeiras vezes que tentar.

— Eu tentei vários dias até conseguir alguma coisa — acrescentou Loial. Ele já começava a mergulhar as enormes mãos na água, tomando cuidado para não deixar sua sombra assustar os peixes.

— É tão difícil assim? — murmurou Moiraine. Ela deslizou as mãos para dentro do córrego, e no instante seguinte elas retornaram espirrando água, segurando uma truta robusta, que se debatia na superfície. Ela riu alegremente e jogou o peixe na ribanceira.

Perrin piscou diante do peixe imenso que se contorcia sob a luz fraca do crepúsculo. Devia pesar pelo menos uns dois quilos e meio.

— Você deu sorte — disse Perrin. — Trutas desse tamanho não costumam se esconder em uma saliência tão pequena. Vamos ter que subir um pouco. Vai escurecer antes de outra dessas entrar nessa saliência aqui.

— É mesmo? — retrucou Moiraine. — Vão vocês dois. Acho que vou tentar aqui mais uma vez.

Perrin hesitou por um instante antes de rumar ribanceira acima até outra saliência. Ela estava aprontando alguma, mas ele não imaginava o que era. Aquilo o preocupava. De barriga no chão, tomando cuidado para que sua sombra não batesse na água, ele espiou pela margem. Havia meia dúzia de silhuetas pequenas, paradinhas, quase sem sequer mover as barbatanas. Todas elas juntas não chegavam ao peso do peixe de Moiraine, concluiu, com um suspiro. Se tivessem sorte, Loial e ele talvez capturassem duas trutas cada um, mas as sombras das árvores na margem mais distante já se espichavam por cima da água. Deveriam se contentar com o que conseguissem agora, e Loial sozinho tinha apetite o bastante para engolir quatro peixes daqueles e um pedação do maior. Loial já começava a aproximar as mãos de uma das trutas.

Antes que Perrin sequer mergulhasse as dele na água, Moiraine gritou:

— Acho que três já devem bastar. As duas últimas são maiores que a primeira.

Perrin lançou a Loial um olhar de espanto.

— Não pode ser!

O Ogier se endireitou, assustando a pequena truta.

— Ela é Aes Sedai — disse, simplesmente.

Como esperado, ao reencontrarem Moiraine viram três enormes trutas que jaziam na margem. Ela já abotoava as mangas outra vez.

Perrin pensou em lembrar a ela que quem pesca é que deve limpar o peixe, mas no mesmo instante ela olhou para ele. Seu rosto tranquilo não mostrava nenhuma expressão em particular, mas os olhos negros não vacilavam: pareciam saber o que ele estava prestes a dizer e rejeitavam a ideia sem pestanejar. Quando ela virou de costas, parecia tarde demais para dizer qualquer coisa.

Resmungando para si mesmo, Perrin puxou a faca do cinturão, cortou a cabeça do peixe e começou a limpá-lo.

— De uma hora para outra parece que ela se esqueceu da divisão de tarefas. Daqui a pouco vai querer que a gente cozinhe também e lave tudo depois.

— Sem dúvida vai — afirmou Loial, sem parar de limpar o peixe. — Ela é Aes Sedai.

— Acho que me lembro de ter ouvido isso. — A faca de Perrin dilacerava o peixe. — Os shienaranos podiam estar dispostos a servir de criados para ela, mas agora somos só nós quatro. Temos que dividir as tarefas. É o mais justo.

Loial soltou uma enorme risada de desdém.

— Duvido que ela pense dessa forma. Primeiro teve que aguentar Rand discutindo com ela o tempo inteiro, e agora você está pronto para assumir o papel dele. Aes Sedai não costumam deixar ninguém discutir com elas. Acho que antes de chegarmos à primeira aldeia já teremos recuperado o hábito de fazer tudo o que ela manda.

— Um excelente hábito — disse Lan, jogando o manto para trás. À meia-luz, o homem parecia ter surgido do nada. Perrin quase caiu para trás de susto, e as orelhas de Loial se enrijeceram com o choque. Nenhum dos dois ouvira os passos do Guardião. — Um hábito que jamais deveriam ter perdido — acrescentou, depois seguiu em direção a Moiraine e aos cavalos.

As botas quase não faziam barulho, mesmo no chão cheio de pedras, e a uns passos de distância o manto lhe conferia a inquietante aparência de dois braços e uma cabeça sem corpo flutuando na superfície do córrego.

— Precisamos que ela encontre Rand — disse Perrin, baixinho —, mas não vou mais deixar que conduza minha vida. — Ele voltou a destripar o peixe com vigor.

Pretendia manter a promessa, pretendia mesmo, mas nos dias que se seguiram percebeu que, de uma forma que não compreendia muito bem, Loial e ele estavam cozinhando, limpando e realizando todas as outras pequenas tarefas que Moiraine julgava necessárias. Ele até se deu conta de que assumira os cuidados de Aldieb, sem saber por quê. Todas as noites, desarreava e escovava a égua enquanto Moiraine descansava, aparentemente imersa nos próprios pensamentos.

Loial se rendeu como se aquilo fosse inevitável, mas Perrin não. Tentava resistir e se negar, mas era difícil quando ela fazia uma pedido razoável, e outro pequeno logo em seguida. Só que sempre havia mais um pedido, tão pequeno e razoável quanto o primeiro, e depois mais um. Apenas o poder de sua presença e a força de seu olhar tornavam os protestos difíceis. Os olhos negros dela encaravam os dele no instante em que ele abria a boca. Um leve erguer de sobrancelhas para indicar que ele estava sendo rude, um arregalar surpreso de olhos diante da sua capacidade de recusar um pedido tão

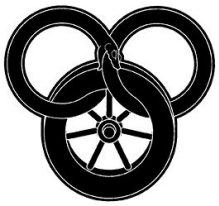
simples, um olhar direto típico de Aes Sedai, todas aquelas coisas o faziam hesitar, e depois que hesitava, não havia como se recuperar. Ele a acusou de estar usando o Poder Único com ele, embora não achasse que fosse verdade, e ela lhe disse para não ser bobo. Perrin começou a se sentir como um pedaço de ferro que tentava impedir um ferreiro de transformá-lo em uma foice.

Muito de repente, as Montanhas da Névoa deram lugar ao sopé coberto de florestas das colinas de Ghealdan, uma terra que parecia toda montanhosa, mas não muito alta. Os cervos, que nas montanhas costumavam observá-los, cautelosos, como se não soubessem ao certo o que era um homem, começavam a saltar para longe, balançando os rabos brancos, ao primeiro sinal dos cavalos. Mesmo Perrin só conseguia ver de relance os gatos-da-montanha listrados, que pareciam sumir feito fumaça. Estavam adentrando a terra dos homens.

Lan parou de usar o manto de Guardião e começou a cavalgar de volta até os outros com mais frequência para avisar o que os aguardava. Em muitos pontos já não havia árvores. Em pouco tempo, campos circundados por paredes de pedra bruta e fazendeiros arando os sopés das montanhas eram visões comuns, senão frequentes, assim como fileiras de pessoas cruzando o solo arado plantando sementes que carregavam em sacos nos ombros. Casas de fazenda isoladas e celeiros de pedras cinzentas se assentavam nos cumes das colinas.

Os lobos não deveriam estar naquela região. Lobos evitavam locais por onde os homens andavam, mas Perrin ainda podia senti-los, como uma tela invisível circundando e escoltando o grupo a cavalo. A impaciência o dominava, impaciência para chegar em alguma aldeia ou cidade, para chegar em qualquer lugar onde houvesse homens o suficiente para afastar os lobos.

Um dia depois de avistarem o primeiro campo, assim que o sol tocou o horizonte atrás deles, chegaram à aldeia de Jahra, não muito distante ao norte da fronteira com Amadícia.



CAPÍTULO 8



Jahra

Casas de pedras cinza com telhados de ardósia se amontoavam pelas poucas e estreitas ruas de Jahra, construída em uma encosta logo acima de um córrego, onde havia uma ponte baixa de madeira. As ruas lamacentas da aldeia estavam vazias, assim como o campo inclinado, exceto por um homem que varria os degraus da única estalagem da área, atrás do estábulo de pedra. No entanto, o campo parecia ter abrigado uma grande quantidade de pessoas havia pouco tempo. No centro do terreno, estavam dispostos em círculo meia dúzia de arcos trançados com galhos verdes e salpicados das pouquíssimas flores que era possível encontrar no começo do ano. O chão parecia pisoteado, e havia outros sinais de uma celebração: um cachecol vermelho de mulher jazia emaranhado ao pé de um dos arcos, assim como um chapéu infantil de tricô, um jarro de estanho tombado e alguns restos de comida.

Aromas de vinho doce e bolos de especiarias impregnavam o local, misturados à fumaça de dezenas de chaminés e ao cheiro das refeições noturnas sendo preparadas. Por um instante, o nariz de Perrin captou outro odor, um que ele não soube identificar: um traço fraco e tão repulsivo que eriçou os pelos de sua nuca. Então, desapareceu. No entanto, ele tinha certeza de que algo havia passado por ali, algo… errado. Esfregou o nariz como se quisesse eliminar a lembrança daquilo. *Não pode ser Rand. Luz, mesmo que ele tenha enlouquecido, não pode ser ele. Será?*

Uma placa pendia na porta da estalagem, um homem apoiado em um pé só, com os braços para o alto: Salto de Harilin. Ao pararem os cavalos

diante da construção quadrada de pedras, o varredor se endireitou com um enorme bocejo. Assustou-se com os olhos de Perrin, mas seus próprios olhos saltados arregalaram-se ao notar Loial. Com a boca larga e quase sem queixo, o homem parecia um pouco com um sapo. Tinha um cheiro estranho de vinho azedo, pelo menos para Perrin. O sujeito sem dúvida havia participado da celebração no campo.

O homem se sacudiu, gesto que imediatamente transformou em uma mesura, repousando uma das mãos na fileira dupla de botões ao longo do casaco. Passou os olhos por cada um dos visitantes, arregalando-os ainda mais toda vez que olhava para Loial.

— Seja bem-vinda, boa senhora, e que a Luz ilumine seu caminho. Sejam bem-vindos, bons mestres. Desejam comidas, quartos, banhos? Temos tudo aqui no Salto. Mestre Harod, o estalajadeiro, mantém a casa em ordem. Eu me chamo Simion. Se desejarem alguma coisa, é só chamar Simion, e cuidarei de tudo. — O homem bocejou de novo, cobrindo a boca, envergonhado, e emendou uma mesura para disfarçar. — Peço perdão, boa senhora. Os senhores vêm de longe? Trazem notícias da Grande Caçada? A Caçada à Trombeta de Valere? Ou do falso Dragão? Andam dizendo que há um falso Dragão em Tarabon. Ou talvez em Arad Doman.

— Não viemos de tão longe — respondeu Lan, descendo da sela. — Sem dúvida sabe mais do que eu.

Todos começaram a desmontar.

— Houve um casamento por aqui? — perguntou Moiraine.

— Um casamento, boa senhora? Ora, tivemos um casamento atrás do outro. Parecia mais uma infestação. Todos nos últimos dois dias. Não existe uma só mulher com idade para anunciar noivado que ainda esteja solteira em toda a aldeia, e nem a milhas de distância. Ora, até a viúva Jorath arrastou o velho Banas para os arcos, e os dois tinham jurado que jamais se casariam outra vez. Foi como se tivesse passado um furacão. Foi a filha do tecelão, a Rilith, que começou, pedindo Jon, o ferreiro, em casamento. Ele tem idade para ser pai dela. O velho bobo tirou o avental e aceitou, e ela mandou que os arcos fossem erguidos na mesma hora. Não queria saber de esperar o tempo apropriado, e todas as outras mulheres a apoiaram. Desde então, tivemos casamentos dia e noite. Ora, acho que ninguém nem pregou os olhos.

— Muito interessante — comentou Perrin quando Simion fez uma pausa para bocejar outra vez —, mas o senhor viu um jovem…

— É mesmo muito interessante — disse Moiraine, interrompendo-o —, e eu quero ouvir mais sobre isso, talvez mais tarde. Por enquanto, gostaríamos de quartos e uma refeição.

Lan fez um gesto discreto para Perrin, como se o mandasse segurar a língua.

— Sem dúvida, boa senhora. Uma refeição. Quartos. — Simion olhou para Loial e hesitou. — Vamos ter que juntar duas camas para… — Ele se aproximou de Moiraine e baixou a voz. — Peço perdão, minha senhora, mas… é… o que exatamente… ele é? Com todo o respeito — acrescentou, apressado.

Não falou baixo o suficiente, pois as orelhas de Loial se contorceram de irritação.

— Sou um Ogier! O que achou que eu fosse? Um Trolloc?

Ao som daquela voz estrondosa, Simion deu um passo atrás.

— Trolloc, bom… hã… mestre? Ora, já sou um homem crescido. Não acredito em historinhas infantis. Hã, o senhor disse Ogier? Ora, Ogier são historin… quer dizer… hã… — Desesperado, ele se virou e berrou em direção ao estábulo anexo à estalagem. — Nico! Patrim! Hóspedes! Venham pegar os cavalos!

Um instante depois, dois rapazes cheios de feno nos cabelos saíram do estábulo aos tropeços, bocejando e esfregando os olhos. Simion indicou os degraus com uma mesura enquanto os rapazes recolhiam as rédeas.

De arco na mão e alforjes e cobertor pendurados no ombro, Perrin seguiu Moiraine e Lan para dentro, com Simion acenando e fazendo reverências à frente. Loial precisou se encolher ao passar pelo lintel, e o teto do lado de dentro era apenas um pé mais alto que ele, que resmungava sozinho que não entendia por que tão poucos humanos se lembravam dos Ogier. Sua voz parecia um trovão distante. Mesmo Perrin, logo à frente, não compreendia metade do que dizia.

A estalagem cheirava a cerveja e vinho, queijo e cansaço, e de algum lugar nos fundos vinha o aroma de carneiro assado. Os poucos homens no salão se debruçavam nas canecas como se de fato quisessem se deitar nos bancos e dormir. Em um dos barris no canto do salão, a garçonete gorducha enchia uma caneca de cerveja. O próprio estalajadeiro, com um avental branco e comprido, jazia sentado em um banco alto em um dos cantos,

apoiado na parede. Quando os recém-chegados entraram no salão, ele levantou a cabeça, os olhos vermelhos. Ao ver Loial, ficou boquiaberto.

— Hóspedes, Mestre Harod — anunciou Simion. — Querem quartos. Mestre Harod? Ele é um Ogier, Mestre Harod. — A garçonete se virou, olhou para Loial e deixou a caneca cair com um estrépito. Nenhum dos homens exaustos sequer ergueu os olhos. Um deles tinha encostado a cabeça na mesa e roncava.

As orelhas de Loial tremeram violentamente.

Mestre Harod levantou-se devagar, mantendo os olhos fixos em Loial, alisando o avental o tempo inteiro.

— Pelo menos não é um Manto-branco — disse, por fim, e se sobressaltou, como se estivesse surpreso por ter falado aquilo em voz alta. — Quer dizer, seja bem-vinda, boa senhora. Bons mestres. Perdoem meus maus modos. Posso apenas alegar estar cansado, boa senhora. — Ele lançou outro olhar incrédulo a Loial e murmurou "Ogier".

Loial abriu a boca, mas Moiraine se antecipou.

— Como disse seu ajudante, bom estalajadeiro, desejo quartos para meu grupo passar a noite, além de uma refeição.

— Ah! É claro, boa senhora. É claro. Simion, leve essas boas pessoas aos melhores quartos, para que guardem seus pertences. Mandarei servir uma ótima refeição para os senhores quando retornarem, boa senhora. Uma refeição de primeira.

— Queira por gentileza me acompanhar, boa senhora — disse Simion. — Bons mestres. — Ele foi se curvando em mesuras pelo caminho até a escada em um lado do salão.

Atrás deles, um dos homens nas mesas exclamou de repente:

— O que é isso, em nome da Luz? — Mestre Harod começou a explicar sobre os Ogier, dando a entender estar muito familiarizado com eles.

A maior parte do que Perrin ouviu antes de deixarem a conversa para trás estava errada. As orelhas de Loial tremiam sem parar.

No segundo andar, a cabeça do Ogier quase encostava no teto. O corredor estreito estava parcialmente escuro, com apenas uma nesga de luz do pôr do sol entrando pela janela próxima à porta do outro lado do corredor.

— Temos velas nos quartos, boa senhora — disse Simion. — Eu devia ter trazido um lampião, mas minha cabeça ainda está tonta depois de todos

esses casamentos. Vou mandar alguém para acender o fogo, se a senhora desejar. E decerto a senhora vai querer água para se lavar. — Ele abriu uma porta com um empurrão. — Nosso melhor quarto, boa senhora. Não temos muitos, pois não recebemos muita gente de fora, mas este é o melhor.

— Vou ficar no quarto ao lado — disse Lan. Ele levava nos ombros tanto os alforjes e o cobertor de Moiraine quanto os próprios, além da trouxa com o estandarte do Dragão.

— Ah, bom mestre, aquele quarto não é nada bom. A cama é estreita. Tudo muito apertado. É destinado a servos, eu suspeito, como se fôssemos receber aqui alguém que tivesse um servo. Lamento muito, boa senhora.

— Fico com ele mesmo assim — retrucou Lan, com firmeza.

— Simion — disse Moiraine —, Mestre Harod desaprova os Filhos da Luz?

— Bem, ele desaprova, boa senhora. Não antes, mas agora sim. Não é de bom tom desaprovar os Filhos, não tão perto da fronteira como estamos. Eles aparecem em Jahra o tempo inteiro, como se a fronteira não existisse. Mas tivemos problemas ontem. Um bocado de problemas. E isso no meio dos casamentos.

— O que aconteceu, Simion?

O homem lançou a Moiraine um olhar atento antes de responder. À meia-luz, Perrin achou que ninguém mais tinha reparado.

— Chegaram uns vinte deles, anteontem. Até aí, problema nenhum. Mas ontem… Ora, três deles se levantaram e anunciaram que não eram mais Filhos da Luz. Tiraram os mantos e simplesmente foram embora.

Lan grunhiu.

— O juramento dos Mantos-brancos é vitalício. O que foi que o comandante deles fez?

— Ora, ele teria feito alguma coisa, bom mestre, pode ter certeza, mas outro anunciou que iria procurar a Trombeta de Valere. E um terceiro disse que deveriam estar caçando o Dragão. E esse último falou que seguiria para a Planície de Almoth quando foi embora. Então alguns deles começaram a dizer coisas não apropriadas para as mulheres nas ruas e a agarrá-las. As mulheres começaram a gritar, e os outros Filhos passaram a gritar com os que estavam incomodando as mulheres. Nunca vi tanta confusão.

— Nenhum de vocês tentou impedi-los? — perguntou Perrin.

— Bom mestre, o senhor parece saber usar esse machado no seu cinturão, mas não é tão fácil enfrentar homens com espadas, armaduras e tudo o mais, quando tudo o que se sabe empunhar é uma vassoura ou enxada. Os outros Mantos-brancos, os que não tinham desertado, deram um fim à coisa toda. Quase chegaram a desembainhar as espadas. E isso não foi o pior. Dois deles simplesmente enlouqueceram, como se os outros já não estivessem loucos. Esses dois começaram a ter alucinações de que Jahra estava cheia de Amigos das Trevas. Tentaram incendiar a aldeia. Até anunciaram o que fariam, e que começariam pelo Salto. Dá para ver as marcas chamuscadas lá nos fundos, que foi por onde começaram. Eles lutaram com os Mantos-brancos que tentaram impedi-los. Os Mantos-brancos que ficaram nos ajudaram a pôr os outros para fora, amarraram aqueles dois com bastante força e foram embora, de volta para Amadícia. Já foram tarde, eu digo, e se não voltarem nunca mais ainda será muito cedo.

— Comportamento agressivo — disse Lan —, até para os Mantos-brancos.

Simion assentiu.

— Isso mesmo, bom mestre. Eles nunca agiram desse jeito antes. Andar por aí como se fossem os maiorais, sim. Olham para você como se não passasse de esterco e metem o nariz onde não são chamados. Mas nunca causaram problemas. Não desse jeito, de todo modo.

— Eles já foram embora — disse Moiraine —, e os problemas foram com eles. Tenho certeza de que passaremos uma noite tranquila.

Perrin manteve a boca fechada, mas não estava tranquilo por dentro. *Todos esses casamentos e Mantos-brancos, tudo bem, mas eu preferia saber se Rand esteve aqui e para onde seguiu. Esse cheiro não pode ter sido ele.*

Simion o conduziu pelo corredor até outro quarto, com duas camas, um lavatório, dois banquinhos e não muito mais. Loial se abaixou para passar a cabeça pela porta. Pouca luz entrava pelas janelas estreitas. As camas eram bem grandes, com cobertores e colchas dobrados, mas os colchões pareciam encaroçados. Simion vasculhou a cornija acima da lareira até encontrar uma vela e um acendedor.

— Vou pedir que juntem duas camas para o senhor, bom… hã… Ogier. Sim, só um instante. — Ele não demonstrou pressa, no entanto. Parecia preocupado em posicionar o castiçal da forma certa. Perrin o achou inquieto.

Bem, eu estaria muito inquieto se Mantos-brancos começassem a agir assim em Campo de Emond.

— Simion, algum outro estranho passou por aqui nos últimos dois dias? Um homem jovem, alto, com olhos cinzentos e cabelo avermelhado? Talvez tenha tocado flauta em uma refeição ou na cama.

— Eu me lembro dele, bom mestre — disse Simion, ainda arrumando o castiçal. — Chegou ontem de manhã, bem cedinho. Parecia faminto, ah, parecia. Tocou flauta em todos os casamentos de ontem. Um sujeito bem-apessoado. Algumas mulheres ficaram olhando para ele, a princípio, mas… — Ele hesitou, olhando de esguelha para Perrin. — Ele é amigo do senhor, bom mestre?

— Eu o conheço — respondeu Perrin. — Por quê?

Simion hesitou.

— Por razão nenhuma, bom mestre. Era um sujeito estranho, só isso. Falava sozinho algumas vezes, e outras vezes ria sem ninguém ter dito coisa alguma. Dormiu bem aqui neste quarto a noite passada, ou parte dela. Acordou a todos no meio da noite, aos berros. Tinha sido só um pesadelo, mas ele não queria ficar mais nenhum instante. Mestre Harod não se esforçou muito para persuadi-lo, depois de toda aquela barulheira. — Simion fez outra pausa. — Ele disse algo estranho na hora de partir.

— O quê? — perguntou Perrin.

— Disse que havia alguém atrás dele. Disse… — O homem sem queixo engoliu e prosseguiu mais devagar. — Disse que o matariam, se ele não fosse embora. "Um de nós deve morrer, e, por mim, será ele." Suas exatas palavras.

— Não falava de nós — resmungou Loial. — Somos amigos dele.

— É claro, bom… hã… bom Ogier. É claro que não falava dos senhores. Eu… hã… eu não quero falar mal de um amigo dos senhores, mas… eu… hã… acho que ele está doente. Da cabeça, entendem?

— Nós vamos cuidar dele — retrucou Perrin. — É por isso que estamos seguindo seu rastro. Para onde ele foi?

— Eu sabia — disse Simion, entusiasmado. — Sabia que ela poderia ajudar assim que vi os senhores. Para onde? Para leste, bom mestre. Leste, e rápido, como se o Tenebroso em pessoa estivesse no encalço dele. O senhor acha que ela pode me ajudar? Quer dizer, ajudar meu irmão? Noam está muito doente, e Mãe Roon diz que não pode fazer nada.

Perrin não esboçou expressão. Apoiou o arco em um canto e pousou os alforjes e o cobertor em uma das camas, ganhando algum tempo para pensar. O problema era que pensar não ajudava muito. Ele olhou para Loial, mas não adiantou: a consternação fizera as orelhas dele abaixarem, e as longas sobrancelhas estavam caídas sobre as bochechas.

— O que faz você pensar que ela pode ajudar seu irmão?

Que pergunta idiota! A pergunta correta é: o que ele pretende fazer a respeito?

— Ora, eu viajei a Jehannah uma vez, bom mestre, e vi duas… duas mulheres como ela. Não tem como confundir, depois daquilo. — O homem baixou o tom de voz para um sussurro. — Dizem que elas *ressuscitam* os mortos, bom mestre.

— Quem mais sabe disso? — perguntou Perrin bruscamente.

No mesmo instante, Loial disse:

— Se seu irmão está morto, não há nada que ninguém possa fazer.

O homem com cara de sapo olhou de um a outro, ansioso, e balbuciou:

— Ninguém sabe além de mim, bom mestre. Noam não está morto, bom Ogier, só doente. Juro que ninguém mais seria capaz de reconhecê-la. Nem mesmo Mestre Harod viajou mais de vinte milhas. Ele está muito doente. Eu mesmo pediria a ela, mas meus joelhos acabariam tremendo tanto que ela não conseguiria ouvir minha voz. E se ela se ofendesse e lançasse um raio na minha cabeça? E se eu estivesse enganado? Não é o tipo de coisa de que se acusa uma mulher sem… quer dizer… hã… — Ele ergueu as mãos, meio para suplicar, meio para se defender.

— Não posso prometer nada — respondeu Perrin —, mas vou falar com ela. Loial, por que você não faz companhia a Simion enquanto converso com Moiraine?

— Claro — estrondeou o Ogier. Simion levou um susto quando a mão de Loial engoliu seu ombro. — Ele me mostrará meu quarto, e conversaremos. Diga lá, Simion, o que você sabe sobre as árvores?

— Á-á-árvores, b-bom Ogier?

Perrin não esperou nem mais um segundo. Atravessou o corredor escuro depressa e bateu à porta de Moiraine, mal esperando pelo peremptório "Entre!" antes de abri-la.

Meia dúzia de velas revelavam que o melhor quarto do Salto não era assim tão bom, embora a única cama tivesse um dossel de quatro colunas, e

o colchão parecesse menos encaroçado que o de Perrin. Havia um pedaço de carpete no chão e duas cadeiras acolchoadas, em vez de banquinhos. Fora isso, não era muito diferente do quarto dele. Moiraine e Lan, diante da lareira fria, pareciam discutir alguma coisa, e a Aes Sedai não pareceu satisfeita em ser interrompida. O rosto do Guardião estava impassível como uma escultura.

— Rand passou mesmo por aqui — começou Perrin. — O tal Simion se lembrou dele.

Moiraine sibilou entre dentes.

— Você recebeu ordens para ficar de boca fechada — rosnou Lan.

Perrin endireitou os pés para encarar o Guardião. Era mais fácil que encarar o olhar penetrante de Moiraine.

— Como iríamos descobrir se ele esteve aqui sem fazer perguntas? Você pode me dizer? Ele foi embora ontem à noite, se querem saber, e seguiu para o leste. E andou repetindo algo sobre alguém que estava atrás dele, tentando matá-lo.

— Leste — assentiu Moiraine. A completa calma em sua voz destoava do olhar desaprovador. — É bom saber disso, embora fosse o previsto, já que ele está a caminho de Tear. Eu já sabia que ele tinha passado por aqui mesmo antes de ouvir sobre os Mantos-brancos, e foi isso que me fez ter certeza. Rand está quase certo a respeito de uma coisa, Perrin. Não creio que sejamos os únicos atrás dele. E, se nos descobrirem, decerto tentarão nos impedir. Já temos que lutar contra muita coisa apenas para tentar encontrar Rand. Você precisa aprender a segurar a língua até eu mandá-lo falar.

— Mantos-brancos? — perguntou Perrin, incrédulo. *Segurar a língua? Que me queime, não farei isso!* — Como você soube por causa del…? A loucura de Rand é *contagiosa*?

— Não foi a loucura de Rand — disse Moiraine —, se é que ele já chegou ao ponto de ser chamado de louco. Perrin, ele é o *ta'veren* mais forte que já surgiu desde a Era das Lendas. Ontem, nesta aldeia, o Padrão… se moveu, se moldou em torno dele como argila em uma forma. Os casamentos, os Mantos-brancos e tudo, a qualquer um que soubesse escutar, já eram indício suficiente de que Rand passou por aqui.

Perrin deu um longo suspiro.

— É isso que encontraremos em todos os lugares por onde ele passar? Luz, se as criaturas da Sombra estão mesmo atrás dele, serão capazes de

rastreá-lo tão fácil quanto nós.

— Talvez — disse Moiraine. — Talvez não. Ninguém sabe nada sobre *ta'veren* fortes como Rand. — Por um instante ela pareceu irritada por também não saber. — Artur Asa-de-gavião foi o *ta'veren* mais forte mencionado pelos escritos. E Asa-de-gavião nem de longe era tão forte quanto Rand.

— Dizem — intrometeu-se Lan — que havia vezes em que as pessoas na mesma sala que Asa-de-gavião falavam a verdade quando pretendiam mentir ou tomavam decisões que nem sequer imaginavam considerar. Vezes em que cada dado lançado e cada carta virada mostravam resultados a favor dele. Mas só algumas vezes.

— Quer dizer que você não sabe — concluiu Perrin. — Ele pode deixar um rastro de casamentos e Mantos-brancos enlouquecidos por todo o caminho até Tear.

— Quer dizer que eu sei tanto quanto é possível saber — retrucou Moiraine, com rispidez. Seus olhos negros açoitavam Perrin como um chicote. — O Padrão é tecido com primor em torno de *ta'veren*, e outros podem acompanhar a forma dessa trama se souberem onde olhar. Tome cuidado para não desenrolar a língua mais do que imagina.

Perrin curvou os ombros involuntariamente, como se recebesse um golpe de verdade.

— Bem, você devia estar feliz por eu ter aberto a boca dessa vez. Simion sabe que você é Aes Sedai. Quer que você cure o irmão dele, Noam, de alguma doença. Se não tivesse falado com ele, ele jamais teria coragem de pedir, mas talvez já tenha começado a comentar com os amigos.

Lan olhou para Moiraine, e por um instante os dois se encararam. O Guardião tinha o aspecto de um lobo prestes a dar um salto. Enfim, Moiraine sacudiu a cabeça.

— Não — disse.

— Como quiser. A decisão é sua. — Lan parecia achar que era a decisão errada, mas já não parecia mais um lobo.

Perrin olhou para os dois.

— Vocês estavam pensando que… Simion não contaria nada a ninguém se estivesse morto, não é mesmo?

— Ele não morrerá por minhas ações — replicou Moiraine. — Mas não posso, e nem vou, prometer que será sempre assim. Precisamos encontrar

Rand, e não falharei nessa missão. Está claro o bastante para você? — Preso ao olhar dela, Perrin não conseguiu responder. Ela assentiu, como se o silêncio já fosse uma resposta. — Agora me leve até Simion.

A porta do quarto de Loial permanecia aberta, e a luz da vela iluminava um pouco o corredor. As duas camas no interior haviam sido dispostas lado a lado, e Loial e Simion estavam sentados no canto de uma delas. O homem sem queixo encarava Loial com a boca aberta e uma expressão de espanto.

— Ah, sim, os *pousos* são maravilhosos — dizia Loial. — Há tanta paz por lá, debaixo das Grandes Árvores. Vocês, humanos, podem ter suas guerras e rixas, mas nada é capaz de abalar os *pousos*. Nós cuidamos das árvores e vivemos em harmonia… — A voz dele foi morrendo quando notou Moiraine, com Lan e Perrin atrás.

Simion ficou de pé mais do que depressa, curvou-se em uma mesura e recuou até encostar na parede oposta.

— Ah… boa senhora… ah… ah… — O homem continuava a menear a cabeça feito um boneco de corda.

— Leve-me até seu irmão — ordenou Moiraine —, e farei o que puder. Perrin, você vem também, já que este bom homem falou primeiro com você. — Lan ergueu uma sobrancelha, e ela balançou a cabeça. — Se formos todos, podemos chamar atenção. Perrin pode me dar a proteção necessária.

Lan assentiu com relutância, depois lançou a Perrin um olhar severo.

— Acho bom mesmo, ferreiro. Se alguma coisa acontecer com ela… — Os olhos azuis gélidos concluíram a promessa.

Simion agarrou uma das velas e avançou para o corredor, ainda se curvando em reverências e fazendo sua sombra dançar à luz do castiçal.

— Por aqui… hã boa senhora. Por aqui.

A porta no fim do corredor levava a uma escada externa, que conduzia a um caminho estreito no andar de baixo, entre a estalagem e o estábulo. A noite reduzia a luz da vela a um pontinho bruxuleante. A meia-lua se erguia no céu salpicado de estrelas, fornecendo luz mais do que suficiente para os olhos de Perrin. Ele se perguntava quando Moiraine diria a Simion que ele podia parar com as mesuras, mas ela nunca dizia. A Aes Sedai caminhava com elegância, erguendo as saias para não sujá-las de lama, como se a passagem escura fosse o salão de um palácio, e ela, uma rainha. O ar já estava esfriando, as noites ainda entoavam os ecos do inverno.

— Por aqui. — Simion os conduziu até um pequeno galpão atrás do estábulo e abriu a porta, apressado. — Por aqui. — Ele apontou. — Ali, boa senhora. Ali. Meu irmão. Noam.

O outro extremo do galpão havia sido bloqueado com ripas de madeira, no que parecia ter sido um trabalho apressado. Um robusto cadeado de ferro trancava uma porta tosca feita de ripas. Atrás das barras, havia um homem deitado de barriga para baixo no chão coberto de palha. Estava descalço, com a camisa e as calças rasgadas, como se tivesse tentado arrancá-las do corpo. Havia o odor de um corpo não lavado, e Perrin achou que até Simion e Moiraine estivessem sentindo.

Noam ergueu a cabeça e os encarou em silêncio inexpressivo. Nada indicava que ele era irmão de Simion. Para começar, o homem tinha queixo, além de ser corpulento, com ombros pesados. Mas não foi aquilo que assustou Perrin. Noam os encarava com reluzentes olhos dourados.

— Fazia quase um ano que estava meio maluco, boa senhora, dizendo que conseguia… falar com lobos. E os olhos dele… — Simion lançou um olhar a Perrin. — Bem, ele costumava começar a falar essas coisas quando bebia demais. Todo mundo ria dele. Então, há um mês ou dois, não retornou à cidade. Fui ver qual era o problema, e o encontrei… assim.

Relutante e cauteloso, Perrin tentou estabelecer contato com Noam, como faria com um lobo. *Correndo pela floresta com vento frio no nariz. Investindo para fora do esconderijo, dentes trincados por detrás da coxa. Gosto de sangue forte na boca. Morte.* Perrin recuou de súbito, como se estivesse diante de uma labareda, e se fechou. Não eram sequer pensamentos, apenas uma mistura caótica de desejos e imagens, parte lembranças, parte anseios. Mas de fato havia ali mais lobo do que qualquer outra coisa. Ele apoiou a mão na parede para se equilibrar, sentia os joelhos fracos. *Que a Luz me ajude!*

Moiraine tocou o cadeado.

— Mestre Harod tem a chave, boa senhora. Não sei se ele…

Ela deu um puxão, e o cadeado se abriu. Simion ficou boquiaberto. Ela levantou a tranca solta, e o homem sem queixo virou-se para Perrin.

— Será que isso é seguro, bom mestre? Ele é meu irmão, mas Mãe Roon levou uma mordida quando tentou ajudar, e… ele já matou uma vaca. Com os próprios dentes — completou, quase sem forças.

— Moiraine — disse Perrin —, o homem é perigoso.

— Todos os homens são perigosos — retrucou ela, com indiferença. — Agora fique quieto.

Ela abriu a porta e entrou. Perrin prendeu a respiração.

Ao primeiro passo de Moiraine, Noam arreganhou os dentes e começou a rosnar, cada vez mais forte, até a boca inteira estremecer. Moiraine o ignorou e continuou a se aproximar. Ainda rosnando, Noam se contorceu por cima da palha e recuou até encostar em um canto. Ou até que ela o tivesse forçado a se encostar.

Lenta e calmamente, a Aes Sedai se ajoelhou e tomou a cabeça do homem entre as mãos. Antes que Perrin pudesse se mexer, o rosnado de Noam tornou-se um urro e foi morrendo até virar um choramingo. Moiraine sustentou a cabeça de Noam por um longo instante e depois, com a mesma calma, soltou-a e se levantou. A garganta de Perrin deu um nó quando ela deu as costas para Noam e saiu da jaula, mas o homem apenas a encarava. Ela encostou a porta de ripas e deslizou o cadeado pelo fecho outra vez, sem se preocupar em trancá-lo. Rosnando e tentando morder, Noam se atirou nas grades de madeira. Rosnando, ele as mordeu, golpeou com os ombros e forçou a cabeça por entre os vãos.

Moiraine limpou a palha da saia com a mão firme, sem expressão no rosto.

— Você se arrisca bastante — sussurrou Perrin.

Ela olhou para ele, um olhar firme e sagaz, e o rapaz baixou os olhos. Olhos amarelos.

Simion fitava o irmão.

— Pode ajudá-lo, boa senhora? — perguntou o homem, com a voz rouca.

— Sinto muito, Simion — respondeu ela.

— Não pode fazer nada, boa senhora? Qualquer coisa? Uma dessas… — ele baixou a voz a um sussurro — coisas de Aes Sedai?

— A Cura não é simples, Simion, e vem tanto de quem a realiza quanto da pessoa a ser Curada. Não há nada aqui que se lembre de ser Noam, nada que se lembre de ser um homem. Não há nenhum mapa indicando a ele o caminho de volta, e nada sobrou para que ele siga esse caminho. Noam se foi, Simion.

— Ele… ele só dizia coisas estranhas, boa senhora, quando bebia demais. Ele só… — Simion esfregou a mão nos olhos e piscou. — Obrigada, boa senhora. Sei que teria feito alguma coisa, se fosse possível.

Ela tocou o ombro do homem, murmurou palavras de conforto e saiu do galpão.

Perrin sabia que deveria ir atrás dela, mas o homem — o que um dia fora um homem —, ainda abocanhando as grades de madeira, o impediu. Ele deu um passo rápido e se surpreendeu removendo o cadeado pendurado no fecho. Era um cadeado de qualidade, trabalho de um mestre ferreiro.

— Bom mestre?

Perrin olhou o cadeado nas mãos e o homem enjaulado. Noam havia parado de morder as ripas, apenas encarava Perrin, desconfiado e sem fôlego. Alguns dentes estavam quebrados em lascas pontiagudas.

— Pode mantê-lo aqui para sempre — disse Perrin —, mas eu… não acho que ele algum dia vá melhorar.

— Se ele sair daqui, bom mestre, vai morrer!

— Ele vai morrer aqui dentro ou lá fora, Simion. Lá fora pelo menos estará livre e muito mais feliz. Ele não é mais o seu irmão, mas você é o único que tem o direito de decidir. Pode deixá-lo aqui para servir de atração, deixá-lo encarando as grades desta jaula até se consumir. Você não pode prender um lobo, Simion, e esperar que ele viva feliz. Ou que tenha uma vida longa.

— Sim — concordou Simion, lentamente. — Sim, eu entendo. — Ele hesitou, depois assentiu e inclinou a cabeça em direção à porta do galpão.

Era tudo o que Perrin precisava. Ele abriu a porta de ripas e saiu do caminho.

Por um instante Noam encarou a passagem. De repente partiu em disparada, correndo de quatro, mas com uma agilidade surpreendente. Saiu da jaula, do galpão, adentrou a noite. *Que a Luz ajude a nós dois*, pensou Perrin.

— Acho que é melhor ele ficar livre. — Simion estremeceu. — Mas não sei o que Mestre Harod vai dizer quando vir esta porta aberta e Noam desaparecido.

Perrin fechou a porta da jaula, e o enorme cadeado fez um clique.

— Deixe ele descobrir sozinho.

Simion soltou uma risada breve e a interrompeu de repente.

— Ele vai inventar alguma história. Todo mundo inventa. Uns dizem que Noam virou um lobo, com pelos e tudo, quando mordeu Mãe Roon. Não é verdade, mas é o que dizem.

Estremecendo, Perrin apoiou a cabeça na porta da jaula. *Ele pode não ter pelos, mas é um lobo. É um lobo, não um homem. Luz, me ajude.*

— Não o deixávamos aqui o tempo todo — disse Simion de repente. — Ele ficava na casa de Mãe Roon, mas ela e eu pedimos que Mestre Harod o trouxesse para cá depois que os Mantos-brancos chegaram. Eles andam com uma lista com os nomes dos Amigos das Trevas que procuram. Foi por causa dos olhos de Noam, entende? Um dos nomes na lista dos Mantos-brancos era o de um tal Perrin Aybara, um ferreiro. Diziam que ele tinha olhos amarelos e corria com os lobos. O senhor entende por que eu não quis que soubessem sobre Noam.

Perrin virou a cabeça e encarou Simion por cima do ombro.

— Você acha que esse Perrin Aybara é um Amigo das Trevas?

— Um Amigo das Trevas não se importaria em ver meu irmão morrer dentro de uma jaula. Creio que ela tenha encontrado o senhor logo depois que isso aconteceu. A tempo de ajudar. Gostaria que ela tivesse vindo a Jahra uns meses mais cedo.

Perrin sentiu vergonha por ter comparado aquele homem a um sapo.

— E eu gostaria que ela tivesse podido fazer algo por ele. — *Que me queimem, eu gostaria mesmo.* De súbito imaginou que talvez toda a aldeia já estivesse sabendo sobre Noam. Sobre seus olhos. — Simion, você pode me levar algo para comer no quarto?

Mestre Harod e o restante talvez estivessem muito impressionados com Loial para reparar nos olhos de Perrin, mas certamente notariam se o vissem no salão.

— É claro. E de manhã também. O senhor não precisa descer antes da hora de montar o cavalo.

— Você é um bom homem, Simion. Um bom homem.

Simion parecia tão satisfeito ao ouvir isso que Perrin sentiu vergonha mais uma vez.

CAPÍTULO 9



Sonhos de Lobo

Perrin voltou para o quarto pela entrada dos fundos, e depois de algum tempo Simion chegou com uma bandeja coberta. O pano não abafava os aromas de carneiro cozido, vagem, nabo e pão fresco, mas Perrin continuou na cama, olhando para o teto caiado, até a comida esfriar. Sem cessar, imagens de Noam vinham à sua mente. Noam mastigando as ripas de madeira. Noam correndo e sumindo na escuridão. Ele tentou pensar em fazer fechaduras, em temperar e moldar o aço com cuidado, mas não adiantou.

Ignorando a bandeja, levantou-se e foi até o quarto de Moiraine.

— Pode entrar, Perrin — respondeu ela à batida na porta.

Por um instante, pensou em todas as histórias antigas sobre Aes Sedai, mas as deixou de lado e abriu a porta.

Moiraine estava sozinha — ele ficou grato por isso —, sentada, equilibrando um frasco de tinta no joelho e rabiscando em um pequeno caderno com capa de couro. Ela arrolhou o frasco e limpou a ponta de aço da pena em um pedaço de pergaminho, sem olhar para ele. A lareira estava acesa.

— Estava aguardando você há algum tempo — disse. — Não toquei no assunto antes porque estava óbvio que você não queria. Mas, depois de hoje à noite… O que deseja saber?

— É isso que vai acontecer comigo? — perguntou ele. — Vou acabar assim?

— Talvez.

Ele esperou que ela dissesse algo mais, porém a mulher apenas guardou caneta e tinta no pequeno estojo de madeira-rosa polida e soprou o rascunho para secá-lo.

— É só isso? Moiraine, não me venha com respostas evasivas de Aes Sedai. Se você sabe alguma coisa, então me diga. Por favor.

— Sei muito pouco, Perrin. Enquanto buscava outras respostas entre os livros e manuscritos de pesquisa de duas amigas, encontrei a cópia do fragmento de um livro da Era das Lendas. Falava sobre… situações como a sua. Talvez fosse a única cópia no mundo inteiro, e não esclareceu muita coisa.

— Mas esclareceu *o quê*? Qualquer coisa já é mais do que tudo o que sei agora. Que me queime, eu aqui me preocupando se Rand poderia ficar louco, sem nem imaginar que teria que me preocupar comigo!

— Perrin, mesmo na Era das Lendas se sabia muito pouco a respeito disso. Quem escreveu o livro parecia não estar certo de que fosse verdade ou lenda. E eu vi apenas um fragmento, não se esqueça disso. Dizia que alguns que falavam com os lobos se perdiam, e que o ser humano acabava devorado pelo lobo. Alguns. Se quis dizer um em dez, ou cinco, ou nove, eu não sei.

— Eu consigo bloqueá-los. Não sei como, mas sou capaz de me recusar a escutá-los. Posso me recusar a ouvi-los. Isso ajudaria?

— Pode ser. — Ela o observou, parecendo escolher as palavras com cuidado. — O trecho que li era sobretudo sobre sonhos. Sonhar pode ser perigoso para você, Perrin.

— Você já disse isso uma vez. O que quer dizer?

— De acordo com o livro, os lobos vivem parte neste mundo, parte em um mundo dos sonhos.

— Mundo dos sonhos? — perguntou ele, incrédulo.

Moiraine o encarou com um olhar penetrante.

— Foi isso que eu disse, e era isso que estava escrito. A maneira como os lobos conversam entre si, e com você, está de alguma forma ligada a esse mundo dos sonhos. Não digo que entendo como isso acontece. — Ela fez uma pausa e franziu a testa de leve. — Pelo que li sobre Aes Sedai que tinham o Talento de Sonhar, os Sonhadores às vezes diziam encontrar lobos nos sonhos, até mesmo alguns lobos que serviam de guias. Temo que você

precise aprender a ser tão cuidadoso dormindo quanto acordado, se quiser evitar os lobos. Se essa for a sua decisão.

— Se essa for a minha decisão? Moiraine, eu não vou terminar como Noam. Não vou!

Ela lhe lançou um olhar questionador e balançou a cabeça devagar.

— Você fala como se fosse dono de todas as suas escolhas, Perrin. Você é *ta'veren*, não se esqueça. — Ele lhe deu as costas e contemplou a escuridão da noite pelas janelas, mas ela continuou. — Talvez, por saber o que Rand é, por saber como ele é um *ta'veren* forte, eu tenha prestado pouca atenção aos outros dois *ta'veren* que encontrei com ele. Três *ta'veren* na mesma aldeia, todos nascidos com semanas de diferença? Nunca se ouviu falar nisso. Talvez você e Mat tenham propósitos maiores para o Padrão do que imaginávamos.

— Não quero ter propósito *nenhum* para o Padrão — resmungou Perrin. — E sem dúvida não poderei ter, se esquecer que sou um homem. Você pode me ajudar, Moiraine? — Era muito difícil dizer aquelas palavras. *E se para isso ela tiver que usar o Poder Único? Não seria melhor eu esquecer que sou um homem?* — Pode me ajudar a não… me perder?

— Se eu puder manter você inteiro, farei isso. Eu prometo, Perrin. Mas não pretendo arriscar a luta contra a Sombra. Você também precisa saber disso.

Quando ele se virou para encará-la, ela o observava sem piscar. *E se a sua luta me levar amanhã mesmo para o túmulo, você vai adiante?* Ele teve a certeza fria de que sim.

— O que foi que você não me contou?

— Não vá longe demais, Perrin — retrucou ela, friamente. — Não me pressione a dizer mais do que julgo apropriado.

Ele hesitou antes de fazer a pergunta seguinte.

— Pode fazer por mim o que fez por Lan? Pode blindar meus sonhos?

— Eu já tenho um Guardião, Perrin. — Seus lábios se contorceram em um esboço de sorriso. — E terei apenas um. Sou da Ajah Azul, não da Verde.

— Você entendeu. Não quero ser Guardião. — *Luz, eu preso por um elo a uma Aes Sedai pelo resto da vida? É tão ruim quanto os lobos.*

— Não adiantaria nada, Perrin. A blindagem é para os sonhos externos. O perigo dos seus sonhos está dentro de você. — Ela abriu outra vez o

pequeno livro. — Você deveria dormir — completou, dispensando-o. — Tenha cuidado com os sonhos, mas alguma hora vai precisar dormir.

Ela virou uma página, e ele foi embora.

De volta ao próprio quarto, Perrin relaxou um pouco, só um pouquinho, e deixou seus sentidos aflorarem. Os lobos ainda estavam lá fora, fora da aldeia, rodeando Jahra. Quase no mesmo instante, retornou ao rígido autocontrole.

— Eu preciso é de uma cidade — murmurou. Aquilo os manteria distantes. *Depois de encontrar Rand. Depois de concluir o que precisa ser concluído.* Ele não sabia ao certo o quanto lamentava por Moiraine não ter podido protegê-lo. O Poder Único ou os lobos: era uma escolha que homem nenhum deveria ter de fazer.

Ele deixou o fogo da lareira se extinguir e abriu as duas janelas. O ar frio da noite entrou. Ele atirou os cobertores e a colcha no chão e deitou-se, todo vestido, na cama encaroçada, sem se esforçar para encontrar uma posição confortável. O último pensamento antes de adormecer foi que, se havia alguma coisa capaz de evitar o sono profundo e os sonhos perigosos, seria aquele colchão.

* * *

Ele estava em um corredor longo. As paredes e o teto alto de pedras, rajados de sombras estranhas, tinham um brilho úmido. As sombras se contorciam em faixas, desaparecendo tão abruptamente quanto surgiam, escuras demais para a luz entre elas. Ele não fazia ideia de onde vinha a luz.

— Não — disse, depois repetiu, mais alto: — Não! Isso é um sonho. Preciso acordar. Acordar!

O corredor não se alterou.

Perigo. Era o pensamento de um lobo, fraco e distante.

— Eu vou acordar. Eu vou!

Deu um murro na parede. Doeu, mas ele não acordou. Pensou ter visto uma das sombras sinuosas desviar do golpe.

Corra, irmão. Corra.

— Saltador? — perguntou, assombrado. Tinha certeza de que reconhecia o lobo cujos pensamentos acabara de ouvir. Saltador, que havia invejado as águias. — Saltador está morto!

Corra!

Perrin começou a correr, desajeitado, segurando o machado para que o cabo não batesse em sua perna. Não sabia para onde corria, ou por quê, mas a urgência do chamado de Saltador não podia ser ignorada. *Saltador está morto*, pensava. *Está morto!* Mas Perrin corria.

O corredor por onde ele avançava cruzava com outros em inclinações estranhas, às vezes descendo, às vezes subindo. No entanto, nenhum parecia muito diferente de onde ele estava. Paredes ininterruptas de pedras úmidas, sem nenhuma porta, rajadas de escuridão.

Ao passar por um dos corredores que cruzavam o principal, ele deu uma derrapada e parou. Havia um homem ali. Piscava, indeciso, o casaco aberto por cima dos quadris e as bainhas da calça abertas por sobre as botas. Ambos eram amarelo vivo, mas as botas eram apenas um pouco mais claras.

— É mais do que consigo suportar — disse o homem para si mesmo, não para Perrin. Tinha um sotaque estranho, ligeiro e pronunciado. — Não sonho apenas com camponeses, mas agora com camponeses estrangeiros, a julgar pelas roupas. Saia dos meus sonhos, rapaz!

— Quem é você? — perguntou Perrin.

O homem ergueu as sobrancelhas, como se ofendido.

As faixas de sombra se retorciam em torno deles. Uma delas se descolou do teto, em um dos cantos, e se esgueirou até a cabeça do estranho. Parecia se enroscar em seus cabelos. O homem arregalou os olhos, e tudo aconteceu muito rápido. A sombra disparou de volta para o teto, dez pés acima, levando algo pálido. Pingos salpicaram o rosto de Perrin. Um guincho agudo e ensurdecedor cortou o ar.

Paralisado, Perrin encarou a silhueta ensanguentada vestida com as roupas do homem, gritando e se debatendo no chão. Sem pensar, ele ergueu os olhos para ver o objeto pálido que pendia do teto como um saco vazio. Uma parte já fora absorvida pela faixa negra, mas ele não teve dificuldade em reconhecer a pele humana, aparentemente inteira.

As sombras em volta dele dançavam, agitadas, e Perrin correu, perseguido pelos gritos do homem, que morria. Ondas percorriam as faixas escuras, acompanhando-o.

— Mude, que o queime! — gritou ele. — Sei que é um sonho! Que a luz o queime, mude!

Tapeçarias coloridas pendiam das paredes, e altos pedestais dourados com dezenas de velas iluminavam o chão de ladrilhos brancos e o teto, pintado com nuvens macias e pássaros extravagantes em pleno voo. Nada se movia além das chamas bruxuleantes ao longo do corredor, estendendo-se até onde a vista alcançava, ou dos arcos angulosos de pedra branca que de vez em quando irrompiam das paredes.

Perigo. O chamado era ainda mais fraco que o anterior. E mais urgente, se é que era possível.

De machado na mão, Perrin começou a avançar pelo corredor, cauteloso, falando sozinho.

— Acorde. Acorde, Perrin. Se você sabe que é um sonho, ou ele muda ou você acorda. Acorde, que queime! — O corredor era tão concreto quanto qualquer outro lugar por onde ele já havia passado.

Ele parou diante da primeira arcada, branca e bem angulosa. Ela levava a um imenso salão aparentemente sem janelas, mas tão suntuoso quanto um palácio. A mobília era toda trabalhada, coberta de ouro e marchetada de marfim. Havia uma mulher de pé no centro do salão, encarando um manuscrito esfarrapado aberto em uma mesa com a testa franzida. Uma bela mulher, de cabelos e olhos negros, vestida de branco e prateado.

Ao mesmo tempo em que ele a reconheceu, ela ergueu a cabeça e o encarou de frente. Arregalou os olhos, chocada e cheia de raiva.

— Você! O que está fazendo aqui? Como foi que… Você vai estragar coisas que sequer pode imaginar!

De repente, o recinto pareceu se achatar, como se Perrin observasse um desenho e não mais o salão. A imagem plana virou-se de lado e tornou-se apenas uma linha vertical brilhante em meio às sombras. Uma luz branca piscou, e a linha desapareceu, deixando apenas a escuridão, mais negra que o próprio negro.

Bem diante das botas de Perrin, os azulejos do chão de súbito chegaram ao fim. Enquanto ele olhava, as bordas brancas se dissolviam em uma areia negra levada pela água. Mais do que depressa, ele deu um passo atrás.

Corra.

Perrin se virou e viu Saltador, um enorme lobo cinzento com uma cicatriz.

— Você está morto. Eu vi você morrer. *Senti* você morrer!

Um chamado inundou os pensamentos de Perrin.

Corra, agora! Você não pode ficar aqui. Perigo. Enorme perigo. Maior que todos os Desnascidos. Você precisa ir. Vá agora! Agora!

— Como? — gritou Perrin. — Eu quero ir, mas como?

Vá! Arreganhando os dentes, Saltador pulou em direção à garganta de Perrin.

* * *

Com um grito abafado, Perrin sentou-se na cama, as mãos na garganta para estancar o sangramento. Encontrou a pele intacta. Engoliu em seco, aliviado, mas no instante seguinte seus dedos tocaram uma região úmida.

Quase caindo, ele pulou para fora da cama, cambaleou até a pia, agarrou o cântaro e encheu a bacia, espalhando água por todos os lados. Ao lavar o rosto, a água se tornou cor-de-rosa. Por causa do sangue do homem com as roupas estranhas.

Mais pontos escuros salpicavam seu casaco e as calças. Ele os arrancou do corpo e os atirou bem longe. Pretendia deixá-los ali. Simion podia queimá-los.

Uma rajada de vento açoitou a janela aberta. Trêmulo, de camiseta e roupas íntimas, sentou-se no chão e recostou na cama. *Aqui deve ser bastante desconfortável*. Tinha os pensamentos cheios de amargura, além de medo e preocupação. E determinação. *Não vou ceder a isso. Não vou!*

Ele ainda tremia quando enfim adormeceu, um sono leve e vigilante dominado pela vaga consciência do quarto ao redor e pela lembrança do frio. Mas os pesadelos que vieram eram melhores que alguns outros.

* * *

Rand se aninhava sob as árvores no escuro, observando o cão negro e corpulento aproximar-se de seu esconderijo. Sentia dor em um dos lados do corpo, no ferimento que Moiraine não fora capaz de curar, mas a ignorou. O luar fraco mal permitia que ele distinguisse o cão da altura de seu quadril, com pescoço grosso, cabeça pesada e dentes com um brilho que lembrava prata molhada em meio à noite. Ele farejou o ar e trotou em direção a Rand.

Mais perto, pensou Rand. *Chegue mais perto. Nada de aviso a seu mestre desta vez. Mais perto. É isso aí.* O cão estava a apenas dez passos de

distância. Um rosnado profundo ressoava em seu peito, e ele de repente saltou para a frente. Direto para cima de Rand.

O Poder o preencheu. Algo projetou-se de seus braços abertos, ele não sabia ao certo o quê. Uma barra de luz branca, sólida como aço. Fogo líquido. Por um instante, no meio daquilo tudo, o cão ficou transparente, depois desapareceu.

A luz branca se enfraqueceu, deixando apenas a marca da imagem nos olhos de Rand. Ele desabou no tronco da árvore mais próxima, sentindo a casca da árvore arranhar o rosto. O alívio e um riso silencioso o fizeram vibrar. *Funcionou. Que a Luz me salve, desta vez funcionou.* Não era sempre. Tinha encontrado outros cães aquela noite.

O Poder Único pulsava dentro dele, e seu estômago estava embrulhado por conta da mácula do Tenebroso em *saidin*, ameaçando fazê-lo vomitar. O suor pingava de seu rosto, apesar do vento frio da noite, e a boca estava com gosto de vômito. Ele queria se deitar e morrer. Queria que Nynaeve lhe desse algum remédio, ou que Moiraine o Curasse, ou… alguma coisa, qualquer coisa que acabasse com aquele mal-estar sufocante.

Mas *saidin* também o inundava de vida. Vida, energia e consciência, misturadas à náusea. A vida sem *saidin* era uma mera cópia. Qualquer outra coisa era uma débil imitação.

Mas podem me encontrar se eu continuar canalizando. Podem me rastrear, me encontrar. Preciso chegar a Tear. Lá descobrirei. Se eu for o Dragão, tudo terá um fim. E, se eu não for… se tudo não passar de uma mentira, haverá um fim de todo modo. Um fim.

Com relutância, bem devagar, rompeu o contato com *saidin*, abandonou o abraço como se abandonasse o sopro da vida. A noite parecia opaca. As sombras haviam perdido as formas nítidas e estavam misturadas.

Ao longe, a oeste, um cão uivou, um choro trêmulo no silêncio da noite.

Rand ergueu a cabeça. Olhou na direção do cão, como se pudesse enxergá-lo se fizesse algum esforço.

Um segundo cão respondeu ao primeiro, depois mais um, e mais dois, todos espalhados em algum ponto a oeste.

— Venham me caçar — rosnou Rand. — Venham me caçar se quiserem. Não sou presa fácil. Não mais!

Com um empurrão, ele se afastou da árvore e seguiu caminhando por um córrego raso e congelante, rumo a leste. A água fria entrava em suas botas,

mas ele a ignorou. A noite se aquietava novamente ao seu redor, mas ele também a ignorou. *Venham me caçar. Eu também sei caçar. Não sou presa fácil.*



CAPÍTULO 10



Segredos

Ignorando os companheiros de viagem por um instante, Egwene al'Vere apoiou-se no estribo na esperança de avistar Tar Valon ao longe, mas só conseguiu ver um borrão indistinto e esbranquiçado brilhando sob o sol da manhã. No entanto, só podia ser a cidade na ilha. A montanha solitária de topo quebrado, chamada Monte do Dragão, surgira pela primeira vez no horizonte no fim da tarde anterior, erguendo-se na planície irregular, ao lado do Rio Erinin de Tar Valon. Era um ponto de referência, aquela montanha semelhante a um dente pontudo erguendo-se no meio das planícies que podia ser vista com facilidade a milhas de distância e muito fácil de evitar, como faziam todos, até mesmo os que seguiam para Tar Valon.

O Monte do Dragão era, segundo diziam, onde Lews Therin Fratricida havia morrido. Muito se falava sobre a montanha, profecias e advertências. Fortes razões para ficar longe daquelas encostas negras.

Egwene tinha motivo para não ficar longe, e mais de um, na verdade. Apenas em Tar Valon poderia obter o treinamento de que precisava, o treinamento pelo qual tinha de passar. *Nunca mais usarei o colar!* Ela afastou o pensamento, que insistia em retornar. *Nunca mais perderei minha liberdade!* Em Tar Valon, Anaiya voltaria a testar seus sonhos. A Aes Sedai precisaria fazer aquilo, embora não tivesse encontrado provas de que Egwene era uma Sonhadora, como suspeitava. Andava tendo sonhos perturbadores desde que deixaram a Planície de Almoth. Além dos sonhos

com os Seanchan, que ainda a faziam acordar suando, sonhava cada vez mais com Rand. Rand correndo. Correndo em direção a algo, mas também correndo de algo.

Ela forçou a vista na direção de Tar Valon. Anaiya estaria lá. *E Galad também, quem sabe.* Egwene enrubesceu sem querer e baniu por completo o rapaz de seus pensamentos. *Pense no tempo. Pense em qualquer outra coisa. Luz, como está quente.*

Naquela época do ano, o inverno já era somente uma lembrança. O Monte do Dragão ainda estava coberto de branco, mas ali embaixo a neve já tinha derretido. As primeiras folhas verdes despontavam na grama marrom do ano anterior, e o primeiro vermelho dos novos brotos já surgia sobre as árvores que cobriam as montanhas baixas aqui e ali. Depois de passar o inverno viajando, às vezes presa por dias em aldeias ou acampamentos, por causa das tempestades, às vezes cobrindo distâncias menores durante o dia inteiro por causa da neve que batia na barriga dos cavalos do que faria se caminhasse até o meio-dia em condições melhores, era bom ver um sinal da primavera.

Tirando o manto pesado de lã do caminho, Egwene desabou na sela de cepilho alto e alisou as saias com impaciência. Tinha os olhos negros cheios de desgosto. Já passara tempo demais com o mesmo vestido, dividido pelas próprias mãos hábeis na agulha para cavalgar, mas o único outro que tinha estava ainda mais imundo. Era da mesma cor, o cinza-escuro das Encolaradas. Semanas antes, no início da viagem até Tar Valon, a escolha fora entre cinza ou nada.

— Juro que nunca mais usarei cinza, Bela — disse, dando umas palmadinhas no pescoço da égua peluda. *Não que eu vá ter muitas opções quando voltarmos à Torre Branca,* pensou. Na Torre, todas as noviças usavam branco.

— Falando sozinha de novo? — perguntou Nynaeve, puxando o capão baio para perto de Egwene. As duas mulheres tinham altura e roupas similares, mas a diferença em seus cavalos deixava a antiga Sabedoria de Campo de Emond uma cabeça mais alta. Nynaeve franziu a testa e deu um puxão na trança grossa de cabelos escuros por cima do ombro, como costumava fazer quando estava preocupada ou apreensiva, ou quando se preparava para ser especialmente teimosa, até mesmo para os seus padrões. Um anel da Grande Serpente no dedo a identificava como Aceita. Ainda não

era Aes Sedai, mas já estava um longo passo à frente de Egwene. — É melhor prestar atenção.

Egwene segurou a língua e não respondeu que estava procurando Tar Valon. *Ela acha que subi no estribo porque não gosto da sela?* Nynaeve parecia esquecer com frequência que já não era a Sabedoria de Campo de Emond e que Egwene não era mais uma criança. *Mas ela tem um anel, e eu não… ainda! E para ela isso significa que nada mudou!*

— Você gostaria de saber como Moiraine está tratando Lan? — perguntou, de um jeito doce, sentindo uma satisfação momentânea com o puxão forte que Nynaeve deu na trança. A satisfação, porém, foi embora depressa. Comentários venenosos não eram de sua natureza, e ela sabia que os sentimentos de Nynaeve a respeito do Guardião eram como um novelo de lã embaraçado por um gatinho. Mas Lan não era nenhum gatinho, e a mulher teria que tomar alguma atitude antes que a nobreza teimosa do sujeito a irritasse a ponto de Nynaeve assassiná-lo.

Eles estavam em seis ao todo, vestidos com roupas simples para passarem despercebidos pelas aldeias e vilarejos no caminho, mas mesmo assim talvez fizesse tempo que um grupo tão estranho cruzou o Relvado de Caralain. Quatro eram mulheres, e um dos homens ia estirado em uma liteira estendida entre dois cavalos. Os cavalos da liteira também carregavam pequenos volumes, com suprimentos para os trechos longos entre as aldeias que surgiam pelo caminho.

Seis pessoas, pensou Egwene, *e quantos segredos?* Todos dividiam mais de um, segredos que talvez devessem ser guardados até na Torre Branca. *A vida era mais simples em casa.*

— Nynaeve, será que Rand está bem? E Perrin? — acrescentou, depressa.

Não podia mais se dar ao luxo de fazer de conta que um dia se casaria com Rand. Naquele momento, sabia que não passaria mesmo de faz de conta. Não gostava da ideia, não estava totalmente em paz, mas sabia.

— São os sonhos? Estão perturbando você outra vez? — Nynaeve parecia preocupada, mas Egwene não estava com ânimo para aceitar a compaixão dela.

Ela se esforçou para manter a voz o mais natural possível.

— Pelos rumores que ouvimos não dá para dizer o que pode estar acontecendo. Tudo o que contam é tão distorcido, tão errado.

— Tudo vem dando errado desde que Moiraine entrou nas nossas vidas — reclamou Nynaeve, ríspida. — Perrin e Rand… — Ela hesitou e fez uma careta. Egwene pensou que Nynaeve acreditava que tudo o que Rand havia se tornado era obra de Moiraine. — Eles terão que se cuidar sozinhos por enquanto. Creio que já tenhamos muito com que nos preocupar. Tem alguma coisa errada. Eu… sinto.

— Você sabe o que é? — perguntou Egwene.

— Parece quase uma tempestade. — Os olhos negros de Nynaeve perscrutaram o céu da manhã, claro e azul, com apenas algumas nuvens brancas isoladas, e ela sacudiu a cabeça outra vez. — Uma tempestade a caminho. Nynaeve sempre fora capaz de prever o tempo. Ouvir o vento, como chamavam, era algo esperado da Sabedoria de todas as aldeias, embora muitas não conseguissem de fato fazê-lo. No entanto, desde que saíram de Campo de Emond, a habilidade de Nynaeve havia crescido, ou mudado. Naquele momento, as tempestades que ela sentia tinham por vezes mais a ver com os homens do que com o clima.

Egwene mordeu o lábio inferior, pensativa. O grupo não podia ser detido ou atrasado, não depois de chegar tão longe, não tão perto de Tar Valon. Pelo bem de Mat e por razões que sua consciência talvez afirmasse serem mais importantes que a vida de um jovem da aldeia, um amigo de infância, mas que seu coração não julgava tão fortes. Ela olhou os outros e se perguntou se alguém havia notado algo.

Verin Sedai, pequena, roliça e toda vestida em tons de marrom, seguia aparentemente perdida nos próprios pensamentos, o capuz do manto puxado para a frente até quase esconder o rosto. Ia à frente do grupo, mas deixava seu cavalo seguir no ritmo próprio. Pertencia à Ajah Marrom, e as irmãs marrons em geral se importavam mais em buscar conhecimento do que com qualquer coisa no mundo à sua volta. Egwene, no entanto, não tinha tanta certeza do desprendimento de Verin. Por acompanhá-los, Verin havia se envolvido bastante com os assuntos do mundo.

Elayne, de idade próxima à de Egwene e também noviça, mas de cabelos louros e olhos azuis, enquanto os de Egwene eram escuros, seguia atrás, ao lado da liteira onde Mat jazia inconsciente. Vestida nos mesmos tons de cinza de Egwene e Nynaeve, observava o rapaz com a mesma preocupação das outras. Mat não se levantava já fazia três dias. O homem esguio e de cabelos compridos do outro lado da liteira parecia querer olhar para todos

os cantos sem que ninguém percebesse, e suas linhas de expressão se pronunciavam de tanta concentração.

— Hurin — disse Egwene, e Nynaeve assentiu. Elas reduziram a marcha para que a liteira as alcançasse. Verin seguia na frente, em passadas lentas.

— Está sentindo alguma coisa, Hurin? — perguntou Nynaeve.

Elayne ergueu os olhos, de súbito atentos, para a liteira de Mat.

Com as três a encará-lo, o homem magro se remexeu na sela e esfregou o nariz comprido.

— Problemas — respondeu, ao mesmo tempo breve e relutante. — Acho que talvez… problemas.

Hurin era o apanhador de ladrões do Rei de Shienar e, embora não usasse o rabo de cavalo dos guerreiros shienaranos, a espada curta e a adaga quebra-espada dentada em seu cinturão estavam gastas pelo uso. Os anos de experiência pareciam ter garantido ao homem algum talento para farejar malfeitores, em especial os que praticavam violência.

Em duas ocasiões durante a viagem, ele os aconselhara a deixar uma aldeia depois de menos de uma hora. Da primeira vez, todos se recusaram, dizendo que estavam muito cansados, mas antes do cair da noite o estalajadeiro e outros dois homens da aldeia tentaram matá-los enquanto dormiam. Eram meros ladrões, não Amigos das Trevas, ávidos pelos cavalos e o que mais houvesse nos alforjes e trouxas. Mas o resto da aldeia ficou sabendo do ocorrido, e aparentemente não via problema em roubar de estranhos. O grupo foi forçado a fugir de uma multidão agitando ancinhos e cabos de machados. Da segunda vez, Verin ordenou que fossem embora assim que Hurin abriu a boca.

O apanhador de ladrões, no entanto, era sempre cauteloso ao falar com as companheiras. Mas não com Mat. Quando o rapaz ainda conseguia conversar, os dois faziam piadas e jogavam dados quando as mulheres não estavam por perto. Egwene pensava que ele poderia se sentir constrangido por estar, para todos os efeitos, sozinho com uma Aes Sedai e três mulheres em treinamento. Alguns homens achavam mais fácil encarar uma luta do que uma Aes Sedai.

— Que tipo de problemas? — perguntou Elayne.

Ela falou com naturalidade, mas era tão óbvio que esperava uma resposta que Hurin abriu a boca:

— Eu sinto um cheiro… — Parou de falar e piscou, como se surpreso, os olhos saltando de uma mulher para outra. — É só uma sensação — disse, por fim. — Um… pressentimento. Vi umas pegadas ontem e hoje. Muitos cavalos. Uns vinte ou trinta seguindo para este lado, e outros vinte ou trinta, para o lado de lá. E fiquei pensando. É só isso. Uma sensação. Mas sei que são problemas.

Pegadas? Egwene não havia percebido. Nynaeve disse, com rispidez:

— Não vi nada de preocupante nelas. — Nynaeve se orgulhava de seguir rastros tão bem quanto qualquer homem. — Eram de dias atrás. O que faz você achar que se tratavam de problemas?

— Só acredito que sejam — respondeu Hurin, devagar, como se quisesse dizer algo mais. Baixou os olhos, esfregou o nariz e inspirou fundo. — Faz um bom tempo que não vemos uma aldeia — murmurou. — Quem é que sabe que notícias de Falme chegaram na nossa frente? Talvez não tenhamos uma recepção tão agradável quanto esperamos. Acho que esses homens podem ser bandidos, assassinos. Precisamos ter cuidado, na minha opinião. Se Mat estivesse de pé, eu seguiria à frente como batedor, mas talvez seja melhor não deixar vocês sozinhas.

Nynaeve ergueu as sobrancelhas.

— Acha que não somos capazes de nos cuidar sozinhas?

— O Poder Único não adianta de muita coisa se alguém matá-la antes que você consiga usá-lo — retrucou Hurin, dirigindo-se ao cepilho alto de sua sela. — Me desculpem, mas acho que… vou seguir com Verin Sedai por um tempo. — Ele afundou o calcanhar e galopou adiante antes que alguém se pronunciasse outra vez.

— Isso sim é uma surpresa — disse Elayne, ao ver Hurin reduzir a velocidade ao lado da irmã Marrom. Verin não pareceu notar o homem mais do que notava todo o resto, e ele pareceu satisfeito com a situação. — Ele ficou o mais distante possível de Verin, desde que saímos da Ponta de Toman. Sempre a encara como se tivesse medo do que ela pode dizer.

— Respeitar as Aes Sedai não quer dizer não ter medo delas — disse Nynaeve. Então acrescentou, relutante: — De nós.

— Se ele acha que pode haver algum problema, é melhor mandarmos patrulhar à frente. — Egwene respirou fundo e lançou às outras duas mulheres o olhar mais firme que pôde. — Se houver algum problema,

conseguiremos nos defender melhor do que ele seria capaz, mesmo com cem soldados para ajudar.

— Ele não sabe disso — retrucou Nynaeve, indiferente —, e não sou eu que vou contar. Nem a ele nem a ninguém.

— Posso imaginar o que Verin teria a dizer sobre isso. — Elayne parecia ansiosa. — Queria ter alguma ideia do quanto ela sabe. Egwene, não sei se minha mãe conseguiria me ajudar se a Amyrlin descobrisse, muito menos a vocês duas. Não sei nem se ela tentaria. — A mãe de Elayne era a Rainha de Andor. — Ela só aprendeu um pouco do Poder antes de deixar a Torre Branca, por mais que viva como se tivesse sido elevada a irmã completa.

— Não podemos ficar torcendo para contar com Morgase — disse Nynaeve. — Ela está em Caemlyn, e nós estaremos em Tar Valon. Não, talvez já tenhamos muitos problemas por conta da nossa fuga, independentemente do que estamos levando de volta. Será melhor mantermos a discrição, nos comportarmos com humildade e não fazermos nada que atraia ainda mais atenção.

Em qualquer outro momento, Egwene teria rido ao pensar em Nynaeve fingindo humildade. Até Elayne se sairia melhor. Mas, naquele instante, não sentia vontade de rir.

— E se Hurin estiver certo? E se formos atacados? Ele não pode nos defender de vinte ou trinta homens, e é capaz de morrermos se esperarmos Verin tomar alguma atitude. Você disse que sente uma tempestade, Nynaeve.

— Sente? — perguntou Elayne. Os cachos louro-acobreados se balançaram quando ela sacudiu a cabeça. — Verin não vai gostar se nós… — A voz dela foi morrendo. — Independentemente de Verin gostar ou não, talvez seja preciso.

— Farei o que for preciso — disse Nynaeve, com rispidez —, se algo tiver que ser feito. E você duas vão fugir, se for preciso. A Torre Branca pode estar em polvorosa com o potencial de vocês, mas não pensem que não vão estancá-las se o Trono de Amyrlin ou o Salão da Torre julgarem necessário.

Elayne engoliu em seco.

— Se nos estancarem por isso — disse, com a voz fraca —, farão o mesmo com você. Devemos todas fugir juntas ou agir juntas. Hurin já acertou antes. Se quisermos ficar vivas para enfrentar os problemas na Torre, talvez tenhamos… que fazer o que for preciso.

Egwene estremeceu. Estancada. Separada de *saidar*, a metade feminina da Fonte Verdadeira. Poucas Aes Sedai haviam sofrido essa punição, ainda que houvesse atos que a Torre condenasse com essa penalidade. As noviças eram obrigadas a decorar os nomes de todas Aes Sedai que já haviam sido estancadas, além de seus crimes.

Ela sempre conseguia sentir a Fonte presente, logo além do alcance dos olhos, como o sol do meio-dia em seus ombros. Ainda que com frequência não alcançasse nada ao buscar *saidar*, queria tocá-la. Quanto mais a tocava, mais tinha vontade, o tempo inteiro, não importava o que Sheriam Sedai, a Mestra das Noviças, dissesse sobre os perigos de se apegar demais à sensação do Poder Único. Ser apartada disso, ainda ser capaz de sentir *saidar*, mas jamais poder tocá-la novamente…

As outras também pareciam não querer falar.

Para disfarçar o tremor, ela se inclinou por cima da sela para olhar a liteira, que balançava suavemente. Os cobertores de Mat estavam bagunçados, expondo a adaga curvada de bainha dourada em uma das mãos, com um rubi do tamanho de um ovo de pombo na ponta do cabo. Com cuidado para não encostar na adaga, ela ajeitou os cobertores por cima da mão dele. O rapaz era apenas alguns anos mais velho que ela, mas o rosto encovado e a pele amarelada o envelheciam. O peito mal se movia com a respiração rouca. Um saco de couro encaroçado jazia a seus pés. Ela ajeitou o cobertor por cima do saco também. *Precisamos levar Mat até a Torre*, pensou. *E o saco.*

Nynaeve também se inclinou e tocou a testa de Mat.

— A febre aumentou. — Ela parecia preocupada. — Se pelo menos eu tivesse um pouco de raiz-do-sossego ou mata-febre.

— Talvez se Verin tentasse Curá-lo de novo — sugeriu Elayne.

Nynaeve balançou a cabeça, acariciou os cabelos de Mat e deu um suspiro antes de se endireitar para falar.

— Ela disse que tudo o que pode fazer agora é mantê-lo vivo, e eu acredito nela. Eu… tentei Curá-lo sozinha ontem à noite, mas nada aconteceu.

Elayne arfou.

— Sheriam Sedai disse que não devemos tentar Curar antes de sermos guiadas passo a passo uma centena vezes.

— Você poderia tê-lo matado — concordou Egwene, com rispidez.

Nynaeve fungou alto.

— Eu já Curava antes de sequer pensar em ir para Tar Valon, mesmo sem saber disso. Mas parece que preciso dos meus remédios para fazer a coisa funcionar. Se pelo menos eu tivesse um pouco de mata-febre. Acho que ele já não tem muito tempo. Horas, talvez.

Egwene pensou que Nynaeve parecia quase tão triste em saber o que sabia quanto se sentia em relação a Mat. Ela se perguntou mais uma vez por que Nynaeve havia decidido ir a Tar Valon para o treinamento, para começar. Ela aprendera a canalizar involuntariamente, mesmo que nem sempre fosse capaz de controlar seus atos, e superara a crise que matava três entre quatro mulheres que aprendiam a canalizar sem a orientação de uma Aes Sedai. Nynaeve dizia que queria aprender mais, entretanto, com frequência se mostrava tão relutante a respeito quanto uma criança obrigada a tomar chá de língua-de-ovelha.

— Logo chegaremos à Torre Branca — disse Egwene. — Lá, ele será Curado. A Amyrlin vai cuidar dele. Ela vai cuidar de tudo. — Ela não olhava para os pés de Mat, onde o cobertor escondia o saco. As outras duas mulheres tinham o cuidado de também não olhar. Havia alguns segredos dos quais todas se sentiriam aliviadas em se livrar.

— Cavaleiros — avisou Nynaeve de repente, mas Egwene já os avistara. Mais de vinte homens surgiam por cima de uma pequena encosta à frente, os mantos brancos esvoaçando enquanto o grupo galopava em direção a eles.

— Filhos da Luz — acrescentou Elayne, como se fosse um xingamento. — Acho que encontramos sua tempestade e o problema de Hurin.

Verin havia parado, com uma das mãos no braço de Hurin para impedir que ele desembainhasse a espada. Egwene tocou o cavalo que conduzia a liteira e o freou bem atrás da Aes Sedai roliça.

— Podem deixar que eu falo, crianças — disse a Aes Sedai, muito calma, empurrando o capuz para trás e revelando os cabelos grisalhos. Egwene não sabia dizer qual seria a idade de Verin. Achava-a velha o bastante para ser avó, mas as mechas cinza eram o único sinal da idade da Aes Sedai. — O que quer que façam, não permitam que eles as irritem.

O rosto de Verin era tão tranquilo quanto sua voz, mas Egwene pensou ter visto a Aes Sedai calculando a distância até Tar Valon. Os topos das torres já estavam visíveis, assim como a ponte alta em forma de arco que

atravessava o rio que levava à ilha, elevada o bastante para a passagem dos navios mercantes que apinhavam os rios.

Perto o bastante para ver, pensou Egwene, *mas longe demais para adiantar de alguma coisa.*

Por um instante, ela teve certeza de que os Mantos-brancos que se aproximavam pretendiam atacá-los, mas o líder ergueu uma das mãos, e de súbito o grupo puxou as rédeas, a cerca de quarenta passos de distância, levantando poeira à frente.

Nynaeve murmurou, raivosa, entre dentes, e Elayne sentou-se, ereta e cheia de orgulho, como se prestes a repreender os Mantos-brancos pelos péssimos modos. Hurin ainda segurava o punho da espada, parecia pronto para se colocar entre as mulheres e os Mantos-brancos, independentemente do que Verin dissesse. Tranquila, a Aes Sedai abanou de leve uma das mãos diante do rosto, para dissipar a poeira. Os cavaleiros de mantos brancos se espalharam em semicírculo, bloqueando a passagem com firmeza.

As placas peitorais e os elmos cônicos brilhavam devido ao polimento, e até a malha nos braços dos homens reluzia. Cada um deles tinha o sol dourado ofuscante no peitoral. Alguns encaixaram as flechas nos arcos, que não ergueram, mas deixaram a postos. O líder era um homem jovem, mas com dois nós dourados de graduação abaixo do sol no manto.

— Duas bruxas de Tar Valon, se meu palpite estiver certo, não é mesmo? — disse, com um sorriso tenso no rosto fino. A arrogância brilhava em seus olhos, como se ele soubesse alguma verdade que os outros eram muito idiotas para enxergar. — Mais duas em formação e um par de cachorrinhos, um velho e um doente. — Hurin se indignou, mas foi contido pela mão de Verin. — De onde vocês vêm? — inquiriu o Manto-branco.

— Viemos do oeste — respondeu Verin, muito calma. — Saia de nosso caminho e nos deixe seguir. Os Filhos da Luz não têm autoridade aqui.

— Os Filhos têm autoridade onde quer que a Luz esteja e levam a Luz aonde ela não estiver. Respondam às minhas perguntas! Ou será que devo levá-los ao nosso acampamento e deixar que os Questionadores os interroguem?

Mat não aguentaria se eles demorassem ainda mais a chegar à Torre Branca para obter ajuda. E, mais importante — Egwene estremecia em pensar daquela maneira —, não podiam deixar o conteúdo daquele saco cair nas mãos dos Mantos-brancos.

— Já respondi — disse Verin, ainda calma —, e com mais educação do que você merece. Acredita mesmo que podem nos impedir? — Alguns Mantos-brancos ergueram os arcos como se ela tivesse proferido uma ameaça, mas a mulher prosseguiu, com a voz inalterada: — Em outras terras vocês podem exercer autoridade por meio de ameaças, mas não aqui, às vistas de Tar Valon. Realmente acreditam que neste lugar terão permissão para matar uma Aes Sedai?

O oficial mudou de posição na sela, desconfortável, como se de súbito refletisse se poderia cumprir o que prometera. Então olhou para os homens atrás — ou para recordar-se de seu apoio ou porque lembrara que eles o observavam — e se controlou.

— Não tenho medo de seus modos de Amigos das Trevas, bruxa. Responda a mim ou responda aos Questionadores. — Ele não soava tão seguro quanto antes.

Verin abriu a boca como se fosse apenas conversar, mas, antes que pudesse falar, Elayne pulou na frente, com uma voz autoritária.

— Eu sou Elayne, Filha-herdeira de Andor. Se não saírem do nosso caminho de uma vez, responderão à Rainha Morgase, Mantos-brancos!

Verin sibilou, irritada.

O Manto-branco pareceu surpreso por um instante, mas depois soltou uma risada.

— Ah, sim, você acha mesmo? Talvez descubra que Morgase já não tem tanto amor pelas bruxas, garota. Se eu tirar você daqui e levá-la de volta, ela vai me agradecer por isso. O Senhor Capitão Eamon Valda gostaria muito de falar com você, Filha-herdeira de Andor.

Ele ergueu uma das mãos. Egwene não soube dizer se era um gesto ou um sinal a seus homens. Alguns Mantos-brancos seguraram as rédeas.

Não posso mais esperar, pensou Egwene. *Nunca mais usarei correntes!* Ela se abriu ao Poder Único. Era um exercício simples, que depois de muita prática havia se tornado bem mais fácil. Em um piscar de olhos sua mente esvaziou-se de tudo, tudo além de um único botão de rosa, flutuando no vazio. Ela era o botão de rosa, abria-se à luz, abria-se a *saidar*, a metade feminina da Fonte Verdadeira. O Poder a inundou, ameaçando engoli-la. Era como ser preenchida de luz, com a Luz, como se fundir com a Luz em um êxtase glorioso. Ela lutou para não ser arrebatada e manteve o foco no chão

à frente do cavalo do oficial Manto-branco. Um pequeno pedaço de chão, ela não queria matar ninguém. *Vocês não vão me capturar!*

A mão do homem ainda estava erguida. Com um estrondo, o chão diante dele explodiu em uma fonte estreita de sujeira e pedras acima de sua cabeça. O cavalo empinou, gritando, e ele rolou da sela feito uma saca.

Antes que o homem caísse no chão, Egwene levou o foco para mais perto dos outros Mantos-brancos, e o chão irrompeu em outra pequena explosão. Bela dançou para o lado, mas ela controlou a égua com as rédeas e os joelhos sem sequer pensar no que fazia. Imersa no vazio, ainda se surpreendeu com uma terceira erupção, não causada por ela, e uma quarta. Viu Nynaeve e Elayne ao longe, ambas envoltas no brilho tênue que confirmava também terem abraçado *saidar* e terem sido abraçadas por ela. O brilho só podia ser visto pelas mulheres capazes de canalizar, mas os resultados eram visíveis a todos. Explosões acertavam os Mantos-brancos por todos os lados, cobrindo-os de poeira, abalando-os com o barulho, fazendo os cavalos dispararem loucamente.

Hurin olhou em volta, boquiaberto, obviamente tão assustado quanto os Mantos-brancos, enquanto tentava evitar que os cavalos da liteira e o dele próprio saíssem em disparada. Verin tinha os olhos arregalados de surpresa e raiva. Gritava furiosa, mas o que quer que estivesse dizendo se perdia em meio ao estrondo.

Então os Mantos-brancos começaram a fugir, alguns em pânico, largando os arcos e galopando como se o Tenebroso em pessoa estivesse em seu encalço. Todos menos o jovem oficial, que se levantava do chão. De ombros curvados, ele encarou Verin, mostrando apenas o branco dos olhos. A poeira cobria seu belo manto branco e seu rosto, mas ele não parecia notar.

— Pode me matar, bruxa — disse o homem, trêmulo. — Vá em frente. Mate-me como matou meu pai!

A Aes Sedai o ignorou. Tinha toda a atenção voltada para as companheiras. Como se também tivessem esquecido seu oficial, os Mantos-brancos em fuga desapareceram pela mesma encosta por onde haviam surgido, todos juntos e sem olhar para trás. O cavalo do oficial correu com eles.

Sob o olhar furioso de Verin, Egwene soltou *saidar*, devagar e relutante. Era sempre difícil deixar ir. Ainda mais lentamente, o brilho tênue ao redor de Nynaeve desapareceu. Ela olhava o rosto contraído do Manto-branco à

frente deles com uma careta firme, como se o homem ainda fosse capaz de algum tipo de artifício. Elayne parecia chocada com o que acabara de fazer.

— O que vocês fizeram… — começou Verin, então parou e respirou fundo. Olhava as três mulheres mais jovens. — O que fizeram é uma abominação. Uma abominação! Uma Aes Sedai só usa o Poder como arma contra criaturas da Sombra ou em última instância para proteger a própria vida. Os Três Juramentos…

— Eles iam matar a gente — interrompeu Nynaeve, inflamada. — Iam matar ou torturar. Ele estava dando a ordem.

— Nós não… não usamos realmente o Poder como arma, Verin Sedai. — Elayne tinha o queixo erguido, mas sua voz tremia. — Não machucamos ninguém, nem ao menos tentamos machucar. Sem dúvida…

— Não discutam bobagens comigo! — rebateu Verin. — Quando forem Aes Sedai completas… *se* algum dia se tornarem Aes Sedai completas, terão o compromisso de obedecer aos Três Juramentos, mas até as noviças precisam se esforçar para viver como se já estivessem sob eles.

— E ele? — Nynaeve apontou para o oficial Manto-branco, ainda parado ali, atônito. Parecia quase tão irritada quanto a Aes Sedai. — Estava prestes a nos levar como prisioneiras. Mat vai morrer se não chegarmos logo à Torre, e… e…

Egwene sabia o que Nynaeve lutava para não dizer em voz alta. *E não podemos deixar aquele saco cair em outras mãos além das da Amyrlin.*

Verin olhou o Manto-branco, exausta.

— Ele estava só tentando nos intimidar, criança. Sabia muito bem que não poderia nos obrigar a ir aonde não quiséssemos, não sem arrumar mais problemas do que estava disposto. Não aqui, não às vistas de Tar Valon. Eu teria dado conta dele na conversa, com um pouco de tempo e paciência. Sim, talvez ele tentasse nos matar se pudesse fazer isso às escondidas, mas nenhum Manto-branco com o mínimo de inteligência tentaria machucar uma Aes Sedai bem na frente dela. Vejam só o que vocês fizeram! Que histórias esses homens contarão, e que mal isso causará?

O rosto do oficial corou quando ela disse “às escondidas”.

— Não é covardia não querer invocar os poderes que fizeram o mundo ruir — explodiu ele. — Vocês, bruxas, querem causar a Ruptura do Mundo outra vez, a serviço do Tenebroso!

Verin balançou a cabeça, cansada e descrente.

Egwene desejou consertar um pouco dos danos que causara.

— Sinto muito pelo que fiz — disse ao oficial. Estava contente por não ter o compromisso das Aes Sedai plenas de não proferir qualquer palavra que não fosse verdadeira, pois o que dissera era no máximo uma meia verdade. — Não deveria ter feito, e peço desculpas. Tenho certeza de que Verin Sedai Curará seus ferimentos. — Ele recuou, como se ela tivesse se oferecido para esfolá-lo vivo, e Verin fungou alto. — Viemos de muito longe — prosseguiu Egwene —, desde a Ponta de Toman, e se não estivéssemos tão cansadas jamais teríamos…

— Cale a boca, garota! — gritou Verin.

— Ponta de Toman? — rosnou o Manto-branco, ao mesmo tempo. — Falme! Vocês estavam em Falme! — Ele cambaleou mais um pouco para trás e desembainhou a espada até a metade. Pelo olhar em seu rosto, Egwene não sabia se o homem pretendia atacar ou se defender. Hurin aproximou o cavalo do Manto-branco, uma das mãos na adaga quebra-espada, mas o homem de rosto fino seguiu vociferando e cuspindo, furioso. — Meu pai morreu em Falme! Byar me contou! Vocês, bruxas, o mataram para defender seu falso Dragão! Eu as verei mortas por isso! Eu as verei queimarem!

— Crianças impetuosas — suspirou Verin. — Quase tão ruim quanto os garotos, por deixarem as línguas dominarem vocês. Vá com a Luz, meu filho — disse ao Manto-branco.

Sem mais uma palavra, ela passou com o grupo pelo lado do homem, mas os gritos dele os seguiram.

— Meu nome é Dain Bornhald! Lembrem-se disso, Amigas das Trevas! Eu as farei temer meu nome! Lembrem-se do meu nome!

Enquanto os gritos de Bornhald ficavam mais distantes, o grupo avançou em silêncio por algum tempo. Enfim, Egwene disse, a ninguém em particular:

— Eu estava só tentando melhorar as coisas.

— Melhorar! — murmurou Verin. — Você precisa aprender que existem momentos para dizer toda a verdade e momentos para segurar a língua. É a menor das lições que deve aprender, mas muito importante, se deseja viver tempo o suficiente para usar o xale de uma irmã completa. Será que nunca ocorreu a você que as notícias de Falme podem ter chegado antes de nós?

— Por que isso teria ocorrido a ela? — perguntou Nynaeve. — Ninguém que conhecemos antes disso tinha ouvido nada além de rumores, quando

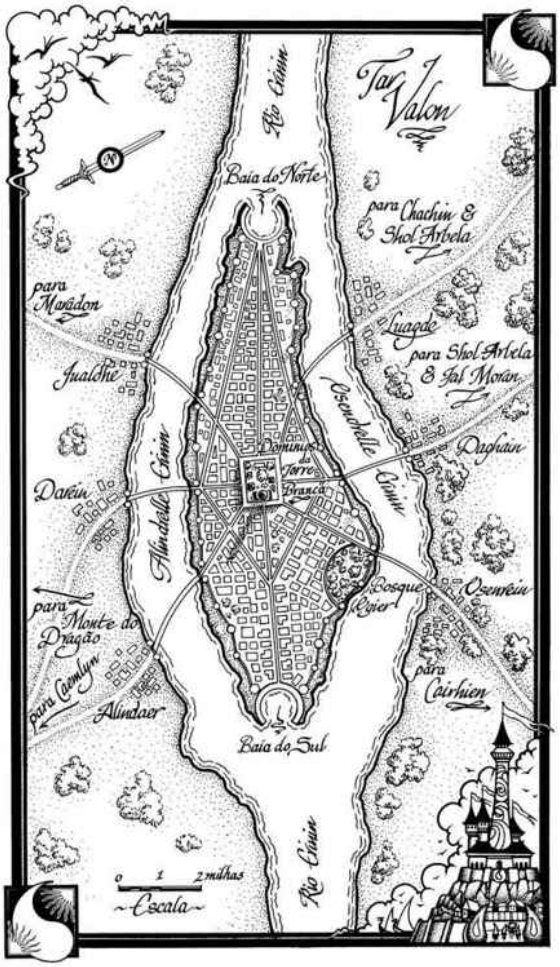
muito, e durante o último mês nós avançamos ainda mais rápido que os rumores.

— E por acaso todas as notícias têm que seguir pelas mesmas estradas por que passamos? — retrucou Verin. — Estamos avançando devagar. Os rumores voam por centenas de caminhos diferentes. Sempre se prepare para o pior, criança. Assim só terá surpresas agradáveis.

— O que ele quis dizer sobre a minha mãe? — perguntou Elayne, de repente. — Ele devia estar mentindo. Ela jamais se viraria contra Tar Valon.

— As Rainhas de Andor sempre foram amigas de Tar Valon, mas tudo muda. — O rosto de Verin estava tranquilo de novo, no entanto havia tensão em sua voz. Ela se virou na sela para examiná-los, as três jovens, Hurin e Mat na liteira. — O mundo está estranho, e tudo está mudando. — Eles alcançaram o topo. Podiam avistar uma aldeia adiante, os telhados amarelos aglomerados ao redor da grande ponte que levava a Tar Valon. — Agora vocês precisam ficar atentos de verdade — disse Verin ao grupo. — Agora, começa o verdadeiro perigo.




Tar Valon
Rio Ginin
Baia do Norte
para Chachin & Shol Arbela
para Maradon
Jualdhe
Luagde
para Shol Arbela & Sal Moran
Daghain
Darein
Alindaelle Ginin
Oseudelle Ginin
Domus de Turre Branca
Bosque Cyier
Ozenrein
para Monte do Dragão
para Camlyn
Alindaer
para Cairhien
Baia do Sul
Rio Ginin
0 1 2 milhas
~Escala~

CAPÍTULO 11



Tar Valon

A pequena aldeia de Darein situava-se à margem do Rio Erinin havia quase tanto tempo quanto Tar Valon ocupava sua ilha. As pequenas casas e lojas de tijolos marrons e vermelhos e as ruas pavimentadas de pedra lhe davam um ar perene, embora a aldeia houvesse sido incendiada nas Guerras dos Trollocs, saqueada durante o sítio a Tar Valon pelos exércitos de Artur Asa-de-gavião, pilhada mais de uma vez durante a Guerra dos Cem Anos e incendiada de novo na Guerra dos Aiel, menos de vinte anos antes. Uma história turbulenta para uma aldeia tão pequena, mas a localização de Darein, ao pé de uma das pontes que levavam a Tar Valon, era uma garantia de que ela sempre seria reconstruída, não importasse quantas vezes fosse destruída. Pelo menos, enquanto Tar Valon existisse.

No início, Egwene achou que Darein estava à espera de uma nova guerra. Piqueiros marchavam pelas ruas, dispostos em fileiras ordenadas que formavam um quadrado. Eram seguidos por arqueiros em elmos achatados com abas, aljavas cheias nos cinturões e arcos enviesados no peito. Um esquadrão de cavaleiros em armaduras, com os rostos escondidos pelos elmos, abriu caminho para Verin e seu grupo com um aceno da manopla de aço do oficial. Todos ostentavam no peito a Chama Branca de Tar Valon, uma lágrima cor de neve.

Ainda assim, o povo da cidade seguia sua vida com aparente tranquilidade. Uma multidão de mercadores se espalhava entre os soldados, como se os homens em marcha fossem obstáculos com os quais todos

estivessem havia muito acostumados. Alguns poucos homens e mulheres com bandejas de frutas acompanhavam os soldados, tentando oferecer-lhes maçãs enrugadas e peras colhidas no inverno, mas, fora esses, lojistas e mascates não lhes davam atenção. Verin também parecia ignorá-los, conduzindo Egwene e os outros pela aldeia em direção à grande ponte em forma de arco elevada sobre quase uma meia milha de água, tal qual renda trançada na pedra.

Ao pé da ponte, mais soldados montavam guarda, uma dezena de piqueiros e meia dúzia de arqueiros que detinham todos que queriam cruzá-la. O oficial do grupo, um homem quase calvo com o elmo pendurado no cabo da espada, parecia atormentado com a fila de pessoas à espera, a pé, a cavalo, em carroças conduzidas por bois, cavalos ou pelo próprio dono. A fila não tinha mais de cem passos de comprimento, mas a cada vez que alguém recebia permissão para atravessar a ponte, outro cidadão se juntava ao início. Ainda assim, o homem quase calvo parecia não poupar tempo para se certificar de que cada um tinha o direito de entrar em Tar Valon antes de deixar que passassem.

Ele abriu a boca com raiva quando Verin conduziu seu grupo ao início da fila, depois a olhou melhor e enfiou depressa o elmo na cabeça. Ninguém que realmente as conhecesse precisava de um anel da Grande Serpente para identificar uma Aes Sedai.

— Bom dia para a senhora, Aes Sedai — disse o homem, levando uma das mãos ao coração em uma reverência. — Bom dia. Queiram passar, por gentileza.

Verin parou ao lado dele. Um burburinho se iniciou na fila, mas ninguém elevou a voz para reclamar.

— Problemas com os Mantos-brancos, guarda?

Por que paramos? Egwene se perguntou, aflita. *Será que ela se esqueceu de Mat?*

— Não exatamente, Aes Sedai — respondeu o oficial. — Nada de lutas. Eles tentaram entrar no Mercado de Eldone, do outro lado do rio, mas nós mostramos quem é que manda. A Amyrlin quer ter certeza de que não tentarão outra vez.

— Verin Sedai — começou Egwene, cautelosa. — Mat…

— Só um instante, criança — retrucou a Aes Sedai, soando apenas meio distraída. — Não me esqueci dele. — Sua atenção retornou de imediato ao

oficial. — E nas aldeias mais afastadas?

O homem deu de ombros, constrangido.

— Não temos condição de manter os Mantos-brancos longe, Aes Sedai, mas eles somem assim que nossas patrulhas chegam. Parecem estar tentando nos provocar. — Verin assentiu e teria seguido em frente, mas o oficial continuou a falar. — Perdão, Aes Sedai, mas é óbvio que estão vindo de longe. Vocês trouxeram alguma notícia? Novos rumores sobem o rio com cada navio mercante. Dizem que há um novo falso Dragão em algum lugar do oeste. Ora, dizem até que atrás dele vem o exército de Artur Asa-de-gavião, renascido dos mortos, e que ele já matou vários Mantos-brancos e destruiu uma cidade, Falme é o nome, em Tarabon, é o que dizem.

— Dizem que Aes Sedai o ajudaram! — gritou um homem que aguardava na fila. Hurin respirou fundo e se virou, como se esperasse algum ataque.

Egwene olhou para trás, mas não viu sinal de quem havia gritado. Todos pareciam se preocupar apenas em esperar, paciente ou impacientemente, pela própria vez de passar. As coisas haviam mudado, e não para melhor. Quando ela deixara Tar Valon, qualquer pessoa que se pronunciasse contra Aes Sedai teria sorte de escapar apenas com um soco no nariz de quem ouvisse as palavras. Corado, o oficial olhou irritado para a fila.

— Rumores raramente são verdadeiros — disse Verin. — Posso lhe dizer que Falme ainda está de pé. E nem fica em Tarabon, guarda. Dê menos ouvidos aos rumores, e mais ao Trono de Amyrlin. Que a Luz brilhe sobre você. — Ela puxou as rédeas, fazendo o cavalo avançar, e ele fez uma mesura enquanto o grupo passava.

Egwene achou a ponte incrível, como todas em Tar Valon. Os muros com intrincados ornamentos vazados não deixavam nada a dever ao trabalho da melhor artesã-rendeira. Era difícil crer que algo como aquilo fora feito com pedra, ou que era capaz de sustentar o próprio peso. O rio rolava, forte e firme, cerca de cinquenta passos abaixo, e, apesar da extensão de meia milha, a ponte se erguia da margem até a ilha.

Ainda mais incrível, à sua própria maneira, era a sensação de que a ponte a conduzia para casa. Incrível e surpreendente. *Campo de Emond é minha casa*. Mas em Tar Valon ela aprenderia o necessário para se manter viva, para se manter livre. Em Tar Valon ela saberia — teria de saber — por que seus sonhos a perturbavam tanto, e por que às vezes pareciam ter significados que ela não era capaz de decifrar. Tar Valon era onde estava sua

vida naquele momento. Se ela algum dia voltasse a Campo de Emond — o "se" doía, mas ela precisava ser honesta —, seria como visita, para ver os pais. Já fora longe demais para ser a filha de um estalajadeiro. Esse vínculo não a prenderia outra vez, não porque ela os detestasse, mas porque os havia superado.

A ponte era apenas o começo. Levava até os muros que circundavam a ilha, muralhas altas de pedras raiadas em prata que emitiam um brilho branco, com topos de onde dava para ver a ponte de cima. De vez em quando, as muralhas abrigavam guaritas, feitas com as mesmas pedras brancas, as gigantescas bases erodidas pelo rio. Porém, era para acima e além dos muros que se erguiam as verdadeiras torres de Tar Valon, as torres históricas, pináculos pontudos com caneluras em espirais, algumas ligadas por pontes a uns cem passos ou mais do solo. Ainda assim, era apenas o começo.

Não havia guardas nos portões de bronze. Eles se abriam para uma das largas avenidas que entrecortavam a ilha, e o espaço entre eles era suficiente para vinte homens passarem lado a lado. A primavera mal havia chegado, mas o ar já exalava aromas de flores, fragrâncias e temperos.

A cidade deixou Egwene sem fôlego, como se a visse pela primeira vez. Cada quarteirão e esquina tinha sua própria fonte, estátua ou monumento, alguns no topo de grande colunas do tamanho de torres, mas a cidade em si era o mais deslumbrante. Apesar das formas simples, tinha tantos adornos e recortes que acabava parecendo um ornamento, ou, quando não exibia decoração, ostentava o esplendor da própria forma. Construções grandes e pequenas, de pedras de todas as cores, parecendo conchas, ondas, ou paredões esculpidos pelo vento, harmoniosas e exóticas, capturadas da natureza ou da imaginação humana. Habitações, estalagens, estábulos: até as construções mais insignificantes de Tar Valon haviam sido erguidas para a beleza. Pedreiros Ogier construíram a maior parte da cidade durante os longos anos após a Ruptura do Mundo, e eles diziam que aquele fora seu melhor trabalho.

Homens e mulheres de todas as nações andavam pelas ruas. Egwene via peles escuras, pálidas e de todos os tons intermediários, e vestimentas em cores e estampas vistosas, ou apagadas mas enfeitadas com franjas, tranças e botões brilhantes, ou austeras e severas. Algumas roupas eram mais reveladoras do que Egwene julgava apropriado, outras deixavam visíveis

apenas os olhos e as pontas dos dedos. Liteiras trançavam a multidão, com os carregadores gritando “Abram caminho!”. Carruagens fechadas avançavam devagar, e os cocheiros de libré berravam “Eia!” e “Epa!” como se acreditassem que eram capazes de andar mais rápido. Músicos de rua tocavam flautas, harpas ou gaitas, às vezes acompanhados de um malabarista ou acrobata, sempre de chapéus preparados para as moedas. Mascates gritavam, oferecendo seus produtos, e os lojistas diante das lojas anunciavam a excelência de seus artigos. O zunido que preenchia a cidade era como uma canção viva.

Verin escondera o rosto sob o capuz. Ninguém na multidão parecia lhes dar qualquer atenção, pensava Egwene. Nem mesmo Mat a cavalo na maca atraiu uma segunda olhadela, embora alguns tivessem se afastado quando o grupo passou apressado. As pessoas às vezes traziam os doentes à Torre Branca, para que fossem Curados, e talvez o que ele tivesse fosse contagioso.

Egwene cavalgou para junto de Verin e se inclinou para falar com a Aes Sedai.

— Está mesmo esperando algum problema agora? Estamos na cidade. Estamos quase chegando. — A Torre Branca já estava à vista, e a imensa construção reluzia, grandiosa e imponente.

— Eu sempre espero problemas — respondeu Verin, calma —, e você deveria fazer o mesmo. Principalmente na Torre. Todas vocês precisam ser mais cuidadosas do que nunca. Seus… truques — ela contraiu a boca por um instante antes de recuperar a serenidade — assustaram os Mantos-brancos, mas dentro da Torre vocês podem muito bem acabar mortas ou estancadas.

— Eu não faria aquilo na Torre — protestou Egwene. — Nenhuma de nós faria.

Nynaeve e Elayne haviam se juntado a elas e deixado Hurin tomando conta dos cavalos da liteira. Elas assentiram, Elayne com fervor, e Nynaeve, ao que pareceu a Egwene, como se não estivesse tão certa.

— Vocês jamais deverão fazer isso de novo, crianças. Não podem! Nunca mais! — Verin olhou de esguelha para elas pela fresta do capuz e sacudiu a cabeça. — E eu espero de verdade que tenham aprendido que é uma tolice falar quando se deve permanecer em silêncio. — O rosto de Elayne ficou todo vermelho, e as bochechas de Egwene, quentes. — Quando adentrarmos os muros da Torre, segurem as línguas e aceitem o que

acontecer. *Seja o que for!* Vocês não têm ideia do que nos aguarda na Torre, e ainda que tivessem não saberiam como proceder. Então fiquem caladas.

— Farei o que manda, Verin Sedai — disse Egwene, e Elayne repetiu as palavras.

Nynaeve apenas fungou. A Aes Sedai a encarou, e ela assentiu, relutante.

A rua se abria em uma larga praça no centro da cidade. No meio da praça ficava a Torre Branca, brilhando sob o sol, elevando-se até quase tocar o céu, um palácio de domos, pináculos delicados e outras formas rodeadas pelos muros da Torre. Havia poucas pessoas na praça, o que foi uma surpresa. Então Egwene lembrou a si mesma, inquieta, que ninguém adentrava a Torre a menos que tivesse negócios a tratar.

Hurin guiava o cavalo da liteira à frente, e o grupo adentrou a praça.

— Verin Sedai, preciso deixá-la agora.

Ele olhou a Torre uma vez e tentou não olhá-la de novo, embora fosse difícil olhar para qualquer outra coisa. Hurin vinha de uma terra onde Aes Sedai eram respeitadas, mas respeitá-las era bem diferente de querer estar cercado por elas.

— Você foi de grande ajuda na nossa jornada, Hurin — disse Verin —, e foi uma longa viagem. Poderá descansar na Torre antes de seguir viagem.

Hurin negou com a cabeça, enfático.

— Não posso perder nem um dia, Verin Sedai. Nem mais uma hora. Preciso voltar a Shienar, para contar ao Rei Easar e a Lorde Agelmar a verdade sobre o que ocorreu em Falme. Preciso contar a eles sobre… — Ele parou de repente e olhou em volta. Não havia ninguém por perto para escutar, mas mesmo assim baixou a voz e disse apenas: — Sobre Rand. Que o Dragão renasceu. Deve haver navios partindo rio acima, e pretendo embarcar no próximo.

— Sendo assim, vá pela Luz, Hurin de Shienar — disse Verin.

— Que a Luz ilumine todas vocês — respondeu ele, segurando as rédeas. Hesitou ainda um instante e acrescentou: — Se precisarem de mim… a qualquer hora… mandem uma mensagem a Fal Dara, e darei um jeito de vir. — Ele pigarreou, como se acanhado, virou o cavalo e foi embora, passando pela Torre. Em pouco tempo, havia desaparecido.

Nynaeve sacudiu a cabeça, exaltada.

— Homens! Sempre dizem para chamá-los se for preciso, mas, quando precisamos deles de verdade, precisamos na mesma hora.

— Homem nenhum pode ajudar onde estamos indo agora — retrucou Verin, seca. — Lembrem-se. Fiquem caladas.

Egwene teve uma sensação de perda com a partida de Hurin. Ele mal falava com elas, apenas com Mat, e Verin estava certa. Era só um homem, e impotente feito um bebê quando se tratava de encarar o que as aguardava na Torre. Ainda assim, sua partida reduziu o grupo em um, e ela não conseguia parar de pensar que era muito útil ter um homem com uma espada por perto. E ele fora um elo com Rand. E com Perrin. *Tenho minhas próprias perturbações.* Rand e Perrin teriam que se virar com Moiraine para cuidar deles. *E é claro que Min vai cuidar de Rand*, pensou, com um lampejo de ciúmes que tentou sufocar. Quase conseguiu.

Ela suspirou e assumiu o comando do cavalo da liteira. Mat estava deitado, todo vestido, e sua respiração era um ronco seco. *Falta pouco*, pensou. *Você será Curado daqui a pouco. E nós vamos descobrir o que nos aguarda.* Ela desejou que Verin parasse de tentar assustá-las.

Verin fez o grupo contornar os muros da Torre até um pequeno portão lateral que se encontrava aberto, com dois guardas. A Aes Sedai puxou o capuz para trás, inclinou-se na sela e conversou em voz baixa com um dos homens. Ele levou um susto e lançou um olhar surpreso para Egwene e os outros. Com um rápido "Como a senhora ordenar, Aes Sedai", o homem disparou para dentro dos muros. Enquanto ele falava, Verin avançava pelos portões. Cavalgava como se não tivesse pressa.

Egwene a seguiu com a liteira, trocando olhares com Nynaeve e Elayne e se perguntando o que Verin teria dito ao homem.

Havia um posto de guarda de pedras cinza do lado de dentro do portão, no formato de uma estrela de seis pontas caída de lado. Um pequeno grupo de guardas descansava na entrada. Os homens pararam de falar e fizeram uma reverência quando Verin passou.

Aquele poderia ter sido o jardim de algum senhor, com árvores e arbustos podados e amplos caminhos de pedras. Era possível avistar outras construções depois das árvores, e a Torre se assomava sobre todo o resto.

O caminho levava a um estábulo entre as árvores, e cavalariços em vestes de couro chegaram correndo para recolher os cavalos. Por instrução da Aes Sedai, desamarraram a liteira e a pousaram com todo o cuidado no chão. Enquanto os cavalos eram conduzidos para dentro do estábulo, Verin

pegou o saco de couro dos pés de Mat e o enfiou debaixo do braço de forma descuidada.

Nynaeve parou de massagear as costas e franziu a testa para a Aes Sedai.

— Você disse que ele talvez tenha algumas horas. Você vai só…

Verin ergueu uma das mãos, mas se foi o gesto ou o som de passos esmigalhando o cascalho ao se aproximar que interrompeu Nynaeve, Egwene não soube dizer.

No mesmo instante Sheriam Sedai surgiu, seguida por três Aceitas de vestidos brancos com bainhas que exibiam as cores de todas as sete Ajahs, da Azul à Vermelha, e dois homens robustos em casacos grosseiros. A Mestra das Noviças era uma mulher levemente roliça e de maçãs do rosto altas, algo comum em Saldaea. Os cabelos vermelho-fogo e os olhos verdes, claros e oblíquos, tornavam o rosto liso de Aes Sedai mais impressionante. Ela olhou Egwene e os outros com calma, mas a boca estava contraída.

— Então você trouxe de volta nossas três fugitivas, Verin. Com tudo o que aconteceu, quase desejei que não tivesse conseguido.

— Nós não… — começou a dizer Egwene, mas Verin a cortou, severa:

— SILÊNCIO!

Verin encarou cada uma das três, como se a força de seu olhar pudesse calá-las.

Egwene estava certa de que podia, pelo menos ela. Nunca vira Verin irritada antes. Nynaeve cruzou os braços sob os seios e murmurou entre dentes, mas não disse nada. As três Aceitas atrás de Sheriam permaneciam em silêncio, naturalmente, mas Egwene pensou poder vê-las apurando os ouvidos para escutar.

Quando teve certeza de que Egwene e as outras continuariam quietas, Verin virou-se novamente para Sheriam.

— O garoto precisa ser levado para um local isolado. Está doente e representa perigo. Tanto aos outros quanto a si mesmo.

— Alguém me disse que havia uma liteira para carregar. — Sheriam fez um gesto para que os dois homens a erguessem, falou algo baixinho a um deles, e Mat foi levado embora em um piscar de olhos.

Egwene abriu a boca para dizer que ele precisava de ajuda imediatamente, mas o olhar de Verin, furioso e penetrante, a fez fechá-la. Nynaeve puxou a trança com tanta força que quase a arrancou da cabeça.

— Eu suponho — disse Verin — que a Torre inteira já saiba que retornamos.

— Os que não sabem — respondeu Sheriam — saberão em pouco tempo. Idas e vindas têm sido o principal tópico das conversas e fofocas. Mesmo antes de Falme, e muito antes da guerra em Cairhien. Você achou que manteria segredo?

Verin apanhou o saco de couro com as duas mãos.

— Preciso ver a Amyrlin. Imediatamente.

— E essas três?

Verin analisou Egwene e as amigas, a testa franzida.

— Precisam ser vigiadas de perto até que a Amyrlin deseje falar com elas. Se desejar. Vigiadas de perto, prestem atenção. Pode ser nos próprios quartos, suponho. Não há necessidade de celas. Nenhuma palavra a ninguém.

Verin falava com Sheriam, mas Egwene soube que a última frase fora dita como um lembrete a ela e às outras. Nynaeve tinha as sobrancelhas caídas e puxava a trança como se quisesse bater em algo. Os olhos azuis de Elayne estavam arregalados, e o rosto, ainda mais pálido que de costume. Egwene não sabia ao certo que sentimentos demonstrava, se raiva, medo ou preocupação. Um pouco dos três, pensou.

Com um último olhar penetrante às três companheiras de viagem, Verin saiu apressada, o saco agarrado ao peito, o manto drapejando atrás de si. Sheriam levou as mãos à cintura e examinou Egwene e as outras duas. Por um instante Egwene sentiu a tensão aliviar. A Mestra das Noviças sempre tinha um temperamento sereno e um senso de humor complacente, mesmo ao passar tarefas extras aos que quebravam as regras.

Sheriam, no entanto, falou com a voz severa:

— Nem uma palavra, foi o que disse Verin Sedai, e nem uma palavra será. Se alguma das três abrir a boca para dizer algo, a não ser, é claro, em resposta a uma Aes Sedai, farei vocês desejarem ter só uma surra e algumas horas limpando o chão para se preocupar. Estamos entendidas?

— Sim, Aes Sedai — respondeu Egwene, e escutou as outras dizerem o mesmo, embora Nynaeve tivesse pronunciado as palavras como um desafio.

Sheriam soltou um som gutural desgostoso, quase um rosnado.

— Menos moças vêm hoje em dia à Torre para ser treinadas do que antigamente, mas ainda vêm. A maioria vai embora sem jamais ter aprendido a sentir a Fonte Verdadeira, muito menos a tocá-la. Umas poucas aprendem,

antes de ir embora, o suficiente para não se machucar. Pouquíssimas podem almejar se tornar Aceitas, e menos ainda usar o xale. É uma vida difícil, de difícil disciplina, e ainda assim todas as noviças lutam para aguentar, para obter o anel e o xale. Mesmo quando choram todas as noites antes de dormir de tanto medo, elas lutam para aguentar. E vocês três, que nasceram com uma habilidade maior do que eu jamais esperei ver na vida, deixaram a Torre sem permissão, fugiram feito crianças irresponsáveis, ainda quase sem treinamento, e passaram meses fora. E agora voltam como se nada tivesse acontecido, como se pudessem retomar o treinamento amanhã de manhã. — Ela respirou fundo, como se do contrário fosse explodir. — Faolain!

As três Aceitas se sobressaltaram como se tivessem acabado de ser pegas bisbilhotando, e uma delas, uma mulher escura de cabelos encaracolados, deu um passo à frente. Eram todas jovens, embora mais velhas que Nynaeve. A Aceitação rápida de Nynaeve fora extraordinária. Uma noviça costumava levar anos para receber os anéis da Grande Serpente usados pelas Aceitas, e mais alguns anos até poder ter a esperança de ser elevada a Aes Sedai completa.

— Levem as moças para os quartos — ordenou Sheriam. — Elas podem receber pão, caldo frio e água até que o Trono de Amyrlin diga o contrário. E, se alguma pronunciar uma palavra sequer, podem levá-la para as cozinhas e colocá-las para esfregar panelas. — Ela se virou e saiu a passos largos. Até suas costas expressavam raiva.

Faolain olhou Egwene e as outras com um ar quase esperançoso, em especial Nynaeve, que tinha uma expressão furiosa. O rosto redondo de Faolain não demonstrava amor pelas que quebravam as regras de maneira tão extravagante, e menos ainda por alguém como Nynaeve, uma bravia que recebera o anel sem nunca ser noviça, que canalizara antes de sequer ter entrado em Tar Valon. Quando ficou óbvio que Nynaeve manteria a raiva para si, Faolain deu de ombros.

— Quando a Amyrlin mandar buscar vocês, provavelmente serão estancadas.

— Já chega, Faolain — retrucou outra das Aceitas, a mais velha das três, de pescoço delgado, pele cor de cobre e andar gracioso. — Vou levar você — disse a Nynaeve. — Eu me chamo Theodrin, e também sou bravia. Vou seguir as ordens de Sheriam Sedai, mas não vou atormentá-la. Venham.

Nynaeve lançou a Egwene um olhar preocupado, depois deu um suspiro e deixou que Theodrin a levasse.

— Bravias — murmurou Faolain. Vinda dela, a palavra soava como um palavrão. Ela se virou e encarou Egwene.

A terceira Aceita, uma jovem bonita de maçãs do rosto redondas e vermelhas, parou ao lado de Elayne. Tinha a boca repuxada nos cantos como se quisesse sorrir, mas o olhar austero que lançou a Elayne dizia que ela não toleraria bobagens.

Egwene retribuiu o olhar de Faolain com a maior placidez possível e, esperava, algo semelhante ao desprezo altivo e silencioso que Elayne adotara. *Ajah Vermelha*, pensou. *Essa definitivamente escolherá as Vermelhas.* Mas era difícil não pensar em suas próprias preocupações. *Luz, o que elas vão fazer com a gente?* Ela se referia às Aes Sedai, à Torre, não àquelas mulheres.

— Muito bem, vamos — disse Faolain, ríspida. — Já vai ser péssimo ter que montar guarda na sua porta sem ficar parada aqui o dia inteiro. Vamos.

Egwene respirou fundo, agarrou a mão de Elayne e seguiu. *Luz, tomara que elas Curem Mat.*

CAPÍTULO 12



O Trono de Amyrlin

Siuan Sanche andava de um lado para o outro em seu gabinete, fazendo uma pausa ou outra para dar uma espiada, com um par de olhos azuis capazes de atordoar governantes, a caixa de madeira-negra entalhada que estava na mesa comprida no centro da sala. Esperava não precisar usar nenhum dos documentos cuidadosamente redigidos que havia dentro. Ela própria os preparara e selara em segredo, para cobrir uma série de possíveis eventualidades. A caixa continha uma proteção que reduziria o conteúdo a cinzas em um instante caso alguém além dela a abrisse. Era muito provável que a própria caixa explodisse em chamas.

— E tomara que queime essa gaivota ladra de peixes, seja lá quem for, para que ela jamais se esqueça disso — murmurou.

Pela centésima vez desde que soubera do retorno de Verin, ajeitou a estola nos ombros sem se dar conta do que estava fazendo. A estola pendia abaixo de sua cintura, grande e listrada com as cores das sete Ajahs. O Trono de Amyrlin era de todas as Ajahs e de nenhuma, não importava a qual tivesse pertencido antes.

O quarto era bem ornamentado, pois pertencera a gerações de mulheres que usaram a estola. A lareira alta com centro largo e frio eram feitos em mármore dourado entalhado de Kandor, e o chão era de azulejos em forma de diamante, de pedra vermelha polida das Montanhas da Névoa. As paredes, duras como ferro, eram de alguma madeira opaca e tinham entalhes de bestas e pássaros fantásticos de plumagem incrível, painéis trazidos pelo

Povo do Mar de terras para além do Deserto Aiel, antes do nascimento de Artur Asa-de-gavião. Janelas altas em arco, agora abertas para deixar entrar o aroma da vegetação nova, levavam a uma varanda que dava para o pequeno jardim particular, onde era raro ela ter tempo de caminhar.

Tanto esplendor fazia um contraste rígido com as peças de mobília que Siuan Sanche trouxera para o quarto. A única mesa e a cadeira pesada atrás dela eram simples, ainda que bastante polidas pelo tempo e por cera de abelha, assim como a única outra cadeira do recinto. Ficava encostada em um canto, perto o suficiente para ser puxada caso ela quisesse oferecê-la a um visitante. Um pequeno tapete taireno fora estendido em frente à mesa, com tecido tramado em padrões simples de azul, marrom e dourado. Um único desenho, pequeninos barcos de pesca em meio a juncos, encontrava-se pendurado acima da lareira. Meia dúzia de suportes continham livros abertos próximos ao chão. Aquilo era tudo. Mesmo os lampiões poderiam pertencer à casa de um fazendeiro.

Siuan Sanche nascera pobre, em Tear, e trabalhara no barco de pesca do pai, igualzinho aos do desenho, no delta chamado Presas do Dragão, antes de sequer sonhar em vir para Tar Valon. Mesmo os quase dez anos desde que fora elevada ao Trono não a deixavam à vontade em meio a tamanho luxo. Seu dormitório era ainda mais simples.

Dez anos com a estola, pensou. *Quase vinte desde que decidi navegar essas águas perigosas. E, se eu tombar agora, vou me arrepender de não ter ficado puxando redes.*

Ao ouvir um som, ela deu meia-volta. Outra Aes Sedai entrara de mansinho, uma mulher de pele cor de cobre e cabelos escuros e curtos. Ela se conteve a tempo de manter a voz firme e dizer apenas o que era esperado.

— Sim, Leane?

A Curadora das Crônicas fez uma mesura tão profunda quanto teria feito se houvesse outros no recinto. A Aes Sedai, alta como a maioria dos homens, era a segunda no poder na Torre Branca, abaixo apenas da Amyrlin. Embora Siuan a conhecesse desde que ambas eram noviças, às vezes a insistência de Leane em garantir a dignidade do Trono de Amyrlin era o suficiente para ela ter vontade de gritar.

— Verin está aqui, Mãe, pedindo licença para falar com a senhora. Eu disse que está ocupada, mas ela quer…

— Não estou tão ocupada para falar com ela — respondeu Siuan. Mais depressa do que deveria, ela se deu conta, mas não se importou. — Mande-a entrar. Não precisa ficar, Leane. Falarei a sós com ela.

O único indício de surpresa da Curadora foi um leve erguer de sobrancelhas. Era raro a Amyrlin receber alguém, ainda que fosse uma rainha, sem a presença da Curadora. Mas a Amyrlin era a Amyrlin. Leane fez uma mesura ao sair, e em instantes Verin tomou seu lugar, ajoelhando-se para beijar o anel da Grande Serpente no dedo de Siuan. A irmã Marrom trazia um saco de tamanho considerável sob o braço.

— Obrigada por me receber, Mãe — disse Verin, ao se levantar. — Trago notícias urgentes de Falme. E mais. Não sei nem por onde começar.

— Comece por onde quiser — respondeu Siuan. — Esses aposentos são bem protegidos, caso alguém pense em usar truques infantis para bisbilhotar. — Verin ergueu as sobrancelhas, surpresa, e a Amyrlin acrescentou: — Muito mudou desde que você partiu. Fale.

— Então, o mais importante é que Rand al'Thor se proclamou o Dragão Renascido.

Siuan sentiu a tensão se afrouxar no peito.

— Esperava que fosse ele — respondeu, baixinho. — Tenho recebido relatos de mulheres capazes de contar apenas os boatos que escutaram, e inúmeros rumores chegam com cada barco de comerciante e cada carroção de mercador, mas eu não pude ter certeza. — Ela respirou fundo. — Mesmo assim, acho que sei o dia exato em que aconteceu. Você sabia que os dois falsos Dragões não estão mais perturbando o mundo?

— Eu não sabia, Mãe. É uma excelente notícia.

— Pois é. Mazrim Taim está nas mãos de nossas irmãs em Saldaea, e o tal de Haddon Mirk, que a Luz tenha piedade de sua alma, foi capturado pelos tairenos e executado por lá mesmo. Ninguém sequer soube o nome do infeliz. Os dois foram capturados no mesmo dia e, segundo rumores, sob as mesmas circunstâncias. Estavam em batalha, e vencendo, quando de repente um forte clarão cintilou no céu, e uma visão apareceu por um pequeno instante. Há dezenas de versões diferentes a respeito do que foi a visão, mas o resultado foi exatamente o mesmo em ambos os casos. O cavalo do falso Dragão empinou e o arremessou. Ele caiu, inconsciente, seus seguidores gritaram que ele estava morto e fugiram do campo, e ele foi capturado. Alguns relatos mencionam visões no céu em Falme. Aposto uma moeda de

ouro contra um peixinho que foi no instante em que Rand al'Thor se proclamou.

— O verdadeiro Dragão renasceu — disse Verin, quase para si mesma —, e assim o Padrão não tem mais espaço para falsos Dragões. Nós soltamos o Dragão Renascido no mundo. Que a Luz tenha piedade de nós.

A Amyrlin sacudiu a cabeça, irritada.

— Nós fizemos o que precisava ser feito. — *E, se mesmo a noviça mais nova ficar sabendo, serei estancada antes do nascer do dia, isso se não for reduzida a pedaços antes de qualquer coisa. Eu, Moiraine e Verin, e provavelmente qualquer outra que for considerada nossa amiga.* Não era fácil levar adiante uma conspiração tão grande com o conhecimento de apenas três mulheres, quando até um amigo próximo poderia traí-las e ainda considerar que cumpria um dever. *Luz, queria tanto ter a convicção de que não teriam razão em fazer isso.* — Pelo menos ele está a salvo nas mãos de Moiraine. Ela vai guiá-lo e fará o que precisa ser feito. O que mais você tem para me dizer, Filha?

Como resposta, Verin depositou o saco de couro na mesa e pegou uma trombeta de ouro com uma gravação em prata ao redor da embocadura. Ela depositou a trombeta na mesa, depois olhou para a Amyrlin com uma expectativa contida.

Siuan não precisava ler a inscrição para saber o que dizia. *Tia mi aven Moridin isainde vadin.* "O túmulo não é limite para o meu chamado."

— A Trombeta de Valere? — perguntou, quase engasgando. — Você atravessou centenas de léguas para trazê-la até aqui, com Caçadores procurando por ela em todos os cantos? Luz, mulher, deveria tê-la deixado com Rand al'Thor.

— Eu sei, Mãe — retrucou Verin, muito calma —, mas todos os Caçadores esperam encontrar a Trombeta em alguma grande aventura, não em um saco com quatro mulheres escoltando um jovem doente. E ela não adiantaria de nada para Rand.

— O que está dizendo? Ele lutará em Tarmon Gai'don. A Trombeta invocará os heróis mortos de volta do túmulo para lutar na Última Batalha. Será que Moiraine mais uma vez fez uma mudança de planos sem me consultar?

— Moiraine não tem nada a ver com isso, Mãe. Nós fazemos planos, mas a Roda tece o Padrão conforme a própria vontade. Rand não foi o primeiro a

soar a Trombeta. Foi Matrim Cauthon. E Mat agora está abatido, morrendo por ter se ligado à adaga de Shadar Logoth. A não ser que possa ser Curado aqui.

Siuan estremeceu. Shadar Logoth, a cidade morta, tão maculada que até os Trollocs tinham medo dela, e com razão. Por obra do destino, uma adaga daquele lugar chegara às mãos do jovem Mat, entrelaçando-o e maculando-o com o mal que matara a cidade muito tempo atrás. Matando-o. *Por obra do destino? Ou do Padrão? Ele também é* ta'veren*, afinal de contas. Mas…* Mat *soou a Trombeta*. Então…

— Enquanto Mat viver — prosseguiu Verin—, a Trombeta de Valere não será mais que uma trombeta para qualquer outra pessoa. Se ele morrer, é claro, outro poderá soá-la e forjar um novo vínculo entre homem e Trombeta. — Ela mantinha o olhar firme e imperturbável, apesar do que parecia sugerir.

— Muitos morrerão antes de terminarmos, Filha. — *E quem mais eu poderia usar para soá-la outra vez? Não vou correr o risco de tentar devolver a Trombeta a Moiraine agora. Um Gaidin, quem sabe. Quem sabe.* — O Padrão ainda precisa esclarecer o destino desse rapaz.

— Sim, Mãe. E a Trombeta?

— Por enquanto — disse a Amyrlin, por fim —, encontraremos um lugar para escondê-la, onde ninguém saiba além de nós duas. Pensarei sobre o que fazer depois.

Verin assentiu.

— Como quiser, Mãe. É claro, dentro de algumas horas a decisão será tomada pela senhora.

— Isso é tudo o que tem para mim? — resmungou Siuan. — Se for, tenho que resolver o que acontecerá com aquelas três fugitivas.

— Há também os Seanchan, Mãe.

— O que têm eles? Todos os relatos dizem que fugiram de volta para o oceano, ou seja lá qual for o lugar de onde vieram.

— Parece que sim, Mãe. Mas receio que teremos que lidar com eles mais uma vez. — Verin puxou um pequeno caderno de couro de trás do cinto e começou a folheá-lo. — Referiam-se a si mesmos como os Precursores, ou Aqueles Que Vêm Antes, e falavam sobre Retorno e sobre reivindicar esta terra como sendo deles. Tomei nota de tudo o que ouvi a respeito. Mas só

dos que de fato os viram, é claro, ou que tinham algum tipo de relação com eles.

— Verin, você está se preocupando com um peixe-leão no Mar das Tempestades, enquanto aqui e agora os lúcios estão furando as nossas redes.

A irmã Marrom continuava a virar as páginas.

— Uma metáfora apropriada, o peixe-leão. Certa vez, vi um peixe-leão perseguir um tubarão gigante até a superfície e matá-lo. — Ela deu uma pancadinha em uma das páginas, com um dedo. — Aqui. Essa é a pior parte. Mãe, os Seanchan usam o Poder Único em batalha. Usam-no como arma.

Siuan apertou as mãos com força na cintura. Os relatos trazidos pelos pombos mencionavam a mesma coisa. A maioria apenas ouvira falar, mas algumas poucas mulheres afirmaram ter visto com os próprios olhos. O Poder usado como arma. Cada gota de tinta seca no papel indicava uma ponta de histeria do momento em que a mensagem fora escrita.

— Isso já está nos causando problemas, Verin, e causará ainda mais conforme as histórias se espalharem e forem aumentadas. Mas não posso fazer nada a respeito. Fui informada de que essas pessoas tinham ido embora, Filha. Você tem alguma prova do contrário?

— Bem, não, Mãe, mas…

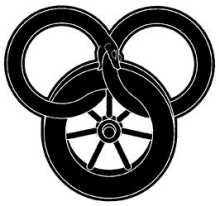
— Enquanto não tiver, vamos expulsar os lúcios das nossas redes, antes que eles comecem a furar o barco, também.

Relutante, Verin fechou o caderno e guardou-o no cinturão.

— Como quiser, Mãe. Se me permite a pergunta, o que pretende fazer com Nynaeve e as outras duas garotas?

A Amyrlin hesitou, pensativa.

— Antes mesmo de eu terminar com elas, as três desejarão descer o rio e se oferecer como iscas de peixe. — Era a mais pura verdade, mas podia ser interpretada de diversas formas. — Agora, pode se sentar e me contar tudo o que aquelas três disseram e fizeram durante o tempo que passaram com você. Tudo.



CAPÍTULO 13



Punições

Deitada na cama estreita, Egwene franzia a testa para as sombras tremeluzentes que o único lampião do quarto formava no teto. Desejava poder criar algum plano, ou ao menos deduzir o que esperar. Não tinha ideia. As sombras eram mais organizadas que seus pensamentos. Ela mal conseguia se preocupar com Mat, porém mesmo isso não a fazia sentir mais do que uma leve vergonha, esmagada pelas paredes ao redor.

Era um quarto austero e sem janelas, como todos no alojamento das noviças, pequeno, quadrado e pintado de branco, com pinos para pendurar pertences em uma parede, uma cama encostada em outra e uma pequenina prateleira em uma terceira, onde em outros tempos ela guardava alguns livros que pegara emprestados da biblioteca da Torre. Um lavatório e um banquinho de três pés completavam o mobiliário. As tábuas do chão eram quase brancas de tanto serem esfregadas. Ela fizera isso, ajoelhada no chão, todos os dias em que morou ali, além de outras tarefas domésticas e lições. As noviças levavam uma vida simples, não importava se eram filhas de estalajadeiros ou a Filha-herdeira de Andor.

Ela usava outra vez o vestido branco e simples de noviça, até mesmo o cinturão e a bolsa eram brancos, mas não estava feliz por ter se livrado daquele cinza odioso. Seu quarto se tornara muito similar a uma prisão. *E se elas tiverem intenção de me manter aqui? Neste quarto, feito uma cela? Feito o colar, e…*

Ela olhou para a porta — a Aceita de pele escura sem dúvida ainda montava guarda do outro lado —, e se aproximou da parede caiada. Logo acima do colchão havia um pequeno buraco, quase imperceptível para quem não soubesse onde ficava, aberto por noviças de muito tempo atrás. Egwene chamou, em um sussurro:

— Elayne? — Não houve resposta. — Elayne? Está dormindo?

— Como é que eu posso dormir? — respondeu Elayne pelo buraco, com um sussurro agudo. — Sabia que teríamos problemas, mas não esperava por isso. Egwene, o que elas vão fazer com a gente?

Egwene não soube responder, e os palpites que tinha não eram do tipo que gostaria de pronunciar em voz alta. Ela preferia nem pensar a respeito.

— Cheguei a pensar que seríamos consideradas heroínas, Elayne. Nós trouxemos a Trombeta de Valere de volta e a salvo. Descobrimos que Liandrin era da Ajah Negra. — Sua voz falhou ao dizer isso. Aes Sedai sempre negaram a existência de uma Ajah Negra, uma Ajah que servia ao Tenebroso, e era notório como se irritavam com quem sequer insinuasse que aquilo fosse verdade. *Mas sabemos que é verdade.* — Deveríamos ser consideradas heroínas, Elayne.

— "Ias" e "devias" não erguem pontes — retrucou Elayne. — Luz, eu odiava quando mamãe me dizia isso, mas é verdade. Verin disse que não devemos mencionar a Trombeta, ou Liandrin, a ninguém além dela ou do Trono de Amyrlin. Acho que nada disso vai ser como imaginamos. Não é justo. Já passamos por tanta coisa, você já passou por tanta coisa. Simplesmente não é justo.

— Verin disse, Moiraine disse. Sei por que as pessoas pensam que Aes Sedai são titereiras. Quase consigo sentir as cordinhas nos meus braços e pernas. Seja lá o que fizerem, será apenas o que considerarem bom para a Torre Branca, e não bom ou justo para nós.

— Mas você ainda quer ser uma Aes Sedai. Não quer?

Egwene hesitou, mas jamais houve dúvida em relação à resposta.

— Sim — respondeu. — Ainda quero. É a única maneira de nos mantermos seguras. Mas vou dizer uma coisa. Não vou deixar me estancarem. — Aquela era uma ideia nova, verbalizada assim que se formou, mas ela percebeu que não queria voltar atrás no que disse. *Desistir de tocar a Fonte Verdadeira?* Era capaz de senti-la ali mesmo, naquele instante, o brilho tênue bem acima de seu ombro e logo sumindo de vista. Ela resistiu

ao desejo de tentar alcançá-la. *Desistir de ser preenchida pelo Poder Único, de me sentir mais viva do que nunca? Não!* — Não sem lutar.

Um longo silêncio se fez do outro lado da parede.

— Como é que você poderia impedir isso? Você até pode ser forte como elas agora, mas nem eu e nem você sabemos o suficiente para sequer impedir uma Aes Sedai de bloquear nosso acesso à Fonte, e há dezenas delas por aqui.

Egwene refletiu e, por fim, disse:

— Eu poderia fugir. Fugir de verdade, dessa vez.

— Elas iriam atrás da gente, Egwene. Tenho certeza. É só você mostrar a menor habilidade que for, e elas não a deixarão ir embora até aprender o suficiente para não se matar. Ou até acabar morrendo.

— Não sou mais uma simples garotinha de aldeia. Já conheço o mundo. Posso me manter longe das Aes Sedai, se quiser. — Ela tentava convencer tanto Elayne quanto a si mesma. *E se eu ainda não souber o suficiente? Sobre o mundo, sobre o Poder? E se eu ainda puder morrer só por canalizar?* Ela se recusava a pensar naquilo. *Ainda tenho tanto a aprender. Não vou deixar que me impeçam.*

— Minha mãe talvez possa nos proteger — disse Elayne —, se o que aquele Manto-branco disse for verdade. Nunca pensei que algum dia fosse desejar que uma coisa daquelas fosse verdade. Mas, se não for, é muito provável que a Mãe nos mande embora acorrentadas. Você vai me ensinar a viver em uma aldeia?

Egwene apenas piscou.

— Você virá comigo? Quer dizer, se chegarmos a esse ponto?

Outro longo silêncio se fez, seguido de um sussurro fraco.

— Não quero ser estancada, Egwene. Não vou ser estancada. Não vou!

A porta se abriu com um tranco e bateu na parede. Assustada, Egwene se sentou. Ela ouviu a pancada de uma porta do outro lado da parede. Faolain entrou no quarto de Egwene sorrindo, e seus olhos miraram o buraco diminuto. Havia buracos como aqueles na maioria dos quartos das noviças, qualquer mulher que tivesse ocupado aquela posição sabia disso.

— Cochichando com a amiga, é? — perguntou a Aceita de cabelos cacheados com surpreendente simpatia. — Está certo, é muito solitário esperar sozinha. A conversa foi agradável?

Egwene abriu a boca, mas fechou-a mais do que depressa. Ela podia responder a uma Aes Sedai, dissera Sheriam. E a mais ninguém. Olhou a Aceita com uma expressão firme e esperou.

A falsa simpatia sumiu do rosto de Faolain como água escorrendo de um telhado.

— De pé. A Amyrlin não pode ficar esperando por gente da sua laia. Vocês tiveram sorte por eu não ter chegado a tempo de escutar as duas. Ande!

As noviças deveriam obedecer às Aceitas quase com a mesma rapidez com que obedeciam às Aes Sedai, mas Egwene levantou-se bem devagar e ficou alisando o vestido pelo tempo que sua coragem permitiu. Depois, fez uma pequena mesura e deu um sorrisinho a Faolain. A carranca que surgiu no rosto da Aceita fez o sorriso de Egwene se alargar ainda mais antes que ela se lembrasse de contê-lo: não havia por que provocá-la demais. De pé, disfarçando a tremedeira nos joelhos, ela saiu do quarto na frente da Aceita.

Elayne já aguardava do lado de fora com a Aceita de maçãs do rosto salientes, parecendo determinada a ser corajosa. De alguma forma, conseguia dar a impressão de que a Aceita era uma criada que levava suas luvas. Egwene esperou que tivesse ao menos a metade daquele desempenho.

Os corredores gradeados do alojamento das noviças subiam por muitos andares em uma coluna oca, e desciam tantos outros até o Pátio das Noviças. Não havia outras mulheres à vista. No entanto, mesmo que cada noviça da Torre estivesse ali, menos de um quarto dos dormitórios seriam preenchidos. As quatro atravessaram os corredores vazios e desceram as rampas espiraladas em silêncio: ninguém suportaria os sons de vozes acentuando o vazio.

Egwene jamais adentrara a parte da Torre onde ficavam os aposentos da Amyrlin. Os corredores eram tão amplos que uma carroça passaria por ali sem dificuldade, e a altura era ainda maior que a largura. Tapeçarias coloridas pendiam das paredes em dezenas de estilos, desenhos florais e cenários florestais, feitos heroicos e padrões intrincados, alguns tão antigos que talvez se despedaçassem se fossem manuseados. Os sapatos produziam estalidos altos no chão de azulejos em formato de diamantes que reproduziam as cores das setes Ajahs.

Havia poucas mulheres à vista: algumas Aes Sedai aqui e ali, com seu andar majestoso, sem tempo para reparar em Aceitas ou noviças, e cinco ou

seis Aceitas andando apressadas para cuidar de suas tarefas ou estudos, com um ar todo importante. Além delas, havia um punhado de servas com bandejas, esfregões ou uma pilha de lençóis ou toalhas nos braços, e umas poucas noviças cheias de incumbências, ainda mais apressadas que as servas.

Nynaeve e sua acompanhante de pescoço delgado, Theodrin, juntaram-se a elas. Nenhuma das duas disse uma palavra. Nynaeve usava um vestido de Aceita, branco com as sete faixas coloridas na barra, mas o cinturão e a bolsa eram dela. Ela deu a Egwene e Elayne um sorriso reconfortante e um abraço. Egwene estava tão aliviada em ver outro rosto amigo que retribuiu o abraço quase sem pensar que Nynaeve agia como se consolasse uma criança. Mas, à medida que foram caminhando, Nynaeve passou a dar uns puxões fortes na trança grossa.

Pouquíssimos homens iam àquela parte da Torre, e Egwene viu apenas dois: Guardiões que caminhavam lado a lado, conversando. Um com a espada na cintura, e o outro, nas costas. Um era pequeno e esbelto, quase esguio, o outro era alto com ombros muito largos. Ainda assim, ambos se moviam com uma graça perigosa. Os mantos que mudavam de cor deixavam enjoado quem tentasse encarar os dois Guardiões por muito tempo, e algumas partes dos mantos às vezes pareciam sumir por entre as paredes. Ela viu Nynaeve olhando para eles e balançou a cabeça. *Ela precisa tomar alguma atitude em relação a Lan. Isso se alguma de nós for capaz de tomar qualquer atitude, depois de hoje.*

A antessala do gabinete do Trono de Amyrlin era suntuosa o bastante para pertencer a um palácio, embora as cadeiras espalhadas para os que precisassem esperar fossem simples. No entanto, Egwene só tinha olhos para Leane Sedai. A Curadora usava a pequena estola que revelava seu ofício, feita de pano azul, para mostrar sua Ajah de origem. Seu rosto poderia ter sido esculpido em pedra marrom lisa. Não havia mais ninguém ali.

— Elas causaram algum problema? — O jeito áspero de falar da Curadora não indicava raiva nem simpatia.

— Não, Aes Sedai — disseram Theodrin e a Aceita com as maçãs do rosto salientes.

— Essa aqui teve que ser puxada pelos cabelos, Aes Sedai — disse Faolain, apontando para Egwene. A Aceita soava indignada. — Empacou como se tivesse esquecido da disciplina da Torre Branca.

— Liderar — respondeu Leane — não é empurrar e nem puxar. Vá até Marris Sedai, Faolain, e peça permissão para meditar a respeito disso enquanto varre os corredores do Jardim da Primavera. — Ela dispensou Faolain e as outras duas Aceitas, que se curvaram em mesuras profundas. Antes mesmo de se levantar, Faolain lançou a Egwene um olhar furioso.

A Curadora não deu atenção à saída das Aceitas. Em vez disso, examinou as outras mulheres, batendo o indicador nos lábios, até que Egwene teve a sensação de que todas haviam sido avaliadas do dedão do pé até o último fio de cabelo. Nynaeve agarrava a trança com firmeza e tinha um brilho perigoso nos olhos.

Enfim, Leane ergueu uma das mãos em direção à porta do gabinete da Amyrlin. Um passo adiante, a Grande Serpente mordia o próprio rabo, gravada na madeira escura de cada uma das portas.

— Entrem — disse.

Nynaeve prontamente deu um passo à frente e abriu uma das portas. Foi o bastante para fazer Egwene se mexer. Elayne segurou sua mão com força, e a jovem retribuiu o aperto com a mesma intensidade. Leane seguiu as três e se posicionou de um dos lados, entre as moças e a mesa no centro da sala.

A Amyrlin estava sentada atrás da mesa, examinando alguns papéis. Não ergueu os olhos. Nynaeve chegou a abrir a boca, mas fechou-a outra vez, sob o olhar de advertência da Curadora. As três formaram uma fila diante da mesa da Amyrlin e aguardaram. Egwene tentou não se inquietar. Longos minutos se passaram, pareceram horas, até que a Amyrlin levantou a cabeça. Mas, quando aqueles olhos azuis encararam uma de cada vez, Egwene decidiu que não teria sido ruim esperar mais um pouco. O olhar da Amyrlin era como duas lanças de gelo enterrando-se em seu coração. A sala estava fria, mas um fio de suor começou a descer pelas costas de Egwene.

— Então! — começou a Amyrlin, enfim. — Nossas fugitivas estão de volta.

— Nós não fugimos, Mãe. — Era óbvio que Nynaeve se esforçava para manter a calma, mas sua voz tremia. De raiva, Egwene sabia. Aquela obstinação de Nynaeve costumava vir acompanhada de raiva. — Liandrin nos mandou seguir com ela, e… — O ruído forte da mão da Amyrlin batendo na mesa a interrompeu.

— Não fale o nome de Liandrin aqui, criança! — cortou a mulher, ríspida. Leane assistia a tudo com uma calma impassível.

— Mãe, Liandrin é da Ajah Negra — soltou Elayne.

— Já sabemos disso, criança. Suspeitamos, pelo menos, e já é o suficiente. Liandrin deixou a Torre alguns meses atrás, e doze outras… *mulheres* foram atrás dela. Nenhuma foi vista desde então. Antes de partirem, elas tentaram invadir o depósito onde guardamos *angreal* e *sa'angreal*. Conseguiram até entrar no depósito onde ficam os *ter'angreal* menores. Roubaram vários, muitos dos quais não temos certeza da serventia.

Nynaeve encarava a Amyrlin, horrorizada, e de súbito Elayne esfregou os braços como se sentisse frio. Ela sabia que também estava tremendo. Imaginara tantas vezes retornar para confrontar e acusar Liandrin, para vê-la sofrer alguma punição… mas jamais conseguira pensar em um castigo com a severidade adequada para os crimes daquela Aes Sedai com cara de boneca. Até concebera voltar e descobrir que Liandrin havia fugido — o que costumava ser acompanhado pelo temor de que ela voltasse. Mas jamais cogitara algo desse tipo. Se Liandrin e as outras — não quisera de fato crer que havia outras — tinham roubado aqueles fragmentos da Era das Lendas, era impossível prever o que poderiam fazer com eles. *Graças à Luz elas não pegaram nenhum* sa'angreal, pensou. Terem levado os *ter'angreal* já era ruim o bastante.

Sa'angreal eram como *angreal*: permitiam que uma Aes Sedai canalizasse com segurança muito mais do Poder do que sua capacidade em geral permitia, mas eram muitíssimo mais poderosos e raros. Os *ter'angreal* eram um pouco diferentes. Existiam em maior número que os *angreal* e *sa'angreal*, embora não fossem muito comuns. Eles utilizavam o Poder Único, em vez de ajudar a canalizá-lo, e ninguém os compreendia direito. Muitos funcionavam apenas para aqueles capazes de canalizar e requeriam que isso acontecesse, enquanto outros funcionavam com qualquer um. Todos os *angreal* e *sa'angreal* de que Egwene já ouvira falar eram pequenos, mas os *ter'angreal* podiam, ao que parecia, assumir qualquer tamanho. Pelo que sabia, cada um fora fabricado com um propósito específico, por Aes Sedai de três mil anos atrás. E, desde então, Aes Sedai morreram tentando descobrir quais eram esses propósitos. Morreram ou tiveram a capacidade de canalizar destruída. Algumas irmãs da Ajah Marrom tinham os *ter'angreal* como objeto de estudo.

Alguns estavam em uso, mesmo que talvez não para os propósitos para os quais haviam sido fabricados. A pesada barra branca que as Aceitas

seguravam ao fazer os Três Juramentos quando se tornavam Aes Sedai completas era um *ter'angreal*, e gravava os juramentos nas mulheres de maneira tão profunda que era como se fossem incrustados em seus cernes. Outro *ter'angreal* era o local do teste final para uma noviça ser elevada a Aceita. Havia ainda outros, incluindo muitos que ninguém era capaz de ativar, e muitos que pareciam não ter propósito.

Por que elas levaram coisas que ninguém sabe usar? Egwene se perguntou. *Ou talvez a Ajah Negra* saiba *usar.* Essa possibilidade fez seu estômago se embrulhar. Talvez aquilo fosse tão ruim quanto um *sa'angreal* nas mãos de Amigos das Trevas.

— O roubo — prosseguiu a Amyrlin, em um tom tão frio quanto seus olhos — não foi o que fizeram de pior. Três irmãs morreram naquela noite, assim como dois Guardiões, sete guardas e nove serviçais. Cometeram assassinatos para encobrir o roubo e a fuga. Talvez isso não prove que elas são da… *Ajah Negra* — as palavras deixaram sua boca como um chiado —, mas não posso acreditar em outra coisa. Se há cabeças de peixe e sangue na água, não é preciso ver os lúcios para ter certeza da sua presença.

— Então por que estamos sendo tratadas feito criminosas? — inquiriu Nynaeve. — Fomos enganadas por uma mulher da… Ajah Negra. Isso já deveria ser o suficiente para nos absolver de qualquer transgressão.

A Amyrlin soltou uma gargalhada desconsolada.

— Você acredita mesmo nisso, criança? Talvez sua salvação seja que ninguém na Torre além de Verin, Leane e eu sequer suspeite que vocês têm algo a ver com Liandrin. Se isso se espalhasse, ou mesmo a pequena demonstração que fizeram para os Mantos-brancos… não precisam se espantar, Verin me contou tudo. Se ficarem sabendo que vocês partiram com Liandrin, o Salão sem dúvida votará pelo estancamento das três antes que consigam piscar os olhos.

— Isso não é justo! — reclamou Nynaeve. Leane mudou de posição, inquieta, mas Nynaeve prosseguiu: — Isso não é certo! Isso…

A Amyrlin se levantou. Foi só o que fez, mas Nynaeve parou.

Egwene se considerou sensata por ficar calada. Sempre acreditara que Nynaeve era mais forte e tinha mais força de vontade que todos. Até conhecer a mulher da estola listrada. *Por favor, não perca a cabeça, Nynaeve. Nós somos como crianças, como bebês enfrentando a mãe, e essa Mãe pode nos dar muito mais do que umas palmadas.*

Ela sentiu que a Amyrlin lhes oferecia uma saída, mas não soube ao certo qual.

— Mãe, peço perdão por falar, mas o que a senhora pretende fazer conosco?

— Fazer com vocês, criança? Pretendo punir você e Elayne por deixarem a Torre sem permissão, e a Nynaeve por deixar a cidade sem permissão. Primeiro, cada uma será chamada ao gabinete de Sheriam Sedai, onde já pedi que ela lhes encha de varadas até desejarem passar a próxima semana em cima de uma almofada. Já anunciei isso às noviças e às Aceitas.

Egwene piscou, surpresa. Elayne soltou um grunhido alto, endireitou as costas e murmurou algo entre dentes. Nynaeve era a única que parecia ter recebido a notícia sem choque. As punições, fossem trabalhos extras ou qualquer outra coisa, eram sempre mantidas entre a Mestra das Noviças e quem fosse enviada a ela. Em geral eram noviças, mas também acontecia com Aceitas que desobedeciam às regras. *Sheriam* sempre *mantém tudo entre você e ela*, pensou Egwene, sombria. *Ela* não pode *ter contado a todo mundo. Mas é melhor do que ficar presa. Melhor do que ser estancada.*

— O anúncio faz parte da punição, é claro — prosseguiu a Amyrlin, como se tivesse lido os pensamentos de Egwene. — Também anunciei que vocês três serão mandadas às cozinhas, para trabalhar com as ajudantes até segunda ordem. E deixei escapar que a "segunda ordem" pode significar o resto da sua vida. Alguma objeção?

— Não, Mãe — respondeu Egwene depressa. Nynaeve odiaria esfregar panelas, até mais que a visita ao gabinete de Sheriam. *Poderia ser pior, Nynaeve. Luz, poderia ser muito pior.* A Sabedoria inflou as narinas, mas fez que não com a cabeça, rígida.

— E você, Elayne? — inquiriu a Amyrlin. — A Filha-herdeira de Andor está acostumada a um tratamento mais amável.

— Quero ser Aes Sedai, Mãe — respondeu Elayne, com a voz firme.

A Amyrlin apontou para um papel na mesa diante de si e pareceu analisá-lo por um instante. Quando ergueu a cabeça, tinha um sorriso nada agradável.

— Se alguma de vocês tivesse sido burra o bastante para responder qualquer outra coisa, eu ainda acrescentaria outra coisa à lista, algo que as faria amaldiçoar o dia em que seu pai roubou o primeiro beijo de sua mãe. Arrancaria vocês da Torre feito crianças inconsequentes. Nem um bebê

cairia nessa armadilha. Vou ensiná-las a pensar antes de agir ou usá-las para tapar as fendas da represa!

Egwene percebeu que agradecia em silêncio. Um arrepio percorreu sua pele quando a Amyrlin prosseguiu:

— Agora, quanto ao que mais pretendo fazer com vocês. Parece que todas as três tiveram progresso considerável na habilidade de canalizar desde que deixaram a Torre. Vocês aprenderam bastante. Inclusive algumas coisas — acrescentou, com rispidez — que pretendo que desaprendam!

Nynaeve surpreendeu Egwene ao dizer:

— Sei que fizemos… coisas… que não deveríamos ter feito, Mãe. Eu garanto à senhora que faremos todo esforço possível para viver como se já tivéssemos feito os Três Juramentos.

A Amyrlin soltou um grunhido.

— Façam isso mesmo — respondeu, seca. — Se eu pudesse, colocaria o Bastão dos Juramentos nas mãos das três hoje mesmo, mas como ele é reservado às que são elevadas a Aes Sedai, devo confiar que o bom senso de vocês, se é que ainda lhes resta algum, as conservará inteiras. Sendo assim, você, Egwene, e você, Elayne, serão elevadas a Aceitas.

Elayne ofegou, e Egwene gaguejou, chocada:

— Obrigada, Mãe.

Leane se remexeu onde estava. A Curadora não parecia muito satisfeita. Não parecia surpresa — estava claro que sabia o que aconteceria —, mas também não estava satisfeita.

— Não me agradeçam. Vocês levaram as habilidades longe demais para continuarem como noviças. Alguns pensarão que não deveriam usar o anel, não depois do que fizeram, mas vê-las com os cotovelos enfiados em panelas engorduradas calará as críticas. E, para que *não* comecem a achar que isso é algum tipo de recompensa, lembrem-se de que as primeiras semanas como Aceitas servem para separar os peixes podres dos bons. O pior dia que tiveram como noviças parecerá um sonho dourado comparado ao aprendizado mais simples que terão durante as próximas semanas. Suspeito que algumas das irmãs instrutoras lhes darão testes ainda piores do que deveriam ser, a rigor, mas não creio que vocês vão reclamar. Estou errada?

Posso aprender, pensou Egwene. *Escolherei meus próprios estudos. Posso aprender sobre os sonhos, aprender a…*

O sorriso da Amyrlin interrompeu seus pensamentos. Aquele sorriso afirmava que nada do que as irmãs fizessem com elas seria pior do que mereciam, se as deixassem vivas. O rosto de Nynaeve era uma mistura de profunda compaixão e recordação horrorizada de suas próprias primeiras semanas como Aceita. A combinação bastou para fazer Egwene engolir em seco.

— Não, Mãe — respondeu, com a voz fraca.

A resposta de Elayne foi um sussurro rouco.

— Então está resolvido. Sua mãe não ficou nada contente com seu sumiço, Elayne.

— Ela sabe? — perguntou a jovem, com voz aguda.

Leane fungou, e a Amyrlin arqueou uma sobrancelha.

— Não tive como esconder. Vocês se desencontraram por menos de um mês, o que pode ter sido bom para você. Talvez você não tivesse sobrevivido àquele encontro. Ela entrou aqui com cara de quem iria roer um remo, furiosa com você, comigo, com a Torre Branca.

— Posso imaginar, Mãe — disse Elayne, baixinho.

— Acho que não pode, criança. Talvez você tenha acabado com uma tradição que começou *antes* de Andor existir. Um costume mais forte que a maioria das leis. Morgase se recusou a levar Elaida de volta. Pela primeira vez, a Rainha de Andor não tem uma conselheira Aes Sedai. Ela exigiu que você retornasse a Caemlyn imediatamente, assim que fosse encontrada. Eu a convenci de que seria mais seguro que você treinasse um pouco mais por aqui. Ela também queria retirar seus dois irmãos do treinamento com os Guardiões. Eles a dissuadiram sozinhos. Ainda não sei como conseguiram.

Elayne pareceu refletir, talvez estivesse imaginando Morgase em toda a sua fúria. Ela estremeceu.

— Gawyn é meu irmão — disse, absorta. — Galad, não.

— Não seja infantil — retrucou a Amyrlin. — Ter o mesmo pai torna Galad seu irmão também, quer você goste dele ou não. Não permitirei este tipo de imaturidade, menina. É possível tolerar certa dose de estupidez em uma noviça. Em uma Aceita, não.

— Está bem, Mãe — cedeu Elayne, taciturna.

— A Rainha deixou uma carta para você com Sheriam. Além de lhe passar um sermão, acredito que ela vá expor a intenção de levar você para

casa assim que for seguro. Ela tem certeza de que, em alguns meses, você será capaz de canalizar sem pôr a própria vida em risco.

— Mas eu quero aprender, Mãe. — A frieza retornou à voz de Elayne. — Quero ser uma Aes Sedai.

A Amyrlin deu um sorriso ainda mais sombrio que o anterior.

— Que bom, criança, porque eu não tenho intenção nenhuma de deixar que Morgase a leve daqui. Você tem potencial para ser mais forte que qualquer Aes Sedai em mil anos, e não deixarei que vá embora antes de obter o xale e o anel. Mesmo que para isso precise arrancar seu couro. *Não vou desistir de você*. Estamos entendidas?

— Estamos, Mãe. — Elayne parecia incomodada, e Egwene não a culpava. Dividida entre Morgase e a Torre Branca feito um osso entre dois cachorros, dividida entre a Rainha de Andor e o Trono de Amyrlin. Se Egwene em alguns momentos chegou a invejar Elayne pela riqueza e pelo trono que um dia ocuparia, aquele sem dúvida não era um deles.

A Amyrlin disse com vigor:

— Leane, desça com Elayne até o gabinete de Sheriam. Ainda tenho umas palavrinhas para dizer às outras duas. Palavras que creio que não gostarão de ouvir.

Egwene e Nynaeve trocaram olhares assustados por um instante: a preocupação dissolveu a tensão entre as duas. *O que ela tem para dizer a nós e não a Elayne?*, pensou. *Não importa, desde que não me impeça de aprender. Mas por que não Elayne, também?*

Elayne fez uma careta ao ouvir a menção ao gabinete da Mestra das Noviças, mas se endireitou quando Leane se aproximou.

— Como a senhora ordenar, Mãe — disse, em um tom formal e curvou-se em uma mesura perfeita, segurando a saia —, assim farei. — E saiu atrás de Leane, de cabeça erguida.



CAPÍTULO 14



Os Espinhos da Rosa

O Trono de Amyrlin não falou imediatamente. Primeiro caminhou até as altas janelas em arco e olhou pela varanda para o jardim abaixo, apertando as mãos com força atrás de si. Minutos se passaram até que a mulher se pronunciou, ainda de costas para as duas.

— Eu impedi a pior parte do que aconteceu de se espalhar, mas por quanto tempo? As serviçais não estão sabendo dos *ter'angreal* roubados, nem enxergaram a relação entre as mortes e a partida de Liandrin e das outras. Não foi fácil, com as fofocas. Elas acreditam que as mortes foram obra de Amigos das Trevas. E foram mesmo. Os rumores já estão chegando à cidade. Que Amigos das Trevas entraram na Torre, que cometeram crimes. Não houve maneira de impedir que os rumores escapassem. O que só faz mal à nossa reputação, mas pelo menos é melhor que a verdade. Pelo menos ninguém fora da Torre, e poucos aqui dentro, sabem que algumas Aes Sedai foram mortas. Amigos das Trevas infiltrados na Torre Branca. Argh! Passei a vida inteira negando isso. Não os deixarei entrar aqui. Vou pescá-los, estripá-los e pendurá-los ao sol, para secar.

Nynaeve lançou a Egwene um olhar inseguro — com metade da insegurança que Egwene sentia —, depois respirou fundo.

— Mãe, receberemos outras punições? Além das que senhora já nos deu?

A Amyrlin olhou para elas por cima do ombro. Tinha os olhos perdidos na sombra.

— Outras punições? De certa forma. Alguns dirão que dei uma recompensa, ao elevá-las. Agora sintam os espinhos da rosa. — Ela andou rapidamente até a cadeira e se sentou, depois pareceu perder a pressa mais uma vez. Ou ganhar incerteza.

Ver a Amyrlin hesitante fez Egwene ficar com um nó no estômago. O Trono de Amyrlin era sempre segura, sempre caminhava com serenidade e confiança. A Amyrlin era a personificação da força. Egwene sabia que, apesar do próprio potencial, a mulher do outro lado da mesa tinha conhecimento e experiência para fazê-la rodar feito um peão. De repente, vê-la fraquejar como uma garota que sabia que precisava mergulhar a cabeça em uma lagoa sem ter ideia da profundidade ou mesmo se havia pedras e lama no fundo lhe deu calafrios. *O que ela quis dizer com os espinhos da rosa? Luz, o que ela pretende fazer com a gente?*

Mexendo em uma caixa preta esculpida sobre a mesa diante de si, a Amyrlin encarou o conteúdo como se estivesse distraída.

— A questão é: em quem posso confiar? — disse, baixinho. — Devo poder confiar em Leane e Sheriam, pelo menos. Mas será que tenho coragem? Verin? — Ela deu de ombros com uma risada rápida e silenciosa. — Já entrego nas mãos de Verin mais que a minha vida, mas até onde posso ir? Moiraine? — Ela ficou em silêncio por um instante. — Sempre acreditei que pudesse confiar em Moiraine.

Egwene mudou de posição, incomodada. Quanto será que a Amyrlin sabia? Aquele não era o tipo de coisa que ela podia perguntar, não ao Trono de Amyrlin. *Será que ela sabe que um rapaz da minha aldeia, o homem com quem eu achava que um dia me casaria, é o Dragão Renascido? Sabe que duas de suas Aes Sedai o estão ajudando?* Pelo menos ela tinha certeza de que a Amyrlin não sabia de seu sonho com ele na noite anterior, correndo de Moiraine. Achava que tinha certeza. Ficou em silêncio.

— Do que a senhora está falando? — interpelou Nynaeve. A Amyrlin ergueu os olhos, e ela moderou o tom ao complementar: — Peço perdão, Mãe, mas receberemos outras punições? Não estou entendendo essa conversa sobre em quem confiar. Se a senhora quiser saber a minha opinião, Moiraine não é confiável.

— Essa é a sua opinião, não é? — retrucou a Amyrlin. — Saiu de sua aldeia há um ano e agora pensa que conhece bem o mundo, bem o suficiente

para saber em que Aes Sedai confiar ou não? Um mestre velejador que mal aprendeu a erguer a vela!

— Ela não estava falando sério, Mãe — respondeu Egwene, mas sabia que era mentira.

Lançou um olhar de advertência a Nynaeve, que deu um puxão forte na trança, mas ficou de boca fechada.

— Bem, quem sabe? — perguntou a Amyrlin, pensativa. — Às vezes, a confiança é mais escorregadia que uma cesta de enguia. A questão é que vocês duas são o que eu tenho para trabalhar, por mais que sejam como palha de junco fino.

Nynaeve contraiu a boca, mas manteve a voz firme.

— Junco fino, Mãe?

A Amyrlin prosseguiu como se a outra não tivesse falado.

— Liandrin tentou enfiar a cabeça de vocês em uma barragem, e pode muito bem ter fugido porque descobriu que vocês estavam voltando e poderiam desmascará-la, por isso preciso acreditar que vocês não são da… Ajah Negra. Preferia ter que comer escamas e vísceras — murmurou —, mas acho que terei que me acostumar a pronunciar esse nome.

Egwene ficou boquiaberta, em choque — *Ajah Negra? Nós? Luz!* —, mas Nynaeve vociferou:

— É claro que não somos! Como se atreve a dizer uma coisa dessas? Como se atreve a sequer sugerir uma coisa dessas?

— Se duvida de mim, criança, vá em frente! — respondeu a Amyrlin com a voz severa. — Vocês podem ter o poder de uma Aes Sedai às vezes, mas ainda não são Aes Sedai, nem de longe! Então? Falem, se tiverem algo mais a dizer. Juro que as farei implorar perdão! "Junco fino"? Eu partirei vocês ao meio, feito junco! Já perdi toda a paciência.

Nynaeve abria e fechava a boca. Por fim, se sacudiu e respirou, tentando se acalmar. Quando falou, sua voz ainda era ríspida, mas muito pouco.

— Peço perdão, Mãe. Mas a senhora não deveria… nós não somos… jamais faríamos uma coisa dessas.

Com um pequeno sorriso, a Amyrlin voltou a se inclinar na cadeira.

— Então você é capaz de se controlar, quando quer. Eu precisava saber disso. — Egwene se perguntou quanto daquilo havia sido um teste. A tensão nos olhos da Amyrlin sugeria que ela talvez tivesse mesmo perdido a

paciência. — Gostaria de ter encontrado uma forma de elevá-la ao xale, Filha. Verin disse que você já é tão forte quanto qualquer mulher na Torre.

— O xale! — exclamou Nynaeve. — Aes Sedai? Eu?

A Amyrlin fez um gesto suave, como se descartasse a ideia, mas pareceu arrependida.

— Não há razão para desejar o que não vai acontecer. Eu não poderia elevá-la a irmã completa e mandá-la esfregar panelas. Além disso, Verin disse que você só é capaz de canalizar quando furiosa. Eu estava pronta para cortar seu contato com a Fonte Verdadeira se houvesse qualquer indicação de que você abraçaria *saidar*. Os testes finais para o xale requerem que você canalize mantendo profunda calma, mesmo sob pressão. Extrema pressão. Eu não poderia, nem vou, deixar essa condição de lado.

Nynaeve estava atônita. Encarava a Amyrlin boquiaberta.

— Não estou entendendo, Mãe — disse Egwene, depois de um instante.

— Imagino que não. Vocês são as duas únicas na Torre que tenho certeza absoluta de que não são da Ajah Negra. — A Amyrlin ainda contorcia a boca ao proferir as palavras. — Liandrin e as outras doze fugiram, mas será que são só elas? Ou será que deixaram algumas para trás, feito um toco cravado em águas rasas, que só percebemos ao ver o furo no barco? Pode ser que eu descubra tarde demais, mas não deixarei Liandrin e as outras escaparem depois do que fizeram. Não depois do roubo, e, principalmente, das mortes. Ninguém mata minha gente e sai impune. E não posso deixar treze Aes Sedai treinadas servirem à Sombra. Pretendo encontrá-las e estancá-las!

— Não vejo o que isso tem a ver com a gente — comentou Nynaeve, bem devagar. Ela parecia não gostar do que estava pensando.

— Pois vou dizer o que tem a ver com vocês, criança. Vocês duas caçarão a Ajah Negra para mim. Ninguém suspeitará, não de duas Aceitas em treinamento que humilhei publicamente.

— Isso é loucura! — Nynaeve arregalou os olhos na hora em que a Amyrlin pronunciou as palavras “Ajah Negra”, e seus dedos ficaram brancos pela força com que agarrou a trança. Ela abafou as palavras, e em seguida as cuspiu: — Elas são Aes Sedai completas. Egwene ainda não foi nem elevada a Aceita, e a senhora sabe que não posso canalizar o suficiente para acender uma vela se não estiver furiosa. Que chance teríamos?

Egwene concordou com a cabeça. A língua estava presa ao céu da boca. *Caçar a Ajah Negra? Preferia caçar um urso com uma vara! Ela está só tentando nos assustar, nos punir ainda mais. Só pode ser!* Se aquela era de fato a intenção, a Amyrlin estava indo muito bem.

A Aes Sedai também concordava com a cabeça.

— Tudo o que disse é verdade. Mas cada uma de vocês é mais do que páreo para Liandrin em termos de poder absoluto, e ela é a mais forte de todas. Ainda assim, elas são treinadas, e vocês não. E você, Nynaeve, tem limitações, por enquanto. Mas, quando não se tem um remo, criança, qualquer tábua pode servir para conduzir o barco até a margem.

— Eu seria inútil — deixou escapar Egwene. Sua voz saiu como um ganido, mas ela estava assustada demais para se envergonhar. *Ela está falando sério! Ah, Luz, ela está falando sério! Liandrin me entregou aos Seanchan, e agora ela quer que eu cace* treze *iguais?* — Meus estudos, minhas aulas, o trabalho nas cozinhas. É claro que Anaiya Sedai vai querer continuar me testando para saber se sou uma Sonhadora. Mal vou ter tempo para comer e dormir. Como é que vou poder caçar qualquer coisa?

— Você vai encontrar tempo — respondeu a Amyrlin, mais uma vez fria e serena, como se caçar a Ajah Negra fosse uma tarefa tão simples quanto varrer o chão. — Como Aceita, você escolherá os próprios estudos, dentro dos limites, e estabelecerá os horários apropriados. E as regras são um pouco mais flexíveis para as Aceitas. Um pouco mais. Nós precisamos encontrá-las, criança.

Egwene olhou para Nynaeve, mas esta disse apenas:

— Por que é que Elayne não vai participar? Não pode ser porque a senhora pensa que ela é da Ajah Negra. É porque ela é Filha-herdeira de Andor?

— Rede cheia no primeiro arremesso, criança. Eu juntaria vocês três se pudesse, mas no momento Morgase já está me causando muitos problemas. Depois que eu colocá-la de volta no caminho certo, talvez Elayne se junte a vocês. Quem sabe.

— Então deixe Egwene de fora também — retrucou Nynaeve. — Ela mal tem idade para ser uma mulher. Eu entro na caçada para a senhora.

Egwene soltou um som de protesto — eu *sou* uma mulher! —, mas a Amyrlin se pronunciou antes.

— Não estou enviando vocês como isca, criança. Ainda que eu tivesse cem iguais a vocês, não estaria satisfeita. Porém, só tenho vocês duas, então vocês duas serão.

— Nynaeve — começou Egwene —, não entendo você. Está dizendo que quer fazer isso?

— Querer, não quero — respondeu Nynaeve, em um tom cansado —, mas prefiro sair à caça do que ficar sentada me perguntando se a Aes Sedai que está me dando aulas é uma Amiga das Trevas. E, seja lá o que elas estiverem tramando, não quero esperar até terminarem para descobrir.

A decisão que Egwene tomou lhe deu frio na barriga.

— Então eu também vou. Também não quero ficar sentada imaginando coisas. — Nynaeve abriu a boca, e Egwene sentiu um lampejo de raiva. Foi um alívio, depois de sentir tanto medo. — E não se atreva a dizer mais uma vez que eu sou jovem demais. Pelo menos consigo canalizar quando quero. Na maioria das vezes. Não sou mais uma garotinha, Nynaeve.

Nynaeve ficou parada mexendo na trança, sem dizer uma palavra. Enfim, a rigidez se dissipou.

— Não é mesmo, não é? Eu já tinha dito a mim mesma que você já era uma mulher, mas acho que no fundo não acreditava de verdade. Garota… quer dizer, mulher. Mulher, espero que você se dê conta de que entrou em um caldeirão comigo, e o fogo já já será aceso.

— Eu sei. — Egwene se orgulhou por sua voz quase não vacilar.

A Amyrlin sorriu como se estivesse satisfeita, mas algo naqueles olhos azuis fez Egwene suspeitar que a mulher sabia qual seria a decisão das duas desde o princípio. Por um instante, sentiu as cordas do titereiro em seus braços e pernas.

— Verin… — A Amyrlin hesitou, depois murmurou para si mesma: — Se eu tiver que confiar em alguém, que seja nela. Ela já sabe tanto quanto eu, talvez mais. — Sua voz ganhou força. — Verin lhes passará as informações a respeito de Liandrin e das outras, além de uma lista dos *ter'angreal* que foram levados e suas funções. As que forem conhecidas. Quanto a ainda haver alguém da Ajah Negra na Torre… Escutem, observem e tomem cuidado com as perguntas. Ajam feito ratos. Se tiverem a menor suspeita, falem comigo. Eu mesma vou ficar de olho em vocês. Ninguém vai achar estranho, dada a razão por que estão sendo punidas. Podem fazer seus

relatórios durante minhas visitas. Lembrem-se, elas já mataram antes. Podem muito bem matar de novo.

— Está tudo muito bem — retrucou Nynaeve —, mas ainda somos Aceitas, e estamos caçando Aes Sedai. Qualquer irmã completa pode nos mandar cuidar da nossa vida ou nos entregar roupas para lavar, e não teremos escolha senão obedecer. Há locais onde as Aceitas não têm permissão para ir e coisas que não têm permissão para fazer. Luz, se descobríssemos que alguma irmã é da Ajah Negra, ela poderia ordenar aos guardas que nos trancassem em nossos quartos, e eles obedeceriam. Sem dúvida não acreditariam em uma Aceita em vez de em uma Aes Sedai.

— Na maioria das vezes — disse a Amyrlin —, vocês terão que trabalhar dentro das limitações das Aceitas. A ideia é que ninguém desconfie de vocês. Mas… — Ela abriu a caixa preta na mesa, hesitou e olhou as duas, como se ainda tivesse dúvidas. Em seguida, tirou alguns papéis enrijecidos e dobrados. Folheando-os com cuidado, hesitou mais uma vez, depois escolheu dois. Enfiou o restante de volta na caixa e entregou os dois papéis a Egwene e Nynaeve.

— Escondam isso com cuidado. É só para emergências.

Egwene desdobrou a folha grossa de papel. Continha um texto escrito à mão, em uma caligrafia cuidadosa e arredondada, e um selo na base, com a Chama Branca de Tar Valon.

O que o portador fizer é feito sob meu comando e autoridade. Obedeça e mantenha o silêncio, por ordem minha.

Siuan Sanche
Vigia dos Selos
Chama de Tar Valon
O Trono de Amyrlin

— Eu poderia fazer qualquer coisa com isso — disse Nynaeve, pensativa. — Ordenar os guardas a marchar. Comandar os Guardiões. — Ela soltou uma risadinha. — Eu poderia fazer um Guardião dançar com isso aqui.

— Até que eu descobrisse — concordou a Amyrlin, em tom seco. — A não ser que me dessem um motivo muito convincente, eu as faria desejar que Liandrin as tivesse capturado.

— Eu não pretendo fazer nada disso — retrucou Nynaeve, depressa. — Só quis dizer que dá mais autoridade do que eu tinha imaginado.

— Talvez vocês precisem. Mas não se esqueçam, crianças. Um Amigo das Trevas não dará mais atenção a isso que um Manto-branco. É possível que ambos matem vocês apenas por terem isso nas mãos. Se esse papel é um escudo, bem, escudos de papel são frágeis, e esse decerto tem um alvo bem no meio.

— Sim, Mãe — responderam Egwene e Nynaeve juntas.

Egwene dobrou o papel e o enfiou na bolsa do cinturão, decidida a tirá-lo dali apenas em caso de extrema necessidade. *E como vou saber que a hora chegou?*

— E Mat? — perguntou Nynaeve. — Ele está muito doente, Mãe, e não tem mais muito tempo de sobra.

— Eu darei notícias — respondeu a Amyrlin com frieza.

— Mas, Mãe…

— Eu darei notícias! Agora saiam daqui, crianças. O destino da Torre está em suas mãos. Vão para os seus quartos e descansem um pouco. Não se esqueçam dos compromissos que têm com Sheriam, nem das panelas.



CAPÍTULO 15



O Homem Cinza

Do lado de fora do gabinete do Trono de Amyrlin, Egwene e Nynaeve encontraram os corredores vazios, exceto por uma ou outra serviçal de passagem, ocupada com seus afazeres, os pés calçados em chinelos macios. Egwene se sentiu grata pela presença delas. De súbito, os corredores pareciam cavernas, apesar de toda a tapeçaria e cantaria. Cavernas perigosas.

Nynaeve caminhava firme em seu propósito, puxando a trança, e Egwene corria para acompanhá-la. Não queria ficar sozinha.

— Nynaeve, se a Ajah Negra *ainda* estiver aqui, e se alguma delas sequer suspeitar do que estamos fazendo… espero que não tenha falado sério sobre agirmos como se já tivéssemos feito os Três Juramentos. Não pretendo deixar ninguém me matar, se puder canalizar para impedir.

— Egwene, se alguma delas ainda estiver aqui, saberá o que estamos fazendo assim que puser os olhos em nós. — Apesar do discurso, Nynaeve soava preocupada. — Ou, no mínimo, nos verá como uma ameaça, o que dá no mesmo.

— Como é que vão nos ver como ameaça? Ninguém se sente ameaçado por alguém a quem pode dar ordens. Ninguém se sente ameaçado por alguém que esfrega panelas e fica girando espetos três vezes ao dia. É por isso que a Amyrlin está nos mandando trabalhar na cozinha. Pelo menos em parte.

— Talvez a Amyrlin não tenha pensado direito — respondeu Nynaeve, distraída. — Ou talvez tenha um plano diferente do que contou a nós. Pense,

Egwene. Liandrin não teria tentado nos tirar no caminho se não nos considerasse uma ameaça. Não entendo por quê, mas também não vejo como isso poderia ter mudado. Se ainda houver alguém da Ajah Negra aqui, é certo que elas nos enxergam da mesma forma, independentemente de suspeitarem do que estamos fazendo.

Egwene engoliu em seco.

— Não tinha pensado nisso. Luz, queria ser invisível. Nynaeve, se elas ainda estiverem atrás de nós, posso até ser estancada, mas não deixo um Amigo das Trevas me matar, ou talvez fazer algo pior. E também não acredito que você permitirá isso, apesar do que disse à Amyrlin.

— Eu falei sério. — Por um instante, Nynaeve pareceu despertar de seus pensamentos. Ela reduziu a velocidade da caminhada. Uma noviça de cabelos claros passou apressada, carregando uma bandeja. — Falei sério do início ao fim, Egwene. — Quando a noviça já não podia ouvir, Nynaeve continuou: — Nós temos outras formas de nos defender. Se não fosse assim, Aes Sedai morreriam todas as vezes que deixassem a Torre. Nós só precisamos entender quais são essas formas, e usá-las.

— Eu já conheço várias formas, e você também.

— São perigosas. — Egwene abriu a boca para dizer que só eram perigosas para quem as atacava, mas Nynaeve continuou, sem deixá-la falar: — Você pode acabar gostando demais. Quando liberei toda a minha raiva naqueles Mantos-brancos, hoje de manhã… me senti muito bem. Isso é muito perigoso. — Ela estremeceu e apressou o passo mais uma vez, Egwene precisou correr para acompanhá-la.

— Você está parecendo Sheriam. Nunca falou assim. Sempre resistiu a todos os limites impostos. Por que os aceitaria agora, justo quando talvez tenhamos que ignorá-los para sobreviver?

— E de que adiantaria isso se acabássemos expulsas da Torre? Estancadas ou não, de que adiantaria? — Nynaeve baixou a voz, como se falasse sozinha. — Eu consigo fazer isso. Preciso fazer, se quiser ficar aqui tempo suficiente para aprender, e preciso aprender se quiser… — De repente, percebeu que falava alto. Lançou um olhar severo para Egwene e disse, com a voz firme: — Preciso pensar. Por favor, fique quieta e me deixe pensar.

Egwene ficou de boca fechada, mas por dentro fervilhava com perguntas. Que razão especial Nynaeve teria para querer aprender mais do que a Torre

Branca tinha para ensinar? O que pretendia fazer? Por que estava escondendo isso dela? *Segredos. Aprendemos a guardar muitos segredos desde que chegamos à Torre. A Amyrlin também está guardando segredos de nós. Luz, o que será que ela vai fazer com Mat?*

Nynaeve a acompanhou até o alojamento das noviças, sem seguir para o das Aceitas. Os corredores ainda estavam vazios, e as duas não viram ninguém enquanto subiam as rampas em espiral.

Quando chegaram ao quarto de Elayne, Nynaeve parou, bateu à porta uma vez e imediatamente a abriu e enfiou a cabeça para olhar lá dentro. Na mesma hora, bateu de volta a porta branca e seguiu para o quarto ao lado, de Egwene.

— Ela ainda não chegou — disse. — Preciso falar com vocês duas.

Egwene puxou-a com força pelos ombros.

— O que…? — Sentiu algo tocar seus cabelos, além de uma fisgada de dor na orelha. Um borrão preto passou como um raio diante de seu rosto e acertou a parede, e em um piscar de olhos Nynaeve a derrubou no chão do corredor, atrás da amurada.

Estirada, de olhos arregalados, Egwene fitou o objeto no chão diante de sua porta, onde havia caído. A flecha de uma besta. Alguns fios do seu cabelo tinham ficado presos nas quatro pontas robustas, feitas para perfurar armaduras. Ela ergueu a mão trêmula e tocou o pequeno corte na orelha, úmido com o sangue. *Se eu não tivesse parado naquele instante… se eu não tivesse…* A flecha teria atravessado sua cabeça e provavelmente matado Nynaeve também.

— Sangue e cinzas! — arquejou. — Sangue e malditas cinzas!

— Modere o linguajar — advertiu Nynaeve, mas foi uma repreensão distraída. Ainda deitada, estava olhando por entre as pedras brancas da amurada para o outro lado dos corredores. Um brilho tênue a envolveu, aos olhos de Egwene. Ela abraçara *saidar*.

Mais do que depressa, Egwene também tentou buscar o Poder Único, mas no início a pressa a atrapalhou. A pressa e as imagens que invadiam o vazio, imagens de sua cabeça sendo destroçada feito um melão podre por uma flecha imensa que seguia adiante para atingir Nynaeve. Ela respirou fundo e tentou mais uma vez, e enfim a rosa flutuou no nada, abriu-se à Fonte Verdadeira, e o Poder a preencheu.

Ela virou-se de barriga para baixo e espiou pela amurada, ao lado de Nynaeve.

— Está vendo alguma coisa? Está vendo quem nos atacou? Vou jogar um raio nele! — Ela conseguia sentir o raio se formando, bem como a urgência em liberá-lo. — É um homem, *não é*? — Ela era incapaz de imaginar um homem entrando no alojamento da noviças, mas era impossível visualizar uma mulher carregando uma besta pela Torre.

— Eu não sei. — A voz de Nynaeve estava tomada por uma raiva silenciosa. A raiva dela era sempre pior quando crescia em silêncio. — Pensei que tinha visto… isso! Ali! — Egwene sentiu o Poder pulsar na outra mulher, e então Nynaeve ficou de pé, apressada, e limpou o vestido como se não houvesse mais nada com que se preocupar.

Egwene a encarou.

— O quê? O que você fez, Nynaeve?

— "Dos Cinco Poderes" — disse Nynaeve em um tom professoral, levemente debochado —, "o Ar, às vezes chamado de Vento, é considerado por muitos o elemento de menor utilidade. Essa é uma grande inverdade." — Ela finalizou com uma risadinha contida. — Eu disse que havia outras formas de nos defender. Usei o Ar, para prendê-lo com o ar. Se é que é um homem, não consegui enxergar muito bem. Um truque que a Amyrlin me mostrou uma vez, embora eu duvide que ela tenha imaginado que eu estava prestando atenção. Então, vai ficar aí deitada o dia inteiro?

Egwene se levantou e saiu correndo atrás dela pelos corredores. Em pouco tempo, ao virar uma curva, as duas avistaram um homem vestindo calças e casaco marrons. Ele olhava para o lado oposto, equilibrado na ponta de um dos pés e com o outro suspenso no ar, como se tivesse parado bem no meio de uma corrida. O homem decerto se sentia afundado em uma espessa geleia, mas havia somente ar endurecido ao redor dele. Egwene também se lembrava do truque da Amyrlin, mas achava que não conseguiria reproduzi-lo. Para Nynaeve, bastava assistir a algo uma vez para aprender a fazer sozinha. Quando conseguia canalizar, é claro.

Elas se aproximaram, e a conexão de Egwene com o Poder desapareceu em meio ao choque. Havia uma adaga cravada no peito do homem. Seu rosto estava inexpressivo, a morte já estampada nos olhos semicerrados. Desabou no chão quando Nynaeve desfez a armadilha que o havia aprisionado.

Era um homem de aparência comum, peso e altura medianos, com feições tão normais que Egwene não seria capaz de distingui-lo entre dois outros. No entanto, ela o observou apenas por um instante antes de perceber que faltava algo. A besta.

Ela se assustou e começou a procurar em volta, desesperada.

— Devia haver outro, Nynaeve. Alguém pegou a besta. E o apunhalou. Esse outro pode estar por aí, pronto para atirar de novo.

— Fique calma — retrucou Nynaeve, mas olhou para os dois lados do corredor, puxando a trança. — Fique calma, e nós vamos descobrir o que… — Suas palavras foram interrompidas pelo barulho de passos na rampa que levava ao andar onde estavam.

O coração de Egwene quase saiu pela boca. Com os olhos fixos no topo da rampa, ela tentava desesperadamente tocar *saidar* mais uma vez, mas para isso era preciso ter calma, e as batidas do seu coração destruíam qualquer calma.

Sheriam Sedai parou no topo da rampa, franzindo a testa para o que acabava de ver.

— O quê, em nome da Luz, aconteceu aqui? — Ela correu em direção às duas, sem sua calma característica.

— Nós o encontramos — anunciou Nynaeve, enquanto a Mestra das Noviças se ajoelhava ao lado do corpo.

Sheriam pousou a mão no peito do homem e afastou-a depressa, com um sibilo. Tentando visivelmente reunir forças, tocou o homem outra vez.

— Está morto — murmurou. — O mais morto que se pode estar, talvez até mais. — Ela se endireitou, puxou um lenço da manga e limpou os dedos. — Vocês o encontraram? Aqui? Desse jeito?

Egwene assentiu com a cabeça, certa de que, se falasse, Sheriam saberia que estava mentindo.

— Encontramos — respondeu Nynaeve, com firmeza.

Sheriam balançou a cabeça.

— Um homem… um homem morto… no alojamento das noviças já seria um escândalo e tanto, mas isso…!

— O que ele tem de diferente? — perguntou Nynaeve. — E como é que pode estar *mais* que morto?

Sheriam respirou fundo e lançou a cada uma um olhar perscrutador.

— Este homem é um Sem-alma. Um Homem Cinza. — Absorta, limpou os dedos de novo, os olhos encarando outra vez o corpo. Olhos preocupados.

— Sem-alma? — perguntou Egwene, com a voz trêmula.

Nynaeve soltou ao mesmo tempo:

— Um Homem Cinza?

Sheriam encarou as duas com um olhar rápido e penetrante.

— Isso ainda não faz parte do aprendizado, mas vocês duas já transpuseram as regras de muitas formas. Ainda mais levando em conta que encontraram… isso. — Ela apontou para o corpo. — Os Sem-alma, os Homens Cinza, abrem mão da alma para servir como assassinos do Tenebroso. A partir desse momento, não estão mais vivos de verdade. Não estão exatamente mortos nem totalmente vivos. Apesar do nome, alguns Homens Cinza são mulheres. Bem poucos. Mesmo entre os Amigos das Trevas, apenas algumas mulheres são burras o bastante para fazer esse sacrifício. Podemos olhar um desses e mal notá-lo até que seja tarde demais. Ele já estava morto enquanto ainda podia andar. Agora, só os meus olhos podem dizer que o que jaz ali nem chegou a viver. — Ela lançou ao homem outro longo olhar. — Nenhum Homem Cinza se atrevia a entrar em Tar Valon desde as Guerras dos Trollocs.

— O que a senhora vai fazer? — perguntou Egwene. Sheriam ergueu as sobrancelhas, e ela de pronto acrescentou: — Se me permite perguntar, Sheriam Sedai.

A Aes Sedai hesitou.

— Creio que permito, já que você teve o azar de encontrá-lo. Isso vai depender do Trono de Amyrlin, mas, com tudo o que anda acontecendo, acredito que ela vá querer resolver isso da forma mais discreta possível. Não precisamos de mais rumores. Vocês não comentarão sobre isso com ninguém além de mim. Ou a Amyrlin, caso ela mencione o assunto.

— Sim, Aes Sedai — disse Egwene, com fervor. A voz de Nynaeve foi um pouco mais fria.

Sheriam pareceu certa de que a obedeceriam. Não deu sinal de tê-las escutado. Sua atenção estava toda no homem. O Homem Cinza. O Sem-alma.

— Não teremos como esconder o fato de que um homem foi morto aqui. — O brilho tênue do Poder Único de súbito a circundou, e, da mesma forma abrupta, um domo baixo e comprido envolveu o corpo no chão, tão cinzento

e opaco que era difícil ver que havia um corpo debaixo dele. — Mas isso impedirá que alguém o toque e descubra sua natureza. Preciso tirá-lo daqui antes que as noviças voltem.

Os olhos verdes e oblíquos fitaram as duas como se ela tivesse acabado de se dar conta de sua presença.

— Vocês podem ir agora. Para o seu quarto, Nynaeve, eu acho. Levando em conta o que já estão enfrentando, se alguém souber que se envolveram em mais essa, mesmo como espectadoras… podem ir.

Egwene fez uma mesura e puxou Nynaeve pela manga, mas esta disse:

— Por que a senhora veio até aqui, Sheriam Sedai?

Por um instante, Sheriam pareceu surpresa, mas logo em seguida franziu a testa. Com as mãos na cintura, olhou para Nynaeve com toda a firmeza de sua posição.

— Então agora a Mestra das Noviças precisa de motivos para vir até o alojamento das noviças, Aceita? — perguntou, em um tom delicado. — Aceitas agora questionam Aes Sedai? A Amyrlin pretende dar uma oportunidade a vocês, mas, independentemente disso, vou lhes ensinar boas maneiras, pelo menos. Agora saiam daqui antes que eu arraste as duas para o meu gabinete e as faça perder o compromisso que o Trono de Amyrlin já determinou para vocês.

De súbito, um pensamento ocorreu a Egwene.

— Peço perdão, Sheriam Sedai — disse, bem depressa —, mas preciso buscar meu manto. Estou com frio. — Antes que a Aes Sedai pudesse responder, ela disparou pelo corredor.

Se Sheriam encontrasse aquela flecha de besta diante da porta dela, faria um monte de perguntas. E aí, nada de fingir que elas somente haviam encontrado o homem, que não tinham qualquer ligação com ele. Porém, quando ela alcançou a porta do quarto, a pesada flecha havia desaparecido. A lasca pontuda na pedra, junto à porta, era o único indício de que estivera ali.

A pele de Egwene se arrepiou toda. *Como é que alguém poderia ter levado sem que víssemos? … Outro Homem Cinza!* Antes que percebesse, ela já abraçara *saidar*, e apenas o fluxo suave do Poder dentro dela informava o que acabara de fazer. Ainda assim, abrir aquela porta e entrar no quarto foi uma das coisas mais difíceis que já fizera. Não havia ninguém

lá dentro. Ela puxou o manto de cima do pino, saiu correndo, descuidada, e não liberou *saidar* antes de chegar à metade do caminho de volta.

Algo mais ocorrera entre as duas mulheres enquanto ela não estava ali. Nynaeve tentava demonstrar humildade, mas só conseguia parecer que estava com dor de estômago. Sheriam tinha as mãos na cintura e batia o pé, irritada. O olhar dela para Nynaeve, como uma pedra de moinho prestes a triturar farinha de cevada, também foi dirigido a Egwene.

— Peço perdão, Sheriam Sedai — disse, apressada, curvando-se em uma mesura e ajeitando o manto nos ombros ao mesmo tempo. — Isso… encontrar um homem morto… um Homem Cinza… me deu frio. Podemos ir agora?

Ao sinal contido de dispensa de Sheriam, Nynaeve fez uma mesura simples. Egwene puxou-a pelo braço e a levou embora, apressada.

— Está tentando *criar* mais problemas para nós? — perguntou, quando já estavam dois andares abaixo. E bem longe dos ouvidos de Sheriam, esperava. — O que mais disse a ela para fazê-la cravar os olhos em você daquele jeito? Mais perguntas, suponho? Espero que você tenha descoberto algo pelo qual tenha valido a pena irritá-la.

— Ela não disse nada — murmurou Nynaeve. — Precisamos fazer perguntas se quisermos fazer algo de bom, Egwene. Vamos ter que nos arriscar um pouco, senão nunca descobriremos nada.

Egwene deu um suspiro.

— Bem, seja um pouco mais cautelosa. — Pela rigidez no rosto de Nynaeve, ela não tinha intenção de pegar mais leve ou evitar riscos. Egwene soltou outro suspiro. — A flecha sumiu, Nynaeve. Algum outro Homem Cinza deve ter levado.

— Então foi isso que você… Luz! — Nynaeve fechou a cara e deu um puxão forte na trança.

Depois de um tempo, Egwene disse:

— O que ela fez para cobrir o… corpo? — Não queria pensar nele como um Homem Cinza, o que a fazia lembrar que havia outro à solta. Não queria pensar em nada na verdade.

— Ar — respondeu Nynaeve. — Ela usou ar. Um ótimo truque, e acho que sei como fazer algo útil com ele.

O uso do Poder Único era dividido entre os Cinco Poderes: Terra, Ar, Fogo, Água e Espírito. Talentos diferentes requeriam combinações diferente

dos Cinco Poderes.

— Não consigo entender algumas combinações dos Cinco Poderes. A Cura, por exemplo. Entendo por que requer Espírito e talvez Ar, mas por que Água?

Nynaeve virou-se para ela.

— Que baboseira é essa? Esqueceu o que estamos fazendo? — Ela olhou em volta. Haviam chegado ao alojamento das Aceitas, um amontoado de corredores abaixo do alojamento das noviças, que rodeava um jardim em vez de um pátio. Não havia ninguém à vista além de uma Aceita que passava correndo por outro andar, mas ela baixou a voz. — Você se esqueceu da Ajah Negra?

— Estou tentando esquecer — retrucou Egwene, feroz. — Pelo menos por um tempo. Estou tentando esquecer que acabamos de ver um homem morto. Estou tentando esquecer que ele quase me matou e que tem um comparsa que provavelmente vai tentar de novo. — Ela tocou a orelha. O sangue havia secado, mas o corte ainda doía. — Nós duas temos sorte em não estarmos mortas.

A expressão de Nynaeve se abrandou, mas, ao falar, sua voz tinha algo do tempo em que fora a Sabedoria de Campo de Emond, quando dizia o que precisava ser dito pelo bem de alguém.

— Lembre-se daquele corpo, Egwene. Lembre-se de que ele tentou matar você. Matar nós duas. Lembre-se da Ajah Negra. Lembre-se de tudo o tempo inteiro. Porque, se você se esquecer, nem que seja por um instante, da próxima vez será seu o corpo estirado no chão.

— Eu sei. — Egwene suspirou. — Mas não preciso gostar de tudo isso.

— Você percebeu uma coisa que Sheriam não mencionou?

— Não. O quê?

— Ela nem questionou quem o teria esfaqueado. Agora, vamos. Meu quarto está logo aqui embaixo, e você pode descansar os pés enquanto conversamos.



CAPÍTULO 16



Três Caçadoras

O quarto de Nynaeve era consideravelmente maior que os das noviças. Tinha uma cama de verdade, não uma embutida na parede, duas cadeiras de madeira com braço, em vez de um banquinho, e um guarda-roupas. A mobília era simples, apropriada para a casa de um fazendeiro mediano, mas, comparada às noviças, as Aceitas viviam no luxo. Havia até um pequeno tapete de tramas amarelas, vermelhas e azuis. Quando Egwene e Nynaeve entraram, o quarto não estava vazio.

Elayne estava parada diante da lareira, de braços cruzados e olhos vermelhos, pelo menos em parte por conta da raiva. Dois jovens estavam largados nas cadeiras, altos, pernas e braços compridos. Um deles usava o casaco verde-escuro desabotoado, revelando uma camisa branca como neve, tinha os mesmos olhos verdes e cabelos louros acobreados de Elayne, e o sorriso em seu rosto o denunciava como irmão da moça. O outro, da idade de Nynaeve, estava vestido com um casaco cinza muito bem abotoado, era esbelto, de cabelos e olhos escuros. Ele se levantou, seguro e elegante, quando Elayne e Nynaeve entraram. Era, pensou Egwene não pela primeira vez, o homem mais bonito que já vira. Seu nome era Galad.

— É bom ver você de novo — disse ele, tomando a mão dela. — Fiquei muito preocupado com você. Nós ficamos muito preocupados.

Seu pulso acelerou, e ela puxou de volta a mão antes que ele percebesse.

— Obrigada, Galad — murmurou. *Luz, como ele é bonito.* Ordenou a si mesma que parasse de pensar. Não era fácil. Percebeu que alisava o vestido,

desejando que ele estivesse vendo-a vestida em seda, não naquela simples lã branca. Quem sabe até em um daqueles vestidos domaneses de que Min havia falado, aqueles justos e que até pareciam transparentes de tão finos, embora não fossem. Ela enrubesceu, furiosa, e afastou a imagem da cabeça, querendo que ele parasse de encará-la. Não ajudava que metade das mulheres da Torre, das empregadas às próprias Aes Sedai, olhassem para o rapaz como se pensassem as mesmas coisas. Não ajudava que ele parecesse sorrir só para ela. Na verdade, aquele sorriso piorava tudo. *Luz, se ele sequer suspeitasse dos meus pensamentos, eu morreria!*

O jovem de cabelos dourados se inclinou para a frente na cadeira.

— A questão é: onde é que vocês estavam? Elayne evita minhas perguntas como se tivesse a bolsa cheia de figos e não quisesse me dar nenhum.

— Eu já disse, Gawyn — retrucou Elayne, em um tom ríspido —, não é da conta de vocês. Eu vim para cá — acrescentou a Nynaeve — porque não queria ficar sozinha. Eles me viram e me seguiram. Não aceitaram "não" como resposta.

— Pois é — respondeu Nynaeve, impassível.

— Mas isso é da nossa conta, irmã — disse Galad. — A sua segurança é muito da nossa conta. — Ele olhou para Egwene, e ela sentiu o coração saltar. — A segurança de todas vocês é muito importante para mim. Para nós.

— Eu não sou sua irmã — rebateu Elayne, irritada.

— Se não queria ficar sozinha — disse Gawyn a Elayne, com um sorriso —, somos tão boa companhia quanto qualquer outra. Além do mais, depois do que passamos só para entrar aqui, merecemos uma explicação sobre onde vocês estavam. Prefiro apanhar de Galad o dia inteiro no pátio de treinamento do que encarar nossa mãe por mais um minuto. Prefiro ver Coulin furioso comigo.

Coulin era Mestre de Armas, e levava os rapazes que chegavam para treinar na Torre Branca na rédea curta, não importava se aspirassem a se tornar Guardiões ou apenas a aprender com eles.

— Negue a ligação, se quiser — disse Galad em um tom grave, para Elayne —, mas ela não vai deixar de existir. E nossa mãe colocou a sua segurança em nossas mãos.

Gawyn fez uma careta.

— Elayne, se alguma coisa acontecer com você, nossas cabeças vão rolar. Tivemos que ser rápidos, ou ela teria nos arrastado de volta para casa. Nunca ouvi falar em uma rainha que mandasse os próprios filhos para o carrasco, mas nossa mãe parecia pronta a abrir uma exceção se não levássemos você de volta para casa sã e salva.

— Tenho certeza — disse Elayne — de que todo esse convencimento foi mesmo por minha causa. E não para vocês ficarem aqui treinando com os Guardiões.

Gawyn corou.

— Sua segurança foi a nossa primeira preocupação. — Galad soava sincero, e Egwene tinha certeza de que ele estava sendo. — Conseguimos convencer mamãe de que, se você voltasse para cá, precisaria de alguém para cuidar de você.

— Cuidar de mim! — exclamou Elayne, mas Galad prosseguiu:

— A Torre Branca se tornou um lugar perigoso. Houve mortes… assassinatos… sem nenhuma explicação. Até algumas Aes Sedai foram mortas, embora tenham tentado encobrir isso. E ouvi rumores sobre a Ajah Negra circulando dentro da própria Torre. Por ordem de mamãe, quando for seguro para você deixar seu treinamento, devemos levá-la de volta a Caemlyn.

Como resposta, Elayne ergueu o queixo e afastou-se um pouco do rapaz.

Gawyn passou a mão pelos cabelos, frustrado.

— Luz, Nynaeve, Galad e eu não somos vilões. Só queremos ajudar. Ajudaríamos de qualquer forma, mas são ordens de nossa mãe, então não existe a menor chance de você nos dissuadir.

— As ordens de Morgase não têm peso nenhum em Tar Valon — retrucou Nynaeve, com a voz firme. — Quanto à sua oferta de ajuda, vou me lembrar dela. Se precisarmos de ajuda, você será um dos primeiros a saber. Por enquanto, queiram se retirar. — Ela apontou para a porta, mas ele a ignorou.

— Está tudo muito bem, mas nossa mãe vai querer saber que Elayne está de volta. E por que fugiu sem dizer uma palavra, além do que andou fazendo durante todos esses meses. Luz, Elayne! A Torre virou uma confusão só. Nossa mãe quase enlouqueceu de tão assustada. Pensei que ela ia derrubar a Torre com as próprias mãos. — O rosto de Elayne revelou uma dose de culpa, e Gawyn aproveitou a vantagem. — Você deve isso a ela, Elayne. Você me deve isso. Que me queime, está sendo turrona demais. Você

desapareceu por meses, e tudo o que sei é que desobedeceu Sheriam. E só sei disso porque você andou chorando e não quer sentar. O olhar indignado de Elayne indicava que o rapaz desperdiçara qualquer vantagem temporária que pudesse ter obtido.

— Chega — disse Nynaeve. Galad e Gawyn abriram a boca. Ela levantou a voz. — Eu disse chega! — Cravou os olhos nos rapazes até ter certeza de que não falariam mais nada, então prosseguiu. — Elayne não deve *nada* a vocês dois. Se ela escolheu não contar nada a vocês, está decidido. Agora, este é o meu quarto, não o salão de uma estalagem, e quero os dois fora daqui.

— Mas, Elayne… — começou Gawyn.

— Nós só queríamos… — disse Galad ao mesmo tempo.

Nynaeve falou, com a voz alta o bastante para calá-los:

— Duvido que tenham pedido permissão para entrar no alojamento das Aceitas. — Os dois olharam para ela, surpresos. — Imaginei que não. Se não saírem do meu quarto e da minha frente antes que eu conte até três, escreverei para o Mestre de Armas relatando isso tudo. Coulin Gaidin tem braços muito mais fortes que os de Sheriam Sedai, e vocês podem ter certeza de que estarei lá para vê-lo fazer bom uso deles.

— Nynaeve, você não faria… — começou Gawyn, aflito, mas Galad o silenciou com um gesto e aproximou-se de Nynaeve.

Ela manteve o semblante inflexível, mas ajeitou a frente do vestido sem perceber enquanto ele sorria para ela. Egwene não se surpreendeu. Jamais conhecera uma mulher de fora da Ajah Vermelha que não fosse afetada pelo sorriso de Galad.

— Nynaeve, me desculpe por impormos nossa presença — disse, baixinho. — Vamos embora, é claro. Mas não esqueçam que estamos aqui, caso precisem. E, seja lá o que tenha feito vocês fugirem, também podemos ajudar com isso.

Nynaeve retribuiu o sorriso.

— Um — disse.

Galad piscou, com o sorriso murchando, e virou-se com calma para Egwene. Gawyn se levantou e começou a andar na direção da porta.

— Egwene — disse Galad —, sabe bem que você, em especial, pode me chamar a qualquer hora, por qualquer motivo. Espero que saiba disso.

— Dois — disse Nynaeve.

Galad lançou a ela um olhar irritado.

— Nos falamos depois — disse a Egwene, segurando sua mão e fazendo uma mesura. Com um último sorriso, deu um passo lento em direção à porta.

— Trrrrrrrrr — Gawyn saltou pela porta, e até Galad apressou as passadas graciosas — ês — terminou Nynaeve quando a porta se fechou com uma pancada atrás delas.

Elayne bateu palmas, alegre.

— Ah, muito bem — elogiou ela. — Excelente. Eu nem sabia que os homens também eram proibidos de entrar no alojamento das Aceitas.

— Não são — respondeu Nynaeve, seca —, mas esses palhaços também não sabem disso. — Elayne bateu palmas mais uma vez, gargalhando. — Eu teria simplesmente os deixado ir embora — acrescentou Nynaeve —, se Galad não tivesse feito questão de sair bem devagar. O rapazote tem um rostinho bonito demais para o meu gosto. — Egwene quase soltou uma risada. Galad não era mais que um ano mais jovem que Nynaeve, se tanto, e esta já ajeitava outra vez o vestido.

— Galad! — exclamou Elayne, com uma fungada desdenhosa. — Ele vai vir nos perturbar de novo, e não sei se esse seu truque vai funcionar mais de uma vez. Ele faz o que considera certo, doa a quem doer, inclusive a si mesmo.

— Então vou pensar em outra coisa — respondeu Nynaeve. — Não podemos permitir que eles fiquem de olho na gente o tempo todo. Elayne, se quiser, posso preparar um bálsamo calmante para você.

Elayne balançou a cabeça, depois deitou-se na cama com o queixo apoiado nas mãos.

— Se Sheriam descobrisse, nós duas sem dúvida seríamos chamadas para outra visita ao gabinete. Você não falou muita coisa, Egwene. O gato comeu a sua língua? — Ela ficou um pouco mais carrancuda. — Ou talvez Galad tenha comido?

Egwene corou.

— Eu apenas optei por não discutir com eles — retrucou, no tom mais digno que foi capaz.

— É claro — disse Elayne, amargurada —, admito que Galad é bonito. Mas ele é horrendo também. Sempre faz a coisa certa, ou o que julga certo. Sei que não soa horrendo, mas é. Ele nunca desobedeceu nossa mãe, nem nas menores coisinhas. Não mente, nem mesmo mentiras pequenas, e nunca

quebra regras. Se ele dedurar você por ter quebrado alguma, faz isso sem a menor maldade. Na verdade, até demonstra certa tristeza por você não fazer jus ao padrão dele, mas isso não muda o fato de que *é* um dedo-duro.

— Isso parece… desagradável — disse Egwene com cuidado —, mas não é horrendo. Não consigo imaginar Galad fazendo alguma coisa horrenda.

Elayne sacudiu a cabeça, como se incrédula com a dificuldade de Egwene em enxergar algo tão claro para ela.

— Se você quiser prestar atenção em alguém, tente Gawyn. Ele é bem bonzinho, na maior parte das vezes, e gosta de você.

— Gawyn! Ele nem olha direito para mim.

— É claro que não, sua boba, pelo jeito que você crava os olhos em Galad a ponto de quase caírem do rosto. — Egwene sentiu as bochechas quentes, mas receou que fosse verdade. — Galad salvou a vida de Gawyn, quando eram crianças — prosseguiu Elayne. — Gawyn jamais admitiria gostar de uma mulher por quem Galad estivesse interessado, mas eu já o escutei falando de você, e sei disso. Ele não conseguiria esconder nada de mim.

— Bom saber — disse Egwene, e riu ao ver o sorriso largo de Elayne. — Talvez eu consiga fazê-lo dizer essas coisas todas para mim, em vez de você.

— Você poderia escolher a Ajah Verde, sabe? As irmãs Verdes às vezes se casam. Gawyn gosta de você de verdade, e você faria bem a ele. Além disso, eu adoraria tê-la como irmã.

— Quando as duas acabarem com o papinho de meninas — interrompeu Nynaeve —, temos assuntos importantes a discutir.

— Pois é — respondeu Elayne —, como o que o Trono de Amyrlin disse a vocês depois que saí.

— Prefiro não falar sobre isso — retrucou Egwene, incomodada. Não gostava de mentir para Elayne. — Ela não disse nada agradável.

Elayne fungou, descrente.

— A maioria das pessoas pensa que as minhas punições são mais leves porque sou a Filha-herdeira de Andor. A verdade é que elas acabam sendo ainda piores por isso. Nenhuma de vocês duas fez nada que eu não tenha feito, e se as palavras da Amyrlin foram severas para vocês, teriam sido ainda piores para mim. Então, o que foi que ela disse?

— Isso tem que ficar entre nós três — disse Nynaeve. — A Ajah Negra…

— Nynaeve! — exclamou Egwene. — A Amyrlin disse para mantermos Elayne fora disso!

— A Ajah Negra! — Elayne quase gritou, pondo-se apressadamente de joelhos no meio da cama. — Vocês não podem me deixar de fora depois de falar uma coisa dessas. Eu não vou ficar de fora.

— Nunca tive a intenção de deixá-la de fora — assegurou Nynaeve. Egwene só conseguia olhar para ela, estupefata. — Egwene, fomos eu e você que Liandrin considerou uma ameaça. Fomos eu e você a quase morrer…

— Quase morrer? — sussurrou Elayne.

— …talvez porque ainda sejamos uma ameaça ou talvez porque elas já saibam que tivemos uma conversa a portas fechadas com a Amyrlin. Talvez saibam até o que ela disse. Precisamos nos unir a alguém de quem elas não tenham conhecimento, e, se a Amyrlin também não tomar conhecimento, melhor ainda. Não sei muito bem se podemos confiar muito mais na Amyrlin do que na Ajah Negra. Ela quer nos usar para os próprios objetivos. Eu quero que ela não nos use até nos matar. Você está entendendo?

Egwene assentiu com relutância. Ainda assim, disse:

— Vai ser perigoso, Elayne, tão perigoso quanto o que enfrentamos em Falme. Talvez até mais. Dessa vez, você não precisa fazer parte disso.

— Eu sei — respondeu Elayne, com calma. Fez uma pausa, depois prosseguiu: — Quando Andor entra em guerra, o Primeiro Príncipe da Espada comanda o exército, mas a Rainha também cavalga com eles. Há setecentos anos, na Batalha de Cuallin Dhen, os andorianos estavam sendo aniquilados quando a Rainha Modrellein saiu cavalgando, sozinha e desarmada, com o estandarte do Leão no braços, bem no meio do exército taireno. Os andorianos se mobilizaram, atacaram mais uma vez para salvá-la e venceram a batalha. Esse é o tipo de coragem que se espera da Rainha de Andor. Se ainda não aprendi a controlar meu medo, preciso fazer isso antes de ocupar o lugar de minha mãe no Trono do Leão. — De súbito, o tom sombrio deu lugar a uma risadinha. — Além disso, vocês acham mesmo que eu ia desistir de uma aventura para ficar esfregando panelas?

— Você vai esfregá-las mesmo assim — disse Nynaeve —, e vai torcer para todo mundo pensar que é a única coisa que está fazendo. Agora escute com atenção.

Elayne escutou, e foi ficando boquiaberta enquanto ouvia Nynaeve contar tudo o que o Trono de Amyrlin dissera a elas, a tarefa que receberam e o atentado contra as duas. Ela teve calafrios ao saber do Homem Cinza, leu, fascinada, o documento que a Amyrlin entregara a Nynaeve e o devolveu, murmurando:

— Queria poder ter esse papel na próxima vez que encarar mamãe. — Quando Nynaeve terminou o relato, no entanto, o rosto de Elayne era o retrato da indignação. — Ora, é como mandarem você subir a colina e encontrar leões, só que você não sabe se há leões. Mas, se houver, eles podem estar caçando você, e talvez estejam disfarçados de arbustos. Ah, e, se encontrar algum leão, tente não deixar que ele devore você antes de dizer onde ele está.

— Se estiver com medo — disse Nynaeve —, ainda há tempo de desistir. Depois de começarmos, vai ser tarde demais.

Elayne ergueu bem o queixo.

— É claro que estou com medo. Não sou boba. Mas não com tanto medo que me faça desistir antes mesmo de começar.

— Tem mais uma coisa — completou Nynaeve. — Estou achando que a Amyrlin pretende deixar Mat morrer.

— Mas uma Aes Sedai deve Curar qualquer um que peça. — A Filha-herdeira parecia dividida entre descrença e indignação. — Por que ela deixaria Mat morrer? Não posso acreditar nisso! Não vou acreditar!

— Nem eu! — exclamou Egwene. *Ela não pode ter dito isso! A Amyrlin* não pode *deixar Mat morrer!* — Durante todo o trajeto até aqui, Verin disse que a Amyrlin cuidaria para que ele fosse Curado.

Nynaeve balançou a cabeça.

— Verin disse que a Amyrlin iria “cuidar dele”. É diferente. E a Amyrlin evitou dizer que sim ou não quando perguntei a ela. Talvez ainda não tenha se decidido.

— Mas por quê? — perguntou Elayne.

— Porque a Torre Branca faz o que faz por suas próprias razões. — A voz de Nynaeve fez Egwene estremecer. — Não sei por quê. Ajudar Mat a viver ou deixá-lo morrer vai depender do que servir aos objetivos da Torre. Nenhum dos Três Juramentos diz que elas são obrigadas a Curá-lo. Mat é só um instrumento ao olhos da Amyrlin. E nós também. Ela vai nos usar para caçar a Ajah Negra, mas, quando alguém quebra uma ferramenta de forma

irreparável, não fica lamentando a perda. Apenas arruma outra. É melhor que vocês duas se lembrem disso.

— O que faremos em relação a ele? — perguntou Egwene. — O que podemos fazer?

Nynaeve foi até o guarda-roupa e vasculhou o fundo. Quando voltou, segurava um saco de ervas de tecido listrado.

— Com os meus remédios e um pouco de sorte, talvez eu consiga Curá-lo sozinha.

— Verin não conseguiu — rebateu Elayne. — Moiraine e Verin juntas não conseguiram, e Moiraine tinha um *angreal*. Nynaeve, se você usar muito do Poder Único, pode acabar virando cinzas. Ou, só estancando a si mesma, se tiver sorte. Se é que podemos chamar isso de sorte.

Nynaeve deu de ombros.

— Vivem me dizendo que eu tenho potencial para ser a Aes Sedai mais poderosa dos últimos mil anos. Quem sabe não está na hora de descobrir se estão certas. — Ela deu um puxão na trança.

Por mais corajosas que fossem as palavras de Nynaeve, estava claro que ela sentia medo. *Mas ela não vai deixar Mat morrer, mesmo que para isso precise arriscar a própria vida.*

— Vivem dizendo que nós três somos tão poderosas, ou seremos. Talvez, se tentarmos todas juntas, possamos conseguir dividir o fluxo entre as três.

— Nunca tentamos trabalhar juntas — comentou Nynaeve, devagar. — Não sei ao certo como combinar nossas habilidades. Tentar isso pode acabar sendo tão perigoso quanto usar muito do Poder.

— Ah, se vamos fazer isso — resmungou Elayne, descendo da cama —, que seja de uma vez. Quanto mais conversarmos, mais assustada eu vou ficar. Mat está em um dos quartos de hóspedes. Não sei em qual deles, mas Sheriam disse que ele estava por lá.

Como se colocasse um ponto final naquela frase, a porta se abriu com um tranco, e uma Aes Sedai entrou como se aquele fosse seu próprio quarto, e elas, as intrusas.

Egwene se curvou em uma mesura profunda, tentando esconder o desânimo em seu rosto.



CAPÍTULO 17



A Irmã Vermelha

Elaida era de uma beleza quase masculina, e a severidade de seu rosto acrescentava maturidade às feições de idade indefinida das Aes Sedai. Não parecia velha, mas Egwene não conseguia imaginar que ela algum dia fora jovem. Exceto em ocasiões mais formais, poucas Aes Sedai usavam o xale bordado de vinhas com a lágrima branca da Chama de Tar Valon nas costas, mas Elaida estava com o seu, a franja vermelha comprida anunciando sua Ajah. O vermelho também entrecortava o vestido de seda creme, e os calçados vermelhos despontaram sob a bainha da saia quando ela entrou no quarto. Os olhos negros fitaram as moças com a mesma expressão de um pássaro encarando uma lesma.

— Então estão todas juntas. De certa forma, não me surpreende. — A voz não ostentava mais que a postura: era uma mulher de autoridade, pronta para exercê-la se julgasse necessário, uma mulher que sabia mais do que aqueles com quem falava, quer fosse uma rainha ou uma noviça.

— Peço perdão, Elaida Sedai — disse Nynaeve, curvando-se em outra mesura —, mas eu já estava de saída. Tenho muitos estudos para pôr em dia. A senhora me perdoe…

— Seus estudos podem esperar — respondeu Elaida. — Afinal de contas, já esperaram até demais. — Ela arrancou o saco de tecido das mãos de Nynaeve e desamarrou o nó, mas, depois de uma olhadela dentro, atirou-o no chão. — Ervas. Você não é mais uma Sabedoria de aldeia, criança. Ficar presa ao passado só vai atrapalhar seu progresso.

— Elaida Sedai — disse Elayne —, eu…

— Fique quieta, noviça. — A voz de Elaida era fria e suave, como um pedaço de seda enrolado em aço. — Você pode ter destruído um laço milenar entre Tar Valon e Caemlyn. Fale quando se dirigirem a você.

Os olhos de Elayne fitaram o chão diante de seus pés. Suas bochechas ficaram muito vermelhas. De culpa ou raiva? Egwene não soube dizer.

Ignorando as três, Elaida sentou-se em uma das cadeiras e ajeitou as saias com cuidado. Não gesticulou para que as outras se sentassem. Nynaeve contraiu o rosto e começou a dar pequenos puxões na trança. Egwene desejou que ela fosse capaz de se conter para não ocupar a outra cadeira sem permissão.

Quando Elaida terminou de se acomodar, examinou as três em silêncio por um instante, o rosto indecifrável. Enfim, disse:

— Vocês sabiam que a Ajah Negra está entre nós?

Egwene trocou olhares surpresos com Nynaeve e Elayne.

— Fomos informadas — respondeu Nynaeve, cautelosa. E acrescentou, após uma pausa: — Elaida Sedai.

Elaida arqueou uma sobrancelha.

— Sim. Imaginei que soubessem. — Egwene se assustou com o tom, que insinuava muito mais nas entrelinhas, e Nynaeve abriu a boca cheia de raiva, mas o olhar impassível da Aes Sedai silenciava qualquer língua. — Vocês duas — prosseguiu Elaida, em um tom displicente — desapareceram, carregando a Filha-herdeira de Andor, a menina que *talvez* se torne Rainha de Andor um dia, se eu não lhe arrancar o couro e vender a um fabricante de luvas. Desapareceram sem permissão, sem dizer uma palavra, sem deixar rastros.

— Eu não fui carregada — retrucou Elayne, olhando para o chão. — Fui por vontade própria.

— Vai me obedecer, criança? — Um brilho tênue circundou Elaida. A Aes Sedai tinha os olhos cravados em Elayne. — Ou devo ensiná-la aqui e agora?

Elayne ergueu a cabeça, e não restou dúvida da expressão em seu rosto. Raiva. Por um longo instante, encarou Elaida também.

Egwene cravou as unhas nas palmas das mãos. Era irritante. Ela, Nynaeve ou Elayne poderia destruir Elaida ali mesmo, naquela cadeira. Se pegassem Elaida de surpresa, pelo menos. Afinal, ela tinha treinamento

completo. *E, se fizermos outra coisa que não seja aceitar o que ela tem a nos dar, estragaremos tudo. Não estrague tudo agora, Elayne.*

Elayne baixou a cabeça.

— Peço perdão, Elaida Sedai — murmurou. — Eu… esqueci qual é o meu lugar.

O brilho tênue se extinguiu, e Elaida fungou alto.

— Você adquiriu péssimos hábitos, seja lá para onde tenha ido com essas duas. Não pode se dar ao luxo de ter péssimos hábitos, criança. Você será a primeira Rainha de Andor a ser Aes Sedai. A primeira rainha de qualquer lugar a ser Aes Sedai em mil anos. Será a mais forte de todas desde a Ruptura do Mundo, talvez forte o bastante para ser a primeira governante desde a Ruptura a revelar abertamente ao mundo que é Aes Sedai. Não arrisque isso tudo, criança, pois pode acabar perdendo tudo. Eu investi muito tempo nisso. Está me entendendo?

— Acho que sim, Elaida Sedai — respondeu Elayne. Soava como se não houvesse entendido uma palavra. Egwene também não entendera.

Elaida mudou de assunto.

— Vocês podem estar correndo grave perigo. Todas as três. Vocês sumiram e voltaram, e, nesse intervalo, Liandrin e suas… companheiras… foram embora. É inevitável que apontem a coincidência. Temos certeza de que Liandrin e as que foram com ela são Amigas das Trevas. Ajah Negra. Não quero ver Elayne enfrentar as mesmas acusações e, para protegê-la, parece que preciso proteger as três. Contem-me por que fugiram e o que fizeram durante todos esses meses, e verei o que posso fazer por vocês. — Seus olhos fuzilaram Egwene como dois raios.

Egwene se atrapalhou em busca de um resposta que a Aes Sedai pudesse aceitar. Diziam que Elaida às vezes era capaz de identificar mentiras.

— Foi… foi Mat. Ele está muito doente. — Ela tentou escolher as palavras com cuidado, preocupada em não dizer algo que não fosse verdade, mas não sinalizar nada próximo da verdade. *Aes Sedai fazem isso o tempo todo.* — Nós fomos… nós o trouxemos de volta para ser Curado. Se não trouxéssemos, ele morreria. A Amyrlin vai Curá-lo. — *Eu espero.*

Ela se obrigou a encarar a Aes Sedai Vermelha, esforçando-se para não remexer os pés e denunciar a culpa. Pela expressão de Elaida, não havia como dizer se ela havia acreditado.

— Já basta, Egwene — disse Nynaeve. O olhar penetrante de Elaida voltou-se para ela, mas a moça não demonstrou ter sido afetada. Encarou a Aes Sedai sem piscar. — Peço perdão por interromper, Elaida Sedai — disse, suavemente —, mas o Trono de Amyrlin disse que nossas transgressões deveriam ficar para trás e ser esquecidas. Como parte de um novo começo, não devemos sequer falar sobre elas. A Amyrlin disse que seria como se nada tivesse acontecido.

— Ela disse isso, foi? — Nada na voz ou no rosto de Elaida indicava se ela acreditava ou não. — Interessante. Depois de a punição ser anunciada à Torre inteira, é difícil esquecer completamente. Sem precedentes, isso. Jamais se ouviu falar de algo anunciado assim, ao não ser em casos de estancamento. Posso ver por que está ávida por deixar tudo para trás. Compreendo que será elevada a Aceita, Elayne. E Egwene também. Isso está longe de ser uma punição.

Elayne olhou a Aes Sedai, como se pedisse permissão para falar.

— A Mãe disse que estávamos prontas — falou. Um toque de desafio adentrou sua voz. — Eu aprendi, Elaida Sedai, e cresci. Se eu não tivesse, ela não teria me indicado a ser elevada.

— Aprendeu — repetiu Elaida, contemplativa. — E cresceu. Talvez você tenha mesmo. — Não havia indício em sua voz de que considerasse aquilo bom. Ela olhou de volta a Egwene e Nynaeve, indagativa. — Vocês retornaram com este Mat, um jovem da aldeia de vocês. Havia outro rapaz da aldeia. Rand al'Thor.

Egwene sentiu uma mão gelada lhe agarrar o estômago.

— Espero que ele esteja bem — disse Nynaeve, com a voz calma, mas com o punho cerrado em volta da trança. — Não o vemos há algum tempo.

— Um jovem interessante. — Elaida observava as três enquanto falava. — Eu só o vi uma vez, mas o achei… bem interessante. Acredito que ele seja *ta'veren*. As respostas a muitas perguntas podem estar nele. Esse Campo de Emond deve ser um lugar incomum, para ter produzido vocês duas. E Rand al'Thor.

— É só uma aldeia — respondeu Nynaeve. — Uma aldeia como qualquer outra.

— Sim. É claro. — Elaida sorriu, um esgar de lábios que fez o estômago de Egwene revirar. — Fale sobre ele. A Amyrlin não ordenou que ficasse calada a respeito do rapaz também, ordenou?

Nynaeve deu um puxão na trança. Elayne encarava o carpete como se algo importante estivesse escondido ali, e Egwene quebrava a cabeça à procura de uma resposta. *Ela identifica mentiras, é o que dizem. Luz, se ela realmente for capaz de identificar mentiras…* O momento se arrastou, até que por fim Nynaeve abriu a boca.

No mesmo instante, a porta se abriu. Sheriam olhou o quarto com certa surpresa.

— Que bom encontrar você aqui, Elayne. Quero falar com todas as três. Não esperava ver você, Elaida.

Elaida ficou parada, ajeitando o xale.

— Estamos todas curiosas sobre essas moças. Por que fugiram. Que aventuras viveram enquanto estiveram longe. Dizem que a Mãe ordenou que não falassem a respeito.

— É bom que não falem — confirmou Sheriam. — Elas serão punidas, e fim da história. Sempre achei que, depois da aplicação de uma punição, a falta que a originou devesse ser apagada.

Por um longo instante, as duas Aes Sedai ficaram olhando uma para a outra, sem expressão nos rostos plácidos. Então, Elaida disse:

— Naturalmente. Quem sabe eu converse com elas outra hora. Sobre outros assuntos. — Ela lançou às três mulheres de branco um olhar que pareceu a Egwene conter um aviso, depois passou depressa por Sheriam.

Segurando a porta aberta, a Mestra das Noviças observou a outra Aes Sedai descer o corredor. Seu rosto ainda era indecifrável.

Egwene soltou uma respiração aliviada, que ecoou em Nynaeve e Elayne.

— Ela me ameaçou — disse Elayne, incrédula, meio para si mesma. — Ela ameaçou me estancar se eu não deixar de ser… teimosa!

— Foi um mal-entendido — disse Sheriam. — Se ser teimosa fosse uma ofensa que requeresse estancamento, a lista de estancadas seria maior do que você imagina. Poucas mulheres submissas conseguem obter anel e xale. Isso não significa, naturalmente, que você não deva aprender a agir de forma submissa quando for preciso.

— Sim, Sheriam Sedai — disseram as três em uma só voz, e Sheriam sorriu.

— Estão vendo? Vocês são capazes de aparentar submissão, pelo menos. E terão muitas oportunidades de praticar antes de conquistarem o direito de

cair de volta nas graças da Amyrlin. E nas minhas. Da minha parte, será mais difícil.

— Sim, Sheriam Sedai — disse Egwene, mas dessa vez apenas Elayne a acompanhou.

— E o… corpo, Sheriam Sedai? — perguntou Nynaeve. O… Sem-alma? A senhora descobriu quem o matou? Ou por que ele entrou na Torre?

Sheriam contraiu os lábios.

— Você avança um passo, Nynaeve, e em seguida retrocede. Dada a falta de espanto de Elayne, presumo que tenha contado a ela, *mesmo eu tendo mandado que não falasse sobre o assunto!* Sendo assim, há exatamente sete pessoas na Torre que estão cientes de que um homem foi morto hoje no alojamento das noviças, e duas delas são rapazes que não sabem nada mais. Exceto que precisam manter as bocas caladas. Se uma ordem da Mestra das Noviças não tem peso algum para você, e se esse for o caso, eu corrigirei isso. E talvez você obedeça a uma do Trono de Amyrlin. Não deve falar sobre isso com ninguém exceto comigo ou a Mãe. A Amyrlin não aceitará mais rumores somados àqueles contra os quais já temos que lutar. Fui clara?

A firmeza da voz da mulher produziu um coro de "Sim, Sheriam Sedai", mas Nynaeve recusou-se a parar por ali.

— A senhora disse sete, Sheriam Sedai. Mais a pessoa que o matou. E talvez o assassino tivera ajuda para entrar na Torre.

— Isso não é da sua conta. — O olhar firme de Sheriam incluía todas as três. — Eu farei todas as perguntas necessárias a respeito deste homem. Vocês devem esquecer que sabem qualquer coisa sobre o assunto. Se eu descobrir que estão fazendo algo diferente disso… bem, há afazeres piores que esfregar panelas para ocupar a cabeça de vocês. Não aceitarei nenhuma desculpa. Por acaso têm mais alguma pergunta?

— Não, Sheriam Sedai.

Dessa vez, para alívio de Egwene, Nynaeve juntou-se ao coro. Não que o alívio fosse grande. A vigilância de Sheriam tornaria ainda mais difícil a caça à Ajah Negra. Por um instante, Egwene sentiu vontade de rir de forma histérica. *Se a Ajah Negra não nos pegar, Sheriam vai fazer isso.* A ânsia de rir desapareceu. *Isso se a própria Sheriam não for da Ajah Negra.* Ela desejou afastar o pensamento.

Sheriam assentiu.

— Muito bem, então. Vocês vêm comigo.

— Aonde? — perguntou Nynaeve, acrescentando, um instante antes da Aes Sedai apertar os olhos: — Sheriam Sedai.

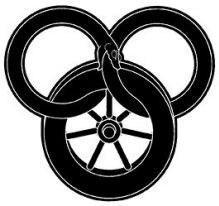
— Você esqueceu — retrucou Sheriam, em um tom áspero — que, na Torre, a Cura é sempre realizada na presença daqueles que trouxeram o doente?

Egwene pensou que o estoque de paciência da Mestra das Noviças com elas já estava esgotado, mas, antes que pudesse se conter, ela gritou:

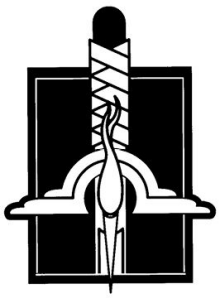
— Então ela *vai* Curá-lo!

— O próprio Trono de Amyrlin, entre outras, cuidará dele. — O rosto de Sheriam era tão inexpressivo quanto a voz. — Vocês tinham alguma razão para duvidar disso? — Egwene conseguiu apenas balançar a cabeça. — Pois então estão desperdiçando o tempo do amigo de vocês, paradas aqui. O Trono de Amyrlin não pode ficar esperando.

Apesar das palavras da Aes Sedai, Egwene teve a sensação de que ela não tinha a menor pressa.



CAPÍTULO 18



Cura

Lampiões em suportes de ferro presos às paredes iluminavam os subterrâneos da Torre, por onde Sheriam as conduzia. As poucas portas pelas quais passavam direto estavam fechadas. Algumas estavam trancadas, outras eram entalhadas de modo tão engenhoso que Egwene só reparava nelas quando passava bem em frente. Quase todos os cruzamentos entre corredores davam para passagens escuras, e, em algumas outras, via somente o brilho fraco de luzes espaçadas ao longe. Não havia ninguém por ali. Aquele local não era muito frequentado, nem mesmo pelas Aes Sedai. O ar não era frio nem quente, mas Egwene tremia, ao mesmo tempo que sentia um filete de suor escorrendo pelas costas.

Era ali, nas profundezas da Torre Branca, que as noviças passavam pelo último teste antes de serem elevadas a Aceitas. Ou expulsas da torre, caso falhassem. Ali, as Aceitas faziam os Três Juramentos após passarem pelo teste final. Egwene percebeu que ninguém jamais revelara o que acontecia a uma mulher que falhasse. Ali, em algum lugar, ficava a sala onde eram guardados os poucos *angreal* e *sa'angreal* da Torre, assim como os locais onde os *ter'angreal* eram armazenados. A Ajah Negra invadira aqueles depósitos. E se alguma delas estivesse à espreita, em um daqueles

corredores escuros? E se Sheriam não estivesse levando-as até Mat, mas sim até…

Ela soltou um gritinho quando a Aes Sedai parou de repente, e ruborizou ao notar o olhar indagativo das outras.

— Estava pensando na Ajah Negra — explicou, sem forças.

— Não pense nisso — retrucou Sheriam, e dessa vez soou como a Mestra das Noviças de sempre: gentil, porém firme. — A Ajah Negra não deve ser uma preocupação de vocês pelos próximos anos. Vocês têm aquilo que o resto de nós não têm: tempo para se prepararem até que precisem enfrentar isso. Por ora, bastante tempo. Quando entrarmos, fiquem encostadas na parede e em silêncio. A presença de vocês é uma concessão, apenas para que possam observar, não para perturbar ou interferir. — Ela abriu uma porta de metal cinza, entalhada de modo a se assemelhar à pedra.

A sala quadrada era espaçosa, com paredes de pedra nuas e pálidas. A única peça de mobília era uma mesa comprida de pedra forrada com pano branco, bem no meio da sala. Mat estava deitado sobre ela, todo vestido, mas descalço e sem casacos, os olhos fechados e o rosto tão encovado que Egwene sentiu vontade de chorar. A respiração ofegante do rapaz produzia um chiado rouco. A adaga de Shadar Logoth pendia, embainhada no cinturão. O rubi da empunhadura parecia ter acumulado luz e brilhava intensamente, como um olho vermelho, sem sequer ser ofuscado pela luz de dez lampiões, que era ampliada pelas paredes claras e pelo chão de azulejos brancos.

O Trono de Amyrlin estava de pé diante da cabeça de Mat, e Leane, aos pés do rapaz. Quatro Aes Sedai estavam de um dos lados da mesa, e três, do outro. Sheriam se juntou às três. Uma delas era Verin. Egwene reconheceu Serafelle, outra irmã Marrom, Alanna Mosvani, da Ajah Verde, e Anaiya, da Azul, que era a Ajah de Moiraine.

Alanna e Anaiya tinham sido suas professoras em algumas aulas sobre como se abrir para a Fonte Verdadeira, se entregar a *saidar* e poder controlá-la. Além disso, entre a chegada e a partida da Torre Branca, Egwene fora testada cerca de cinquenta vezes por Anaiya, para descobrir se era uma Sonhadora. Os testes não foram conclusivos, mas a gentil Anaiya, cujo rosto comum carregava o sorriso terno que era sua única beleza, continuava a chamá-la para novos testes, implacável como um pedregulho a rolar colina abaixo.

As outras eram desconhecidas, exceto por uma mulher de olhar frio que ela pensou ser uma Branca. A Amyrlin e a Curadora usavam as estolas, naturalmente, mas nenhuma das outras portava qualquer coisa que as identificasse, com exceção dos anéis da Grande Serpente e os rostos de idade indefinida das Aes Sedai. Nenhuma delas deu sinais de que percebia a presença de Egwene e das outras duas, nem sequer por um olhar.

Apesar da calma aparente das mulheres em volta da mesa, Egwene percebeu pequenos sinais de insegurança. Uma tensão nos lábios de Anaiya. Um leve franzir no rosto belo e escuro de Alanna. Sem perceber, a mulher de olhos frios não parava de alisar o vestido azul-claro na altura dos quadris.

Uma Aes Sedai que Egwene não conhecia pousou uma caixa de madeira comprida, estreita, lisa e polida na mesa, então a abriu. Do forro de seda vermelha, a Amyrlin retirou uma varinha branca e canelada do comprimento de seu antebraço. Poderia ser de osso ou marfim, mas não era de qualquer um dos dois materiais. Ninguém vivo sabia de que era feita.

Egwene nunca vira aquela varinha, mas reconheceu o objeto de uma palestra que Anaiya dera às noviças. Um dos poucos *sa'angreal*, talvez o mais poderoso que a Torre guardava. *Sa'angreal* não tinham poder próprio, é claro, eram meros instrumentos para concentrar e ampliar o tanto que uma mulher conseguia canalizar, mas, com aquele bastão, uma Aes Sedai poderosa talvez fosse capaz de derrubar os muros de Tar Valon.

Egwene agarrou a mão de Nynaeve e a de Elayne, cada uma de um lado. *Luz! Elas não têm certeza se poderão Curá-lo, mesmo com um* sa'angreal. *Mesmo com* este sa'angreal*! Que chances nós três teríamos? É provável que o matássemos, e a nós mesmas também. Luz!*

— Vou combinar os fluxos — disse a Amyrlin. — Tomem cuidado. O Poder necessário para quebrar o elo com a adaga e Curar os danos causados por ela é muito próximo do que pode matá-lo. Vou me concentrar. Vamos lá.

Ela segurou a varinha bem à frente com ambas as mãos, acima do rosto de Mat. Ainda inconsciente, o rapaz sacudiu a cabeça e agarrou o punho da adaga, murmurando algo que parecia uma negativa.

Um brilho tênue surgiu ao redor de cada Aes Sedai, aquela luz branca e suave que podia ser vista apenas por uma mulher capaz de canalizar. Bem lentamente, as luzes se propagaram, e o brilho que emanava de cada uma tocou o da mulher ao lado, fundindo-se até que se tornassem uma única luz. Uma luz que, aos olhos de Egwene, reduzia os lampiões a nada. Naquele

brilho, via-se ainda outra luz, mais forte. Um bastão de fogo branquíssimo. O *sa'angreal*.

Egwene conteve o ímpeto de se abrir a *saidar* e acrescentar seu fluxo à corrente. Era uma atração tão forte que quase a derrubava de joelhos. Elayne apertou sua mão com mais força. Nynaeve deu um passo em direção à mesa, depois parou, sacudindo a cabeça. *Luz*, pensou Egwene, *eu consigo*. Mas não sabia o que dizia que conseguia. *Luz, é tão forte. É tão… maravilhoso.* A mão de Elayne tremia.

Mat se agitava na mesa, em meio ao brilho, dando trancos convulsivos, emitindo murmúrios indistintos. Porém, não soltava a adaga e mantinha os olhos fechados. Devagar, muito devagar, ele começou a arquear as costas, os músculos tensos a ponto de estremecer. Ainda assim, lutou e resistiu até que apenas os ombros e calcanhares tocassem a mesa. A mão que segurava a adaga se abriu e soltou o cabo, trêmula. Foi forçada, relutante, a se afastar. Os lábios se desprenderam dos dentes, se abrindo em um rosnado, uma careta de dor, e a respiração saía em grunhidos forçados.

— Estão matando ele — sussurrou Egwene. — A Amyrlin está matando Mat! Precisamos fazer alguma coisa!

Também baixinho, Nynaeve respondeu:

— Se as impedirmos… se conseguirmos impedi-las… ele vai morrer. Acho que eu só daria conta de metade desse tanto de Poder. — Ela fez uma pausa, como se acabasse de ouvir a si própria afirmar ser capaz de canalizar metade do que dez Aes Sedai completas conseguiam com um *sa'angreal*, e sua voz ficou ainda mais fraca. — Luz, me ajude, eu quero…

Ela se calou de repente. Estava dizendo que queria ajudar Mat ou que queria canalizar todo aquele fluxo de Poder? Egwene sentia o mesmo anseio, como uma canção que a impelia a dançar.

— Precisamos confiar nelas — continuou Nynaeve, por fim, em um sussurro forte. — Ou ele não terá chance.

De repente, Mat soltou um grito alto e forte:

— *Muad'drin tia dar allende caba'drin rhadiem!* — Estava arqueado e se contorcia, os olhos bem fechados, mas urrava as palavras com clareza. — *Los Valdar Cuebiyari! Los! Carai an Caldazar! Al Caldazar!*

Egwene franziu a testa. Aprendera o suficiente para reconhecer a Língua Antiga, ainda que não compreendesse mais que algumas palavras. *Carai an Caldazar! Al Caldazar!* "Pela honra da Águia Vermelha! Pela Águia

Vermelha!” Antigos gritos de guerra de Manetheren, uma nação extinta durante as Guerras dos Trollocs. Uma nação que vivia onde agora estava Dois Rios. Disso, ela sabia. No entanto, de alguma forma teve a sensação, por um instante, de que deveria compreender o restante também. Como se o significado estivesse logo ali, na ponta da língua.

Com um barulho alto de couro se rasgando, a adaga de punho dourado se soltou do cinturão de Mat e se elevou cerca de um pé acima do corpo enrijecido. O rubi reluzia, parecendo emanar faíscas vermelhas, como se também resistisse à Cura.

Mat abriu os olhos e encarou as mulheres ao redor com raiva.

— *Mia ayende, Aes Sedai! Caballein misain ye! Inde muagdhe Aes Sedai misain ye! Mia ayende!* — Então começou a gritar, um rugido raivoso e incessante, até que Egwene se perguntou se ainda restava algum ar dentro dele.

Depressa, Anaiya inclinou-se para alcançar uma caixa escura de metal sob a mesa e a arrastou, como se estivesse pesada. Quando a pousou ao lado de Mat e abriu a tampa, não havia muito espaço dentro das laterais de duas polegadas. Anaiya inclinou-se outra vez, alcançou um pegador parecido com os usados na cozinha pelas donas de casa e pinçou a adaga flutuante com o mesmo cuidado que teria com uma serpente venenosa.

Os gritos de Mat aumentaram, frenéticos. O rubi reluzia intensamente, com seu brilho vermelho-sangue.

A Aes Sedai atirou a adaga na caixa, a qual tapou bruscamente, soltando um suspiro alto ao ouvir o clique da tampa se fechando.

— Uma imundície — falou.

Assim que a adaga foi encoberta, Mat parou de berrar e entrou em colapso, como se os músculos e ossos tivessem se transformado em água. Um instante depois, o brilho tênue que envolvia as Aes Sedai e a mesa se extinguiu.

— Pronto — completou a Amyrlin com a voz rouca, como se também tivesse se esgoelado. — Acabou.

Algumas Aes Sedai estavam encurvadas, e mais de uma testa pingava de suor. Anaiya puxou um lenço de linho da manga e limpou o rosto sem cerimônias. A Branca de olhos frios dava pancadinhas quase furtivas nas bochechas com um pedaço de renda de Lugard.

— É fascinante — comentou Verin. — Que o sangue antigo possa fluir com tanta intensidade em alguém, nos dias de hoje. — Ela e Serafelle aproximaram as cabeças e conversaram baixinho, gesticulando muito.

— Ele está Curado? — perguntou Nynaeve. — Vai… viver?

Mat estava deitado, parecia dormir, mas ainda tinha as bochechas fundas e o ar abatido. Egwene nunca ouvira falar de uma Cura que não curasse *tudo*. *A não ser que separá-lo da adaga tenha esgotado todo o poder que usaram. Luz!*

— Brendas — disse a Amyrlin —, leve-o de volta ao quarto.

— Como a senhora ordenar, Mãe — respondeu a mulher de olhos frios, com uma mesura tão indiferente quanto ela própria. Quando ela saiu para convocar os carregadores, várias das outras Aes Sedai também se foram, incluindo Anaiya. Verin e Serafelle a seguiram, ainda conversando em um tom baixo demais para que Egwene entendesse o que diziam.

— Mat está bem? — inquiriu Nynaeve.

Sheriam ergueu as sobrancelhas. O Trono de Amyrlin virou-se para elas.

— Na medida do possível — respondeu friamente. — Apenas o tempo pode dizer. Carregar algo com a mácula de Shadar Logoth por um período tão longo… quem sabe que efeitos isso pode ter causado? Talvez nenhum, talvez muitos. Veremos. Mas o elo com a adaga está desfeito. Agora ele precisa de descanso e do máximo de comida possível. E deve viver.

— O que ele estava gritando, Mãe? — perguntou Elayne, acrescentando depressa: — Se me permite a pergunta.

— Estava comandando soldados. — A Amyrlin lançou um olhar intrigado ao jovem na mesa. Ele não se movia desde o desmaio, mas Egwene achou a respiração mais tranquila e regular. — Em uma batalha de dois mil anos atrás, eu diria. O sangue antigo está voltando.

— Ele não falou só da batalha — retrucou Nynaeve. — Ouvi as palavras "Aes Sedai". Isso não era de uma batalha… Mãe — acrescentou, um pouco tarde.

A Amyrlin refletiu por um instante. Talvez pensando no que dizer, talvez considerando se deveria dizer algo.

— Creio que, durante alguns momentos — começou, por fim —, o passado e o presente tenham sido um só. Ele estava lá e aqui, e sabia quem éramos. Ordenou que o libertássemos. — Ela fez outra pausa. — "Sou um homem livre, Aes Sedai. Não sou comida de Aes Sedai." Foi o que disse.

Leane fungou alto, e algumas das outras Aes Sedai murmuraram entre dentes, irritadas.

— Mas, Mãe — retrucou Egwene —, não deve ter sido intenção dele dizer isso. Manetheren era aliada de Tar Valon.

— Manetheren era aliada, criança — respondeu a Amyrlin —, mas quem é que compreende o coração de um homem? Nem ele próprio, imagino. O homem é o animal mais fácil de prender a uma corrente, mas o mais difícil de controlar. Mesmo quando ele próprio decide ser preso.

— Mãe — disse Sheriam —, está tarde. As cozinheiras devem estar esperando as ajudantes.

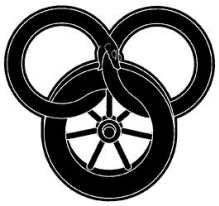
— Mãe — perguntou Egwene, ansiosa —, será que podemos ficar com Mat? Se ele ainda tem chances de morrer…

O olhar da Amyrlin era firme, e o rosto, inexpressivo.

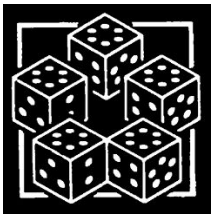
— Vocês têm trabalho a fazer, criança.

Ela não se referia a esfregar panelas. Egwene tinha certeza.

— Sim, Mãe. — Ela fez uma mesura, e suas saias roçaram as de Nynaeve e Elayne, que também se curvavam. Lançou um último olhar a Mat e saiu atrás de Sheriam. O rapaz ainda não se movera.



CAPÍTULO 19



Despertar

Mat abriu os olhos bem devagar e encarou o teto de gesso branco, perguntando-se onde estava e como chegara até ali. Ornamentos de folhas douradas margeavam o teto, e o colchão sob suas costas parecia feito de penas. Estava em um lugar rico, portanto. Um lugar com dinheiro. Mas não se lembrava de "onde" e "como", nem de muitas outras coisas.

Ele andara sonhando, e partes do sonho ainda se misturavam às lembranças em sua cabeça. Ele não conseguia distinguir o que era real do que não era. Fugas e lutas violentas, pessoas estranhas do outro lado do oceano, Caminhos, Pedras-portais e fragmentos de outras vidas saídos direto dos contos de um menestrel… essa parte tinha que ser sonho. Pelo menos era o que ele achava. Mas Loial não era parte de um sonho, e era um Ogier. Trechos de conversas lhe voltaram à memória, conversas com o pai, os amigos, Moiraine, uma bela mulher, o capitão de um navio e um homem bem-vestido que falava como um pai que dá sábios conselhos. Aquilo provavelmente era real. Mas não passavam de fragmentos. À deriva.

— *Muad'drin tia dar allende caba'drin rhadiem* — murmurou. As palavras eram apenas sons, mas o fizeram se lembrar de… algo.

As fileiras abarrotadas de lanceiros estendiam-se por mais de uma milha de cada lado abaixo dele, pontilhadas com as bandeiras e os estandartes das cidades, vilarejos e Casas menores. O rio protegia o flanco da esquerda, e os pântanos e atoleiros, o da direita. Do alto da

colina, ele observava os lanceiros lutarem contra a massa de Trollocs que tentava invadir, em um número dez vezes maior que os humanos. Lanças penetravam as armaduras negras dos Trollocs, e machados de guerra abriam buracos sangrentos entre as fileiras de humanos. Gritos e urros varavam o ar. O sol ardia alto no céu límpido, o calor tremeluzia sobre as linhas de batalha. Flechas ainda choviam sobre os inimigos, dilacerando Trollocs e humanos indiscriminadamente. Ele suspendera o ataque dos arqueiros, mas os Senhores do Medo não se importavam com o próprio exército, contanto que destruíssem a linha. No cume atrás dele, a Guarda Cardial aguardava seu comando, e os cavalos pisoteavam o chão, impacientes. As armaduras de homens e cavalos brilhavam prateadas sob a luz do sol. Nenhum deles aguentaria aquele calor por muito mais tempo.

Precisavam vencer ou morreriam. Sua fama de jogador era notória, e chegara a hora de rolar os dados. Com uma voz que podia ser ouvida mesmo com o tumulto abaixo, ele emitiu a ordem enquanto subia na sela.

— Soldados de infantaria, preparem-se para passar adiante da cavalaria!

O porta-estandarte pôs-se ao seu lado, a Águia Vermelha drapejando acima da cabeça, e o comando foi repetido de um extremo a outro da fila.

Abaixo, os lanceiros se moveram de repente, desviando-se com muita disciplina, estreitando a formação e abrindo largos espaços entre as fileiras, para onde os Trollocs correram, com urros bestiais, avançando como uma onda negra e mortal.

Ele desembainhou a espada e a ergueu bem alto.

— Avante a Guarda Cardial! — Fincou os calcanhares no cavalo, que saiu trotando encosta abaixo. Atrás dele, cascos estrondearam ao seu comando. — Avante! — Ele foi o primeiro a atacar os Trollocs, a espada subindo e descendo, o porta-estandarte logo atrás. — Pela honra da Águia Vermelha! — A Guarda Cardial avançou para os espaços entre os lanceiros, esmagando a onda, fazendo-a recuar. — A Águia Vermelha! — Rostos semi-humanos rosnavam para ele, espadas com curvaturas estranhas o acossavam, mas ele forçou a passagem ainda mais. Vencer ou morrer. — Manetheren!

Mat levou as mãos trêmulas à testa.

— Los Valdar Cuebiyari — murmurou. Ele tinha quase certeza do que significava: “Avante a Guarda Cardial” ou talvez “A Guarda Cardial

avançará". Mas não podia ser isso. Moiraine lhe ensinara algumas palavras da Língua Antiga, e era tudo o que ele sabia. O restante poderia muito bem ser inventado. — Besteira — disse asperamente. — Nem deve ser a Língua Antiga. Só baboseiras. Aquela Aes Sedai é louca. Foi só um sonho.

Aes Sedai. Moiraine. Ele de repente se deu conta de que estava com o pulso fino e as mãos ossudas, e os encarou. Estivera doente. Algo a ver com uma adaga. Uma adaga com um rubi no punho, e uma cidade, havia muito morta e corrompida, chamada Shadar Logoth. Tudo era distante e nebuloso, e nada fazia sentido, mas ele sabia que não era sonho. Egwene e Nynaeve haviam trazido-o a Tar Valon para ser Curado. Pelo menos daquilo ele se lembrava.

Tentou se sentar e caiu de volta, fraco como um cordeiro recém-nascido. Com dificuldade, conseguiu se levantar e jogou para longe o cobertor de lã. Não usava roupas. Talvez estivessem no armário de videiras esculpidas encostado na parede. Por um instante, não se preocupou com aquilo. Lutou para ficar de pé, cruzou o carpete florido, cambaleando, agarrou-se a uma poltrona de espaldar alto e lançou-se com uma guinada até a mesa com volutas douradas nos pés e bordas.

Velas de cera de abelha, quatro em cada suporte alto, com pequenos espelhos atrás das chamas, iluminavam bem o recinto. Um espelho maior na parede acima do lavatório muito bem polido refletia sua figura encovada e enfraquecida, com rosto magro, olhos negros e fundos, cabelos úmidos de suor, curvado como um velho, e trêmulo feito pasto ao vento. Corrigiu a postura, mas não fez grande diferença.

Sobre a mesa à frente havia uma grande bandeja coberta, e ele sentiu o cheiro de comida. Puxou o pano, revelando duas grandes jarras de prata e travessas de porcelana fina e verde. Ouvira dizer que o Povo do Mar cobrava o peso daquela porcelana em prata. Esperava ver caldo de carne ou molejas, o tipo de comida que se empurra pela goela dos inválidos. Em vez disso, um dos pratos continha uma pilha de fatias generosas de rosbife, com mostarda marrom e raiz-forte. Nos outros havia batatas assadas, vagem com cebolas, repolho e ervilhas, além de picles e um naco de queijo amarelo. Grossas fatias de pão com casca e uma manteigueira. Uma das jarras estava cheia de leite, ainda coberto das gotículas formadas pela condensação, e a outra cheirava a vinho com especiarias. Havia comida e bebida suficientes para quatro homens. Sua boca ficou cheia d'água, e seu estômago roncou.

Primeiro, preciso descobrir onde estou. Porém, enrolou uma fatia de rosbife e mergulhou na mostarda antes de se afastar da mesa em direção às três janelas compridas e estreitas.

As persianas de madeira esculpidas com padrões de renda estavam fechadas, mas pelos vãos ele viu que já era noite lá fora. As luzes das outras janelas formavam pontinhos na escuridão. Por um instante, Mat se debruçou no peitoril da janela, frustrado, mas logo começou a pensar.

Seu pai sempre dizia que é possível tirar vantagem das piores coisas, basta pensar, e sem dúvida Abell Cauthon era o melhor negociante de cavalos de Dois Rios. Quando alguém parecia levar vantagem sobre o pai de Mat, sempre acabavam descobrindo que o sujeito na verdade levara a pior. Não que Abell Cauthon fosse desonesto, mas nem mesmo o povo de Barca do Taren se aproveitava dele, e todos sabiam como aquela gente adorava sair por cima. E era assim porque seu pai sempre analisava as coisas e pensava em todas as possibilidades.

Tar Valon. Só podia ser Tar Valon. Aquele quarto era digno de um palácio. Só o carpete domanês florido devia custar o preço de uma fazenda. E mais, ele sentia que não estava mais doente, e, pelo que ouvira dizer, Tar Valon era a única chance que tinha de ficar bom. Nunca se sentira doente de fato, não que pudesse lembrar, nem mesmo quando Verin, outro nome que surgira do nada, dissera a alguém próximo que ele estava morrendo. Agora, sentia-se fraco como um bebê e faminto como um lobo, mas de alguma forma tinha certeza de que passara por uma Cura. *Eu me sinto… inteiro e disposto, é isso. Fui Curado.* Encarou as persianas com uma careta.

Curado. Aquilo significava que haviam usado o Poder Único nele. A ideia lhe deu arrepios, mas ele já imaginava que isso aconteceria.

— Melhor que morrer — disse a si mesmo. Algumas histórias que ouvira sobre Aes Sedai voltaram à mente. — Tem que ser melhor que morrer. Até Nynaeve pensou que eu morreria. De qualquer modo, agora já foi. E ficar me preocupando com isso não vai ajudar em nada. — Ele percebeu que terminara de comer a fatia de rosbife e que lambia os dedos.

Cambaleante, voltou para a mesa. Havia um banquinho debaixo dela. Puxou e se sentou. Sem ligar para os talheres, enrolou outra fatia de rosbife. Como é que poderia, em Tar Valon — *na Torre Branca, só podia ser* —, tirar vantagem de alguma coisa?

Tar Valon significava Aes Sedai. Aquilo era motivo bastante para não ficar ali nem por uma hora. O que se lembrava do período com Moiraine, e depois com Verin, não era suficiente para tirar conclusões. Não conseguia se lembrar de nenhuma das duas fazendo algo muito terrível, mas também não recordava muita coisa daquele período. De qualquer forma, fosse lá o que as Aes Sedai fizessem, faziam por seus próprios motivos.

— E esses motivos nem sempre são os que você imagina — resmungou, com a boca cheia de batatas, depois as engoliu. — Uma Aes Sedai nunca mente, mas a verdade que ela conta nem sempre é a verdade que você pensa ouvir. Disso eu preciso me lembrar: não posso confiar nelas, mesmo quando penso que sei a verdade. — Não era uma conclusão animadora. Ele encheu a boca de ervilhas.

Pensar sobre Aes Sedai o fez se lembrar de algumas coisas a respeito delas. As sete Ajahs: Azul, Vermelha, Marrom, Verde, Amarela, Branca e Cinza. As Vermelhas eram as piores. *Exceto pela Ajah Negra, que todas dizem que não existe.* Mas a Ajah Vermelha não deveria representar ameaça. Elas se interessavam apenas pelos homens capazes de canalizar.

Rand. Que me queime, como é que pude me esquecer disso? Onde é que ele está? Será que está bem? Soltou um suspiro de lamento e espalhou manteiga num pedaço de pão ainda quente. *Será que já enlouqueceu?*

Ainda que soubesse as respostas, nada podia fazer para ajudar Rand. E tinha dúvidas se o ajudaria, caso pudesse. O amigo era capaz de canalizar, e Mat crescera ouvindo histórias de homens que canalizavam, histórias contadas para assustar as crianças. Histórias que também assustavam os adultos, pois algumas eram verdadeiras até demais. Descobrir que Rand era capaz de canalizar fora como ficar sabendo que seu melhor amigo torturava animaizinhos e matava bebês. Depois de finalmente acreditar, ficava difícil continuar chamando-o de amigo.

— Preciso cuidar de mim mesmo — disse, irritado. Virou a jarra de vinho na caneca de prata e percebeu, surpreso, que estava vazia. Então, encheu a caneca com leite. — Egwene e Nynaeve querem ser Aes Sedai. — Não se lembrava disso até dizer a frase em voz alta. — Rand está seguindo Moiraine por aí e dizendo ser o Dragão Renascido. Sabe a Luz o que Perrin está aprontando. Tem agido feito louco desde que ficou com os olhos estranhos. Preciso cuidar de mim. — *Que me queime, eu preciso! Sou o único que ainda está lúcido. Só sobrou eu.*

Tar Valon. Bem, supostamente essa era a cidade mais rica do mundo, e o centro de comércio entre as Terras da Fronteira e o sul, o centro do poder das Aes Sedai. Achava pouco provável que uma Aes Sedai fosse querer jogar e apostar com ele. Ou que fosse confiar no rolar dos dados ou no virar das cartas dele, caso a convencesse a jogar. Mas tinha que haver mercadores, além de outras pessoas com ouro e prata. E ele poderia aproveitar um pouco da cidade por alguns dias. Sabia que viajara bastante desde que deixara Dois Rios, mas, exceto por algumas vagas lembranças de Caemlyn e Cairhien, não se lembrava de nada das cidades grandes. Sempre desejara conhecer uma cidade grande.

— Mas não uma cheia de Aes Sedai — resmungou, amargo, raspando as últimas ervilhas. Engoliu-as de uma só vez e foi pegar um pouco mais de rosbife.

Absorto, se perguntou se as Aes Sedai o deixariam ficar com o rubi da adaga de Shadar Logoth. Suas lembranças da adaga eram um tanto confusas, porém mesmo assim era como se recordar de um ferimento terrível. Seu estômago se embrulhou, e uma dor aguda lhe perfurou as têmporas. Porém, a lembrança do rubi era muito clara em sua mente: do tamanho de seu dedão, escuro feito uma gota de sangue, brilhante como um olho carmesim. Mat sem dúvida tinha mais direito a ele do que elas, e a joia devia valer umas dez fazendas perto de casa.

Provavelmente vão dizer que também está maculado. E decerto estava. Ainda assim, alimentava a fantasia de oferecer o rubi a algum dos Coplins em troca da melhor terra que tinham. Quase todos daquela família eram encrenqueiros desde o berço, quando também não eram mentirosos e ladrões, e mereciam tudo o que lhes pudesse acontecer e muito mais. No entanto, ele não acreditava de verdade que as Aes Sedai lhe devolveriam o rubi, nem apreciava a ideia de levá-lo até Campo de Emond, caso o fizessem. Além do mais, ser o dono da maior fazenda de Dois Rios já não era um pensamento tão empolgante quanto fora, um dia. Aquela já havia sido sua maior ambição, além de se tornar um mercador de cavalos à altura do pai. Nesse momento, parecia um desejo tão pequeno, tendo em vista o mundo inteiro que estava à sua espera.

Antes de tudo, decidiu, encontraria Egwene e Nynaeve. *Talvez elas tenham recobrado o bom senso. Talvez tenham desistido dessa bobagem de se tornarem Aes Sedai.* Não acreditava que teriam, mas não podia partir sem

vê-las. Ele partiria, isso era certo. Uma visita a elas, um dia para ver a cidade, talvez um jogo de dados para encher os bolsos, e ele partiria para algum lugar onde não houvesse Aes Sedai. Queria ver um pouco do mundo antes de voltar para casa — *voltarei para casa um dia. Um dia, eu voltarei* —, mas sem Aes Sedai para fazê-lo dançar conforme suas músicas.

Revirando a bandeja à procura de algo mais para comer, surpreendeu-se ao perceber que não havia nada além de algumas migalhas de pão e restos de queijo. As duas jarras estavam vazias. Ele encarou o estômago com os olhos apertados, atônito. Deveria estar se sentindo empanturrado até as orelhas, com toda aquela comida, mas parecia não ter comido quase nada. Juntou as últimas lascas de queijo entre o polegar e o indicador. Suas mãos pararam a meio caminho da boca.

Eu soei a Trombeta de Valere. Baixinho, ele assobiou uma nota, mas a interrompeu quando as palavras lhe ocorreram:

> *Estou no fundo do poço.*
> *É noite, e a chuva está caindo.*
> *As paredes estão desabando,*
> *e não há corda para escalar.*
> *Estou no fundo do poço.*

— Bem que podia ter uma maldita corda para escalar — sussurrou. Deixou as lascas de queijo caírem na bandeja. Por um instante, sentiu-se mal outra vez. Determinado, tentou pensar, tentou penetrar a névoa que encobria todos os seus pensamentos.

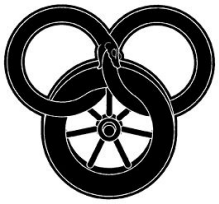
Verin trouxera a Trombeta até Tar Valon, mas ele não conseguia lembrar se ela sabia que fora ele quem soara o instrumento. Em nenhum momento ela dissera algo que indicasse que sim. Tinha certeza. *E daí se ela souber? E daí se todas souberem? A não ser que Verin tenha feito algo com aquilo que eu não saiba, elas estão com a Trombeta. Não precisam de mim.* Mas quem poderia dizer o que Aes Sedai achavam que precisavam?

— Se elas perguntarem — disse, sombrio —, digo que nunca pus as mãos nela. Se elas souberem… se souberem, eu… vejo o que fazer na hora. Que me queime, elas não podem querer nada de mim. Não podem!

Uma batida suave na porta o fez ficar de pé, cambaleante, pronto para correr. Se houvesse para onde correr, e se ele fosse capaz de dar mais de

três passos. Mas não havia, e ele não era capaz.

A porta se abriu.



CAPÍTULO 20



Visitas

A mulher que entrou, toda vestida em renda branca e prata, fechou a porta atrás de si e recostou-se para examiná-lo com os olhos mais negros que Mat já vira. Era tão bonita que ele quase se esqueceu de respirar, os cabelos negros como a noite presos por uma fina faixa de lã prateada. Parecia tão graciosa parada quanto qualquer outra mulher dançando. Ele chegou a pensar que a conhecia, mas descartou a ideia sem pestanejar. Homem nenhum esqueceria uma mulher como aquela.

— Ficará mais apresentável, suponho, depois de recuperar o peso — disse —, mas, por ora, talvez possa vestir algo.

Por um instante, Mat continuou a encará-la. Então, de repente, percebeu que estava nu. Enrubescido, cambaleou até a cama, enrolou o cobertor no corpo como um manto e desabou, sentando no canto do colchão.

— Me desculpe por… quer dizer… hã… eu não esperava… eu… — Ele respirou fundo. — Peço desculpas por me encontrar desse jeito.

Ainda sentia as bochechas quentes. Por um instante, desejou que Rand, independentemente do que tivesse se tornado, ou até mesmo Perrin, estivessem ali para ajudá-lo. Os dois sempre se entenderam bem com as mulheres. Até as garotas que sabiam que Rand era quase prometido a Egwene olhavam para ele, e todas pareciam considerar gentil e atraente o jeito lento de Perrin. Por mais que se esforçasse, ele sempre conseguia fazer papel de bobo na frente das garotas. E acabava de repetir o feito.

— Eu não teria vindo visitá-lo desse jeito, Mat, mas estava aqui na… Torre Branca… — Ela sorriu, como se achasse o nome engraçado. — …Por outro motivo, e queria ver todos vocês. — O rosto de Mat enrubesceu outra vez, e ele apertou o cobertor em torno de si, mas ela não parecia estar de provocação. Mais graciosa que um cisne, ela deslizou até a mesa. — Você está com fome. Isso já era esperado, dada a forma como elas fazem as coisas. Coma tudo o que lhe derem. Ficará surpreso com a rapidez com que vai recuperar o peso e a resistência.

— Desculpe — disse Mat, tímido —, mas eu a conheço? Não quero ofender, mas você me é… familiar.

Ela o encarou até ele começar a se remexer, constrangido. Uma mulher como aquela esperava ser lembrada.

— Talvez você já tenha me visto — respondeu ela, por fim. — Em algum lugar. Meu nome é Selene. — Ela inclinou a cabeça de leve, parecia esperar que ele reconhecesse o nome.

O nome parecia querer despertar uma lembrança. Ele achava que já o ouvira antes, mas não sabia dizer quando ou onde.

— Você é Aes Sedai, Selene?

— Não. — A palavra saiu suave, mas com uma ênfase surpreendente.

Pela primeira vez, ele a examinou, agora em condições de enxergar além de sua beleza. Ela tinha quase a altura dele, era esguia e, ele suspeitou pelos movimentos, forte. Não soube dizer qual seria sua idade, talvez fosse um ano ou dois mais velha que ele, ou quem sabe dez, mas tinha o rosto liso. O colar de pedras brancas e prata trançada combinava com o cinturão, mas ela não usava o anel da Grande Serpente. A ausência não deveria tê-lo surpreendido, nenhuma Aes Sedai responderia que não era Aes Sedai, mas surpreendeu. Ela tinha certo ar, uma autoconfiança, uma segurança de que seu próprio poder fazia frente ao de qualquer rainha, e algo a mais que o fazia pensar em Aes Sedai.

— Você não é uma noviça, é? — Ele ouvira que as noviças vestiam branco, mas não acreditava que ela fosse uma. *Ela faz Elayne parecer desprezível*. Elayne. Outro nome que vagava em sua cabeça.

— Tampouco isso — respondeu Selene, contorcendo a boca. — Digamos que sou alguém cujos interesses coincidem com os seus. Essas… Aes Sedai querem usá-lo, mas no geral acho que você vai gostar. E aceitar. Você não precisa de convencimento para perseguir a glória.

— Me usar? — Ele lembrou que já havia pensado isso, mas a respeito de Rand, que as Aes Sedai pretendiam usar Rand, não ele. *Não tenho serventia para elas. Luz, não posso ter!* — O que está querendo dizer? Não sou importante. Não sirvo para ninguém além de mim mesmo. Que tipo de glória?

— Sabia que isso o atrairia. Você, acima de todos.

O sorriso da mulher deixou Mat tonto. Ele esfregou os cabelos com uma das mãos. O cobertor deslizou, e ele o recuperou depressa, antes que caísse.

— Escute, elas não têm interesse em mim. — *E quanto a eu ter soado a Trombeta?* — Sou só um fazendeiro. — *Talvez elas pensem que estou atrelado a Rand de alguma forma. Não, Verin disse…* Ele não tinha certeza do que Verin dissera, nem Moiraine, mas achava que a maioria das Aes Sedai não sabia absolutamente nada sobre Rand. Queria manter as coisas desse jeito, pelo menos até que já estivesse bem longe. — Um simples sujeito do interior. Só quero conhecer um pouco mais do mundo e voltar para a fazenda do meu pai. — *O que ela quis dizer com glória?*

Selene sacudiu a cabeça, como se tivesse ouvido os pensamentos dele.

— Você é mais importante do que sabe, por enquanto. Sem dúvida mais importante do que essas tais Aes Sedai sabem. Você *pode* obter glória, se souber o suficiente para não confiar nelas.

— Você sem dúvida fala como se não confiasse nelas. — *Tais?* Um pensamento lhe veio à mente, mas ele não conseguiu dizê-lo em voz alta. — Você é…? Você é…? — Não era o tipo de coisa da qual simplesmente se acusa alguém.

— Uma Amiga das Trevas? — completou Selene, com ar jocoso. Soava alegre, não irritada. Soava desdenhosa. — Um desses seguidores patéticos de Ba'alzamon que pensam que ele lhes dará poder e imortalidade? Não sigo ninguém. Existe um homem ao lado de quem eu poderia caminhar, mas não sigo ninguém.

Mat riu, nervoso.

— É claro que não. — *Sangue e cinzas, uma Amiga das Trevas não se denominaria como tal. Ela deve ter uma faca envenenada, se for.* Ele teve a vaga lembrança de uma mulher vestida em trajes nobres, uma Amiga das Trevas com uma adaga mortal na mão magra. — Eu não ia dizer nada disso. Você parece… parece uma rainha. Era isso que eu ia dizer. É uma Lady?

— Mat, Mat, precisa aprender a confiar em mim. Ah, eu também vou usá-lo. Sua natureza é desconfiada demais para eu tentar negar, ainda mais depois de ter carregado aquela adaga. Mas ser usado por mim lhe trará riqueza, poder e glória. Não vou obrigá-lo. Sempre acreditei que os homens se saem melhor quando convencidos, em vez de forçados. Essas Aes Sedai sequer imaginam como você é importante, e ele vai tentar dissuadi-lo ou matá-lo, mas eu posso dar o que você deseja.

— Ele? — disse Mat, depressa. — *Matar? Luz, é de Rand que elas estão atrás, não de mim. Como é que ela sabe da adaga? Imagino que a Torre inteira saiba.* — Quem é que quer me matar?

Selene contraiu a boca, como se tivesse falado demais.

— Você sabe o que quer, Mat, e eu sei disso tanto quanto você. Deve escolher em quem vai confiar para obter tudo isso. Eu admito que vou usá-lo. Essas Aes Sedai jamais o farão. Eu o conduzirei à riqueza e à glória. Elas o manterão acorrentado até morrer.

— Você fala bastante — observou Mat —, mas como é que vou saber se o que diz é verdade? Como vou saber se posso confiar mais em você do que nelas?

— Escutando o que dizem e o que não dizem. Será que elas vão lhe contar que seu pai veio até Tar Valon?

— Meu pai esteve aqui?

— Um homem chamado Abell Cauthon, e outro chamado Tam al'Thor. Atormentaram todos até conseguirem ser ouvidos, pelo que soube, querendo saber onde estavam você e seus amigos. Siuan Sanche os mandou de volta para Dois Rios de mãos vazias, sem sequer saberem se vocês estavam vivos. Será que elas contarão isso sem que você pergunte? Talvez nem se perguntar, pois você pode tentar fugir de volta para casa.

— Meu pai pensa que estou morto? — inquiriu Mat, devagar.

— Ele pode ser informado de que está vivo. Posso conseguir isso. Pense bem em quem vai confiar, Mat Cauthon. Será que mesmo agora elas lhe contarão que Rand al'Thor está tentando fugir e que há uma tal de Moiraine no encalço dele? Será que lhe contarão que a Ajah Negra infesta a preciosa Torre Branca? Será que contarão ao menos como pretendem usar você?

— Rand está tentando fugir? Mas… — Talvez ela soubesse que Rand se declarou o Dragão Renascido, talvez não, mas ele não diria nada. *A Ajah*

Negra! Sangue e malditas cinzas! — Quem é você, Selene? Se não é Aes Sedai, o que é?

O sorriso dela guardava segredos.

— Apenas lembre-se de que há outra escolha. Você não precisa ser uma marionete da Torre Branca ou uma presa para os Amigos das Trevas de Ba'alzamon. O mundo é mais complexo do que imagina. Faça o que essas Aes Sedai desejam agora, mas lembre-se de que tem outras escolhas. Está bem?

— Creio que não tenho muita escolha — respondeu, sombrio. — Então acho que está bem.

O olhar de Selene se aguçou. A cordialidade deslizou de sua voz como uma cobra trocando a pele.

— Acha? Não vim até aqui e falei com você desse jeito para você achar, Matrim Cauthon. — Ela estendeu a mão magra.

A mão estava vazia, e ela permanecia de pé no meio do quarto, mas ele recuou como se ela estivesse bem em cima dele com uma adaga. Em verdade, não sabia por quê, exceto por uma certa ameaça nos olhos da mulher, algo que ele tinha certeza de que era real. Sentiu a pele começar a formigar, e a dor de cabeça voltou.

De repente, o formigamento e a dor desapareceram juntos, e Selene virou a cabeça como se escutasse algo atrás das paredes. Sua testa se franziu de leve, e ela baixou a mão. Seu rosto voltou ao normal.

— Conversaremos outra vez, Mat. Tenho muito a lhe dizer. Lembre-se de suas escolhas. Lembre-se de que há muitas mãos para matá-lo. Posso sozinha lhe garantir sua vida, e tudo o mais que busca, se fizer como eu disser. — Ela deslizou pela porta, tão silenciosa e delicadamente quanto entrara.

Mat soltou um longo suspiro. O suor escorria por seu rosto. *Quem, pela Luz, é ela?* Uma Amiga das Trevas, talvez. Exceto por demonstrar tanto desprezo por Ba'alzamon quanto pelas Aes Sedai. Amigos das Trevas falavam de Ba'alzamon da mesma forma com que outras pessoas se referem ao Criador. E ela não pedira para ele guardar segredo da sua visita das Aes Sedai.

Está certo, pensou, amargo. *Com licença, Aes Sedai, mas essa mulher veio me visitar. Não era Aes Sedai, mas acho que talvez tenha começado a usar o Poder Único em mim. Ela me disse que não era Amiga das Trevas,*

mas falou que vocês pretendem me usar, e que a Ajah Negra está na sua torre. Ah, e ela disse que sou importante. Não sei como. Posso ir agora?

A ideia de ir embora parecia melhor a cada minuto. Desajeitado, ele deslizou para fora da cama e caminhou, vacilante, até o guarda-roupa, ainda enrolado no cobertor. Suas botas estavam no chão, dentro do armário, e o manto pendia de um pino, sob o cinturão, com a bolsa e a faca de cintura na bainha. Era apenas uma faca comum com uma lâmina pesada, mas servia tão bem quanto qualquer adaga. As outras roupas, dois casacos de lã robustos, três pares de calças, meia dúzia de camisas de linho e roupas de baixo, tinham sido escovadas ou lavadas e dobradas com cuidado sobre as prateleiras que ocupavam um dos lados do guarda-roupa. Ele sentiu a bolsa que pendia do cinturão, mas estava vazia. O conteúdo estava amontoado sobre uma prateleira, junto ao que fora esvaziado dos bolsos.

Ele separou uma pena de gavião vermelha, uma pedra lisa e listrada de cujas cores gostara, a navalha e o canivete com cabo de osso e livrou a bolsa de couro lavado de alguns rolos extras de cordas de arcos. Quando a abriu, descobriu que a memória para aquele assunto estava boa até demais.

— Dois marcos de prata e um punhado de cobres — resmungou. — Não vou muito longe com isso. — Esse dinheiro já parecera uma pequena fortuna para ele, mas isso fora antes de deixar Campo de Emond.

Ele se inclinou para espiar dentro da prateleira. *Onde estão?* Começou a temer que as Aes Sedai os tivessem jogado fora, da mesma forma que sua mãe faria se os encontrasse. *Onde…?* Sentiu uma explosão de alívio. Bem no fundo, atrás do acendedor e do bolo de corda para armadilhas e afins, estavam seus dois copos de dados de couro.

Os dados chacoalharam quando ele puxou os copos, mas mesmo assim ele abriu as tampas redondas de encaixe justo. Estava tudo dentro dos conformes. Cinco dados entalhados com símbolos, para jogar coroas, e cinco marcados com pontinhos. Os dados com pontinhos serviam para vários outros jogos, mas os homens pareciam jogar coroas mais do que qualquer outra coisa. Com esses, os dois marcos que tinha nas mãos seriam suficientes para levá-lo bem longe de Tar Valon. *Longe das Aes Sedai e de Selene.*

A porta foi aberta, imediatamente após uma batida de aviso. Ele deu meia-volta. O Trono de Amyrlin e a Curadora das Crônicas estavam entrando. Ele as reconheceria mesmo sem a estola larga e listrada da Amyrlin e a estola azul e menor da Curadora. Tinha visto as duas apenas uma

única vez, muito longe de Tar Valon, mas jamais se esqueceria das duas mulheres mais poderosas entre as Aes Sedai.

A Amyrlin ergueu as sobrancelhas ao vê-lo de pé ali, com o cobertor pendendo dos ombros e a bolsa e os copos de dados nas mãos.

— Creio que você não precisará disso por algum tempo, filho — disse, em um tom seco. — Guarde-os e volte para a cama antes que caia de cara no chão.

Ele hesitou. Tinha as costas rígidas, mas os joelhos escolheram aquele momento para fraquejar, e as duas Aes Sedai ficaram olhando para ele, olhos negros e azuis encarando-o do mesmo modo, como se parecessem ler cada um de seus pensamentos rebeldes. Ele obedeceu à ordem, envolvendo o cobertor no corpo com ambas as mãos. Deitou-se reto feito uma tábua, sem saber ao certo o que mais poderia fazer.

— Como está se sentindo? — perguntou a Amyrlin bruscamente, pondo uma das mãos na testa de Mat. Arrepios percorreram sua pele. Será que ela fizera algo com o Poder Único ou será que o mero toque de uma Aes Sedai provocava calafrios?

— Estou bem — respondeu. — Ora, já estou pronto para ir. Preciso só me despedir de Egwene e Nynaeve e depois paro de encher vocês. Quer dizer, depois eu me vou… hã… Mãe. — Moiraine e Verin nunca pareceram dar muita atenção ao palavreado dele, mas, de qualquer modo, aquela era o Trono de Amyrlin.

— Bobagem — retrucou a Amyrlin. Ela puxou a cadeira de espaldar alto para perto da cama, sentou-se e dirigiu-se a Leane. — Os homens sempre se recusam a admitir que estão doentes, até ficarem doentes o bastante para dar o dobro de trabalho às mulheres. Depois, afirmam que estão bem cedo demais, e o resultado é o mesmo.

A Curadora lançou um olhar a Mat e assentiu.

— Sim, Mãe, mas este aqui não pode alegar que está bem, já que mal consegue ficar de pé. Pelo menos comeu tudo o que tinha na bandeja.

— Eu ficaria surpresa se ele deixasse migalhas suficientes para atrair um tentilhão. E ainda sente fome, se eu não estiver enganada.

— Posso mandar alguém trazer uma torta, Mãe. Ou alguns bolos.

— Não, acho que ele já comeu bastante por ora. Colocar tudo para fora não lhe fará nada bem.

Mat fechou a cara. Parecia que ficar doente o tornava invisível às mulheres, a não ser que estivessem de fato falando com ele. E elas o tratavam como se fosse pelo menos dez anos mais novo. Nynaeve, sua mãe, suas irmãs, o Trono de Amyrlin, todas agiam assim.

— Não estou com a menor fome — anunciou. — Estou bem. Se me deixarem vestir minhas roupas, mostro a vocês como estou bem. Vou dar o fora daqui antes que percebam. — As duas olhavam para ele, que pigarreou. — Hã… Mãe.

A Amyrlin soltou um grunhido.

— Você comeu uma refeição para cinco, e comerá três ou quatro como essas por mais alguns dias, ou morrerá de fome. Acabou de ser Curado de um elo com o mal que matou todos os homens, mulheres e crianças em Aridhol, e esse mal não enfraqueceu durante os dois mil anos que passou aguardando pelo resgate. Estava matando você da mesma forma que os matou. Não é como prender uma espinha de peixe no dedo, garoto. Nós quase o matamos tentando salvá-lo.

— Não estou com fome — insistiu. Seu estômago roncou alto, denunciando-o.

— Eu compreendi você muito bem da primeira vez que o vi — disse a Amyrlin. — Soube desde o início que você fugiria feito um pássaro pescador assustado se pensasse que alguém está tentando prendê-lo. Por isso, tomei precauções.

Ele olhou as duas, desconfiado.

— Precauções?

Elas o encararam de volta com serenidade. Os olhares das mulheres eram como pregos cravando-o na cama.

— Seu nome e descrição estão a caminho dos guardas da ponte — disse a Amyrlin — e dos arrais. Não vou tentar prendê-lo dentro da Torre, mas você não poderá deixar Tar Valon até se recuperar. Se tentar se esconder na cidade, a fome eventualmente o trará de volta para cá, ou, se não trouxer, nós o encontraremos antes que morra de inanição.

— Por que querem tanto me manter aqui? — inquiriu. Ouviu a voz de Selene. *Querem usar você.* — Por que se importam se eu morrer de fome? Sou capaz de me alimentar.

A Amyrlin soltou um risinho pouco satisfeito.

— Com dois marcos de prata e um punhado de cobre, meu filho? Seria preciso de fato muita sorte nos dados para comprar toda a comida necessária pelos próximos dias. Não Curamos alguém para depois deixá-los jogar nosso trabalho fora, morrendo enquanto ainda precisam de cuidados. Além do mais, talvez você ainda precise de mais Cura.

— Mais? A senhora disse que havia me Curado. Por que eu precisaria de mais?

— Meu filho, você carregou aquela adaga por meses. Creio que conseguimos remover todos os traços, mas, se tivermos deixado escapar a menor partícula, ainda pode ser fatal. E quem é que sabe que efeitos esse objeto pode ter causado, por ficar em sua posse por tanto tempo? Daqui a seis meses ou um ano, pode ser que ainda deseje uma Aes Sedai por perto para Curá-lo de novo.

— Quer que eu passe um ano aqui? — perguntou, incrédulo, num tom alto.

Leane mexeu os pés e o olhou com rispidez, mas o rosto tranquilo da Amyrlin não se alterou.

— Talvez não tanto tempo, meu filho. Porém, o suficiente para termos certeza. Sem dúvida você quer o mesmo. Entraria num barco sem saber se a calafetagem é segura ou se o assoalho está firme?

— Nunca me interessei por barcos — resmungou Mat. Talvez fosse verdade. Aes Sedai nunca mentiam, mas havia "talvez" e "porém" demais naquelas promessas. — Estou longe de casa há muito tempo, Mãe. Meus pais provavelmente pensam que estou morto.

— Se quiser escrever uma carta para eles, posso garantir que chegue até Campo de Emond.

Mat esperou por algo mais, mas nada veio.

— Obrigado, Mãe. — Ele ensaiou uma pequena risada. — Estou bem surpreso por meu pai não ter vindo procurar por mim. Ele é o tipo de homem que faria isso. — Não tinha certeza, mas achou que a Amyrlin hesitou levemente antes de responder.

— Ele veio. Leane conversou com ele.

A Curadora se pronunciou no mesmo instante.

— Ainda não sabíamos onde você estava, Mat. Eu disse isso a ele, e ele foi embora antes das nevascas. Dei algum ouro para ajudar na viagem de volta para casa.

— Sem dúvida — prosseguiu a Amyrlin — ele ficará feliz em ter notícias suas. E sua mãe também, decerto. Pode me entregar a carta assim que escrevê-la, eu cuidarei dela.

Elas contaram, mas ele tivera que perguntar. *E não mencionaram o pai de Rand. Talvez por pensarem que eu não me importaria, e talvez porque… Que me queime, não sei. Quem é que sabe, quando se trata das Aes Sedai?*

— Eu estava viajando com um amigo, Mãe. Rand al'Thor. A senhora se lembra dele. Sabe se ele está bem? Aposto que o pai dele também está preocupado.

— Até onde sei — disse a Amyrlin, muito calma —, o rapaz está bem, mas quem pode garantir? Eu o vi apenas uma vez, quando encontrei vocês em Fal Dara. — Ela se virou para a Curadora. — Talvez seja bom trazer um pedaço de torta, Leane. E algo para a garganta, se o rapaz continuar falando assim. Pode providenciar isso?

A Aes Sedai alta saiu, murmurando:

— Como a senhora ordenar, Mãe.

Quando a Amyrlin se virou de volta para Mat, ela sorria, mas tinha os olhos azuis como gelo.

— Há certas coisas perigosas de se conversar, talvez mesmo na frente de Leane. Uma língua solta pode matar mais homens do que muitas tempestades.

— Perigosas, Mãe? — Ele de súbito sentiu a boca seca, mas resistiu ao impulso de lamber os lábios. *Luz, quanto será que ela sabe sobre Rand? Se pelo menos Moiraine não guardasse tantos segredos.* — Mãe, não sei de nada perigoso. Mal consigo me lembrar da metade do que sei.

— Você se lembra da Trombeta?

— Que trombeta é essa, Mãe?

Ela levantou-se e partiu para cima dele tão depressa que Mat mal a viu se mover.

— Se ficar de brincadeiras comigo, garoto, farei você chorar pedindo pela mamãe. Não tenho tempo para brincadeiras, e nem você. Então… você… se lembra?

Ele agarrou o cobertor com força em volta do corpo. Precisou engolir antes de responder:

— Eu me lembro, Mãe.

Ela pareceu relaxar, pelo menos um pouco, e o rapaz encolheu os ombros, nauseado. Sentia como se acabasse de receber permissão para

erguê-los de um cepo de decapitação.

— Bom. Muito bom, Mat. — Ela se sentou devagar, examinando-o. — Você sabia que está ligado à Trombeta? — Em choque, ele repetiu a palavra "ligado" apenas movendo os lábios, e ela assentiu. — Imaginei que não soubesse. Você foi o primeiro a soar a Trombeta de Valere, depois que ela foi encontrada. Por você, ela invocará heróis mortos de volta dos túmulos. Para qualquer outro, é apenas uma trombeta, enquanto você viver.

Ele respirou fundo.

— Enquanto eu viver — repetiu, com a voz inexpressiva, e a Amyrlin assentiu. — Vocês poderiam ter me deixado morrer. — Ela assentiu outra vez. — Então qualquer outro poderia soar a Trombeta. — Mais uma anuência. — Sangue e cinzas! Querem que eu soe a Trombeta para vocês. Quando a Última Batalha chegar, querem que eu invoque os heróis mortos das tumbas para lutar contra o Tenebroso. Sangue e malditas cinzas!

Ela pousou o cotovelo em um dos braços da cadeira e apoiou o queixo na mão. Não desviou os olhos dele.

— Preferia a outra opção?

Ele franziu a testa, depois lembrou qual era a outra opção. Se mais alguém tivesse que soar a Trombeta…

— Querem que eu soe a Trombeta? Então soarei a Trombeta. Nunca disse que não faria isso, disse?

A Amyrlin soltou um suspiro exasperado.

— Você me lembra do meu tio, Huan. Ele não se comprometia com nada. Também gostava de jogar e preferia a diversão ao trabalho. Morreu salvando crianças de uma casa em chamas. Não parou de retornar à casa até todas serem salvas. Será que você é como ele, Mat? Estará presente na hora do incêndio?

Ele não conseguia olhá-la nos olhos. Encarava os próprios dedos, que puxavam o cobertor com irritação.

— Não sou um herói. Farei o que for preciso, mas não sou um herói.

— Muitos a quem chamamos de heróis fizeram apenas o que tinham que fazer. Acho que já basta. Por enquanto. Não deve falar com ninguém a respeito da Trombeta, meu filho. Ou de sua ligação com ela.

Por enquanto?, pensou. *Não vai conseguir mais nada, nem agora nem nunca.*

— Não pretendo espalhar essa porcar… — Ela arqueou uma sobrancelha, e ele baixou a voz outra vez. — Não pretendo contar a ninguém. Queria que ninguém soubesse. Por que a senhora quer manter isso em segredo? Não confia nas suas Aes Sedai?

Por um instante ele pensou que fora longe demais. O rosto da mulher enrijeceu, e ela lançou um olhar capaz de decepar o cabo de machado.

— Se eu pudesse deixar isso somente entre nós dois — respondeu, com frieza —, deixaria. Quanto mais pessoas sabem de algo, mais a informação se espalha, mesmo com a melhor das intenções. A maioria acredita que a Trombeta de Valere não passa de uma lenda, e os que sabem a verdade creem que os Caçadores ainda não a encontraram. Mas Shayol Ghul sabe que ela foi encontrada, e isso significa que pelo menos alguns Amigos das Trevas também sabem. Mas eles não sabem onde ela está, e, se a Luz nos iluminar, também não sabem que você a soou. Quer ter Amigos das Trevas no seu encalço? Meios-homens ou outras criaturas da sombra? Eles querem a Trombeta. Você precisa estar ciente disso. Ela servirá tão bem para a Luz quanto para a Sombra. Mas, se for para servir a eles, precisam levá-lo ou matá-lo. Quer arriscar isso?

Mat desejou ter outro cobertor, e também um edredom de penas de ganso. O quarto de repente esfriara demais.

— Está dizendo que Amigos das Trevas podem me perseguir até aqui? Pensei que a Torre Branca fosse capaz de mantê-los longe. — Ele se lembrou do que Selene dissera sobre a Ajah Negra, e imaginou o que a Amyrlin diria a respeito.

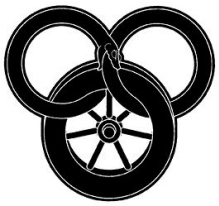
— Excelente razão para ficar, não acha? — Ela se levantou, alisando a saia. — Descanse, meu filho. Logo estará se sentindo bem melhor. — Fechou a porta com delicadeza ao passar.

Por um bom tempo, Mat ficou deitado, encarando o teto. Mal notou quando uma serviçal entrou com a fatia de torta e outra jarra de leite, levando a bandeja com os pratos vazios ao sair. Seu estômago roncou alto com o aroma cálido de maçãs e especiarias, mas ele também não deu atenção. A Amyrlin pensava que o controlava como uma ovelha em um redil. E Selene… *Pela Luz, quem é ela? O que será que ela quer?* Selene tinha razão em relação a certas coisas, porém, a Amyrlin afirmara que pretendia usá-lo, e como. De certa forma. Ela deixara informações demais de fora para o gosto dele, informações que poderiam ser sobre algo mortal. A Amyrlin

queria algo, Selene queria algo, e ele era a corda que cada uma puxava para si. Pensou que preferia enfrentar Trollocs a estar no meio daquelas duas.

Tinha de haver um meio de sair de Tar Valon sem que nenhuma das duas o agarrasse. Depois de atravessar o rio, estaria longe das mãos da Aes Sedai, de Selene e também dos Amigos das Trevas. Tinha certeza. Tinha de haver um meio. Ele só precisava pensar em todas as possibilidades.

A torta esfriou na mesa.



CAPÍTULO 21



O Mundo dos Sonhos

Egwene cruzou, apressada, o corredor mal iluminado, ainda limpando as mãos em uma toalha. Já as lavara duas vezes, mas ainda as sentia engorduradas. Jamais imaginara que pudesse haver tantas panelas no mundo. E tinha sido dia de assado, por isso baldes de cinzas tiveram de ser removidos dos fornos. E os fogões, limpos. E as mesas, polidas com areia fina até ficarem brancas, o chão, esfregado, com Egwene ajoelhada no chão. Havia manchas de cinzas e de gordura em seu vestido branco. Sua cabeça doía, e ela queria estar na cama, mas Verin fora até as cozinhas, supostamente para solicitar uma refeição para levar para o quarto, e chamou-a com um sussurro ao passar.

Os aposentos de Verin ficavam acima da biblioteca, em corredores usados apenas por algumas outras irmãs Marrons. Havia um ar empoeirado naqueles corredores, como se as mulheres que vivessem ali fossem muito ocupadas para se preocupar em chamar as serviçais para limpar com frequência. As passagens faziam muitas curvas, às vezes com subidas e declives inesperados. Havia pouca tapeçaria, os tecidos coloridos, que pareciam ser limpos com a mesma frequência que todo o restante, estavam desbotados. Muitos lampiões estavam apagados, e a maior parte da ala ficava imersa na escuridão. Egwene pensava ter toda a ala para si, exceto por uma luz que piscava mais adiante, talvez de uma noviça ou serviçal em alguma tarefa. Seus sapatos estalavam nos azulejos brancos e pretos,

produzindo ecos. Não era um lugar confortável para alguém cujos pensamentos giravam em torno da Ajah Negra.

Ela encontrou o que Verin a mandara procurar: uma porta com painéis no topo de uma rampa, ao lado da tapeçaria empoeirada de um rei montado em um cavalo enquanto recebia a rendição de outro rei. Verin dissera os nomes dos dois, mortos centenas de anos antes do nascimento de Artur Asa-de-gavião. A mulher sempre sabia essas coisas, mas Egwene não conseguia se lembrar dos nomes dos homens ou dos países havia muito extintos que eles governavam. Porém, aquela era a única tapeçaria de parede que correspondia à descrição de Verin.

Sem o som de seus próprios passos, o corredor parecia ainda mais vazio que antes, e mais ameaçador. Ela bateu à porta e entrou, apressada, assim que ouviu um distraído "Quem é? Pode entrar".

Depois de um passo para dentro do quarto, ela parou e olhou em volta. Prateleiras preenchiam as paredes, exceto onde havia uma porta, que decerto levava aos cômodos internos, e nos pontos onde estavam pendurados mapas e gráficos que pareciam retratar o céu noturno. Ela reconheceu os nomes de algumas constelações, o Fazendeiro e a Carroça de Feno, o Arqueiro e as Cinco Irmãs, mas as outras eram um mistério. Livros, papéis e rolos de pergaminho cobriam quase todas as superfícies, e todo tipo de objetos estranhos se intercalavam entre as pilhas ou sobre elas. Tinham formatos estranhos, feitos de vidro ou metal. Esferas e tubos interligados e círculos dentro de outros círculos estavam largados em meio a ossos e crânios de todos os tamanhos e formas. O que parecia ser uma coruja marrom empalhada, não muito maior do que a mão de Egwene, estava sobre o que talvez fosse o crânio branco de um lagarto, mas poderia não ser, pois era maior que o braço dela e tinha dentes tortos maiores que seus dedos. Havia candelabros dispostos de forma caótica, o que deixava a iluminação irregular, parecendo a ponto de incendiar alguns papéis. A coruja piscou para ela, e Egwene sobressaltou-se.

— Ah, sim — disse Verin. A mulher estava sentada atrás de uma mesa tão atulhada quanto tudo o mais que havia no quarto, segurando com muito cuidado uma folha rasgada. — É você. Sim. — Ela notou o olhar de esguelha que Egwene lançou à coruja e disse, distraída: — Afugenta os ratos. Eles comem papel. — Ela fez um gesto que abrangeu o quarto inteiro, então lembrou-se da folha que segurava. — Fascinante, isso aqui. Rosel de Essam

afirmou que mais de cem páginas sobreviveram à Ruptura, e ela devia estar certa, já que escreveu apenas uns duzentos anos depois, mas, até onde sei, hoje em dia só existe este pedaço. Talvez apenas esta cópia. Rosel escreveu que elas guardavam segredos que o mundo não teria condições de encarar, sobre os quais não falaria abertamente. Li esta página mil vezes, tentando decifrar o que ela quis dizer.

A pequena coruja piscou para Egwene outra vez. Ela tentou não olhar.

— O que a página diz, Verin Sedai?

A mulher piscou, quase como a coruja.

— O que diz? É uma tradução direta, veja bem, e lê-se quase como o recital de um bardo em Alto Canto. Escute: "Coração das Trevas. Ba'alzamon. Nome encoberto por nome oculto por nome. Segredo sepultado sobre segredo escondido por segredo. Traidor da Esperança. Ishamael trai toda a esperança. A verdade arde e queima. A esperança diante da verdade. Uma mentira é nosso escudo. Quem pode se opor ao Coração das Trevas? Quem pode enfrentar o Traidor da Esperança? Alma da Sombra, Alma da Sombra, ele é…" — Ela parou, com um suspiro. — Termina aqui. O que acha?

— Não sei — respondeu Egwene. — Não gostei.

— Ora, e por que deveria, criança? Gostar ou compreender? Eu o estudei por quase quarenta anos e também não gosto nem entendo. — Verin guardou a folha com cuidado em uma pasta de couro rígida forrada de seda, depois a jogou com displicência em uma pilha de papéis. — Mas você não veio aqui para isso. — Ela revirou a mesa, resmungando sozinha, e várias vezes mal conseguiu conter o desabamento de uma pilha de livros ou manuscritos. Enfim, pegou um punhado de folhas escritas em caligrafia fina e ininteligível e presas com um barbante espesso. — Tome, criança. Tudo o que se sabe sobre Liandrin e as mulheres que fugiram com ela. Nomes, idades, Ajahs, locais de nascimento. Tudo o que encontrei nos registros. Até como se saíram nos estudos. E também tudo o que sabemos sobre os *ter'angreal* que levaram, o que não é muito. A maior parte é apenas de descrições. Não sei se alguma dessas coisas pode ajudar. Não encontrei nada de útil.

— Talvez uma de nós encontre alguma coisa. — Uma súbita onda de desconfiança tomou Egwene de surpresa. *Se ela não tiver deixado nada de fora*. A Amyrlin parecia confiar em Verin apenas porque precisava. E se a

própria Verin fosse da Ajah Negra? Ela se obrigou a parar aquela linha de raciocínio. Viajara da Ponta de Toman até Tar Valon com Verin, e se recusava a acreditar que a estudiosa roliça pudesse ser uma Amiga das Trevas. — Eu confio na senhora, Verin Sedai. — *Será que posso, mesmo?*

A Aes Sedai piscou para ela mais uma vez, depois afastou qualquer pensamento que houvesse lhe ocorrido sacudindo a cabeça.

— Essa lista que lhe entreguei pode ser importante, e também pode ser um desperdício de papel, mas não é a única razão pela qual a chamei aqui. — Ela começou a mover os objetos na mesa para liberar espaço, aumentando ainda mais algumas pilhas já instáveis. — Soube por Anaiya que você pode se revelar uma Sonhadora. A última foi Corianin Nedeal, há quatrocentos e setenta e três anos, e, pelo que entendi dos registros, ela mal merecia o título. Seria muito interessante se você se tornasse uma.

— Ela me testou, Verin Sedai, mas não soube dizer se meus sonhos preveem o futuro.

— Isso é apenas parte do que faz uma Sonhadora, criança. Talvez a menor parte. A educação que Anaiya acredita que seja melhor para as garotas é muito lenta, na minha opinião. Olhe aqui. — Com um dedo, Verin traçou um número de linhas paralelas ao longo da área que havia liberado, linhas sobre a poeira que cobria a cera de abelha velha. — Digamos que isso represente mundos que poderiam existir se escolhas diferentes tivessem sido feitas, se os grandes momentos decisivos do Padrão tivessem conduzido a outros caminhos.

— Os mundos alcançados pelas Pedras-portais — disse Egwene, para mostrar que havia prestado atenção às lições de Verin no caminho desde a Ponta de Toman. O que aquilo tinha a ver com ela ser ou não uma Sonhadora?

— Muito bem. Mas o Padrão pode ser ainda mais complexo que isso, criança. A Roda tece nossas vidas para formar o Padrão de uma Era, mas as próprias Eras são tecidas na Renda da Era, no Grande Padrão. No entanto, quem é que pode afirmar se essa é sequer a décima parte da trama? Parece que algumas pessoas da Era das Lendas acreditavam que havia ainda outros mundos, até mais difíceis de alcançar do que os mundos das Pedras-portais, se é que se pode acreditar nisso. Eles ficam dispostos dessa forma. — Ela desenhou outras linhas, entrecruzando as primeiras. Por um instante, observou-as. — O fuso e a urdidura da trama. Talvez a Roda do Tempo teça

um Padrão ainda maior para os mundos. — Ela se endireitou e espanou a poeira das mãos. — Bem, não importa. Em todos esses mundos, ou em qualquer uma de suas variações, poucas coisas são constantes. Uma delas é que o Tenebroso está preso em todos os mundos.

Involuntariamente, Egwene deu um passo à frente para espiar as linhas que Verin havia traçado.

— Em todos eles? Como pode? Quer dizer que existe um Pai das Mentiras para cada mundo? — A ideia de haver tantos Tenebrosos a fez estremecer.

— Não, criança. Há apenas um Criador, que existe em todos os lugares ao mesmo tempo, em todos esses mundos. Da mesma forma, há apenas um Tenebroso, que também existe em todos os mundos ao mesmo tempo. Se ele for libertado da prisão que o Criador construiu em um dos mundos, será libertado em todos os outros. Enquanto permanecer preso em um, permanecerá preso em todos.

— Isso não parece fazer muito sentido — protestou Egwene.

— É um paradoxo, criança. O Tenebroso é a personificação do paradoxo e do caos, o exterminador da razão e da lógica, o destruidor do equilíbrio, o desmantelador da ordem.

De repente, a coruja levantou voo com as asas silenciosas e pousou em um grande crânio branco que havia em uma prateleira atrás da Aes Sedai. Encarou as duas mulheres, piscando. Egwene havia notado o crânio ao entrar no quarto, com chifres torcidos e focinho, e se perguntou que tipo de carneiro teria uma cabeça tão grande. Agora, percebia como a cabeça era redonda, e a testa, alta. Não era um crânio de carneiro. Era de um Trolloc.

Ela ofegou, trêmula.

— Verin Sedai, o que isso tem a ver com ser uma Sonhadora? O Tenebroso está preso em Shayol Ghul, e não quero nem imaginá-lo escapando. — *Mas os selos da prisão estão enfraquecendo. Até as noviças já sabem disso.*

— O que tem a ver com ser uma Sonhadora? Ora, nada, criança. Exceto que todos nós precisamos enfrentar o Tenebroso, de uma forma ou de outra. Ele está preso agora, mas o Padrão não trouxe Rand al'Thor ao mundo à toa. O Dragão Renascido enfrentará o Senhor do Túmulo, disso não há dúvidas. Se Rand sobreviver até lá, é claro. O Tenebroso tentará distorcer o Padrão, se puder. Bem, até que já avançamos bastante, não é?

— Me desculpe, Verin Sedai, mas se isso — Egwene indicou as linhas traçadas na poeira — não tem nada a ver com ser uma Sonhadora, por que a senhora está me dizendo todas essas coisas?

Verin a encarou, como se a burrice da garota fosse proposital.

— Nada? É claro que tem algo a ver, criança. A questão é que há uma terceira constante além do Criador e do Tenebroso. Existe um mundo que se encontra *dentro* de cada um desses outros, dentro de todos eles ao mesmo tempo. Ou talvez ao redor deles. Os escritores da Era das Lendas o chamavam de *Tel'aran'rhiod*, "o Mundo Invisível". Talvez "o Mundo dos Sonhos" seja uma tradução melhor. Muitas pessoas, gente comum que sequer pensaria em canalizar, às vezes vislumbram *Tel'aran'rhiod* em seus sonhos e até veem uma centelha desses outros mundos através dele. Pense em algumas das coisas peculiares que seus sonhos já lhe mostraram. No entanto, criança, uma Sonhadora, uma verdadeira Sonhadora, é capaz de adentrar *Tel'aran'rhiod*.

Egwene engoliu em seco.

— Eu… acho que não sou uma Sonhadora, Verin Sedai. Os testes de Anaiya Sedai…

Verin a interrompeu:

— Não provam nada, nem que sim nem que não. E Anaiya ainda acredita que você pode muito bem ser uma.

— Acho que vou acabar descobrindo se sou ou não — murmurou Egwene. *Luz, eu quero ser, não quero? Quero aprender! Quero tudo.*

— Não há tempo a perder, criança. A Amyrlin confiou uma grande tarefa a você e Nynaeve. Vocês precisam buscar quaisquer ferramentas que sejam capazes de usar. — Verin desenterrou uma caixa de madeira vermelha da bagunça na mesa. A caixa era grande o bastante para conter folhas de papel, mas, quando a Aes Sedai abriu a tampa, puxou apenas um anel de pedra entalhada, todo pontilhado e listrado de azul, marrom e vermelho, grande demais para caber em qualquer dedo. — Tome, criança.

Egwene largou os papéis para pegá-lo e arregalou os olhos, surpresa. O anel sem dúvida parecia de pedra, mas era mais duro que aço e mais pesado que chumbo. E o aro era todo retorcido. Se ela passasse o dedo pela borda, percorreria o anel inteiro, dentro e fora, sem deixar de tocá-la. Parecia que ele era todo feito de uma mesma superfície, de um só lado. Ela passou o dedo por ele duas vezes, só para se convencer.

— Corianin Nedeal manteve a posse desse *ter'angreal* por quase toda a vida — explicou Verin. — Agora, ele será seu.

Egwene quase deixou o objeto cair. *Um* ter'angreal? *Eu terei um* ter'angreal?

Verin pareceu não ter percebido o choque.

— Segundo Corianin, ele facilita a passagem para *Tel'aran'rhiod*. Ela afirmava que funcionava tanto para os sem Talento quanto para Aes Sedai, desde que a pessoa o tocasse durante o sono. Naturalmente, existem riscos. *Tel'aran'rhiod* não é como outros sonhos. O que acontece por lá é real: em vez de apenas vislumbrar, você estará de fato presente. — Ela puxou a manga do vestido, revelando uma cicatriz fraca, da extensão de seu antebraço. — Eu já tentei uma vez, há alguns anos. A cura de Anaiya não funcionou tão bem quanto deveria. Lembre-se disso. — A Aes Sedai voltou a cobrir a cicatriz com a manga.

— Vou tomar cuidado, Verin Sedai. — *Real? Meus sonhos já são ruins o bastante. Não quero sonhos que deixem cicatrizes! Vou guardar esse anel em um saco, enfiar em um canto escuro e deixá-lo por lá. Vou…* Mas ela queria aprender. Queria ser uma Aes Sedai, e não existiam Sonhadoras havia quase quinhentos anos. — Vou tomar muito cuidado. — Ela guardou o anel dentro da bolsa e puxou a corda com força, depois recolheu os papéis que Verin havia lhe entregado.

— Lembre-se de escondê-lo, criança. Nenhuma noviça, nem sequer uma Aceita, deve ter um objeto como esse em sua posse. No entanto, ele pode se provar útil para você. Esconda-o.

— Está bem, Verin Sedai. — Ao se lembrar da cicatriz da mulher, quase desejou que outra Aes Sedai chegasse naquele instante e tomasse o anel dela.

— Muito bem, criança. Agora saia daqui. Já está tarde, e você precisa se levantar cedo para ajudar com o café da manhã. Durma bem.

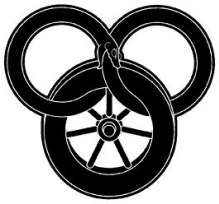
* * *

Depois que a porta se fechou ao Egwene passar, Verin permaneceu sentada, encarando-a, por algum tempo. A coruja piou baixinho atrás dela, que puxou a caixa vermelha, abriu a tampa e franziu a testa para o que preenchia quase todo o espaço.

Página e mais páginas, cheias de palavras escritas em uma caligrafia precisa, e a tinta preta quase não desbotara depois de quase quinhentos anos. As anotações de Corianin Nedeal, tudo o que ela havia aprendido durante os cinquenta anos que estudou aquele *ter'angreal* peculiar. Uma mulher misteriosa, Corianin. Escondia dos outros a maior parte de seu conhecimento, confiando-o apenas àquelas páginas. Apenas a sorte e o hábito de revirar papéis antigos da biblioteca haviam levado Verin até elas. Até onde ela descobrira, nenhuma Aes Sedai além da própria Corianin sabia do *ter'angreal*: a mulher conseguira apagar todos os registros de sua existência.

Mais uma vez, Verin considerou queimar o manuscrito, da mesma forma que havia considerado entregá-lo a Egwene. Entretanto, destruir conhecimento, qualquer conhecimento, era inconcebível para ela. E dá-lo… *Não. É muito melhor deixar as coisas como estão. O que tiver de acontecer acontecerá.* Ela fechou a tampa. *Agora… onde foi que deixei aquela folha?*

Franzindo a testa, começou a revirar as pilhas de livros e papéis à procura da pasta de couro. Egwene já não ocupava mais seus pensamentos.



CAPÍTULO 22



O Preço do Anel

Egwene mal havia saído dos aposentos de Verin quando Sheriam a encontrou. A Mestra das Noviças estava de testa franzida, preocupada.

— Se alguém não tivesse se lembrado de vê-la conversando com Verin, eu não a teria encontrado. — A Aes Sedai parecia um pouco irritada. — Venha, criança. Só estamos esperando você! Que papéis são esses?

Egwene os agarrou com um pouco mais de força. Tentou soar ao mesmo tempo submissa e respeitosa.

— Verin Sedai acha que eu devo estudá-los, Aes Sedai.

O que faria se Sheriam pedisse para vê-los? Que desculpa daria para se recusar a entregá-los, que explicação teria para as páginas que mencionavam as treze mulheres da Ajah Negra e os *ter'angreal* roubados?

Sheriam, no entanto, pareceu se esquecer dos papéis no instante em que perguntou por eles.

— Deixe isso para lá. Você está sendo chamada, todas estão aguardando. — Ela puxou Egwene pelo braço e a forçou a caminhar mais depressa.

— Chamada, Sheriam Sedai? Estão me esperando para quê?

Sheriam balançou a cabeça, exasperada.

— Você esqueceu que será elevada a Aceita? Quando for ao meu gabinete, amanhã, já estará usando o anel, embora eu duvide que isso vá torná-la mais mansa.

Egwene tentou parar de andar, mas a Aes Sedai a mandou seguir, entrando em um lance de escadas estreitas, que conduziam abaixo em espiral pelas paredes da biblioteca.

— Hoje à noite? Já? Mas estou morrendo de sono, Aes Sedai, e suja, e… pensei que ainda teria alguns dias. Para ficar pronta. Para me preparar.

— O tempo não espera por mulher alguma — retrucou Sheriam. — Há de ser o que a Roda tecer, *quando* a Roda tecer. Além do mais, como é que você iria se preparar? Já sabe tudo de que precisa. Mais do que sua amiga, Nynaeve, sabia. — Ela empurrou Egwene por uma porta minúscula ao pé da escadaria e a conduziu apressadamente por outro corredor, até uma rampa que descia em curva.

— Eu prestei atenção às aulas — protestou Egwene — e me lembro de todas, mas… será que não posso ter uma noite de sono primeiro? — A rampa sinuosa parecia não ter fim.

— O Trono de Amyrlin decidiu que não há razão para esperar. — Sheriam lançou um sorriso de soslaio a Egwene. — As palavras exatas foram "depois que se decide estripar um peixe, não há por que esperar que ele apodreça". A essa hora, Elayne já passou pelos arcos, e a Amyrlin quer que você passe também, ainda hoje. Não que eu veja motivo para tanta pressa — acrescentou, quase para si mesma —, mas, quando a Amyrlin ordena, nós obedecemos.

Egwene se deixou ser levada pela rampa em silêncio, um nó se formando no estômago. Nynaeve estava longe de conversar abertamente sobre o que aconteceu quando foi elevada a Aceita. Tudo o que dizia sobre o assunto era um "odeio as Aes Sedai!", acompanhado de uma careta. Quando a rampa enfim terminou em um corredor largo, bem abaixo da Torre no rochedo da ilha, Egwene tremia.

O corredor era simples e sem decoração, a pedra clara onde ele fora construído tinha sido alisada, mas fora isso estava intocada. Bem no final havia apenas uma porta dupla de madeira escura, feita de tábuas com bom acabamento e ajuste fino, além de alta e larga como o portão de uma fortaleza, e tão simples quanto o restante do ambiente. As grandes portas eram tão bem-feitas que Sheriam abriu uma delas sem dificuldade com um empurrão, puxando Egwene atrás de si e adentrando um grande aposento com teto abobadado.

— Já não era sem tempo! — reclamou Elaida.

Ela estava parada em um dos cantos, usando o xale de franjas vermelhas, ao lado de uma mesa na qual jaziam três grandes cálices de prata.

Lampiões em suportes altos iluminavam o aposento e o que havia no centro, embaixo da cúpula. Era um artefato formado por três arcos de prata arredondados, com altura suficiente para ultrapassar uma pessoa, e cujas bases se tocavam, interligadas por um círculo de prata, compondo uma mesma peça. Uma Aes Sedai estava sentada de pernas cruzadas na pedra nua que havia à frente de cada um dos pontos onde os arcos se apoiavam no círculo. As três usavam os xales. Alanna era da Ajah Verde, mas Egwene não conhecia a irmã Amarela e nem a Branca.

Envoltas pelo brilho tênue de *saidar*, as três Aes Sedai olhavam fixamente para os arcos, e, no interior da estrutura de prata, um brilho crescente cintilava em resposta. A estrutura era um *ter'angreal*, e qualquer que tivesse sido seu propósito na Era das Lendas, nesse momento era por onde as noviças passavam para se tornarem Aceitas. Ali dentro, Egwene teria que enfrentar seus medos. Três vezes. A luz branca no interior dos arcos já não cintilava, apenas pairava dentro deles, como se estivesse confinada. Mas ainda assim preenchia o espaço, tornando-o opaco.

— Calma, Elaida — respondeu Sheriam, muito tranquila. — Não vai demorar. — Ela se virou para Egwene. — As noviças recebem três chances. Você pode se recusar a entrar duas vezes, mas, na terceira recusa, será expulsa da Torre para sempre. Em geral, é assim que acontece, e você sem dúvida tem o direito de recusar, mas não creio que o Trono de Amyrlin ficará satisfeita se isso acontecer.

— Ela não deveria ter essa chance. — A voz de Elaida era como ferro, e seu rosto não era muito mais suave. — Não me interessa qual é seu potencial. Ela deveria ser expulsa da Torre. Ou ser obrigada a esfregar o chão pelos próximos dez anos.

Sheriam lançou à irmã Vermelha um olhar cortante.

— Você não foi tão inflexível em relação a Elayne. E exigiu participar, Elaida, talvez por causa de Elayne, e agora também fará sua parte por essa garota, como deve ser. Ou sairá daqui, e eu encontrarei outra.

As duas Aes Sedai se encararam, e Egwene não se surpreenderia se visse o brilho do Poder Único envolvê-las. Enfim, Elaida jogou a cabeça para trás e fungou alto.

— Se deve ser feito, façamos logo. Dê a essa infeliz a chance de recusar e acabar logo com tudo. Está tarde.

— Não vou recusar. — A voz de Egwene vacilou, mas ela a deixou mais firme e ergueu a cabeça. — Quero continuar.

— Bom — disse Sheriam. — Bom. Agora, vou lhe dizer duas coisas que mulher alguma ouve até chegar no lugar onde você se encontra. Depois que começar, deve ir até o fim. Caso se recuse a prosseguir, em qualquer momento, será expulsa da Torre como se tivesse se recusado a começar pela terceira vez. E segundo, buscar, se empenhar, significa enfrentar o perigo. — Ela parecia ter repetido aquela frase inúmeras vezes. Havia um lampejo de compaixão em seus olhos, mas o rosto era quase tão austero quanto o de Elaida. A compaixão assustou Egwene mais do que a austeridade. — Algumas mulheres entraram e nunca saíram. Quando o *ter'angreal* se aquietou, elas… não… estavam… lá. E nunca mais foram vistas. Se quiser sobreviver, precisa ser firme. Se hesitar, se falhar… — A expressão de Sheriam pronunciava as palavras não ditas. Egwene estremeceu. — Esta é sua última chance. Caso se recuse agora, conta apenas como a primeira. Ainda poderá tentar outras duas. Se aceitar agora, não há como voltar atrás. Não é uma vergonha recusar. Eu mesma não consegui na minha primeira vez que vim aqui. Escolha.

Elas nunca voltaram? Egwene engoliu em seco. *Quero ser uma Aes Sedai. Mas antes tenho que me tornar Aceita.*

— Eu aceito.

Sheriam assentiu.

— Então apronte-se.

Egwene apenas piscou, e então lembrou. Tinha que entrar sem roupas. Ela se agachou para depositar o embrulho de papéis que Verin tinha lhe entregado… e hesitou. Se os deixasse ali, Sheriam ou Elaida poderiam mexer neles enquanto ela estivesse dentro do *ter'angreal*. Poderiam descobrir o *ter'angreal* menor em sua bolsa. Se ela se recusasse a prosseguir, poderia escondê-los, talvez deixá-los com Nynaeve. Ela prendeu a respiração. *Não posso recusar agora. Já comecei.*

— Decidiu recusar, criança? — perguntou Sheriam, franzindo a testa. — Sabendo o que isso significa, a essa altura?

— Não, Aes Sedai — respondeu Egwene, mais do que depressa.

Rapidamente, ela se despiu e dobrou as roupas, depois as depositou sobre a bolsa e os papéis. Teria que ser suficiente.

Junto ao *ter'angreal*, Alanna falou de repente:

— Há uma espécie de… ressonância. — Ela não tirou os olhos dos arcos. — Quase um eco. Não sei de onde vem.

— Algum problema? — perguntou Sheriam, com rispidez. Também parecia surpresa. — Não vou mandar mulher nenhuma aí para dentro se houver algum problema.

Egwene olhou, ansiosa, para a pilha de roupas. *Por favor, sim, Luz, um problema. Alguma coisa que me permita esconder esses papéis sem ter que me recusar a entrar.*

— Não — respondeu Alanna. — Parece o zumbido de um picadinha voando em volta da nossa cabeça quando estamos tentando pensar, mas não chega a interferir. Não teria mencionado, mas nunca aconteceu antes, que eu saiba. — Ela balançou a cabeça. — Já passou.

— Talvez — disse Elaida, secamente — outras tenham pensado que ocorrências tão pequenas não valessem a pena ser mencionadas.

— Vamos em frente. — Pelo tom, Sheriam não toleraria mais distrações. — Venha.

Egwene lançou um último olhar às roupas e aos papéis escondidos e seguiu em direção aos arcos. A pedra sob seus pés estava gélida.

— Quem trazes contigo, Irmã? — inquiriu Elaida.

Em seu ritmo comedido, Sheriam respondeu:

— Alguém que se apresenta como candidata à Aceitação, Irmã.

As três Aes Sedai ao redor do *ter'angreal* não se moviam.

— Ela está pronta?

— Está pronta para deixar para trás o que era e, ao passar por seus próprios medos, ser Aceita.

— Ela conhece seus medos?

— Ela nunca os encarou, mas agora está disposta.

— Então que ela encare o que teme. — Mesmo com a formalidade, havia um toque de satisfação na voz de Elaida.

— A primeira vez — disse Sheriam — é pelo que foi. A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

Egwene respirou fundo e deu um passo à frente, adentrando o arco e o brilho. A luz a tragou por inteiro.

* * *

— Jaim Dawtry passou por aqui. Ele disse que o mascate trouxe uma notícia estranha de Baerlon.

Egwene ergueu a cabeça do berço que balançava. Rand estava parado diante da porta. Por um instante, ficou tonta. Ela olhou de Rand — *meu marido* — para a criança no berço — *minha filha* — e de volta para ele, admirada.

A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

Não era seu pensamento, mas uma voz que poderia estar ou não dentro de sua cabeça, feminina ou masculina, impassível e irreconhecível. Por alguma razão, não parecia estranha.

O momento de assombro passou, e a única coisa a se perguntar era por que havia ficado admirada antes. É claro que Rand era seu marido — seu marido lindo e carinhoso —, e Joiya, sua filha — a garotinha mais linda e delicada de Dois Rios. Tam, pai de Rand, estava fora com as ovelhas, supostamente para deixar Rand trabalhar no celeiro, mas na verdade era para que ele pudesse ter mais tempo para passar com Joiya. Naquela tarde, os pais de Egwene viriam da aldeia. E talvez Nynaeve, para ver se ser mãe estava interferindo em seus estudos a fim de um dia substituí-la como Sabedoria.

— Que notícia? — perguntou. Voltou a embalar o berço, e Rand se aproximou e sorriu para a criança pequenina, toda enroladinha. Egwene riu, baixinho, para si mesma. Ele estava tão encantado com a filha que não ouvia o que metade das pessoas diziam, metade do tempo. — Rand? Que notícia é essa? Rand?

— O quê? — O sorriso dele desapareceu. — Uma notícia estranha. Guerra. Está acontecendo alguma guerra grande, envolvendo a maior parte do mundo, foi o que disse Jim. — Era mesmo uma notícia estranha: relatos de guerra raramente chegavam a Dois Rios até que a guerra estivesse terminada havia muito tempo. — Ele disse que todo mundo está lutando contra um povo chamado Shawkin, ou Sanchan, ou algo do tipo. Nunca ouvi falar.

Egwene sabia, ou achava que sabia… Mas independentemente do que fosse, já estava terminado.

— Está tudo bem? — perguntou ele. — Não é nada que vá nos incomodar por aqui, coração. As guerras nunca chegam a Dois Rios. Estamos muito longe de tudo e de todos.

— Não estou preocupada. Jaim disse mais alguma coisa?

— Nada que dê para acreditar. Ele parecia um Coplin falando. Disse que o mascate contou que esse povo usa Aes Sedai nas batalhas, mas que depois comentou que estão oferecendo mil marcos de ouro a quem lhes entregar uma Aes Sedai. E que matam quem as esconder. Não faz sentido. Bem, não há nada para nos preocupar. Está tudo muito longe daqui.

Aes Sedai. Egwene pôs a mão na cabeça. *A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.*

Ela notou que Rand também havia levado uma das mãos à cabeça.

— São as dores de cabeça? — perguntou.

Ele assentiu, os olhos apertados.

— Aquele pó que Nynaeve me deu não tem funcionado.

Ela hesitou. Aquelas dores de cabeça a preocupavam. Vinham cada vez mais fortes nos últimos tempos. E o pior de tudo era algo que ela não percebera a princípio, algo que quase desejou jamais ter percebido. Quando a cabeça de Rand doía, coisas estranhas aconteciam logo em seguida. Relâmpagos no céu azul reduziram a pó o enorme toco de carvalho do qual ele removera a raiz dois dias antes, para ele e Tam abrirem um campo novo. Tempestades que Nynaeve não havia previsto ao escutar o vento. Incêndios na floresta. E, quanto maior a dor, pior era o que acontecia em seguida. Ninguém mais ligara aqueles acontecimentos a Rand, nem mesmo Nynaeve, e Egwene era muito grata por isso. Ela não queria pensar no que tudo aquilo poderia significar.

Isso é uma baita estupidez, disse a si mesma. *Preciso saber, se quiser ajudá-lo.*

Ela tinha um segredo próprio, que a assustava mesmo quando tentava desvendar o significado. Nynaeve estava ensinando a Egwene sobre as ervas, instruindo-a para um dia ocupar seu lugar como Sabedoria. As curas de Nynaeve com frequência funcionavam de forma quase milagrosa, feridas curadas sem sequer uma cicatriz, gente doente praticamente trazida de volta do túmulo. No entanto, Egwene já havia curado três pessoas cujos casos Nynaeve julgara sem solução. Por três vezes, ela se sentara para segurar a mão de alguém durante a última hora e vira a pessoa se levantar do leito de

morte. Nynaeve a questionara com muita atenção a respeito do que fizera, que ervas usara e em que combinações. Até então, Egwene não tivera coragem de admitir que não tinha feito nada. *Devo ter feito alguma coisa. Uma vez só poderia até ser culpa do acaso, mas três… Preciso descobrir o que foi. Preciso aprender.* Aquilo disparou um alarme em sua cabeça, como se as palavras ecoassem em seu cérebro. *Se pude fazer algo por eles, posso ajudar meu marido.*

— Me deixe tentar, Rand — disse.

Enquanto permanecia de pé, ela viu, através da porta aberta, um arco de prata bem na frente da casa. Um arco cheio de luz branca. *A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.* Antes que pudesse se impedir, deu dois passos em direção à porta.

Então parou de repente e olhou para trás. Joiya balbuciava no berço, e Rand ainda pressionava a cabeça, olhando-a como se perguntasse aonde ela ia.

— Não — disse. — Não, é isso o que eu quero! É isso o que eu quero! Por que não posso ter, também? — Ela não compreendia as próprias palavras. É claro que era aquilo o que queria… e tinha.

— O que é que você quer, Egwene? — perguntou Rand. — Se for algo que eu possa dar a você, sabe que darei. Se eu não puder, eu fabricarei.

A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

Ela deu outro passo em direção à porta. O arco de prata a chamava. Algo a aguardava do outro lado. Algo que ela queria mais do que tudo no mundo. Algo que ela deveria fazer.

— Egwene, eu…

Um baque ressoou atrás dela, que olhou para trás, por cima do ombro, e viu Rand de joelhos, curvado, com a cabeça apoiada nas mãos. A dor nunca o atingira com tanta força. *O que acontecerá depois disso?*

— Ah, Luz! — arfou ele. — Luz! Dói! Luz, dói mais do que nunca! Egwene?

Seja firme.

Aquilo estava à espera. Algo que ela precisava fazer. Precisava. Ela deu um passo. Foi difícil, mais difícil que qualquer coisa que já fizera na vida. Para fora, em direção ao arco. Atrás dela, Joiya ria.

— Egwene? Egwene, eu não consigo… — Ele parou, com um gemido alto de dor.

Firme.

Ela endireitou a postura e seguiu caminhando, mas não pôde conter as lágrimas que desciam por seu rosto. Os gemidos de Rand aumentaram até virarem gritos, sufocando as risadas de Joiya. Pelo canto do olho, Egwene viu Tam chegando, correndo o mais depressa que conseguia.

Ele não pode ajudar, pensou, e as lágrimas se transformaram em soluços de desalento. *Ele não pode fazer nada. Mas eu posso. Eu posso.*

Ela adentrou a luz… e foi arrebatada.

* * *

Tremendo e soluçando, Egwene saiu pelo mesmo arco que entrara, as lembranças voltando, jorrando como uma cascata ao encarar o rosto de Sheriam. Elaida derramou sem pressa o conteúdo de um cálice de prata em sua cabeça, e a água límpida e gelada lavou suas lágrimas. Ela continuava a chorar, pensava que jamais pararia.

— Você está lavada — enunciou Elaida — de qualquer pecado que possa ter cometido, e dos cometidos contra você. Você está sendo lavada de qualquer crime que tenha cometido, e dos cometidos contra você. Você vem a nós lavada e pura, de coração e alma.

Luz, pensou Egwene, enquanto a água caía pelo seu corpo, *que assim seja. Será que a água pode lavar o que eu fiz?*

— O nome dela era Joiya — disse a Sheriam, entre soluços. — Joiya. Nada pode valer o que eu acabei de… o que eu…

— Tornar-se Aes Sedai tem um preço — retrucou Sheriam, mas a compaixão havia retornado ao olhar da mulher, agora mais forte do que antes. — Sempre tem um preço.

— Isso foi real? Ou eu sonhei? — O choro consumiu o restante do que ela queria dizer. *Eu abandonei Rand lá, para morrer? Abandonei minha filha?*

Sheriam a envolveu com um dos braços e começou a conduzi-la ao redor do círculo de arcos.

— Toda mulher que vi sair dali fez a mesma pergunta. A resposta é que ninguém sabe. Já se especulou que talvez algumas que não voltaram tenham escolhido ficar por terem encontrado um lugar mais feliz, e viveram o resto da vida do outro lado. — A voz dela ficou mais severa. — Se isso for

verdade, se elas ficaram por escolha própria, espero que não sejam nada felizes. Não tenho pena de quem foge das responsabilidades. — Ela suavizou um pouco o tom firme. — Eu, particularmente, não acredito que seja real. Mas o perigo é. Lembre-se disso. — Ela parou diante do próximo arco luminoso. — Está pronta?

Nervosa, Egwene assentiu, e Sheriam tomou-a pelo braço.

— A segunda vez é pelo que é. A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

Egwene estremeceu. *Seja lá o que aconteça, não tem como ser pior que o anterior. Não tem como.* Então adentrou a luz.

* * *

Ela olhou para o próprio vestido, de seda azul com pérolas costuradas, todo empoeirado e rasgado. Ergueu a cabeça e viu as ruínas de um grande palácio ao redor. O Palácio Real de Andor, em Caemlyn. Sabia daquilo, e quis gritar.

A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

O mundo não era como ela gostaria, e não havia forma de pensar naquilo sem ter vontade de chorar, mas suas lágrimas tinham secado havia muito tempo, e o mundo era o que era. Ruínas eram exatamente o que ela esperava ver.

Sem se preocupar em rasgar ainda mais o vestido, mas tão atenta aos sons quanto um rato, ela escalou uma das pilhas de cascalho e avistou as curvas das ruas da Cidade Interior. Em todas as direções, viu apenas ruínas e destruição, prédios que pareciam ter sido destroçados por homens insanos, colunas grossas de fumaça subindo de fogueiras que ainda ardiam. Havia gente nas ruas, bandos de homens armados em ronda, vasculhando. E Trollocs. Os homens se mantinham longe dos Trollocs, e os Trollocs rosnavam para eles e riam, soltando gargalhadas roucas e guturais. Mas eles se conheciam, trabalhavam juntos.

Um Myrddraal avançou pela rua a passos largos. O manto negro drapejava de leve com os passos, mesmo sob as rajadas de vento que carregavam poeira e lixo ao redor dele. Homens e Trollocs acovardaram-se diante daquele rosto que os encarava sem olhos.

— Cacem! — A voz soava como algo em decomposição havia muito tempo. — Não fiquem aí parados, tremendo! Encontrem-no!

Egwene escorregou de volta para a pilha de pedras amontoadas do modo mais silencioso que pôde.

A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

Ela parou, temendo que o sussurro tivesse vindo do Filho das Sombras. De alguma forma, no entanto, tinha certeza de que não viera. Ela olhou por cima do ombro, quase com medo de ver o Myrddraal parado bem atrás dela, então correu para a frente e entrou no palácio em ruínas, escalando vigas de madeira caídas e espremendo-se entre blocos pesados de alvenaria enquanto abria caminho. Chegou a pisar no braço de uma mulher que saía de debaixo do monte de gesso e tijolos que já haviam constituído uma parede interna e talvez parte do piso superior. Mal percebeu o braço, e tampouco o anel da Grande Serpente em um dos dedos da mão. Ela aprendera a não enxergar os mortos enterrados na montanha de sucata em que os Trollocs e Amigos das Trevas haviam transformado Caemlyn. Nada podia fazer pelos mortos.

Forçando passagem entre um vão estreito, onde parte do teto havia desabado, ela chegou em um aposento meio soterrado sob o que ficava acima dele, antes de tudo aquilo. Rand estava no chão, com uma viga pesada comprimindo seu quadril, as pernas escondidas sob os blocos de pedra que preenchiam metade do recinto. Tinha o rosto coberto de poeira e suor. Quando ela se aproximou, ele abriu os olhos.

— Você voltou. — Ele proferiu as palavras com dificuldade, em um ruído rouco. — Eu pensei que… não importa. Você precisa me ajudar.

Cansada, ela se jogou no chão.

— Eu poderia levantar essa viga com Ar sem dificuldade, mas assim que ela se mover tudo vai desabar bem em você. Em nós dois. Não consigo dar conta de tudo isso, Rand.

Ele soltou uma risada amarga e dolorida, interrompida quase no instante em que começou. O suor cintilava em seu rosto, e ele falava com dificuldade.

— Eu mesmo poderia deslocar a viga. Você sabe disso. Eu poderia mover a viga e as pedras acima, todas elas. Mas preciso me entregar para fazer isso, e não posso confiar nela. Não posso confiar… — Ele hesitou, sem fôlego.

— Não estou entendendo — retrucou ela, devagar. — Se entregar? Em quem é que você não pode confiar?

A saída só aparecerá uma vez. Seja firme. Ela esfregou as mãos na orelha com força.

— Na loucura, Egwene. Eu estou… na verdade… mantendo-a… afastada. — A risada sem fôlego fez a pele de Egwene se arrepiar. — Mas fazer isso requer toda a minha força. Se eu parar, mesmo por um instante, a loucura vai me consumir. Então não vou mais me importar com o que fizer. Você precisa me ajudar.

— Como, Rand? Já tentei tudo o que sei. Diga-me como, e eu farei.

Ele deixou a mão cair ao lado de uma adaga que jazia na poeira, a lâmina à mostra.

— A adaga — sussurrou. Com muito esforço, levou a mão de volta até o peito. — Aqui. No coração. Me mate.

Ela olhou para ele e para a adaga, como se ambos fossem serpentes venenosas.

— Não! Rand, não vou fazer isso. Não posso! Como é que você me pede uma coisa dessas?

Bem devagar, ele arrastou a mão de volta até a adaga. Mais uma vez, os dedos não a alcançaram. Ele se esticou, gemendo, e tocou a arma com a ponta dos dedos. Antes que ele pudesse tentar de novo, ela chutou o objeto para longe. Rand desabou em soluços.

— Por quê? — exigiu saber. — Por que está me pedindo para… matar você? Eu vou Curá-lo, farei qualquer coisa para tirá-lo daqui, mas não posso matá-lo. Por quê?

— Eles podem me obrigar, Egwene. — A respiração dele era tão angustiante que ela quis chorar. — Se me levarem… o Myrddraal… os Senhores do Medo… podem me levar para a Sombra. Se a loucura me dominar, não vou poder resistir. Não vou nem saber o que estão fazendo, até que seja tarde demais. Se houver a menor centelha de vida em mim quando eles me encontrarem, poderão levar tudo adiante. Por favor, Egwene. Pelo amor da Luz. Me mate.

— Eu… eu não consigo, Rand! Que a Luz me ajude, eu não consigo!

A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

Ela olhou por cima do ombro, e um arco de prata repleto de luz branca ocupou a maior parte do espaço entre os destroços.

— Egwene, me ajude.

Seja firme.

Ela se levantou e deu um passo em direção ao arco. Estava bem na sua frente. Mais um passo, e…

— Por favor, Egwene. Me ajude. Eu não consigo alcançar. Pelo amor da Luz, Egwene, me ajude!

— Não posso matar você — sussurrou. — Não posso. Me perdoe.

Ela deu um passo à frente.

— EGWENE, ME AJUDE!

A luz a reduziu a cinzas.

* * *

Ela saiu do arco cambaleante, sem perceber ou se importar com a nudez. Um tremor a percorreu, e ela cobriu a boca com as mãos.

— Eu não consegui, Rand — sussurrou. — Não consegui. Por favor, me perdoe. — *Luz, ajude-o. Por favor, Luz, ajude Rand.*

A água fria escorreu por sua cabeça.

— Você está sendo lavada e purificada do falso orgulho — entoou Elaida. — Você está sendo lavada e purificada da falsa ambição. Você vem a nós lavada e purificada, de coração e alma.

Quando a irmã Vermelha se virou, Sheriam tomou os ombros de Egwene com gentileza e a conduziu até o último arco.

— Mais um, criança. Mais um, então estará acabado.

— Ele disse que eles poderiam levá-lo para a Sombra — balbuciou Egwene. — Disse que o Myrddraal e os Senhores do Medo o obrigariam.

Sheriam tropeçou e olhou em volta depressa. Elaida estava quase de volta à mesa. As Aes Sedai em volta do *ter'angreal* encaravam o objeto, alheias a todo o resto.

— Algo muito desagradável de se dizer, criança — falou Sheriam, por fim, bem baixinho. — Venha. Só mais um.

— Eles podem? — insistiu Egwene.

— É costume não falar sobre o que ocorre dentro do *ter'angreal* — respondeu Sheriam. — Os medos de uma mulher pertencem apenas a ela própria.

— Eles podem?

Sheriam suspirou, olhou mais uma vez para as outras Aes Sedai, baixou a voz a um sussurro e disse, bem depressa:

— Isso é um fato que somente poucos conhecem, criança, mesmo dentro da Torre. Você não deveria saber disso agora, talvez nunca, mas vou lhe contar. A capacidade de canalizar traz… uma fraqueza. Aprendermos a nos abrir para a Fonte Verdadeira significa podermos… nos abrir para outras coisas. — Egwene estremeceu. — Fique calma, criança. Não é tão fácil assim. Esse tipo de coisa não é feito, até onde sei, e que a Luz permita, desde as Guerras dos Trollocs. Foram necessários treze Senhores do Medo, Amigos das Trevas capazes de canalizar, combinando o fluxo através de treze Myrddraal. Vê? Não é tão fácil assim. Não há Senhores do Medo hoje em dia. Esse é um segredo da Torre, criança. Se outros soubessem, jamais poderíamos convencê-los de que estão seguros. Apenas alguém capaz de canalizar pode ser dominado dessa forma. É a fraqueza de nossa força. Todos os outros estão seguros como fortalezas, apenas seus próprios atos e vontades podem entregá-los à Sombra.

— Treze — disse Egwene, baixinho. — A mesma quantidade de mulheres que deixaram a Torre. Liandrin, mais outras doze.

O rosto de Sheriam endureceu.

— Não há por que insistir nesse assunto. Esqueça. — A voz retornou ao volume normal. — A terceira vez é pelo que será. A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

Egwene encarou o arco reluzente, depois olhou um pouco adiante. *Liandrin e outras doze. Treze Amigas das Trevas capazes de canalizar. Que a Luz nos ajude.* Ela adentrou a luz. A luz a preenchia. Brilhava através dela. Queimava seus ossos, fazia sua alma arder. Ela brilhava, incandescente, sob a luz. *Que a Luz me ajude! Não havia nada além de luz. E dor.*

* * *

Egwene olhou para o espelho de corpo inteiro sem saber se estava mais surpresa com a placidez de idade indefinida de seu rosto ou com a estola listrada que pendia do pescoço. A estola do Trono de Amyrlin.

A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

Treze.

Ela cambaleou, agarrou o espelho com força e quase caiu junto com ele no chão de azulejos azuis do quarto de vestir. *Há algo errado*, pensou. A estranheza não tinha nada a ver com a tontura súbita, ou pelo menos não era aquilo que ela achava que estava errado. Era outra coisa. Mas ela não fazia ideia do quê.

Havia uma Aes Sedai a seu lado, uma mulher com as mesmas maçãs do rosto salientes de Sheriam, mas de cabelos escuros e olhos castanhos e apreensivos, exibindo nos ombros a pequena estola de Curadora. Porém não era Sheriam. Egwene jamais a vira, no entanto, tinha certeza de que a conhecia tão bem quanto a si mesma. Hesitante, deu um nome à mulher. Beldeine.

— Está passando mal, Mãe?

A estola dela é verde. Significa que foi elevada da Ajah Verde. A Curadora sempre vem da mesma Ajah que a Amyrlin a quem serve. Isso quer dizer que, se eu sou a Amyrlin… se… também sou da Ajah Verde. O pensamento a abalou. Não por ser da Ajah Verde, mas por ter precisado chegar àquela conclusão. *Luz, há algo errado comigo.*

A saída só apa… A voz em sua cabeça enfraqueceu e terminou em um murmúrio.

Treze Amigos das Trevas.

— Estou bem, Beldeine — respondeu Egwene. O nome pareceu estranho em sua boca, como se estivesse repetindo-o havia anos. — Não podemos deixá-las esperando. — *Deixar quem esperando?* Ela não sabia, sabia apenas que se sentia infinitamente triste em acabar com aquela espera, sentia uma relutância sem fim.

— Eles ficarão ainda mais impacientes, Mãe. — A voz de Beldeine vacilou, como se ela sentisse a mesma hesitação que Egwene, mas por razão diferente.

A não ser que o palpite de Egwene estivesse errado, Beldeine estava apavorada por trás daquela calma aparente.

— Nesse caso, é melhor acabarmos logo com isso.

A mulher assentiu, depois respirou fundo e cruzou o tapete até o ponto em que o cajado de seu posto, com a lágrima da Chama Branca de Tar Valon na ponta, estava apoiado junto à porta.

— Creio que sim, Mãe. — Ela pegou o cajado, abriu a porta para Egwene e correu na frente. As duas partiram em procissão, a Curadora das

Crônicas conduzindo o Trono de Amyrlin.

Egwene mal notou os corredores por onde passavam. Estava perdida nos próprios pensamentos. *O que está acontecendo comigo? Por que não consigo me lembrar? Por que tudo de que eu… quase me lembro está errado?* Ela tocou a estola com sete listras no ombro. *Por que tenho quase certeza de que ainda sou uma noviça?*

A saída só aparecerá… — Dessa vez, a frase terminou de repente.

Treze da Ajah Negra.

Ela deu um tropeção. Era um pensamento assustador, mas o calafrio que sentiu ia além do medo. Parecia… pessoal. Ela quis gritar, correr e se esconder. Sentiu-se como se alguém a estivesse perseguindo. *Bobagem. A Ajah Negra foi destruída.* Aquele também parecia um pensamento estranho. Parte dela se lembrava de algo chamado Grande Expurgo. Parte dela tinha certeza de que aquilo jamais acontecera.

Com os olhos fixos à frente, Beldeine não percebeu o tropeção. Egwene precisou apressar o passo para alcançá-la. *Esta mulher está assustada até a raiz dos cabelos. Aonde, pela Luz, ela está me levando?*

Beldeine parou diante de portas duplas altas, cuja madeira escura era marchetada com a Chama de Tar Valon, grande e prateada. Limpou as mãos no vestido, como se estivessem ficando suadas de repente. Então abriu uma das portas e conduziu Egwene pela subida de uma rampa reta, feita das mesmas pedras brancas rajadas de prata que formavam os muros de Tar Valon. Mesmo ali, elas pareciam brilhar.

A rampa levava a uma sala ampla e circular, com um teto abobado a pelo menos trinta passos de altura. Uma plataforma elevada se estendia na extremidade do aposento, toda rodeada por degraus, exceto pela rampa em que estavam e onde havia outras duas, todas com espaçamento igual ao redor do círculo. A Chama de Tar Valon estava marcada no chão, bem no centro, rodeada por espirais largas com as cores das sete Ajahs. Do lado oposto à rampa, encontrava-se uma cadeira de espaldar alto, pesada e ornamentada com entalhes de vinhas e folhas, pintada com as cores de todas as Ajahs.

Beldeine bateu forte com o cajado no chão. Sua voz soou trêmula.

— Ela chegou. A Vigia dos Selos. A Chama de Tar Valon. O Trono de Amyrlin. Ela chegou.

Com um farfalhar de saias, as mulheres de xale na plataforma levantaram-se de suas cadeiras. Vinte e uma cadeiras em grupos de três,

cada trio pintado e estofado com a mesma cor das franjas dos xales das mulheres que nelas se sentavam.

O Salão da Torre, pensou Egwene enquanto caminhava até sua cadeira. A cadeira do Trono de Amyrlin. É isso o que é. O Salão da Torre, e as *Votantes das Ajahs*. *Já estive aqui mil vezes*. Mas não conseguia se lembrar de nenhuma delas. *O que estou fazendo no Salão da Torre? Luz, elas vão me esfolar viva quando virem…* Ela não tinha certeza do que elas veriam, mas rezava para que não o fizessem.

A saída só aparecerá…

A saída…

A…

A Ajah Negra aguarda. Aquela frase, ao menos, estava completa. Vinha de toda parte. Por que parecia que ninguém mais ouvia?

Acomodando-se na cadeira do Trono de Amyrlin, que também era o Trono de Amyrlin, ela percebeu que não tinha ideia do que fazer em seguida. As outras Aes Sedai se sentaram depois dela, todas exceto Beldeine, que continuou a seu lado com o cajado, engolindo em seco, nervosa. Todas pareciam esperar que Egwene fizesse algo.

— Comecem — disse, enfim.

Parecia o suficiente. Uma das Representantes Vermelhas se levantou. Egwene ficou chocada ao reconhecer Elaida. Ao mesmo tempo, soube que a mulher era a principal Votante Vermelha, além de sua maior e mais amarga inimiga. O olhar no rosto da mulher que a encarava do outro lado do recinto fez Egwene estremecer por dentro. Era duro, frio e… triunfante. Fazia promessas sobre as quais era melhor não pensar.

— Tragam-no — disse a Vermelha, em voz alta.

De uma das rampas, não a que Egwene havia usado para entrar, veio o ruído de botas batendo na pedra. Pessoas surgiram. Doze Aes Sedai rodeavam três homens. Dois deles eram guardas corpulentos portando a lágrima branca da Chama de Tar Valon no peito. Eles puxavam as correntes que prendiam o terceiro homem; este cambaleava, atordoado.

Egwene inclinou-se para a frente na cadeira. O homem acorrentado era Rand. Com os olhos semicerrados e a cabeça inclinada, parecia quase dormir, movendo-se apenas para onde as correntes o conduziam.

— Este homem — anunciou Elaida — proclamou-se o Dragão Renascido. — Houve um burburinho de repugnância, não como se a plateia

estivesse surpresa, mas como se não fosse algo agradável de ouvir. — Este homem canalizou o Poder Único. — O burburinho cresceu, agora expressando nojo e um pouco de medo. — Há apenas uma penalidade para este caso, conhecida em todas as nações, mas anunciada apenas aqui, em Tar Valon, no Salão da Torre. Convoco o Trono de Amyrlin a pronunciar a sentença de amansamento para este homem.

Os olhos de Elaida brilharam para Egwene. *Rand. O que eu faço? Luz, o que eu faço?*

— Por que hesita? — inquiriu Elaida. — A sentença foi redigida há trezentos anos. Por que hesita, Egwene al'Vere?

Uma das Votantes Verdes ficou de pé, claramente irritada apesar da calma.

— Que vergonha, Elaida! Demonstre respeito pelo Trono de Amyrlin! Respeito pela Mãe!

— O respeito — retrucou Elaida, com frieza — pode ser perdido, bem como conquistado. E então, Egwene? Será que enfim demonstrará sua fraqueza, sua inaptidão para a posição que ocupa? Será que não pronunciará a sentença para este homem?

Rand tentou erguer a cabeça, mas não conseguiu.

Egwene lutou para se levantar. Sua mente girava, tentando se lembrar de que era o Trono de Amyrlin e de que tinha o poder de comandar todas aquelas mulheres. Sua mente gritava que era uma noviça, que não pertencia àquele lugar, que algo estava absurdamente errado.

— Não — disse, trêmula. — Não, eu não posso! Não vou…

— Ela está se traindo! — O grito de Elaida sufocou a tentativa de Egwene de falar. — A própria boca a condena! Levem-na!

Quando Egwene abriu a boca, Beldeine aproximou-se dela. Em seguida, o cajado da Curadora atingiu-lhe a cabeça.

Escuridão.

Primeiro, sentiu a cabeça doer. Havia algo duro sob suas costas, e estava frio. Depois vieram as vozes. Murmúrios.

— Ela ainda está inconsciente?

Era um ruído rouco, parecia uma lixa rapando um osso.

— Não se preocupe — disse uma mulher, em algum lugar muito, muito longe. Parecia inquieta e assustada, mas tentava não demonstrar isso. — Tudo será resolvido antes que ela perceba o que está acontecendo. Então ela

será nossa, e nós decidiremos o que fazer. Talvez a entreguemos para vocês se divertirem.

— Depois que terminarem com ela.

— Naturalmente.

As vozes ao longe ficaram ainda mais distantes.

Ela roçou a mão na perna e tocou a pele nua e áspera. Abriu os olhos de leve. Estava despida, machucada, deitada em uma mesa tosca de madeira, dentro do que parecia ser uma despensa desativada. Farpas espetavam suas costas. Ela sentia um gosto metálico de sangue na boca.

Um grupo de Aes Sedai conversava entre si de um dos lados do aposento, as vozes baixas, porém urgentes. A dor de cabeça não deixava Egwene raciocinar direito, mas parecia importante contá-las. Treze.

Outro grupo, composto por homens de mantos negros e capuzes, juntou-se às Aes Sedai, que pareciam divididas entre se encolher e tentar dominá-los com a própria presença. Um dos homens virou a cabeça para olhar em direção à mesa. O rosto pálido e morto dentro do capuz não tinha olhos.

Egwene não precisou contar os Myrddraal. Ela sabia. Treze Myrddraal e treze Aes Sedai. Sem pensar duas vezes, soltou um grito de puro terror. Ainda assim, em meio ao medo que a dilacerava, tentou alcançar a Fonte Verdadeira, tentou desesperadamente agarrar *saidar*.

— Ela acordou!

— Não pode ser! Ainda não!

— Blindem-na! Rápido! Rápido! Cortem-na da Fonte!

— É muito tarde! Ela é forte demais!

— Prendam-na! Rápido!

Mãos tentaram agarrar seus braços e pernas. Mãos pálidas como lesmas que vivem debaixo das pedras, controladas por mentes detrás de rostos brancos e sem olhos. Se aquelas mãos tocassem sua carne, ela sabia que enlouqueceria. O Poder a preencheu.

As chamas irromperam da pele dos Myrddraal e se alastraram pelo tecido preto como se fossem adagas de fogo. Meios-homens ganiam enquanto queimavam como papel encerado. Pedaços de pedra do tamanho de punhos se desprenderam das paredes e foram lançadas pela sala, fazendo todos os golpeados soltarem ganidos e grunhidos. O ar se agitava, revolto, chiando, em um vendaval.

Lenta e dolorosamente, Egwene lançou-se para fora da mesa. O vento açoitava seus cabelos e a fazia cambalear, mas ela continuou a conduzi-lo enquanto andava em direção à porta. Uma Aes Sedai surgiu à sua frente, uma mulher ferida e sangrando, rodeada pelo brilho tênue do Poder. Uma mulher com a morte nos olhos negros.

A mente de Egwene deu um nome ao rosto. Gyldan. A maior confidente de Elaida, sempre de segredinhos nos corredores, à espreita durante as madrugadas. Egwene contraiu a boca. Ignorando as pedras e o vento, fechou o punho e socou Gyldan bem entre os olhos, com toda a força que tinha. A irmã Vermelha, ou melhor, a irmã *Negra*, se contorceu como se seus ossos derretessem.

Esfregando as juntas dos dedos, Egwene saiu, cambaleante, em direção ao corredor. *Obrigada, Perrin*, pensou, *por me ensinar a fazer isso. Mas você não me contou como a nossa mão dói, também.*

Ela fechou a porta com força contra o vento e canalizou. As pedras ao redor da entrada estremeceram, tiritaram e se arrumaram sobre a madeira. Não iria contê-las por muito tempo, mas qualquer coisa que as atrasasse por um minuto sequer já valia a pena. Minutos poderiam significar sua vida. Reunindo toda a força, ela se obrigou a sair correndo. Cambaleava, mas pelo menos estava correndo.

Precisava encontrar algumas roupas, decidiu. Uma mulher vestida tinha mais autoridade do que nua, e ela precisaria de toda a autoridade possível. O primeiro lugar onde procurariam por ela seria em seus aposentos, mas Egwene tinha um vestido, um par de sapatos extra e uma estola no gabinete, que não estava muito longe.

Era inquietante cruzar os corredores vazios. A Torre Branca já não tinha tanta gente quanto antes, mas sempre havia alguém por perto. O som mais alto era o baque de seus pés descalços nos azulejos.

Ela correu pela antessala do gabinete chegando ao cômodo interno, até que finalmente encontrou alguém. Beldeine estava sentada no chão, as mãos agarrando a cabeça, aos prantos.

Egwene parou, receosa, quando os olhos vermelhos de Beldeine encontraram os seus. Nenhum brilho de *saidar* envolvia a Curadora, mas Egwene ainda estava cautelosa. E confiante. Não era capaz de ver o próprio brilho, naturalmente, porém, o poder — o Poder — que se avolumava dentro dela era suficiente. Ainda mais quando somado ao seu segredo.

Beldeine esfregou uma das mãos no rosto molhado por lágrimas.

— Eu não tive escolha. Você precisa entender. Elas… elas… — Inspirando de forma trêmula e profunda, ela soltou tudo de uma vez: — Três noites atrás elas me pegaram enquanto eu dormia e me estancaram. — Ela elevou o tom de voz quase a um ganido. — Elas me *estancaram*! Não posso mais canalizar!

— Luz. — Egwene suspirou. A sobrecarga de *saidar* amorteceu o choque. — Que a Luz ajude e conforte você, minha filha. Por que não me contou? Eu teria… — Ela deixou a voz morrer, sabendo que não havia nada que pudesse ter feito.

— O que a senhora teria feito? O quê? Nada! Não há nada a se fazer. Mas elas disseram que poderiam reverter, com o poder do… o poder do Tenebroso. — Ela fechou os olhos, e as lágrimas escorreram. — Elas me machucaram, Mãe, e me fizeram… Ah, Luz, elas me machucaram! Elaida disse que me tornariam plena de novo, capaz de canalizar outra vez, se eu obedecesse. É por isso que… não tive escolha!

— Então Elaida é da Ajah Negra — comentou Egwene, com a voz severa. Havia um guarda-roupa estreito na parede, e dentro dele pendia um vestido de seda verde, guardado para quando ela não tinha tempo de retornar aos aposentos. Uma estola listrada estava pendurada ao lado do vestido. Mais do que depressa, ela começou a se vestir. — O que fizeram com Rand? Para onde o levaram? Responda, Beldeine! Onde está Rand al'Thor?

Beldeine abraçou o próprio corpo, os lábios trêmulos, os olhos frios virados para dentro, mas por fim se recompôs o suficiente para dizer:

— O Pátio dos Traidores, Mãe. Elas levaram Rand para o Pátio dos Traidores.

Calafrios dominaram Egwene. Calafrios de medo. Calafrios de raiva. Elaida não esperara uma hora sequer. O Pátio dos Traidores tinha apenas três propósitos: execuções, o estancamento de uma Aes Sedai e o amansamento de um homem capaz de canalizar. Mas todos os três requeriam uma ordem do Trono de Amyrlin. *Quem está usando a estola lá fora?* Elaida, não tinha dúvidas. *Mas como ela conseguiu que a aceitassem tão depressa, sem que eu fosse julgada e sentenciada? Não pode haver outra Amyrlin até que eu seja destituída da estola e da função. E não vou facilitar para elas. Luz! Rand!* Ela correu em direção à porta.

— O que a senhora pode fazer, Mãe? — gritou Beldeine. — O que a senhora pode fazer? — Não estava claro se ela se referia a Rand ou a si mesma.

— Mais do que qualquer um suspeita — respondeu Egwene. — Eu nunca segurei o Bastão dos Juramentos, Beldeine. — O arquejo da mulher a seguiu pela sala.

A memória de Egwene ainda brincava de esconde-esconde com ela. Não conhecia nenhuma mulher que tivesse conquistado o xale e o anel sem entoar os Três Juramentos com o Bastão firme nas mãos, o *ter'angreal* que gravava os juramentos nas mulheres de maneira tão profunda que era como se fossem incrustados em seus cernes. Nenhuma mulher se tornava Aes Sedai sem proferir os juramentos. Ainda assim, ela sabia que, de alguma forma que não era capaz de revelar, fizera exatamente aquilo.

Seus sapatos faziam estalidos rápidos no chão, enquanto ela corria. Pelo menos descobrira por que os corredores estavam vazios. Cada Aes Sedai, exceto talvez aquelas que deixara no depósito, cada Aceita, cada noviça, até mesmo as servas, todas estariam reunidas no Pátio dos Traidores, como manda a tradição, para assistir à consumação da vontade de Tar Valon.

E os Guardiões decerto estariam cercando o pátio, para o caso de alguém tentar libertar o homem que seria amansado. Os remanescentes dos exércitos de Guaire Amalasan já tinham tentado invadir o pátio, logo ao fim do que alguns chamavam de Guerra do Segundo Dragão, pouco antes da ascensão de Artur Asa-de-gavião dar novas preocupações a Tar Valon. E também os seguidores de Raolin Algoz-das-trevas, muitos anos antes. Se Rand tinha ou não seguidores, ela não conseguia lembrar, mas os Guardiões sempre se lembravam dessas coisas e tomavam as devidas precauções.

Se Elaida, ou qualquer outra, estivesse de fato usando a estola da Amyrlin, os Guardiões com certeza não permitiriam a entrada de Egwene no Pátio dos Traidores. Ela sabia que teria de entrar à força. Seria preciso agir rápido, não adiantaria nada se Rand fosse amansado enquanto ela ainda estivesse envolvendo os Guardiões em Ar. E até mesmo Guardiões cairiam se ela disparasse raios, fogo devastador ou se abrisse o chão sob seus pés. *Fogo devastador?*, pensou. Mas também não adiantaria nada se ela destruísse o poder de Tar Valon para salvar Rand. Tinha que salvar os dois.

Pouco antes de chegar ao Pátio dos Traidores, virou-se e começou a escalar escadas e rampas que se estreitavam a cada passo, até que abriu um

alçapão com um tranco e foi até o topo inclinado de uma torre, um teto de azulejos quase brancos. De lá, era possível enxergar, depois dos tetos das outras torres, o grande átrio do Pátio dos Traidores.

O lugar estava lotado, exceto por um espaço vazio no meio. Pessoas observavam das janelas que tinham vista para o centro, aglomeravam-se nas sacadas e até no terraço, mas ela conseguiu distinguir o homem solitário, pequenino a distância, que se balançava nas correntes bem no meio do espaço vazio. Rand. Doze Aes Sedai o rodeavam, e outra, que Egwene sabia que devia estar usando uma estola de sete listras, mesmo sem ser capaz de enxergar, postou-se diante de Rand. *Elaida.* As palavras que ela talvez estivesse falando tomaram forma na cabeça de Egwene.

Este homem, abandonado pela Luz, tocou saidin*, a metade masculina da Fonte Verdadeira. Por isso o detemos. Agindo de forma abominável, este homem canalizou o Poder Único, sabendo que* saidin *está maculado pelo Tenebroso, maculado pelo orgulho dos homens, maculado pelos pecados dos homens. Por isso o acorrentamos.*

Egwene esforçou-se para afastar o restante da fala de seus pensamentos. *Treze Aes Sedai. Doze irmãs e a Amyrlin, o número tradicional para o amansamento. O mesmo número de…* Ela também afastou aquele pensamento. Não havia tempo para nada além do que era preciso fazer. Se ao menos pudesse descobrir como fazê-lo.

Àquela distância, pensou que talvez pudesse erguê-lo com Ar. Retirá-lo do círculo de Aes Sedai e trazê-lo flutuando até si. Talvez. Mesmo que tivesse força para isso, mesmo que não o deixasse cair e morrer no meio do caminho, seria um processo lento e o tornaria alvo fácil para os arqueiros, além do brilho de *saidar* que denunciaria sua localização para qualquer Aes Sedai que estivesse olhando. Aliás, também para qualquer Myrddraal.

— Luz — murmurou —, não há outra forma de fazer isso senão dando início a uma guerra dentro da Torre Branca. E eu o farei mesmo assim. — Ela reuniu o Poder, desenrolou o novelo, direcionou os fluxos.

A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

Fazia tanto tempo que ela não ouvia aquelas palavras que levou um susto, escorregou nos azulejos lisos e quase não conseguiu se segurar na beirada. O chão ficava a cerca de cem passos abaixo. Ela olhou por cima do ombro.

Ali, no topo da torre, equilibrado nos azulejos inclinados, pairava um arco de prata tomado por um brilho luminoso. O arco cintilava e tremeluzia. Faixas de amarelo e vermelho vivo saltavam através da luz branca.

A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

O arco se enfraqueceu até ficar transparente… então retornou à forma sólida.

Em um frenesi, Egwene lançou um olhar na direção do Pátio dos Traidores. Tinha que dar tempo. Tinha que dar. Ela só precisava de alguns minutos, talvez dez, e de sorte.

Vozes lhe perfuravam a cabeça, não vozes desconhecidas que a mandavam ser firme, mas vozes de mulheres que ela quase acreditava conhecer.

— …não posso aguentar muito mais. Se ela não sair agora…

— Aguente! Aguente, que a queime, ou eu estripo todas vocês feito peixes!

— …enlouquecendo, Mãe! Não vamos conseguir.

As vozes se atenuaram e formaram um zumbido, mas a outra, irreconhecível, pronunciou-se mais uma vez.

A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

Existe um preço para ser Aes Sedai.

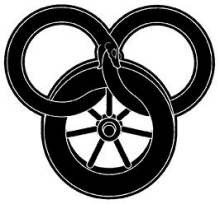
A Ajah Negra a aguarda.

Com um grito de raiva e sofrimento, Egwene atirou-se dentro do arco que reluzia como uma névoa incandescente. Quase desejou errar o salto e ser arrastada para a morte.

A luz a destroçou, fibra por fibra, dilacerou-as em pedaços ainda menores, então dividiu os pedaços até partículas minúsculas. Tudo aquilo se desfez com a luz. Para sempre.



CAPÍTULO 23



Ligada

A luz a destroçou, fibra por fibra, dilacerou-as em partículas minúsculas, que se espalharam, queimando. Vagando, em chamas, para sempre. Para sempre.

* * *

Egwene saiu do arco de pedra, gelada e rígida de raiva. Queria que a gelidez da raiva se opusesse às queimaduras da memória. Seu corpo ainda carregava a memória do fogo, mas outras lembranças ardiam e marcavam com mais força. Raiva fria como a morte.

— É esse o meu destino? — inquiriu. — Abandoná-lo todas as vezes? Trair, fracassar, todas as vezes? É esse o meu destino?

De repente, percebeu que as coisas não estavam como deveriam. A Amyrlin estava presente, como Egwene sabia que estaria, junto com uma irmã com o xale de cada Ajah, mas todas a olhavam com preocupação. Em cada ponto de encontro dos arcos, estavam sentadas na pedra nua duas outras Aes Sedai, o com os rostos suados. O *ter'angreal* emitia um zumbido, quase uma vibração, e intensas faixas coloridas rasgavam a luz branca dentro dos arcos.

O brilho suave de *saidar* envolveu Sheriam por um breve instante quando ela pousou a mão na cabeça de Egwene, causando-lhe mais um calafrio.

— Ela está bem. — A Mestra das Noviças soava aliviada. — Não está ferida. — Era como se não esperasse por aquilo.

As outras Aes Sedai que observavam Egwene pareceram aliviadas. Elaida soltou um longo suspiro, depois correu para o último cálice. Apenas as Aes Sedai próximas ao *ter'angreal* não relaxaram. O zumbido enfraqueceu, e a luz começou a tremeluzir, sinalizando que o objeto estava começando a voltar ao normal, mas as Aes Sedai ainda pareciam lutar com todas as forças.

— O quê…? O que aconteceu? — perguntou Egwene.

— Fique quieta — disse Sheriam, com delicadeza. — Por enquanto, apenas fique em silêncio. Você está bem, é isso que importa, e precisamos concluir a cerimônia.

Elaida aproximou-se, quase correndo, e entregou o último cálice de prata à Amyrlin.

Egwene hesitou por um instante e se ajoelhou. *O que aconteceu?*

Bem devagar, a Amyrlin despejou o conteúdo do cálice na cabeça de Egwene.

— Você está lavada de Egwene al'Vere, do Campo de Emond. Você está lavada de todos os laços que a prendem ao mundo. Você vem a nós lavada, de coração e alma. Você é Egwene al'Vere, Aceita da Torre Branca. — A última gota respingou nos cabelos da jovem. — Você agora está ligada a nós.

As últimas palavras pareciam ter um significado especial, apenas entre Egwene e a Amyrlin. A Amyrlin entregou o cálice para uma das outras Aes Sedai e exibiu um anel de ouro na forma de uma serpente mordendo a própria cauda. Egwene tremeu involuntariamente ao erguer a mão esquerda, e tremeu outra vez enquanto a Amyrlin pôs o anel da Grande Serpente em seu dedo do meio. Quando se tornasse Aes Sedai, usaria o anel no dedo em que escolhesse, ou não usaria, se fosse preciso esconder quem era, mas as Aceitas usavam a Grande Serpente apenas no dedo do meio.

Impassível, a Amyrlin levantou Egwene.

— Seja bem-vinda, Filha — disse, beijando-lhe a face. Egwene surpreendeu-se com a empolgação que sentiu. Não criança, mas filha. Antes, ela sempre fora chamada de criança. A Amyrlin beijou sua outra face. — Bem-vinda.

Dando um passo atrás, a Amyrlin a analisou com um olhar crítico, mas dirigiu-se a Sheriam.

— Leve-a para se secar e vestir umas roupas, depois certifique-se de que ela está bem. Certifique-se, entendeu?

— Eu tenho certeza, Mãe — Sheriam soou surpresa. — A senhora me viu examiná-la.

A Amyrlin soltou um grunhido e olhou para o *ter'angreal*.

— Pretendo descobrir o que deu errado aqui hoje. — Ela avançou na direção em que seus olhos estavam cravados, com passos rápidos e seguros, as saias balançando. A maioria das outras Aes Sedai juntou-se a ela ao redor do *ter'angreal*, que então era apenas uma estrutura prateada de arcos sobre aros.

— A Mãe está preocupada com você — disse Sheriam, enquanto levava Egwene para um canto, onde havia uma toalha grossa para o cabelo e outra para o corpo.

— Ela tem motivo? — perguntou Egwene.

A Amyrlin não quer que nada aconteça a seu cão de caça antes que o cervo seja abatido.

Sheriam não respondeu. Apenas franziu de leve a testa, aguardou Egwene se secar e entregou-lhe um vestido branco com sete faixas na barra.

Ela vestiu a roupa com uma pontada de decepção. Era uma Aceita, tinha o anel e o vestido com as faixas. *Por que não me sinto diferente?*

Elaida aproximou-se, trazendo o vestido e os sapatos de noviça de Egwene, além do cinto e da bolsa. E os papéis que Verin havia entregado a ela. Nas mãos de Elaida.

Egwene forçou-se a aguardar que a mulher entregasse a trouxa em vez de agarrá-la.

— Obrigada, Aes Sedai.

Tentou dar uma olhadela furtiva nos papéis, mas não soube dizer se alguém tinha mexido neles. O barbante ainda estava amarrado. *Como vou saber se ela não leu tudo?* Espremeu a bolsa escondida sob o vestido de noviça e sentiu o estranho anel, o *ter'angreal*, do lado de dentro. *Pelo menos isso ainda está aqui. Luz, ela poderia tê-lo levado, e não sei se eu teria me importado. Sim, teria. Acho que teria.*

O rosto de Elaida estava tão frio quanto sua voz.

— Não queria que você fosse Aceita hoje à noite. Não por temer o que aconteceu, ninguém poderia prever uma coisa dessas. Mas pelo que você é. Uma bravia. — Egwene tentou protestar, mas Elaida continuou, implacável

como um vento glacial: — Sim, sei que você aprendeu a canalizar instruída pelas Aes Sedai, mas ainda assim é uma bravia. Bravia no espírito, bravia nos modos. Você tem um potencial enorme, caso contrário não teria sobrevivido a esta noite, mas potencial não muda nada. Não acredito que você algum dia venha a fazer parte da Torre Branca, não do jeito que todas nós fazemos, não importa em qual dedo use o anel. Teria sido melhor se tivesse se contentado a aprender o suficiente para sobreviver e voltado para sua aldeia pacata. Muito melhor. — Ela se virou e saiu da sala, a passos largos.

Se ela não for da Ajah Negra, pensou Egwene com amargura, é *quase isso*.

— Você poderia ter falado alguma coisa. Poderia ter me ajudado.

— Eu teria ajudado uma noviça, criança — retrucou Sheriam, muito calma, e Egwene estremeceu. Voltara a ser chamada de "criança". — Tento defender as noviças quando é preciso, pois elas não são capazes de fazer isso sozinhas. Você agora é uma Aceita. Já é hora de aprender a se defender.

Egwene examinou os olhos de Sheriam e se perguntou se a ênfase na última frase teria sido sua imaginação. A Mestra das Noviças tivera tanta oportunidade quanto Elaida de ler a lista de nomes e concluir que Egwene estava mancomunada com a Ajah Negra. *Luz, você está começando a suspeitar de todo mundo. Melhor do que morrer ou ser capturada por treze delas e…* Ela interrompeu a linha de pensamento mais do que depressa: não queria aquilo martelando em sua cabeça.

— Sheriam, o que aconteceu hoje? — perguntou. — Não me enrole. — A mulher ergueu as sobrancelhas quase até o alto da testa, e Egwene corrigiu a pergunta: — Quer dizer, Sheriam Sedai. Peço perdão, Sheriam Sedai.

— Lembre-se de que ainda não é uma Aes Sedai, criança. — Apesar da rigidez da voz, um sorriso formou-se nos lábios da mulher, mas desapareceu assim que ela continuou a falar. — Não sei o que aconteceu. Só sei que creio piamente que você quase tenha morrido.

— Quem sabe o que acontece com as que não saem de um *ter'angreal*? — perguntou Alanna, juntando-se a elas. A irmã Verde era conhecida pelo gênio forte e pelo senso de humor, e diziam que era capaz de ir de um a outro em um piscar de olhos. Mas o olhar que ela lançou a Egwene era quase acanhado. — Criança, eu deveria ter interrompido tudo quando tive a chance, quando comecei a perceber a… reverberação. E ela voltou. Foi isso

o que aconteceu. Voltou mil vezes mais forte. Dez mil. O *ter'angreal* parecia quase estar tentando interromper o fluxo de *saidar*, ou se desintegrar no chão. Peço desculpas, embora palavras não sejam o suficiente pelo que quase aconteceu a você. Por causa do Primeiro Juramento, você sabe que digo a verdade. Para mostrar meu remorso, pedirei à Mãe que me deixe dividir seu tempo nas cozinhas. E suas visitas a Sheriam. Se eu tivesse feito o que deveria, não teria posto sua vida em risco, e pretendo reparar meu erro.

Sheriam soltou uma risada escandalizada.

— Ela nunca permitirá isso, Alanna. Uma irmã nas cozinhas, que dirá… Nunca se ouviu falar de algo assim. É impossível! Você fez o que julgou certo. Não tem culpa nenhuma.

— Não foi culpa sua, Alanna Sedai — concordou Egwene. *Por que Alanna está fazendo isso? Talvez queira me convencer de que* não teve *nada a ver com o que deu errado. E talvez queira me vigiar o tempo todo.* Foi a imagem de uma Aes Sedai orgulhosa com os cotovelos enfiados em panelas gordurosas três vezes por dia, só para vigiar alguém, que a convenceu de que estava deixando sua imaginação ir longe demais. Porém, também era impensável que Alanna fizesse o que disse que faria. Em qualquer um dos casos, a irmã Verde decerto não tivera chance de ver os nomes enquanto cuidava do *ter'angreal*. *Mas, se Nynaeve estiver certa, ela não precisaria ver os nomes para querer me matar, se for da Ajah Negra. Pare com isso!* — Não foi mesmo, de verdade.

— Se eu tivesse feito o que deveria — insistiu Alanna —, isso nunca teria acontecido. A única vez que vi uma coisa dessas foi há anos, quando tentamos usar, no mesmo recinto, dois *ter'angreal* que talvez estivessem relacionados de alguma forma. É extremamente raro encontrar dois assim. Ambos se desintegraram, e todas as irmãs que se encontravam em um raio de cem passos tiveram uma dor de cabeça tão forte que foram incapazes de canalizar sequer uma gota por uma semana. Qual é o problema, criança?

Egwene espremera a mão dentro da bolsa até o anel de pedra retorcido formar uma marca em sua palma por cima do tecido grosso. Estava quente? *Luz, a culpa foi minha.*

— Nada, Alanna Sedai. Aes Sedai, a senhora não fez nada de errado. Não há motivo para dividir minhas punições. Motivo nenhum!

— Um tanto veemente — observou Sheriam —, mas correto.

Alanna apenas balançou a cabeça.

— Aes Sedai — continuou Egwene, devagar —, o que significa ser da Ajah Verde?

Sheriam arregalou os olhos, bem-humorada, e Alanna abriu um largo sorriso.

— Mal pôs o anel no dedo — respondeu a irmã Verde — e já está pensando em que Ajah escolherá? Primeiro, você precisa amar os homens. Não digo estar apaixonada, mas amá-los. Não como as Azuis, que só gostam de homens desde que compartilhem de suas causas e não fiquem no caminho. E sem dúvida não como as Vermelhas, que os desprezam como se cada um deles fosse responsável pela Ruptura. — Alviarin, a irmã Branca que viera com a Amyrlin, lançou-lhes um olhar indiferente e continuou andando. — E nem como as Brancas — completou Alanna, com uma risada —, que não têm lugar em suas vidas para qualquer tipo de paixão.

— Não foi o que eu quis dizer, Alanna Sedai. Quero saber o que *significa* ser uma irmã Verde. — Ela não sabia ao certo se Alanna entenderia, já que ela mesma não tinha certeza de que compreendia o que queria saber, mas Alanna assentiu devagar, como se entendesse.

— Marrons buscam conhecimento, Azuis se metem em causas, e Brancas contemplam as questões da verdade com lógica implacável. Nós fazemos um pouco de tudo isso, é claro. Mas ser uma Verde significa estar a postos. — Um tom de orgulho transparecia na voz de Alanna. — Nas Guerras dos Trollocs, éramos conhecidas como a Ajah Guerreira. Todas as Aes Sedai ajudavam onde e quando podiam, mas apenas a Ajah Verde estava sempre ao lado dos exércitos, em quase todas as batalhas. Éramos a oposição aos Senhores do Medo. A Ajah Guerreira. E agora continuamos a postos, aguardando que os Trollocs invadam o sul mais uma vez, à espera de Tarmon Gai'don, a Última Batalha. Estaremos lá. É isso que significa ser uma Verde.

— Obrigada, Aes Sedai — respondeu Egwene. *É isso que eu era? Ou o que serei? Luz, queria tanto saber se aquilo foi real, se teve alguma relação com aqui e agora.*

A Amyrlin se aproximou, e todas se curvaram em mesuras profundas.

— Você está bem, Filha? — perguntou ela a Egwene. Seus olhos captaram a ponta dos papéis nas mãos de Egwene, que se projetavam por debaixo o vestido de noviça, e voltaram-se para o rosto dela no mesmo

instante. — Saberei o motivo dos acontecimentos de hoje antes de terminar por aqui.

Egwene enrubesceu.

— Estou bem, Mãe.

Alanna surpreendeu Egwene ao pedir à Amyrlin exatamente o que disse que pediria.

— Nunca ouvi falar de uma coisa dessas — vociferou a Amyrlin. — O dono do barco não se mete com os estivadores, mesmo se tiver enfiado o barco em um lodaçal. — Ela olhou para Egwene e estreitou os olhos, preocupada. E irritada. — Compartilho da sua preocupação, Alanna. Seja lá o que essa criança tenha feito, não merecia isso. Muito bem. Se vai acalmar seu coração, pode visitar Sheriam. Mas isso fica estritamente entre vocês duas. Não aceitarei que Aes Sedai sejam expostas ao ridículo, nem mesmo dentro da Torre.

Egwene abriu a boca para confessar tudo e deixar que elas levassem o anel — *eu nem quero essa porcaria, na verdade* —, mas Alanna se antecipou.

— E a outra punição, Mãe?

— Não seja ridícula, Filha. — A Amyrlin estava com raiva e soava ainda mais irritada a cada palavra. — Você seria motivo de chacota, ou então tida como louca. E não pense que isso não iria afetar seu futuro. Histórias assim arrumam um jeito de se espalhar. Ouviríamos falar sobre a Aes Sedai ajudante de cozinha de Tear a Maradon. E isso prejudicaria todas as irmãs. Não. Se precisa se livrar de algum sentimento de culpa e não é capaz de lidar com ele como uma mulher, muito bem. Eu já disse que pode visitar Sheriam. Acompanhe-a hoje à noite, quando sair daqui. Assim terá o resto da noite para decidir se isso ajudou em alguma coisa. E amanhã pode começar a investigar o que aconteceu de errado aqui!

— Sim, Mãe. — A voz de Alanna era perfeitamente neutra.

O desejo de confessar morreu dentro de Egwene. Alanna demonstrara apenas um breve lampejo de decepção ao perceber que a Amyrlin não permitiria que ela se juntasse a Egwene nas cozinhas. *Ela não deseja ser punida mais do que qualquer pessoa sensata. Queria apenas uma desculpa para estar em minha companhia. Luz, ela não poderia ter causado o problema no* ter’angreal*, fui eu quem fiz aquilo. Será que ela é da Ajah Negra?*

Perdida em pensamentos, Egwene ouviu um pigarro, e depois outro, mais áspero. Apertou os olhos. A Amyrlin a encarava, e, quando falou, pronunciou bem cada palavra.

— Como parece estar dormindo em pé, criança, sugiro que vá para a cama. — Por um instante, ela dirigiu o olhar aos papéis quase escondidos nas mãos de Egwene. — Você tem muito trabalho a fazer amanhã, e por muitos outros dias. — Encarou Egwene por mais um instante, e saiu a passos largos antes que qualquer uma delas pudesse se curvar em uma reverência.

Sheriam virou-se para Alanna assim que a Amyrlin saiu do alcance de sua voz. A Aes Sedai Verde fechou a cara e manteve-se em silêncio.

— Você *está* louca, Alanna! Uma idiota, e duplamente idiota se acha que vou pegar leve com você só porque fomos noviças juntas. Por acaso foi tomada pelo Dragão, para estar…? — De repente, Sheriam se deu conta da presença de Egwene, e o alvo de sua raiva mudou. — Eu não ouvi o Trono de Amyrlin mandá-la para a cama, Aceita? Se sussurrar sequer uma palavra sobre isso, vai desejar que eu tivesse enterrado você em um campo para servir de adubo. Nos veremos amanhã de manhã no meu gabinete, quando o sino soar a primeira hora, nem um segundo depois. Agora, vá!

Egwene saiu, a mente em turbilhão. *Será que posso confiar em alguém? Na Amyrlin? Ela nos mandou à caça de treze Ajah Negras e se esqueceu de mencionar que treze é o número necessário para levar à Sombra, contra vontade, uma mulher capaz de canalizar. Em quem posso confiar?*

Ela não queria ficar sozinha, nem podia aguentar pensar naquilo, então correu até o alojamento das Aceitas, pensando que no dia seguinte ela própria se mudaria para lá, e abriu a porta de Nynaeve um instante depois de bater. Podia confiar nela em relação a tudo. Nela e em Elayne.

Nynaeve, porém, estava sentada em uma das duas cadeiras do aposento, com a cabeça de Elayne enterrada em seu colo. Os ombros de Elayne se sacudiam ao som de um choro, o choro suave que vem quando não resta energia para soluços mais profundos, mas a emoção ainda arde. O rosto de Nynaeve também estava molhado. O anel da Grande Serpente que brilhava em sua mão ao acariciar os cabelos da Filha-herdeira era idêntico ao anel na mão de Elayne que agarrava a saia de Nynaeve.

A jovem, que chorava baixinho, ergueu o rosto vermelho e inchado, fungando entre os soluços ao notar a recém-chegada.

— Eu não posso ser tão horrível, Egwene. Não posso!

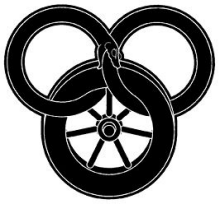
O acidente com o *ter'angreal*, o temor de que alguém pudesse ter lido os papéis que Verin havia lhe entregado, as suspeitas sobre todas as presentes naquela sala, tudo fora terrível, mas servira para distanciá-la de uma forma ríspida e violenta dos acontecimentos dentro do *ter'angreal*. Tinham vindo de fora, e tudo o mais estava dentro dela. As palavras de Elayne romperam a barreira, e o que estava dentro de Egwene a atingiu como se o teto tivesse desabado. Rand, seu marido, e Joiya, sua bebê. Rand preso, implorando que ela o matasse. Rand acorrentado e prestes a ser amansado.

Antes de se dar conta dos próprios movimentos, estava ajoelhada ao lado de Elayne, e todas as lágrimas que deveriam ter se derramado antes passaram a cair, como uma torrente.

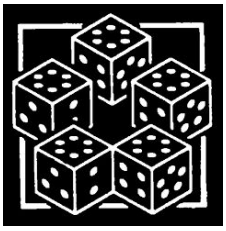
— Não pude ajudá-lo, Nynaeve — soluçou. — Simplesmente o larguei lá.

A mulher recuou, como se atingida por um soco, mas no instante seguinte já abraçava Egwene e Elayne, envolvendo e embalando as duas.

— Calma — entoou, baixinho. — Vai melhorar com o tempo. Vai melhorar um pouco. Um dia, faremos todas elas pagarem. Calma… calma.



CAPÍTULO 24



Investigações e Descobertas

A luz do sol que entrava pelas persianas esculpidas e começava a invadir a cama acordou Mat. Por um instante, ele permaneceu deitado com o cenho franzido. Não conseguira bolar um plano para fugir de Tar Valon antes que o sono o dominasse, porém também não desistira. Muitas lembranças ainda estavam enevoadas, mas ele não desistiria.

Duas serviçais entraram, agitadas, trazendo água quente e uma bandeja pesada de comida, rindo e dizendo que ele já parecia melhor e logo estaria de pé outra vez, se seguisse as ordens da Aes Sedai. Ele respondeu em um tom seco, tentando não soar amargo. *Deixe pensarem que pretendo obedecer.* Seu estômago roncou com os aromas que vinham da bandeja.

Quando as mulheres foram embora, Mat jogou o cobertor de lado e pulou da cama, parando apenas para enfiar uma fatia de presunto na boca antes de preparar a água para fazer a barba e se lavar. Encarou o espelho acima do lavatório e parou, ensaboando o rosto. De fato parecia melhor.

O rosto ainda estava magro, mas não tanto quanto antes. As olheiras tinham sumido, e seus olhos já não pareciam tão encovados. Era como se cada mordida que dera na noite anterior houvesse servido para engordá-lo. Ele até se sentia mais forte.

— Neste ritmo — balbuciou —, vou embora antes que elas percebam.

No entanto, ainda se surpreendeu quando, depois de se barbear, sentou-se e devorou cada pedacinho de presunto, nabos e peras na bandeja.

Tinha certeza de que esperavam que ele voltasse para a cama depois de comer, mas, em vez disso, se vestiu. Batendo os pés para acomodá-los dentro das botas, olhou a muda de roupas sobressalente e decidiu deixá-las ali, por enquanto. *Primeiro, preciso saber o que fazer. E, se eu tiver que deixá-las*… Enfiou os copos de dados na bolsa. Com eles, conseguiria todas as roupas de que precisasse.

Abriu a porta e espiou o lado de fora. Outras portas de madeira clara e dourada se enfileiravam pelo corredor, com tapeçarias coloridas entre elas, e uma tira de carpete azul marcava o caminho no piso branco azulejado. Nenhum guarda. Ele jogou o manto por cima do ombro e saiu correndo. Tinha que encontrar uma saída.

Precisou perambular um pouco, descendo escadas e cruzando corredores e pátios abertos, até encontrar o que procurava: uma porta de saída. Antes disso, viu algumas pessoas: serviçais e noviças de branco, andando, apressadas, para cuidar de suas tarefas, as noviças correndo ainda mais que as serviçais. E também um punhado de serviçais homens vestidos de maneira rústica e carregando grandes armaduras e outras cargas pesadas, além de Aceitas em vestidos de barras listradas. Até algumas Aes Sedai.

Estas não pareciam notá-lo, concentradas no que quer que fosse, ou no máximo lhe lançavam uma olhadela. As roupas dele eram simples, mas de qualidade. Não aparentava ser um vagabundo, e a presença dos serviçais comprovava que era permitida a circulação de homens naquela parte da Torre. Suspeitou que elas talvez o tomassem por mais um serviçal, e para ele isso estava ótimo, desde que ninguém lhe pedisse para carregar alguma coisa.

Mat sentia certa frustração por não ter cruzado com Egwene, Nynaeve ou até Elayne. *Ela é bonita, mesmo com aquele nariz em pé o tempo todo. E poderia me ajudar a encontrar Egwene e a Sabedoria. Não posso ir embora sem me despedir. Luz, será que alguma delas me entregaria, só porque agora estão prestes a se tornarem Aes Sedai? Que me queime, mas que idiota! Elas nunca fariam uma coisa dessas. De todo modo, vale o risco.*

Entretanto, uma vez do lado de fora, sob o céu claro da manhã com apenas algumas nuvens brancas, ele afastou as mulheres de seus pensamentos. Estava diante de um grande pátio de pedras com uma fonte plana no centro e uma caserna do outro lado, feita de pedras cinzentas.

Parecia quase um imenso rochedo entre as poucas árvores que cresciam em meio a buracos com aros nas pedras próximas. Havia guardas uniformizados diante do edifício largo e baixo, vigiando armas, armaduras e arreios. Guardas eram o que ele queria agora.

Perambulou pelo pátio e observou os soldados como se não tivesse nada melhor a fazer. Enquanto trabalhavam, eles conversavam e riam entre si, como homens após a colheita. Vez ou outra, algum olhava com curiosidade para Mat, que passeava entre eles, mas nenhum questionou seu direito de estar ali. De tempos em tempos, o rapaz perguntava alguma coisa, displicente. Por fim, conseguiu a resposta que buscava.

— Guarda da ponte? — perguntou um homem robusto de cabelos escuros, no máximo cinco anos mais velho que Mat. Falava com um forte sotaque illianense. Por mais jovem que fosse, uma fina cicatriz branca cruzava sua face esquerda, e as mãos que lubrificavam a espada se moviam com familiaridade e competência. Ele apertou os olhos para Mat antes de voltar à tarefa. — Eu, no caso, vigio a ponte, e estarei de volta lá hoje à noite. Por que pergunta?

— Estava só imaginando quais seriam as condições do outro lado do rio. — É melhor eu descobrir isso também. — Boas para viajar? Não pode estar lamacento, a não ser que tenha chovido mais do que estou sabendo.

— De que lado do rio? — perguntou o guarda, muito calmo. Não tirou os olhos do trapo besuntado que esfregava na lâmina.

— Ah… para o leste. Para o lado leste.

— Nada de lama. Mantos-brancos. — O homem inclinou-se para um dos lados e cuspiu, mas não alterou a voz. — Sim, os Mantos-brancos estão metendo o nariz em todas as aldeias em um raio de dez milhas. Ainda nem feriram ninguém, no caso, mas a mera presença deles incomoda o pessoal. Que a Sorte me espicace se nem estiverem querendo nos provocar, pois de fato parece que atacariam, se pudessem. Nada bom para quem, no caso, quer viajar.

— E para o oeste, então?

— Mesma coisa. — O guarda ergueu o olhar para Mat. — Mas o senhor vai cruzar é nada, meu camarada, nem a leste nem a oeste. Sim, seu nome, no caso, é Matrim Cauthon, ou a Sorte que me abandone. Ontem à noite uma irmã, a própria em pessoa, veio até a ponte onde monto guarda. Ela descreveu você com detalhes até que cada um de nós pudesse repetir a

descrição. Um convidado, ela disse, e nem podemos machucá-lo. Mas nem podemos também permitir que saia da cidade, ainda que seja preciso amarrar seus pés e mãos. — Ele apertou os olhos. — Será que, no caso, o senhor roubou alguma coisa delas? — perguntou, desconfiado. — Nem tem cara de ser um dos convidados das irmãs.

— Eu não roubei nada! — gritou Mat, indignado. *Que me queime, nem tive a chance de facilitar as coisas. Eles* todos *devem saber quem sou.* — Não sou nenhum ladrão!

— Sim, nem é que isso esteja estampado na sua cara. Nada de ladroagem. Mas o senhor é, no caso, parecido com o sujeito que tentou me vender a Trombeta de Valere três dias atrás. Pelo menos foi o que ele disse que era, toda arrebentada e avariada como estava. O senhor está vendendo uma Trombeta de Valere? Ou quiçá seria a espada do Dragão?

Mat deu um salto ao ouvir a menção à Trombeta, mas conseguiu manter a voz firme.

— Eu estava doente. — Agora, outros guardas olhavam para ele. *Luz, todos eles já sabem que não tenho permissão para sair.* Ele forçou uma risada. — As irmãs me Curaram. — Alguns guardas franziram a testa. Talvez achassem que os homens deveriam demonstrar mais respeito do que chamar as Aes Sedai de irmãs. — Acho que as Aes Sedai não querem que eu saia antes de recuperar todas as forças. — Ele tentou convencer os homens, todos os que agora o observavam, a aceitar aquilo. *Apenas um homem Curado. Nada mais. Não há razão para grandes preocupações.*

O illianense assentiu.

— O senhor de fato está com cara de doente. Talvez esse seja mesmo, no caso, o motivo. Mas nunca ouvi falar de tantos esforços para manter um doente na cidade.

— Esse é o motivo — disse Mat, com firmeza. Todos ainda o encaravam. — Bem, preciso ir. Elas disseram que preciso caminhar. Muitas caminhadas longas. Para recuperar a força, entendem?

Ao se virar, sentiu todos os olhos o acompanhando e fechou a cara. Só queria descobrir o quanto sua descrição havia se espalhado. Se somente os guardas da ponte a tivessem, talvez ele conseguisse escapulir. Sempre tivera talento para entrar nos lugares sem ser notado. E sair deles. Era um talento que um sujeito desenvolvia quando tinha uma mãe que sempre suspeitava de que ele estivesse aprontando alguma, além de duas irmãs dedos-duros.

Agora acabei de garantir que quase todos os guardas da caserna me reconheçam. Sangue e malditas cinzas!

A Torre tinha muitos jardins arborizados, repletos de folhas-de-couro, ulmeiros e malaleucas, e logo ele se viu percorrendo um amplo caminho de cascalhos. Poderia levar a um campo, se não fossem as torres visíveis acima das copas das árvores, e a magnitude branca da própria Torre, que estava atrás dele, mas o pressionava como se ele a carregasse nos ombros. Se houvesse algum caminho para fora dos muros da Torre que não fossem vigiados, aquele parecia o local certo para encontrá-lo. Se ele existisse.

Uma garota em roupas brancas de noviça surgiu diante dele, caminhando em sua direção a passos largos e decididos. Perdida nos próprios pensamentos, ela não o viu de primeira. Quando se aproximou o suficiente para que ele visse seus olhos grandes e negros e a forma com que seus cabelos estavam trançados, ele abriu um sorriso. Conhecia a garota, as lembranças emergiam de profundezas ocultas, embora jamais esperasse encontrá-la ali. Na verdade, achava que não a veria nunca mais. Ele sorriu para si mesmo. *Sorte para equilibrar o azar.* Pelo que lembrava, ela era muito atenta aos rapazes.

— Else — chamou ele. — Else Grinwell. Você se lembra de mim, não é? Mat Cauthon. Um amigo e eu visitamos a fazenda do seu pai. Lembra? Então você decidiu se tornar Aes Sedai?

Ela parou de repente, olhando para ele.

— O que você está fazendo aqui fora? — perguntou, com frieza.

— Você está sabendo, não é? — Ele se aproximou dela, mas ela recuou, mantendo a distância. Ele parou. — Não é contagioso. Eu fui Curado, Else. — Os olhos grandes e negros pareciam mais astutos e menos afetuosos do que ele se recordava, porém ele supôs que a preparação para se tornar Aes Sedai pudesse ter esse efeito. — Qual é o problema, Else? Parece até que você não me conhece.

— Eu conheço você — respondeu ela. Os modos da moça também não eram os mesmos de antes. Ele pensou que ela agora talvez desse aulas a Elayne. — Eu tenho… um trabalho a fazer. Me deixe passar.

Ele fez uma careta. O corredor era largo o bastante para seis pessoas caminharem lado a lado sem se esbarrar.

— Eu disse que não é contagioso.

— Me deixe passar!

Resmungando para si mesmo, ele deu um passo para o canto. Ela passou pelo outro lado, observando-o para garantir que ele não se aproximaria. Depois de passar, a jovem apressou o passo, olhando por cima do ombro até fazer uma curva e desaparecer.

Ela quis ter certeza de que eu não a seguiria, pensou, amargo. *Primeiro os guardas, e agora Else. Estou sem sorte hoje.*

Ele voltou a caminhar e logo ouviu uma intensa algazarra de um lado mais à frente, como o som do açoite de dez varas ao mesmo tempo. Curioso, tomou um desvio em direção ao barulho, para dentro das árvores.

Um pequeno caminho o conduziu a uma extensa área de chão batido, com pelo menos cinquenta passos de comprimento e quase o dobro de largura. Entremeados sob as árvores ao redor, havia suportes de madeira contendo bastões e espadas de treino feitas de ripas de madeira frouxamente atadas, além de algumas espadas de verdade, machados e lanças.

Espalhados pela área, duplas de homens, a maioria sem camisa, lutavam com outras espadas de treino. Alguns se moviam de modo tão suave que quase pareciam dançar uns com os outros, fluindo de forma em forma, golpe a contragolpe, em movimentos contínuos. Não havia nada de aparente, além de suas habilidades, que os distinguisse de outros homens, mas Mat teve a certeza de que observava Guardiões.

Os que não se moviam com tanta suavidade eram todos mais novos, cada par sob os olhos atentos de um senhor mais velho que irradiava uma graça perigosa, mesmo parado de pé. *Guardiões e alunos*, concluiu Mat.

Ele não era o único na plateia. A menos de dez passos de distância, meia dúzia de mulheres com os rostos de idade indefinida, típicos das Aes Sedai, e outras tantas usando vestidos brancos com faixas de Aceitas observavam uma dupla de alunos, despidos até a cintura e ensopados de suor, sob a supervisão de um Guardião cuja figura parecia um bloco de pedra. O Guardião segurava um cachimbo de cano curto soltando fumaça de tabaco, apontando-o para dar instruções aos alunos.

Mat sentou-se de pernas cruzadas sob uma folha-de-couro, pegou três pedras do chão e começou a fazer malabarismos, absorto. Não se sentia exatamente fraco, mas era bom se sentar. Se houvesse uma saída dos muros da Torre, ela não desapareceria enquanto ele descansava um pouquinho.

Antes de se passarem cinco minutos, ele já sabia quem as Aes Sedai e Aceitas observavam. Um dos alunos do Guardião troncudo era um jovem

alto e ágil, que se movia feito um gato. *E quase tão bonito quanto uma garota*, pensou Mat, com ironia. Todas as mulheres olhavam o homem alto com os olhos brilhantes, até as Aes Sedai.

O homem manuseava a espada de treino quase com a mesma destreza dos Guardiões e de vez em quando ganhava um comentário seco do professor em aprovação. Não que seu oponente, um jovem de cabelos louros-acobreados de altura similar à de Mat, fosse inábil. Longe disso, pelo que Mat podia ver, embora jamais houvesse tido a pretensão de saber algo sobre espadas. O sujeito louro respondia a todos os ataques rápidos, desviando-os antes que as ripas amarradas os golpeassem, e até arriscava uma ou outra investida. Porém, o rapaz bonito reagia e contra-atacava em um piscar de olhos.

Mat passou as pedras para a outra mão, mas continuou jogando-as. Não gostaria de enfrentá-los. Muito menos com uma espada.

— Intervalo! — A voz do Guardião soava como pedras jogadas de um balde. Ofegantes, os dois homens largaram as espadas de treino. Tinham os cabelos empapados de suor. — Podem descansar enquanto termino meu cachimbo. Mas descansem rápido, estou quase no fim.

Agora que haviam terminado a dança, Mat pôde dar uma boa olhada no rapaz de cabelos louro-acobreados e largou as pedras. *Que me queime, aposto todo o meu dinheiro que é o irmão de Elayne. E, se o outro não for Galad, eu como minhas próprias botas.* Na viagem desde a Ponta de Toman, Elayne parecia ter passado metade do tempo falando a respeito das virtudes de Gawyn e dos vícios de Galad. Sim, Gawyn tinha alguns vícios, de acordo com Elayne, mas eram pequenos. Para Mat, pareciam o tipo de coisa que só uma irmã consideraria de fato vícios. Quanto a Galad, quando Elayne era pressionada a ser sincera, ele parecia aquilo que toda mãe dizia querer de seu filho. Mat não achava que gostaria de passar muito tempo na companhia do sujeito. Egwene enrubescia toda vez que tocavam no nome dele, embora pensasse que ninguém percebia.

Um leve burburinho pareceu se formar entre as mulheres quando Gawyn e Galad pararam e avançaram juntos, como se fossem um só. No entanto, Gawyn avistou Mat, disse algo em segredo para Galad, e a dupla passou direto pelas mulheres. Aes Sedai e Aceitas se viraram para segui-los com o olhar. Mat ficou de pé mais do que depressa ao ver os rapazes se aproximarem.

— Você é Mat Cauthon, não é? — perguntou Gawyn, com um largo sorriso. — Sabia que o reconheceria, pela descrição de Egwene. E de Elayne. Soube que esteve doente. Está melhor?

— Estou bem — respondeu Mat.

Perguntou a si mesmo se deveria chamar Gawyn de "milorde" ou algo do tipo. Ele se recusava a chamar Elayne de "milady", ainda que ela de fato não exigisse, e decidiu que não seria diferente com o irmão.

— Veio ao pátio de treinamento para aprender a lutar com a espada? — perguntou Galad.

Mat negou com a cabeça.

— Estava só caminhando um pouco. Não entendo muito de espadas. Acho que confio mais em um bom arco ou em um bom bastão. Esses, eu sei usar.

— Se passar muito tempo com Nynaeve — disse Galad —, vai precisar de arco, bastão *e* espada para se proteger. E nem sei se tudo isso é suficiente.

Gawyn olhou para ele, espantado.

— Galad, você quase contou uma piada.

— Eu tenho senso de humor, Gawyn — retrucou Galad, de cara fechada. — Você só acha que não tenho porque não gosto de zombar dos outros.

Gawyn balançou a cabeça e virou-se outra vez para Mat.

— Deveria aprender a usar a espada. Todo mundo precisa desse tipo de conhecimento hoje em dia. Seu amigo Rand al'Thor andava com uma espada bem esquisita. O que sabe dele?

— Não vejo Rand há um bom tempo — retrucou Mat, depressa. Por um breve instante, ao mencionar Rand, o olhar de Gawyn ganhou intensidade. *Luz, será que* ele *sabe de Rand? Impossível. Se soubesse, estaria me acusando de ser Amigo das Trevas só por ser amigo dele. Mas ele sabe de alguma coisa.* — Espadas não são a única arma que presta, sabiam? Acho que me sairia muito bem contra qualquer um dos dois, vocês de espada, e eu com meu bastão.

Gawyn deu uma tossidela, obviamente para esconder uma risada. Com uma polidez excessiva, disse:

— Você deve ser muito bom.

A expressão de Galad era de franca incredulidade.

Talvez fosse porque os dois claramente acreditavam que ele estava contando vantagem. Talvez porque ele errara a mão ao fazer perguntas ao guarda. Talvez porque Else, que sempre fora tão interessada em rapazes, não quisera nada com ele, e todas aquelas mulheres encaravam Galad como gatas diante de um jarro de leite. Aes Sedai e Aceitas ou não, ainda eram mulheres. Todas essas explicações percorreram a mente de Mat, mas ele as rejeitou, enfático. A última em especial. Ele faria porque seria divertido. E poderia ganhar algum dinheiro. Não precisaria nem de sorte.

— Eu aposto — disse ele — dois marcos de prata com cada um de vocês que derrubo os dois de uma vez, do jeito que falei. Vocês não poderiam ter probabilidade melhor. Vocês são dois, eu, um só. Então, dois para um dá uma boa chance.

Ele quase riu alto diante da consternação dos rapazes.

— Mat — disse Gawyn —, não precisamos apostar nada. Você esteve doente. Talvez seja melhor deixarmos isso para quando estiver mais forte.

— Estaria longe de ser uma aposta justa — completou Galad. — Não aceito a aposta, nem agora nem depois. Você é da mesma aldeia que Egwene, não é? Eu… não quero que ela fique com raiva de mim.

— O que é que ela tem a ver com isso? Se vocês me acertarem uma vezinha sequer com a espada, entrego um marco de prata para cada um. Se eu golpear vocês até caírem, cada um me dá dois marcos. Não acham que conseguem?

— Isso é ridículo — disse Galad. — Você não teria chance nem contra um espadachim treinado, que dirá contra dois. Não vou competir com tamanha vantagem.

— Vocês acham isso? — perguntou uma voz áspera. O Guardião troncudo juntou-se a eles, as sobrancelhas negras caídas revelando uma expressão de desprezo. — Acham que são bons o bastante com a espada para vencer um rapaz com um bastão?

— Não seria justo, Hammar Gaidin — respondeu Galad.

— Ele estava doente — acrescentou Gawyn. — Não há necessidade disso.

— Para o pátio — ralhou Hammar, indicando o local com a cabeça. Galad e Gawyn lançaram olhares pesarosos e obedeceram. O Guardião encarou Mat de cima a baixo, desconfiado. — Tem certeza disso, rapaz? Agora que estou olhando bem para você, vejo que deveria estar de cama.

— Acabei de sair de uma — disse Mat — e estou preparado. Tenho que estar. Não quero perder meus dois marcos.

Hammar ergueu as sobrancelhas pesadas, surpreso.

— Pretende levar adiante essa aposta, rapaz?

— Preciso do dinheiro. — Mat deu uma risada.

A risada foi interrompida de repente quando se virou em direção ao suporte mais próximo que continha os bastões, e seus joelhos quase cederam. Ele se aprumou com tanta rapidez que achou que qualquer um que tivesse notado teria pensado que ele acabara de tropeçar. Diante do suporte, tomou tempo e escolheu um bastão de quase duas polegadas de diâmetro, quase um pé maior que ele. *Preciso vencer. Fui abrir essa boca idiota, e agora preciso vencer. Não posso perder esses dois marcos. Sem eles para começar, levarei a vida inteira para ganhar todo o dinheiro de que preciso.*

Quando se virou, segurando o bastão à frente com as duas mãos, Gawyn e Galad já o aguardavam. *Preciso vencer.*

— Sorte — murmurou. — Está na hora de jogar os dados.

Hammar lhe lançou um olhar estranho.

— Você fala a Língua Antiga, rapaz?

Mat o encarou por um instante, calado. Sentiu um calafrio. Obrigou-se a começar a caminhar até o pátio de treinamento.

— Lembrem-se da aposta — disse, em voz alta. — Dois marcos de prata de cada um, contra dois meus.

Um murmúrio percorreu o grupo das Aceitas quando perceberam o que estava acontecendo. As Aes Sedai observavam em silêncio. Silêncio reprovador.

Gawyn e Galad se separaram, um de cada lado de Mat, mantendo a distância, as duas espadas apenas parcialmente erguidas.

— Nada de apostas — disse Gawyn. — Não vamos apostar.

— Não vou levar seu dinheiro desse jeito — disse Galad, ao mesmo tempo.

— Eu pretendo levar o de vocês — respondeu Mat.

— Resolvido! — rosnou Hammar. — Se eles não têm coragem de cobrir a aposta, rapaz, eu mesmo pago o resultado.

— Muito bem — retrucou Gawyn. — Se o senhor insiste… combinado!

Galad hesitou mais um instante e grunhiu:

— Combinado, então. Vamos acabar de uma vez com essa palhaçada.

A breve advertência era só tudo de que Mat precisava. Enquanto Galad avançava, ele deslizou as mãos pelo bastão e passou a girá-lo. A extremidade do bastão acertou com um baque as costelas do rapaz alto, que soltou um grunhido e cambaleou. Mat afastou o bastão de Galad e o girou, no mesmo instante em que Gawyn se colocava a seu alcance. O bastão se inclinou, passou por cima da espada de treino de Gawyn e golpeou seu tornozelo em uma rasteira. Enquanto Gawyn caía, Mat completou o giro a tempo de pegar Galad pelo punho erguido, jogando a espada de treino para longe. Como se não sentisse dor alguma no pulso, Galad lançou-se em um suave mergulho para o chão, rolou e se levantou, segurando a espada com ambas as mãos.

Ignorando-o por um instante, Mat se virou um pouco e, com um movimento ágil dos punhos, investiu com o bastão para o lado. Gawyn, que começava a se levantar, foi atingido em um dos lados da cabeça com um baque alto, apenas parcialmente suavizado pelos cabelos. Ele desabou.

Mat teve a vaga consciência de que uma Aes Sedai correra para socorrer o irmão de Elayne. *Espero que ele esteja bem. Deve estar. Já levei pancadas mais fortes que essa pulando muros.* Ele ainda precisava dar conta de Galad, e, pela posição do rapaz, equilibrado nas pontas dos pés e erguendo a espada com precisão, ele tinha começado a levar Mat a sério.

Suas pernas escolheram justo aquele instante para cambalear. *Luz, não posso fraquejar agora.* Mas ele sentiu outra vez, insinuando-se, aquela sensação de fraqueza, aquela fome, como se não comesse havia dias. *Se eu esperar ele me atacar, vou cair de cara no chão.* Foi difícil manter os joelhos firmes no início da investida. *Sorte, não me abandone.*

Desde o primeiro golpe ele soube que aquela sorte, habilidade ou o que quer que o tivesse feito vencer até ali ainda persistia. Galad conseguiu desviar do golpe com um estrépito, e do seguinte, e do seguinte, mas o cansaço era visível em seu rosto. Aquele espadachim competente, quase tão bom quanto um Guardião, lutava com toda a sua habilidade para aparar os golpes do bastão de Mat. Ele não atacava, só era capaz de se defender. Deslocava-se o tempo inteiro para o lado, tentando não ser forçado a recuar, e Mat o encurralava, o bastão se movendo tão rápido que parecia um borrão. Galad recuava e desviava: a lâmina de madeira era um fino escudo contra o bastão.

A fome consumia Mat como se ele tivesse engolido um trator. O suor caía em seus olhos, e sua força começou a se esvair como se levada com o suor. *Ainda não. Não posso cair ainda. Preciso vencer. Agora.* Com um rugido, lançou toda a reserva de força em uma última explosão.

O bastão, rápido como um raio, desviou da espada de Galad e atingiu joelho, punhos e costela, chegando enfim ao estômago de Galad feito uma lança. O aluno soltou um grunhido e se curvou, tentando não cair. Mat aplicou um último golpe na garganta. Galad desabou no chão.

Mat quase largou o bastão quando percebeu o que estava prestes a fazer. *Vencer, não matar. Luz, o que é que eu estava pensando?* Por reflexo, apoiou o bastão no chão, e assim que o fez precisou daquele apoio para manter-se ereto. A fome o consumia como uma faca escavando o tutano de dentro de um osso. De súbito, percebeu que as Aes Sedai e Aceitas não eram as únicas espectadoras. Toda a prática e todo o treino haviam parado. Guardiões e alunos os observavam.

Hammar aproximou-se de Galad, que ainda gemia no chão e tentava se levantar. O Guardião gritou:

— Quem foi o maior mestre espadachim de todos os tempos?

Das bocas de dezenas de alunos saiu a resposta, em uníssono:

— Jearom, Gaidin!

— Isso! — gritou Hammar, virando-se para que todos os ouvissem. — Durante toda a vida, Jearom lutou mais de dez mil vezes, em batalhas e duelos. Foi derrotado uma única vez. Por um fazendeiro com um bastão! Lembrem-se disso. Lembrem-se do que acabaram de ver. — Ele olhou para Galad, no chão, e baixou a voz. — Se não conseguir se levantar agora, rapaz, a luta acabou. — Ergueu a mão, e as Aes Sedai e Aceitas se apressaram para cercar Galad.

Mat deslizou as mãos pelo bastão e caiu de joelhos. Nenhuma das Aes Sedai sequer olhou em sua direção. Mas uma das Aceitas sim, uma garota corpulenta que talvez ele tivesse se animado em tirar para uma dança, se ela não fosse se tornar uma Aes Sedai. A moça franziu o rosto para ele e virou-se para espiar o que as Aes Sedai faziam em torno de Galad.

Gawyn estava de pé, percebeu Mat, aliviado. Quando Gawyn se aproximou, ele se levantou. *Não posso deixar que percebam. Nunca sairei daqui se decidirem cuidar de mim para sempre.* O sangue escurecia os

cabelos ruivos na lateral da cabeça de Gawyn, mas não havia corte ou ferimento aparente.

Ele colocou dois marcos de prata nas mãos de Mat enquanto dizia:

— Acho que vou escutar da próxima vez. — Percebendo o olhar do rapaz, Gawyn tocou a cabeça. — Elas Curaram, mas não foi nada sério. Elayne já fez pior, mais de uma vez. Você é bom nisso.

— Não tanto quanto meu pai. Ele vence o torneio de bastão do Bel Tine todos os anos desde que me entendo por gente, exceto por uma ou duas vezes em que o pai de Rand venceu. — Os olhos de Gawyn voltaram a demonstrar interesse, e Mat desejou não ter mencionado Rand al'Thor. As Aes Sedai e Aceitas ainda estavam agrupadas em torno de Galad. — Eu… devo ter feito um estrago nele. Não foi minha intenção.

Gawyn olhou na direção do irmão. Não era possível ver nada além de dois círculos formados pelas costas das mulheres, os vestidos brancos de Aceitas por fora, enquanto elas espiavam por cima dos ombros das Aes Sedai agachadas. Então soltou uma risada.

— Você não o matou. Eu o ouvi gemendo, então já deve estar de pé, mas elas não vão deixar passar essa chance, agora que puseram as mãos nele. Luz, quatro dessas são da Ajah Verde! — Mat lhe lançou um olhar confuso. *Ajah Verde? O que é que isso tem a ver?* Gawyn balançou a cabeça. — Não importa. Mas pode ter certeza de que o pior tormento de Galad agora é acabar virando Guardião de uma Aes Sedai Verde antes de clarear as ideias. — Ele riu. — Não, elas não fariam isso. Mas aposto esses meus dois marcos que estão na sua mão que algumas delas gostariam de fazer.

— Não são seus marcos — retrucou Mat, enfiando as moedas no bolso do casaco —, são meus. — A explicação não fez sentido para ele. Exceto que Galad estava bem. Tudo o que sabia a respeito do que se passava entre Guardiões e Aes Sedai eram os fragmentos do que se lembrava de Lan e Moiraine, e não havia nada entre eles que se parecesse com o que Gawyn parecia sugerir. — Acha que elas vão se irritar se eu for até lá pegar meu pagamento?

— É muito provável que sim — respondeu Hammar, secamente, juntando-se aos dois. — No momento, você não é muito bem quisto por essas Aes Sedai em particular. — Ele bufou. — Pensei que ao menos as Aes Sedai Verdes não agiriam feito garotas que acabaram de sair da barra da saia da mãe. E ele não é *tão* bonito assim.

— Não mesmo — concordou Mat.

Gawyn abriu um sorriso para os dois, até que Hammar cravou os olhos nele.

— Aqui — disse o Guardião, empurrando mais duas moedas de prata na mão de Mat. — Depois eu cobro de Galad. De onde você é, rapaz?

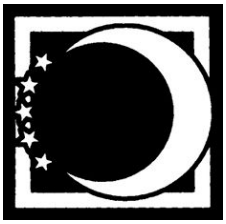
— Manetheren. — Mat congelou ao ouvir o nome sair de sua boca. — Quer dizer, sou de Dois Rios. Andei escutando muitas histórias antigas. — Os dois o encararam sem dizer uma palavra. — Eu… acho melhor voltar e ver se encontro algo para comer. — Nem o sino da meia-manhã havia soado ainda, mas os dois assentiram, como se aquilo fizesse sentido.

Ele pegou o bastão, que ninguém havia mandado devolver, e seguiu caminhando devagar, até que as árvores esconderam o pátio de treinamento. Quando isso aconteceu, ele se apoiou no bastão como se fosse a única coisa que o sustentasse. Não estava certo de que não era.

Pensou que, se abrisse o casaco, veria um buraco onde o estômago deveria estar; um buraco crescendo cada vez mais, tomando todo o seu corpo. No entanto, não pensava na fome. Continuava ouvindo vozes na cabeça. *Você fala a Língua Antiga, rapaz? Manetheren.* Um calafrio o percorreu. *Que a Luz me ajude, estou me afundando cada vez mais. Preciso sair daqui. Mas como?* Ele seguiu de volta para a Torre, apoiado no bastão como um homem muito, muito velho. *Como?*



CAPÍTULO 25



Perguntas

Egwene estava deitada na cama de Nynaeve, o queixo apoiado nas mãos, observando-a andar de um lado para o outro. Elayne se encontrava esparramada diante da lareira, que ainda estava cheia das cinzas do fogo da noite anterior. Mais uma vez, Elayne estudava a lista de nomes que Verin havia fornecido, lendo cada palavra novamente, com muita paciência. As outras páginas, com a lista de *ter'angreal*, jaziam na mesa. Depois de uma única e chocante leitura, não voltaram a conversar a respeito dela, embora tenham falado sobre todo o resto. E discutido, também.

Egwene bocejou, cobrindo a boca com a mão. A manhã ainda estava na metade, mas nenhuma delas tinha dormido muito. Tiveram que levantar cedo. Para ajudar nas cozinhas e no café da manhã. Para outras coisas sobre as quais ela se recusava a pensar. As poucas horas de sono que conseguira foram repletas de sonhos desagradáveis. *Talvez Anaiya pudesse me ajudar a entender os sonhos, aqueles que preciso entender, mas… e se ela for da Ajah Negra?* Depois de olhar para cada mulher presente na noite anterior, perguntando-se qual delas seria da Ajah Negra, começava a achar muito difícil confiar em qualquer uma além de suas duas companheiras. No entanto, queria mesmo encontrar uma forma de interpretar aqueles sonhos.

Os pesadelos sobre o que havia acontecido dentro do *ter'angreal* na noite anterior eram muito fáceis de explicar, embora a tivessem feito acordar chorando. Ela também sonhara com os Seanchan, com mulheres em vestidos

com raios bordados nos seios que encolaravam uma longa fileira de mulheres com anéis da Grande Serpente, forçando-as a lançar raios sobre a Torre Branca. Aquilo a fizera acordar suando frio, mas também devia ser só um pesadelo. E o sonho com os Mantos-brancos atando as mãos de seu pai. Um pesadelo causado pelas saudades de casa, supôs. Os outros, no entanto…

Ela olhou mais uma vez para as outras duas mulheres. Elayne ainda lia. Nynaeve ainda andava de um lado para o outro.

Houvera um sonho com Rand estendendo a mão para pegar uma espada que parecia feita de cristal, sem enxergar a fina rede que caía sobre ele. E outro dele ajoelhado em uma câmara onde um vento seco soprava poeira pelo chão, e figuras como a do estandarte do Dragão, porém menores, flutuavam e pousavam em sua pele. Houvera um sonho em que ele caminhava por um grande buraco dentro de uma montanha negra, um buraco repleto de um brilho avermelhado, como se grandes fogueiras ardessem lá embaixo, e até um sonho em que ele enfrentava os Seanchan.

Não estava certa a respeito desse último, mas sabia que os outros deviam significar alguma coisa. Quando ainda pensava que podia confiar em Anaiya, muito antes de ter deixado a Torre, antes de descobrir a verdade sobre a Ajah Negra, algumas perguntas que fizera com muito cuidado — muito, muito cuidado, para que Anaiya achasse que não passava da mesma curiosidade que ela demonstrava a respeito de outros assuntos — revelaram que os sonhos de uma Sonhadora com os *ta'veren* eram quase sempre significativos. E que, quanto mais forte o *ta'veren*, mais "quase sempre" se tornava "sempre".

No entanto, Mat e Perrin eram *ta'veren*, e ela também havia sonhado com os dois. Sonhos estranhos, até mais difíceis de entender do que os com Rand. Perrin com um falcão no ombro, e Perrin com um gavião. Mas o gavião tinha as garras acorrentadas. Egwene estava convencida, de alguma forma, de que tanto o gavião quanto o falcão eram fêmeas. E o gavião tentava prender a corrente no pescoço de Perrin. Aquilo a fazia tremer mesmo acordada, não gostava de sonhar com correntes. E mais um sonho com Perrin — de barba! — conduzindo uma alcateia enorme, que se estendia até onde a visão alcançava.

Os sonhos com Mat tinham sido ainda piores. Mat colocando o próprio olho esquerdo no prato de uma balança. Mat enforcado em um galho de

árvore. Também houve um sonho com o rapaz e os Seanchan, mas ela estava inclinada a descartá-lo como um pesadelo. Fora apenas um pesadelo. Assim como o outro, com Mat falando a Língua Antiga. Devia ter sonhado aquilo por conta do que ouvira durante a Cura dele.

Ela suspirou, e o suspiro transformou-se em outro bocejo. Depois do café da manhã, ela e as outras tinham ido até o quarto de Mat para ver como ele se sentia, mas o rapaz não estava lá.

Ele já deve estar bom até para dançar. Luz, eu provavelmente vou sonhar com danças com os Seanchan! Chega de sonhos, disse a si mesma, com firmeza. *Não nesse momento. Pensarei neles quando não estiver tão cansada.* Ela pensou nas cozinhas, na refeição do meio-dia que já se aproximava, e depois no jantar e no café da manhã do dia seguinte, e nas panelas, limpeza e esfregação que não acabavam mais. *Se é que um dia eu não estarei tão cansada.* Trocando de posição na cama, olhou outra vez para as amigas. Elayne ainda estava ocupada com a lista de nomes. Nynaeve andava mais devagar. *A qualquer momento, Nynaeve dirá aquilo outra vez. A qualquer momento.*

A mulher parou de supetão, encarando Elayne.

— Guarde isso. Já repassamos tudo mais de vinte vezes e não encontramos nada que ajudasse. Verin nos entregou um monte de lixo. A pergunta é: isso era tudo o que tinha ou ela nos deu esse monte de lixo de propósito?

Conforme o esperado. Talvez daqui a meia hora ela diga mais uma vez. Egwene encarou as mãos com a testa franzida, feliz por não poder vê-las direito. O anel da Grande Serpente parecia… deslocado… naquelas mãos enrugadas pela longa imersão em água quente e cheia de sabão.

— Saber os nomes delas ajuda — disse Elayne, ainda lendo. — Saber como elas são, também.

— Você entendeu muito bem o que eu quis dizer — retrucou Nynaeve, ríspida.

Egwene suspirou, cruzou os braços e apoiou o queixo neles. Quando saíra do gabinete de Sheriam naquela manhã, ainda sem um mísero lampejo de sol no horizonte, Nynaeve a aguardava com uma vela no corredor frio e escuro. Ela não pôde enxergar com muita clareza, mas teve certeza de que Nynaeve parecia prestes a explodir. E parecia saber que explodir não adiantaria de nada. Era por isso que estava tão irritada. *Ela é tão orgulhosa*

quanto qualquer homem que já conheci. Mas não deveria descontar em Elayne ou em mim. Luz, se Elayne pode aguentar, ela também deveria poder. Ela não é mais a Sabedoria.

Elayne mal parecia notar se Nynaeve estava ou não irritada. Com a testa franzida, encarava o vazio, pensativa.

— Liandrin era a única Vermelha. Todas as outras Ajahs perderam duas mulheres.

— Ah, fique quieta, criança — resmungou Nynaeve.

Elayne balançou a mão esquerda para exibir o anel da Grande Serpente, lançou um olhar significativo a Nynaeve e prosseguiu.

— Não há duas nascidas na mesma cidade, e não mais que duas no mesmo país. Amico Nagoyin era a mais jovem, uns quinze anos mais velha que Egwene e eu. E Joiya Byir poderia ser a bisavó de nossa bisavó.

Egwene não apreciava o fato de uma Ajah Negra ter o mesmo nome de sua filha. *Sua boba! Várias pessoas têm o mesmo nome, e você nunca teve uma filha. Não foi real!*

— E o que isso nos diz? — Nynaeve tinha a voz tranquila demais: estava prestes a explodir feito uma carroça cheia de fogos de artifício. — Que segredos você descobriu que eu deixei passar? Estou mesmo ficando velha e cega!

— Isso nos diz que está tudo organizado demais — respondeu Elayne, com calma. — Quais são as chances de treze mulheres escolhidas unicamente por serem Amigas das Trevas estarem tão bem distribuídas entre países e Ajahs? Não deveria haver três Vermelhas, quatro nascidas em Cairhien, ou talvez duas da mesma idade, se fossem escolhidas ao acaso? Deveria haver muitas como opções, ou não conseguiriam tanta aleatoriedade. Ainda há Negras na Torre ou em algum outro lugar que desconhecemos. Só pode significar isso.

Nynaeve deu um puxão na trança, irritada.

— Luz! Acho que você pode estar certa. Realmente, encontrou segredos que eu não encontrei. Luz, esperava que todas tivessem ido embora com Liandrin.

— Nós sequer sabemos se ela é a líder — continuou Elayne. — Ela pode ter recebido a ordem de… *se livrar* de nós. — Ela comprimiu os lábios. — Acho que só consigo pensar em uma razão para terem escolhido mulheres tão diferentes entre si, para evitar qualquer padrão a não ser uma falta de

padrão. Acho que isso significa que *existe* algum tipo de padrão na Ajah Negra.

— Se houver algum — disse Nynaeve, com firmeza —, nós vamos descobrir. Elayne, se observar sua mãe governar a corte fez você aprender a pensar assim, estou muito contente por ter prestado tanta atenção.

O sorriso que Elayne deu em resposta formou covinhas em suas bochechas.

Egwene olhou para a mulher mais velha com cautela. Parecia que Nynaeve enfim pararia de agir como um urso com dor de dente. Egwene ergueu a cabeça e disse:

— A não ser que queiram nos levar a pensar que estão escondendo algum padrão, para que percamos tempo procurando onde não existe nada. Não estou dizendo que não existe, só que ainda não sabemos. Vamos procurar, mas acho que precisamos procurar outras coisas também. Não acham?

— Até que enfim você decidiu se levantar — disse Nynaeve. — Pensei que tivesse pegado no sono. — A mulher ainda sorria.

— Ela está certa — concordou Elayne, enojada. — Construí uma ponte de palha. Pior que palha. De anseios. Talvez você também tenha razão, Nynaeve. De que adianta esse… lixo? — Ela pegou uma folha de papel da pilha à sua frente. — Rianna tem cabelos pretos com uma mecha branca acima da orelha esquerda. Se eu estiver enxergando isso, é porque estou mais perto dela do que gostaria. — Pegou outra folha. — Chesmal Emry é uma das Curandeiras mais talentosas que já se viu em anos. Luz, imagine só, ser Curada por uma Ajah Negra! — Ela pegou uma terceira folha. — Marillin Gemalphin gosta de gatos e para tudo o que está fazendo para socorrer um animal ferido. Gatos! Ora! — Ela espalhou as folhas e as amassou com as mãos. — É *mesmo* um monte de lixo.

Nynaeve ajoelhou-se ao lado dela e afastou delicadamente as mãos da jovem dos papéis.

— Talvez sim, talvez não. — Ela alisou as páginas com cuidado sobre o peito. — Você encontrou uma pista para seguirmos. Talvez encontremos outras, se formos persistentes. E ainda tem a outra lista. — Os olhos dela e os de Elayne saltaram para Egwene, olhos castanhos e azuis com a mesma expressão preocupada.

Egwene evitou olhar para a mesa onde estavam as outras folhas. Não queria pensar nelas, mas não podia evitar. A lista de *ter'angreal* já estava gravada em sua mente.

Item. Uma barra de cristal, lisa e perfeitamente límpida, com um pé de comprimento e uma polegada de diâmetro. Uso desconhecido. Última análise realizada por Corianin Nedeal. Item. A estatueta de uma mulher desnuda, de alabastro, uma mão de altura. Uso desconhecido. Última análise realizada por Corianin Nedeal. Item. Um disco, aparentemente de ferro simples, ainda não enferrujado, de três polegadas de diâmetro, com entalhes finos em ambos os lados, no formato de uma espiral compacta. Uso desconhecido. Última análise realizada por Corianin Nedeal. Muitos itens, e mais da metade com "uso desconhecido" e "última análise realizada por Corianin Nedeal". Mais precisamente, treze.

Egwene estremeceu. *Estou chegando ao ponto de não querer mais nem pensar nesse número.*

Eram poucos os itens conhecidos da lista. Aparentemente, nem todos tinham utilidade real, mas ela imaginava que aquilo não era muito reconfortante. Um ouriço entalhado em madeira do tamanho da última junta do dedão de um homem. Uma coisa tão pequena, e sem dúvida inofensiva. Qualquer mulher que tentasse canalizar por esse objeto acabava dormindo. Meio dia de sono tranquilo e sem sonhos, mas era próximo demais para que Egwene não sentisse arrepios. Mais três tinham algo a ver com sono. Foi quase um alívio ler sobre uma barra estriada de pedra negra de um passo de comprimento que produzia fogo devastador, com o aviso PERIGOSO E QUASE IMPOSSÍVEL DE CONTROLAR, escrito à mão com tanta força que Verin havia chegado a rasgar o papel em dois lugares diferentes. Egwene ainda não fazia ideia do que era fogo devastador, mas, embora sem dúvida parecesse mais perigoso que tudo, também era certo que nada tinha a ver com Corianin Nedeal ou sonhos.

Nynaeve depositou as páginas alisadas na mesa. Hesitou antes de espalhar as outras e passar o dedo por uma, depois pela seguinte.

— Aqui tem uma coisa de que Mat iria gostar — disse, em uma voz leve e despreocupada demais. — Item. Um conjunto de seis dados entalhados, com junção nos cantos, de menos de duas polegadas. Uso desconhecido, salvo que canalizar por meio dele parece atrair a sorte de alguma forma ou causar uma reviravolta. — Ela começou a ler em voz alta. — "As moedas

jogadas apresentavam a mesma face todas as vezes, e em um teste caíram de pé cem vezes seguidas. Mil lances do dado resultaram em cinco coroas mil vezes." — Ela deu uma risada forçada. — Mat amaria isso.

Egwene suspirou, se levantou e caminhou, ereta, até a lareira. Elayne se levantou com dificuldade, observando em silêncio, assim como Nynaeve. Egwene puxou a manga para cima o máximo que pôde e enfiou a mão com cuidado pela chaminé. Seus dedos tocaram uma lã dentro da câmara de fumaça, e ela tirou um chumaço de meia fina, empelotado no dedão. Limpou a sujeira de fuligem do braço, levou a meia até a mesa e a sacudiu. O anel retorcido de pedra listrada e manchada rodopiou e caiu em uma página da lista de *ter'angreal*. Por alguns instantes as três ficaram paradas, observando-o.

— Talvez — disse Nynaeve, por fim — Verin apenas não tenha atentado para o fato de que tantos deles tiveram a última análise feita por Corianin. — Ela não parecia acreditar no que dizia.

Elayne assentiu, mas estava desconfiada.

— Eu a vi caminhando na chuva um dia, ensopada, e levei um manto para ela. Estava tão absorta, pensando em sei lá o quê, que acho que não percebeu que estava chovendo até eu envolvê-la com o manto. Talvez tenha deixado algo passar.

— Talvez — disse Egwene. — Se não tiver esquecido, ela deveria saber que eu perceberia assim que lesse a lista. Não sei. Às vezes acho que Verin percebe mais do que deixa transparecer. Simplesmente não sei.

— Então Verin é suspeita. — Elayne suspirou. — Se ela for da Ajah Negra, elas sabem exatamente o que estamos fazendo. E Alanna. — Lançou um olhar indeciso a Egwene, de esguelha.

A jovem havia contado tudo. Exceto o que acontecera dentro do *ter'angreal* durante o teste. Não podia se forçar a falar sobre o que se passara lá, não mais do que Nynaeve ou Elayne podiam contar sobre os próprios testes. Havia contado tudo o que acontecera na sala, o que Sheriam dissera sobre a terrível fraqueza conferida pela habilidade de canalizar, cada palavra que Verin dissera, fosse ou não importante. O único ponto que as três tiveram problemas em aceitar fora Alanna. Aes Sedai simplesmente não agiam daquele jeito. Ninguém em sã consciência agia assim, muito menos uma Aes Sedai.

Egwene as encarou, irritada, quase escutando as palavras.

— Uma Aes Sedai também não deve mentir, mas Verin e a Mãe parecem chegar muito perto disso. A Ajah Negra não deveria existir.

— Eu gosto de Alanna. — Nynaeve puxou a trança, depois deu de ombros. — Ah, está bem. Talv… Quer dizer, ela de fato se comportou de um jeito esquisito.

— Obrigada — disse Egwene, e Nynaeve meneou a cabeça em consentimento, como se não tivesse compreendido a ironia.

— De qualquer modo, a Amyrlin viu o que aconteceu, e ela tem muito mais facilidade que nós para ficar de olho em Alanna.

— E quanto a Elaida e Sheriam? — perguntou Egwene.

— Nunca gostei de Elaida — disse Elayne —, mas não acredito que ela seja da Ajah Negra de verdade. E Sheriam? Impossível.

Nynaeve bufou.

— Seria impossível para qualquer uma delas. Quando as encontrarmos, nada pode garantir que todas serão mulheres de quem não gostamos. Mas não pretendo levantar suspeitas, não desse tipo, sobre toda mulher. Precisamos de mais para seguir em frente, além do fato de que talvez tenham visto algo que não deveriam. — Egwene consentiu com a cabeça, tão depressa quanto Elayne, e Nynaeve prosseguiu: — Vamos contar isso à Amyrlin, mas sem dar um peso maior que o merecido. Se ela vier nos visitar como disse que faria. Elayne, se você estiver com a gente quando ela vier, lembre-se de que ela não sabe a seu respeito.

— Vai ser difícil esquecer — retrucou Elayne, enfática. — Mas precisamos encontrar outra forma de falar com ela. Minha mãe teria planejado isso melhor.

— Não se ela não pudesse confiar nas próprias mensageiras — retrucou Nynaeve. — Vamos esperar. Ou vocês acham que uma de nós deveria conversar com Verin? Ninguém acharia suspeito.

Elayne hesitou, então sacudiu a cabeça de leve. Egwene foi mais ligeira e mais vigorosa. Desatenta ou não, Verin omitira muitas coisas para ser alguém confiável.

— Bom. — Nynaeve soava mais do que satisfeita. — Estou muito contente por não podermos falar com a Amyrlin quando quisermos. Assim tomamos nossas próprias decisões e agimos quando e como decidimos, sem que ela conduza cada passo. — Correu a mão pelas páginas que listavam os *ter'angreal* roubados como se as lesse mais uma vez, depois apertou os

olhos na direção do anel de pedra listrada. — A primeira decisão envolve isso. É a primeira coisa que vimos ter ligação real com Liandrin e as outras. — Ela franziu o rosto para o anel e respirou fundo. — Vou dormir com ele hoje à noite.

Egwene não hesitou em tirar o anel da mão de Nynaeve. Quis hesitar — quis manter as mãos onde estavam —, mas não o fez, e ficou satisfeita.

— Sou eu que dizem ser Sonhadora. Não sei se isso me dá alguma vantagem, mas Verin falou que é perigoso usar o anel. Qualquer uma de nós que o use vai precisar de todas as vantagens que tiver.

Nynaeve agarrou a trança e abriu a boca como se fosse protestar. Quando enfim se pronunciou, foi para dizer:

— Tem certeza, Egwene? Sequer sabemos se você é uma Sonhadora, e eu posso canalizar com mais força que você. Ainda acho…

— Você pode canalizar com mais força se estiver com raiva — Egwene a interrompeu. — Como pode ter certeza de que vai ficar com raiva no meio de um sonho? Será que vai ter tempo para ficar com raiva antes de precisar canalizar? Luz, nem ao menos sabemos se alguém é capaz de canalizar em um sonho. Se uma de nós tiver que fazer isso, e você está certa, é a única ligação que temos, esse alguém deveria ser eu. Talvez eu seja mesmo uma Sonhadora. Além disso, foi para mim que Verin deu o anel.

Nynaeve olhou como se quisesse discutir, mas enfim concordou, contrariada:

— Está bem. Elayne e eu estaremos perto. Não sei o que poderemos fazer, mas, se alguma coisa der errado, pelo menos poderemos acordá-la ou… estaremos perto.

Elayne também assentiu.

Agora que tinha o consentimento das outras, Egwene sentiu um embrulho no estômago. *Eu as persuadi. Queria não desejar que elas me dissuadissem.* Ela notou a presença de uma mulher parada diante da porta, uma mulher em trajes brancos de noviça, com os cabelos em tranças longas.

— Não a ensinaram a bater na porta, Else? — perguntou Nynaeve.

Egwene fechou o punho para esconder o anel de pedra. Teve a estranha sensação de que Else estava olhando para ele.

— Tenho um recado para vocês — respondeu a jovem, muito calma. Seus olhos observavam a mesa, com todos os papéis espalhados, e as três mulheres em volta. — Da Amyrlin.

As três trocaram olhares surpresos.

— Então, o que é? — inquiriu Nynaeve.

Else arqueou uma sobrancelha, divertindo-se.

— Os pertences deixados por Liandrin e as outras foram levados para o terceiro depósito à direita da escadaria principal no segundo porão debaixo da biblioteca. — Ela olhou mais uma vez para os papéis na mesa e saiu, nem devagar nem depressa.

Egwene sentiu dificuldade para respirar. *Temos medo de confiar em qualquer uma, e a Amyrlin resolve confiar justo em Else Grinwell?*

— Não dá para confiar que aquela idiota não vá soltar a língua para a primeira que encontrar! — Nynaeve correu para a porta.

Egwene agarrou as saias e disparou atrás dela. Seus sapatos derraparam nos azulejos do corredor, mas ela conseguiu ver a roupa branca desaparecendo pela rampa mais próxima e a seguiu correndo. *Ela também deve estar correndo, para já estar tão longe. Por que está correndo?* O lampejo de branco já desaparecia na descida de outra rampa. Egwene a seguiu.

Uma mulher virou-se na direção dela, na base da rampa, e Egwene parou, confusa. Quem quer que fosse, certamente não era Else. Toda vestida de seda branca e prateada, ela despertava sentimentos que Egwene jamais tivera. Era mais alta e muito mais bonita. Seus olhos negros faziam Egwene sentir-se pequena, franzina e meio suja. *Além disso, ela deve conseguir canalizar muito mais Poder que eu. Luz, ela deve ser muito mais esperta que nós três juntas. Não é justo que uma mulher…* De repente, deu-se conta de para onde seus pensamentos se encaminhavam. Sua face enrubesceu, e ela se recompôs. Nunca se sentira… menos… que outra mulher, e essa não seria a primeira vez.

— Que audácia — disse a mulher. — Que audácia a sua de sair correndo por aí, sozinha, com tantos assassinatos acontecendo. — Ela soava quase satisfeita.

Egwene se endireitou e ajeitou o vestido mais do que depressa, esperando que a outra mulher não houvesse percebido, mas, sabendo que ela percebera, desejando que não a tivesse visto correr feito uma criança. *Pare com isso!*

— Por favor, estou procurando uma noviça que veio nessa direção, suponho. Tem olhos grandes e escuros e o cabelo trançado. É gordinha e, de

certa forma, bonita. A senhora viu para que lado ela foi?

A mulher alta olhou-a de cima a baixo de um jeito bem-humorado. Egwene não teve certeza, mas achou que ela poderia ter olhado de esguelha para seu punho cerrado, que ainda segurava o anel de pedra.

— Acho que não vai alcançá-la. Eu a vi, e ela estava correndo bem depressa. Suspeito que já esteja bem longe a essa altura.

— Aes Sedai — começou Egwene, mas não teve chance de perguntar para que lado Else havia ido. Algo que talvez fosse raiva ou irritação cintilou naqueles olhos negros.

— Já gastei muito tempo com você. Tenho assuntos mais importantes a tratar. Deixe-me. — Ela fez um gesto na direção de onde Egwene viera.

O comando em sua voz foi tão forte que Egwene se virou e já estava a três passos da subida da rampa quando percebeu o que estava fazendo. Indignada, deu meia-volta. *Aes Sedai ou não, eu…*

O corredor estava vazio.

Franzindo a testa, ela descartou as portas mais próximas: ninguém morava naqueles quartos, exceto talvez alguns ratos. Então disparou pela rampa, olhando para os dois lados e passando os olhos por todo o corredor. Até espiou, por cima do parapeito, o pequeno Jardim das Aceitas e observou os outros corredores, tanto os de cima quanto os de baixo. Viu duas Aceitas de vestidos enfaixados: uma era Faolain, e a outra, uma mulher que ela conhecia de vista, mas não de nome. Não havia ninguém de branco e prata, em lugar algum.



CAPÍTULO 26



Por trás de um Cadeado

Sacudindo a cabeça, Egwene voltou até as portas que ignorara. Ela tem que ter ido a algum lugar. No primeiro cômodo, a pouca mobília que tinha estava coberta por panos empoeirados, e o ar parecia rançoso, como se a porta não fosse aberta havia muito tempo. Ela fez uma careta: *havia* rastros de ratos na poeira do chão. Mas nada além disso. As duas outras portas, que ela abriu depressa, mostraram o mesmo. Não era surpresa. Havia mais quartos vazios do que ocupados na ala das Aceitas.

Quando tirou a cabeça do terceiro quarto, Nynaeve e Elayne desciam a rampa atrás dela, sem pressa alguma.

— Ela se escondeu? — perguntou Nynaeve, surpresa. — Aí?

— Eu a perdi de vista. — Egwene olhou outra vez para os dois lados do corredor em curva. *Aonde ela foi?* Não se referia a Else.

— Se eu imaginasse que Else seria mais rápida que você — disse Elayne, com um sorriso —, teria corrido atrás dela também, mas sempre achei que ela fosse muito cheinha para correr. — Seu sorriso, no entanto, era preocupado.

— Teremos que encontrá-la mais tarde — disse Nynaeve — e garantir que ela fique de boca fechada. Como é que a Amyrlin confiou nessa garota?

— Eu achei que estava bem no encalço dela — comentou Egwene, devagar —, mas era outra pessoa. Nynaeve, foi só eu me virar um segundo, e

ela desapareceu. Não Else, não cheguei a vê-la, mas a mulher que pensei que fosse Else. Ela simplesmente sumiu, e não sei para onde foi.

Elayne prendeu a respiração.

— Uma Sem-alma? — Ela olhou em volta, aflita, mas o corredor continuava vazio, exceto pelas três.

— Não — respondeu Egwene, segura. — Ela… — *Não vou contar que ela me fez sentir com seis anos de idade, um vestidinho rasgado, a cara imunda e o nariz escorrendo.* — Não era nenhum Homem Cinza. Era alta e deslumbrante, com cabelos e olhos negros. Daria para notá-la no meio de mil pessoas. Nunca a vi antes, mas acho que é Aes Sedai. Deve ser.

Nynaeve esperou, como se aguardasse mais, depois disse, impaciente:

— Se a vir de novo, aponte-a para mim. Se achar que há motivo. Não temos tempo para ficar aqui conversando. Quero ver o que há no depósito antes que Else tenha a chance de contar tudo à pessoa errada. Talvez elas tenham sido descuidadas. Não vamos lhes dar a chance de corrigir o erro.

Ao seguir junto a Nynaeve, com Elayne do outro lado, Egwene percebeu que ainda apertava com força o anel de pedra, *o* ter'angreal *de Corianin Nedeal*. Relutante, ela o enfiou na bolsa e puxou a corda com força, fechando-a bem. *Desde que não vá dormir com esse maldito… mas é isso que estou planejando, não é?*

Aquele, porém, era um assunto para a noite, e não adiantava se preocupar antes da hora. Enquanto caminhavam pela Torre, ela continuou procurando pela mulher de vestido branco e prata. Não sabia se estava ou não aliviada por não encontrá-la. *Sou uma mulher crescida, e muito capaz, obrigada.* Ainda assim, estava contente por não ter encontrado qualquer pessoa remotamente parecida com aquela estranha. Quanto mais pensava na mulher, mais sentia que havia algo… errado com ela. *Luz, estou começando a ver Ajah Negras debaixo da cama. Bem, talvez elas* estejam *debaixo da cama.*

A biblioteca ficava um pouco afastada da coluna comprida e larga da Torre Branca, as pedras claras rajadas de azul, e parecia muito com ondas congeladas bem na hora da arrebentação. À luz da manhã, essas ondas avultavam-se com a grandeza de um palácio, e Egwene sabia que elas sem dúvida continham tantos cômodos quanto um, mas todas as salas — as que ficavam sob os estranhos corredores dos andares de cima, onde eram os aposentos de Verin — tinham estantes do chão ao teto repletas de livros,

manuscritos, papéis, pergaminhos e mapas coletados de todos os países durante três mil anos. Nem mesmo as grandes bibliotecas de Tear e Cairhien tinham tantos.

As bibliotecárias — todas irmãs Marrons — vigiavam atentamente as estantes e portas, para garantir que nenhuma folha de papel fosse levada sem que soubessem por que e por quem. Porém, não foi para uma das entradas vigiadas que Nynaeve conduziu as outras duas.

Ao redor da biblioteca, chapadas no chão sob a sombra de altas nogueiras-pecãs, havia outras portas, grandes e pequenas. Os operários às vezes precisavam acessar os depósitos ali embaixo, e as bibliotecárias não aprovavam que homens suados ficassem atravessando a área reservada. Nynaeve puxou uma das portas, do tamanho da entrada de uma casa de fazenda, e com um gesto conduziu as outras duas por um lance íngreme de escadas, descendo para a escuridão. Quando fechou a porta atrás das três, toda a luz desapareceu.

Egwene abriu-se para *saidar*, que veio tão suavemente que ela mal percebeu o que fazia, e canalizou uma gota do Poder. Por um instante, a mera sensação daquela torrente que corria em seu corpo ameaçou dominar todas as outras sensações. Uma pequena bola de luz branco-azulada surgiu e equilibrou-se no ar acima de sua mão. Ela respirou fundo e lembrou por que caminhava rígida. Era um elo com o resto do mundo. A sensação do linho na pele voltou, e das meias de lã, e do vestido. Com uma pontada de arrependimento, ela sufocou o desejo de buscar ainda mais, de deixar *saidar* absorvê-la.

Ao mesmo tempo, Elayne também produziu uma esfera brilhante, e as duas forneceram mais luz que duas lanternas.

— É maravilhoso, não é? — murmurou.

— Tome cuidado — respondeu Egwene.

— Estou tomando — suspirou Elayne. — Eu só sinto… vou tomar cuidado.

— Por aqui — disse Nynaeve, com rispidez, apressando-se a conduzi-las para baixo. Não ficou muito à frente. Não sentia raiva, e por isso precisava usar a luz fornecida pelas outras duas.

O corredor lateral empoeirado por onde haviam entrado, com uma série de portas de madeira nas paredes de pedras cinza, tinha uns cem passos de comprimento até o corredor principal, bem mais largo, que cruzava toda a

extensão da biblioteca. As bolas de luz revelaram pegadas sobre pegadas na poeira, a maioria de botas masculinas grandes e também apagadas pela poeira. O teto ali era mais alto, e algumas portas tinham a largura das de um celeiro. A escadaria principal, do outro lado, tinha a metade da largura do corredor. Era por ali que os objetos maiores eram levados para baixo. Outro lance de escadas as conduziu ainda mais para baixo. Nynaeve prosseguia sem parar.

Egwene a seguia depressa. A luz azulada empalidecia o rosto de Elayne, mas Egwene achou a moça ainda mais branca do que deveria. *Poderíamos nos esgoelar de tanto gritar aqui embaixo, e ninguém ouviria um pio sequer.*

Ela sentiu um raio se formando, ou o potencial para um, e quase tropeçou. Nunca canalizara dois fluxos de uma vez, mas não sentia dificuldade alguma.

O corredor principal do segundo porão era muito parecido com o do andar de cima, amplo e empoeirado, mas com um teto mais baixo. Nynaeve correu para a terceira porta à esquerda e parou.

A porta não era grande, mas as placas grosseiras de madeira faziam-na parecer mais grossa. Um cadeado redondo de ferro pendia de uma corrente robusta bem apertada em volta de dois grandes pregos em forma de U, um na porta, o outro cimentado à parede. O cadeado e a corrente pareciam novos, quase não se via poeira neles.

— Um cadeado! — Nynaeve deu um puxão: a corrente não cedeu, nem o cadeado. — Vocês viram cadeados em algum outro lugar? — Ela deu outro puxão, depois empurrou a porta com força o bastante para rebater. O barulho ecoou pelo corredor. — Não vi mais nenhuma porta trancada! — Ela bateu com um punho na madeira. — Nem mesmo uma!

— Fique calma — disse Elayne. — Não precisa ter um ataque. Eu mesma poderia abrir essa tranca, se pudesse ver como funciona a parte de dentro. Vamos dar um jeito.

— Não quero ficar calma — retrucou Nynaeve, bruscamente. — Quero ficar furiosa! Quero…!

Sem dar atenção às reclamações de Nynaeve, Egwene tocou a corrente. Desde a partida de Tar Valon, ela descobrira que podia fazer mais coisas do que raios. Uma delas fora a afinidade com metais. Aquilo vinha da Terra, um dos Cinco Poderes em que poucas mulheres eram fortes — o outro era o

Fogo —, mas ela era diferente e podia sentir a corrente, sentir a corrente *por dentro*, sentir as menores partículas do metal frio e como se configuravam. O Poder dentro dela estremecia com as vibrações dessa configuração.

— Saia da frente, Egwene.

Ela olhou ao redor e viu Nynaeve envolta no brilho tênue de *saidar*, segurando um pé de cabra de um azul tão próximo ao azul esbranquiçado da luz que era quase invisível. Nynaeve encarou a corrente com a testa franzida, murmurou qualquer coisa sobre alavancagem, e o pé de cabra de repente dobrou de tamanho.

— Saia, Egwene.

Egwene se afastou.

Nynaeve atravessou a corrente com uma das extremidades do pé de cabra, agarrou-a e ergueu-a com toda a força. A corrente se rompeu como se fosse um fio. Nynaeve arquejou e cambaleou até o meio do corredor, surpresa, e o pé de cabra se estatelou no chão. Nynaeve endireitou-se, encarando a barra e a corrente, estupefata. O pé de cabra desapareceu.

— Acho que fiz alguma coisa com a corrente — disse Egwene. *E queria saber o que foi.*

— Podia ter avisado — resmungou Nynaeve. Ela puxou o que restava da corrente e abriu a porta com um empurrão. — Então? Vão ficar paradas aí o dia inteiro?

O cômodo empoeirado tinha cerca de dez passos de extensão, mas continha apenas uma pilha de sacolas grandes feitas de tecido marrom grosso, todas cheias, etiquetadas e seladas com a Chama de Tar Valon. Egwene não precisou contá-las para saber que havia treze.

Ela deslocou a bola de luz até a parede e a prendeu. Não soube ao certo como fez isso, mas a luz ficou presa quando ela removeu a mão. *Continuo aprendendo a fazer coisas que não sei o que são*, pensou, nervosa.

Elayne franziu as sobrancelhas como se refletisse, depois também pendurou sua luz na parede. Observando, Egwene pensou ter visto o que ela tinha feito. *Ela aprendeu comigo, mas eu acabei de aprender com ela.* A jovem estremeceu.

Nynaeve foi direto para as sacolas, separou umas das outras e começou a ler as etiquetas.

— Rianna. Joiya Byir. É isso que estamos procurando. — Ela examinou o selo de uma das sacolas, depois rompeu-o e desamarrou as cordas. —

Pelo menos sabemos que ninguém esteve aqui antes de nós.

Egwene escolheu uma sacola e rompeu o selo, sem ler o nome na etiqueta. Não queria de fato saber de quem eram os pertences que revirava. Quando derrubou tudo no chão empoeirado, viu que eram basicamente roupas e sapatos velhos, além de alguns papéis rasgados e amassados, do tipo que se encontraria debaixo do guarda-roupa de uma mulher não muito cuidadosa com a limpeza do quarto.

— Não vejo nada de útil neste aqui. Um manto que não serve nem como trapo. O mapa rasgado de alguma cidade. Tear, diz aqui no canto. Três meias precisando de remendo. — Ela enfiou o dedo pelo buraco de um chinelo de veludo sem par e jogou-o junto aos outros objetos. — Essa aqui não deixou pistas.

— Amico também não deixou nada — disse Elayne, soturna, atirando as roupas com as mãos. — Também só tem trapos. Esperem, tem um livro aqui. Quem fez essa trouxa devia estar com muita pressa, para jogar um livro dentro. *Costumes e cerimônias da corte tairena*. Está sem capa, mas as bibliotecárias vão gostar mesmo assim. — Sem dúvida, iriam. Não se jogava um livro fora, independentemente do quanto estivesse danificado.

— Tear — disse Nynaeve, com a voz impassível. De joelhos em meio à bagunça da sacola que vasculhava, ela recuperou um pedaço de papel que já havia descartado. — Uma lista de navios mercantes do Erinin, com as datas que zarparam de Tar Valon e a previsão de chegada em Tear.

— Pode ser coincidência — disse Egwene, devagar.

— Talvez — respondeu Nynaeve. Ela dobrou o papel, enfiou-o na manga e foi romper o selo de outra sacola.

Quando enfim terminaram, cada sacola fora revirada duas vezes e o lixo fora descartado em montinhos nos cantos da sala. Egwene sentou-se em uma das sacolas vazias, tão absorta que mal percebeu que estava trêmula. Esticando os joelhos, observou a pequena compilação que haviam feito, todos os objetos dispostos em uma fileira.

— É muita coisa — disse Elayne. — Tem coisa demais.

— Tem mesmo — concordou Nynaeve.

Havia um segundo livro, um volume de capa de couro bem esfarrapado intitulado *Observações de uma visita a Tear*, com metade das páginas faltando. Do forro de um manto mal cerzido que havia na sacola de Chesmal Emry, por onde decerto escorregara através de um rasgão, elas encontraram

outra lista de navios mercantes. Não listava nada além de nomes, mas todos também estavam na outra lista, e de acordo com aquela, todos os navios haviam zarpado cedo na manhã em que Liandrin e as outras deixaram a Torre. Havia um mapa rascunhado de algum edifício grande, com uma sala marcada como "Coração da Pedra", e uma página com os nomes de cinco estalagens e a palavra "Tear" no cabeçalho, muito borrada mas ainda legível. Havia…

— Há algo em todas — murmurou Egwene. — Cada uma delas deixou algo apontando para uma viagem a Tear. Como é que alguém deixaria de notar isso, se procurasse? Por que a Amyrlin não falou nada a respeito?

— A Amyrlin — disse Nynaeve, amarga — tem suas próprias opiniões, e pouco se importa se nos queimarmos por causa disso! — Ela respirou fundo e espirrou, por conta da poeira revolvida. — O que me preocupa é que estou olhando uma isca.

— Uma isca? — perguntou Egwene. Mas percebeu assim que falou.

Nynaeve assentiu.

— Uma isca. Uma armadilha. Ou talvez um desvio. Mas, seja isca ou desvio, está tão óbvio que ninguém poderia ser enganado por isso.

— A não ser que não se importassem se a pessoa que encontrasse isso visse ou não a armadilha. — A voz de Elayne estava carregada de dúvida. — Ou talvez quisessem que ficasse bem óbvio, para que quem a encontrasse resolvesse descartar Tear na mesma hora.

Egwene desejou não acreditar que a Ajah Negra fosse tão confiante assim. Ela percebeu que estava agarrando a bolsa e passando o dedo pela curva retorcida do anel de pedra do lado de dentro.

— Talvez quisessem zombar de quem encontrasse isso — disse, baixinho. — Talvez pensassem que quem encontrasse sairia correndo atrás delas, cheia de raiva e orgulho ferido. — *Será que sabiam que* nós *encontraríamos? Será que nos veem dessa forma?*

— Que me queime! — urrou Nynaeve. Foi um choque: a mulher nunca usava esse tipo de linguajar.

Por um instante as três apenas encararam o conjunto de objetos, em silêncio.

— O que fazemos agora? — perguntou Elayne, por fim.

Egwene apertou o anel com força. Sonhos eram muito próximos de Previsões. O futuro, e também os acontecimentos de outros lugares, podiam

aparecer nos sonhos de uma Sonhadora. — Talvez possamos saber depois dessa noite.

Nynaeve olhou para ela, inexpressiva e em silêncio, e então escolheu uma saia preta que não parecia ter muitos furos e rasgões e começou a amontoar os objetos encontrados dentro dela.

— Por enquanto — disse —, vamos levar isso tudo de volta para o meu quarto e esconder. Acho que temos que ir logo se não quisermos chegar tarde nas cozinhas.

Chegar tarde, pensou Egwene. Quanto mais segurava o anel dentro da bolsa, mais urgência sentia. *Já estamos um passo atrás, mas talvez não cheguemos tarde demais.*



CAPÍTULO 27



TEL'ARAN'RHIOD

O novo quarto de Egwene ficava no mesmo corredor dos das duas amigas, era quase igual ao de Nynaeve. A cama era um tantinho mais larga, e a mesa, um pouco menor. O tapetinho tinha flores, em vez de arabescos. Eram as únicas diferenças. Comparado ao da ala das noviças, parecia o quarto de um palácio. No entanto, um pouco depois, quando as três se reuniram, naquela mesma noite, Egwene desejou estar de volta à ala das noviças, sem anel no dedo ou faixas coloridas na barra do vestido. As outras duas pareciam tão nervosas quanto ela.

Tinham trabalhado na cozinha por mais duas refeições e, entre uma e outra, tentaram desvendar o que tinham encontrado no depósito. Será que era uma armadilha ou uma forma de dificultar a busca? Será que a Amyrlin sabia daquilo? Se sabia, por que não tinha falado nada? Debater não trazia respostas, e a Amyrlin nunca aparecia para que perguntassem a ela.

Verin tinha ido às cozinhas depois da refeição do meio-dia, piscando como se não soubesse ao certo por que estava ali. Ao ver Egwene e as outras duas ajoelhadas em meio a caldeirões e tachos, pareceu surpresa por um instante, depois aproximou-se e perguntou, alto o bastante para os ouvidos de qualquer um:

— Encontraram alguma coisa?

Elayne, com a cabeça e os ombros enfiados em um imenso tacho de sopa, esbarrou a cabeça na borda quando saiu, espantada. Os olhos azuis pareciam ocupar todo o rosto.

— Nada além de gordura e suor, Aes Sedai — respondeu Nynaeve. O puxão que deu na trança lambuzou os cabelos de espuma de sabão gordurosa, e ela fez uma careta.

Verin assentiu, como se fosse a resposta que buscava.

— Bem, continuem procurando. — Ela deu outra olhadela pela cozinha, franzindo a testa como se estivesse intrigada por estar ali, e saiu.

Alanna também apareceu na cozinha. Veio depois do meio-dia para pegar uma tigela de groselhas verdes e uma jarra de vinho. Elaida, e depois Sheriam, vieram após a ceia, assim como Anaiya.

Alanna perguntara a Egwene se ela queria mais informações sobre a Ajah Verde e quisera saber quando as três retomariam os estudos. Não era porque as Aceitas podiam escolher as próprias lições e o ritmo a ser seguido que elas podiam ficar à toa. As primeiras semanas seriam ruins, é claro, mas as três precisavam escolher, ou alguém faria isso por elas.

Elaida ficou pouco tempo, apenas observando-as com a expressão séria e as mãos nos quadris. Sheriam fez o mesmo, em uma pose quase idêntica. Anaiya ficou parada do mesmo jeito, porém tinha o olhar mais preocupado. Até que reparou que as moças a olhavam de soslaio. Então fechou a cara, em uma expressão idêntica à que Elaida e Sheriam haviam feito antes mais cedo.

Nenhuma dessas visitas pareceu ter qualquer significado especial aos olhos de Egwene. A Mestra das Noviças sem dúvida tinha motivos para supervisioná-las, assim como às outras noviças que trabalhavam na cozinha, e Elaida tinha motivos para ficar de olho na Filha-herdeira de Andor. Egwene tentou não pensar sobre o interesse da mulher em Rand. Quanto a Alanna, ela não era a única Aes Sedai a pedir uma bandeja para levar para o quarto, em vez de comer com as outras. Metade das irmãs na Torre estava ocupada demais para se juntar às refeições, ocupada demais para perder o tempo de chamar uma serviçal para apanhar uma bandeja. E Anaiya…? Anaiya poderia muito bem estar preocupada com sua Sonhadora. Não que fosse fazer qualquer coisa para aliviar uma punição ordenada pelo próprio Trono de Amyrlin. Essa talvez fosse a razão da visita. Talvez.

Pendurando o vestido no guarda-roupa, Egwene disse a si mesma, mais uma vez, que até o lapso de Verin podia ser algo perfeitamente normal: a irmã Marrom era mesmo meio distraída. *Se* é que foi *um lapso*. Sentada na beirada da cama, ela se despiu e passou a tirar as meias. Já estava começando a detestar o branco quase tanto quanto detestava o cinza.

Nynaeve permanecia parada diante da lareira. Segurava a bolsa de Egwene em uma das mãos e puxava a trança com a outra. Elayne estava sentada à mesa e falava sem parar, nervosa:

— Ajah Verde — disse a moça de cabelos dourados, pelo que Egwene pensava ser a vigésima vez desde o meio-dia. — Talvez eu também escolha a Ajah Verde, Egwene. Então poderei ter três ou quatro Guardiões, talvez até me casar com um deles. Quem daria um melhor Príncipe Consorte de Andor que um Guardião? A não ser que… — A voz dela foi morrendo, e ela corou.

Egwene sentiu uma pontada de ciúmes que pensava já ter suprimido havia tempo, mesclada com certa compaixão. *Luz, como posso sentir ciúmes se nem sequer consigo olhar para Galad sem estremecer e me desmanchar toda ao mesmo tempo? Rand* era *meu, mas não é mais. Gostaria de poder entregá-lo a você, Elayne, mas acho que ele não é de nenhuma de nós. A Filha-herdeira pode até ter carta branca para se casar com um homem do povo, desde que seja andoriano, mas não com o Dragão Renascido.* Ela deixou as meias caírem no chão, dizendo a si mesma que, naquela noite, havia coisas mais importantes com que se preocupar do que com organização.

— Estou pronta, Nynaeve.

A mulher entregou-lhe a bolsa, junto com uma tira de couro comprida e fina.

— Talvez funcione com mais de uma ao mesmo tempo. Eu poderia… ir com você, talvez.

Egwene deixou o anel de pedra cair na palma da mão, passou a tira de couro por ele e a amarrou no pescoço. As listras e manchas azuis, marrons e vermelhas pareciam ainda mais vívidas em contraste com o branco de sua roupa de baixo.

— E deixar Elayne sozinha para vigiar nós duas? Sendo que a Ajah Negra pode saber quem somos?

— Eu consigo — disse Elayne, resoluta. — Ou posso ir junto com você, e Nynaeve monta guarda. Ela é a mais forte de nós, quando está com raiva. Além disso, se for mesmo preciso que alguém vigie, pode ter certeza de que ela dá conta.

Egwene negou com a cabeça.

— E se não funcionar para duas? E se o anel não tiver efeito nenhum quando duas tentam? A gente não vai saber disso até acordar, e aí teremos

desperdiçado a noite. Não podemos desperdiçar nenhum instante, se não quisermos ficar para trás. Já estamos muito atrás delas. — Eram argumentos válidos, e ela acreditava neles, mas havia outro em seu coração, mais premente. — Além disso, vou me sentir melhor sabendo que vocês duas estarão tomando conta de mim, se…

Ela não queria dizer em voz alta. Caso alguém viesse enquanto ela dormia. Os Homens Cinza. A Ajah Negra. Qualquer uma das coisas que haviam transformado a Torre Branca, antes segura, em uma floresta negra, cheia de abismos e armadilhas. Algo que viesse enquanto ela dormia, indefesa. A expressão das outras demonstrava que compreendiam.

Enquanto Egwene se deitava na cama e afofava um travesseiro de penas sob a cabeça, Elayne arrastou as duas cadeiras, uma para cada lado da cama. Nynaeve apagou as velas uma a uma e depois, no escuro, sentou-se em uma das cadeiras. Elayne ficou com a outra.

Ela fechou os olhos e tentou pegar no sono, mas estava muito consciente do objeto entre seus seios. Muito mais do que de qualquer dor remanescente da visita ao gabinete de Sheriam. O anel parecia pesar tanto quanto um tijolo. Todas as lembranças de casa e dos lagos tranquilos se desvaneceram ao se lembrar daquilo. De *Tel'aran'rhiod*. Do Mundo Invisível. O Mundo dos Sonhos. À espera, do outro lado do sono.

Nynaeve começou a cantarolar, bem baixinho. Egwene reconheceu a melodia sem nome ou palavras que sua mãe cantarolava quando ela era menina. Quando se deitava na cama, no próprio quarto, com um travesseiro macio, cobertores quentinhos, envolta no perfume de óleo de rosas e no cheiro das refeições que sua mãe preparava na cozinha, e… *Rand, está tudo bem? Perrin? Quem era ela?* O sono veio.

* * *

Notou que estava em meio a colinas cobertas de flores silvestres, pontilhadas por pequenas áreas cheias de árvores frondosas nos vales e cumes. Borboletas voavam sobre as flores, batendo asas amarelas, azuis e verdes, e duas cotovias cantarolavam ali por perto. Havia algumas nuvens brancas e fofas no céu azul, e a brisa era de uma harmonia delicada entre frio e quente que só acontecia em poucos dias da primavera. Um dia perfeito demais para não ser sonho.

Ela olhou o próprio vestido e riu, encantada. Era seu tom preferido de seda azul-celeste, com faixas brancas na saia, que ficaram verdes quando ela franziu a testa por um instante, e fileiras de minúsculas pérolas cerzidas nas mangas e no colo. Ela esticou um dos pés e espiou a ponta de uma sapatilha de veludo. O único detalhe dissonante era o anel trançado, todo de pedra multicolorida, que pendia de seu pescoço, preso a um cordão de couro.

Ela tomou o anel nas mãos e arfou, surpresa. Era leve como pluma. Se o jogasse para cima, tinha certeza de que ele sairia voando ao sabor de vento, como as sementes de dentes-de-leão que soprava quando era pequena. De alguma forma, não sentia mais medo. Ela enfiou o anel no decote do vestido, para não atrapalhá-la.

— Então este é o *Tel'aran'rhiod* de Verin — comentou. — O Mundo dos Sonhos de Corianin Nedeal. Não me parece perigoso. — Mas Verin tinha dito que era. Ajah Negra ou não, Egwene não conseguia imaginar uma forma de qualquer Aes Sedai contar uma mentira. *Verin pode estar enganada.* Mas duvidava que estivesse.

Só para testar, ela se abriu ao Poder Único. *Saidar* a preencheu. Mesmo ali, estava presente. Ela canalizou o fluxo de forma suave e delicada, direcionando-o à brisa, fazendo as borboletas girarem em espirais coloridas, em círculos unidos a outros círculos.

De súbito, abandonou o Poder. As borboletas voltaram ao normal, indiferentes à breve aventura. Myrddraal e outros Filhos das Sombras eram capazes de sentir quando alguém canalizava. Olhando ao redor, ela não podia imaginar que ali houvesse tais criaturas, mas não conseguir imaginar não era motivo suficiente para eles não estarem por lá. E a Ajah Negra possuía todos aqueles *ter'angreal* analisados por Corianin Nedeal. Era um lembrete repugnante do motivo pelo qual estava ali.

— Pelo menos sei que consigo canalizar — murmurou. — Não vou descobrir nada parada aqui. Talvez, se olhar em volta…

Ela deu um passo…

…e viu-se no corredor escuro e abafado de uma estalagem. Era a filha de um estalajadeiro, tinha certeza de que aquilo era uma estalagem. Não havia um som sequer, e todas as portas ao longo do corredor estavam bem fechadas. Assim que Egwene se perguntou quem estaria por trás da porta lisa de madeira que havia à sua frente, ela se abriu sem o menor ruído.

O quarto era simples, e um vento gelado uivava ao entrar pelas janelas abertas, revolvendo as cinzas velhas da lareira. Um grande cão estava enroscado no chão, o nariz coberto pelo rabo desgrenhado, deitado entre a porta e uma grossa pilastra de pedra negra toscamente talhada, que ficava bem no centro do aposento. Um jovem robusto e de cabelos bagunçados estava sentado, recostado na pilastra. Vestia apenas roupas de baixo, a cabeça inclinada como se estivesse dormindo. Uma corrente preta pesada circundava a pilastra e envolvia seu peito, as extremidades amarradas em suas mãos rígidas. Dormindo ou não, o homem musculoso esforçava-se para segurar firme a corrente, para manter-se preso à pilastra.

— Perrin? — perguntou, intrigada. Entrou no quarto. — Perrin, o que houve com você? Perrin!

O cão desenroscou-se e se levantou.

Não era um cão, mas um lobo, todo cinza e negro, revelando dentes brancos e brilhantes, os olhos amarelos encarando-a como se ela fosse um rato. Um rato que ele pretendia devorar.

Por impulso, Egwene recuou depressa para o corredor.

— Perrin! Acorde! É um lobo! — Verin dissera que o que acontecia ali era real, e mostrara a cicatriz para provar. Os dentes do lobo eram grandes como facas. — Perrin, acorde! Diga a ele que sou sua amiga! — Ela abraçou *saidar*. O lobo avançou furtivamente.

Perrin ergueu a cabeça e abriu os olhos, sonolento. Dois pares de olhos amarelos a observavam. O lobo se aprumou.

— Saltador — gritou Perrin —, não! Egwene!

A porta fechou-se diante dela, e a escuridão a envolveu.

Ela não podia enxergar, mas sentia o suor escorrendo pela testa. E não era pelo calor. *Luz, onde estou? Não gosto deste lugar. Quero acordar!*

Um chiado soou, e ela deu um salto antes de perceber que era um grilo. Um sapo coaxou na escuridão, e um coro veio em resposta. Quando seus olhos se adaptaram à pouca luz, Egwene percebeu árvores indistintas ao seu redor. Nuvens encobriam as estrelas, e a lua brilhava em um traço fino.

À direita, no matagal, algo mais brilhava, tremeluzente. Uma fogueira.

Ela refletiu por um instante antes de se mover. O desejo de acordar não fora o bastante para levá-la embora de *Tel'aran'rhiod*, e ela ainda não encontrara qualquer coisa de *útil*. Nem havia sido ferida. *Por enquanto*, pensou, tremendo. Porém, não fazia ideia de quem — ou o que — estava

naquela fogueira. *Podem ser Myrddraal. Além do mais, não estou vestida para correr pela floresta.* O último pensamento a fez decidir. Sempre se orgulhara de perceber quando estava sendo boba.

Ela respirou fundo, ergueu as saias de seda e se aproximou furtivamente. Talvez não tivesse a habilidade de Nynaeve na floresta, mas conseguia evitar pisar em galhos secos. Por fim, espiou a fogueira com cuidado, por trás do tronco de um velho carvalho.

Havia apenas um jovem alto, sentado, observando o fogo. Rand. As chamas não ardiam na madeira. Não queimavam qualquer material que ela pudesse ver. O fogo dançava em um pedaço de chão vazio. Ela achava que sequer queimava o solo.

Antes que ela pudesse se mover, Rand ergueu a cabeça. Surpresa, reparou que ele fumava um cachimbo. Uma fina linha de fumaça de tabaco subia do fornilho. Ele tinha um semblante muito, muito cansado.

— Quem está aí? — perguntou o rapaz, em voz alta. — Já remexeu tantas folhas que é bem capaz de acordar os mortos, então é melhor aparecer de uma vez.

Egwene apertou os lábios, mas deu um passo adiante. *Não remexi!*

— Sou eu, Rand. Não tenha medo. É um sonho. Devo estar nos seus sonhos.

Ele se levantou tão depressa que ela ficou petrificada. De alguma forma, parecia maior do que ela se lembrava. E um pouco perigoso. Talvez mais que apenas um pouco. Os olhos azuis acinzentados pareciam arder com uma espécie de um fogo congelante.

— Acha que não sei que é um sonho? — Ele a olhou com desprezo. — Sei que isso não torna as coisas menos reais. — Ele encarou a escuridão com raiva, como se procurasse alguém. — Por quanto tempo vai ficar tentando? — gritou em direção à noite. — Quantos rostos vai enviar? Minha mãe, meu pai, agora ela! Garotas bonitas não podem me tentar com um beijo, nem mesmo uma que eu conheça! Eu o renego, Pai das Mentiras! Eu o renego!

— Rand — respondeu, insegura. — Sou eu, Egwene. Eu sou Egwene.

De súbito, vinda do nada, uma espada surgiu nas mãos dele. A lâmina era feita de uma única chama, levemente curvada, gravada com uma marca da garça.

— Minha mãe trouxe bolo de mel — respondeu, em um tom severo — com cheiro de veneno rançoso. Meu pai tinha uma faca para cravar em meu coração. Ela… me ofereceu beijos, e mais. — O suor escorria pelo rosto de Rand, que a encarava com um olhar que parecia capaz de fulminá-la. — O que é que você trouxe?

— Você vai me escutar, Rand al'Thor, nem que eu precise sentar em cima de você. — Ela invocou *saidar*, canalizou os fluxos e produziu uma rede de ar para envolvê-lo.

A espada girou nas mãos dele, rugindo como uma caldeira aberta.

Ela grunhiu e cambaleou: era como se uma corda retesada tivesse se soltado e a açoitasse com força.

Rand riu.

— Eu aprendi, está vendo? Quando funciona… — Ele fez uma careta e avançou em direção a ela. — Eu poderia suportar qualquer rosto, menos este. Não o dela, que o queime!

A espada lampejou.

Egwene fugiu.

Ela não soube ao certo o que fez, nem como, mas se viu de volta às colinas ondulantes sob o céu ensolarado, com cotovias cantarolando e borboletas voejando ao redor. Respirou fundo, trêmula.

Eu descobri… o quê? Que o Tenebroso ainda está atrás de Rand? Disso eu já sabia. Que talvez o Tenebroso queira matá-lo? Isso é diferente. A não ser que ele já tenha enlouquecido e não saiba o que está dizendo. Luz, por que não pude ajudá-lo? Ah, Luz, Rand!

Ela respirou fundo mais uma vez, para se acalmar.

— A única forma de ajudá-lo é amansando-o — murmurou. — Ou seguindo em frente e matando-o. — Seu estômago se revirou em um nó. — Eu nunca farei isso. Nunca!

Um pássaro vermelho se empoleirou em uma moita de framboesas ali por perto, olhando-a com cautela, a crista eriçada. Ela falou com o pássaro.

— Pois é, não adianta nada ficar aqui parada, falando sozinha, não é? Nem falando com você.

Ela deu um passo em direção à moita, e o pássaro levantou voo. Transformou-se em um borrão carmesim quando ela avançou mais um passo, e desapareceu em um dos pequenos bosques quando ela deu o terceiro.

Ela parou e puxou o anel de pedra amarrado na frente do vestido. Por que não mudava? Até agora, tudo mudara tão depressa que ela mal tivera tempo de recuperar o fôlego. Por que não mudava agora? Será que havia alguma resposta bem ali? Olhou ao redor, desconfiada. As flores silvestres a provocavam, o piar das cotovias soava como um deboche. Aquele lugar decerto parecia fruto da própria imaginação.

Determinada, ela apertou o *ter'angreal* com a mão.

— Me leve para onde eu preciso estar. — Ela fechou os olhos e se concentrou no anel. Era de pedra, afinal: a Terra poderia aguçar um pouco seu tato. — Ande. Me leve para onde eu preciso estar. — Mais uma vez, ela abraçou *saidar*, vertendo um mínimo do Poder Único para o anel. Sabia que não era preciso direcionar o fluxo do Poder ao anel para fazê-lo funcionar, nem tentou fazer qualquer coisa com ele. Apenas forneceu mais Poder. — Me leve para onde eu possa encontrar uma resposta. Preciso saber o que a Ajah Negra quer. Me leve até a resposta.

— Ora, enfim encontrou o caminho, criança. Todas as respostas estão aqui.

Egwene abriu os olhos de repente. Estava em um grande corredor, o imenso teto abobadado sustentado por inúmeras e pesadas colunas de pedra vermelha. Pairando no ar havia uma espada de cristal, que reluzia e cintilava enquanto girava bem devagar. Não tinha certeza, mas achou que aquela talvez fosse a espada que Rand havia tentado pegar em seu sonho. No outro sonho. Tudo ali parecia tão real que ela precisava ficar lembrando que aquilo também era um sonho.

Uma velha saiu das sombras da pilastra, corcunda e mancando, apoiada em um bastão. Feia era pouco para descrevê-la. Tinha o queixo ossudo e pontudo, o nariz ainda mais pontudo e comprido, e parecia ter mais verrugas peludas do que pele no rosto.

— Quem é você? — perguntou Egwene.

As únicas pessoas que vira em *Tel'aran'rhiod*, até então, eram conhecidas, mas ela achava que não seria capaz de se esquecer do rosto daquela pobre mulher.

— Só a velha Silvie, milady — cacarejou a velha. Ao mesmo tempo, curvou-se de um modo que pode ter sido tanto de cortesia quanto de nojo. — A senhora conhece a velha Silvie, milady. Servi e fui leal à sua família por

todos esses anos. Esse velho rosto ainda a assusta? Não permita, milady. Ele me serve, quando é preciso, tão bem quanto um belo.

— É claro que sim — respondeu Egwene. — Um rosto forte. Um rosto bom. — Esperava que a mulher acreditasse. Quem quer que fosse a tal Silvie, parecia acreditar que conhecia Egwene. Talvez também tivesse alguma resposta. — Silvie, você disse algo sobre encontrar respostas aqui.

— Sim, a senhora veio ao lugar certo para obter respostas, milady. O Coração da Pedra está cheio de respostas. E de segredos. Os Grão-lordes não vão gostar nada de nos ver aqui, milady. Ah, não. Ninguém entra aqui, a não ser os Grão-lordes. E os serviçais, é claro. — Ela deu uma risada aguda e dissimulada. — Os Grão-lordes não arrastam esfregões. Mas quem é que enxerga um serviçal?

— Que tipo de segredos?

Mas Silvie já coxeava em direção à espada de cristal.

— Tramas — murmurou, como se falasse sozinha. — Todos fingindo servirem ao Grande Senhor, mas ao mesmo tempo tramando e planejando recuperar o que perderam. Cada um pensa que é o único que está tramando. Ishamael é um idiota!

— O quê? — perguntou Egwene, de supetão. — O que foi que você disse sobre Ishamael?

A velha virou-se, exibindo um sorriso bajulador.

— Só algo que os pobres dizem, milady. Afasta o poder dos Abandonados, chamá-los de idiotas. Faz nos sentirmos bem e seguros. Nem a Sombra tolera ser chamada de idiota. Tente, minha Senhora. Diga: Ba'alzamon é um idiota!

Egwene contorceu os lábios quase em um sorriso.

— Ba'alzamon é um idiota! Tem razão, Silvie. — De fato, rir do Tenebroso a fez sentir-se bem. A velha soltou um risinho. A espada girava logo atrás de seu ombro. — Silvie, o que é isso?

— *Callandor*, milady. Sabe disso, não sabe? A Espada Que Não Pode Ser Tocada. — De repente, ela balançou a bengala atrás de si. A um passo da espada, o objeto parou com um baque surdo e foi lançada na direção oposta. O sorriso de Silvie ficou ainda maior. — A Espada Que Não É Espada, ainda que pouquíssimos saibam o que é. Mas ninguém pode tocá-la, exceto um. Eles arranjaram para que assim fosse, aqueles que a puseram aqui. O Dragão Renascido um dia empunhará *Callandor*, e com isso provará

ao mundo que é o Dragão. Bem, será a primeira prova, pelo menos. Lews Therin retorna para que o mundo inteiro o veja e rasteje a seus pés. Ah, os Grão-lordes não gostam de manter a espada aqui. Não gostam de nada que tenha a ver com o Poder. Se pudessem, se livrariam dela. Se pudessem. Acredito que outros a levariam, se pudessem. O que um dos Abandonados não daria para empunhar *Callandor*?

Egwene encarou o objeto reluzente. Se as Profecias do Dragão eram verdadeiras, se Rand era mesmo o Dragão, como Moiraine afirmava, uma dia empunharia aquela espada. Ainda que, pelo que sabia das Profecias a respeito de *Callandor*, ela não conseguisse imaginar uma forma de isso acontecer. *Mas, se houver um jeito de pegá-la, talvez a Ajah Negra saiba. Se elas sabem, eu posso descobrir.*

Com muito cuidado, ela avançou com o Poder, investigando o que protegia e blindava a espada. Ela tocou… algo… e parou. Era capaz de sentir quais dos Cinco Poderes haviam sido usados ali. Ar, Fogo e Espírito. Era capaz de traçar a trama intrincada feita com *saidar*, por uma força impressionante. Havia frestas na trama, espaços por onde ela podia investigar. Mas, quando tentava, era como ir de encontro à parte mais forte da proteção. Foi atingida pelo que tentava ultrapassar, e a tentativa de sondagem esvaneceu. Metade daquela barreira fora erguida usando *saidar*. A outra metade, a parte que ela não podia sentir ou tocar, fora erguida com *saidin*. Não era exatamente assim, pois a parede era formada por um único bloco, mas era quase isso. *Uma parede de pedra detém tanto uma mulher cega quanto alguém capaz de enxergar.*

Passos ressoaram a distância. Botas.

Egwene não soube precisar quantas havia ou de que lado estavam vindo, mas Silvie se sobressaltou e na mesma hora fixou o olhar nas colunas.

— Ele está vindo olhá-la mais uma vez — murmurou. — Dormindo ou acordado, ele deseja… — A mulher pareceu se recordar de Egwene e abriu um sorriso preocupado. — Precisa ir embora agora, milady. Ele não pode encontrar a senhora aqui, nem sequer saber que veio.

Egwene já retornava por entre as colunas, com Silvie atrás de si, abanando as mãos e agitando o bastão.

— Estou indo, Silvie. Só preciso me lembrar do caminho. — Ela tocou o anel de pedra. — Me leve de volta às colinas. — Nada aconteceu. Ela canalizou um fluxo suave para o anel. — Me leve de volta às colinas. — As

colunas de pedra vermelha ainda a rodeavam. As botas estavam tão próximas que os passos já não eram abafados pelo próprio eco.

— Não sabe o caminho de volta — comentou Silvie, impassível, e prosseguiu, quase em um sussurro, ao mesmo tempo debochado e bajulador. O tom de uma antiga serviçal que acreditava que podia tomar certas liberdades. — Ah, milady, este é um lugar muito perigoso para se frequentar, se não souber o caminho de volta. Venha, deixe a velha Silvie levá-la. A velha Silvie a deixará sã e salva em sua cama, milady. Ela envolveu Egwene com os braços, levando-a às pressas para longe da espada. Não que a jovem precisasse ser apressada. As botas não faziam mais barulho: ele, quem quer que fosse, devia ter parado para olhar *Callandor*.

— Me mostre o caminho — sussurrou Egwene. — Ou me explique. Não precisa empurrar. — A mulher, de alguma forma, havia entrelaçado os dedos no anel de pedra. — Não toque nisso, Silvie.

— Em sua cama, sã e salva.

A dor apagou o mundo.

* * *

Com um gemido do fundo da garganta, Egwene sentou-se no escuro, o suor escorrendo pelo rosto. Por um instante, não soube dizer onde estava, e não se importava.

— Ah, Luz — gemeu —, isso doeu. Ah, Luz, como doeu! — Ela passou as mãos pelo corpo, certa de que estaria ferida ou escoriada, tamanha era o ardor, mas não encontrou ferimento algum.

— Estamos aqui — disse a voz de Nynaeve, na escuridão. — Estamos aqui, Egwene.

Egwene atirou-se em direção à voz e abraçou-se ao pescoço de Nynaeve, aliviada.

— Ah, Luz, eu voltei. Luz, eu voltei.

— Elayne — disse Nynaeve.

Em poucos instantes, uma das velas emitia uma luz tênue. Elayne estava de pé, com a vela em uma das mãos e o papel encerado que usara para acendê-la, com ajuda de pedra e metal, na outra. Então sorriu, e todas as velas do quarto se acenderam. Ela parou diante do lavatório e retornou à

cama com um pedaço de tecido molhado e frio, para lavar o rosto de Egwene.

— Foi ruim? — perguntou, preocupada. — Você não se mexeu. Não deu nem um pio. Não sabíamos se deveríamos ou não acordá-la.

Apressada, Egwene tirou o cordão de couro do pescoço, desajeitada, e o atirou longe, junto com o anel.

— Da próxima vez — retrucou, ofegante —, combinamos uma hora para me acordarem. Nem que precisem enfiar minha cabeça em uma bacia de água! — Ela não tinha ideia de que já estava decidida a tentar uma próxima vez. *Você enfiaria a cabeça dentro da boca de um urso só para provar que não sente medo? Faria isso pela segunda vez, só porque não morreu na primeira?*

No entanto, era mais do que uma questão de provar a si mesma que não tinha medo. Tinha medo, e sabia disso. Porém, enquanto a Ajah Negra estivesse de posse daqueles *ter'angreal* que Corianin analisara, deveria insistir. Tinha certeza de que a explicação sobre o motivo para elas quererem aqueles objetos estava em *Tel'aran'rhiod*. Se havia a chance de encontrar as respostas sobre a Ajah Negra por lá, e talvez também algumas outras, se metade do que tinham dito sobre os sonhos fosse verdade, ela teria que retornar.

— Mas não hoje —murmurou. — Ainda não.

— O que aconteceu? — perguntou Nynaeve. — O que você… sonhou?

Egwene recostou-se na cama e contou a elas. Só deixou de fora a parte em que Perrin conversava com o lobo. Na verdade, nem mesmo mencionou o lobo. Sentia-se um pouco culpada por guardar segredos de Elayne e Nynaeve, mas aquele era um segredo de Perrin, não dela, e ele contaria se e quando quisesse. O restante, relatou palavra por palavra, com todas as descrições. Quando terminou, sentiu-se esvaziada.

— Além de cansado — inquiriu Elayne —, ele parecia ferido? Egwene, não acredito que ele tenha tentado machucar você. Não acredito que faria isso.

— Rand — interrompeu Nynaeve, secamente — vai ter que se cuidar sozinho um pouco mais.

Elayne corou. Ficava bonita quando corava. Egwene percebeu que Elayne era bonita fazendo qualquer coisa, fosse chorando ou esfregando panelas.

— *Callandor* — prosseguiu Nynaeve. — O Coração da Pedra. Estava marcado no mapa. Acho que sei onde a Ajah Negra está.

Elayne recuperou a compostura.

— Não muda em nada a armadilha — retrucou. — Se não for um desvio, é uma armadilha.

Nynaeve deu um sorriso soturno.

— A melhor maneira de pegar alguém que montou uma armadilha é acioná-la e esperar o caçador. Ou caçadora, no caso.

— Quer dizer que temos que ir para Tear? — perguntou Egwene, e Nynaeve assentiu.

— Pelo visto, a Amyrlin nos deu carta branca. Tomamos nossas próprias decisões, lembram? Pelo menos sabemos que a Ajah Negra está lá, sabemos quem procurar por lá. Aqui, não podemos fazer nada além de remoer nossas suspeitas em relação a todo mundo, imaginando se haverá outro Homem Cinza por aí. Prefiro ser o cão de caça, não o coelho.

— Precisarei escrever para a minha mãe — disse Elayne. Diante dos olhares que as outras lhe lançaram, ela se defendeu: — Já sumi uma vez sem ela saber. Se eu fizer isso de novo… Vocês não conhecem o temperamento dela. Ela pode ordenar que Gareth Bryne e todo o exército marche contra Tar Valon. Ou que saiam atrás de nós.

— Você poderia ficar aqui — sugeriu Egwene.

— Não. Não vou deixar vocês duas irem sozinhas. E nem vou ficar aqui me perguntando se a irmã que me dá aulas é Amiga das Trevas ou se o próximo Homem Cinza vai vir atrás de mim. — Ela soltou um risinho. — Além disso, não vou ficar trabalhando nas cozinhas enquanto vocês duas partem em uma aventura. Só preciso avisar à minha mãe que saí da Torre sob ordens da Amyrlin, para ela não ficar furiosa se ouvir algum falatório. Não preciso dizer aonde vamos, nem o motivo.

— É melhor mesmo que não diga — retrucou Nynaeve. — É claro que ela iria atrás de você se soubesse sobre a Ajah Negra. Aliás, não dá para saber por quantas mãos sua carta vai passar até chegar a ela, ou que olhos poderão lê-la. É melhor não dizer nada que não deva ser lido.

— Tem outra coisa. — Elayne suspirou. — A Amyrlin não sabe que estou com vocês. Preciso dar um jeito de mandar a carta sem que ela saiba.

— Vou ter que pensar a respeito disso. — Nynaeve franziu as sobrancelhas. — Talvez seja melhor enviar quando estivermos no caminho.

Dá para deixar em Aringill, na descida do rio, se a gente encontrar alguém por lá indo para Caemlyn. Talvez os papéis que a Amyrlin deu convençam alguém. Vamos ter que torcer para funcionarem com alguns capitães de navios também, a não ser que alguma de vocês tenha mais dinheiro que eu.

Elayne fez que não, lamentando.

Egwene nem sequer se deu ao trabalho. Todo o dinheiro que tinham fora embora na viagem de volta da Ponta de Toman, exceto por alguns cobres.

— Quando… — Ela precisou parar e limpar a garganta. — Quando partimos? Hoje à noite?

Nynaeve pareceu refletir por um instante, mas logo sacudiu a cabeça.

— Você precisa dormir, depois… — Ela apontou para o anel de pedra, que ricocheteara na parede e caíra no chão. — Daremos mais uma chance para a Amyrlin nos procurar. Quando terminarmos com o café da manhã, vocês duas separam o que vão levar. Mas não exagerem. Teremos que deixar a Torre sem que ninguém perceba, não se esqueçam. Se a Amyrlin não nos procurar até o meio-dia, pretendo estar em um navio mercante, enfiando aquele papel pela goela do capitão, se for preciso, antes de soar a prima. O que vocês acham?

— Excelente — disse Elayne, com firmeza.

Egwene completou:

— Hoje à noite ou amanhã. A meu ver, quanto antes, melhor.

— Então é melhor a gente dormir um pouco.

— Nynaeve — murmurou Egwene —, eu… não quero ficar sozinha hoje. — Era doloroso admitir aquilo.

— Eu também não — concordou Elayne. — Fico pensando nos Sem-alma. Não sei por quê, mas sinto mais medo deles do que da Ajah Negra.

— Acho — começou Nynaeve, devagar — que também não quero ficar sozinha. — Ela olhou para a cama onde Egwene estava deitada. — Acredito que nós três cabemos aí, se não nos espalharmos demais.

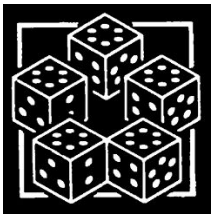
Mais tarde, quando as moças se remexiam tentando achar uma posição em que não parecessem tão amontoadas, Nynaeve soltou uma risada, de repente.

— O que foi? — perguntou Egwene. — Você não é muito de sentir cócegas.

— Acabei de pensar em alguém que ficaria contente em entregar a carta de Elayne. E também em sair de Tar Valon. Na verdade, eu apostaria nisso.



CAPÍTULO 28



Uma Saída

Apenas de calças, Mat acabava de terminar um lanche depois do café da manhã — presunto, três maçãs, pão e manteiga. Foi então que a porta de seu quarto se abriu, e Nynaeve, Egwene e Elayne adentraram, muito sorridentes. Ele vestiu uma camisa e sentou-se outra vez, resoluto. Elas podiam pelo menos ter batido à porta. De qualquer forma, era bom ver aqueles rostos. Pelo menos a princípio.

— Bem, você parece mesmo melhor — comentou Egwene.

— Como se tivesse passado um mês descansando e comendo bem — completou Elayne.

Nynaeve pôs a mão na testa de Mat. Ele se encolheu, depois lembrou que ela fizera a mesma coisa nos últimos cinco anos, em casa. *Naquela época, ela era só a Sabedoria*, pensou. *Não usava esse anel*.

Ela tinha notado a reação dele. Deu um sorriso tenso.

— Para mim, você parece pronto para outra. Já está cansado do confinamento? Nunca aguentou nem dois dias seguidos dentro de casa.

Ele olhou o miolo da última maçã, relutante, e largou-a no prato. Quase começou a lamber os dedos, mas as três o observavam. E ainda sorriam. Ele percebeu que tentava chegar à conclusão de qual delas era a mais bonita, mas não conseguia. Se não fossem quem — e o que — eram, já teria tirado qualquer uma das três para dançar uma jiga ou uma roda. Dançara com

Egwene várias vezes, em casa, e até uma vez com Nynaeve, mas aquilo parecia ter acontecido havia muito tempo.

— "Uma bela mulher, diversão para dançar. Duas belas mulheres, problemas no lar. Três belas mulheres, é melhor escapar." — Ele sorriu para Nynaeve de um jeito ainda mais tenso que ela fizera. — Meu pai costumava dizer isso. Você está tramando alguma, Nynaeve. Estão sorrindo como gatos de olho em um tentilhão preso em um espinheiro, e acho que eu é que sou o tentilhão.

Os sorrisos fraquejaram e sumiram. Ele notou as mãos das moças e se perguntou por que todas pareciam ter andado lavando a louça. A Filha-herdeira de Andor decerto nunca lavara um prato, e ele achava difícil imaginar Nynaeve fazendo aquilo, mesmo sabendo que ela cuidara de sua própria louça em Campo de Emond. As três usavam anéis da Grande Serpente. Aquilo era novidade. E não era uma surpresa particularmente agradável. *Luz, alguma hora isso tinha que acontecer. Não é da minha conta, e ponto final. Não é da minha conta. Simplesmente não é.*

Egwene sacudiu a cabeça, mas parecia que se dirigia tanto a Mat quanto às outras duas mulheres.

— Eu disse que deveríamos ter perguntado de uma vez. Esse aí, quando quer, é teimoso como uma mula e traiçoeiro como um gato. Você é, Mat. E sabe disso, então pode parar de franzir essa cara.

Na mesma hora, o rapaz voltou a dar um grande sorriso.

— Cale a boca, Egwene — disse Nynaeve. — Mat, não é porque queremos pedir um favor que não nos importamos com você. Nós nos importamos, e você sabe disso, a não ser que tenha ficado ainda mais cabeça de lã que de costume. Está tudo bem? Você está com uma cara muito boa, comparado à última vez que o vi. Parece mesmo que se passou um mês, não dois dias.

— Estou pronto para correr dez milhas e ainda dançar uma jiga no final. — Seu estômago roncou, lembrando-o de quanto ainda faltava para o meio-dia, mas ele o ignorou, torcendo para que as três não tivessem ouvido. De fato, quase se sentia como se tivesse passado um mês só com comida e descanso. E como se tivesse comido apenas uma vez desde o dia anterior. — Que favor? — perguntou, desconfiado.

Nynaeve não costumava pedir favores, pelo que ele se lembrava. Ela dava ordens e esperava ser obedecida.

— Quero que leve uma carta para mim — começou Elayne, antes que Nynaeve pudesse falar. — Para a minha mãe, em Caemlyn. — Ela deu um sorriso que formou covinhas em seu rosto. — Eu ficaria tão grata a você, Mat.

A luz da manhã entrando pelas janelas parecia ressaltar o brilho de seus cabelos.

Será que ela gosta de dançar? Ele afastou o pensamento da cabeça no mesmo instante.

— Não parece tão complicado, mas é uma viagem longa. O que é que eu vou ganhar com isso? — Pelo olhar de Elayne, ele imaginou que ela considerava aquela covinha infalível.

Ela se empertigou, esguia e imponente. Ele quase vislumbrava um trono atrás dela.

— Você é um súdito leal de Andor? Não deseja servir ao Trono do Leão e à Filha-herdeira?

Mat riu, entre dentes.

— Eu disse que isso também não ia funcionar — comentou Egwene. — Não com ele.

Elayne contorceu a boca, contrariada.

— Achei que valia a tentativa. Sempre funciona com os guardas de Caemlyn. Você disse que se eu sorrisse… — De repente ela parou de falar, claramente evitando olhar para ele.

O que foi que você disse, Egwene?, pensou o rapaz, furioso. *Que eu sou um paspalho que qualquer garota consegue ganhar com um sorriso?* No entanto, manteve o semblante tranquilo e tentou continuar sorrindo.

— Queria que bastasse lhe pedir — suspirou Egwene —, mas você não faz favores, não é, Mat? Já fez alguma coisa sem ser persuadido, adulado ou ameaçado?

Ele apenas sorriu.

— Posso dançar com vocês duas, Egwene, mas não sou garoto de recados.

Por um instante ele pensou que ela lhe daria língua.

— É melhor voltarmos ao plano inicial — disse Nynaeve, com a voz excessivamente calma.

As outras duas assentiram, e a mulher voltou a atenção para ele. Pela primeira vez desde que chegaram, ela o encarou como a Sabedoria de antes:

com um olhar capaz de colocá-lo de volta nos eixos e a trança pronta para açoitá-lo que nem o rabo de um gato.

— Você é ainda mais rude do que eu me lembrava, Matrim Cauthon. Ficou doente por tanto tempo, com Egwene, Elayne e eu cuidando de você como se fosse um bebezinho de fraldas, que quase me esqueci. Mesmo assim, pensei que tivesse alguma gratidão. Você falou sobre ver o mundo, ver grandes cidades. Então, que cidade é melhor que Caemlyn? Você mata seu desejo, demonstra gratidão e ao mesmo tempo faz uma boa ação. — Ela retirou do manto um pergaminho dobrado e colocou-o na mesa. Tinha um lacre de cera dourada em forma de lírio. — Não pode querer nada além disso.

Ele olhou para o papel, lamentando-se. Mal se lembrava de quando passara por Caemlyn com Rand. Seria uma pena negar tão rápido, mas achou que era o melhor a fazer. *Não dá para dançar jiga sem pagar o harpista.* E, pelo jeito de Nynaeve, quanto mais tempo ele levasse para pagar, pior seria.

— Nynaeve, eu não posso.

— Como assim não pode? Você é um homem ou uma mosquinha na parede? Tem a chance de fazer um favor para a Filha-herdeira de Andor, de ver Caemlyn, de muito provavelmente conhecer a Rainha Morgase em pessoa e diz que não pode? Eu não sei o que mais você poderia querer. Não banque o desentendido dessa vez, Matrim Cauthon! Ou será que seu coração mudou tanto que agora gosta de ver esses anéis por todo lado? — Ela aproximou a mão esquerda do rosto dele, quase acertando seu nariz com o anel.

— Por favor, Mat? — completou Elayne.

Egwene o encarava como se ele tivesse os chifres de um Trolloc.

Ele se contorceu na cadeira.

— Não é que eu não queira. Eu não posso! A Amyrlin acertou tudo para que eu não consiga sair da porc… da ilha. Se conseguirem mudar isso, Elayne, levo sua carta nos dentes.

Elas se entreolharam. Ele às vezes se perguntava se as mulheres conseguiam ler os pensamentos umas das outras. Sem dúvida pareciam ler os dele, e quando ele menos queria. Dessa vez, no entanto, fosse lá o que tivessem decidido entre si em silêncio, não leram os pensamentos dele.

— Explique — ordenou Nynaeve, ríspida. — Por que a Amyrlin iria querer mantê-lo aqui?

Ele deu de ombros, encarou-a e abriu seu sorriso mais infeliz.

— Porque eu estava doente. Porque fiquei doente muito tempo. Ela disse que não me deixaria ir embora antes de ter certeza de que eu não acabaria morrendo em algum outro lugar. Não que eu vá, é claro. Morrer, quer dizer.

Nynaeve franziu a testa, deu um puxão na trança e segurou a cabeça de Mat de repente. Um arrepio percorreu a espinha do rapaz. *Luz, o Poder!* Antes que ele concluísse o pensamento, ela o soltou.

— O quê…? O que você fez comigo, Nynaeve?

— Nem um décimo do que você merece, com toda a certeza. — Foi a resposta. — Está saudável como um touro. Mais fraco do que aparenta, porém saudável.

— Mas eu disse isso — retrucou o rapaz, constrangido. Tentou recuperar o sorriso. — Nynaeve, ela parecia com você. A Amyrlin, digo. Tentando intimidar mesmo sem ter tamanho para isso, e ameaçar… — Pelo erguer das sobrancelhas dela, Mat decidiu que era melhor não seguir mais por aquele caminho. Ele só precisava manter a conversa longe da Trombeta. Perguntou-se se elas sabiam. — Bom. De qualquer forma, acho que querem me manter aqui por causa daquela adaga. Quer dizer, até descobrirem exatamente como ela fez o que fez. Sabem como são as Aes Sedai. — Ele deu uma risadinha. As três o encararam. *Talvez eu não devesse ter dito isso. Que me queime! Elas querem ser Aes Sedai. Que me queime, estou falando demais. Queria que Nynaeve parasse de me olhar desse jeito. Seja breve.* — A Amyrlin arranjou tudo de modo que eu não consiga cruzar nenhuma ponte ou subir em nenhum barco sem ordem dela. Estão vendo? Não é que eu não queira ajudar. Não posso.

— Mas se conseguirmos tirá-lo de Tar Valon, você ajudará? — perguntou Nynaeve, com certo tom de urgência.

— Se me tirarem de Tar Valon, carrego a própria Elayne até a mãe no lombo.

Dessa vez, foi a Filha-herdeira quem ergueu as sobrancelhas. Egwene balançou a cabeça e disse o nome dele, apenas movendo os lábios, com um olhar severo. As mulheres às vezes não tinham o menor senso de humor.

Nynaeve fez um gesto para que as outras a seguissem até as janelas, onde as três deram as costas para Mat e conversaram tão baixinho que ele só escutou murmúrios. Pensou ter ouvido Egwene dizer algo sobre precisarem de apenas uma, bastava manterem-se juntas. Atento, ele se perguntou se elas

realmente achavam que poderiam desfazer as ordens da Amyrlin. *Se conseguirem fazer isso, eu levo a maldita carta. Levo a carta nos dentes, de verdade.*

Sem pensar, ele pegou o miolo de uma maçã e comeu o que restava. Mastigou um pouco e cuspiu o bocado de sementes amargas de volta no prato.

Quando as três retornaram à mesa, Egwene entregou a ele um papel grosso e dobrado. Ele olhou, desconfiado, antes de abrir. Sem perceber, começou a cantarolar baixinho, para si mesmo.

O que o portador fizer é sob meu comando e autoridade. Obedeça e mantenha o silêncio, por ordem minha.

Siuan Sanche
Vigia dos Selos
Chama de Tar Valon
O Trono de Amyrlin

No pé da carta, havia um selo com a Chama de Tar Valon sobre um círculo de cera branca, duro feito pedra.

Ao perceber que cantarolava "Um Bolso Cheio de Ouro", Mat parou.

— É legítima? Você não…? Como foi que conseguiu isso?

— Ela não falsificou, se é o que está pensando — retrucou Elayne.

— Não importa como foi que conseguimos — respondeu Nynaeve. — É legítima. É tudo o que você precisa saber. Se eu fosse você, não ficaria mostrando esse papel por aí, ou a Amyrlin vai acabar pegando de volta. Mas vai servir para você passar pelos guardas e chegar até um navio. Disse que levaria a carta se conseguíssemos tirar você daqui.

— Já pode considerá-la nas mãos de Morgase. — Ele não queria parar de ler o papel, mas mesmo assim dobrou-o e o colocou sobre a carta de Elayne. — Por acaso não teriam uma moedinha para acompanhar os papéis? Alguma prata? Um ou dois marcos de ouro? Tenho quase o suficiente para a passagem, mas ouvi dizer que está tudo encarecendo muito ao sul do rio.

Nynaeve negou com a cabeça.

— Você não tem dinheiro? Apostou com Hurin quase todas as noites, até ficar doente a ponto de não conseguir mais segurar os dados. E por que é que as coisas estariam encarecendo ao sul do rio?

— Apostávamos cobre, Nynaeve, e depois de um tempo nem isso ele queria. Não importa. Eu dou um jeito. Não sabem das notícias? Cairhien está em guerra civil, e ouvi dizer que as coisas em Tear também não estão nada boas. Soube que um quarto de estalagem em Aringill está custando mais que pagaríamos por um bom cavalo, lá perto de casa.

— Andamos muito ocupadas — retrucou ela com rispidez, trocando olhares preocupados com Egwene e Elayne, olhares que o deixaram outra vez desconfiado.

— Não importa. Eu dou um jeito. — Talvez desse para jogar nas estalagens perto das docas. Uma noite com os dados o ajudaria a embarcar com os bolsos cheios na manhã seguinte.

— Só entregue a carta à Rainha Morgase, Mat — instruiu Nynaeve. — E não deixe ninguém descobrir o que você está carregando.

— Vou entregar. Eu disse que entregaria, não disse? Desse jeito, até parece que não cumpro minhas promessas. — Os olhares que recebeu de Nynaeve e Egwene o fizeram se lembrar de algumas promessas não cumpridas. — Eu vou entregar. Sangue e… eu vou!

Os quatro conversaram um pouco mais, principalmente sobre casa. Egwene e Elayne sentaram-se na cama, Nynaeve ocupou a poltrona, e ele ficou com o banquinho. Falar de Campo de Emond o fazia sentir saudades de casa e parecia entristecer Nynaeve e Egwene, como se falassem de algo que nunca mais veriam. Ele reparou que os olhos delas se enchiam de lágrimas, mas quando tentava desconversar elas traziam o assunto à tona outra vez, recordando os conhecidos, os festivais do Bel Tine e do Dia do Sol, as danças das colheitas e os piqueniques de celebração das tosquias.

Elayne contou a ele sobre Caemlyn, sobre o que esperar do Palácio Real e a quem se dirigir, e falou um pouco da cidade. Às vezes ela se portava de um jeito que quase dava para ele ver a coroa em sua cabeça. Um homem teria que ser muito idiota para se envolver com uma mulher como aquela. Quando as três se levantaram para sair, ele ficou um pouco triste em vê-las partir.

Ele se levantou, sentindo-se estranho de repente.

— Olhem, vocês me fizeram um favor. — Ele tocou o papel da Amyrlin na mesa. — Um enorme favor. Sei que vão se tornar Aes Sedai — balbuciou um pouco ao dizer essa parte —, e que você um dia será rainha, Elayne.

Mas, se precisarem de ajuda, se houver qualquer coisa que eu possa fazer por vocês, eu farei. Podem contar comigo. Eu disse alguma coisa engraçada?

Elayne cobria a boca com uma das mãos, e Egwene claramente lutava para não soltar uma risada.

— Não, Mat — respondeu Nynaeve, tranquila, mas com os lábios quase sorrindo. — É só uma coisa que andei observando sobre os homens.

— Você precisaria ser mulher para entender — completou Elayne.

— Tome cuidado na viagem, Mat — disse Egwene. — E não esqueça: quando uma mulher precisa de um herói, precisa dele na hora, não no dia seguinte. — Já não conseguia conter a risada.

Ele observou a porta se fechar. As mulheres, concluiu, pela centésima vez, eram estranhas.

Então levou os olhos à carta de Elayne e ao papel dobrado por cima. O papel abençoado da Amyrlin, que não cabia a ele entender, apenas aceitar e ficar feliz por tê-lo, como uma boa fogueira em pleno inverno. Ele fez uma dancinha sobre o tapete florido. Veria Caemlyn e conheceria uma rainha. *Suas próprias palavras me livrarão da senhora, Amyrlin. E também me afastarão de Selene.*

— Vocês nunca vão me pegar. — Ele riu, pensando nas duas. — Nunca pegarão Mat Cauthon.



CAPÍTULO 29



Uma Armadilha Para Acionar

O cão que usavam na cozinha para girar os espetos dos assados estava deitado em sua roda de vime, descansando. Lançando um olhar irritado para ele, Nynaeve limpou o suor da testa com uma das mãos e curvou-se para fazer o trabalho do animal. *Não me espantaria se me obrigassem a entrar no lugar dele na roda de vime, em vez de girar essa manivela abandonada pela Luz! Aes Sedai! Que a Luz as queime todas!* O linguajar era um sinal de como estava irritada. Outro sinal era ela sequer ter percebido o que dissera. Achava que o fogo na comprida lareira de pedra não pareceria mais quente nem mesmo se ela entrasse lá engatinhando. Tinha certeza de que o cão malhado zombava dela.

Elayne removia a gordura do tabuleiro sob os assados com uma colher de pau de cabo longo, enquanto Egwene usava uma similar para regar as carnes. Ao redor delas, a rotina do meio-dia prosseguia na imensa cozinha. Até as noviças estavam tão acostumadas a ter as Aceitas ali que mal olhavam para as três mulheres. Não que as cozinheiras permitissem que as noviças perdessem tempo olhando com cara de bobas para o que quer que fosse. O trabalho edificava o caráter, diziam as Aes Sedai, e as cozinheiras estavam ali para garantir que as noviças o edificassem bastante. E as três Aceitas também.

Laras, a Mestra das Cozinhas — na realidade ela era cozinheira-chefe, porém, era chamada dessa forma havia tanto tempo que aquele poderia muito bem ser seu título —, apareceu para verificar os assados e as mulheres que

suavam para fazê-los. Ela era mais que um pouco cheinha, com um queixo triplo e um avental branco imaculado feito com tecido o bastante para três vestidos de noviça. Carregava uma colher de pau de cabo longo como se fosse um cetro. Aquela colher não era para mexer ensopados. Era para comandar as subordinadas e açoitar as que não estivessem edificando o caráter com a rapidez exigida. Ela analisou os assados, cheirou-os com cara de desagrado e franziu a testa para as três Aceitas.

Nynaeve retribuiu o olhar de Laras com o mesmo desagrado e continuou girando o espeto. A mulher robusta ainda estava impassível. Nynaeve já tentara sorrir, mas isso não havia alterado a expressão de Laras. Parar de trabalhar para falar cordialmente provara-se um desastre. Já era ruim o bastante ser ameaçada e atormentada por Aes Sedai. Afinal, aguentar aquilo era necessário, não importava o quão irritante e humilhante fosse, para aprender a usar as habilidades. Não que ela gostasse do que era capaz de fazer — uma coisa era saber que Aes Sedai não eram Amigas das Trevas só porque canalizavam o Poder, outra muito diferente era saber que ela própria era capaz de canalizar —, mas, se quisesse se vingar de Moiraine, era preciso aprender. Seu ódio pela Azul, por tudo o que fizera com Egwene e os outros moradores de Campo de Emond, por acabar com as vidas deles e manipulá-los em prol dos objetivos das Aes Sedai, era praticamente o que a fazia seguir em frente. No entanto, ser tratada como uma criança preguiçosa e pouco inteligente por aquela tal Laras, ser forçada a fazer mesuras e correr para cumprir ordens daquela mulher que ela poderia ter colocado em seu devido lugar com meia dúzia de boas palavras, se estivesse em casa… aquilo a fazia ranger os dentes quase tanto quanto pensar em Moiraine. *Talvez, se eu apenas não olhar para ela…* Não! Que me queime se eu vou baixar os olhos para essa… *essa vaca!*

Laras fungou mais alto e foi embora. A mulher bamboleava de um lado a outro ao cruzar os azulejos cinza que haviam acabado de ser esfregados.

Ainda agachada, raspando o tabuleiro engordurado, Elayne lançou um olhar furioso para as costas da Mestra das Cozinhas.

— Se essa mulher me açoitar mais uma vez, vou mandar Gareth Bryne prendê-la, e…

— Cale a boca — sussurrou Egwene. Não parou de mexer os cozidos nem olhou para Elayne. — Ela tem ouvidos de…

Laras se virou como se de fato tivesse escutado, a testa ainda mais franzida, a boca escancarada. Antes que pudesse falar, o Trono de Amyrlin adentrou a cozinha como um furacão. Até a estola listrada em seus ombros parecia irritada. Pela primeira vez, Leane não estava à vista.

Até que enfim, pensou Nynaeve, emburrada. *Já não era sem tempo!*

A Amyrlin, porém, não olhou para ela. Nem disse uma palavra para qualquer pessoa. A mulher passou a mão por uma mesa que fora escovada até ficar branca, olhou para os próprios dedos e fez uma careta de nojo. Laras surgiu a seu lado em um instante, toda sorrisos, mas o olhar impassível da Amyrlin a fez engoli-los.

A Amyrlin saiu andando pela cozinha. Encarou as mulheres que fatiavam um bolo de aveia. Cravou os olhos nas que descascavam vegetais. Olhou com desprezo para os caldeirões de sopa e para as mulheres que cuidavam deles, que por sua vez voltaram a atenção para a superfície da sopa. A carranca da Amyrlin botou para correr as garotas que entraram carregando pratos e tigelas, de volta para o salão de jantar. A cara fechada afugentou as noviças como ratos ao avistarem um gato. Quando completou meia-volta em torno da cozinha, todas as mulheres trabalhavam com o dobro da velocidade. Quando terminou o circuito, Laras era a única que se atrevia a olhar para ela.

A Amyrlin parou diante do espeto de assar com as mãos na cintura e olhou para Laras. Apenas olhou, sem expressão, os olhos azuis frios e severos.

A mulher corpulenta engoliu em seco, o queixo tremendo enquanto as mãos alisavam o avental. A Amyrlin não piscou. Laras baixou o olhar, mudando o apoio de um pé a outro.

— A Mãe me dê licença — disse com a voz fraca. Fez um movimento que pareceu o arremedo de uma mesura e saiu correndo, tão fora de si que foi se juntar às mulheres diante dos caldeirões de sopa e começou a mexê-los com a própria colher.

Nynaeve deu um sorriso, mantendo a cabeça baixa para escondê-lo. Egwene e Elayne continuaram trabalhando, mas também olhavam de esguelha para a Amyrlin, parada de pé, de costas para elas, a menos de dois passos de distância.

De onde estava, a Amyrlin podia olhar, irritada, para toda a cozinha.

— Se é assim tão fácil intimidá-las — murmurou, baixinho —, devem ter andado trabalhando menos do que deveriam.

É mesmo fácil intimidá-las, pensou Nynaeve. *Que mulheres deploráveis. Ela só precisou olhar para elas!* A Amyrlin olhou por cima do ombro coberto pela estola, encarando-a por um instante. De súbito, a Aceita percebeu que girava o espeto mais depressa. Disse a si mesma que precisava fingir estar intimidada como todas as outras.

A Amyrlin pousou os olhos em Elayne e falou de repente, em um tom de voz tão alto que quase ecoou nas caçarolas e frigideiras de cobre que pendiam das paredes:

— Algumas palavras eu não tolerarei na boca de uma jovem, Elayne da Casa Trakand. Se as proferir, mandarei limpar sua boca com sabão! — Todas na cozinha deram um salto.

Elayne pareceu confusa, e a indignação surgiu no rosto de Egwene.

Nynaeve sacudiu a cabeça em pequenos espasmos exaltados. *Não, garota! Segure essa língua! Não vê o que ela está fazendo?*

Mas Egwene abriu a boca. Respeitosa, porém determinada.

— Mãe, ela não…

— Silêncio! — O rugido da Amyrlin produziu outra onda de sobressaltos. — Laras! Pode encontrar algo que ensine essas duas garotas a falarem apenas quando e o que for preciso, *Mestra* das Cozinhas? Será que consegue fazer isso?

Laras cambaleou com uma rapidez que Nynaeve jamais vira, avançando para cima de Elayne e Egwene e agarrando as duas pela orelha, repetindo o tempo todo:

— Sim, Mãe. Agora mesmo, Mãe. Como a senhora ordenar, Mãe. — Ela saiu arrastando as duas jovens da cozinha, como se estivesse ansiosa para escapar do olhar da mulher.

A Amyrlin naquele momento estava quase colada em Nynaeve, mas ainda olhava para a cozinha. Ao virar com uma tigela nas mãos, uma jovem cozinheira encontrou o olhar da Amyrlin. A jovem soltou um grito agudo e saiu em disparada.

— Não queria que Egwene fosse pega. — A Amyrlin mal movia os lábios. Parecia murmurar para si mesma, e, pela expressão em seu rosto, ninguém na cozinha queria ouvir o que ela dizia. Nynaeve mal conseguiu entender as palavras. — Mas talvez isso a ensine a pensar antes de falar.

A Aceita girou o espeto, mantendo a cabeça baixa e tentando parecer como se também murmurasse entre dentes, caso alguém estivesse olhando.

— Pensei que fosse ficar de olho em nós, Mãe. Para que pudéssemos informá-la do que encontrássemos.

— Filha, se eu viesse aqui para olhar irritada para vocês todos os dias, poderia gerar desconfiança. — A Amyrlin continuou estudando a cozinha. A maioria das mulheres evitava sequer olhar em sua direção, por medo de provocar sua ira. — Planejava levar vocês ao meu gabinete depois da refeição do meio-dia. Para repreendê-las por não escolherem seus estudos, como sugeri a Leane. Mas tenho notícias que não puderam esperar. Sheriam encontrou outro Homem Cinza. Uma mulher. Tão morta quanto pescado de uma semana atrás, sem nem uma marca no corpo. Estava deitada bem na cama da Mestra das Noviças, como se estivesse descansando. Não foi nada agradável para ela.

Nynaeve enrijeceu. O espeto parou de girar por um instante, mas ela se pôs a movimentá-lo outra vez.

— Sheriam teve a chance de ver as listas que Verin deu a Egwene. Elaida também. Não estou fazendo acusações, mas elas tiveram a chance. E Egwene disse que Alanna… também se comportou de forma estranha.

— Ela contou isso a você, foi? Alanna é de Arafel. Eles lá têm umas ideias estranhas sobre honra e dívidas. — Ela deu de ombros, descartando aquilo, mas prosseguiu. — Acho que posso ficar de olho nela. Já descobriram algo de útil, criança?

— Algumas coisas — murmurou Nynaeve, com uma careta. *Que tal ficar de olho em Sheriam? Talvez ela não tenha só encontrado esse Homem Cinza. A Amyrlin poderia ficar de olho em Elaida também, aliás. Então quer dizer que Alanna realmente…* — Não entendo por que a senhora confia em Else Grinwell, mas a mensagem foi muito útil.

Com frases curtas e rápidas, Nynaeve contou tudo o que haviam encontrado no depósito sob a biblioteca, dando a entender que apenas ela e Egwene tinham ido até lá, e acrescentou as conclusões às quais chegaram. Não mencionou o sonho de Egwene com *Tel'aran'rhiod*. Ou o que quer que tenha sido aquilo, já que a menina insistia que fora real. Nem falou sobre o *ter'angreal* que Verin dera a Egwene. Não conseguia confiar plenamente na mulher com a estola de sete listras ou em qualquer uma que usasse o xale, na verdade, e talvez fosse melhor manter algumas coisas em segredo.

Quando ela terminou, a Amyrlin ficou em silêncio por tanto tempo que Nynaeve começou a pensar que a mulher não escutara. Estava prestes a

repetir um pouco mais alto quando a mulher enfim se pronunciou, ainda quase sem mover os lábios.

— Não enviei mensagem alguma, Filha. As coisas que Liandrin e as outras deixaram foram vasculhadas à exaustão e depois queimadas, nada foi encontrado. Ninguém usaria os restos da Ajah Negra. Quanto a Else Grinwell… eu me lembro da garota. Ela poderia ter aprendido, caso se esforçasse, mas só tinha interesse em sorrir para os rapazes no pátio de treinamento dos Guardiões. Else Grinwell embarcou em um navio mercante e foi enviada de volta à mãe, dez dias atrás.

Nynaeve tentou engolir o nó que se formara em sua garganta. As palavras da Amyrlin a fizeram pensar nos valentões que aterrorizavam crianças pequenas. Os valentões eram sempre tão desdenhosos das crianças menores, sempre tão seguros de que as pequenas eram muito burras para perceber o que acontecia que se esforçavam muito pouco para disfarçar as armadilhas. Imaginar que a Ajah Negra pensava assim dela fez seu sangue ferver. Imaginar que podiam ter preparado aquela armadilha lhe deu calafrios. *Luz, se Else foi mandada embora… Luz, qualquer uma com quem eu fale pode ser Liandrin ou alguma das outras. Luz!*

O espeto estava parado. Mais do que depressa, ela voltou a girá-lo. No entanto, ninguém pareceu ter percebido. Todas ainda se esforçavam para não olhar para a Amyrlin.

— E que atitude vocês pretendem tomar a respeito dessa armadilha… tão óbvia? — perguntou, em voz baixa, ainda olhando para a cozinha, não para a mulher no espeto. — Pretende cair nessa também?

Nynaeve enrubesceu.

— Dessa vez sei que é uma armadilha, Mãe. E a melhor maneira de pegar alguém que monta uma armadilha é acioná-la e esperar o caçador… ou caçadora. — Depois do que a Amyrilin havia contado, o argumento pareceu mais fraco do que quando o dissera a Egwene e Elayne, mas ela ainda acreditava naquilo.

— Pode ser, criança. Talvez seja esse o jeito de encontrá-las. Se elas não chegarem e encontrarem vocês presas na armadilha. — Ela soltou um suspiro exasperado. — Vou deixar algum ouro no seu quarto, para a viagem. E vou plantar a notícia de que estou enviando vocês a uma fazenda para carpir repolho. Elayne vai acompanhá-las?

Nynaeve se espantou e se distraiu o suficiente para encarar a Amyrlin por um tempo, mas voltou a olhar para as mãos bem depressa. As juntas brancas agarravam o cabo do espeto.

— Sua tratante desg… por que o fingimento, se sabia? Suas conspirações dissimuladas nos confundiram quase tanto quanto a Ajah Negra. Por quê? — A Amyrlin contraiu o rosto, o suficiente para Nynaeve se obrigar a adotar um tom mais respeitoso. — Se me permite a pergunta, Mãe.

A Amyrlin bufou.

— Já vai ser bem difícil pôr Morgase de volta no caminho certo, por vontade dela ou não, sem que a rainha pense que mandei sua filha ao mar num esquife furado. Desse jeito, posso dizer que não tive nada a ver com o assunto. Talvez finalmente enfrentar a mãe seja um pouco difícil para Elayne, mas tenho três sabujos agora, não dois. Eu disse que teria cem, se pudesse. — Ela ajeitou a estola nos ombros. — Já estendemos isso demais. Se eu ficar tão perto de você pode ser que percebam. Tem algo mais a me dizer? Seja breve, Filha.

— O que é *Callandor*, Mãe?

Dessa vez foi a Amyrlin quem perdeu a compostura, virando metade do corpo para Nynaeve antes de se ajeitar outra vez.

— Elas não podem conseguir aquilo. — O sussurro era quase inaudível, como se ela falasse apenas consigo mesma. — Não podem apanhá-la de forma alguma, mas… — A mulher respirou fundo e proferiu as palavras com firmeza suficiente para que Nynaeve as ouvisse com clareza, ainda que ninguém a mais dois passos de distância conseguisse fazê-lo. — Não mais que dez mulheres na Torre sabem o que é *Callandor*, e talvez haja a mesma quantidade de conhecedoras do lado de fora. Os Grão-lordes de Tear sabem, mas nunca falam a respeito, exceto quando um Senhor das Terras é elevado. A Espada Que Não Pode Ser Tocada é um *sa'angreal*, garota. Só dois mais poderosos que ela foram criados, e graças à Luz nenhum foi usado. Com *Callandor* nas mãos, criança, é possível derrubar uma cidade inteira com um só golpe. Se for preciso morrer para manter esse objeto longe das mãos da Ajah Negra… você, Egwene, Elayne, todas as três, estarão fazendo um favor ao mundo inteiro, e a um preço muito barato.

— Como é que poderiam pegá-la? — perguntou Nynaeve. — Pensei que só o Dragão Renascido podia tocar *Callandor*.

A Amyrlin lançou um olhar de soslaio tão penetrante que seria capaz de perfurar os assados no espeto.

— Elas podem estar atrás de outra coisa — disse, depois de um instante. — Roubaram alguns *ter'angreal* aqui. A Pedra de Tear tem quase tantos *ter'angreal* quanto a Torre.

— Pensei que os Grão-lordes odiassem tudo o que tem a ver com o Poder Único — sussurrou Nynaeve, incrédula.

— Ah, eles odeiam, criança. Odeiam e temem. Quando encontram uma garota tairena capaz de canalizar, a despacham num navio para Tar Valon antes do fim do dia, sem que ela mal tenha tempo de se despedir da família. — O murmúrio da Amyrlin estava carregado de lembranças amargas. — Mesmo assim, sua preciosa Pedra guarda um dos focos do Poder mais poderosos de que o mundo já teve notícia. Acho que foi por isso que juntaram tantos *ter'angreal* ao longo dos anos, além de tudo o que tivesse relação com o Poder. É como se, assim, pudessem diminuir a existência de algo de que não são capazes de se livrar, algo que os faz recordar o destino a que estão condenados cada vez que adentram o Coração da Pedra. A fortaleza que destruiu cem exércitos cairá como um dos sinais de que o Dragão Renasceu. E não será o único sinal, apenas um deles. Como isso deve amargurar seus corações orgulhosos. Sua ruína não será sequer um dos grandes sinais da mudança do mundo. Não podem sequer ignorá-lo ficando longe do Coração. É lá que os Senhores da Terra são elevados a Grão-lordes, onde passam pelo chamado Rito de Defesa quatro vezes por ano, alegando que protegem o mundo inteiro do Dragão por possuir *Callandor*. Deve ser como uma ferroada em suas almas, quase como um ataque de lúcios, e não é mais do que merecem. — Ela se recompôs, como se acabasse de perceber que falara muito mais do que pretendia. — Isso é tudo, criança?

— Sim, Mãe — respondeu Nynaeve. *Luz, tudo sempre acaba voltando a Rand, não é? Sempre volta para o Dragão Renascido.* Ainda era um esforço pensar nele daquela forma. — Isso é tudo.

A Amyrlin ajeitou a estola mais uma vez, franzindo a testa diante da correria frenética da cozinha.

— Vou precisar dar um jeito nisso. Não podia mais esperar para falar com vocês, mas Laras é uma boa mulher e cuida muito bem da cozinha e das despensas.

Nynaeve fungou, falando para suas mãos, que seguravam o cabo do espeto.

— Laras é uma balofa amarga, habilidosa demais com aquela colher para o meu gosto. — Pensou que havia apenas resmungado entre dentes, mas ouviu a Amyrlin soltar um risinho irônico.

— Você é boa em julgar as pessoas, criança. Deve ter sido uma boa Sabedoria em sua aldeia. Laras foi até Sheriam e exigiu saber por quanto tempo manteremos vocês três fazendo o trabalho mais difícil e sujo, sem qualquer perspectiva de algo mais leve. Disse que não compactuaria com a destruição da saúde ou do espírito de mulher alguma, independentemente do que eu dissesse. Muito boa em julgar as pessoas, criança.

Laras retornou à porta da cozinha naquele momento, hesitante em adentrar o próprio domínio. A Amyrlin foi falar com ela, com sorrisos no lugar das caretas e dos olhares fulminantes.

— Tudo me parece muito bem, Laras. — As palavras da Amyrlin foram ouvidas por toda a cozinha. — Não vejo nada fora do lugar, tudo está como deveria. É preciso elogiá-la. Acho que vou transformar Mestra das Cozinhas em um título formal.

O rosto da mulher robusta passou de desconforto a choque, então a entusiasmo. Quando a Amyrlin saiu do aposento, Laras era toda sorrisos. No entanto, sua testa voltou a franzir quando tirou os olhos da Amyrlin e os voltou para as trabalhadoras. A cozinha parecia a pleno vapor. A mulher pousou o olhar soturno em Nynaeve.

Voltando a girar o espeto, a Aceita tentou sorrir para a mulher parruda.

Laras intensificou a careta e começou a bater com a colher no quadril, aparentemente esquecida de que, pela primeira vez, o objeto fora usado para seu propósito original. Manchas de sopa surgiram no avental branco.

Vou sorrir para ela mesmo que isso acabe me matando, pensou Nynaeve, embora tivesse que apertar os dentes.

Egwene e Elayne voltaram, contorcendo os rostos e esfregando as bocas nas mangas. A um olhar de Laras, correram para o espeto e retomaram as tarefas.

— Sabão — resmungou Elayne, falando com dificuldade — tem um gosto horrível!

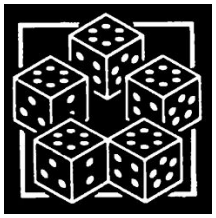
Egwene estremecia enquanto usava uma colher para despejar o líquido da caçarola por cima dos assados.

— Nynaeve, se você me disser que a Amyrlin nos mandou ficar, vou gritar. E vou acabar fugindo de verdade.

— Partimos depois que a limpeza terminar — explicou —, só vamos parar para pegar nossas coisas. — Ela desejou poder compartilhar a avidez que faiscava nos olhos das outras duas. *A Luz permita que a gente não esteja se metendo em uma armadilha de onde não vamos conseguir sair. Que a Luz permita.*



CAPÍTULO 30



O Primeiro Lance

Depois que Nynaeve e as outras saíram, Mat passou a maior parte do dia no quarto, exceto por um breve passeio. Estava fazendo planos. E comendo. Comeu quase tudo o que as serviçais trouxeram e ainda pediu mais. Elas ficaram muito felizes em atendê-lo. Ele pediu pão, queijo e frutas, depois empilhou maçãs, peras enrugadas pelo frio, nacos de queijo e fatias de pão dentro do guarda-roupa, deixando as bandejas vazias para serem levadas.

Ao meio-dia, teve que aguentar a visita de uma Aes Sedai que se chamava Anaiya, pelo que se lembrava. Ela tocou a testa dele, o que produziu arrepios por seu corpo. Era o Poder Único, concluiu, não o mero toque de uma Aes Sedai. Aquela era uma mulher de aparência comum, apesar do rosto sem rugas e da serenidade de Aes Sedai.

— Você parece bem melhor — disse ela, sorrindo. Aquele sorriso o fazia lembrar-se da mãe. — Um tanto mais faminto do que eu esperava, pelo que ouvi dizer, mas melhor. Fui informada de que está tentando esvaziar nossas despensas. Pode acreditar quando digo que vamos lhe dar toda a comida de que precisar. Tenha certeza de que não deixaremos você perder uma refeição sequer enquanto não estiver plenamente recuperado.

Ele lançou o sorriso largo que usava com a mãe quando queria convencê-la de algo em especial.

— Eu sei que não. E estou mesmo me sentindo melhor. Pensei em ver um pouco da cidade agora à tarde. Se não se opuserem, é claro. Talvez visitar

uma estalagem à noite. Nada como um pouco de conversa de salão para animar o espírito.

Ele pensou ver os lábios dela quase se contorcerem em um sorriso maior.

— Ninguém vai tentar impedi-lo, Mat. Mas não tente sair da cidade. Isso só vai irritar os guardas e resultar em uma viagem de volta para cá, com escolta.

— Eu não faria isso, Aes Sedai. O Trono de Amyrlin disse que eu morreria de fome em poucos dias se fugisse.

Ela assentiu, como se não acreditasse em uma palavra.

— É claro. — Quando ela se virou para ir embora, pousou os olhos no bastão que ele trouxera do pátio de treinamento, apoiado em um canto do quarto. — Você não precisa se proteger de nós, Mat. Está tão seguro aqui quanto em qualquer outro lugar. Provavelmente muito mais seguro.

— Ah, eu sei disso, Aes Sedai. Eu sei disso.

Depois que ela saiu, ele franziu a testa para a porta, se perguntando se teria conseguido convencê-la de alguma coisa.

Já era mais noite do que tarde quando ele deixou o quarto pelo que esperava que fosse a última vez. O céu começava a ficar arroxeado, e o sol poente pincelava as nuvens a oeste em tons avermelhados. Depois que ajeitou o manto em volta do corpo e pendurou no ombro a grande bolsa de couro que encontrara da última vez que saíra, arredondada por conta do pão, do queijo e das frutas que surrupiara, uma olhadela no espelho mostrou que não havia como esconder suas intenções. Mat enrolou o restante das roupas no cobertor da cama e jogou o rolo nos ombros. O bastão faria as vezes de cajado. Nada fora deixado para trás. Os bolsos do casaco guardavam todos os pertences menores, e a bolsa do cinturão, os mais importantes. O papel do Trono de Amyrlin. A carta de Elayne. E o copo de dados.

Ele viu Aes Sedai no trajeto para a saída da Torre. Algumas repararam nele, embora a maioria tivesse apenas levantado as sobrancelhas, e nenhuma falou com ele. Anaiya foi a única. Deu um sorriso divertido e um pesaroso aceno de cabeça. Ele respondeu dando de ombros, com o sorriso mais culpado que pôde, e ela prosseguiu em silêncio, balançando a cabeça. Os guardas nos portões da Torre apenas olharam para ele.

Foi só quando chegou à grande praça e viu as ruas da cidade que enfim sentiu uma onda de alívio. E triunfo. *Se não pode esconder suas intenções,*

faça com que todos pensem que é um paspalho. Então ficarão parados esperando você cair de cara no chão. Aquelas Aes Sedai vão ficar esperando os guardas me levarem de volta. De manhã, quando perceberem que não voltei, farão uma busca. Não vai ser muito frenética logo no começo, pois pensarão que fui só até a cidade. Quando perceberem que sumi, este coelho já terá descido o rio e estará muito longe dos sabujos.

Com o coração tão leve como não sentia em anos, ou pelo menos era o que parecia, ele começou a cantarolar "Cruzamos a Fronteira Outra Vez", seguindo em direção ao porto de onde zarpavam as embarcações para Tear e todas as aldeias no caminho, ao longo do Erinin. Ele não iria tão longe, é claro. Aringill, de onde pegaria a estrada para seguir até Caemlyn, ficava na metade do caminho, rio abaixo.

Vou entregar a maldita carta. Que audácia a dela, pensando que eu não faria, mesmo depois de ter prometido. Vou entregar essa porcaria nem que seja a última coisa que eu faça.

O crepúsculo começava a cobrir Tar Valon, mas ainda havia bastante luz para agraciar as fantásticas construções e as torres em formatos exóticos, ligadas por pontes altíssimas que se estendiam, a céu aberto, a centenas de passos do chão. As ruas ainda estavam apinhadas de gente, todos vestidos de formas tão diferentes que ele achou que devia haver pessoas de todas as nações. Ao longo das avenidas principais, pares de acendedores de lampiões usavam escadas para iluminar o topo dos postes mais altos. Entretanto, na parte de Tar Valon que ele procurava, a única luz era a que vinha das janelas.

As maiores construções e torres de Tar Valon haviam sido erguidas por Ogier, mas outras, na parte mais nova, tinham sido construídas por mãos humanas. Novas, em alguns casos, significava cerca de dois mil anos. Próximo à Baía do Sul, as mãos do homem tentaram, senão reproduzir, ao menos ficar à altura do engenhoso trabalho dos Ogier. As cantarias das estalagens onde as tripulações se reuniam para bebedeiras eram similares às dos palácios. Estátuas em nichos e tetos em cúpula, cornijas ornamentadas e frisos com entalhes intrincados decoravam as lojas e tendas de mercadores. Pontes em arco também cruzavam os céus naquela área da cidade, mas as ruas eram de pedrinhas, não de paralelepípedos. Muitas das pontes eram de madeira em vez de pedra, e às vezes tão baixas que ligavam o segundo andar

dos prédios onde foram construídas, sem nunca se elevarem acima do quarto andar.

As ruas escuras fervilhavam com tanta vida como qualquer outra em Tar Valon. Mercadores saindo das embarcações com os compradores de suas mercadorias, viajantes do Rio Erinin e seus condutores, todos enchiam as tavernas e os salões das estalagens na companhia dos que buscavam o dinheiro que eles carregavam, fosse por meios honestos ou escusos. As ruas eram tomadas pelo estardalhaço de música de sabiolas, flautas, harpas e saltérios. Três jogos de dado aconteciam na primeira estalagem em que Mat entrou, homens aos berros, agachados em círculos perto das paredes do salão, anunciavam perdas e ganhos.

Ele só pretendia jogar por uma ou duas horas até conseguir um navio, o suficiente para engordar a bolsa com algumas moedas, mas ganhou. Desde que se entendia por gente, sempre ganhara mais do que perdera, e algumas vezes, com Hurin e em Shienar, ganhara seis ou oito rodadas seguidas. Naquela noite, ele ganhou todas as rodadas. Todas.

Pelos olhares que alguns dos homens lançaram, ele ficou feliz por ter deixado os próprios dados guardados. Aqueles olhares o fizeram decidir sair de lá. Foi com surpresa que se deu conta de que tinha quase trinta marcos de prata na bolsa, mas, como havia ganhado um pouco de cada homem, os presentes ficaram felizes em vê-lo partir.

A não ser por um marinheiro escuro de cachos miúdos. Ele era do Povo do Mar, segundo o que alguém dissera, embora Mat tivesse se perguntado o que um Atha'an Miere fazia tão longe da água salgada. O homem o seguira até a rua mal iluminada, brigando por uma chance de recuperar seu dinheiro. Mat queria seguir para as docas — trinta marcos de prata eram mais que o suficiente —, mas o marinheiro continuava discutindo. Como só usara metade do tempo de que dispunha, acabou cedendo e entrou na próxima taverna por onde passaram.

Ele ganhou de novo, e foi como se uma febre o dominasse. Ganhou todos os lances. Foi da taverna para uma estalagem, e de volta a tavernas, sem nunca ficar tempo demais para irritar alguém com tantas vitórias. E continuava ganhando todos os lances. Trocou prata por ouro com um cambista. Jogou coroas, cincos e ruína da donzela. Participou de jogos de cinco dados, de quatro, de três e até de dois. Apostou em jogos que nunca vira até aquela noite, ao entrar na roda ou pegar um lugar na mesa. E ganhou.

Em algum momento da noite, o marinheiro negro que se apresentara como Raab foi embora, impressionado e exausto, mas de bolsos cheios: decidira apostar em Mat. O rapaz logo encontrou outro cambista, ou talvez tivesse sido dois: a febre parecia enevoar sua mente, assim como embaçava as lembranças do passado. Então seguiu rumo a mais um jogo. Para ganhar.

Sem saber ao certo quantas horas depois, ele se viu em uma taverna cheia de fumaça de tabaco — chamada Cruzada de Tremalking, pelo que lembrava — encarando cinco dados, cada um com o entalhe profundo de uma coroa. A maioria dos fregueses parecia interessada apenas em beber o quanto pudesse, mas o frenesi de dados e gritos de jogadores a um canto era quase sufocado pela voz de uma mulher, acompanhada pelas notas rápidas de um saltério.

Danço com uma de olhos verdes,
Depois com outra, olhos castanhos,
Com quem for, eu danço e danço
Mas dos seus olhos não me canso.
Beijo uma de cachos negros,
Depois outra de fios dourados,
Quem vier, eu beijo e beijo
Mas é a seu lado que me vejo.

A mulher chamara a música de “O Que Ele Me Dizia”. Para Mat, eram os acordes de “Quer Dançar Comigo?” com uma letra diferente, mas naquele momento ele só conseguia pensar nos dados.

— Rei de novo — resmungou um dos homens de cócoras, junto a Mat.

Era a quinta rodada seguida em que ele tirava um rei.

Ele ganhara a aposta de um marco de ouro, àquela altura sem nem se importar com o fato de que seu marco andoriano era mais pesado que a moeda illianense do homem. Tirou os dados do copo de couro, agitou-os com força e os arremessou outra vez no chão. Cinco coroas. *Luz, não pode ser. Ninguém nunca tirou um rei seis vezes seguidas. Ninguém.*

— A sorte do próprio Tenebroso — grunhiu outro homem.

Era um sujeito grandalhão, cujos cabelos escuros estavam amarrados na nuca com uma faixa preta, com ombros pesados, cicatrizes no rosto e um nariz que parecia ter sido quebrado mais de uma vez.

Quase sem perceber que se movia, Mat agarrou o grandalhão pelo colarinho, ergueu-o do chão e o imprensou na parede.

— Não diga isso! — rosnou. — Nunca diga uma coisa dessas!

O homem piscou para ele, atordoado. Era uma cabeça mais alto que Mat.

— É só um ditado — murmurou alguém atrás dele. — Luz, é só um ditado.

Mat soltou o casaco do homem com cicatriz no rosto e se afastou.

— Eu… eu… não gosto que ninguém diga essas coisas a meu respeito. Não sou Amigo das Trevas! — *Que me queime, não a sorte do Tenebroso. Não isso! Ah, Luz, será que aquela maldita adaga fez mesmo algo comigo?*

— Ninguém disse isso — resmungou o homem de nariz quebrado. Ele parecia estar superando a surpresa e tentando decidir se ficava bravo.

Mat reuniu seus pertences, empilhados atrás de si, e saiu da taverna, deixando as moedas onde estavam. Não é que estivesse com medo do grandalhão. Já havia se esquecido do homem e das moedas. Só queria sair, tomar um pouco de ar fresco, ir para onde pudesse pensar um pouco.

Na rua, ele se recostou na parede da taverna, não muito longe da porta, e inspirou o ar fresco. As ruas escuras da Baía do Sul estavam quase vazias. Música e o som de gargalhadas ainda escapavam das estalagens e tavernas, mas poucas pessoas circulavam pela noite. Segurando o bastão à frente com ambas as mãos, ele apoiou a cabeça nos pulsos e tentou desvendar o quebra-cabeças, olhando por todos os ângulos.

Sabia que era sortudo. Pelo que se lembrava, sempre fora. Mas, de alguma forma, nas memórias que tinha de Campo de Emond, não era tão sortudo quanto estava ultimamente, desde que deixara a cidade. Sem dúvida vivia se safando quando aprontava, mas também se lembrava de ter se dado mal em algumas traquinagens em que o sucesso parecia certo. Sua mãe parecia sempre saber o que ele andava tramando, e Nynaeve tinha a capacidade de enxergar para além de quaisquer desculpas que ele inventasse. Entretanto, a sorte não havia surgido apenas desde a partida de Dois Rios. Ela começara depois que ele tinha pegado a adaga de Shadar Logoth. Ele se lembrava de jogar dados em casa com um homem magrelo de olhos de águia, que trabalhava para um mercador que vinha de Baerlon comprar tabaco. Também se lembrava da surra de cinto que seu pai lhe dera ao descobrir que Mat estava devendo um marco de prata e quatro pennies ao homem.

— Mas estou livre da maldita adaga — murmurou. — Aquelas Aes Sedai infernais disseram que eu estava. — Ele se perguntou quanto teria ganhado naquela noite.

Ao mexer nos bolsos do casaco, percebeu que estavam repletos de moedas, coroas e marcos, tanto de prata quanto de ouro, que reluziam e cintilavam à luz das janelas próximas. Ao que parecia, possuía duas bolsas, ambas recheadas. Desamarrou as cordas e encontrou mais ouro. E ainda mais dinheiro enfiado no bolso do cinturão, por cima, por baixo e pelos lados do copo de dados, amassando a carta de Elayne e o papel da Amyrlin. Lembrava-se de ter jogado pennies de prata às serviçais nas tavernas, por seus belos sorrisos, belos olhos ou belos tornozelos, e também porque não valia a pena guardá-los.

Não valia a pena guardá-los? Talvez não valesse. Luz, estou rico! Maldição, estou rico! Talvez tenha sido algo que as Aes Sedai fizeram. Algo que fizeram na hora de me curar. Por acidente, talvez. Deve ter sido isso. Melhor que a outra opção. Aquelas malditas Aes Sedai devem ter feito isso comigo.

Um homem grandalhão saiu da taverna. A porta que ele empurrara se fechou, obstruindo a luz que talvez revelasse seu rosto.

Mat imprensou as costas na parede, enfiou as bolsas de volta no casaco e segurou mais forte o bastão. Não importava de onde tivesse surgido sua sorte, não pretendia perder todo aquele ouro para um assaltante.

O homem se virou para ele, apertou os olhos para ver melhor e levou um susto.

— N-noite fria — disse, ébrio. Quando cambaleou mais para perto, Mat percebeu que aquele tamanho todo era gordura. — Eu preciso… preciso… — O gordo seguiu andando pela rua, trôpego e desconjuntado, falando sozinho.

— Idiota! — resmungou Mat, sem saber se falava do homem ou de si mesmo. — É hora de encontrar um navio para me tirar daqui. — Apertou os olhos para o céu negro, tentando estimar quanto tempo faltava para o dia nascer. Duas, talvez três horas, pensou. — Já passou da hora. — Seu estômago roncou: ele se recordava vagamente de ter comido em uma das estalagens, mas não se lembrava do quê. A febre dos dados o pegara de jeito. Ele enfiou a mão na bolsa e encontrou apenas farelos. — Já passou até demais. Daqui a pouco uma delas vai vir me pegar com as próprias mãos e

me meter dentro da bolsa. — Ele desencostou da parede e disparou em direção às docas, onde deveriam estar os navios.

No começo, pensou que os sons indistintos atrás de si fossem o eco de suas botas no chão de pedrinhas. Então, percebeu que alguém o seguia. E que tentava não ser percebido. *Bem*, agora é um assaltante, sem sombra de dúvida.

Suspendendo o bastão, ele considerou por um instante virar-se para confrontar o sujeito. Mas estava escuro, o som dos passos era indefinido, e ele não tinha ideia de quantos homens havia. *Só porque você venceu Gawyn e Galad, não quer dizer que virou um desses malditos heróis das histórias.*

Ele entrou em uma rua lateral, sinuosa e mais estreita, tentando andar nas pontas dos pés, mas com agilidade. Não havia luz em qualquer uma das janelas em volta, e a maioria estava fechada. Estava quase no fim da passagem quando viu um movimento à frente. Dois homens espiavam a lateral da rua, no ponto em que ela se cruzava com outra. Ouviu passos lentos atrás de si, um leve arrastar de botas de couro na pedra.

No mesmo instante, se abaixou em um canto escuro formado por uma construção de fachada mais recuada. Parecia a melhor coisa a fazer no momento. Agarrou o bastão com aflição e esperou.

Um homem apareceu, caminhando por onde ele viera, avançando agachado a passos lentos e vagarosos. Em seguida, veio outro. Cada um carregava uma faca na mão e avançava furtivamente.

Mat ficou tenso. Se dessem só mais alguns passos sem percebê-lo ali, nas sombras profundas do esconderijo, ele poderia pegá-los de surpresa. Queria que seu estômago parasse de roncar. Aquelas facas eram bem menores que as espadas de treino, mas eram feitas de aço, não de madeira.

Um dos homens semicerrou os olhos em direção ao fim da rua estreita, então se endireitou e gritou de repente:

— Ele não foi para o seu lado, não?

— Não vi nada, só sombras — foi a resposta, em um sotaque carregado. — Quero acabar com isso. Tem umas coisas estranhas se mexendo hoje à noite.

A menos de quatro passos de Mat, os dois homens trocaram olhares, embainharam as facas e seguiram de volta pelo caminho por onde vieram.

Ele soltou um suspiro longo e lento. *Sorte. Que me queime se não está servindo para mais do que os dados.*

Ele já não enxergava os homens, mas sabia que estariam à espreita na rua seguinte. E que haveria mais atrás dele, pelo outro lado.

Uma das construções em que ele se apoiava tinha apenas um andar, e o telhado parecia plano. Um friso de pedra banca com entalhes de imensas folhas de parreira unia as duas construções.

Erguendo o bastão, ele apoiou a extremidade na beirada do telhado e deu um empurrão forte. O objeto aterrissou no telhado de azulejos com um estrépito. Sem esperar para ver se alguém ouvira, escalou o friso. As enormes folhas eram um excelente suporte, mesmo para alguém de botas. Em questão de segundos, estava outra vez de posse do bastão, andando pelo teto, confiando na sorte para não cair.

Escalou mais três vezes, subindo um andar por vez. O teto de azulejos levemente inclinado já estava a alguma distância do chão, àquela altura, e ele sentia uma brisa gélida arrepiando os cabelos da nuca, quase o fazendo pensar que estava sendo seguido. *Pare com isso, seu idiota! A essa hora eles estão a três ruas daqui, procurando algum outro sujeito com a bolsa gorda. E tomara que não tenham sorte.*

Os azulejos eram escorregadios, e ele decidiu que talvez fosse boa ideia pensar em voltar para a rua. Com cautela, foi até a beirada do telhado e olhou para baixo. Havia uma rua vazia, cerca de quarenta ou cinquenta pés abaixo, onde três tavernas e uma estalagem derramavam luz e música pela calçada de pedrinhas. No entanto, mais abaixo, à direita de onde estava, uma ponte de pedra ligava o último andar do prédio a uma construção do outro lado.

A ponte parecia bastante estreita, avançando pela escuridão intocada pelas luzes das tavernas e formando um arco a uma altura que significaria uma grande queda até as pedras da calçada, mas ele arremessou o bastão e prosseguiu, sem se dar tempo de pensar muito a respeito. Ouviu o ruído das próprias botas na ponte e rolou, como fazia ao cair das árvores, quando criança. Parou diante do gradil, da altura de sua cintura.

— Maus hábitos sempre rendem bons frutos — disse a si mesmo, enquanto se levantava e recuperava o bastão.

A janela escura do outro lado da ponte estava bem fechada. Achou que os moradores não gostariam de receber um estranho no meio da noite. Via muitas paredes de cantaria, mas, se havia sequer um pequeno suporte ao alcance da ponte, a noite o escondia. *Bem, estranho ou não, aí vou eu.*

Ele se afastou do gradil e percebeu, de repente, que um homem dividia a ponte com ele. Um homem com uma adaga na mão.

Mat agarrou a mão do sujeito no momento em que a lâmina disparava em direção à sua garganta. Agarrou o pulso do homem por muito pouco, e o bastão no meio dos dois enganchou-se em suas pernas, fazendo-o tropeçar e cambalear contra o gradil, puxando o outro homem para cima de si. Equilibrado na base da coluna, vacilante, com o agressor arreganhando os dentes bem na sua cara, ele se deu conta tanto da altura da queda que o aguardava quando da lâmina que absorvia o fraco luar que banhava sua garganta. Começava a perder a força nos dedos que agarravam o pulso do homem, e a outra mão estava presa ao bastão entre seus corpos. Apenas alguns segundos se passaram desde que vira o homem pela primeira vez, e, em mais alguns, iria morrer com uma faca cravada na garganta.

— Hora de jogar os dados.

Pensou ter visto o homem confuso por um instante, mas um instante era tudo o que tinha. Com um movimento de pernas, Mat deu um golpe e os dois rodopiaram em pleno ar.

Por um segundo, que se estendeu por uma eternidade, sentiu como se não tivesse peso algum. O ar assobiou em seus ouvidos e emaranhou seus cabelos. Pensou ter ouvido o outro homem gritar, ou começar a gritar. O impacto expeliu todo o ar que havia em seus pulmões e fez borrões cor de chumbo dançarem por sua visão enevoada.

Quando pôde respirar e ver outra vez, percebeu que caíra no homem que o atacara, e que a queda fora amortecida pelo corpo do sujeito.

— Sorte — sussurrou. Pôs-se de pé devagar, praguejando pela contusão que o bastão produzira em suas costelas.

Esperava que o outro homem estivesse morto, já que não eram muitos que sobreviveriam a uma queda de trinta pés em um pavimento de pedrinhas irregulares, ainda mais com o peso de outro homem por cima. Mas não esperava ver a adaga do sujeito cravada até o punho no coração dele. Um homem de aparência tão comum tentara matá-lo. Mat acreditava que nem sequer o notaria em meio a uma multidão.

— Que azar, meu camarada — disse ao corpo inerte.

De repente, um lampejo trouxe todos os acontecimentos de volta. Os assaltantes na rua sinuosa. A subida até o telhado. Aquele sujeito. A queda. Ergueu os olhos até a ponte acima e foi assomado por um ataque de

tremedeira. *Eu devo ter enlouquecido. Uma pequena aventura é uma coisa, mas nem Rogosh Olho-de-águia iria querer uma dessas.*

Ele percebeu que estava parado perto do corpo de um homem morto com uma adaga cravada no peito, apenas esperando que alguém chegasse e saísse gritando pelos guardas da cidade com a Chama de Tar Valon no peito. Os papéis da Amyrlin poderiam livrar Mat, mas talvez não antes que ela descobrisse. Ele ainda poderia acabar tendo que voltar à Torre Branca, sem aquele papel e possivelmente sem permissão sequer para deixar os muros da Torre.

Sabia que precisava correr para as docas no mesmo instante e partir na primeira embarcação, mesmo que fosse uma banheira podre apinhada de peixes mortos, mas sentia os joelhos tremerem tanto que mal conseguia andar. Queria se sentar, só por um instante. Só um minuto, para firmar os joelhos, e então seguiria para as docas.

As tavernas estavam mais próximas, mas ele começou a andar em direção à estalagem. O salão de uma estalagem era um lugar amistoso, onde um homem podia descansar um minuto sem se preocupar com quem quer que estivesse à espreita. Das janelas, emanava luz suficiente para ele enxergar a placa: uma mulher com os cabelos trançados, segurando o que parecia um ramo de oliveira, e as palavras “A Mulher de Tanchico”.



CAPÍTULO 31



A Mulher de Tanchico

O salão da estalagem estava bastante iluminado, e menos de um quarto das mesas estava ocupado, já que era tão tarde. Algumas serviçais de avental branco passavam por entre os homens, levando canecas de cerveja ou vinho, e um burburinho preenchia o ambiente sob o som de uma harpa sendo dedilhada. A clientela, alguns fregueses com cachimbos entre os dentes e uma dupla curvada sobre um tabuleiro de pedras, parecia composta de oficiais navais e mercadores de casas menores, com casacos bem cortados e de boa lã, mas sem o ouro, a prata ou os bordados que os homens mais ricos podiam ostentar. Pela primeira vez, não se ouvia o som de dados sendo lançados. O fogo crepitava nas compridas lareiras nos cantos do salão, mas mesmo sem elas o lugar pareceria quente e acolhedor.

O harpista estava de pé em uma mesa, recitando “Mara e os Três Reis Tolos” ao som da melodia que saía de seu instrumento. A harpa, toda trabalhada em ouro e prata, era digna de um palácio. Mat conhecia o homem que tocava. Aquele sujeito salvara a vida dele.

O harpista era um homem esguio, que seria alto não fosse uma leve corcunda, coxeando um pouco ao se mover no tampo da mesa. Mesmo ali dentro, usava o manto todo coberto de retalhos esvoaçantes e multicoloridos. Sempre queria que todos soubessem que era um menestrel. O longo bigode e as sobrancelhas fartas eram tão brancos quanto os grossos cabelos que cobriam a cabeça, e os olhos azuis tinham uma expressão pesarosa, enquanto

ele recitava. Aquela expressão era tão surpreendente quanto a presença do homem. Mat nunca pensara em Thom Merrilin como alguém pesaroso.

Ele escolheu uma mesa, pôs os pertences no chão ao lado do banquinho e pediu duas canecas. A bela serviçal piscou os grandes olhos castanhos para ele.

— Duas, jovem mestre? O senhor não parece tão beberrão. — A voz tinha uma pontada de risada maliciosa.

Depois de uma breve busca, ele retirou duas moedas de prata do bolso. Uma era mais que o suficiente para pagar pelo vinho, mas ele deslizou a segunda diante dos olhos da moça.

— Meu amigo vem beber comigo.

Ele sabia que Thom o vira. O velho menestrel quase interrompera a história no meio ao vê-lo entrar no salão. Aquilo também era novidade. Poucas coisas surpreendiam Thom o bastante para que ele demonstrasse, e apenas Trollocs o faziam parar uma história no meio, pelo que Mat sabia. Quando a garota trouxe o vinho e os cobres de troco, ele ignorou as canecas de peltre e escutou o final da história.

— "Foi como dissemos que deveria ser", disse o Rei Madel, tentando desembolar um peixe da longa barba. — A voz de Thom quase parecia ecoar em um grande salão, não em uma estalagem. A harpa entoava a tolice final dos três reis. — "Foi como dissemos que seria", anunciou Orander. Com os pés escorregando na lama, ele se sentou, respingando tudo à volta. "Foi como dissemos que deve ser", proclamou Kadar, enquanto procurava por sua coroa, metido no rio até os cotovelos. "A mulher não sabe do que está falando. Ela é que é a tola!" Madel e Orander concordaram em voz alta. Para Mara, aquela foi a gota d'água. "Dei a eles todas as chances que mereciam, e muitas mais", resmungou para si mesma. Enfiando a coroa de Kadar dentro da bolsa com as duas primeiras, ela subiu de volta na carroça, estalou a língua para a égua e partiu rumo à aldeia. E, quando Mara tivesse conseguido contar a todos o que havia acontecido, o povo de Heape já não teria mais rei algum. — Ele dedilhou mais uma vez o tema principal da tolice dos reis, dessa vez em um crescendo que soava ainda mais como uma risada, e depois dobrou-se em uma reverência, quase caindo da mesa.

Os homens riram e bateram os pés, embora cada um ali já devesse ter ouvido a história incontáveis vezes. Então pediram mais uma. A história de Mara era sempre bem recebida, exceto talvez pelos reis.

Thom quase caiu outra vez ao descer da mesa. Foi caminhando até o canto onde Mat estava sentado com um andar mais instável do que uma perna dura poderia justificar. Pousando a harpa na mesa com um ar despretensioso, ele desabou em um banquinho diante da segunda caneca e lançou um olhar inexpressivo ao rapaz. Ele sempre tivera olhos penetrantes como sovelas, mas naquele momento parecia ter dificuldade em manter o foco.

— Comum — resmungou. A voz ainda era grave, mas já não parecia reverberar. — O conto é cem vezes melhor em Canto Simples e mil vezes melhor em Alto, mas eles querem em Comum. — Sem dizer outra palavra, enfiou a cara no vinho.

Mat não se lembrava de alguma vez ter visto Thom terminar de tocar a harpa e não guardá-la no mesmo instante no estojo de couro. Jamais o vira em pior estado por causa da bebida. Era um alívio ouvir o menestrel reclamar da plateia: Thom nunca a considerava de padrão tão alto quanto o próprio. Pelo menos alguma coisa permanecia igual.

A serviçal voltou, dessa vez sem piscar.

— Ah, Thom — disse, baixinho, depois virou-se para Mat. — Se eu soubesse que ele era o amigo que o senhor esperava, não teria trazido vinho para ele nem que me desse cem moedas de prata.

— Eu não sabia que ele estava bêbado — protestou Mat.

A mulher, no entanto, voltou a atenção para Thom, outra vez com a voz mansa.

— Thom, você precisa descansar. Se deixar, eles farão você contar histórias dia e noite.

Uma segunda mulher surgiu do outro lado de Thom, retirando o avental pela cabeça. Era mais velha que a primeira, mas igualmente bonita. As duas poderiam ser irmãs.

— Uma bela história, Thom, eu sempre considerei, e você a conta lindamente. Venha, coloquei uma panela quentinha na sua cama, e você pode me contar tudo sobre a corte de Caemlyn.

Thom encarou a caneca com certa surpresa em vê-la vazia, depois bufou sobre o longo bigode e olhou de uma mulher à outra.

— Bela Mada. Bela Saal. Já lhes contei que fui amado por duas belas mulheres? Isso é mais do que muitos homens podem desejar.

— Você já contou essa história, Thom — disse a mulher mais velha, com pesar.

A mais jovem olhou irritada para Mat, como se ele fosse o culpado.

— Duas — murmurou Thom. — Morgase tinha o temperamento forte, mas achei que poderia ignorar aquilo, e terminei com ela querendo me matar. Dena, eu que matei. Foi como se a tivesse matado. Não faz muita diferença. Tive duas chances, mais que a maioria, e joguei as duas no lixo.

— Eu cuido dele — disse Mat. Nesse instante, Mada e Saal o olhavam irritadas. Ele abriu seu melhor sorriso, mas não funcionou. Seu estômago roncou alto. — Estou sentindo cheiro de frango assado? Tragam uns três ou quatro. — As duas mulheres piscaram e trocaram olhares perplexos quando ele acrescentou: — Você também quer algo para comer, Thom?

— Um pouco mais desse vinho andoriano seria ótimo. — O menestrel ergueu a caneca, esperançoso.

— Chega de vinho para você por hoje, Thom. — A mulher mais velha tentou pegar a caneca da mão dele, mas o homem não deixou.

Quase por cima da outra, a mais nova disse, com uma mistura de firmeza e súplica:

— Coma um pouco de frango, Thom. Está muito bom.

Nenhuma das duas saiu até que o menestrel concordasse em comer algo, e, ao partir, deram a Mat tamanha combinação de olhares e fungadas, que ele só foi capaz de balançar a cabeça. *Que me queime, vocês pensarem que eu estava encorajando ele a beber mais! Mulheres! Mas as duas têm olhos lindos.*

— Rand contou que você estava vivo — disse a Thom, depois que Mada e Saal já não podiam ouvi-lo. — Moiraine dizia isso sempre. Mas ouvi dizer que você estava em Cairhien e que pretendia seguir até Tear.

— Então Rand ainda está bem? — Os olhos de Thom quase recuperaram o foco de que Mat se lembrava. — Acho que não esperava por isso. Moiraine ainda está com ele, não é? Uma mulher atraente. Uma bela mulher, se não fosse Aes Sedai. Basta se meter com esse tipo para queimar muito mais do que a mão.

— Por que não esperava que Rand estivesse bem? — perguntou Mat, com cautela. — Sabe de algo que poderia fazer mal a ele?

— Se eu sei? Não sei de nada, garoto. Tenho mais desconfianças do que é bom para a minha saúde, mas não sei de nada.

Mat desistiu do assunto. *Não adianta ficar confirmando as suspeitas dele. Não adianta dizer a ele que eu também sei mais do que é bom para a*

minha saúde.

A mulher mais velha, que Thom chamara de Mada, voltou trazendo três frangos com a crosta dourada e crocante. Antes de sair, lançou um olhar preocupado ao homem de cabelos brancos e um de advertência ao jovem. Mat arrancou uma perna do frango e começou a atacá-la enquanto falava. Thom fitou a caneca com uma cara feia, sem olhar para a ave.

— Por que está aqui em Tar Valon, Thom? É o último lugar onde eu esperava ver você, considerando o que pensa das Aes Sedai. Ouvi dizer que você estava fazendo dinheiro em Cairhien.

— Cairhien — resmungou o velho menestrel, o olhar se tornando perdido mais uma vez. — Quanto transtorno nos causa matar um homem, ainda que esse homem mereça a morte. — Ele fez um floreio com uma das mãos, e uma faca surgiu. Thom sempre carregava algumas facas ocultas. Embora bêbado, segurava-a com firmeza. — Mate um homem que merece a morte, e por vezes outros pagarão pelo seu ato. A pergunta é: valeu a pena mesmo assim? Sempre há um contrapeso, sabe? Bem e mal. Luz e Sombra. Não seríamos humanos se não houvesse um contrapeso.

— Guarde isso — grunhiu Mat, com a boca cheia. — Não quero falar sobre matanças. — *Luz, aquele camarada ainda está caído lá no meio da rua. Que me queime, eu deveria estar num navio a essa hora.* — Só perguntei por que está em Tar Valon. Se precisou sair de Cairhien porque matou alguém, não me interessa. Sangue e cinzas, se está com vinho demais nas ideias para conseguir falar direito, vou embora.

Com um olhar amargo, Thom escondeu a faca outra vez.

— Por que estou em Tar Valon? Estou aqui porque é o pior lugar onde eu poderia estar, exceto talvez Caemlyn. É o que mereço, garoto. Algumas da Ajah Vermelha ainda se lembram de mim. Vi Elaida na rua, outro dia. Se ela soubesse que estou aqui, arrancaria meu couro em tiras e depois faria muito pior.

— Nunca imaginei você como alguém que sente pena de si mesmo — retrucou Mat, indignado. — Está querendo se afogar no vinho?

— O que é que você sabe, garoto? — rosnou Thom. — Viva mais alguns anos, veja mais da vida, ame uma ou duas mulheres, e então saberá. Talvez venha a saber, se for inteligente para aprender. Aaaah! Quer saber por que estou em Tar Valon? Por que é que *você* está em Tar Valon? Eu me lembro de vê-lo tremendo quando descobriu que Moiraine era Aes Sedai. Quase se

borrava nas calças a cada vez que alguém mencionava o Poder. O que está fazendo em Tar Valon, com Aes Sedai espalhadas por todos os cantos?

— Estou indo embora de Tar Valon. É isso que estou fazendo aqui. Indo embora! — Mat fez uma careta. O menestrel salvara sua vida, e talvez mais. Tinha um Desvanecido envolvido. É por isso que a perna dele não funcionava tão bem quanto deveria. *Em um navio não há vinho o bastante para mantê-lo tão bêbado.* — Estou indo para Caemlyn, Thom. Se você precisa arriscar essa sua vida besta por alguma razão, por que não vem comigo?

— Caemlyn? — inquiriu Thom, contemplativo.

— Caemlyn, Thom. Elaida vai acabar voltando, mais cedo ou mais tarde, e você teria que se preocupar com ela. Além disso, pelo que me lembro, se Morgase puser as mãos em você, vai desejar que tivesse sido Elaida.

— Caemlyn. Sim. Caemlyn cairia como uma luva em meu humor. — O menestrel olhou para o prato de frango e levou um susto. — O que foi que você fez, garoto? Meteu os frangos na manga? — Não sobrara nada das três aves além de ossos e carcaças, com poucas tiras de carne.

— Às vezes fico com fome — murmurou Mat. Fazia um grande esforço para não lamber os dedos. — Então, você vem comigo ou não?

— Ah, eu vou, rapaz. — Thom se levantou, já não parecendo tão instável quanto antes. — Espere aqui e tente não comer a mesa enquanto pego minhas coisas e me despeço de algumas pessoas. — Ele saiu mancando, sem cambalear nem uma vez.

Mat tomou um pouco do vinho e puxou umas tiras que ainda restavam nas carcaças dos frangos, considerando se havia tempo de pedir mais um, mas Thom voltou depressa. A harpa e a flauta pendiam de seu ombro nos estojos de couro, junto com um cobertor amarrado. Ele levava um cajado liso da mesma altura que ele. As duas serviçais o acompanhavam, uma de cada lado. Mat concluiu que eram mesmo irmãs. Os grandes olhos castanhos, idênticos, encaravam o menestrel com a mesma expressão. Thom beijou primeiro Saal, depois Mada, deu um tapinha em suas bochechas e seguiu em direção à porta, acenando com a cabeça para que Mat o acompanhasse. Antes que o rapaz terminasse de reunir todos os pertences e apanhasse o bastão, o menestrel já estava do lado de fora.

A mais jovem das duas mulheres, Saal, deteve Mat quando ele passou pela porta.

— Seja lá o que tenha dito, está perdoado pelo vinho, mesmo que esteja levando ele embora. Não vejo Thom com esse ânimo há semanas. — Ela empurrou algo para a mão dele. Ao ver o que era, Mat arregalou os olhos, confuso. Ela lhe entregara um marco de prata de Tar Valon. — Pelo que disse a ele. Além do mais, quem está alimentando você não está fazendo um trabalho muito bom, mas mesmo assim seus olhos são bonitos. — Ela riu da expressão no rosto dele.

Mat também riu, instintivamente, ao sair em direção à rua deslizando a moeda de prata pelos dedos. *Quer dizer que meus olhos são bonitos, é?* A risada cessou como se fosse a última gota de um barril de vinho: Thom estava lá, mas o corpo não. As janelas das tavernas ao longo da rua forneciam iluminação o bastante para que ele tivesse certeza. O guarda da cidade não teria levado embora um homem morto sem interrogar todas as tavernas, inclusive A Mulher de Tanchico.

— O que está olhando, garoto? — perguntou Thom. — Não há Trollocs nessas sombras.

— Assaltantes — murmurou. — Estava pensando nos assaltantes.

— Também não há ladrões de rua ou valentões em Tar Valon, garoto. Os assaltantes aqui são poucos, o boato logo se espalha. Mas, quando os guardas pegam um, o arrastam até a Torre, e, seja lá o que as Aes Sedai façam com ele, o sujeito deixa Tar Valon no dia seguinte, de olhos arregalados, tal e qual uma garota assustada. Ouvi dizer que elas são ainda mais severas com as mulheres que são pegas roubando. Não, a única maneira de ser roubado aqui é alguém lhe entregar latão polido no lugar de ouro, ou usar dados raspados. Não há assaltantes.

Mat se virou e foi andando, ultrapassou Thom e seguiu em direção às docas, com o bastão batendo na calçada de pedras como se o impulsionasse para a frente.

— Vamos embarcar no primeiro navio, seja ele qual for. No primeiro, Thom.

O cajado de Thom estalava apressado atrás dele.

— Calma aí, garoto. Para que tanta pressa? Há muitos navios zarpando, dia e noite. Calma aí. Não há nenhum assaltante.

— Na primeira porcaria de navio, Thom! Se estiver partindo, estaremos nele! — *Se não eram assaltantes, eram o quê? Só podiam ser assaltantes. O que mais seriam?*



CAPÍTULO 32



O Primeiro Navio

A Baía do Sul, a grande enseada construída pelos Ogier, redonda e imensa, era cercada por muros altos feitos da mesma pedra branca rajada de prata que as outras construções de Tar Valon. Um cais comprido, quase todo coberto, percorria toda a extensão da baía, exceto onde os grandes portões se abriam, dando acesso ao rio. Embarcações de todos os tamanhos alinhavam-se no cais, a maioria ancorada pela popa, e, apesar da hora, doqueiros em camisas toscas corriam carregando e descarregando fardos e baús, caixotes e barris, com cordas, hastes de apoio ou nas costas. Lampiões que pendiam das vigas no teto iluminavam os desembarcadouros e formavam uma linha de luz no meio do porto, em volta da água escura. Pequenos barcos abertos deslizavam pela escuridão, as lanternas quadradas no topo dos altos estais de popa parecendo vaga-lumes sobrevoando a baía. Eram todos barcos pequenos, se comparados aos navios: alguns tinham no máximo seis pares de remos longos.

Enquanto Mat conduzia Thom, ainda resmungando, por baixo de um arco de pedra vermelha polida e pelos largos degraus que levavam ao cais abaixo, os tripulantes de um navio de três mastros soltavam as amarras da embarcação, a menos de vinte passos de distância. O navio era maior que muitos que o rapaz via por ali, com algo entre quinze a vinte braças desde a proa pontuda até a popa quadrada, além de um convés plano e gradeado

quase no mesmo nível do cais. O mais importante era que estava partindo. *O primeiro navio que zarpar.*

Um homem de cabelos grisalhos veio caminhando até o cais: três linhas de corda de cânhamo costuradas às mangas do casaco escuro o identificavam como capitão das docas. Seus ombros largos sugeriam que ele devia ter começado como doqueiro, arrastando cordas em vez de usá-las. O homem olhou, distraído, na direção de Mat, então parou, uma expressão de surpresa no rosto curtido.

— Essa trouxa aí denuncia seus planos, rapaz, mas pode esquecer. A irmã me mostrou um desenho seu. Você não embarca em nenhum navio da Baía do Sul, rapaz. Pode ir dando meia-volta nessas escadas, pra eu não precisar deixar ninguém de vigia.

— Pela Luz, o que… — murmurou Thom.

— Isso tudo mudou — retrucou Mat, com firmeza. Os homens soltavam a última amarra do navio. As velas triangulares ainda se avolumavam, enroladas nas retrancas compridas e oblíquas, mas os homens já haviam começado a preparar os remos.

O capitão das docas leu o papel, depois o releu.

— Nunca vi uma coisa dessas na vida. Por que a Torre o proibiria de sair e depois lhe entregaria… *isso*?

— Se quiser, pergunte à Amyrlin — retrucou Mat, com uma voz entediada que indicava não acreditar que alguém seria burro a ponto de fazer isso —, mas ela vai arrancar meu couro e o seu se eu não embarcar naquele navio.

— Não vai dar tempo — disse o capitão das docas, já cobrindo a boca com as mãos em concha. — A bordo da *Gaivota Cinzenta*! Parem! Que a Luz os queime, parem!

O sujeito sem camisa diante do leme olhou para trás, depois falou com um companheiro alto de casaco escuro com mangas bufantes. O homem alto não tirou os olhos da tripulação, que mergulhava os remos na água.

— Recuem ao mesmo tempo — gritou, e as pás dos remos começaram a espumar a água.

— Eu consigo — respondeu Mat, bruscamente. *Eu disse que iria no primeiro navio, e é no primeiro navio que eu vou.* — Venha, Thom!

Sem parar para ver se o menestrel o seguia, ele correu pelo cais, desviando de homens e carrinhos de mão carregados. O vão entre o

desembarcadouro e a popa do *Gaivota Cinzenta* aumentava conforme as remadas ficavam mais fundas.

A água escura que passou por baixo de seus pés parecia gélida, mas em um piscar de olhos Mat ultrapassou o gradil do navio e saiu rolando pelo convés. Ao se levantar, ouviu um grunhido e um palavrão atrás de si.

Thom Merrilin pendurou-se no gradil, soltou outro palavrão e escalou até o convés.

— Perdi meu cajado — resmungou. — Vou querer outro. — Esfregando a perna direita, ele se inclinou para espiar a faixa de água que ainda se alargava atrás do navio e suspirou. — Já tinha tomado banho hoje.

O timoneiro sem camisa ficou olhando de um para o outro com os olhos arregalados, agarrando a cana do leme e pensando se poderia usá-la para se defender daqueles malucos.

O homem alto parecia igualmente atônito. Os olhos azul-claros se arregalaram, e a boca se mexeu por um instante, sem emitir som algum. A barba escura e maior no queixo parecia estremecer de raiva, e o rosto estreito começou a arroxear.

— Pela Pedra! — gritou, por fim. — O que significa isso? Não tem mais lugar nesta embarcação nem para um gato, e mesmo que tivesse eu não levaria vagabundos que saem pulando no meu convés. Sanor! Vasa! Joguem essa escória para fora! — Dois homens gigantescos, descalços e despidos da cintura para cima, pararam de enrolar as cordas, aprumaram-se e foram em direção à popa. Os remadores continuaram a trabalhar, inclinando-se para erguer as pás, dando três passos largos ao longo do convés e depois endireitando-se e andando para trás, impulsionando o navio com as pás dos remos.

Com uma das mãos, Mat sacudiu o papel da Amyrlin para o homem barbado, que supôs que fosse o capitão, e com a outra pescou depressa uma coroa de ouro da bolsa, com o cuidado de mostrar ao sujeito que havia mais de onde aquela viera. Jogando a moeda pesada para o homem, ele falou, depressa, ainda agitando o papel:

— Pela inconveniência causada pelo nosso embarque, Capitão. Pagarei mais pela viagem. A serviço da Torre Branca. Por ordem do Trono de Amyrlin em pessoa. É imperativo zarparmos nesse instante. Para Aringill, em Andor. Máxima urgência. As bênçãos da Torre Branca sobre todos que nos ajudarem, a ira da Torre sobre aqueles que nos impedirem.

Certo de que o homem já havia, àquela altura, visto o selo da Chama de Tar Valon e, Mat esperava, um pouco mais, ele dobrou outra vez o papel e o escondeu. Encarou, preocupado, os dois grandalhões que se aproximavam do capitão, um de cada lado. *Que me queime, os braços desses dois são do tamanho dos de Perrin!* Desejou ter o bastão nas mãos. Podia ver onde ele caíra, mais adiante no convés. Tentou parecer firme e confiante, o tipo de homem com quem era melhor não brincar, um homem apoiado pela Torre Branca. *De muito longe, espero.*

O capitão olhou para Mat desconfiado, e mais ainda para Thom, em seu manto de menestrel e um tanto cambaleante, mas fez um gesto para Sanor e Vasa pararem onde estavam.

— Eu não irritaria a Torre. Que a minha alma queime, por ora os negócios pelo rio me trazem de Tear até essa cova de… Eu venho aqui com muita frequência para querer irritar… quem quer que seja. — Ele deu um sorriso tenso. — Mas falei a verdade. Juro pela Pedra! Há seis cabines para passageiros, e estão todas cheias. Podem dormir no convés e comer com a tripulação por mais uma coroa de ouro. Cada um.

— Isso é ridículo! — retrucou Thom. — Não me interessa o que a guerra causou ao sul do rio, isso é ridículo!

Os dois marinheiros grandalhões mexiam os pés descalços.

— É o preço — retorquiu o capitão, com firmeza. — Não quero irritar ninguém, mas preferia não me meter em qualquer negócio que trouxesse vocês dois a bordo do meu barco. É como ser pago para deixar um homem cobri-lo de alcatrão quente, se envolver *nesses* negócios. Ou pagam o preço, ou vão para fora. E podem chamar o próprio Trono de Amyrlin para secar vocês. E eu fico com isso aqui, pelo transtorno que estão me causando. Obrigado. — Ele enfiou a coroa de ouro que Mat lhe entregara em um bolso do casaco de mangas bufantes.

— Quanto por uma das cabines? — perguntou Mat. — Para nós dois. Pode tirar quem estiver dentro e pôr com outra pessoa. — Não queria dormir no frio da noite. *Se não cuidar logo de um sujeito desses, ele rouba suas calças e ainda diz que está lhe fazendo um favor.* Seu estômago roncou alto. — E comemos o que vocês comem, não com a tripulação. E muito!

— Mat — disse Thom —, eu é quem deveria estar bêbado por aqui. — Ele se virou para o capitão, abanando o manto coberto de retalhos no melhor floreio que pôde, com o cobertor e os estojos de instrumentos pendurados.

— Como o senhor deve ter notado, Capitão, sou um menestrel. — Mesmo ao ar livre, a voz de repente pareceu ecoar. — Pelo preço de nossas passagens, eu teria o maior prazer em entreter seus passageiros e sua tripulação…

— Minha tripulação embarcou para trabalhar, menestrel, não para se divertir. — O capitão alisou a barba pontuda. Os olhos pálidos avaliavam o casaco simples de Mat pelo preço em cobre. — Então vocês querem uma cabine, é? — Ele soltou uma risada. — E as minhas refeições? Ora, podem ter minha cabine e minhas refeições. Por cinco coroas de ouro para cada um! Pelo peso andoriano! — Eram as mais pesadas. Ele começou a rir tanto que proferia as palavras em arquejos. A seu lado, Sanor e Vasa escancaravam os dentes. — Por dez coroas, podem ficar com minha cabine e minha comida, e eu ainda durmo com os passageiros e como com a tripulação. Que a minha alma queime, eu faço isso! Juro pela Pedra! Por dez coroas de ouro… — O riso abafou tudo o mais.

Ele ainda arquejava e lacrimejava de tanto rir quando Mat puxou uma de suas duas bolsas, mas o riso cessou no instante em que Mat contou cinco coroas na palma da mão. O capitão piscou os olhos, incrédulo. Os dois grandalhões pareciam ter levado um soco.

— Peso andoriano o senhor disse? — perguntou Mat. Era difícil calcular sem uma balança, mas ele somou mais sete moedas à pilha. Duas eram mesmo andorianas, e ele achou que as outras somavam o peso certo. *Até demais, para esse sujeito.* Depois de um instante, acrescentou mais duas coroas de ouro taireno. — Para o sujeito pagante que o senhor terá que expulsar da cabine. — Não achava que os passageiros veriam um cobre sequer do dinheiro, mas às vezes compensava bancar o generoso. — A não ser que esteja pensando em dividir a sua com eles? Não, é claro que não. Eles vão precisar de uma compensação por terem que se amontoar com os outros. Não há razão para o senhor comer com a tripulação, capitão. Será mais que bem-vindo a compartilhar as minhas refeições e as de Thom na sua cabine.

Thom lançou a ele um olhar tão severo quanto os dos outros.

— O senhor é…? — A voz do homem barbado era um sussurro rouco. — Por acaso… o senhor é… um jovem lorde disfarçado?

— Não sou lorde. — Mat riu. Tinha razão para rir. O *Gaivota Cinzenta* adentrava a escuridão da baía, o cais era uma faixa de luz que deixava ainda mais em evidência o vão negro, naquele momento não muito distante, onde as

comportas se abriam para o rio. Os remos ligeiros direcionavam a embarcação para lá. Os homens já balançavam os botalós compridos e oblíquos, preparando-se para soltar as velas. Com ouro nas mãos, o capitão não parecia mais prestes a jogar alguém ao mar. — Se o senhor não se importa, Capitão, será que podemos dar uma olhada na nossa cabine? Sua cabine, quer dizer. Está tarde, e eu queria algumas horas de sono. — Seu estômago se pronunciou. — E jantar!

Enquanto a proa do barco adentrava a escuridão, o próprio homem barbado os conduziu por uma escada que descia até uma passagem curta e estreita, cheia de portas alinhadas, bem próximas. O capitão foi retirando seus pertences da cabine, que tinha a largura da popa, com a cama e todo o resto da mobília embutida nas paredes, exceto por duas cadeiras e alguns baús. Ele cuidou para que Mat e Thom se instalassem, e Mat ficou sabendo de muitas coisas, a começar pelo fato de que o homem não deixaria nenhum passageiro sem alojamento. Ele tinha muito respeito pelo dinheiro deles, embora não por eles, para permitir algo do tipo. O capitão ocuparia a cabine do imediato, que ficaria com a cama do segundo oficial, empurrando cada subalterno um degrau abaixo, até que o mestre de convés acabasse dormindo na proa, com a tripulação.

Mat não pensou que aquela informação fosse muito útil, mas escutava tudo o que o homem dizia. Era sempre melhor saber não apenas aonde estava indo, mas com quem estava lidando, ou poderia acabar sem botas nem casaco, voltando para casa descalço na chuva.

O capitão era um taireno chamado Huan Mallia. O homem começou a falar bastante depois de chegar a um acordo com Mat e Thom que julgasse satisfatório. Explicou que não era nobre de nascença, não ele, mas que não deixaria que ninguém o fizesse de idiota. Um jovem com mais ouro do que qualquer jovem teria por direito só podia ser um ladrão, se não fosse de conhecimento geral que os ladrões nunca escapavam de Tar Valon com seus lucros. Um jovem vestido como um fazendeiro, mas com o ar e a confiança do lorde que negava ser.

— Pela Pedra, não direi que é, se o senhor diz que não. — Mallia piscou, deu uma risadinha e puxou a ponta da barba. Um jovem, a caminho de Andor, levando um papel com o selo do Trono de Amyrlin. Não era segredo que a Rainha Morgase havia visitado Tar Valon, embora o motivo da visita certamente fosse. Estava óbvio para Mallia que havia algo

acontecendo entre Caemlyn e Tar Valon. E Mat e Thom deviam ser mensageiros… de Morgase, pelo sotaque de Mat. Faria com prazer qualquer coisa que ajudasse uma empreitada tão grandiosa. Não que desejasse se meter onde não fora chamado.

Mat trocou um olhar surpreso com Thom, que guardava os estojos dos instrumentos sob uma mesa embutida em uma das paredes. O cômodo tinha duas pequenas janelas de cada lado, e um par de lampiões em suportes articulados fornecia iluminação.

— Isso é uma bobagem — disse Mat.

— É claro — retrucou Mallia. Parou de recolher as roupas de um baú no pé da cama, endireitou-se e sorriu. — É claro. — O armário na parede parecia guardar alguns mapas dos rios, que seriam necessários. — Não direi mais nada.

Mas o homem tinha a intenção de se meter, embora procurasse disfarçar, e foi andando a esmo pelo quarto enquanto tentava bisbilhotar. Mat ouvia as perguntas e as respondia com grunhidos, dando de ombros ou limitando-se a uma ou duas palavras, e Thom falava ainda menos. O menestrel não parava de sacudir a cabeça enquanto descarregava seus pertences.

Mallia fora um homem dos rios a vida inteira, mas sonhava em navegar no mar. Quase não falava de outras nações além de Tear sem mostrar desprezo. Andor era a única que escapava, e, quando ele enfim conseguia louvá-la, era com certo rancor, apesar dos óbvios esforços.

— Há bons cavalos em Andor, ouvi dizer. Não muito ruins. Não tão bons quanto os tairenos, mas razoáveis. Vocês fazem bom aço, e também boas mercadorias em ferro, bronze e cobre. Eu mesmo já fiz bons negócios por lá, embora vocês cobrem um preço salgado. Mas também, vocês têm aquelas minas nas Montanhas da Névoa. Boas minas, também. Em Tear, temos que batalhar por nosso próprio ouro.

Mayene era alvo de seu maior desprezo.

— É ainda menos nação que Murandy. Uma cidade e umas poucas léguas de terra. Pagam barato pelo óleo de nossas boas oliveiras tairenas, só porque os navios deles sabem onde encontrar cardumes de anchova. Não têm nem direito de ser chamados de nação.

O homem odiava Illian.

— Um dia, vamos saquear e destruir cada cidade e aldeia de Illian, depois vamos cobrir aquela terra imunda de sal. — A barba de Mallia quase

se eriçava pelo ultraje de como a terra de Illian era imunda. — Até as oliveiras são pútridas! Um dia, vamos acorrentar cada um daqueles porcos illianenses! É o que diz o Grão-lorde Samon.

Mat se perguntou o que o homem pensava que Tear faria com toda aquela gente, se o plano fosse de fato concretizado. Os illianenses teriam que ser alimentados, e sem dúvida não trabalhariam acorrentados. Não fazia sentido para ele, mas os olhos de Mallia cintilavam quando ele falava no assunto.

Só os tolos se deixariam governar por um rei ou uma rainha, por um homem ou uma mulher.

— Exceto a Rainha Morgase, é claro — acrescentou, depressa. — Ela é uma mulher incrível, pelo que ouvi dizer. Muito bonita, me disseram. — Todos aqueles tolos reverenciando um tolo. Os Grão-lordes governavam Tear juntos, tomam decisões em conjunto, e era assim que deveria ser. Os Grão-lordes sabiam o que era certo, bom e verdadeiro. Especialmente o Grão-lorde Samon. Nenhum homem errava em se submeter aos Grão-lordes. Especialmente ao Grão-lorde Samon.

Para além dos reis, rainhas, e até mesmo de Illian, havia um ódio maior que Mallia tentava esconder. Mas ele falava tanto para tentar descobrir o que os dois estavam tramando e se empolgava tanto com o som da própria voz que acabou deixando escapar mais do que pretendia.

Os dois deviam viajar muito a serviço de uma Rainha importante como Morgase. Deviam ter visto muitas terras. Ele sonhava com o mar porque era a chance que tinha de ver terras das quais somente ouvira falar, porque era a chance de encontrar os cardumes de anchova de Mayene, de passar a perna no Povo do Mar e nos illianenses imundos. E o mar estava muito longe de Tar Valon. Eles deviam entender, forçados como eram a viajar por lugares estranhos com gente estranha, lugares e gente que não engoliriam se não estivessem a serviço da Rainha Morgase.

— Eu nunca gostei de atracar aqui, sem saber quem pode estar usando o Poder. — A última palavra saiu quase numa cuspida. Desde que ouvira o Grão-lorde Samon falar, no entanto… — Que a minha alma queime, sinto uns vermes escavando minha barriga só de olhar para essa Torre Branca, nesse momento, sabendo o que estão planejando.

O Grão-lorde Samon dissera que as Aes Sedai pretendiam dominar o mundo. Samon dissera que elas pretendiam esmagar todas as nações e pisar na cabeça de todos os homens. Samon dissera que Tear já não podia mais

acreditar que era suficiente apartar o poder de suas próprias terras. Samon dissera que os merecidos dias de glória de Tear estavam por vir, mas Tar Valon estava no caminho entre Tear e a glória.

— Não há esperança. Cedo ou tarde elas terão que ser perseguidas e mortas, até a última Aes Sedai. O Grão-lorde Samon diz que as outras poderão ser salvas, as mais novas, as noviças, as Aceitas, se forem levadas à Pedra, mas as outras deverão ser eliminadas. É isso que o Grão-lorde Samon diz. A Torre Branca deve ser destruída.

Por um instante, Mallia parou no centro da cabine, os braços cheios de roupas, livros e mapas enrolados, os cabelos quase roçando as vigas na cabeça, e encarou o nada com os pálidos olhos azuis enquanto a Torre Branca vinha abaixo, em ruínas. Então se sobressaltou, como se percebesse o que acabara de falar. Balançou a barba, hesitante.

— Quer dizer… isso é o que ele diz. Eu… eu acho que talvez tenha ido longe demais. O Grão-lorde Samon… Ele fala de um jeito que leva um homem para além de suas próprias crenças. Se Caemlyn pode fazer alianças com a Torre, ora, Tear também pode. — Ele estremeceu, sem perceber. — Isso quem diz sou eu.

— O senhor é que sabe — comentou Mat, sentindo a malícia borbulhar dentro de si. — Creio que a sua sugestão seja a correta, Capitão. Mas não pare com algumas Aceitas, não. Chame também uma ou duas dezenas de Aes Sedai. Pense em como ficaria a Pedra de Tear com duas dezenas de Aes Sedai.

Mallia estremeceu.

— Vou mandar um homem para buscar meu baú de dinheiro — disse, formal, e saiu a passos firmes.

Mat franziu o rosto para a porta fechada.

— Acho que não deveria ter dito aquilo.

— Não vejo por quê — retrucou Thom, secamente. — Na próxima vez, pode tentar dizer ao Senhor Capitão Comandante dos Mantos-brancos que ele deveria se casar com o Trono de Amyrlin. — Ele baixou as sobrancelhas, que pareciam duas lagartas brancas. — Grão-lorde Samon. Nunca ouvi falar de um Grão-lorde Samon.

Foi a vez de Mat ser seco.

— Bem, nem mesmo você deve saber tudo sobre todos os reis, rainhas e nobres que existem, Thom. Pode ter deixado um ou dois passarem.

— Sei os nomes dos reis e das rainhas, garoto, e sei também os nomes de todos os Grão-lordes de Tear. Suponho que devem ter elevado algum Senhor da Terra, mas acho que teria ficado sabendo da morte do antigo Grão-lorde. Se você tivesse se contentado em tomar a cabine de uns passageiros quaisquer em vez da do capitão, teríamos uma cama para cada um, mesmo estreita e dura. Agora, temos que dividir a de Mallia. Espero que você não ronque, garoto. Não tolero roncos.

Mat rangeu os dentes. Pelo que se lembrava, o ronco de Thom parecia uma lixa desbastando um pedaço de carvalho. Ele não pensara nisso.

Foi um dos dois grandalhões — Sanor ou Vasa, o homem não se apresentou — que veio recolher o baú de ferro sob a cama, com o dinheiro do capitão. Não disse palavra, apenas esboçou algumas mesuras, franziu a testa quando pensou que os dois não estavam vendo e foi embora.

Mat estava começando a se perguntar se a sorte que o acompanhara a noite inteira teria enfim ido embora. Ele seria obrigado a aguentar o ronco de Thom, e, verdade fosse dita, talvez não tivesse sido a maior sorte do mundo pular naquele navio em particular acenando um papel assinado pelo Trono de Amyrlin e selado com a Chama de Tar Valon. Em um ímpeto, puxou um dos copos de dados cilíndricos, abriu a tampa e virou os dados na mesa.

Eram dados de pontos, e cinco pontinhos solitários o encararam de volta. Os Olhos do Tenebroso, como era chamado em alguns jogos. Nesses, significavam a derrota. Mas em outros, era a vitória. *Mas que jogo estou jogando?* Ele pegou os dados e rolou-os outra vez. Cinco pontinhos. Outra vez, e novamente os Olhos do Tenebroso o encaravam.

— Se usou esses dados para ganhar todo aquele ouro — comentou Thom, baixinho —, não me admira que tenha precisado partir no primeiro navio. — Ele tirava a camisa enquanto falava. Os joelhos estavam encalombados, e as pernas pareciam uma massa de tendão e músculos fibrosos, a direita um pouco contraída. — Rapaz, até uma garotinha de doze anos seria capaz de arrancar seu coração fora se soubesse que você andou jogando com ela com esses dados.

— Não são os dados — murmurou Mat. — É a sorte. — *Sorte de Aes Sedai? Ou a sorte do Tenebroso?* Ele jogou os dados de volta no copo e tampou.

— Suponho, então — respondeu Thom, subindo na cama —, que não vá me contar de onde veio todo aquele ouro.

— Eu ganhei. Hoje à noite. Com os dados deles.

— Aham. E suponho que não vá explicar aquele papel que andou acenando. Eu vi o selo, garoto! E nem vai explicar toda aquela conversa sobre os negócios com a Torre Branca, nem por que uma Aes Sedai tinha fornecido a sua descrição ao capitão das docas.

— Estou levando uma carta de Elayne para Morgase, Thom — disse Mat, com uma boa dose de paciência a mais do que sentia. — Nynaeve me deu o papel. Não sei onde ela conseguiu.

— Bem, se não vai me contar, eu vou dormir. Apague os lampiões, está bem? — Thom virou-se de lado e puxou um travesseiro por cima da cabeça.

Mesmo depois de Mat se despir até ficar só de roupas de baixo, se encolher sob os cobertores e apagar os lampiões, não conseguia dormir. Mesmo que Mallia tivesse um bom cômodo ali, com um bom colchão de penas. Ele estava certo sobre o ronco de Thom, e aquele travesseiro não sufocava nada. Parecia que o menestrel estava cortando madeira no sentido errado, e com um serrote enferrujado. E ele não conseguia parar de pensar. *Como* Nynaeve, Egwene e Elayne tinham conseguido aquele papel com a Amyrlin? Elas deviam estar envolvidas com o próprio Trono de Amyrlin em alguma trama ou maquinação da Torre Branca. Pensando melhor no assunto, Mat achou que elas deviam estar escondendo alguma coisa da Amyrlin também.

— "Por favor, leve uma carta para a minha mãe, Mat" — disse, baixinho, em um tom agudo e debochado. — Trouxa! A Amyrlin teria mandado um Guardião entregar qualquer carta da Filha-herdeira à Rainha. Trouxa e cego, querendo tanto dar o fora da Torre que nem foi capaz de enxergar. — O ronco de Thom retumbava em concordância.

No entanto, a maior parte de suas reflexões era sobre a sorte e os assaltantes.

O primeiro baque de algo se chocando contra a popa quase não chamou sua atenção. Ele não deu bola à batida e ao tumulto que vinham do convés logo acima, nem ao som de passos de botas. A própria embarcação já produzia muitos barulhos, e devia haver alguém no convés para se certificar de que o navio seguiria rio abaixo. Porém, passos furtivos na passagem que levava à sua porta somados aos pensamentos sobre os assaltantes aguçaram seus ouvidos.

Ele cutucou as costelas de Thom com o cotovelo.

— Acorde — disse, baixinho. — Tem alguém no corredor.

Já se levantava da cama, esperando que o chão da cabine — *chão, deque, seja a porcaria que for* — não rangesse sob seus pés. O menestrel grunhiu, estalou os lábios e voltou a roncar.

Não havia tempo para se preocupar com o amigo. Os passos estavam bem do lado de fora. Mat pegou o bastão, posicionou-se diante da porta e aguardou.

A porta se abriu bem devagar, e a silhueta tênue de dois homens cobertos por mantos, um atrás do outro, foi revelada pelo fraco luar que entrava pela escotilha, no topo das escadas por onde tinham descido. A luz do luar era apenas o suficiente para reluzir nas lâminas das facas. Os dois homens ofegaram: obviamente não esperavam encontrar alguém esperando por eles.

Mat acertou o primeiro com o bastão, bem na junção das costelas. Ao golpeá-lo, ouviu a voz do pai. É um golpe mortal, Mat. Só use se for para salvar sua vida. Mas aquelas facas ameaçavam a vida dele, e não havia espaço na cabine para balançar um bastão.

Ao mesmo tempo em que o homem soltou um som abafado e curvou-se em direção à plataforma, lutando em vão para respirar, Mat deu um passo à frente e empurrou a extremidade do bastão por cima dele, em direção à garganta do segundo homem. Aquilo produziu um som alto. O sujeito largou a faca para apertar o pescoço e caiu em seu companheiro, ambos arrastando as botas pela plataforma, o clangor da morte já ressoando em suas gargantas.

Mat ficou ali, encarando os homens. *Dois. Não, que me queime, três! Acho que nunca machuquei um ser humano antes, e agora matei três homens numa noite só. Luz!*

O silêncio envolveu o corredor, e ele ouviu o som de botas no convés acima. Os tripulantes andavam todos descalços.

Tentando não pensar no que fazia, Mat arrancou o manto de um dos homens mortos e o pôs nos ombros, escondendo o linho claro de suas roupas de baixo. Descalço, seguiu pelo corredor e subiu as escadas, cravando os olhos no topo da escotilha.

O luar pálido refletia nas velas retesadas, mas a noite ainda cobria o convés de sombras, e não havia som exceto o da água que corria pelos lados da embarcação. Parecia haver somente um homem no convés, ao timão, o capuz do manto puxado para se proteger do frio. O homem mudou de posição, e o couro das botas arranhou as tábuas do convés.

Mantendo o bastão baixo e esperando não ser notado, Mat subiu.

— Está morto — murmurou, em um sussurro seco.

— Espero que tenha guinchado quando você cortou a garganta dele. — A voz com sotaque carregado era a mesma que Mat ouvira em uma das ruelas de Tar Valon. — Ele nos causa muitos problemas, esse garoto. Espere! Quem é você?

Mat balançou o bastão com toda a força. A madeira grossa atingiu a cabeça do homem, e o capuz do manto abafou apenas parte do som da pancada. Foi como um melão caindo no chão.

O homem caiu no timão, empurrou-o, e a embarcação deu uma guinada, fazendo Mat perder o equilíbrio. Pelo canto do olho, ele viu uma forma se erguer das sombras perto do gradil, e o brilho de uma lâmina. Então soube que jamais pegaria o cajado a tempo. Alguma outra coisa reluziu sob a noite e se uniu à forma indistinta com um baque surdo. O movimento de subida se tornou uma queda, e um homem se esparramou, quase aos pés de Mat.

Um burburinho de vozes veio dos deques inferiores enquanto o navio balançava outra vez, o timão oscilando com o peso do imediato.

Thom saiu da escotilha mancando, de manto e roupas de baixo, erguendo a porta com uma lanterna olho de boi.

— Teve sorte, garoto. Um dos sujeitos lá embaixo estava com este lampião. Podia ter botado fogo no navio, deitado lá. — A luz mostrava o cabo de uma faca para fora do peito de um homem, com os olhos vidrados e inertes. Mat nunca o vira antes, tinha certeza de que se lembraria de alguém com tantas cicatrizes no rosto. Thom chutou uma adaga para longe da mão frouxa do homem morto, depois agachou-se para recuperar a própria faca e limpou a lâmina com o manto do cadáver. — Muita sorte, garoto. Muita sorte mesmo.

Havia uma corda amarrada ao gradil da popa. Thom andou até ela, iluminando o caminho, e Mat uniu-se a ele. No outro extremo da corda, estava um dos pequenos barcos da Baía do Sul, com o lampião quadrado apagado. Dois outros homens estavam diante dos remos.

— Que o Grande Senhor me leve! É ele! — exclamou um deles. O outro saltou para a frente e começou a soltar o nó que prendia a corda, desesperado.

— Quer matar esses dois também? — perguntou Thom, a voz tão retumbante como quando ele recitava.

— Não, Thom — respondeu Mat, baixinho. — Não.

Os homens no bote decerto escutaram a pergunta, mas não a resposta, pois abandonaram a tentativa de soltar a embarcação e saltaram para a água com estardalhaço. Os dois fizeram uma barulheira ao se debater pelo rio.

— Idiotas — resmungou Thom. — O rio fica mais estreito um pouco depois de Tar Valon, mas aqui ainda deve ter meia milha ou mais de largura. Eles nunca vão conseguir, nesse escuro.

— Pela Pedra! — gritaram da escotilha. — O que está havendo aqui? Há homens mortos no corredor! O que Vasa está fazendo deitado no timão? Ele vai nos conduzir a um atoleiro! — Nu, exceto pelas cuecas de linho, Mallia correu até o timão, empurrou o homem morto e puxou a alavanca comprida para retomar o curso do navio. — Esse não é Vasa! Que minha alma queime, quem são esses homens mortos? — A essa altura, outros já subiam para o convés, tripulantes descalços e passageiros assustados enrolados em mantos e cobertores.

Sem que mais ninguém percebesse, Thom deslizou a faca pela corda e cortou-a de um golpe só. O pequeno bote começou a recuar em meio à escuridão.

— Bandidos do rio, Capitão — disse. — O jovem Mat e eu salvamos seu navio de bandidos. Eles degolariam a todos, não fosse por nós. Talvez queiram reconsiderar o valor cobrado pela passagem.

— Bandidos! — exclamou Mallia. — Há muitos desses lá para baixo, perto de Cairhien, mas nunca ouvi falar de algum tão longe a norte!

O grupo de passageiros começou a murmurar sobre bandidos e gargantas cortadas. Mat caminhou com firmeza até a escotilha. Atrás de si, ouviu a voz de Mallia.

— Ele tem sangue-frio. Não sabia que Andor contratava assassinos, mas, que a minha alma queime, ele tem sangue-frio.

Mat desceu as escadas, trôpego, passou por cima dos dois corpos no corredor e bateu a porta da cabine do capitão atrás de si. Estava a meio caminho da cama quando a tremedeira o dominou, e tudo o que conseguiu fazer foi cair de joelhos. *Luz, que jogo é esse que estou jogando? Preciso saber qual é, se quiser ganhar. Luz, que jogo é esse?*

* * *

Tocando “A Rosa da Manhã” baixinho na flauta, Rand observou a fogueira onde um coelho assava, fincado em um espeto inclinado sobre as chamas. O vento noturno fazia as chamas tremeluzirem. Ele mal percebia o cheiro do coelho, mas teve um pensamento breve de que precisaria encontrar mais sal na aldeia ou cidade seguinte. “A Rosa da Manhã” era uma das melodias que tocara naqueles vários casamentos.

Há quantos dias foi isso? Foram mesmo tantos ou foi a minha imaginação? Todas as mulheres da aldeia decidindo se casar ao mesmo tempo? Qual era mesmo o nome do lugar? Será que já estou enlouquecendo?

Seu rosto pingava de suor, mas ele continuou a tocar, tão baixinho que mal se escutava, ainda encarando a fogueira. Moiraine dissera que ele era *ta’veren*. Todo mundo dissera que ele era *ta’veren*. E talvez fosse mesmo. Pessoas assim *transformavam* as coisas ao seu redor. Um *ta’veren* talvez tivesse *provocado* todos aqueles casamentos. Isso, porém, chegava muito perto de algo sobre o qual ele não queria pensar.

Também dizem que sou o Dragão Renascido. Todo mundo diz isso. Os vivos dizem, e os mortos também. Isso não significa que é verdade. Tive que deixá-los me proclamarem. Fui obrigado. Não tive escolha, mas isso não quer dizer que seja verdade.

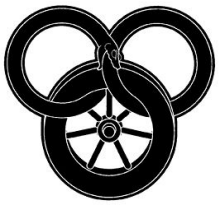
Ele não conseguia parar de tocar aquela melodia. Ela o fazia pensar em Egwene. Um dia, chegara a pensar que se casaria com ela. Muito tempo atrás, ao que parecia. Aquilo também já não existia. Ela viera em seus sonhos, no entanto. *Deve ter sido ela. O rosto dela. Era o rosto dela.*

Só que houvera tantos rostos, rostos que ele conhecia. Tam, sua mãe, Mat e Perrin. Todos tentando matá-lo. Não eram eles de verdade, é claro. Só seus rostos em Criaturas das Sombras. Ele achava que não tinham sido eles. Parecia que as Criaturas das Sombras caminhavam até mesmo em seus sonhos. Seriam mesmo apenas sonhos? Alguns eram reais, ele sabia. Outros eram só sonhos, pesadelos, desejos. Mas como saber a diferença? Min caminhara em seus sonhos, certa noite, e tentara cravar uma faca em suas costas. Ele ainda se espantava com a dor que sentira. Fora descuidado, deixara que ela se aproximasse, baixara a guarda. Fazia tanto tempo que não sentia necessidade alguma de manter a guarda com Min, apesar das coisas que ela via ao olhar para ele. A presença dela era como um bálsamo para aliviar suas feridas.

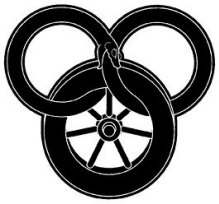
E depois ela tentou me matar! A música se elevou a um guincho desafinado, mas ele retomou a suavidade. *Não foi ela. Foi uma Criatura da Sombra com o rosto dela. Min era a menos capaz de me fazer mal*. Ele não entendia por que pensava assim, mas tinha certeza de que era verdade.

Tantos rostos em seus sonhos. Selene também viera, fria, misteriosa e tão encantadora que sua boca secou só de pensar, oferecendo a ele a glória que ela tinha havia muito tempo, ao que parecia. Entretanto, ela passara a dizer que ele precisava pegar uma espada. E com a espada, viria Selene. *Callandor*. Estava sempre em seus sonhos. Sempre. E rostos zombeteiros. Mãos empurrando Egwene, Nynaeve e Elayne para dentro de jaulas, capturando-as em redes, machucando-as. Por que ele deveria chorar mais por Elayne do que pelas outras duas?

Sua mente girava. E sua cabeça doía tanto quanto a lateral de seu corpo, o suor escorria por seu rosto, e ele tocava “Rosa da Manhã” baixinho em plena noite, com medo de dormir. Com medo de sonhar.



CAPÍTULO 33



Dentro da Trama

De sua sela, Perrin franziu a testa para a pedra lisa à beira da estrada, meio escondida pelo mato. Dois dias antes, Moiraine dissera que aquele caminho duro de terra batida, que era chamado de Estrada de Lugard ali, perto do Manetherendrelle e da fronteira de Murandy, já fora pavimentado. E volta e meia dava para ver alguns trechinhos de pavimento na superfície. A pedra que ele examinava continha uma marcação estranha.

Se cães fossem capazes de deixar pegadas na pedra, ele diria que aquela era a pegada de um grande cão de caça. Não conseguiu ver rastros de cão no chão de terra, onde o solo mais fofo das margens seria mais fácil de marcar, e também não sentiu nenhum cheiro de cachorro. Apenas um traço fraco de algo queimado, quase como o cheiro sulfuroso deixado por fogos de artifício. Havia uma cidade adiante, onde a estrada seguia paralela ao rio. Talvez algumas crianças tivessem surrupiado o trabalho de um dos Iluminadores para acendê-lo ali.

Mesmo assim, é muito afastado para crianças virem aprontar por aqui. Mas ele vira fazendas. Podiam ter sido crianças de fazenda. *Seja o que for, não tem nada a ver com essas marcas. Cavalos não voam, e cães não deixam pegadas na pedra. Estou ficando muito cansado para pensar direito.*

Bocejando, ele cravou os calcanhares nas costelas de Galope, e o cavalo castanho avançou depressa atrás dos outros. Moiraine imprimia um ritmo bem pesado desde a partida de Jahra, e ninguém mais esperava quem

parasse, mesmo que por um instante. Quando a Aes Sedai enfiava algo na cabeça, sua vontade era dura como aço temperado. Seis dias antes, Loial desistira de ler enquanto cavalgava, depois de perceber que estava uma milha atrás dos outros, quase os perdendo de vista na colina seguinte.

Perrin reduziu o passo de Galope ao lado do grande cavalo do Ogier, atrás da égua branca de Moiraine, e deu outro bocejo. Lan estava em algum ponto à frente, fazendo o reconhecimento da área. O sol atrás deles não continuaria sobre as copas das árvores por mais de uma hora, mas o Guardião dissera que chegariam a uma cidade chamada Remen, perto do Manetherendrelle, antes de escurecer. Perrin não sabia ao certo se queria ver o que os aguardava lá. Não sabia o que poderia ser, mas os dias que se passaram desde Jahra o deixavam preocupado.

— Não entendo por que é que você não consegue dormir — comentou Loial. — Já estou tão cansado quando ela deixa a gente parar, de noite, que acabo caindo no sono antes de conseguir me deitar.

Perrin apenas sacudiu a cabeça. Não tinha como explicar a Loial que ele não se atrevia a pegar no sono profundo, e que mesmo o sono mais leve era repleto de sonhos atormentados. Como aquele estranho, com Egwene e Saltador. *Ora, não me admira que eu sonhe com ela. Luz, como será que ela está? A essa altura deve estar na Torre, em segurança, aprendendo a ser uma Aes Sedai. Verin cuidará dela, e de Mat também.* Ele não achava que alguém precisasse cuidar de Nynaeve. Na opinião dele, as pessoas que estivessem perto dela é que precisavam de alguém para cuidar delas.

Ele não queria pensar em Saltador. Estava conseguindo manter os lobos vivos afastados de seus pensamentos, embora ao preço de se sentir golpeado e arrastado por uma mão ligeira. Não queria pensar que um lobo morto poderia estar se esgueirando em sua mente. Ele se sacudiu e se forçou a abrir os olhos. Nem mesmo Saltador.

Havia outras razões, além dos pesadelos, para que ele não dormisse bem. Tinham encontrado outros sinais da passagem de Rand. Perrin não conseguiu perceber nenhum entre Jahra e o Rio Boern, mas, ao cruzarem o Boern por uma ponte de pedra que se arqueava entre dois desfiladeiros de cinquenta pés, deixaram para trás uma cidade reduzida a cinzas, chamada Sidon. Todas as construções. Apenas umas poucas muralhas de pedra e chaminés ainda se erguiam em meio às ruínas.

As pessoas da cidade, cobertas de lama, afirmaram que o incêndio fora provocado pela queda de um lampião em um celeiro, que o fogo se alastrara depressa e que tudo dera errado. Metade dos baldes que conseguiram encontrar estava furada. Todas as paredes dos prédios em chamas tinham tombado para fora, não para dentro, incendiando as casas vizinhas. As vigas de madeira da estalagem, em chamas, de alguma forma saíram rolando até o poço principal, que ficava na praça, por isso ninguém conseguiu retirar mais água para apagar o fogo, e outras casas desabaram bem em cima dos outros três poços. Até o vento parecia mudar de direção, espalhando as chamas para todos os lados.

Não houvera necessidade de perguntar a Moiraine se a presença de Rand causara tudo aquilo: o rosto dela, duro como ferro, já revelava a resposta. O Padrão se moldava em torno de Rand, e o acaso fugira ao controle.

Depois de Sidon, haviam passado por quatro vilarejos onde apenas a busca de Lan por rastros informou que Rand ainda estava à frente. O rapaz seguia a pé já havia algum tempo. Tinham encontrado seu cavalo um pouco depois de Jahra, morto, parecendo ter sido atacado por lobos ou cachorros selvagens. Naquele momento, fora difícil para Perrin não fazer contato com os lobos, ainda mais quando Moiraine olhou do cavalo para ele e franziu a testa. Por sorte, Lan encontrara pegadas das botas de Rand correndo para longe de onde jazia o cavalo. Uma das botas tinha um entalhe de três pontas feito por uma pedra, o que deixava as pegadas planas. Porém, a pé ou a cavalo, ele parecia ainda se manter à frente deles.

Nas quatro aldeias depois de Sidon, o acontecimento mais relevante de que todos se lembravam era ver Loial chegar a cavalo e descobrir que ele era um Ogier de verdade, em carne e osso. Ficaram tão arrebatados que mal notaram os olhos de Perrin e, quando notaram… bem, se Ogier eram reais, então os homens poderiam ter qualquer cor de olho.

Entretanto, logo depois chegaram a um lugarejo chamado Willar, que estava em festa. A nascente comunitária voltara a fluir, depois de todos passarem um ano retirando água de um riacho a uma milha de distância, após esgotarem os esforços na escavação de novos poços e de metade dos aldeões terem se mudado. Willar não morreria, afinal. Três outras aldeias intocadas vieram em rápida sucessão, todas no mesmo dia. Depois delas, chegaram a Samaha, onde todos os poços haviam secado na noite anterior, e o povo resmungava sobre o Tenebroso. Depois Tallan, onde todas as antigas

disputas que a cidade já presenciara haviam eclodido outra vez, como poços transbordantes, na manhã anterior. Fora preciso que acontecessem três crimes até que todos se chocassem e recobrassem o bom senso. E, finalmente, Fyall, onde as colheitas da primavera pareciam as mais pobres de que se tinha lembrança, mas o Prefeito, cavando um banheiro novo atrás de casa, encontrara sacos de couro apodrecidos cheios de ouro, então ninguém passaria fome. Ninguém em Fyall reconheceu as gordas moedas com o rosto de uma mulher em uma das faces e uma águia na outra. Moiraine explicou que haviam sido cunhadas em Manetheren.

Certa noite, Perrin enfim perguntou a respeito das mudanças, quando estavam sentados ao redor da fogueira.

— Depois de Jahra, eu pensei… eles estavam tão felizes com os casamentos. Até mesmo os Mantos-brancos tinham apenas passado por tolos. E Fyall não foi ruim, Rand não poderia ter tido nada a ver com as colheitas. Estavam fracassando antes mesmo de ele chegar, e aquele ouro sem dúvida era bom, pois estavam precisando. Mas todo o resto… aquela cidade em chamas, os poços secos, e… isso é maligno, Moiraine. Não posso acreditar que Rand seja maligno. O Padrão pode estar se moldando ao redor dele, mas como é que o Padrão pode ser tão maligno? Não faz sentido, e as coisas têm que fazer sentido. Uma ferramenta sem finalidade é só metal desperdiçado. O Padrão não faria isso.

Lan o encarou com ironia e desapareceu na escuridão para examinar o entorno do acampamento. Loial, já deitado em seus cobertores, ergueu a cabeça para escutar, as orelhas aguçadas.

Moiraine ficou em silêncio por algum tempo, aquecendo as mãos. Enfim, pronunciou-se, encarando as chamas.

— O Criador é bom, Perrin. O Pai das Mentiras é maligno. O Padrão da Era, a própria Renda da Era, não é nem um, nem outro. O Padrão é o que é. A Roda do Tempo tece todas as vidas dentro do Padrão, todas as ações. Um tecido de uma cor só não tem padrão. Para o Padrão de uma Era, o bem e o mal são o fuso e os fios.

Três dias depois, embora cavalgando sob o sol do fim da tarde, Perrin sentiu o mesmo arrepio que sentira ao ouvi-la dizer aquelas palavras. Ele queria acreditar que o Padrão era bom. Queria acreditar que os homens que praticavam atos malignos estavam indo contra o Padrão, distorcendo-o. Para ele, o Padrão era uma criação delicada e intrincada, feita por um mestre

ferreiro. Era ruim pensar que ali se misturava metais baratos e ruins com aço bom, sem a menor preocupação.

— Eu me preocupo — murmurou, baixinho. — Luz, eu me preocupo.

Moiraine olhou para ele, que se calou. Não tinha certeza das preocupações da Aes Sedai, além de Rand.

Alguns minutos depois, Lan surgiu diante deles e girou o cavalo de batalha preto para o lado da égua de Moiraine.

— Remen fica logo depois da próxima colina — disse. — Tiveram um ou dois dias conturbados, ao que parece.

As orelhas de Loial estremeceram uma vez.

— Rand?

O Guardião sacudiu a cabeça.

— Não sei. Talvez Moiraine possa dizer, quando vir. — A Aes Sedai lançou um olhar indagativo ao homem e apressou o passo da égua com um cutucão.

Quando chegaram no topo da colina, lá estava Remen abaixo deles, colada ao rio. O Manetherendrelle se estendia por mais de meia milha de largura, sem pontes, embora duas balsas lotadas, similares a barcaças, cruzassem o rio, impulsionadas por longos remos, e uma, quase vazia, estivesse voltando. Três outras compartilhavam um extenso píer de pedra, com quase uma dúzia de embarcações mercantes, algumas com um mastro, outras com dois. Uns poucos armazéns de pedra separavam o píer da cidade. Os prédios pareciam, em sua maioria, também feitos de pedra, com telhados de azulejos de todas as cores, de amarelo e vermelho a roxo. Ruas saíam de uma praça central para todas as direções.

Moiraine puxou o capuz, escondendo o rosto antes de prosseguirem.

Como sempre, o povo nas ruas olhou para Loial, mas dessa vez Perrin ouviu murmúrios espantados de “Ogier”. Loial se endireitou na sela, como não fazia havia algum tempo, ergueu as orelhas e esboçou um sorriso com o canto da boca. Estava óbvio que tentava não deixar transparecer a satisfação, mas parecia um gato ao receber um afago.

Perrin achou Remen parecida com muitas outras cidades, cheia de aromas criados pelo homem e de cheiro de gente. Além disso, também tinha um forte cheiro de rio, é claro, e o rapaz se perguntou o que Lan quisera dizer mais cedo. Até que os pelos de sua nuca se eriçaram e ele sentiu cheiro de algo… errado. Assim que o nariz absorveu o cheiro, ele desapareceu

como uma crina de cavalo jogada na brasa, mas o rapaz ainda se lembrava. Sentira o mesmo em Jahra, e ele desaparecera da mesma forma. Não era um Deformado ou Desnascido. *Trolloc, que me queime, não Deformado! Não Desnascido! Myrddraal, Desvanecido, Meio-homem, qualquer coisa, menos Desnascido*. Não era cheiro de um Trolloc ou Desvanecido, mas era igualmente pútrido, pungente e vil. Porém, parecia que o que quer que emitira aquele odor não deixara rastro.

Eles chegaram à praça da cidade. Um dos grandes blocos de pavimento fora removido, bem no meio da praça, para que uma forca fosse erguida. Uma única viga de madeira projetava-se do chão de terra, sustentando um esteio horizontal do qual pendia uma jaula de ferro, erguida a quatro passos de altura. Um homem alto, vestido em tons de cinza e marrom, estava sentado dentro da jaula, com o queixo apoiado nos joelhos. Não havia espaço para outra posição. Três rapazotes atiravam pedras nele, que olhava para a frente e não se retraía nem mesmo quando uma das pedras acertava as barras da jaula. Mais de um filete de sangue manchava seu rosto. Os transeuntes prestavam tão pouca atenção aos garotos quanto o homem, mas todos espiavam a jaula, a maioria em aprovação, alguns com medo.

Moiraine fez um som com a garganta, que poderia ter sido de nojo.

— Não é só isso — disse Lan. — Venham. Já arrumei alguns quartos em uma estalagem. Acho que vão se interessar.

Ao passar, Perrin olhou por cima do ombro para o homem enjaulado. Havia algo familiar nele, mas não sabia exatamente o quê.

— Não deveriam fazer isso. — O resmungo de Loial assemelhava-se a um rosnado. — Estou falando das crianças. Os adultos tinham que impedi-los.

— É verdade — concordou Perrin, mal prestando atenção. *Por que ele é tão familiar?*

A placa sobre a porta da estalagem até onde Lan os conduzira, próximo ao rio, dizia Ferraria de Wayland, o que Perrin tomou como um bom presságio. Mas não parecia haver nada de forja em relação ao lugar, exceto pelo homem pintado na placa, com avental de couro e segurando um martelo. Era uma construção ampla de três andares e teto roxo, formada por pedras cinzentas polidas, com janelas grandes e portas com entalhes em arabesco, e tinha uma aparência próspera. Cavalariços vieram correndo para levar os

cavalos, fazendo mesuras ainda mais profundas depois que Lan lhes jogou moedas.

Lá dentro, Perrin olhou para as pessoas. Parecia que os homens e mulheres às mesas estavam todos vestidos em trajes de festa, com mais bordados nos casacos, renda nos vestidos, fitas coloridas e cachecóis franjados do que ele vira em muito tempo. Apenas quatro homens sentados a uma das mesas usavam casacos simples, e esses foram os únicos que não olharam com expectativa quando Perrin e os outros adentraram o recinto. Os quatro homens continuaram a conversar baixinho. Ele conseguiu distinguir um pouco do que diziam, sobre as vantagens de transportar pimenta gelada em vez de pele, e o que os problemas em Saldaea fizeram com os preços. Capitães de navios mercantes, concluiu. Os outros pareciam locais. Até as serviçais pareciam vestidas em suas melhores roupas, os longos aventais cobrindo vestidos bordados e com renda nos decotes.

A cozinha estava a pleno vapor: ele sentia aroma de carneiro, cordeiro, frango e boi, além de alguns tipos de vegetais. E um bolo de especiarias que o fez esquecer a carne por um instante.

O estalajadeiro em pessoa os recebeu, um homem roliço e careca, de olhos castanhos e brilhantes em um rosto tranquilo e róseo. Ele se curvou em mesuras e esfregou as mãos para limpá-las. Se não tivesse ido até eles, Perrin jamais pensaria que era o dono, pois, em vez do esperado avental branco, o homem usava um casaco, como todos os hóspedes. Os bordados brancos e verdes se espalhavam em uma pesada lã azul que o fazia suar em bicas.

Por que todos estão usando roupas de festa?, perguntou-se Perrin.

— Ah, Mestre Andra — disse o estalajadeiro, dirigindo-se a Lan. — E um Ogier, como o senhor disse. Não que eu duvidasse, é claro. Não com tudo o que aconteceu, e jamais de sua palavra, mestre. Por que não um Ogier? Ah, amigo Ogier, tê-lo nesta casa me dá mais satisfação do que pode imaginar. É uma coisa muito boa, e a cereja do bolo. Ah, e a senhora… — Os olhos do homem sorveram a seda azul profunda do vestido de Moiraine e a lã encorpada de seu manto, empoeirada pela viagem, mas ainda bela. — Perdoe-me, milady, por favor. — A mesura que engatou o fez dobrar-se como uma ferradura. — Mestre Andra não deixou clara sua posição, milady. Não quis desrespeitá-la. A senhora é ainda mais bem-vinda aqui que o

amigo Ogier, é claro, milady. Por favor, não se ofenda com o linguajar de Gainor Furlan.

— Não é ofensa alguma. — A voz de Moiraine aceitou o título que Furlan lhe dera com tranquilidade. Estava longe de ser a primeira vez que a Aes Sedai usava outro nome ou fingia ser o que não era. Também não era a primeira vez que Perrin ouvia Lan se apresentar como Andra. O capuz largo ainda escondia as feições plácidas de Aes Sedai, e ela mantinha o manto apertado com uma das mãos, como se estivesse com frio. Mas não a mão com o anel da Grande Serpente. — Ouvi dizer que coisas estranhas têm acontecido na cidade, estalajadeiro. Nada que possa preocupar os viajantes, suponho.

— Ah, milady, de fato são coisas muito estranhas. Sua própria presença radiante é mais que suficiente para honrar esta humilde casa, milady, ainda mais junto com um Ogier, mas também temos Caçadores em Remen. Bem aqui na Ferraria de Wayland. Caçadores da Trombeta de Valere, saídos de Illian para uma aventura. E uma aventura foi o que encontraram, milady, aqui em Remen. Ou uma milha ou duas rio acima, onde lutaram com homens Aiel, se é que pode acreditar. A senhora pode imaginar selvagens Aiel de véus negros aqui em Altara, milady?

Aiel. Agora Perrin sabia o que havia de familiar com o homem dentro da jaula. Ele já vira um Aiel, um dos ferozes e quase lendários habitantes da terra implacável chamada Deserto. O homem se parecia bastante com Rand: mais alto que a maioria, de olhos cinzentos e cabelos avermelhados. E se vestia como o homem da jaula, em tons de marrom e cinza, para se camuflar em pedras e matagais, além das botas macias amarradas até os joelhos. Perrin quase podia ouvir a voz de Min outra vez. *Um Aiel dentro de uma jaula. Um momento decisivo em sua vida, ou algo importante que vai acontecer.*

— Por que foi que prenderam… — Ele parou para limpar a garganta e não soar tão rouco. — Como é que um Aiel foi parar em uma jaula na praça central?

— Ah, jovem mestre, essa é uma história para… — A voz de Furlan foi morrendo, e ele olhou para Perrin de cima a baixo, notando as roupas simples de camponês e o arco longo em suas mãos, e fazendo uma pausa para observar o machado no cinturão, do lado oposto da aljava. O homem roliço se assustou ao analisar o rosto de Perrin, como se, com uma milady e

um Ogier presentes, só naquele momento tivesse notado os olhos amarelos do rapaz. — Seria seu servo, Mestre Andra? — perguntou, cauteloso.

— Responda o rapaz. — Foi tudo o que Lan respondeu.

— Ah. Sim, claro, Mestre Andra. Mas aqui está alguém que pode responder melhor do que eu. Lorde Orban em pessoa. É ele que nos reunimos para ouvir.

Um homem jovem, de cabelos escuros, vestindo um casaco vermelho e com as têmporas enfaixadas por uma bandagem, descia as escadas na lateral do salão. Usava muletas acolchoadas, e a perna esquerda da calça fora cortada para que mais bandagens cobrissem a panturrilha, do tornozelo ao joelho. O povo local murmurava, como se vissem algo incrível. Os capitães dos navios continuavam a conversar baixinho, falavam outra vez de peles.

Furlan até parecia pensar que o homem do casaco vermelho poderia contar a história melhor, mas ele próprio prosseguiu.

— Lorde Orban e Lorde Gann enfrentaram vinte Aiel ensandecidos com apenas dez homens. Ah, a luta foi dura e cruel, muitas feridas causadas e recebidas. Seis bons homens morreram, e todos se feriram. Lorde Orban e Lorde Gann se machucaram mais do que os outros, mas mataram cada Aiel, exceto os que fugiram e os que fizeram prisioneiro. Foi esse que os senhores viram lá na praça, onde não poderá perturbar mais o campo com sua selvageria, não mais do que podem os mortos.

— Tiveram problemas com Aiel na região? — indagou Moiraine.

Perrin se perguntava a mesma coisa, com a mesma consternação. Se as pessoas ainda usavam a expressão "Aiel de véu negro" de vez em quando, para expressar algo violento, era uma prova da impressão que a Guerra dos Aiel deixara. Mas aquilo fora vinte anos antes, e os Aiel não tinham saído do Deserto desde então. *Mas eu vi um do lado de cá da Espinha do Mundo, e agora vi outro.*

O estalajadeiro esfregou a cabeça careca.

— Ah. Ah, não, milady, não exatamente. Mas teríamos, pode ter certeza, com vinte selvagens à solta. Ora, todos se lembram de como eles mataram, saquearam e queimaram tudo no caminho para Cairhien. Homens dessa mesma aldeia marcharam na Batalha das Muralhas Reluzentes, quando as nações se uniram para derrotá-los. Na época, dei um mal jeito nas costas e não pude ir, mas me lembro muito bem, como todos os outros. Como chegaram aqui, tão longe de sua própria terra ou por que vieram eu não sei.

Mas Lorde Orban e Lorde Gann nos salvaram deles. — Houve um murmúrio de concordância das pessoas em roupas festivas.

O próprio Orban veio mancando pelo salão, parecendo não notar ninguém além do estalajadeiro. Perrin sentiu o cheiro de vinho dormido antes mesmo de o homem se aproximar.

— Aonde é que foi aquela velha com as ervas, Furlan? — indagou Orban, com rispidez. — As feridas de Gann estão doendo, e minha cabeça está quase estourando.

Furlan curvou-se até quase encostar a própria cabeça no chão.

— Ah, Mãe Leich voltará de manhã, Lorde Orban. Um parto, lorde. Mas disse que iria suturar e passar cataplasma em suas feridas e nas de Lorde Gann, então não precisa se preocupar. Ah, Lorde Orban, tenho certeza de que ver o senhor será a primeira coisa que ela fará, amanhã.

O homem enfaixado resmungou algo entre dentes, algo que escapou aos ouvidos de todos, menos aos de Perrin, sobre esperar uma dona de casa "expulsar seu lixo" e algo mais sobre ser "costurado feito um saco de carne". Ele se virou, emburrado, os olhos cheios de raiva, e pela primeira vez pareceu notar os recém-chegados. O homem dispensou Perrin na mesma hora, o que não surpreendeu o rapaz nem um pouco. Arregalou ligeiramente os olhos para Loial. *Ele já viu Ogier*, pensou Perrin, *mas jamais pensou que encontraria um por aqui*. Depois apertou-os um pouco para Lan. *Ele sabe reconhecer um lutador, e não gosta de topar com um.* Os olhos do homem cintilaram quando ele se inclinou para espiar dentro do capuz de Moiraine, embora não estivesse perto o bastante para enxergar seu rosto.

Perrin decidiu não pensar naquela reação, não no que dizia respeito a uma Aes Sedai, e esperava que Moiraine e Lan também não pensassem a respeito daquilo. Um brilho nos olhos do Guardião denunciava seu erro, pelo menos em relação a ele.

— Doze de vocês lutaram contra vinte Aiel? — perguntou Lan, com a voz impassível.

Orban endireitou-se, retraído pelo susto. Com naturalidade forçada, respondeu:

— É, espera-se esse tipo de coisa quando se procura a Trombeta de Valere. Não foi o primeiro encontro do tipo para mim e Gann, nem será o último até que encontremos a Trombeta. Se a Luz brilhar sobre nós. — Ele soava como se a Luz não tivesse como fazer qualquer outra coisa. — Nem

todas as lutas foram contra os Aiel, é claro, sempre há os que tentarão impedir os Caçadores, se puderem. Gann e eu não desistimos fácil.

Os locais soltaram outro murmúrio de aprovação. Orban endireitou a postura.

— Vocês perderam seis homens e trouxeram um prisioneiro. — O tom de voz de Lan não deixava claro se era uma troca boa ou ruim.

— Foi — respondeu Orban —, matamos o resto, menos os que fugiram. A essa hora, sem dúvida estão escondendo os mortos. Ouvi dizer que eles fazem isso. Os Mantos-brancos estão procurando por eles, mas nunca os encontrarão.

— Tem Mantos-brancos por aqui? — perguntou Perrin, categórico.

Orban olhou para ele e ignorou-o mais uma vez. O homem voltou a se dirigir a Lan.

— Mantos-brancos sempre metem o bedelho onde não são chamados ou necessários. Grosseirões incompetentes, todos eles. É, vão percorrer o campo por dias, mas duvido que encontrem algo além de suas próprias sombras.

— Acho que não — retrucou Lan.

O homem enfaixado franziu a testa, como se não soubesse ao certo o que Lan queria dizer com aquilo, depois virou-se de volta para o estalajadeiro.

— Encontre aquela velha, está ouvindo? Minha cabeça está explodindo.

Com uma última olhada para Lan, ele foi embora mancando e subiu as escadas, um degrau de cada vez, seguido pelos murmúrios de admiração por um Caçador da Trombeta que massacrara alguns Aiel.

— Essa é uma cidade bem agitada. — A voz grave de Loial atraiu todos os olhares. Exceto os dos capitães, que pareciam debater sobre cordas, pelo que Perrin podia ouvir. — Em cada lugar que passo os humanos estão fazendo coisas, sempre correndo, apressados, trazendo novidades. Como é que vocês aguentam tanta agitação?

— Ah, amigo Ogier — respondeu Furlan —, é dessa agitação que nós humanos gostamos. Como me arrependo de não ter conseguido marchar até as Muralhas Reluzentes. Ora, deixe-me contar…

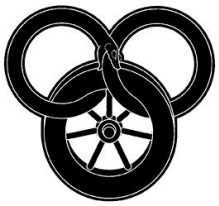
— Nossos quartos. — Moiraine não elevou a voz, mas as palavras cortaram o estalajadeiro como uma faca afiada. — Andra conseguiu quartos para nós, não foi?

— Ah, milady, me perdoe. Sim, Mestre Andra alugou quartos. Por favor, me perdoe. Toda essa empolgação acaba me deixando de miolo mole. Por favor, milady, me perdoe. Por aqui, por gentileza. Queiram me acompanhar. — Curvando-se e se arrastando, desculpando-se e balbuciando sem parar, Furlan conduziu o grupo pelas escadas até o andar de cima.

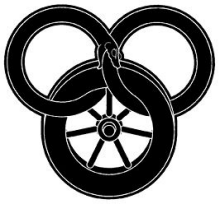
No topo da subida, Perrin hesitou e olhou para trás. Ouviu murmúrios de "Milady" e "Ogier" lá de baixo e pôde sentir todos aqueles olhares. No entanto, sentiu um par de olhos em particular, alguém que não encarava Moiraine e Loial, mas ele.

Perrin a encontrou na mesma hora. Primeiro porque estava afastada dos outros, e segundo por ser a única mulher no recinto que não usava sequer um pedacinho de renda. O vestido cinza-escuro, quase preto, era simples como as roupas dos capitães, com mangas largas e saias justas, sem o menor babado ou bordado. O vestido era aberto para montaria, percebeu quando ela se mexeu, e a mulher usava botas macias, que apareciam sob a bainha. Era jovem, talvez não mais velha do que ele, e alta para uma mulher, com os cabelos negros na altura dos ombros. Um nariz que por pouco não era muito grande e evidente, uma boca generosa, maçãs do rosto altas e olhos escuros, levemente oblíquos. Perrin não conseguia decidir se ela era bonita ou não.

Assim que ele olhou para baixo, a mulher se virou para chamar uma das serviçais e não olhou de novo para a escada, mas Perrin tinha certeza de que não se enganara. Ela estivera observando-o.



CAPÍTULO 34



Uma Dança Diferente

Furlan continuava balbuciando enquanto levava os recém-chegados para seus quartos, embora Perrin não estivesse prestando muita atenção. Estava ocupado se perguntando se a garota de cabelos negros sabia o significado de seus olhos amarelos. *Que me queime, ela estava me encarando.* Então ouviu o estalajadeiro dizer as palavras "proclamando o Dragão em Ghealdan", e pensou que as suas orelhas iriam se eriçar como as de Loial.

Moiraine parou onde estava, diante da porta de seu quarto.

— Há outro falso Dragão, estalajadeiro? Em Ghealdan? — O capuz do manto ainda escondia seu rosto, mas a voz saiu trêmula e abalada.

Mesmo ao ouvir a resposta do homem, Perrin não pôde evitar olhar para ela: sentia cheiro de algo que parecia medo.

— Ah, milady, não tema. São cem léguas até Ghealdan, e ninguém a perturbará aqui, não com Mestre Andra por perto, além de Lorde Orban e Lorde Gann. Por que…

— Responda! — retrucou Lan, com rispidez. — Há um falso Dragão em Ghealdan?

— Ah. Ah, não, Mestre Andra, não exatamente. Eu disse que há um homem proclamando o Dragão em Ghealdan, pelo que ouvimos uns dias atrás. Pregando a vinda dele, pode-se dizer. Falando daquele sujeito de Tarabon de que ouvimos tanto. Embora alguns digam que ele é de Arad Doman, não de Tarabon. Em ambos os casos, é muito longe daqui. Ora, em qualquer outro dia é de se esperar mais falatório sobre isso do que sobre

qualquer outra coisa, exceto talvez das histórias loucas sobre o retorno do exército de Asa-de-gavião… — Os olhos gélidos de Lan podiam muito bem ser lâminas afiadas, pelo jeito como Furlan engoliu em seco e esfregou as mãos com mais vigor. — Só sei o que eu escuto, Mestre Andra. Dizem que o sujeito tem um olhar que faz você parar onde quer que esteja. E também que ele fala toda sorte de baboseiras sobre a vinda do Dragão para nos salvar, como todos temos que segui-lo, e que até as bestas vão lutar pelo Dragão. Não sei se já prenderam o sujeito ou não. É provável, uma vez que o povo de Ghealdan não aguentaria esse falatório por tanto tempo.

Masema, pensou Perrin, admirado. *É o infeliz do Masema.*

— Tem razão, estalajadeiro — disse Lan. — Esse sujeito não vai nos perturbar por aqui. Conheci um homem que gostava de fazer discursos inflamados. A senhora se lembra dele, Lady Alys? Masema?

Moiraine levou um susto.

— Masema. Sim, é claro. Já tinha me esquecido dele. — Ela deixou a voz mais firme. — Quando encontrar Masema outra vez, ele desejará ter tido o couro arrancado para fazer botas. — Ela bateu a porta do quarto com tanta força que o estrondo ecoou pelo corredor.

— Façam silêncio! — Um grito abafado veio do canto oposto. — Minha cabeça está explodindo!

— Ah. — Furlan limpou as mãos em uma direção, depois as esfregou no sentido oposto. — Ah. Peço perdão, Mestre Andra, mas Lady Alys é uma mulher impetuosa.

— Apenas com os que a desagradam — retorquiu Lan, em tom monótono. — E a mordida é muito pior do que o ladrado.

— Ah. Ah. Ah. Seus quartos ficam por aqui. Ah, amigo Ogier, quando Mestre Andra me contou que estava a caminho, mandei descer do sótão uma antiga cama Ogier, que estava apanhando poeira havia uns trezentos anos ou mais. Ora, é…

Perrin deixou correrem as palavras do homem, ouvindo-as tanto quanto uma pedra ouve as águas do rio. A jovem de cabelos negros o perturbava. E o Aiel enjaulado.

Já dentro do quarto — um pequeno, nos fundos, já que Lan não fizera nada para corrigir o estalajadeiro de sua impressão de que Perrin era um servo —, ele se movimentava de forma mecânica, ainda envolto em pensamentos. Desamarrou a corda do arco e apoiou-o em um canto. Manter a

corda presa por muito tempo arruinava tanto o arco quanto a corda. Depois pousou o cobertor e os alforjes junto ao lavatório e jogou o manto por cima. Pendurou o cinturão com a aljava e o machado em um gancho na parede, e já ia se deitando na cama quando um bocejo fez sua mandíbula estalar, lembrando-o do perigo que aquilo poderia trazer. A cama era estreita, e o colchão parecia todo encalombado, porém era mais convidativa do que qualquer cama de que ele se lembrava. Em vez de deitar, sentou-se no banquinho de três pés e refletiu. Gostava sempre de pensar bastante nas coisas.

Depois de um tempo, Loial bateu à porta e pôs a cabeça para dentro. As orelhas do Ogier praticamente tremiam de empolgação, e ele exibia um grande sorriso.

— Perrin, você não vai acreditar! Minha cama é de madeira cantada! Ora, deve ter bem mais de mil anos de idade! Nenhum Cantor das Árvores cantou uma peça tão grande em todo esse tempo. Eu mesmo não me daria ao trabalho de tentar, e tenho um talento mais forte do que a maioria dos Ogier de agora. Para dizer a verdade, já não existem mais muitos de nós com esse talento. Mas *sou* um dos que mais sabe cantar as árvores.

— Que interessante — respondeu Perrin. *Um Aiel numa jaula. Foi isso o que Min disse. Por que aquela garota estava me encarando?*

— Foi o que pensei. — Loial soou um tanto chateado por ele não compartilhar a empolgação, mas tudo o que Perrin desejava era pensar. — O jantar está pronto lá embaixo, Perrin. Prepararam a melhor refeição para caso os Caçadores queiram, mas poderemos comer um pouco.

— Vá você, Loial. Não estou com fome. — O aroma de carne cozida que subia da cozinha não o interessara. Ele mal notou a saída do amigo.

Com as mãos nos joelhos e bocejando de vez em quando, ele tentou refletir. Parecia um daqueles quebra-cabeças que Mestre Luhhan fazia, com peças de metal que pareciam se unir de maneira insolúvel. Mas sempre havia um truque para fazer os nós e as armações de ferro se desmantelarem, e também deveria haver um, neste caso.

A garota tinha olhado para ele. Seus próprios olhos poderiam ter sido o motivo, exceto pelo fato de que o estalajadeiro os ignorara e ninguém mais os notara. Tinham um Ogier para admirar, além de Caçadores da Trombeta na casa, a visita de uma lady e um Aiel enjaulado na praça. Nada tão pequeno quanto a cor dos olhos de um homem poderia lhes chamar a

atenção. Nada que viesse de um servo poderia competir com os outros. *Então por que ela escolheu a mim para encarar?*

E o Aiel na gaiola. As visões de Min eram sempre importantes. Mas como? O que ele deveria fazer? *Eu podia ter impedido aquelas crianças de atirarem pedras. Deveria ter impedido.* Não adiantava nada dizer a si mesmo que os adultos certamente o mandariam cuidar da própria vida, que ele era um estranho em Remen e que o Aiel não era de sua conta. *Eu deveria ter tentado.*

Não lhe veio resposta alguma, então retornou ao início e, com muita paciência, começou a rever os fatos. Depois de novo, e de novo. Continuava a não encontrar resposta, apenas o arrependimento pelo que não fizera.

Depois de um tempo, percebeu que a noite já havia caído. O quarto estava escuro, exceto por uma pequena faixa de luar que entrava pela única janela. Ele pensou na vela de sebo e no acendedor que jaziam sobre cornija acima da lareira estreita, mas aquela luz era mais do que suficiente para seus olhos. *Tenho que fazer alguma coisa, não tenho?*

Ele afivelou o cinturão com o machado, depois parou. Agira sem pensar, e usar o machado se tornara tão natural quanto respirar. Não gostava disso. Porém, manteve o cinturão e saiu.

A luz das escadas deixava o corredor quase todo iluminado. O som de risadas e conversas vinha do salão, e aromas subiam da cozinha. Ele avançou em direção à entrada da estalagem, até o quarto de Moiraine, deu uma batida na porta e entrou. Então parou, com o rosto queimando.

Moiraine fechou o robe azul-claro que pendia dos ombros.

— Deseja alguma coisa? — perguntou, friamente. Tinha uma escova de cabelos prateada em uma das mãos, e os cabelos escuros, que caíam pelo pescoço em ondas negras, cintilavam como se ela estivesse escovando-os. O quarto era de longe muito melhor que o dele, com painéis de madeira nas paredes, lampiões folheados a prata e um fogo suave na ampla lareira de tijolos. O ar tinha uma fragrância de sabão de rosas.

— Eu… pensei que Lan estivesse aqui — conseguiu dizer. — Vocês dois sempre andam juntos, então eu pensei… pensei…

— O que você quer, Perrin?

Ele respirou fundo.

— Isso é coisa do Rand? Sei que Lan o seguiu até aqui, e tudo parece esquisito, com os Caçadores, o Aiel… mas foi ele quem fez isso?

— Acredito que não. Saberei mais quando Lan me contar o que descobrir hoje à noite. Com sorte, o que ele encontrar ajudará na escolha que tenho que fazer.

— Escolha?

— Rand pode ter atravessado o rio, indo por terra a caminho de Tear. Ou pode ter pegado um navio e descido o rio até Illian, com a intenção de partir em outro de lá para Tear. A jornada é muitas léguas mais comprida por esse caminho, porém dias mais rápida.

— Acho que não vamos alcançar Rand, Moiraine. Não sei como ele consegue, mas mesmo a pé está muito adiantado. Se Lan estiver certo, ele ainda está meio dia à nossa frente.

— Eu poderia até suspeitar que ele tenha aprendido a Viajar — comentou Moiraine, franzindo um pouco a testa —, só que, se tivesse, ele iria direto para Tear. Não, ele tem o sangue dos andarilhos e corredores nas veias. Mas podemos pegar o rio mesmo assim. Se eu não conseguir alcançá-lo, estarei em Tear logo depois que ele chegar. Ou esperando-o.

Perrin remexia os pés, incomodado. A voz dela tinha um tom de promessa fria.

— Uma vez você me disse que era capaz de sentir um Amigo das Trevas ou alguém que havia muito tivesse partido para as Sombras, pelo menos. Lan também. Vocês sentiram alguma coisa assim por aqui?

Ela fungou alto e se virou para um espelho de chão comprido, com finos entalhes de prata nos pés. Mantendo o robe fechado com uma das mãos, ela passou a escova pelos cabelos com a outra.

— Poucos humanos chegaram a esse ponto, Perrin, mesmo entre os piores Amigos das Trevas. — A escova parou no meio do caminho. — Por que a pergunta?

— Tinha uma garota no salão me encarando. Não olhava para você ou Loial, como todos os outros. Olhava para mim.

Ela retomou o movimento da escova, e um breve sorriso tocou-lhe os lábios.

— Às vezes você se esquece, Perrin, de que é um rapaz bonito. Algumas mulheres admiram um belo par de ombros.

Ele grunhiu e trocou o peso de pé.

— Aconteceu alguma outra coisa, Perrin?

— Hã… não. — Ela não poderia ajudar em relação à visão de Min, não além de dizer que era importante, o que ele já sabia. E ele não queria contar a ela o que Min vira. Aliás, não queria nem contar que Min vira algo.

De volta ao corredor, com a porta fechada, ele se encostou à parede por um instante. *Luz, acabei de entrar no quarto desse jeito, e ela…* Era uma bela mulher. *E com idade para ser minha mãe, no mínimo.* Pensou que Mat decerto a teria convidado para uma dança no salão. *Não teria nada. Nem Mat seria idiota a ponto de tentar seduzir uma Aes Sedai.* Moiraine dançava. Ele mesmo já dançara com ela, uma vez. Quase tropeçando nos próprios pés a cada passo. *Pare de pensar nela como uma garota de aldeia, só porque a viu… Ela é uma maldita Aes Sedai! E você tem mais é que se preocupar com aquele Aiel.* Ele se recompôs e desceu as escadas.

O salão estava em sua lotação máxima, com todas as cadeiras ocupadas, além dos bancos e das banquetas, e os que não tinham onde sentar se encostavam nas paredes. Ele não viu a garota de cabelos negros, e ninguém reparou quando ele cruzou o salão.

Orban ocupava uma mesa sozinho, a perna enfaixada apoiada em uma cadeira acolchoada, com uma pantufa macia no pé erguido e um cálice de prata na mão, que as serviçais mantinham sempre cheio de vinho.

— É — dizia a todo o salão —, sabíamos que os Aiel eram lutadores implacáveis, Gann e eu, mas não havia tempo para titubear. Desembainhei a espada, meti os calcanhares nos flancos de Leão…

Perrin se assustou, mas percebeu que o nome do cavalo do homem era Leão. *Não seria improvável que ele dissesse que cavalgava um leão.* Sentiu uma pontada de vergonha: só porque não gostava do sujeito, não significava que havia razão para supor que o Caçador fosse se gabar tanto. Correu para fora sem olhar para trás.

A rua estava tão apinhada quanto a estalagem, com gente que não conseguira um lugar no salão espiando pelas janelas, e o dobro de gente amontoada diante das portas, todos tentando ouvir a história de Orban. Ninguém deu a menor atenção a Perrin, embora sua passagem tivesse gerado resmungos dos que se aglomeravam um pouco mais longe da porta.

Naquela noite, toda a gente fora de casa devia estar na estalagem, pois ele não viu vivalma ao caminhar até a praça. Às vezes, a sombra de uma pessoa se movia por detrás de uma janela iluminada, mas era só. Tinha a sensação de estar sendo observado e olhava em volta, desconfortável. Nada

além de ruas envoltas pela noite, pontilhadas de janelas reluzentes. Ao redor da praça, a maioria das janelas estava escura, a não ser algumas nos andares de cima.

A forca continuava igual ao que ele se lembrava, e o homem, o Aiel, ainda estava enjaulado, erguido a uma altura que Perrin não conseguia alcançar. O prisioneiro parecia acordado, pelo menos tinha a cabeça erguida, mas não olhou para Perrin. As pedras que as crianças haviam atirado estavam espalhadas pelo chão.

A jaula pendia de uma corda grossa, amarrada a um aro em uma das barras superiores, que depois passava por uma pesada roldana acoplada à barra horizontal da forca e ia até um par de tocos no chão, cada um da altura das pernas de um homem, presos de cada lado da plataforma. A sobra de corda fora embolada sem cuidado aos pés da forca.

Perrin olhou em volta outra vez, esquadrinhando a praça escura. Ainda tinha a sensação de estar sendo observado, mas não via nada. Tentou ouvir o ambiente, mas não escutou qualquer barulho. Sentia o cheiro das chaminés e das cozinhas das casas, além de suor e sangue seco do homem dentro da jaula. O homem não cheirava a medo.

O peso dele, e mais o da jaula, pensou, ao se aproximar da forca. Não sabia quando tomara a decisão, nem sequer se de fato decidira, mas sabia que o faria.

Ele enganchou uma perna em volta da pesada plataforma e içou a corda, erguendo a jaula o suficiente para afrouxá-la um pouco. Um solavanco na corda revelou que o homem dentro da jaula enfim se movera, mas Perrin estava com pressa demais para parar e informar ao sujeito o que estava fazendo. Com a corda frouxa, pôde desamarrá-la dos tocos. Ainda com a perna enganchada à plataforma, baixou a jaula depressa até os blocos de pavimento.

O Aiel agora olhava para ele, estudando-o em silêncio. Perrin não disse uma palavra. Quando pôde olhar direito para a jaula, apertou os lábios. Se era preciso fabricar algo, mesmo que algo dessa natureza, era importante fazer um bom trabalho. Porém, a frente inteira era uma porta, com dobradiças toscas feitas por mãos descuidadas, presa por um bom cadeado de ferro a uma corrente forjada de um jeito tão malfeito quanto a jaula. Ele manuseou a corrente às pressas, até encontrar o elo mais fraco, depois emperrou a ponta grossa do machado no meio do elo. Um movimento rápido

de seu pulso forçou o ferro, que se abriu. Em questão de segundos, desmontou a corrente, soltou-a e abriu a porta da jaula.

O Aiel permanecia sentado, o queixo apoiado no joelho, olhando para ele.

— E então? — sussurrou Perrin, com a voz rouca. — Abri a droga da jaula, mas não vou carregar você. — Analisou depressa a praça escura. Nenhum movimento, mas ele ainda tinha a sensação de estar sendo observado.

— Você é forte, aguacento. — O Aiel apenas alongava os ombros. — Eles precisaram de três homens para me erguer lá em cima. E agora você me trouxe aqui para baixo. Por quê?

— Não gosto de ver ninguém enjaulado — sussurrou Perrin. Queria ir embora. A jaula estava aberta, e aqueles olhos, à espreita. Mas o Aiel não se mexia. *Se fizer algo, faça direito.* — Você pode sair daí antes que chegue alguém?

O Aiel agarrou a primeira barra da jaula por cima da cabeça, lançou-se para fora e ficou de pé em um movimento só. Depois ficou meio pendurado, usando o punho agarrado à barra para sustentar o próprio peso. De pé, talvez fosse quase uma cabeça mais alto que Perrin. Encarou o rapaz, que sabia bem que os próprios olhos brilhavam como ouro, reluzindo ao luar, mas não disse nada a respeito.

— Estou aí desde ontem, aguacento. — Ele falava como Lan. Não que as vozes ou sotaques fossem sequer parecidos, mas o Aiel tinha a mesma calma fria, a mesma certeza tranquila. — Ainda vai levar um tempo para as minhas pernas voltarem a funcionar. Sou Gaul, do ramo Imran dos Aiel Shaarad, aguacento. Sou *Shae'em M'taal*, um Cão de Pedra. Minha água é sua.

— Bem, sou Perrin Aybara. De Dois Rios. Sou ferreiro. — O homem estava fora da jaula, Perrin já podia ir embora. No entanto, se alguém chegasse antes que Gaul conseguisse caminhar, ele voltaria direto para a jaula, a não ser que o matassem, o que de qualquer forma estragaria o trabalho de Perrin. — Se eu tivesse pensado melhor, teria trazido uma garrafa de água, ou uma pele. Por que me chama de "aguacento"?

Gaul apontou para o rio. Nem mesmo os olhos de Perrin enxergavam tão bem ao luar, mas pela primeira vez achou que o Aiel parecia um pouco desconfortável.

— Três dias atrás, vi uma garota se exercitando em um imenso lago. Devia ter uns vinte passos de largura. Ela… se empurrava por dentro dele. — O homem fez um gesto estranho, tentando imitar o movimento de natação com uma das mãos. — Uma garota corajosa. Cruzando esses… rios… quase me intimidou. Nunca achei que fosse pensar que via água demais, mas não sabia que tinha tanta água no mundo como vocês aguacentos têm.

Perrin sacudiu a cabeça. Ele sabia que havia pouca água no Deserto Aiel, o que era uma das poucas coisas que sabia sobre o Deserto ou sobre os Aiel, mas não sabia que era tão escassa a ponto de causar uma reação assim.

— Você está muito longe de casa, Gaul. Por que está aqui?

— Nós procuramos — respondeu o homem, devagar. — Buscamos Aquele Que Vem Com a Aurora.

Perrin já ouvira o nome antes, sob circunstâncias que o fizeram ter certeza do que significava. *Luz, o assunto sempre volta para Rand. Estou preso a ele como um cavalo que não presta para usar ferradura.*

— Está procurando no lugar errado, Gaul. Também estou atrás dele, e ele está a caminho de Tear.

— Tear? — O Aiel fez uma expressão de surpresa. — Por quê…? Mas deve ser. A Profecia diz que, quando a Pedra de Tear cair, enfim deixaremos a Terra da Trindade. — Era o nome que os Aiel davam para o Deserto. — Diz que seremos transformados e reencontraremos o que era nosso, o que foi perdido.

— Pode ser. Não conheço suas profecias, Gaul. Você já está pronto para ir? Alguém pode chegar a qualquer minuto.

— Já é tarde para fugir — retrucou Gaul, e uma voz grave gritou:

— O selvagem está solto! — Dez ou doze homens de mantos brancos saíram pela praça em disparada, desembainhando as espadas, os capacetes cônicos reluzindo ao luar. Filhos da Luz.

Como se tivesse todo o tempo do mundo, Gaul ergueu um pedaço de pano escuro dos ombros com muita calma e o enrolou por cima da cabeça, formando um véu negro e grosso que escondia todo o rosto, exceto os olhos.

— Gosta de dançar, Perrin Aybara? — perguntou. Com isso, saltou da jaula. Direto para cima dos Mantos-brancos.

Por um instante, eles foram pegos de surpresa. Mas, ao que parecia, um instante era tudo de que o Aiel precisava. Ele chutou a espada do punho do primeiro que o alcançou, depois a mão firme golpeou a garganta do Manto-

branco como uma adaga, então o Aiel contornou o soldado que caía. O braço do segundo homem estalou alto quando Gaul o quebrou. Ele empurrou o sujeito por cima dos pés de um terceiro e chutou o quarto no rosto. Era *mesmo* uma dança, de um para outro, sem parar nem reduzir o passo, embora o homem que tropeçou estivesse se reerguendo, e o do braço quebrado tivesse trocado a mão que segurava a espada. Gaul continuava dançando no meio deles.

Perrin teve apenas um instante de assombro, pois nem todos os Mantos-brancos voltaram as atenções ao Aiel. Quase não conseguiu se mover a tempo, mas agarrou o cabo do machado com as duas mãos para bloquear o golpe de uma espada, girou… e sentiu vontade de gritar quando a lâmina em meia-lua rasgou a garganta do homem. Mas não havia tempo para gritos, nem para arrependimentos. Outros Mantos-brancos vieram, antes mesmo de o primeiro cair. Ele odiava as feridas enormes que o machado fazia, odiava a forma como ele retalhava a malha e rasgava a pele por baixo, como rachava os capacetes e crânios com quase a mesma facilidade. Odiava aquilo tudo. Mas não queria morrer.

O tempo parecia se contrair e esticar ao mesmo tempo. O corpo reclamava como se lutasse havia horas, e a respiração raspava sua garganta. Os homens pareciam se mover como se flutuassem em geleia. Pareciam saltar em um instante, de onde vinham até onde caíam. O suor escorria pelo rosto de Perrin, mas ele se sentia frio como água da forja. Lutava pela vida, e não sabia dizer se a luta durava segundos ou a noite inteira.

Quando enfim ficou de pé, arfando e quase atônito, olhou para uma dúzia de homens de Mantos-brancos caídos sobre os paralelepípedos da calçada da praça, e a lua pareceu estar exatamente no mesmo lugar. Alguns homens gemiam, outros jaziam em silêncio. Gaul estava entre eles, ainda de véu, ainda de mãos vazias. A maioria dos homens no chão fora obra dele. Perrin desejou que todos tivessem sido, então sentiu vergonha. O cheiro de sangue e morte era amargo e pungente.

— Você não dança mal com as lanças, Perrin Aybara.

Com a cabeça girando, o jovem murmurou:

— Não vejo como doze homens podem ter lutado contra vinte de vocês e ganhado, mesmo com dois Caçadores.

— Foi isso que disseram? — Gaul riu baixinho. — Sarien e eu fomos descuidados, há tanto tempo nestas terras úmidas, e o vento soprava na

direção errada, então não sentimos cheiro de nada. Entramos na frente deles antes que pudéssemos perceber. Bem, Sarien está morto, e eu fui enjaulado como um tolo, então talvez tenhamos pagado o preço. Está na hora de correr, aguacento. Tear: vou me lembrar disso. — Por fim, ele baixou o véu negro. — Que você sempre encontre água e sombra, Perrin Aybara. — Virando-se, ele avançou pela noite.

Perrin também começou a correr, então percebeu que levava um machado ensanguentado nas mãos. Mais do que depressa, limpou a lâmina curva com o manto de um dos homens mortos. *Ele já está morto, que me queime, já está cheio de sangue.* Prendeu o cabo de volta no cinturão e começou a andar depressa.

Pôde vê-la logo no segundo passo, um vulto esguio no canto da praça, com saias apertadas e escuras. Ela se virou para correr, Perrin conseguiu ver que as saias eram divididas para cavalgada. Ela saiu correndo de volta para a rua e desapareceu.

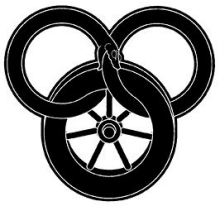
Lan o encontrou antes que ele chegasse ao local onde a moça estava parada. O Guardião olhou a jaula vazia ao lado da forca e os amontoados de sombras brancas reluzindo ao luar e jogou a cabeça para trás, como se estivesse prestes a explodir. Com a voz contida e dura como o aro de uma roda nova, disse:

— Isso é obra sua, ferreiro? Que a Luz me queime! Alguém pode ligar isso a você?

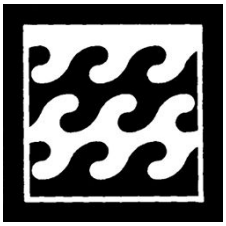
— Uma garota — respondeu Perrin. — Acho que ela viu. Não quero machucá-la, Lan! Muitos outros também podem ter visto. Há um monte de janelas iluminadas à nossa volta.

O Guardião agarrou Perrin pela manga do casaco e o empurrou em direção à estalagem.

— Vi uma garota correndo, mas achei… não importa. Tire o Ogier lá de dentro e o arraste até o estábulo. Depois, vamos levar os cavalos para as docas o mais rápido possível. Só a Luz sabe se há um navio partindo hoje à noite, ou quanto terei que pagar para contratar um. Não faça perguntas, ferreiro! Ande! Corra!



CAPÍTULO 35



O Falcão

As pernas compridas do Guardião permitiam um passo mais largo que as de Perrin, e, quando o rapaz finalmente conseguiu passar pela multidão que se aglomerava do lado de fora da estalagem, Lan já subia as escadas, sem parecer nem um pouco apressado. Perrin se obrigou a caminhar tão devagar quanto o Guardião. Alguém na entrada resmungou sobre pessoas que empurravam as outras para passarem na frente.

— Contar de novo? — dizia Orban, erguendo o cálice de prata para que o enchessem outra vez. — Ah, tudo bem. Eles tinham preparado uma emboscada perto da estrada por onde passávamos, e uma emboscada que eu não esperava tão perto de Remen. Aos berros, saíram do monte de arbustos e avançaram para cima de nós. Estavam entre nós em um piscar de olhos, golpeando com as lanças, e na mesma hora dilaceraram dois dos meus melhores homens e um dos de Gann. É, eu sei reconhecer um Aiel, e…

Perrin subiu as escadas, apressado. *Bem, Orban sabe reconhecê-los agora.*

Vozes vinham de detrás da porta de Moiraine. Ele não queria ouvir o que ela tinha a dizer sobre o que acontecera. Passou depressa pela porta e meteu a cabeça para dentro do quarto de Loial.

A cama do Ogier era baixa e robusta, com o dobro do comprimento e uma vez e meia a largura de qualquer cama humana que Perrin já vira. Ocupava grande parte do quarto, tão grande e bonito quanto o de Moiraine.

Perrin recordou-se vagamente de Loial dizendo algo sobre a cama ser de madeira cantada, e em qualquer outro momento talvez tivesse parado para admirar as curvas harmoniosas que davam a sensação de que a cama crescera ali mesmo onde estava. Os Ogier deviam ter parado em Remen em algum momento do passado, pois o estalajadeiro também encontrara uma poltrona de madeira que comportava Loial e a enchera de almofadas. O Ogier estava sentado confortavelmente nela, de camisa e calças, absorto, coçando o tornozelo com a unha de um dos pés enquanto escrevia em um grande livro encadernado em tecido sobre um dos braços da poltrona.

— Estamos indo embora! — anunciou Perrin.

Loial deu um salto, quase derrubando o frasco de tinta e o livro.

— Embora? Mas acabamos de chegar — disse, com sua voz profunda.

— Isso, embora. Encontre a gente no estábulo o mais rápido que puder. E não deixe que vejam você sair. Acho que dá para descer até a cozinha por uma escada nos fundos. — O aroma de comida que vinha daquele canto do corredor era forte demais para que não houvesse uma passagem.

O Ogier lançou um olhar pesaroso para a cama, depois começou a calçar as botas compridas.

— Mas por quê?

— Mantos-brancos — respondeu Perrin. — Mais tarde eu explico melhor. — Ele se afastou da porta antes que Loial pudesse fazer mais perguntas.

Não desfizera as malas. Depois de afivelar a aljava, vestir o manto, jogar o cobertor e os alforjes no ombro e recolher o arco, não havia sinal de que estivera ali. Nem uma ruga nos cobertores dobrados ao pé da cama ou um respingo de água na bacia rachada do lavatório. Até o pavio da vela de sebo estava novo, reparou. *Eu já devia saber que não iríamos ficar. Nos últimos tempos, pareço não deixar qualquer rastro.*

Como ele suspeitava, uma escada estreita nos fundos levava a um corredor que passava pela cozinha. Ele deu uma espiadela cautelosa para dentro do aposento. Um cão corria em uma grande roda de vime, girando um longo espeto que continha um lombo de cordeiro, uma grande peça de carne de boi, cinco frangos e um ganso. Um vapor de cheiro agradável saía do caldeirão de sopa, que pendia de um robusto suporte sobre um segundo fogão. Mas não havia cozinheiro à vista, nem qualquer outra alma além do cachorro. Grato pelas mentiras de Orban, ele disparou noite afora.

O estábulo era uma larga estrutura feita com as mesmas pedras da estalagem, embora apenas as faces em torno da grande porta fossem polidas. Um único lampião pendia de um poste da estrebaria, fornecendo uma iluminação fraca. Galope e os outros cavalos estavam em baias perto da porta. A enorme montaria de Loial quase enchia todo o espaço da própria baia. O cheiro de feno e cavalos era familiar e reconfortante. Perrin foi o primeiro a chegar.

Havia apenas um cavalariço em serviço, um sujeito de rosto fino vestindo uma camisa suja, com cabelos escorridos e grisalhos, que exigiu saber quem era Perrin para pedir quatro cavalos selados, quem era seu mestre e o que ele estava fazendo todo pronto para viajar bem no meio da noite. Além disso, queria saber se Mestre Furlan estava ciente de que ele estava fugindo daquele jeito sorrateiro e o que escondia naqueles alforjes. E o que havia de errado com seus olhos, estava doente?

Uma moeda foi lançada por alguém atrás de Perrin, reluzindo dourada à luz da lanterna. O cavalariço agarrou-a e cravou os dentes nela.

— Sele os cavalos — mandou Lan. A voz era tão suave quanto ferro frio, e o cavalariço curvou-se em uma mesura e correu para aprontar os cavalos.

Moiraine e Loial chegaram ao estábulo bem na hora que as rédeas ficaram prontas, e logo todos conduziam os cavalos atrás de Lan, descendo uma rua que passava por trás do estábulo, em direção ao rio. O som suave de cascos batendo nos paralelepípedos atraiu apenas um cachorro magrelo, que soltou um latido e saiu correndo ao vê-los passar.

— Isso traz lembranças, não traz, Perrin? — perguntou Loial, baixinho.

— Fale baixo — sussurrou Perrin. — Que lembranças?

— Ora, é como nos velhos tempos. — O Ogier conseguiu falar mais baixo; ainda soava como uma abelha gigante, mas do tamanho de um cachorro, não de um cavalo. — Fugindo sorrateiros no meio da noite, com inimigos atrás de nós, talvez mais inimigos adiante, e o perigo no ar, o frio na barriga.

Perrin franziu a testa para Loial, por cima da sela de Galope. Não foi muito difícil: Loial estava logo atrás, a cabeça, os ombros e o peito bem acima do cavalo.

— Que conversa é essa? Acho que está começando a gostar do perigo! Loial, você deve ter ficado maluco!

— Estou só gravando a sensação do momento na mente — retrucou Loial, em um tom formal. Ou talvez defensivo. — Para o livro. Preciso pôr tudo no livro. Acho que estou começando a gostar. De aventura. É claro que estou. — As orelhas deram duas sacudidas violentas. — Preciso gostar, se quiser escrever a respeito.

Perrin sacudiu a cabeça.

No cais de pedra, balsas que pareciam barcaças descansavam sob a noite quieta e escura, assim como a maior parte dos navios. No entanto, pessoas e luzes de lampiões movimentavam-se perto de uma embarcação de dois mastros, e também no convés. Os cheiros marcantes eram de alcatrão e corda, com fortes toques de peixe, embora algo no depósito mais próximo emitisse aromas picantes que quase sobrepujavam os outros.

Lan localizou o capitão, um homem baixo e esguio, que tinha a mania estranha de inclinar a cabeça enquanto escutava os outros. A barganha logo terminou, e hastes fundas e de apoio foram armadas para içar os cavalos a bordo. Perrin ficou de olho nos animais, conversando com eles. Cavalos tinham baixa tolerância para o incomum, como serem içados no ar, mas a conversa de Perrin conseguiu acalmar até o garanhão do Guardião.

Lan entregou ouro ao capitão e prata a dois marinheiros que correram descalços até um depósito, para buscar sacos de aveia. Mais tripulantes amarravam os cavalos entre os mastros, em uma espécie de cercado feito de corda, o tempo inteiro resmungando sobre a sujeira que seriam obrigados a limpar. Perrin achou que não era para ninguém ouvir, mas sua audição apurada o fez entender as palavras. Os homens não estavam acostumados aos cavalos.

Mais do que depressa, o *Ganso das Neves* estava pronto para zarpar, apenas um pouco antes do que o capitão, Jaim Adarra, pretendera. Lan conduziu Moiraine para baixo enquanto as cordas eram desamarradas, e Loial os seguiu, bocejando. Perrin permaneceu no gradil próximo à proa, e cada bocejo do Ogier induzia um dele. O rapaz se perguntou se o *Ganso das Neves* seria capaz de deixar os lobos para trás, de deixar os sonhos para trás. Os homens começaram a aprontar os remos para tirar a embarcação do cais.

Quando a última corda foi arremessada em terra firme e puxada por um doqueiro, uma moça de saias divididas irrompeu das sombras entre dois depósitos com uma trouxa nos braços e um manto escuro drapejando atrás de

si. Ela saltou no convés bem na hora em que os homens começavam a empurrar os remos.

Adarra saiu apressado de seu lugar na cana do leme, mas ela pousou a trouxa com calma e anunciou, ávida:

— Vou descer o rio até… hã… digamos… até onde *ele* estiver indo. — Ela indicou Perrin com a cabeça, sem olhar para o rapaz. — Não faço objeções em dormir no convés. O frio e a umidade não me incomodam.

Seguiram-se alguns minutos de barganha. Ela entregou três marcos de prata, franziu a testa para os cobres que recebeu de troco, guardou-os na bolsa e foi andando até ao lado de Perrin.

A moça exalava um perfume floral, leve, fresco e limpo. Aqueles olhos escuros e oblíquos o encararam por cima das altas maçãs do rosto, depois viraram-se para olhar para trás, em direção à costa. Os dois tinham a mesma idade, ele concluiu, mas não soube dizer se o nariz da moça combinava com o rosto dela ou se sobressaía demais. *Você é um idiota, Perrin Aybara. Por que se importa com a aparência dela?*

O espaço entre o barco e o cais já tinha cerca de vinte passos, e os remos alcançavam mais fundo, formando sulcos brancos na água negra. Por um instante, ele considerou empurrar a garota para fora.

— Bem — disse a moça, depois de um instante —, não esperava que minhas viagens me levassem de volta a Illian assim tão cedo. — Ela tinha a voz aguda e um jeito inexpressivo de falar, mas não era desagradável. — É para *lá* que você vai, não é? — Ele comprimiu os lábios. — Não fique de mau humor. Você deixou a maior bagunça para trás, junto com aquele Aiel. O alvoroço tinha acabado de começar quando eu saí.

— Você não contou nada a eles? — perguntou, surpreso.

— O povo está pensando que o Aiel mastigou a corrente ou partiu o metal com as próprias mãos. Quando fui embora, ainda não tinham se decidido. — Ela fez um barulho que soou bastante como uma risadinha. — Orban fez questão de dizer em alto e bom som que seus ferimentos o impediriam de sair pessoalmente à caça do Aiel.

Perrin soltou uma bufada de desdém.

— Se esse cara vir um Aiel de novo, vai se borrar todo. — Ele pigarreou. — Desculpe.

— Não sei, não — respondeu ela, como se a observação não tivesse sido nada de mais. — Pude vê-lo em Jehannah, durante o inverno. Ele lutou

contra quatro ao mesmo tempo, matou dois e fez os outros se renderem. É claro que foi ele quem começou a briga, o que enfraquece um pouco a história, mas eles sabiam o que estavam fazendo. Ele não puxou briga com homens incapazes de se defender. Mesmo assim é um idiota. Tem umas ideias bem peculiares a respeito da Grande Floresta Negra. Que alguns chamam de Floresta das Sombras. Já ouviu falar?

Ele a olhou de soslaio. Ela falava de lutas e com a mesma tranquilidade com que outras mulheres falariam sobre assar pães. Ele nunca ouvira falar da Grande Floresta Negra, mas a Floresta das Sombras ficava logo ao sul de Dois Rios.

— Você está me seguindo? Estava me encarando, lá na estalagem. Por quê? E por que não contou a eles o que viu?

— Um Ogier — respondeu ela, olhando o rio — é obviamente um Ogier, e os outros não foram muito difíceis de desvendar. Eu consegui dar uma espiada muito melhor que a de Orban por debaixo do capuz de *Lady Alys*, e o rosto dela indica que o sujeito com cara de pedra é um Guardião. Que a Luz me queime se eu quero aquele ali irritado comigo. Ele tem sempre aquela cara, ou será que comeu uma pedra no jantar? De qualquer forma, só sobrou você. Não gosto de coisas que não consigo entender.

Mais uma vez, ele considerou atirá-la para fora do navio. Dessa vez, a sério. Remen, porém, era só um borrão de luz bem atrás na escuridão, e era difícil saber a que distância estavam da costa.

Ela pareceu interpretar o silêncio de Perrin como um sinal para prosseguir.

— Então eu tinha uma… — Ela olhou em volta, depois baixou a voz, embora o tripulante mais próximo estivesse remando a dez pés de distância. — …uma Aes Sedai, um Guardião, um Ogier… e você. Um camponês, à primeira vista. — Ela ergueu os olhos oblíquos e estudou os dele com atenção. Ele se recusou a desviar o olhar, e ela sorriu. — Mas você libertou um Aiel enjaulado, teve uma longa conversa com ele e depois o ajudou a transformar uma dúzia de Mantos-brancos em salsichas. Presumo que faça isso com regularidade. Não pareceu que estivesse fazendo algo fora do comum. Farejo algo estranho em um grupo de viajantes como esse seu, e um Caçador está sempre à procura de rastros estranhos.

Ele piscou. Não podia haver engano naquela ênfase.

— Caçador? Você não pode ser um Caçador. É uma garota.

Ela abriu um sorriso tão inocente que ele quase se afastou. Depois ela deu um passo atrás e fez um floreio com cada uma das mãos. Em instantes, segurava duas facas, da mesma forma que Thom Merrilin faria. Um dos homens que remava soltou um arquejo, e dois outros se atrapalharam. Os remos se embolaram, desgovernados, e o *Ganso das Neves* deu uma pequena guinada, até que os gritos do capitão endireitaram o rumo. Quando tudo se acertou, a garota dos cabelos pretos já fizera as facas desaparecerem outra vez.

— Dedos ágeis e inteligência levam muito mais longe que uma espada e alguns músculos. Olhos afiados também ajudam, mas por sorte eu tenho isso tudo.

— Além de muita modéstia — resmungou Perrin.

Ela não pareceu ouvir.

— Eu fiz o juramento e recebi a bênção na Grande Praça de Tammaz, em Illian. Talvez eu fosse *mesmo* a mais nova, porém, no meio daquela multidão, com trompetes, tambores, címbalos, gritaria… uma criança de seis anos poderia ter feito o juramento e ninguém perceberia. Havia mais de mil de nós, talvez dois mil, e cada um tinha uma ideia de onde encontrar a Trombeta de Valere. Eu tenho a minha, e ainda acho que talvez seja a correta, mas nenhum Caçador pode se dar ao luxo de deixar de lado um rastro estranho. A Trombeta sem dúvida está na ponta de um rastro estranho, e eu nunca vi um mais esquisito do que o que vocês estão deixando. Para onde estão indo? Illian? Algum outro lugar?

— Qual era a sua ideia? — perguntou Perrin. — Sobre onde está a Trombeta? — *A salvo em Tar Valon, assim espero, e a Luz permita que eu jamais a veja outra vez.* — Acha que está em Ghealdan?

Ela franziu a testa para ele, que teve a impressão de que ela não desistia de uma pista depois de descobri-la, mas estava disposto a oferecer quantas pistas paralelas ela quisesse. Foi então que ela perguntou:

— Já ouviu falar em Manetheren?

Perrin quase engasgou.

— Já ouvi, sim — respondeu, cauteloso.

— Todas as rainhas de Manetheren eram Aes Sedai, e os reis eram os Guardiões ligados a elas. Não consigo imaginar um lugar assim, mas é o que os livros contam. Era uma terra grande, pegava a maior parte de Andor e de Ghealdan e ainda outras terras. Mas a capital, a cidade em si, ficava nas

Montanhas da Névoa. É lá que eu acredito que esteja a Trombeta. A não ser que vocês quatro me levem até ela.

Os pelos do pescoço de Perrin se eriçaram. Ela dava explicações como se ele fosse um grosseirão de aldeia, um ignorante.

— Você não vai encontrar a Trombeta, e nem Manetheren. A cidade foi destruída durante as Guerras dos Trollocs, quando a última rainha recorreu ao Poder Único para destruir os Senhores do Medo que tinham matado seu marido. — Moiraine dissera os nomes do rei e da rainha, mas ele não conseguia se lembrar.

— Não em Manetheren, fazendeiro — respondeu ela, muito calma —, embora uma terra como aquela desse um bom esconderijo. Mas existiram outras nações, outras cidades nas Montanhas da Névoa, tão antigas que nem mesmo Aes Sedai se lembram delas. E pense em todas aquelas histórias que dizem que dá azar adentrar as montanhas. Que lugar melhor para se esconder a Trombeta do que em uma dessas cidades esquecidas?

— Ouvi histórias de algo escondido nas montanhas. — Será que ela acreditaria nele? Nunca tivera muito talento para mentir. — Elas não explicam muito bem, mas parece que é o maior tesouro do mundo, então talvez seja a Trombeta. Mas as Montanhas da Névoa se estendem por centenas de léguas. Se pretende encontrá-la, não deveria perder tempo nos seguindo. Vai ter que se esforçar muito para encontrar a Trombeta antes de Orban e Gann.

— Eu já disse, aqueles dois têm uma suspeita estranha de que a Trombeta esteja escondida na Grande Floresta Negra. — Ela sorriu para ele. Quando ela sorria, sua boca não parecia tão grande. — E eu disse que um Caçador tem que ir atrás de pistas estranhas. Você teve sorte por Orban e Gann terem se ferido lutando contra todos aqueles Aiel, ou os dois também estariam a bordo. Pelo menos não vou tentar atrapalhar você, nem tentar assumir o controle, ou arrumar briga com o Guardião.

Ele soltou um grunhido indignado.

— Garota, somos apenas viajantes a caminho de Illian. Qual é o seu nome? Se vamos passar alguns dias juntos neste navio, não posso ficar chamando você de garota.

— Eu me chamo Mandarb. — Ele não conseguiu segurar o riso. Os olhos oblíquos o encararam com raiva. — Vou lhe dizer uma coisa, fazendeiro. —

Ela manteve a voz inexpressiva. Por pouco. — Na Língua Antiga, Mandarb significa “lâmina”. É um nome digno de um Caçador da Trombeta!

Ele conseguiu controlar o riso, e já quase não soltava guinchinhos quando apontou para o cercado entre os mastros.

— Está vendo aquele garanhão preto? O nome dele é Mandarb.

A raiva desapareceu dos olhos dela, e dois círculos vermelhos brotaram em suas bochechas.

— Ah. Eu nasci Zarine Bashere, mas Zarine não é nome para uma Caçadora. Nas histórias, os Caçadores têm nomes como Rogosh Olho-de-águia.

A expressão da moça era tão abatida que ele se apressou em dizer:

— Gosto do nome Zarine. Combina com você. — Os olhos dela voltaram a encará-lo com raiva, e por um instante Perrin achou que ela estava prestes a exibir uma das facas outra vez. — Está tarde, Zarine. Quero dormir um pouco.

Ele virou as costas e começou a caminhar em direção à escotilha que levava ao deque inferior, uma comichão percorrendo seus ombros. Os tripulantes ainda remavam no convés. *Idiota. Uma garota não enfiaria uma faca em mim. Não com todas essas pessoas olhando. Ou será que enfiaria?* Quando chegou à escotilha, ela o chamou.

— Fazendeiro! Talvez eu passe a me chamar Faile. Meu pai me chamava assim quando eu era pequena. Quer dizer “falcão”.

Ele se enrijeceu e quase errou o primeiro degrau da escada. *Coincidência.* Obrigou-se a descer sem olhar para trás. *Tem que ser.* O corredor estava escuro, mas o luar que entrava era suficiente para enxergar o caminho. Dentro de uma das cabines, alguém roncava alto. *Min, por que você tinha que ficar prevendo coisas?*



CAPÍTULO 36



Filha da Noite

Ao perceber que não havia meio de saber qual cabine era a dele, Perrin enfiou a cabeça em várias. As luzes estavam apagadas, e em todas havia dois homens dormindo nas camas estreitas, embutidas uma de cada lado da parede. Todas, exceto uma. Nela Loial estava sentado no chão entre as duas camas, todo espremido, absorto em seu caderno de anotações com capa de tecido, escrevendo à luz de uma lanterna acoplada a um giroscópio. O Ogier queria conversar sobre os acontecimentos do dia. Mas Perrin, cuja mandíbula rangia com o esforço de conter os bocejos, pensou que, àquela altura, o navio já devia estar rio abaixo o bastante para que pudesse dormir em segurança. Sonhar em segurança. Mesmo que tentassem, os lobos não seriam capazes de manter a velocidade dos remos e da corrente.

Ele enfim encontrou uma cabine sem janelas e vazia, o que para ele já bastava. Queria ficar sozinho. *O nome foi coincidência, só isso*, ele pensou enquanto acendia o lampião suspenso na parede. *Seja como for, o nome verdadeiro dela é Zarine.* No entanto, a garota de maçãs do rosto elevadas e olhos escuros e oblíquos não dominava seus pensamentos. Ele deixou o arco e os outros pertences em uma das camas estreitas, jogou o manto por cima de tudo e sentou-se na outra para tirar as botas.

Elyas Machera, um homem de alguma forma ligado aos lobos, encontrara um jeito de conviver com o que era e não enlouquecera. Pensando bem, Perrin tinha certeza de que Elyas já vivia daquela forma havia muitos anos. *Ele deseja ser desse jeito. Seja como for, aceita o que é.* Essa não era a

solução. Perrin não queria viver assim, não queria aceitar. *Mas, quando temos material para fazer uma faca, basta aceitar e fazer uma faca, mesmo que prefira um machado de madeira. Não! Minha vida é mais que um pedaço de ferro a ser moldado.*

Com cuidado, tentou sentir os lobos com a mente e encontrou… nada. Ah, havia a leve impressão de lobos em algum lugar distante, mas ela se desvanecia mesmo enquanto ele a examinava. Pela primeira vez em muito tempo, estava só. Na mais abençoada solidão.

Apagou o lampião com um sopro e se deitou pela primeira vez em dias. *Como, pela Luz, Loial vai conseguir deitar em uma cama dessas?* Aquelas noites quase sem dormir pesaram sobre seu corpo, e a exaustão fez seus músculos relaxarem. Ocorreu a ele que conseguira tirar o Aiel da cabeça. E os Mantos-brancos. *Machado abandonado pela Luz! Que me queime, queria jamais ter visto aquilo!* foram seus últimos pensamentos antes de cair no sono.

* * *

Uma névoa densa e cinzenta o envolvia, tão densa e tão baixa que ele não conseguia enxergar as próprias botas, e tão espessa, de todos os lados, que ele não era capaz de distinguir qualquer coisa a mais de dez passos de distância. Sem dúvidas não havia nada mais perto. Poderia haver qualquer coisa dentro daquela névoa. Ela parecia errada, não era nem um pouco úmida. Perrin levou a mão ao cinturão em busca do conforto de saber que podia se defender. Levou um susto. O machado não estava lá.

Algo se movia na neblina, serpenteava na escuridão. Algo vinha em sua direção.

Ele ficou tenso, considerando se seria melhor correr ou ficar e lutar com as próprias mãos, se perguntando se haveria algo para lutar com ele.

A ondulação crescente que penetrava a neblina revelou-se um lobo, a silhueta felpuda quase se fundindo à névoa densa.

Saltador?

O lobo hesitou, depois caminhou para perto dele. Era Saltador, tinha certeza, mas algo na postura do animal, algo naqueles olhos amarelos que cruzaram os dele por um instante, exigia que tanto o corpo quanto a mente de Perrin fizesse silêncio. Os olhos também exigiam que ele o seguisse.

O rapaz pousou a mão no dorso do lobo, e Saltador começou a caminhar. Deixou-se conduzir. A pelagem sob sua mão era espessa e emaranhada. Parecia real.

A névoa se intensificou até que apenas a visão de sua mão garantia que Saltador ainda estava ali, até que uma olhada para baixo não revelasse nada além do próprio peitoral. Apenas névoa cinzenta. Considerando o que via, poderia muito bem estar envolto em lã recém-tosquiada. Ficou impressionado ao perceber que também não ouvia nada. Nem mesmo o som dos próprios passos. Mexeu os dedos dos pés e ficou aliviado em senti-los dentro das botas.

O cinza tornou-se ainda mais escuro, mas ele e o lobo continuaram avançando em meio ao breu. Não conseguia ver a mão nem mesmo ao tocar o próprio nariz. Aliás, sequer enxergava o nariz. Experimentou fechar os olhos por um instante e não percebeu diferença alguma. Ainda não havia som. Sentia o pelo espesso de Saltador na palma da mão, mas não sabia ao certo se conseguia sentir algo sob as botas.

De súbito Saltador parou, forçando-o a parar também. Perrin olhou em volta… e fechou os olhos depressa. Naquele momento, podia sentir a diferença. E também sentia outra coisa, um embrulho nauseante no estômago. Forçou-se a abrir os olhos e olhar para baixo.

O que viu não poderia estar ali, a menos que ele e Saltador estivessem flutuando. Ele não via parte alguma do lobo ou de si mesmo, era como se nenhum dos dois fosse corpóreo. Pensar naquilo causou um nó gigantesco em seu estômago. E sob seus pés, claro como se iluminado por mil lâmpadas, estendia-se um imenso conjunto de espelhos que pareciam suspensos no vazio escuro, embora tão estáveis quanto se estivessem apoiados no chão. Havia espelhos em todas as direções, até onde a vista alcançava, mas bem abaixo de seus pés havia um espaço. Ocupado por pessoas. De repente, Perrin pôde ouvi-las com tanta clareza quanto se estivesse no meio delas.

— Grande Senhor — murmurou um dos homens —, que lugar é esse? — Ele olhou ao redor, encolhendo-se ao ver a própria imagem refletida mil vezes, e manteve os olhos firmes à frente. Os outros, agrupado à sua volta, pareciam ainda mais amedrontados. — Eu estava dormindo em Tar Valon, Grande Senhor. *Estou* dormindo em Tar Valon! Que lugar é esse? Será que enlouqueci?

Alguns dos homens ao redor dele usavam casacos adornados e cheios de bordados, outros, trajes mais simples, e ainda outros pareciam estar nus ou em roupas debaixo.

— Eu também — disse um homem nu, quase gritando. — Estou dormindo em Tear. Me lembro de ter deitado na cama com a minha mulher!

— E eu, no caso, estou dormindo em Illian — arrematou um sujeito vestido em dourado e vermelho, parecendo abalado. — Sei que estou dormindo, isso nem faz sentido. Sei que estou sonhando, mas parece impossível. Onde fica isso aqui, Grande Senhor? O senhor veio mesmo a mim?

O sujeito de cabelos escuros que os encarava vestia trajes pretos com renda prateada no pescoço e nos punhos. Vez ou outra levava a mão ao peito, como se sentisse dor. Lá embaixo estava bem iluminado, mas a luz não vinha de lugar algum. Mesmo assim, o homem abaixo de Perrin parecia envolto em sombras. A escuridão o envolvia, o afagava.

— Silêncio! — O homem de negro não falou alto, mas não havia necessidade. Ao dizer essa palavra, ergueu a cabeça. Seus olhos e boca eram buracos abertos para uma forja ardente, envolta em chamas e fogo intenso.

Naquele momento, Perrin soube quem era o homem. Ba'alzamon. Encarava Ba'alzamon em pessoa. O medo o atravessou como uma lança. Teria corrido, mas não conseguia sentir os pés.

Saltador se mexeu. Perrin sentiu o pelo espesso sob a mão e agarrou-o com força. Algo real. Algo mais real do que o que via, esperava. Mas sabia que ambos eram reais.

Os homens agrupados se acovardaram.

— Vocês receberam tarefas — continuou Ba'alzamon. — Algumas delas foram cumpridas. Em outras, vocês fracassaram. — Volta e meia seus olhos e boca desapareciam em meio às chamas, e os espelhos faiscavam ao refletir o fogo. — Os que foram marcados para a morte devem morrer. Os que foram marcados para captura devem se curvar a mim. Não há perdão para aqueles que desapontam o Grande Senhor das Trevas. — O fogo reluzia em seus olhos, a escuridão redemoinhava ao seu redor. — Você. — Ele apontou o dedo para o homem que falara de Tar Valon, um sujeito em trajes de mercador, roupas de tecido fino e corte reto. Os outros se afastaram como se

o homem estivesse com febre melancólica, deixando-o se acovardar sozinho. — Você permitiu que o rapaz fugisse de Tar Valon.

O homem gritou e começou a tremer como uma lima quando batida em uma bigorna. Pareceu perder a firmeza, e seu grito enfraqueceu com ele.

— Vocês todos estão sonhando — explicou Ba'alzamon —, mas o que acontece neste sonho é real. — O sujeito que gemia transformou-se em um monte de névoa de forma humana, os gritos ficaram distantes, depois até mesmo aquela névoa desapareceu. — Temo que ele jamais acordará. — O Senhor das Trevas riu, e de sua boca saiu uma labareda. — O restante de vocês não me desapontará outra vez. Fora! Acordem e obedeçam! — Os outros homens desapareceram.

Por um instante Ba'alzamon permaneceu só. Então de súbito uma mulher surgiu ao lado dele, toda coberta em branco e prata.

Perrin ficou chocado. Jamais esqueceria uma mulher tão bela. Era a mulher de seu sonho, a que lhe oferecera glória.

Um trono em prata ornamentada surgiu atrás dela, que se sentou, ajeitando as saias de seda com cuidado.

— Faz livre uso de meu domínio — comentou.

— Seu domínio? — retrucou Ba'alzamon. — Então está reivindicando a posse? Não serve mais ao Grande Senhor das Trevas? — Por um instante, a escuridão ao redor dele tornou-se mais espessa, parecia fervilhar.

— Eu sirvo — respondeu ela, mais do que depressa. — Sirvo ao Senhor do Crepúsculo há muito tempo. E passei muito tempo aprisionada, por servi-lo, aprisionada em um sono infinito e sem sonhos. Sonhos só são negados a Homens Cinza e Myrddraal. Até os Trollocs podem tê-los. Os sonhos sempre foram meus, para desfrutar e percorrer. Agora estou livre outra vez, e usarei o que é meu.

— O que é seu — concordou Ba'alzamon. A escuridão que o rodeava parecia contente. — Você sempre se considerou mais grandiosa do que é, Lanfear.

O nome atingiu Perrin, cortando-o tão bem quanto uma faca recém-amolada. Um dos Abandonados passeara em seus sonhos. Moiraine estava certa. Alguns deles estavam livres.

A mulher de branco estava de pé, e o trono havia desaparecido.

— Sou o que sou. Qual foi o resultado de seus planos? Mais de três mil anos controlando marionetes que ocupam tronos, sussurrando em seus

ouvidos e puxando seus cordéis, tal e qual uma Aes Sedai! — A voz imprimiu todo o desprezo possível ao título. — Três mil anos, e ainda assim Lews Therin caminha outra vez pelo mundo. E, além disso, essas Aes Sedai praticamente o tomaram sob as rédeas. Você pode controlá-lo? Pode trazê-lo para o seu lado? Ele era meu muito antes que Ilyena, aquela desgrenhada intrometida, pusesse os olhos nele! E será meu outra vez!

— Serve a si mesma agora, Lanfear? — A voz de Ba'alzamon era suave, mas as chamas continuavam a arder em seus olhos e boca. — Abandonou os votos ao Grande Senhor das Trevas? — Por um instante, a escuridão quase o obliterou, apenas o fulgor das labaredas podia ser visto. — Esses votos não são tão fáceis de quebrar quanto os juramentos à Luz, que você abandonou ao proclamar seu novo mestre, lá no Salão dos Servos. Seu mestre a possuirá para sempre, Lanfear. Vai servir, ou prefere uma eternidade de dor, agonizante e sem-fim?

— Eu sirvo. — Apesar das palavras, ela permanecia altiva e desafiadora. — Sirvo ao Grande Senhor das Trevas e a ninguém mais. Para sempre!

A enorme coleção de espelhos começou a desaparecer, como se ondas negras os cobrissem, chegando cada vez mais perto do centro. A onda cobriu Ba'alzamon e Lanfear. Restou apenas escuridão.

Perrin sentiu Saltador se mexer e ficou mais do que feliz em segui-lo, conduzido apenas pela sensação dos pelos sob a mão. Só quando se moveu percebeu que se mover era possível. Tentou entender o que acabava de ver, mas não conseguiu. Ba'alzamon e Lanfear. Estava com a boca seca. Por alguma razão, Lanfear o assustava ainda mais do que Ba'alzamon. Talvez porque tivesse estado em seus sonhos, lá nas montanhas. *Luz! Um dos Abandonados em meus sonhos! Luz!* E, a menos que não tivesse entendido, ela desafiara o Tenebroso. Tinha aprendido que a Sombra não exercia poder sobre quem a rejeitasse, mas como é que um Amigo das Trevas — e não um Amigo das Trevas qualquer: um dos Abandonados — podia desafiar a Sombra? *Eu devo estar louco, que nem o irmão de Simion. Esses sonhos me deixaram louco!*

Pouco a pouco, a escuridão se transformou outra vez em névoa, e a névoa se dispersou gradualmente, até que ele avançou com Saltador para uma encosta gramada, iluminada pelo dia. Pássaros começaram a cantar em uma moita aos pés da colina. Ele olhou para trás. Uma planície com alguns

montes, entremeada de grupos de árvores, se estendia até o horizonte. Não havia sinal de neblina. O lobo robusto e cinzento o observava.

— O que foi aquilo? — indagou, lutando com a própria mente para transformar a pergunta em pensamentos que o lobo compreendesse. — Por que me mostrou aquilo? O que era?

Emoções e imagens inundaram seus pensamentos, e sua mente as nomeou com palavras. *O que precisa ver. Cuidado, Jovem Touro. Este lugar é perigoso. Seja cauteloso como deve ser um filhote a caçar um porco-espinho.* A palavra viera como algo próximo de Lombadinhas Espinhentas, mas sua mente nomeou o animal da forma que ele conhecia como humano. *Você é muito jovem, muito novo.*

— Foi real?

Tudo é real, o que se vê e o que não se vê. Parecia que essa seria a única resposta de Saltador.

— Saltador, como é que você está aqui? Eu vi você morrer. Senti você morrer!

Todos estão aqui. Todos os irmãos e irmãs que são, todos os que foram, todos os que serão. Perrin sabia que lobos não sorriam, não como os humanos, mas por um instante teve a impressão de que Saltador exibia um sorriso grande. *Aqui, eu plano como as águias.* O lobo se aprumou e saltou para o ar. Foi levado mais e mais para o alto, até transformar-se em um pontinho no céu. Um último pensamento veio de lá. *Planar.*

Perrin o encarava de boca aberta. *Ele conseguiu.* De repente seus olhos começaram a arder, então pigarreou e esfregou o nariz. *Daqui a pouco vou começar a chorar como uma garotinha.* Sem pensar, olhou em volta para conferir se tinha sido visto, e tudo mudou depressa.

Ele estava de pé sobre um aclive, com depressões e elevações sombrias e indistintas ao redor. Pareciam desaparecer a distância. Rand estava mais abaixo. Rand, um círculo disforme de Myrddraal e alguns homens e mulheres que reparou de relance. Cães uivavam a distância, e Perrin soube que estavam caçando alguma coisa. O cheiro de Myrddraal e o fedor de enxofre saturavam o ar. Os pelos da nuca de Perrin se eriçaram.

O círculo de Myrddraal e pessoas aproximou-se de Rand, todos caminhando como sonâmbulos. E Rand começou a matá-los. Bolas de fogo voaram de suas mãos e queimaram dois. Raios caíram do céu e paralisaram outros. Barras de luz que pareciam aço branco de tão incandescente voaram

de seus punhos em direção a mais outros. Os sobreviventes continuavam a se aproximar devagar, como se não vissem o que estava acontecendo. Morreram um a um, até que não sobrou ninguém, e Rand caiu de joelhos, ofegante. Perrin não tinha certeza de que ele ria ou chorava, parecia um pouco dos dois.

Silhuetas surgiram dos aclives, mais gente chegando, mais Myrddraal, todos atrás de Rand.

Perrin levou as mãos em concha à boca.

— Rand! Rand, tem mais vindo!

O rapaz olhou para cima ainda agachado, rosnando, o suor escorrendo pelo rosto.

— Rand, eles estão…!

— Que o queime! — uivou o amigo.

A luz ardeu os olhos de Perrin, a dor queimou-o inteiro.

* * *

Gemendo, ele se encolheu na cama estreita em posição fetal, a luz ainda queimando atrás de suas pálpebras. Seu peito doía. Ele levou as mãos ao peitoral e estremeceu ao sentir uma queimadura sob a camisa, não maior que uma moeda de prata.

Pouco a pouco, forçou os músculos retesados, esticou as pernas e estirou-se na cabine escura. *Moiraine. Dessa vez, tenho que contar a Moiraine. Só preciso esperar a dor passar.*

Porém, quando a dor começou a se esvair, a exaustão o consumiu. Ele mal conseguiu pensar que precisava se levantar antes que o sono o envolvesse outra vez.

Quando abriu os olhos de novo, viu que estava deitado, encarando as vigas no teto. A luz que entrava pelas frestas da porta informava que a manhã já havia chegado. Ele pôs a mão no peito para se convencer de que tudo fora imaginação, uma imaginação tão vívida que ele de fato sentira uma queimadura…

Seus dedos encontraram a queimadura. *Então não foi imaginação.* Ele teve vagas lembranças em relação a outros sonhos, que sumiram assim que se recordou. Sonhos corriqueiros. Até sentia que tivera uma boa noite de

sono. *E poderia ter outra agorinha mesmo.* Mas isso significava que ele podia dormir. *Desde que não haja lobos por perto, de qualquer forma.*

Ele se lembrou de ter tomado uma decisão naquele breve despertar depois do sonho com Saltador, e após um instante concluiu que era uma boa decisão.

Para encontrar Moiraine, foi preciso bater em cinco portas e ser xingado duas vezes — os habitantes de duas cabines haviam saído para o deque. Ela estava vestida, sentada de pernas cruzadas em uma das camas estreitas, lendo seu caderno de anotações à luz de um lampião. Perrin reparou que o caderno estava aberto no início, na parte das anotações que ela devia ter feito antes de chegar a Campo de Emond. Os pertences de Lan estavam organizados sobre a outra cama.

— Eu tive um sonho — contou, e começou a relatá-lo. Contou tudo. Até levantou a camisa para mostrar o pequeno círculo vermelho no peito, com linhas onduladas saindo do centro. Escondera coisas dela antes, e suspeitava que o faria outra vez, mas talvez aquilo fosse importante demais para não contar. O parafuso era a menor peça de uma tesoura e a mais fácil de se fazer, mas sem ele a tesoura não funcionava. Quando terminou, ficou parado, esperando.

Ela o observara sem expressão, exceto pelos olhos negros que haviam examinado, pesado, medido, considerando cada palavra que saíra da boca dele. Ela estava sentada na mesma posição, mas dessa vez era a ele que examinava, pesava, media e considerava.

— Então, é importante? — inquiriu ele, por fim. — Acho que foi um daqueles sonhos de lobo de que você falou. Tenho certeza, só pode ter sido! Mas isso não torna real o que eu vi. Só que você disse que talvez alguns dos Abandonados estejam à solta, e ele a chamou de Lanfear, e… é importante ou estou aqui parado fazendo papel de idiota?

— Existem mulheres — respondeu ela, devagar — que fariam de tudo para amansá-lo se ouvissem o que acabou de me contar. — Ele sentiu os pulmões congelarem. Não conseguia respirar. — Não estou acusando você de ser capaz de canalizar — prosseguiu, e o gelo dentro dele derreteu —, nem sequer de ser capaz de aprender. Uma tentativa de amansamento não lhe faria mal algum, a não ser pelo tratamento rude que receberia da Ajah Vermelha antes que elas percebessem o erro. Homens assim são tão raros que nem as Vermelhas, apesar de todas as suas buscas, encontraram mais de

três nos últimos dez anos. Pelo menos antes da epidemia de falsos Dragões. O que estou tentando deixar claro é que não acho que você vá começar a manipular o Poder de uma hora para outra. Não precisa ter medo disso.

— Ora, muito obrigado — retrucou ele, em um tom amargo. — Não precisava ter me assustado tanto só para depois vir dizer que não tenho motivo para me preocupar!

— Ah, mas há motivo para se preocupar. Ou pelo menos para ser cauteloso, como sugeriu o lobo. Irmãs Vermelhas, ou outras, podem matá-lo antes de descobrirem que você não precisa ser amansado.

— Luz! Que a Luz me queime! — Ele a encarou com o rosto franzido. — Você está tentando me levar na rédea curta, Moiraine, mas eu não sou um bezerrinho, nem ando com aro no nariz. A Ajah Vermelha ou alguma outra não pensaria em me amansar, a não ser que houvesse algo de real em tudo o que eu sonhei. Isso quer dizer que os Abandonados estão à solta?

— Eu já disse que pode ser que sim. Alguns deles. Seus… sonhos não são nada do que eu imaginei que seriam, Perrin. Sonhadores escreveram a respeito dos lobos, mas eu não esperava algo assim.

— Bem, acho que foi real. Acho que vi uma coisa que aconteceu de verdade, uma coisa que eu não deveria ter visto. — *O que precisa ver.* — Acho que, no mínimo, Lanfear está à solta. O que você vai fazer?

— Vou para Illian. E depois para Tear, onde espero chegar antes de Rand. Tivemos que deixar Remen depressa demais para que Lan conseguisse descobrir se ele cruzou ou desceu o rio. Mas vamos descobrir antes de chegar a Illian. Se ele tiver seguido por aqui, encontraremos sinais. — Ela olhou o caderno como se quisesse retomar a leitura.

— É só isso que você vai fazer? Com Lanfear à solta, e sabe a Luz mais quantos outros?

— Não me questione — retorquiu, fria. — Você não sabe que perguntas fazer e compreenderia menos da metade das respostas, se eu as desse. E não darei.

Ele mudou de posição sob aquele olhar até ter certeza de que ela não falaria mais sobre o assunto. A camisa machucava ao encostar na queimadura em seu peito. Não parecia um ferimento muito feio — *Não para uma ferida causada por um raio, não mesmo!* —, mas como ele o havia adquirido era outra história.

— É… você pode curar isso?

— Já não se incomoda mais se o Poder Único for usado em você, Perrin? Não, não vou curar isso. Não é nada sério, e vai servir de lembrança para você ser cauteloso. — Cauteloso ao pressioná-la, ele sabia, mas também em relação aos sonhos e ao quanto revelava aos outros. — Mais alguma coisa, Perrin?

Ele começou a se dirigir à porta, mas parou.

— Tem uma coisa. Se soubesse que uma mulher se chama Zarine, acharia que o nome tem algum significado?

— Por quê, sob a Luz, está me fazendo essa pergunta?

— Uma garota — respondeu, constrangido. — Uma moça. Que eu conheci ontem à noite. É um dos outros passageiros. — Ele deixaria Moiraine descobrir sozinha que Zarine sabia que ela era Aes Sedai. E que parecia acreditar que eles poderiam conduzi-la até a Trombeta de Valere. Não esconderia nada que considerasse importante, mas, se Moiraine podia ser misteriosa, ele também podia.

— Zarine. É um nome de Saldaea. Mulher alguma daria esse nome à filha sem a certeza de que a moça seria de uma beleza estonteante. E destruidora de corações. Uma mulher que existe para ocupar almofadas palacianas, rodeada de servos e pretendentes. — Ela sorriu, um sorriso breve, mas que revelava bom humor. — Talvez tenha mais uma razão para tomar cuidado, Perrin, se há uma Zarine a bordo conosco.

— Eu pretendo tomar cuidado — respondeu. Pelo menos entendia por que Zarine não gostava do próprio nome. Pouco apropriado para uma Caçadora da Trombeta. *Contanto que ela não se chame de "falcão"*.

Quando chegou no deque, viu que Lan estava lá, observando Mandarb. E Zarine estava sentada em um rolo de corda perto do gradil, afiando uma das facas e olhando para ele. Com as grandes velas triangulares armadas e tesas, o *Ganso das Neves* seguia rio abaixo.

Zarine acompanhou Perrin com os olhos enquanto ele caminhava até a proa, para perto dela. A água formava ondas dos dois lados, como terra revolvida por um bom arado. Ele pensou nos sonhos e nos homens de Aiel, nas visões de Min e nos falcões. Seu peito doía. A vida *nunca* estivera tão confusa.

* * *

Rand despertou de um sono exaustivo, ofegante, o manto que usava como cobertor quase caindo. Um lado de seu corpo doía: era a antiga ferida de Falme latejando. A fogueira ardera até virar carvão, e só restavam algumas chamas tremulantes, mas ainda suficientes para movimentar as sombras. *Era Perrin. Era! Era* ele, *não era um sonho. De alguma forma. Eu quase o matei! Luz, preciso ter cuidado!*

Tremendo, ele pegou um pedaço de carvalho e começou a enfiar no carvão. As árvores eram escassas naquelas colinas murandianas, ainda perto do Manetherendrelle, mas ele encontrara no chão ramos suficientes para uma fogueira. A madeira era velha o bastante para ser curada a contento, mas não estava podre. Antes que o carvalho tocasse o carvão, ele parou. Cavalos se aproximavam, uns dez ou doze, vindo devagar. *Preciso ter cuidado. Não posso cometer outro erro.*

Os cavalos andaram em direção ao fogo fraco, adentraram a luz baixa e pararam. As sombras ocultavam os cavaleiros, mas a maioria parecia ser homens carrancudos com capacetes redondos e longos coletes cobertos de discos de metal que pareciam escamas de peixe. Um deles era uma mulher de cabelos grisalhos e expressão séria. Seu vestido escuro era todo feito de lã, mas da trama mais delicada, e adornado com um broche de prata no formato de um leão. Uma mercadora, ao que parecia. Conhecia o tipo pelos mercadores que iam comprar lã e tabaco em Dois Rios. Uma mercadora e seus guardas.

Preciso ter cuidado, pensou, ao levantar. *Não posso errar.*

— Escolheu um bom local para acampar, jovem — disse a mulher. — Já fiquei aqui várias vezes a caminho de Remen. Há uma pequena fonte aqui perto. Imagino que não se incomodaria em dividir o espaço comigo. — Os guardas já desmontavam dos cavalos, arrancando os cinturões e soltando as cilhas das selas.

— Não — respondeu Rand. *Cuidado.* Com dois passos, ele se aproximou o suficiente e deu um salto, girando. Flutuar da Flor de Cardo ao Vendaval. Uma espada de fogo com a marca da garça surgiu em suas mãos e arrancou fora a cabeça da mulher antes mesmo que a surpresa se formasse no rosto dela. *Ela era a mais perigosa.*

Rand pousou no chão enquanto a cabeça da mulher rolava pela traseira do cavalo. Os guardas gritaram e agarraram as próprias espadas, urrando ao perceber que a dele queimava. Ele dançou entre os homens com as formas

que Lan ensinara. Sabia que poderia ter matado todos com aço comum, mas a lâmina que manejava era parte dele. O último homem caiu. Tudo fora tão parecido com a prática das formas que ele já começara a embainhar a espada com a chamada Dobra do Leque quando lembrou que não usava bainha e que, se usasse, a lâmina a transformaria em cinzas.

Deixando a espada desaparecer, ele se virou para examinar os cavalos. A maioria fugira, mas alguns não haviam ido muito longe, e o capão alto da mulher estava parado, relinchando e revirando os olhos, perturbado. O corpo sem cabeça, estendido no chão, ainda segurava as rédeas com firmeza, puxando a cabeça do animal para baixo.

Rand soltou as rédeas, parando apenas para reunir seus poucos pertences antes de dar um giro e subir na sela. *Preciso ter cuidado*, ele pensou, enquanto olhava os mortos. *Não posso errar.*

O Poder ainda o preenchia, o fluxo de *saidin* mais doce que mel, mais rançoso que carne apodrecida. De repente, ele canalizou. Não entendia muito o que fazia, ou como, mas parecia certo e funcionava. Ergueu os corpos. Pousou-os todos em uma fileira, ajoelhados diante de si, com os rostos na lama. Os que ainda tinham rostos. De joelhos diante dele.

— Se eu *sou* o Dragão Renascido — disse a eles —, é assim que tem que ser, não é? — Largar *saidin* era difícil, mas ele conseguiu. *Se eu segurar por muito tempo, como vou manter a loucura afastada?* Soltou uma risada amarga. *Ou será que é muito tarde para isso?*

Com a testa franzida, observou a fileira. Estava certo de que havia apenas dez homens, mas agora onze ajoelhavam-se em linha, um deles sem qualquer tipo de armadura, mas com uma adaga ainda na mão.

— Escolheu as companhias erradas — falou para o homem.

Ele rodopiou o capão, fincou os calcanhares no animal e o pôs a galope noite adentro. Seria uma longa viagem até Tear, mas pretendia avançar pelo caminho mais curto, mesmo que fosse preciso roubar ou matar cavalos. *Vou pôr um fim nisso. Na zombaria. Nas iscas. Vou acabar com tudo! Callandor.* Ela o chamava.



CAPÍTULO 37



Fogo em Cairhien

Egwene deu um gracioso aceno de cabeça em resposta à mesura respeitosa do tripulante do navio que passou por ela, descalço, a caminho de puxar uma corda que já parecia bastante tesa, quem sabe para alterar milimetricamente o posicionamento de uma das grandes velas quadradas. Ao retornar para onde se encontrava o capitão de rosto redondo, ao lado do timoneiro, ele se curvou mais uma vez, e ela outra vez respondeu com um aceno, antes de voltar a atenção para a costa de Cairhien, coberta de florestas e separada do *Garça Azul* por menos de vinte braças de água.

Estavam passando por uma aldeia, ou o que um dia havia sido uma aldeia. Metade das casas fora reduzida a pilhas de entulho fumegantes, com chaminés se projetando das ruínas. Nas casas que ainda estavam de pé, portas balançavam ao vento, e peças de mobília, farrapos de roupas e artigos domésticos emporcalhavam as ruas imundas, espalhados como se tivessem sido atirados de qualquer jeito. Não havia vida naquele lugar, exceto por um cão meio faminto que ignorou a passagem do navio e seguiu trotando até desaparecer por detrás das paredes tombadas do que parecia uma estalagem. Não tinha como ver uma imagem daquelas sem sentir um embrulho no estômago, mas tentou manter o controle e a serenidade que julgava necessárias a uma Aes Sedai. Não ajudou muito. Para além da aldeia, uma espessa coluna de fumaça se elevava no céu. A três ou quatro milhas de distância, estimou.

Não era a primeira coluna de fumaça que via desde que o Erinin começara a correr pela costa de Cairhien, nem a primeira aldeia incendiada. Pelo menos daquela vez não havia corpos à vista. Às vezes o Capitão Ellisor precisava navegar bem perto da costa cairhiena, por conta dos atoleiros — segundo o capitão, eles mudavam de lugar naquela parte do rio; entretanto, por mais perto que chegassem, ela ainda não vira vivalma.

A aldeia e a fumaça ficaram para trás, mas logo outra coluna de fumaça surgiu à vista, mais longe do rio. A floresta foi ficando mais esparsa, freixos, folhas-de-couro e sabugueiros deram lugar a salgueiros, abetos e carvalhos, além de outras árvores que ela não reconheceu.

O vento balançava seu manto, mas ela o deixou drapejar, sentindo a pureza fria do ar, sentindo a liberdade de usar marrom, em vez de qualquer tipo de branco, ainda que marrom não tivesse sido sua primeira escolha. Mesmo assim, o vestido e o manto eram feitos da melhor lã, muito bem cortados e cerzidos.

Outro marinheiro veio andando e fez uma mesura ao passar. Ela jurou que aprenderia pelo menos um pouco do que os homens estavam fazendo, pois não gostava de se sentir ignorante. O anel da Grande Serpente na mão direita lhe rendia um bom número de mesuras, já que o capitão e quase toda a tripulação haviam nascido em Tar Valon.

Ela vencera a discussão sobre se passarem por Aes Sedai, embora a outra tivesse certeza com Nynaeve de que era a única das três com idade suficiente para se passar por Aes Sedai completa. Nynaeve, porém, estava errada. Egwene tinha de admitir que, quando embarcaram no *Garça Azul* ainda naquela tarde, na Baía do Sul, tanto ela quanto Elayne haviam recebido olhares surpresos, e o Capitão Ellisor erguera as sobrancelhas quase até chegarem onde seus cabelos começariam, se tivesse algum, mas fora todo sorrisos e reverências.

— Uma honra, Aes Sedai. Três Aes Sedai em minha embarcação? Uma verdadeira honra. Prometo uma rápida viagem para onde quer que desejem ir. E não terão nenhum problema com bandidos cairhienos. Não atraco mais daquele lado do rio. A não ser que as Aes Sedai desejem, naturalmente. Os soldados andorianos controlam algumas cidades do lado cairhieno. Uma honra, Aes Sedai.

As sobrancelhas do homem se levantaram outra vez quando elas pediram apenas uma cabine para as três, já que nem mesmo Nynaeve queria passar as

noites sozinha, se não fosse necessário. Cada uma poderia ocupar uma cabine particular sem custos extras, ele informou. Não tinha outros passageiros, a carga já estava toda embarcada, e, se Aes Sedai tinham negócios urgentes a tratar ao sul do rio, ele não esperaria nem mais uma hora por qualquer um que quisesse subir a bordo. Elas garantiram que uma cabine seria suficiente.

O homem ficara surpreso, e a expressão em seu rosto demonstrara que ele não compreendia o motivo, mas Chin Ellisor, nascido e criado em Tar Valon, jamais questionaria Aes Sedai que já tivessem manifestado sua vontade. Mesmo que duas delas parecessem jovens demais… Bem, algumas Aes Sedai eram mesmo jovens.

As ruínas abandonadas desapareceram atrás de Egwene. A coluna de fumaça ficou mais próxima, e outra já parecia surgir ainda mais ao longe, na margem do rio. A floresta estava se transformando em colinas baixas, cobertas de grama e entremeadas de moitas. As árvores já exibiam as flores da primavera, pequeninos botões de madressilvas brancas e olmos vermelho vivo. Uma árvore que ela não conhecia estava repleta de flores brancas e redondas, maiores que suas mãos juntas. Em alguns pontos uma rosa trepadeira salpicava fileiras de amarelo ou branco pelos galhos grossos, cheios do verde das folhas e do vermelho dos brotos novos. O contraste com as cinzas e os entulhos era forte demais para que a visão fosse inteiramente agradável.

Egwene desejou que ali houvesse uma Aes Sedai, para que lhe fizesse perguntas. Uma em quem pudesse confiar. Ela passou os dedos pela bolsa e mal sentiu o aro de pedra retorcida do *ter'angreal* guardado ali dentro.

Tentara todas as noites desde a partida de Tar Valon, exceto duas, e o anel não funcionara duas vezes da mesma forma. Sim, ela sempre ia parar em *Tel'aran'rhiod*, mas a única coisa que via e que talvez pudesse ajudar era o Coração da Pedra, no entanto, Silvie nunca estava lá para explicar as coisas. E certamente não viu nada em relação à Ajah Negra.

Seus próprios sonhos sem o *ter'angreal* eram repletos de imagens que quase pareciam lampejos do Mundo Invisível. Rand erguendo uma espada brilhante como o sol, reluzindo até que ela mal conseguisse distingui-la, até que ela mal conseguisse distinguir até mesmo o jovem que a segurava. Rand ameaçado de inúmeras formas, nenhuma delas minimamente real. Em um dos sonhos, ele estava em um gigantesco tabuleiro de pedras, diante de enormes

blocos brancos e pretos, desviando-se das mãos monstruosas que moviam os blocos, tentando esmagá-lo. Aquilo podia significar alguma coisa. Era provável que significasse, mas, além do fato de que Rand estava correndo perigo nas mãos de uma pessoa, ou de duas pessoas — achava que pelo menos aquilo estava claro —, ela simplesmente não conseguia extrair qualquer outro significado. *Não posso ajudá-lo agora. Tenho minhas próprias obrigações. Nem sei onde ele está, tudo o que sei é que deve estar a umas quinhentas léguas daqui*.

Ela havia sonhado com Perrin junto de um lobo, depois de um falcão e de um gavião — o falcão e o gavião brigavam. E também com Perrin fugindo de alguém muito perigoso, depois avançando por vontade própria para a borda de um desfiladeiro e dizendo: "É o que precisa ser feito. Preciso aprender a voar antes de chegar lá embaixo." Sonhara com um Aiel, e achou que aquilo também tinha a ver com Perrin, mas não teve certeza. E sonhara com Min acionando uma armadilha de aço, mas depois passando por ela sem sequer reparar. E também sonhara com Mat. Dados girando ao redor dele — ela sentia que sabia o motivo desse —, Mat sendo seguido por um homem que não estava lá — esse ela ainda não compreendia: um sujeito o seguia, ou talvez dois, mas, de alguma forma, não havia ninguém. Mat cavalgando desesperado em direção a algo invisível a distância, algo que ele precisava alcançar. E Mat com uma mulher que parecia lançar fogos de artifício. Uma Iluminadora, presumiu, mas aquele sonho fazia tão pouco sentido quanto todos os outros.

Tivera tantos sonhos que já começava a duvidar de todos eles. Talvez tivesse algo a ver com o uso excessivo do *ter'angreal* ou talvez fosse apenas por carregá-lo. Talvez finalmente estivesse começando a entender o que era ser uma Sonhadora. Sonhos frenéticos, sonhos agitados. Homens e mulheres irrompendo de jaulas, depois sendo coroados. Uma mulher brincava com marionetes em um sonho; em outro, as cordas das marionetes eram comandadas por bonecos maiores, cujas cordas eram movidas por bonecos ainda maiores, infinitamente, até que as cordas levassem a marionetes de tamanhos imensuráveis. Sonhou com a morte de reis, o pranto de rainhas e o fulgor das batalhas. Até sonhou novamente com os Seanchan. Mais de uma vez. Trancava esses sonhos em um canto escuro, não se permitia pensar a respeito. E também sonhava com sua mãe e seu pai, todas as noites.

Pelo menos tinha certeza do significado desses sonhos, ou acreditava que tinha. *Querem dizer que estou à caça da Ajah Negra, e que não sei o que meus sonhos significam, nem como fazer esse maldito* ter'angreal *funcionar, e estou assustada, e… com saudades de casa.* Por um instante, pensou em como seria bom que sua mãe a mandasse para a cama, e ela obedecesse sabendo que tudo estaria melhor pela manhã. *Só que minha mãe não pode mais resolver meus problemas para mim, e meu pai não pode mais me tranquilizar com a promessa de que caçará os monstros. Agora, tenho que fazer isso sozinha.*

Aquilo tudo era um passado tão distante… Não que o quisesse de volta, não mesmo, mas fora uma época tão acolhedora, parecia ter acontecido havia tanto tempo. Seria maravilhoso se pudesse apenas ver seus pais outra vez, ouvir suas vozes. *Farei isso quando tiver conquistado o direito de usar este anel no dedo que eu escolher.*

Ela deixara Nynaeve e Elayne tentarem dormir uma noite com o anel de pedra — surpresa com a relutância que sentiu ao entregá-lo —, e as duas acordaram contando sobre um lugar que com certeza era *Tel'aran'rhiod*, mas nenhuma tivera mais do que um vislumbre do Coração da Pedra ou de qualquer outra coisa útil.

A espessa coluna de fumaça naquele momento passava bem ao lado do *Garça Azul*. Julgou que estivesse a umas cinco ou seis milhas do rio. A outra já virara apenas um borrão no horizonte. Poderia pensar se tratar de uma nuvem, se já não soubesse o que era. Pequenas moitas cresciam bem rente à margem em alguns trechos, e entre elas a grama descia quase até a água, exceto nos pontos de maior erosão.

Elayne foi até o convés e juntou-se a ela no gradil, o vento açoitando seu manto escuro assim como fazia com o de Egwene. A jovem também vestia lã simples. Fora uma das discussões que Nynaeve vencera. As roupas. Pensando nas sedas que usava em *Tel'aran'rhiod*, Egwene argumentara que as Aes Sedai sempre usavam roupas finas, mesmo em viagens, mas Nynaeve rebateu dizendo que, mesmo com a quantidade de ouro que a Amyrlin deixara em seu guarda-roupa, e fora uma bolsa bem gorda, elas ainda não faziam ideia de quanto as coisas custariam ao sul do rio. Ouviram os servos dizerem que Mat estava certo a respeito da guerra civil em Cairhien e do que ela fizera com os preços. Para espanto de Egwene, Elayne apontara que as irmãs Marrom usavam lã com mais frequência do que seda. A Filha-herdeira

estava tão ansiosa para se livrar da cozinha, concluiu Egwene, que teria usado até trapos.

Como será que está o Mat? Não duvido que esteja tentando jogar dados com o capitão, seja lá em que navio estiver.

— Terrível — murmurou Elayne. — É tão terrível.

— O quê? — perguntou Egwene, absorta. *Espero que ele não esteja exibindo demais o papel que demos.*

Elayne lançou um olhar surpreso à amiga, então franziu o rosto.

— Aquilo! — Ela apontou para a fumaça a distância. — Como é que você consegue ignorar uma coisa dessas?

— Consigo ignorar porque não quero pensar no que as pessoas devem estar passando, porque não posso fazer nada a respeito e porque temos que chegar a Tear. O que estamos caçando está em Tear. — Ela se surpreendeu com a própria veemência. *Não posso fazer* nada *a respeito. E a Ajah Negra está em Tear.*

Quanto mais pensava no assunto, mais tinha certeza de que precisariam dar um jeito de chegar ao Coração da Pedra. Talvez ninguém além dos Grão-lordes de Tear tivesse permissão para adentrá-lo, mas ela estava começando a se convencer de que a chave para acionar a armadilha e frustrar os planos da Ajah Negra estava no Coração da Pedra.

— Já sei disso tudo, Egwene. Mas isso não me impede de me sentir mal pelos cairhienos.

— Ouvi aulas sobre as guerras entre Andor e Cairhien — retrucou Egwene, seca. — Bennae Sedai disse que vocês e Cairhien guerrearam mais que qualquer outra nação, exceto Tear e Illian.

A outra mulher a olhou de soslaio. Elayne jamais se acostumara com a recusa de Egwene em admitir que ela mesma era andoriana. As linhas dos mapas afirmavam que Dois Rios era parte de Andor, e Elayne acreditava nos mapas.

— Guerreamos contra eles, sim, Egwene, mas, desde o estrago que sofreram na Guerra dos Aiel, compraram quase tanto cereal de Andor quanto de Tear. Agora os negócios foram interrompidos. Enquanto todas as Casas cairhienas lutam entre si pelo Trono do Sol, quem é que vai comprar os grãos ou distribuí-los ao povo? Se a luta estiver tão grave quanto o que vimos na costa… bem. Não se pode alimentar um povo por vinte anos e não sentir nada ao saber que devem estar passando fome.

— Um Homem Cinza — disse Egwene.

Elayne deu um salto, tentando olhar em todas as direções ao mesmo tempo. O brilho tênue de *saidar* a envolveu.

— Onde?

Egwene examinou o convés bem devagar, tentando garantir que ninguém estivesse perto o suficiente para escutar. O Capitão Ellisor permanecia parado na popa, ao lado do homem sem camisa que segurava o comprido timão. Havia um marinheiro bem na frente da proa, esquadrinhando as águas em busca de algum sinal de atoleiros, e dois outros caminhavam pelo convés, vez ou outra ajustando uma corda das velas. O restante da tripulação estava nos deques de baixo. Um dos dois homens parou para conferir as amarras do bote atado de cabeça para baixo no convés. Ela aguardou que ele fosse embora e só depois falou.

— Idiota! — resmungou, baixinho. — Eu, Elayne, não você, então não venha com essa cara feia para cima de mim — continuou sussurrando. — Tem um Homem Cinza atrás de Mat, Elayne. Acho que foi isso que o sonho quis dizer, mas eu não tinha entendido. Sou *mesmo* uma idiota!

O brilho tênue ao redor de Elayne se esvaneceu.

— Não seja tão dura consigo mesma — sussurrou em resposta. — Talvez signifique mesmo isso, mas eu não percebi, e nem Nynaeve. — Ela fez uma pausa e balançou a cabeça, agitando os cachos louros acobreados. — Mas não faz sentido, Egwene. Por que um Homem Cinza estaria atrás de Mat? Não há nada na carta para minha mãe que possa nos causar qualquer mal.

— Não sei por quê. — Egwene franziu a testa. — Mas tem que ter um motivo. Tenho certeza de que esse é o significado do sonho.

— Mesmo que você esteja certa, Egwene, não há nada que possa fazer.

— Eu sei disso — respondeu em um tom amargo. Ela nem sequer sabia se ele estava mais à frente ou mais atrás delas. Suspeitava que estivesse mais à frente: Mat decerto partira sem demora. — Seja como for — resmungou para si mesma —, não adianta de nada. Finalmente descubro o significado de um dos meus sonhos, e não adianta nadica de nada!

— Mas, agora que você desvendou um dos sonhos — ponderou Elayne —, talvez consiga entender outros. Se a gente se sentar e discutir, quem sabe…

De repente o *Garça Azul* deu uma guinada, derrubando Elayne no convés e fazendo Egwene cair por cima. Quando Egwene se levantou, com certa dificuldade, a linha da costa já não passava veloz ao lado delas. A embarcação havia parado, a proa estava erguida, e o convés, inclinado. As velas drapejavam ao vento, fazendo barulho.

Chin Ellisor ficou de pé e correu até a proa, deixando o timoneiro se levantar sozinho.

— Seu verme de um fazendeiro caolho! — rosnou para o homem na proa, que se segurava ao gradil tentando evitar a queda até o deque. — Seu verme de bosta de bode! Já não está no rio há tempo suficiente para saber reconhecer as ondulações de um atoleiro? — Ele agarrou o homem pelos ombros e puxou-o de volta para o convés, apenas para atirá-lo longe e poder se inclinar no gradil para observar a proa com seus próprios olhos. — Se tiver esburacado meu casco, vou usar suas tripas na calafetagem!

Os outros tripulantes estavam se levantando, cambaleantes, e mais outros vinham subindo dos andares de baixo. Todos correram e se agruparam em volta do capitão.

Nynaeve surgiu no alto das escadas que levavam às cabines dos passageiros ainda ajeitando as saias. Com um puxão forte na trança, olhou de cara feia para o bando de homens na proa, depois avançou até Egwene e Elayne.

— Ele bateu em alguma coisa, não foi? Depois de toda essa conversa sobre conhecer o rio tão bem quanto conhece a esposa. A mulher não deve receber nem um sorriso dele. — Ela deu mais um puxão na trança e seguiu adiante, abrindo caminho por entre os marinheiros até encontrar o capitão. Todos estavam concentrados na água sob o navio.

Não havia razão para segui-la. *Ele vai resolver o problema mais depressa se for deixado quieto.* Nynaeve decerto estava ensinando o bom homem a fazer seu próprio trabalho. Elayne parecia pensar o mesmo, já que balançava a cabeça com pesar ao observar o capitão e todos os tripulantes respeitosamente voltarem a atenção para Nynaeve, esquecendo o que quer que houvesse sob a proa.

Uma onda de agitação percorreu os homens e ganhou força. Por um instante, foi possível ver as mãos do capitão acenando em protesto sobre as cabeças dos outros homens. Depois disso Nynaeve se afastou, irritada, e os homens abriram caminho, curvando-se em reverências. Ellisor pôs-se a

correr ao lado dela, esfregando o rosto redondo com um grande lenço vermelho. Sua voz ansiosa tornou-se audível quando os dois se aproximaram.

— …umas boas quinze milhas até a próxima aldeia pelo lado de Andor, Aes Sedai, e pelo menos cinco ou seis milhas ao sul do rio pelo lado de Cairhien! As tropas andorianas estão ocupando a cidade, é verdade, mas não ocupam as milhas daqui até lá! — Ele esfregou o rosto, como se estivesse gotejando de suor.

— Um navio naufragado — explicou Nynaeve às outras duas. — O capitão acha que é obra de bandidos do rio. Pretende tentar recuar com os remos, mas não acredita que a ideia vá funcionar.

— Estávamos indo muito depressa quando batemos, Aes Sedai. Queria manter uma boa velocidade para as senhoras. — Ellisor esfregou o rosto com mais força. Egwene percebeu que o homem estava com medo de que as Aes Sedai o responsabilizassem. — Estamos encalhados. Mas acho que não está entrando água, Aes Sedai. Não há razão para se preocupar. Outro navio deve chegar em pouco tempo. Mais um grupo de remos, e com certeza vamos nos libertar. As senhoras não precisam ir para a costa, Aes Sedai. Eu juro pela Luz.

— Estava pensando em deixar o navio? — perguntou Egwene. — Acha que é prudente?

— É claro que… — Nynaeve parou e franziu a testa para ela. Egwene retribuiu a carranca com um olhar impassível. Ela prosseguiu em um tom mais calmo, porém ainda firme: — O capitão disse que deve levar uma hora até que outro navio apareça. Um com remos suficientes para fazer alguma diferença. Ou um dia. Ou dois, talvez. Acho que não podemos nos dar ao luxo de perder um ou dois dias esperando. Conseguiremos chegar a essa aldeia… Como é que se chama, capitão? Jurene? Conseguiremos chegar a Jurene com umas duas horas ou menos de caminhada. Se o Capitão Ellisor liberar a embarcação tão depressa quanto o esperado, subimos a bordo outra vez. Ele disse que vai parar para ver se ainda estamos por lá. Se ele não conseguir, poderemos pegar um navio lá mesmo. Talvez a gente até consiga encontrar uma embarcação esperando para zarpar. O capitão disse que os mercadores fazem paradas lá, por causa dos soldados andorianos. — Ela parou para respirar fundo, mas sua voz ficou ainda mais firme. — Expliquei meus motivos com clareza? Ou ainda precisam de mais?

— Está bem claro para mim — respondeu Elayne, mais do que depressa, antes que Egwene pudesse falar. — E parece uma boa ideia. Você também acha uma boa ideia, não é, Egwene?

A mulher assentiu de má vontade.

— Acho que sim.

— Mas, Aes Sedai — protestou Ellisor —, pelo menos vá pela costa de Andor. A guerra, Aes Sedai. Bandidos, todo tipo de rufiões e os soldados não ficam atrás. Esse navio naufragado sob a proa já é uma boa indicação do tipo de homens que eles são.

— Não vimos vivalma no lado de Cairhien — retrucou Nynaeve. — E, de qualquer forma, estamos muito longe de ser indefesas, capitão. E não vou caminhar quinze milhas se posso andar apenas seis.

— É claro, Aes Sedai. — Ellisor passou a suar de verdade. — Não foi minha intenção insinuar… É claro que as senhoras não são indefesas, Aes Sedai. Não foi minha intenção insinuar uma coisa dessas. — Mesmo esfregando o rosto furiosamente, o homem ainda brilhava de suor.

Nynaeve abriu a boca, olhou para Egwene e pareceu mudar o que pretendia dizer.

— Vou descer para pegar minhas coisas — disse, olhando para o ar entre Egwene e Elayne, então virou-se para Ellisor. — Capitão, apronte o bote.

O homem fez uma mesura e saiu correndo antes mesmo que ela se virasse para a escotilha, e antes que ela descesse já tinha começado a gritar as ordens para que o bote fosse baixado na lateral.

— Se uma de vocês diz “para cima” — resmungou Elayne —, a outra diz “para baixo”. Se não pararem com isso, não vamos conseguir chegar a Tear.

— Vamos chegar a Tear — retorquiu Egwene. — E chegaremos mais cedo se Nynaeve perceber que não é mais a Sabedoria. Nós três somos… — Ela não podia dizer “Aceitas”, havia muitos homens correndo de um lado para o outro. — Estamos no mesmo nível, agora.

Elayne soltou um suspiro.

Em pouco tempo, o bote a remos as deixou na costa, e as três se viram na margem com os cajados nas mãos e os pertences embrulhados em trouxas cheias de bolsas e papéis pendurados nas costas. Ao redor delas havia apenas a grama e alguns bosques esparsos, mas a algumas milhas do rio as colinas eram cobertas de florestas. Os remos do *Garça Azul* produziam espuma, mas não conseguiam mover a embarcação. Egwene se virou e

começou a caminhar em direção ao sul sem olhar para trás. E antes que Nynaeve assumisse a liderança.

Quando as outras duas a alcançaram, Elayne lhe lançou um olhar de reprovação. Nynaeve caminhava olhando para a frente. Depois, a Filha-herdeira contou a Nynaeve o que Egwene dissera sobre Mat e um Homem Cinza, mas a mulher mais velha escutou em silêncio, respondendo apenas "Ele terá que cuidar de si mesmo", sem reduzir o ritmo. Depois de um tempo, Elayne desistiu de fazer as outras duas conversarem, e as três caminharam em silêncio.

Carvalhos e salgueiros ao longo da margem do rio logo encobriram a visão que tinham do *Garça Azul*. Não seguiram pelos bosques, ainda que fossem pequenos, pois qualquer coisa poderia estar escondida nas sombras dos galhos. Alguns arbustos baixos cresciam espaçados entre as moitas perto do rio, mas eram esparsos demais para esconder sequer uma criança, muito menos um bandido, e os espaços entre eles eram bem amplos.

— Se virmos bandidos — anunciou Egwene —, vou me defender. Não tem nenhuma Amyrlin aqui, de olho na gente.

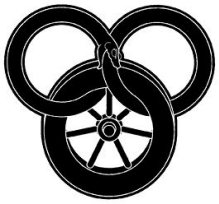
Nynaeve apertou os lábios.

— Se for preciso — retrucou, os olhos fixos à frente —, podemos assustar qualquer ladrão do mesmo jeito que fizemos com os Mantos-brancos. Se não tivermos outra saída.

— Preferia que vocês não falassem sobre bandidos — comentou Elayne — Quero chegar à aldeia sem…

Quase na frente delas, uma figura vestida de marrom e cinza irrompeu de um arbusto solitário.

CAPÍTULO 38



Donzelas da Lança

Egwene abraçou *saidar* antes mesmo que o grito saísse de sua boca, e também notou o brilho tênue ao redor de Elayne. Por um instante, perguntou-se se Ellisor teria ouvido seus gritos e enviaria socorro, pois o *Garça Azul* não podia estar a mais de uma milha rio acima. Na mesma hora, dispensou a necessidade de ajuda, transformando fluxos de Ar e Fogo em raios, antes mesmo de parar de gritar.

Nynaeve simplesmente ficou parada de braços cruzados, uma expressão firme no rosto, mas Egwene não sabia ao certo se era porque não estava irritada o bastante para tocar a Fonte Verdadeira ou se era porque já tinha reparado no que ela própria só notara depois. A pessoa que as encarava era uma mulher, e não mais velha que a própria Egwene, ainda que um tanto mais alta.

Ela não abandonou *saidar*. Os homens às vezes eram muito tolos em acreditar que uma mulher era inofensiva só por ser mulher, mas Egwene não sofria desse tipo de ilusão. Com um cantinho da mente, percebeu que Elayne já não estava rodeada pelo brilho suave. A Filha-herdeira ainda devia nutrir aquelas ideias tolas. *Ela nunca foi prisioneira dos Seanchan.*

Egwene acreditava que não eram muitos os homens burros o suficiente para pensar que a mulher diante delas não era perigosa, mesmo que estivesse de mãos vazias e parecesse não portar armas. Tinha olhos verde-azulados e cabelos vermelhos bem curtos, a não ser por um fino rabo de cavalo que pendia dos ombros. Usava botas macias amarradas até os joelhos, casaco e

calças justos e em tons de terra e rocha. Ela conhecia a descrição daquelas roupas e tons de cores: a mulher era uma Aiel.

Olhando para ela, Egwene sentiu uma súbita e estranha afinidade. Não conseguia entender. *Ela parece prima de Rand, é por isso.* Ainda assim, a sensação, que era quase de parentesco, não conteve a curiosidade. *O quê, sob a Luz, uma Aiel está fazendo aqui? Eles nunca saem do Deserto, não desde a Guerra dos Aiel.* A sua vida inteira ouvira histórias sobre como os Aiel eram mortíferos e as Donzelas da Lança não eram menos temíveis que os integrantes das sociedades guerreiras masculinas, mas não sentia qualquer medo em particular, apenas certa irritação por algum dia ter sentido medo. Com *saidar* alimentando o Poder Único dentro dela, não era preciso temer qualquer um. *Exceto talvez uma irmã completa*, admitiu. *Mas sem dúvida não uma mulher qualquer, mesmo que seja Aiel.*

— Meu nome é Aviendha — disse a Aiel —, do ramo dos Nove Vales dos Aiel Taardad. — Seu rosto era tão frio e inexpressivo quanto a voz. — Sou *Far Dareis Mai*, uma Donzela da Lança. — Ela fez uma pequena pausa e analisou as mulheres à frente. — Vocês não têm os rostos, mas vimos os anéis. Nessas suas terras há mulheres muito parecidas com as nossas Sábias, mulheres chamadas Aes Sedai. Vocês vêm da Torre Branca, não vêm?

Egwene sentiu um desconforto momentâneo. *Vimos?* Olhou em volta com cautela, mas não havia ninguém atrás de qualquer um dos arbustos a menos de vinte passos dali.

Se houvesse outros, deviam estar no matagal próximo, mais de duzentos passos à frente, ou no anterior, ao dobro da distância. Muito longe para oferecerem qualquer ameaça. *A não ser que tenham arcos.* Mas teriam de ser muito bons arqueiros. Em casa, nas competições no Bel Tine e no Dia do Sol, apenas os melhores arqueiros atiravam a qualquer distância maior que duzentos passos.

No entanto, ainda se sentia melhor por saber que podia lançar um relâmpago em qualquer um que tentasse atirar.

— Somos mulheres da Torre Branca — respondeu Nynaeve, tranquila. Demonstrava claramente não procurar outras Aiel. Até Elayne espiava ao redor. — Se você consideraria alguma de nós sábia, é outra questão — prosseguiu Nynaeve. — O que quer de nós?

Aviendha sorriu. Era de fato muito linda, reparou Egwene. A expressão séria mascarara sua beleza.

— Você fala como Sábia. Vai direto ao ponto e não se prende a tolices. — O sorriso se desfez, mas a voz se manteve calma. — Uma das nossas está muito ferida, quiçá morrendo. As Sábias muitas vezes curam os que morreriam não fosse a ajuda delas, e ouvi dizer que as Aes Sedai podem fazer ainda mais. Podem ajudá-la?

Egwene quase sacudiu a cabeça, confusa. *Uma amiga dela está morrendo? Ela fala como se estivesse pedindo emprestada uma xícara de farinha de cevada!*

— Ajudarei, se puder — respondeu Nynaeve, devagar. — Não posso prometer nada, Aviendha. Pode ser que ela morra apesar dos meus esforços.

— A morte chega para todos — retrucou a Aiel. — Podemos apenas escolher como encará-la, quando chegar. Eu as levarei até ela.

Duas mulheres em trajes Aiel se levantaram a não mais de dois passos de distância, uma saiu de uma pequena depressão no solo que Egwene não imaginava que fosse capaz de esconder sequer um cachorro, a outra, de um matagal que chegava no máximo até os joelhos. Abaixaram os véus negros quando levantaram, o que foi outro choque: tinha certeza de ter ouvido Elayne contar que os Aiel só escondiam os rostos quando havia a chance de precisarem matar. Depois, ajeitaram nos ombros o pedaço de tecido que cobrira suas cabeças. Uma delas tinha os mesmos cabelos vermelhos de Aviendha, mas os olhos cinzentos, já a outra tinha olhos azul-escuros e cabelos cor de fogo. Nenhuma era mais velha que Egwene ou Elayne, e ambas pareciam prontas para usar as lanças curtas que tinham nas mãos.

A mulher de cabelos de fogo entregou algumas armas a Aviendha. Uma faca de lâmina comprida e pesada para prender em um dos lados do cinturão e uma aljava de pelos que era presa ao outro lado. Um arco curvo e escuro cujo brilho fraco indicava ser feito de chifre envolvido em uma capa que era presa às costas. Quatro lanças curtas com pontas longas para prender na mão esquerda, junto com um pequeno broquel redondo feito de couro. Aviendha, assim como suas companheiras, usava todas aquelas armas com a mesma naturalidade com que qualquer mulher de Campo de Emond usaria uma echarpe.

— Venham — disse ela, e avançou por onde as três Aceitas já haviam passado.

Egwene enfim liberou *saidar*. Suspeitava que, se quisessem, todas as três Aiel poderiam golpeá-la com aquelas lanças antes que pudesse fazer

qualquer coisa. Entretanto, embora as estrangeiras estivessem cautelosas, ela achava que não atacariam. *E se Nynaeve não conseguir Curar a amiga delas? Gostaria que ela pedisse nossa opinião antes de tomar essas decisões que envolvem nós três!*

Enquanto avançavam em direção às árvores, as Aiel vasculhavam o terreno em volta como se esperassem que aquele cenário vazio ocultasse inimigos com tanta perícia em se esconder quanto elas próprias.

— Sou Elayne, da Casa Trakand — disse a Aceita loura, como se quisesse puxar conversa —, Filha-herdeira de Morgase, Rainha de Andor.

Egwene cambaleou. *Luz, será que ela perdeu o juízo? Sei que Andor lutou na Guerra dos Aiel. Pode ter sido há vinte anos, mas dizem que os Aiel têm boa memória.*

Mas a Aiel de cabelos de fogo, que estava mais próxima a ela, apenas respondeu:

— Sou Bain, do ramo da Pedra Negra dos Aiel Shaarad.

— Sou Chiad — disse a mulher mais baixa e de cabelos mais claros, do outro lado —, do ramo do Rio de Pedras dos Aiel Goshien.

Bain e Chiad olharam para Egwene. Não alteraram as expressões, mas a jovem teve a sensação de que pensavam que ela estava sendo mal-educada.

— Sou Egwene al'Vere — disse a elas. As duas pareciam aguardar algo mais, então acrescentou: — Filha de Marin al'Vere, do Campo de Emond, em Dois Rios. — Aquilo pareceu satisfazê-las de alguma forma, mas apostava que as Aiel tinham entendido tanto quanto ela entendera quando falaram de todos aqueles ramos e clãs. *Devem ser como famílias, de certa forma.*

— São irmãs-primeiras? — Bain parecia perguntar para as três.

Egwene pensou que o termo "irmãs" tivesse o mesmo significado dado pelas Aes Sedai, e respondeu "sim", ao passo que Elayne disse "não".

Chiad e Bain trocaram um olhar rápido, que sugeria que achavam que as mulheres com quem conversavam talvez não estivessem muito bem da cabeça.

— Irmãs-primeiras — disse Elayne para Egwene, em um tom professoral — são mulheres que nasceram da mesma mãe. E, quando duas mulheres são irmãs-segundas, significa que as mães delas são irmãs. — Ela então se dirigiu às Aiel. — Nenhuma de nós sabe muita coisa a respeito do seu povo.

Peço perdão pela ignorância. Às vezes considero Egwene minha irmã-primeira, mas não somos do mesmo sangue.

— Então por que não falam com suas Sábias? — perguntou Chiad. — Bain e eu nos tornamos irmãs-primeiras.

Egwene apenas piscou, confusa.

— Como é que as pessoas podem *se tornar* irmãs-primeiras? Ou elas têm a mesma mãe ou não têm. Sem ofensas. A maior parte do que sei sobre vocês, Donzelas da Lança, vem do pouco que Elayne me ensinou. Sei que lutam em batalhas e que não ligam muito para os homens, mas não sei muito mais do que isso. — Elayne assentiu: descrevera as Donzelas para Egwene de uma forma que soara bastante como uma mistura de uma versão feminina dos Guardiões e a Ajah Vermelha.

As Aiel exibiram outra vez aquele olhar, como se não soubessem ao certo qual era o grau de sensatez de Egwene e Elayne.

— Não ligamos muito para os homens? — murmurou Chiad, parecendo intrigada.

Bain franziu a testa, pensativa.

— O que diz está próximo da verdade, mas ao mesmo tempo é completamente falso. Quando desposamos a lança, assumimos o compromisso de não nos ligarmos a homens ou filhos. Mas algumas de nós abrem mão da lança depois, por quererem esse tipo de ligação. — A expressão em seu rosto revelava que ela não compreendia aquilo muito bem. — Mas, uma vez que abrimos mão da lança, não podemos voltar atrás.

— Ou se formos escolhidas para ir a Rhuidean — acrescentou Chiad. — Uma Sábia não pode desposar a lança.

Bain olhou para ela como se a mulher tivesse anunciado que o céu era azul ou que a chuva vinha das nuvens. O olhar que ela lançou em resposta, indicando Egwene e Elayne, explicava que achava que talvez as duas não soubessem sobre aquilo.

— Pois é, é verdade. Embora algumas resistam.

— Resistem mesmo. — Parecia que Chiad e Bain tinham algum acontecimento específico em mente.

— Mas já me desviei demais da explicação que queria dar — prosseguiu Bain. — As Donzelas não dançam as lanças umas com as outras, mesmo que seus clãs dancem um com o outro. Mas a rixa de sangue entre os Aiel Shaarad e os Aiel Goshien já existe há mais de quatrocentos anos, por isso

Chiad e eu sentimos que o casamento com a lança não era o bastante. Então fomos às Sábias de nossos clãs para que nos ligassem como irmãs-primeiras. Ela arriscou a própria vida em meu nome, e eu arrisquei a minha em nome dela. Como é de costume entre Donzelas que são irmãs-primeiras, protegemos uma à outra, e nenhuma deixa um homem se aproximar sem que a outra esteja por perto. Não diria que nós não ligamos muito para os homens. — Chiad assentiu, com um indício de sorriso nos lábios. — Esclareci a verdade para você, Egwene?

— Sim — respondeu a Aceita, com a voz fraca. Olhou para Elayne e viu, nos olhos azuis da amiga, a confusão que sabia que também havia nos seus. *Não é como a Ajah Vermelha. Talvez a Verde. Uma mistura de Guardiões e Ajah Verde, e não entendo mais nada disso.* — A verdade está bem clara agora, Bain. Obrigada.

— Se vocês duas sentem que são irmãs-primeiras — comentou Chiad —, deveriam ir até suas Sábias. Mas vocês são as Sábias, embora jovens. Não sei o que poderia ser feito nesse caso.

Egwene não sabia se ria ou se enrubescia. Não conseguia se livrar do pensamento de ela e Elayne dividindo o mesmo homem. *Não, isso é só para as irmãs-primeiras que também são Donzelas da Lança. Certo?* As bochechas de Elayne exibiam duas manchas vermelhas, e Egwene teve certeza de que a amiga estava pensando em Rand. *Mas não dividimos Rand, Elayne. Ele não pode ser de nenhuma de nós.*

Elayne pigarreou.

— Não creio que haja necessidade disso, Chiad. Egwene e eu já protegemos uma à outra.

— Como é que pode? — perguntou Chiad, devagar. — Não desposaram a lança. E são Sábias. Quem levantaria a mão contra uma Sábia? Isso me confunde. Por que necessitam de alguém para protegê-las?

Egwene foi poupada de inventar uma resposta, pois chegaram ao arvoredo. Havia outras duas Aiel sob as árvores, bem no meio do mato, mas perto do rio. Jolien, do ramo do Campo de Sal dos Aiel Nakai, uma mulher de olhos azuis e cabelos acobreados quase da cor dos de Elayne. Ela estava cuidando de Dailin, do mesmo ramo e clã de Aviendha. O suor deixara os cabelos de Dailin úmidos, dando-lhes uma tonalidade de vermelho mais escura, e a jovem abriu os olhos cinzentos apenas uma vez, logo que elas chegaram, e tornou a fechá-los. O casaco e camisa estavam estendidos ao

lado dela, e as ataduras que envolviam seu tronco estavam manchadas de vermelho.

— Ela foi ferida pela espada — explicou Aviendha. — Alguns daqueles tolos que esses traidores assassinos da árvore chamam de soldados pensaram que éramos mais um grupo dos bandidos que infestam essas terras. Foi preciso que morressem para se convencerem do contrário, mas Dailin… Pode curá-la, Aes Sedai?

Nynaeve ajoelhou-se ao lado da mulher ferida e levantou as ataduras para analisar o que havia por baixo. Estremeceu com o que viu.

— Vocês mudaram a posição dela, depois que foi ferida? Tem uma crosta, mas está rompida.

— Ela queria morrer perto da água — respondeu Aviendha. Lançou um olhar para o rio, mas logo desviou os olhos. Egwene pensou tê-la visto estremecer.

— Tolas! — Nynaeve começou a revirar a bolsa cheia de ervas. — Poderiam tê-la matado, movendo-a com um ferimento desses. Ela queria morrer perto da água! — repetiu, indignada. — Só porque carregam armas como homens não quer dizer que precisam pensar como eles. — Ela tirou um copo fundo de madeira de dentro da bolsa e entregou-o a Chiad. — Encha. Preciso de água para misturar as ervas que ela vai beber.

Chiad e Bain foram até a margem do rio e retornaram juntas. Suas expressões não se alteraram, mas Egwene achou que elas quase pareciam esperar que o rio fosse se erguer e engoli-las.

— Se não a tivéssemos trazido para o… rio, Aes Sedai — retrucou Aviendha —, nunca teríamos encontrado vocês, e ela acabaria morrendo do mesmo jeito.

Nynaeve deu uma bufada e começou a despejar algumas ervas em pó no copo de água, resmungando, baixinho.

— Raiz-de-cerne ajuda a fazer sangue, erva-de-cão para fechar a carne, e cura-tudo, naturalmente, e… — Ela baixou a voz a um sussurro inaudível. Aviendha a encarava com a testa franzida.

— As Sábias usam ervas, Aes Sedai, mas não sabia que Aes Sedai também usavam.

— Eu uso o que uso! — retrucou Nynaeve, bruscamente, voltando a separar os pós e a murmurar sozinha.

— Ela de fato fala como uma Sábia — sussurrou Chiad para Bain, que respondeu com um aceno contido.

Dailin era a única Aiel sem armas nas mãos, e todas pareciam prontas para usar as que tinham em um piscar de olhos. *Nynaeve sem dúvida não está tranquilizando ninguém*, pensou Egwene. *Faça com que elas falem sobre alguma coisa. Qualquer coisa. Ninguém tem vontade de brigar quando está conversando sobre algo tranquilo.*

— Por favor, não se ofendam — começou, cautelosa —, mas percebi que ficam um pouco desconfortáveis com o rio. Ele só fica violento durante as tempestades. Podem nadar nele, se quiserem, embora a corrente seja mais forte para longe das margens.

Elayne sacudiu a cabeça.

As Aiel se mantinham inexpressivas, e Aviendha se pronunciou:

— Eu vi um homem… um shienarano… nadando assim… uma vez.

— Não entendo — disse Egwene. — Sei que não tem muita água no Deserto, mas você disse que é do ramo do "Rio de Pedras", Jolien. Com certeza já nadou no Rio de Pedras, não?

Elayne olhou para Egwene como se ela estivesse louca.

— Nadar — começou Jolien, sem jeito. — Quer dizer… entrar na água? Toda aquela água? Sem nada para se segurar? — Ela estremeceu. — Aes Sedai, antes de cruzar a Muralha do Dragão eu nunca tinha visto água corrente que não pudesse atravessar com um passo. O Rio de Pedras… alguns dizem que já houve água nele, mas são apenas boatos. Lá só tem as pedras. Os registros mais antigos das Sábias e do chefe do clã confirmam que nunca houve nada além de pedras desde o primeiro dia, quando nosso ramo se separou do ramo da Planície Alta e ocupou aquela terra. Nadar! — Ela agarrou as lanças, como se quisesse lutar com a palavra. Chiad e Bain deram um passo para longe da margem do rio.

Egwene suspirou. E enrubesceu assim que encontrou os olhos de Elayne. *Bem, não sou uma Filha-herdeira, para saber de todas essas coisas. Mas vou aprender tudo.* Ao olhar para as mulheres Aiel, percebeu que, em vez de confortá-las, deixara todas ainda mais nervosas. *Se tentarem alguma coisa, vou paralisá-las com Ar.* Ela não fazia ideia se conseguiria capturar as quatro de uma vez só, mas abriu-se para *saidar*, combinou os fluxos em Ar e os manteve a postos. O Poder pulsava dentro dela com ânsia de ser usado.

Nenhum brilho envolvia Elayne, e ela se perguntou por quê. A amiga olhou bem para ela e fez que não com a cabeça.

— Eu jamais faria mal a uma Aes Sedai — falou Aviendha, de repente. — Quero que saibam disso. Não importa se Dailin viver ou morrer, não fará diferença. Eu jamais usaria isso — ela ergueu um pouco uma das lanças curtas — contra uma mulher. E vocês são Aes Sedai.

Egwene teve a súbita sensação de que a mulher é que tentava confortá-las.

— Eu já sabia disso — respondeu Elayne, como se para Aviendha, mas seus olhos mostravam a Egwene que as palavras eram para ela. — Ninguém sabe muito sobre o seu povo, mas aprendi que os Aiel nunca machucam uma mulher, a não ser que tenha… Como foi que você disse? Desposado a lança.

Bain pareceu pensar que, mais uma vez, Elayne falhava em enxergar a verdade com clareza.

— As coisas não são exatamente assim, Elayne. Se uma mulher que não desposou a lança viesse até mim portando armas, eu daria uma surra até ela aprender a ter mais juízo. Um homem… Um homem pode pensar que uma mulher dessas suas terras desposou a lança, caso a veja portando armas. Não sei. Os homens são meio estranhos.

— É claro — concordou Elayne. — Mas, desde que a gente não tente atacá-las com armas, vocês não tentarão nos fazer mal. — Todas as quatro Aiel pareceram chocadas, e a jovem lançou a Egwene um olhar significativo.

Mesmo assim, Egwene agarrou-se a *saidar*. Só porque ensinaram algo a Elayne, não significava que fosse verdade, ainda que as Aiel concordassem. E *saidar* produzia… uma sensação boa.

Nynaeve ergueu a cabeça de Dailin e começou a virar a mistura na boca da mulher.

— Beba — ordenou, com a voz firme. — Sei que o gosto é ruim, mas beba tudo.

Dailin engoliu, engasgou e engoliu outra vez.

— Nem se atacarem, Aes Sedai — explicou Aviendha a Elayne. Mas mantinha os olhos fixos em Dailin e Nynaeve. — Dizem que uma época, antes da Ruptura do Mundo, nós servimos às Aes Sedai, embora nenhuma história conte como. Falhamos nesse serviço. Talvez tenha sido esse o pecado que nos condenou à Terra da Trindade, não sei. Ninguém sabe que pecado foi esse, exceto talvez as Sábias e os chefes de clã, e eles não falam

sobre o assunto. Dizem que, se falharmos com as Aes Sedai outra vez, elas nos destruirão.

— Beba tudo — murmurou Nynaeve. — Espadas! Espadas, músculos e nenhum cérebro!

— Não seremos *nós* que vamos destruí-las — retrucou Elayne com firmeza, e Aviendha assentiu.

— Como quiser, Aes Sedai. Mas todas as histórias antigas deixam um ponto muito claro: não devemos jamais lutar contra uma Aes Sedai. Se apontarem seus relâmpagos e seu fogo devastador para mim, dançarei com eles, mas não lhes farei mal algum.

— Esfaquear pessoas — grunhiu Nynaeve. Ela baixou a cabeça de Dailin e pôs a mão na testa da mulher. A Aiel fechou os olhos outra vez. — Esfaquear mulheres! — Aviendha remexeu os pés e franziu a testa, e não era a única das Aiel a fazer isso.

— Fogo devastador — repetiu Egwene. — Aviendha, o que é fogo devastador?

A Aiel direcionou a testa franzida para ela.

— Não sabe, Aes Sedai? Nas histórias antigas, as Aes Sedai o manipulavam. As histórias o descrevem como algo apavorante, mas não sei nada além disso. Dizem que nos esquecemos de muitas coisas que um dia soubemos.

— Talvez a Torre Branca tenha se esquecido de muitas coisas também — respondeu Egwene. *Eu sabia disso naquele… sonho, ou seja lá o que tenha sido. Foi tão real quanto* Tel'aran'rhiod. *Eu poderia apostar com Mat.*

— Não têm o direito! — bradou Nynaeve, de repente. — Ninguém tem o direito de dilacerar um corpo! Não é certo!

— Ela está irritada? — perguntou Aviendha, preocupada.

Chiad, Bain e Jolien trocaram olhares aflitos.

— Está tudo bem — respondeu Elayne.

— Está melhor que bem — acrescentou Egwene. — Ela *está* ficando irritada, e isso é muito melhor que "tudo bem".

O brilho tênue de *saidar* envolveu Nynaeve de repente, e Egwene se inclinou para a frente, tentando enxergar, assim como Elayne. Dailin deu um salto na mesma hora, gritando, os olhos arregalados. Um instante depois,

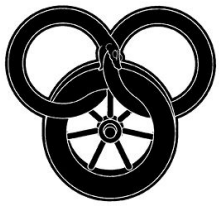
Nynaeve apoiou as costas da mulher de volta no chão, e o brilho se extinguiu. Os olhos de Dailin se fecharam, e ela ficou ali deitada, ofegante.

Eu vi, pensou Egwene. *Eu… acho que vi.* Ela não sabia se conseguira distinguir os muitos fluxos, muito menos a forma como Nynaeve os combinara. O que a outra mulher fizera naqueles poucos segundos fora parecido com tecer quatro carpetes de uma vez só, e com os olhos vendados.

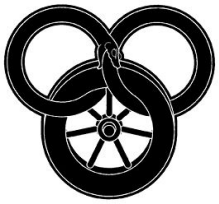
Nynaeve usou as ataduras ensanguentadas para limpar a barriga de Dailin, retirando o sangue fresco, vermelho vivo, e as crostas negras de sangue ressecado. Não havia feridas ou cicatrizes, apenas pele saudável e consideravelmente mais pálida que o rosto de Dailin.

De cara fechada, Nynaeve pegou os panos cheios de sangue, levantou-se e jogou-os no rio.

— Lavem o tronco dela para limpar o resto — mandou. — E ponham umas roupas nela. Está com frio. E preparem comida. Ela vai acordar com fome. Ajoelhou-se na beira do rio e lavou as mãos.



CAPÍTULO 39



Fios do Padrão

Jolien pôs a mão trêmula sobre o dorso de Dailin, onde antes estava a ferida. Soltou um arquejo surpreso ao tocar a pele macia, como se não acreditasse nos próprios olhos.

Nynaeve endireitou-se e secou as mãos no manto. Egwene teve que admitir que aquela lã boa dava uma toalha melhor que seda ou veludo.

— Eu mandei lavá-la e vesti-la — reclamou Nynaeve, ríspida.

— Sim, Sábia — respondeu Jolien, mais do que depressa, e ela, Chiad e Bain correram para obedecer.

Um riso curto escapou dos lábios de Aviendha, uma risada quase no limiar das lágrimas.

— Ouvi dizer que uma Sábia do ramo das Torres Dentadas é capaz de fazer isso, e também uma do ramo das Quatro Tocas, mas sempre achei que fossem apenas boatos. — Ela respirou fundo, recompondo-se. — Aes Sedai, tenho uma dívida com vocês. Minha água é sua, e você é bem-vinda sob a sombra do meu ramo. Dailin é minha irmã-segunda. — Ela percebeu o olhar confuso de Nynaeve e acrescentou: — Ela é filha da irmã de minha mãe. Temos quase o mesmo sangue, Aes Sedai. Tenho uma dívida de sangue com vocês.

— Se eu tiver que derramar algum sangue — retrucou Nynaeve, seca —, eu mesma farei isso. Se quiserem retribuir, digam se há algum navio em Jurene. A próxima vila ao sul?

— A aldeia onde os soldados hasteiam o estandarte do Leão Branco? — perguntou Aviendha. — Tinha um navio lá ontem, quando eu estava de vigia. As histórias antigas falam em navios, mas foi estranho ver um deles com meus próprios olhos.

— Queira a Luz que ele ainda esteja lá. — Nynaeve começou a guardar os papéis dobrados que continham os pós de ervas. — Fiz o que pude pela moça, Aviendha, e agora temos que partir. Ela precisa comer e descansar. E tente impedir qualquer um de enfiar uma espada nela.

— O que tem que acontecer acontece, Aes Sedai — respondeu a Aiel.

— Aviendha — começou Egwene —, como é que vocês fazem para cruzar os rios, já que sentem… o que sentem por eles? Tenho certeza de que há pelo menos um rio quase tão grande quanto o Erinin entre essas terras aqui e o Deserto.

— O Alguenya — confirmou Elayne. — A não ser que o tenham contornado.

— Vocês têm muitos rios. Alguns deles possuem essas coisas chamadas pontes, por onde tivemos que cruzá-los, e outros conseguimos passar a vau. Para atravessar os outros, Jolien conseguiu lembrar que a madeira flutua. — Ela bateu no tronco de um grande abeto. — Esses aqui são grandes, mas flutuam tão bem quanto um raminho. Encontramos madeira morta e construímos um… navio. Um navio pequeno, com dois ou três troncos amarrados, para cruzar o rio grande. — Ela contou como se não fosse nada de mais.

Egwene a encarou, impressionada. Se temesse alguma coisa da mesma forma que os Aiel obviamente temiam os rios, será que a enfrentaria da mesma forma que eles? Achava que não. *E a Ajah Negra?*, perguntou uma vozinha. *Não tem mais medo delas? É diferente*, respondeu. *Não há bravura nenhuma nisso. Ou eu as caço ou fico parada como um coelhinho à espera do gavião.* Ela repetiu para si mesma o velho ditado: *É melhor ser o martelo do que o prego.*

— Precisamos ir — comentou Nynaeve.

— Só um instante — pediu Elayne. — Aviendha, por que vieram até aqui e enfrentaram tantas dificuldades?

Aviendha sacudiu a cabeça, indignada.

— Não chegamos nem um pouco longe, fomos as últimas a partir. As Sábias me acossaram feito cães selvagens em volta de um novilho,

afirmando que eu tinha outras obrigações. — De repente ela fez uma careta e apontou para as outras Aiel. — Elas ficaram para trás para zombar da minha desgraça, pelo que disseram, mas acho que as Sábias não teriam me deixado partir se elas não estivessem lá para me acompanhar.

— Procuramos o Prenunciado — completou Bain. Ela segurava Dailin enquanto Chiad vestia uma camisa de linho marrom na mulher adormecida. — Aquele Que Vem Com a Aurora.

— Ele vai nos guiar para fora da Terra da Trindade — acrescentou Chiad. — As profecias dizem que ele nasceu das *Far Dareis Mai*.

Elayne parecia perplexa.

— Pensei que tivessem dito que não era permitido que as Donzelas da Lança tivessem filhos. Tenho certeza de que foi isso que aprendi.

Bain e Chiad trocaram mais uma vez aquele olhar, como se Elayne tivesse chegado perto da verdade, mas tivesse entendido tudo errado.

— Se uma Donzela dá à luz um filho — explicou Aviendha, com muita calma —, entrega a criança às Sábias de seu ramo, que a entregam para outra mulher, de modo que ninguém pode saber de quem é a criança. — Ela também soava como se estivesse explicando que as pedras são duras. — Toda mulher deseja adotar uma criança dessas, na esperança de criar Aquele Que Vem Com a Aurora.

— Ou ela pode abrir mão da lança e se casar com o pai — completou Chiad.

Bain acrescentou:

— Às vezes uma mulher tem suas razões para abrir mão da lança.

Aviendha lançou às duas um olhar firme, mas prosseguiu como se elas não tivessem dito nada.

— Só que agora as Sábias disseram que ele será encontrado aqui, além da Muralha do Dragão. “Sangue do nosso sangue misturado com o sangue antigo, criado por um sangue ancestral que não é nosso.” Não compreendo, mas as Sábias falaram de uma forma que não deixou dúvidas. — Ela hesitou, claramente escolhendo bem as palavras seguintes. — Você já fez muitas perguntas, Aes Sedai. Também quero fazer uma. Precisam entender que procuramos sinais e presságios. Por que três Aes Sedai caminham por uma terra onde a única mão que não carrega uma faca o faz porque está fraca demais, pela fome, para pegar no cabo? Para onde vão?

— Tear — respondeu Nynaeve, mais do que depressa —, a não ser que fiquemos aqui conversando até o Coração da Pedra virar pó.

Elayne começou a ajustar a corda da trouxa e as tiras do alforje para voltar a caminhar, e Egwene fez o mesmo.

As Aiel se entreolharam. Jolien congelou enquanto fechava o casaco marrom acinzentado de Dailin.

— Tear? — perguntou Aviendha, em um tom de voz cauteloso. — Três Aes Sedai caminhando por uma terra conturbada a caminho de Tear. É muito estranho. Por que vão para Tear, Aes Sedai?

Egwene olhou para Nynaeve. *Luz, um instante atrás elas estavam rindo, agora estão mais tensas do que nunca.*

— Estamos caçando umas mulheres malignas — respondeu Nynaeve, também cautelosa. — Amigas das Trevas.

— Mensageiras das Sombras. — Jolien apertou a boca ao proferir aquelas palavras, como se tivesse acabado de morder uma maçã podre.

— Mensageiras das Sombras em Tear — disse Bain

Como se completasse a frase, Chiad acrescentou:

— E três Aes Sedai em busca do Coração da Pedra.

— Não disse que estávamos indo para o Coração da Pedra — retrucou Nynaeve, bruscamente. — Disse apenas que não queria ficar aqui enquanto tudo lá vira pó. Egwene, Elayne, estão prontas? — Ela se encaminhou para fora do bosque sem dizer qualquer outra palavra, com o cajado fazendo barulho ao bater no chão e dando longas passadas em direção ao sul.

Egwene e Elayne se despediram depressa e correram atrás dela. As quatro Aiel ficaram de pé, observando-as partir.

Quando as duas já estavam a certa distância das árvores, Egwene comentou:

— Meu coração quase parou quando você disse seu nome. Não ficou com medo de tentarem matar você ou talvez de tentarem levá-la prisioneira? A Guerra dos Aiel não foi há *tanto* tempo assim, e apesar de terem dito aquilo sobre não machucarem mulheres que não carregam lanças, para mim elas pareciam prontas para atirar aquelas lanças em qualquer coisa que fosse.

Elayne balançou a cabeça, pesarosa.

— Acabei de descobrir que sei muito pouco sobre os Aiel, mas uma das coisas que aprendi é que eles não encaram a Guerra dos Aiel como uma

guerra. Pela maneira como se comportaram em relação a mim, acho que talvez pelo menos isso seja verdade. Ou talvez tenha sido porque pensaram que eu era Aes Sedai.

— Sei que elas são estranhas, Elayne, mas *ninguém* pode chamar três anos de batalhas de outra coisa que não guerra. Não me interessa o quanto lutam entre si, guerra é guerra.

— Não para eles. Milhares de Aiel cruzaram a Espinha do Mundo, mas parece que eles viam a si mesmos como apanhadores de ladrões ou carrascos, todos atrás do Rei Laman, de Cairhien, pelo crime de derrubar *Avendoraldera*. Para os Aiel, aquilo não foi uma guerra: foi uma execução.

Avendoraldera, de acordo com uma das aulas de Verin, fora uma muda da própria Árvore da Vida, trazida a Cairhien cerca de quinhentos anos antes como uma oferta de paz dos Aiel sem precedentes. Foi concedida junto com o direito de cruzar o Deserto, algo que antes era reservado apenas a mascates, menestréis e os Tuatha'an. Grande parte da riqueza de Cairhien fora construída com o comércio de marfim, perfumes, especiarias e principalmente seda com as terras além do Deserto. Nem mesmo Verin tinha ideia de como os Aiel haviam conseguido uma muda de *Avendesora*. Os livros antigos eram claros em afirmar que a árvore não dava sementes, mas ninguém podia afirmar com certeza, pois não se sabia onde encontrar a Árvore da Vida, a não ser por algumas histórias claramente equivocadas. A Árvore poderia muito bem não ter nada a ver com os Aiel, ou mesmo com o motivo pelo qual os Aiel chamavam os cairhienos de "compartilhadores de água" e por que insistiam que as carroças mercantes ostentassem um estandarte com a folha de três pontas de *Avendesora*.

Egwene supôs, ressentida, ser capaz de entender por que eles haviam começado a guerra — ainda que não pensassem que fosse uma — após o Rei Laman cortar o presente para fazer um trono sem igual no mundo inteiro. O Pecado de Laman, como fora chamado. Segundo Verin, não foram apenas os negócios de Cairhien pelo Deserto que acabaram com a guerra, os cairhienos que se aventuraram pelo Deserto também desapareceram. Além disso, Verin contou que diziam que eles eram "vendidos como animais" nas terras além do Deserto, mas nem mesmo ela conseguia entender como um homem ou uma mulher poderiam ser vendidos.

— Egwene — disse Elayne —, você sabe quem Aquele Que Vem Com a Aurora deve ser, não é?

Olhando para as costas de Nynaeve, ainda bem à frente delas, Egwene sacudiu a cabeça — *Será que ela quer ir correndo daqui até Jurene?* — e quase parou de caminhar.

— Não está falando de…?

Elayne assentiu.

— Acho que sim. Não sei muito sobre as Profecias do Dragão, mas já ouvi alguns versos. Me lembro de um assim: "Ele surgirá nas colinas do Monte do Dragão, nascido de uma donzela que não esposou marido." Egwene, Rand parece mesmo um Aiel. Bem, ele também parece com os desenhos que vi de Tigraine, mas ela desapareceu antes de ele nascer, e acho muito difícil que fosse mãe dele. Acho que a mãe dele era uma Donzela da Lança.

Egwene franziu a testa e apertou o passo, pensando em tudo o que sabia sobre o nascimento de Rand. Ele fora criado por Tam al'Thor depois da morte de Kari al'Thor, mas, se o que Moiraine dissera fosse verdade, eles podiam não ser os seus pais verdadeiros. Nynaeve às vezes parecia saber algum segredo a respeito do nascimento dele. *Mas aposto que não arrancaremos isso dela nem com uma forquilha!*

Elas alcançaram a mulher mais apressada. Egwene a encarava com irritação enquanto pensava, e Nynaeve mantinha o olhar fixo à frente, em direção a Jurene e ao navio. Elayne, por sua vez, encarava as duas com uma expressão irritada, como se elas fossem crianças emburradas disputando a maior fatia de bolo.

Depois de avançarem um tempo em silêncio, Elayne soltou:

— Você conduziu tudo muito bem, Nynaeve. A Cura, e o resto também. Acho que não duvidaram que você fosse uma Aes Sedai. Ou que todas nós fôssemos, e isso graças à forma como você se comportou.

— Você fez um bom trabalho — completou Egwene, depois de um minuto. — Aquela foi a primeira vez que pude ver direito o que acontece durante uma Cura. Perto daquilo, os relâmpagos são simples como uma mistura de bolo de aveia.

Um sorriso surpreso se formou no rosto de Nynaeve.

— Obrigada — murmurou em resposta, dando um puxãozinho no cabelo de Egwene, como fazia quando ela era pequena.

Não sou mais uma garotinha. O instante passou com a mesma rapidez com que surgira, e as três continuaram a caminhar em silêncio. Elayne soltou

um suspiro alto.

Não demorou muito para avançarem mais uma milha, talvez um pouco mais, apesar de terem dado a volta no rio para evitar os arvoredos ao longo da margem. Nynaeve insistiu em ficar bem longe das árvores. Egwene achava besteira pensar que poderia haver outros Aiel escondidos nos bosques, mas o desvio não aumentara muito a distância que tinham de percorrer, já que nenhum dos arvoredos era muito grande.

Ainda assim, Elayne vigiava as árvores, e foi ela quem gritou de repente:

— Cuidado!

Egwene virou a cabeça com um solavanco. Alguns homens saíam de um dos bosques, girando as fundas acima das cabeças. Ela tentou tocar *saidar*, mas algo a atingiu na cabeça, e a escuridão a dominou.

* * *

Egwene pôde sentir que balançava, sentir que algo se movia sob seu corpo. Não havia nada em sua cabeça além da dor que sentia. Tentou levar uma das mãos à têmpora, mas algo apertava seus pulsos, e ela não conseguia mexer as mãos.

— …melhor do que passar o dia inteiro lá, esperando escurecer — disse uma voz grave, masculina. — Quem sabe se outro navio apareceria? E não confio naquele barco. Está vazando.

— É bem melhor torcer para que Adden acredite que você viu os anéis antes de tomar a decisão — disse outro homem. — Ele no caso quer bons carregamentos, nem quer mulheres, eu acho.

O primeiro homem respondeu, resmungando algo rude sobre o que Adden podia fazer com o barco furado e as cargas.

Ela abriu os olhos. Sua visão estava tomada de pontinhos prateados, e achou que fosse vomitar no chão que balançava ao passar sob sua cabeça. Estava amarrada às costas de um cavalo, os punhos e tornozelos presos por uma corda que passava por debaixo da barriga do animal, a cabeça inclinada para baixo.

Ainda era dia. Ergueu o pescoço para olhar em volta. Havia tantos homens vestidos em roupas humildes ao seu redor que não pôde ver se Nynaeve e Elayne também haviam sido capturadas. Alguns dos homens usavam partes de armaduras — um capacete danificado aqui, uma placa

peitoral amassada ali, um colete de escamas de metal que quase estourava de tão apertado —, mas a maioria estava apenas de casaco, e as peças pareciam não ver uma boa limpeza havia meses, se é que algum dia tinham sido limpas. Pelo cheiro, também parecia que os homens não se lavavam fazia alguns meses. Todos carregavam espadas, presas na cintura ou nas costas.

Foi tomada pela raiva e também pelo medo, mas sobretudo por uma ira incandescente. *Não serei prisioneira. Não serei amarrada! Não serei!* Tentou tocar *saidar*, e a dor quase arrancou seu escalpo. Por pouco não conteve um gemido.

O cavalo parou por um instante cheio de berros e do barulho de dobradiças enferrujadas, depois avançou um pouco mais, e os homens começaram a desmontar. Ao se afastarem, ela conseguiu ver um pouco do local. Estavam rodeados por uma paliçada de troncos erguida sobre um monte de terra grande e redondo, e homens com arcos montavam guarda em uma passarela de madeira com altura apenas o suficiente para poderem ver por cima dos troncos mal cortados. Uma choupana baixa e sem janelas, também de troncos, fora construída na vala escavada sob a gigantesca parede. Exceto por alguns galpões apoiados na paliçada, não havia qualquer outra estrutura. Além dos homens e cavalos que tinham acabado de entrar, o espaço aberto estava repleto de fogueiras, cavalos acorrentados e outros homens sujos. Devia haver pelo menos uns cem. Bodes, porcos e galinhas engaiolados enchiam o ar de guinchos, grunhidos e cacarejos, que se somavam às risadas e aos gritos de palavras de baixo calão, uma algazarra que fazia a cabeça de Egwene martelar ainda mais.

Seus olhos encontraram Nynaeve e Elayne, amarradas de cabeça para baixo sobre cavalos sem sela, assim como ela. Nenhuma das duas parecia ter acordado, e a ponta da trança de Nynaeve se arrastava pela terra enquanto o cavalo se mexia. Perdeu a pouca esperança que tinha de que uma delas pudesse estar livre para ajudar as outras a escaparem. *Luz, não posso ser prisioneira outra vez. De novo não.* Com cuidado, tentou alcançar *saidar* mais uma vez. A dor não foi tão intensa, foi apenas como se alguém tivesse atirado um pedregulho em sua cabeça, mas fez o vazio se despedaçar antes que ela conseguisse sequer pensar em uma rosa.

— Uma delas acordou! — gritou a voz de um homem, em pânico.

Egwene tentou relaxar o corpo e parecer inofensiva. *Como, pela Luz, eu poderia parecer perigosa, amarrada aqui como um saco de batatas? Que*

me queime, preciso ganhar tempo. Eu preciso!

— Não vou fazer mal a vocês — disse ao sujeito de cara suada que veio correndo em sua direção. Ou tentou dizer. Não soube ao certo o quanto de fato conseguira falar antes de ser atingida na cabeça outra vez e da escuridão dominá-la em uma onda de náusea.

* * *

Na vez seguinte, foi mais fácil acordar. Sua cabeça não doía tanto quanto antes, mas seus pensamentos pareciam girar em turbilhão. *Pelo menos meu estômago não… Luz, é melhor nem pensar nisso.* Havia um gosto de vinho azedo e algo amargo na boca. Faixas de luz entravam pelas rachaduras horizontais de uma parede tosca, mas ela estava no escuro, deitada de costas. Na terra, imaginou. A porta também não parecia muito bem encaixada, mas a construção parecia firme.

Ela conseguiu se erguer e se apoiar nas mãos e joelhos, surpresa em descobrir que não estava amarrada. Exceto pela única parede de troncos brutos, as outras todas pareciam feitas de pedra bruta. A luz que entrava pelas rachaduras era suficiente para que visse Nynaeve e Elayne estiradas na terra. O rosto da Filha-herdeira estava sujo de sangue. Nenhuma das duas se movia, exceto pelo leve movimento da respiração em seus peitos. Egwene ficou na dúvida entre tentar acordá-las naquele instante ou tentar descobrir o que havia do outro lado daquela parede. *Só uma espiadinha*, disse a si mesma. *É melhor ver o que está nos vigiando antes de acordá-las.*

Disse a si mesma que não era porque estava com medo de não conseguir acordá-las. Ao espiar por uma das frestas perto da porta, pensou no sangue no rosto de Elayne e tentou se lembrar exatamente do que Nynaeve fizera com Dailin.

O cômodo ao lado era grande — devia ocupar todo o restante da construção de troncos que vira — e não tinha janelas, mas estava bem iluminado por lampiões de ouro e prata que pendiam de pregos cravados às paredes e dos troncos que formavam o teto alto. Não havia lareira. Sobre o chão de terra batida, mesas e cadeiras rústicos misturavam-se a baús decorados em ouro e com entalhes em marfim. Um carpete com desenhos de pavão estendia-se ao lado de uma enorme cama de dossel com colunas de

entalhes elaborados e desenhos de ouro, coberta por uma pilha de cobertores sujos.

Cerca de doze homens estavam no recinto, de pé ou sentados pelo lugar, mas todas as atenções estavam voltadas para um sujeito grande e de cabelos claros, que seria bonito se tivesse o rosto mais limpo. Ele estava de pé diante de uma mesa de pés canelurados e volutas douradas, uma das mãos no cabo da espada e um dos dedos da outra empurrando algo que ela não conseguia distinguir em pequenos círculos no tampo da mesa.

A porta externa se abriu, revelando a noite do lado de fora, e um homem franzino e sem a orelha esquerda adentrou o aposento.

— Ele nem chegou ainda — disse o sujeito rude. Também faltavam dois dedos na sua mão esquerda. — Gosto nada de tratar com esse tipo.

O sujeito grande e louro não deu atenção a ele, apenas continuou movendo o que havia na mesa.

— Três Aes Sedai — murmurou, depois deu risada. — Os preços por Aes Sedai são bons, basta ter estômago para tratar com o comprador certo. Se conseguir arriscar ter as tripas arrancadas pela boca ao tentar vender gato por lebre. Não é tão seguro quanto cortar a garganta da tripulação de um navio mercante, hein, Coca? Não é tão fácil, não acha?

Um burburinho nervoso se elevou entre os outros homens, e aquele com quem o louro falara, um sujeito forte de olhos ardilosos, se debruçou para a frente, ansioso.

— Elas *são* Aes Sedai, Adden. — Egwene reconheceu aquela voz: o homem que resmungou as sugestões rudes. — Devem ser, Adden. Temos os anéis para provar, estou dizendo! — Adden pegou algo da mesa, um pequeno círculo dourado que cintilava à luz do lampião.

Egwene arquejou e esfregou os dedos. *Levaram o meu anel!*

— Gosto nada disso — resmungou o homem franzino e sem orelha. — Aes Sedai. Qualquer uma delas poderia nos matar a todos. Que a Sorte me espicace! Você, no caso, é mesmo um bestalhão, Coca, eu devia era cortar essa sua garganta. E se alguma delas acordar antes de ele chegar, hein?

— Elas vão demorar horas para acordar. — Quem afirmou foi um sujeito gordo, com a voz rouca e um sorriso de desprezo que não tinha um dos dentes. — Minha vovó que me ensinou sobre aquele troço que demos para elas. Vão dormir até amanhã, e ele vai chegar muito antes disso.

Egwene mexeu a língua na boca e sentiu o gosto de vinho azedo e o amargor. *Seja lá o que for isso, sua vovó mentiu. Ela deveria é ter estrangulado você no berço!* Antes que esse tal de "ele" chegasse, esse homem que achava que podia comprar uma Aes Sedai — *que nem um maldito Seanchan!* —, Nynaeve e Elayne já estariam acordadas. Ela rastejou até Nynaeve.

Pelo que podia perceber, ela estava dormindo, então apenas começou a sacudi-la. Para sua surpresa, a amiga arregalou os olhos.

— O quê…?

Ela tapou a boca de Nynaeve com a mão a tempo de impedi-la de falar.

— Somos prisioneiras — sussurrou. — Tem mais de doze homens do outro lado daquela parede, e mais ainda do lado de fora. Muitos mais. Deram alguma coisa para fazer a gente dormir, mas não tiveram muito sucesso. Já conseguiu lembrar?

Nynaeve afastou a mão de Egwene.

— Consegui. — A voz era baixa e soturna. Ela fez uma careta, apertou a boca e de repente soltou uma risada quase silenciosa. — Raiz de dorme-bem. Os idiotas nos deram a raiz misturada com vinho. Vinho quase avinagrado, pelo gosto. Rápido, você se lembra de alguma coisa do que eu ensinei? O que faz a raiz de dorme-bem?

— Faz passar a dor de cabeça, para podermos dormir — respondeu Egwene, também baixinho. E sua voz soava quase tão taciturna quanto baixa, até que percebeu o que dizia. — Provoca um pouco de sonolência, mas só. — O gordo não prestara muita atenção aos ensinamentos da vovó. — Eles só ajudaram a tratar a dor da pancada que levamos.

— Exatamente — respondeu Nynaeve. — E, depois que acordarmos Elayne, vamos lá agradecê-los de um jeito que eles não vão esquecer. — Ela se levantou e agachou ao lado da mulher de cabelos dourados.

— Acho que vi mais de cem lá fora, quando nos trouxeram para cá — sussurrou Egwene, atrás de Nynaeve. — Tenho certeza de que você não vai se importar se eu usar o Poder como arma, dessa vez. E parece que tem alguém vindo nos *comprar*. Pretendo dar uma lição nesse sujeito que vai fazê-lo andar sob a Luz até o último dia da vida! — ameaçou. Nynaeve ainda estava agachada ao lado de Elayne, mas nenhuma das duas se movia. — Qual é o problema?

— Ela está muito ferida, Egwene. Acho que quebrou a cabeça, mal está respirando. Egwene, ela está morrendo, assim como Dailin.

— Você não pode fazer alguma coisa? — Egwene tentou se lembrar de todos os fluxos que Nynaeve combinara para curar a Aiel, mas conseguia se recordar no máximo de uma trama em cada três. — Você precisa!

— Eles levaram as minhas ervas — resmungou Nynaeve, furiosa, a voz trêmula. — Não vou conseguir! Não sem as ervas! — Egwene ficou chocada ao perceber que Nynaeve estava à beira das lágrimas. — Que a Luz queime a todos, eu não consigo sem…! — De repente, ela agarrou os ombros de Elayne, como se desejasse erguer a mulher inconsciente e sacudi-la. — Que a queime, garota. — A voz dela soava rouca. — Não trouxe você até aqui para morrer! Devia ter deixado você esfregando panelas! Devia ter amarrado você num saco e entregado para Mat levar até a sua mãe! Não vou deixar você morrer nas minhas mãos! Está ouvindo? Não vou deixar! — *Saidar* de repente brilhou ao redor dela, e os olhos e a boca de Elayne se escancararam.

Egwene pôs a mão por cima da boca de Elayne no que pensou ser bem a tempo de abafar qualquer som, mas, ao tocar a mulher inconsciente, a contracorrente da Cura de Nynaeve a agarrou como palha em um redemoinho. Ela congelou até os ossos, e o calor causticante que vinha de fora parecia queimar sua carne. O mundo inteiro desapareceu em uma sensação de arremetida, queda, voo e giro.

Quando finalmente terminou, ela respirava com dificuldade e encarava Elayne, que a olhava de volta por trás das mãos com que Egwene cobrira a sua boca. O que restava da dor de cabeça de Egwene se fora. Mesmo o ricochete do que Nynaeve fizera parecia ter sido suficiente para aquilo. O murmúrio de vozes no outro cômodo não ficara mais alto. Se Elayne, ou mesmo Egwene, tinha feito algum barulho, Adden e os outros não repararam.

Nynaeve estava de quatro no chão, com a cabeça baixa, trêmula.

— Luz! — murmurou. — Fazer isso assim… foi como arrancar… minha própria pele. Ah, Luz! — Ela olhou para Elayne. — Como está se sentindo, garota?

Egwene tirou as mãos da boca de Elayne.

— Cansada — murmurou Elayne. — E com fome. Onde estamos? Vi uns homens com fundas…

Em poucas palavras¸ Egwene contou o que acontecera. O rosto de Elayne começou a ficar sério muito antes de a história terminar.

— E agora — acrescentou Nynaeve, a voz firme como ferro — vamos mostrar a esses grosseirões o que acontece quando mexem com a gente. — *Saidar* brilhou em volta dela mais uma vez.

Elayne ainda estava se levantando, cambaleante, mas o brilho tênue também a envolveu. Egwene estava quase alegre quando tocou a Fonte Verdadeira.

Quando olharam outra vez pela rachadura, para saber exatamente com o que teriam de lidar, viram que três Myrddraal haviam chegado.

Os trajes negros como a morte pendiam, anormalmente imóveis. Todos os homens, exceto Adden, haviam se afastado o máximo possível, até encostarem nas paredes, e mantinham os olhares fixos no chão de terra. De frente para o Myrddraal, do outro lado da mesa, Adden encarava de volta aquele olhar sem olhos, mas o suor escorria em bicas, limpando parte da terra em seu rosto.

O Desvanecido pegou um anel que estava em cima da mesa. Egwene percebeu que aquele era de um aro de ouro muito mais grosso que os anéis da Grande Serpente.

Com o rosto espremido na rachadura entre dois troncos, Nynaeve arquejou baixinho e apalpou as costas do vestido.

— Três *Aes Sedai* — sibilou o Meio-homem. Sua satisfação soava como corpos mortos se transformando em cinzas. — E uma delas levava isso. — O anel desabou com um baque pesado quando o Myrddraal o jogou de volta na mesa.

— São elas que procuro — disse outro, com a voz rouca. — Será bem recompensado, humano.

— Temos que pegá-los de surpresa — disse Nynaeve, baixinho. — Que tipo de cadeado tem na porta?

Egwene mal conseguia ver o cadeado do lado de fora da porta, uma coisa de ferro presa a uma corrente forte o bastante para conter um touro enfurecido.

— Fiquem a postos — disse.

Ela afinou um fluxo de Terra até torná-lo mais fino que um fio de cabelo, torcendo para os Meios-homens não perceberem uma canalização tão pequena, e o combinou às menores partículas da corrente de ferro.

Um dos Myrddraal ergueu a cabeça. Outro se inclinou por cima da mesa, na direção de Adden.

— Sinto uma comichão, humano. Tem certeza de que elas estão dormindo? — Adden engoliu em seco e assentiu com a cabeça.

O terceiro Myrddraal se virou para encarar a porta do quarto onde Egwene e as outras estavam agachadas.

A corrente caiu no chão, o Myrddraal que estava virado para ela soltou um rosnado, e a porta de fora foi escancarada. Era a morte, coberta em véus negros, vindo da noite.

O recinto irrompeu em brados e gritos enquanto os homens agarravam as espadas para enfrentar as lanças Aiel. Os Myrddraal desembainharam lâminas mais negras que as roupas que usavam e também lutaram por suas vidas. Certa vez, Egwene vira seis gatos lutando entre si, mas ali havia centenas. Mesmo assim, em questão de segundos fez-se silêncio total. Ou quase total.

Todos os humanos que não usavam véus negros jaziam mortos, atravessados por lanças, e Adden estava pregado à parede por uma delas. Dois Aiel também estavam caídos, imóveis, entre a confusão de mortos e de mobília revirada. Os três Myrddraal estavam de costas uns para os outros, as espadas negras nas mãos. Um deles apertava um dos lados do corpo, como se estivesse ferido, embora não houvesse sinal de ferimento. Outro exibia um corte comprido no rosto pálido, mas não sangrava. Cinco Aiel com os rostos cobertos pelos véus estavam agachados, andando em círculos ao redor dos Desvanecidos. Do lado de fora, gritos e sons metálicos informavam que outros Aiel ainda lutavam noite adentro, mas ali os sons eram mais baixos.

Enquanto os rodeavam, os Aiel batiam as lanças nos pequenos broquéis de couro. Drum-drum-DRUM-drum… drum-drum-DRUM-drum… drum-drum-DRUM-drum. Os Myrddraal se viraram, os rostos sem olhos pareciam confusos, incomodados, pois o medo que seu olhar causava em todos os humanos não parecia afetar aqueles.

— Dance comigo, Homem das Sombras — gritou um Aiel de repente, em tom de deboche. Parecia um jovem homem.

— Dance comigo, Sem-olhos. — Era uma mulher.

— Dance comigo.

— Dance comigo.

— Acho — começou Nynaeve, se endireitando — que está na hora. — Ela abriu a porta, e as três mulheres envoltas no tênue brilho de *saidar* saíram do cômodo.

Parecia que, para os Myrddraal, os Aiel tinham deixado de existir. Da mesma forma, parecia que os Myrddraal haviam sumido, para os Aiel. Estes olhavam para Egwene e as outras por cima dos véus, como se não soubessem ao certo o que viam. Ela ouviu uma das mulheres arquejar. O olhar sem olhos dos Myrddraal era diferente. Egwene quase sentia que os Meios-homens sabiam que iam morrer. Os Meios-homens sabiam identificar uma mulher que abraçava a Fonte Verdadeira quando viam uma. Ela também tinha certeza do desejo que sentiam pela morte dela, mesmo que para isso tivessem que pagar com a própria vida, e um desejo ainda mais forte de arrancar a alma dela da carne e transformar ambas em brinquedos para a Sombra, um desejo de…

Ela acabara de adentrar o recinto, mas parecia encarar aquele olhar por horas.

— Não tolerarei mais isso — rosnou, e liberou um fluxo de Fogo.

Chamas irromperam em meio aos três Myrddraal, espalhando-se em todas as direções, e eles guincharam como lascas de ossos em uma máquina de moer carne. Mas ela esquecera que não estava sozinha, que Elayne e Nynaeve estavam com ela. Ao mesmo tempo em que as chamas consumiam os Meios-homens, o próprio ar pareceu suspendê-los acima do chão e esmagá-los em uma bola de fogo e escuridão, uma bola que ficava cada vez menor. Os gritos provocaram calafrios em Egwene, e *algo* pulou das mãos de Nynaeve. Era uma barra fina de luz branca que fazia o sol do meio-dia parecer escuro, uma barra de fogo que fazia o metal incandescente parecer gélido, ligando as mãos dela aos Myrddraal. E eles cessaram de existir como se jamais tivessem passado por ali. Nynaeve deu um salto, assustada, e o brilho tênue que a envolvia desapareceu.

— O que… o que foi isso? — perguntou Elayne.

Nynaeve sacudiu a cabeça. Parecia tão atônita quanto Elayne.

— Eu não sei… eu… estava com tanta raiva, com tanto medo do que eles queriam fazer… Não sei o que foi isso.

Fogo devastador, pensou Egwene. Não sabia como, mas tinha certeza de que era. Relutante, soltou *saidar*. Fez *saidar* soltá-la. Não sabia o que era mais difícil. *E não vi nada do que ela fez!*

Os Aiel tiraram os véus. Um pouco depressa, pensou Egwene, como se quisessem mostrar a ela e às outras duas que não estavam mais prontos para a luta. Três dos Aiel eram homens, um deles mais velho, com mais do que algumas mechas grisalhas nos cabelos vermelho-escuros. Eram altos os homens Aiel e, jovens ou velhos, tinham a mesma certeza tranquila no olhar, os mesmos movimentos graciosos e perigosos que Egwene associava aos Guardiões. A morte cavalgava em seus ombros, e eles sabiam disso e não tinham medo. Uma das mulheres era Aviendha. Os gritos e brados do lado de fora começavam a morrer.

Nynaeve começou a caminhar em direção aos Aiel caídos.

— Não é preciso, Aes Sedai — disse o homem mais velho. — Eles foram feridos pelo aço dos Homens das Sombras.

Ainda assim, Nynaeve se inclinou para conferir cada um deles, erguendo os véus para puxar as pálpebras e sentir o pulso em suas gargantas. Quando levantou o véu da segunda pessoa, empalideceu. Era Dailin.

— Que queime! Que queime! — Não estava claro se ela se referia a Dailin, ao homem de cabelos grisalhos, a Aviendha ou ao povo Aiel como um todo. — Eu não curei essa mulher só para ela morrer desse jeito!

— A morte chega para todos — começou Aviendha, mas, quando Nynaeve se virou para ela, a mulher se calou.

Os Aiel se entreolharam, como se não soubessem ao certo se Nynaeve faria a eles o que fizera aos Myrddraal. Não havia medo em seus olhos, pareciam apenas cientes da possibilidade.

— O aço dos Homens das Sombras mata — explicou Aviendha —, não fere. — O homem mais velho a encarou com uma leve surpresa nos olhos. Egwene concluiu que para ele, assim como para Lan, aquele leve tremor das pálpebras era o equivalente aos olhos arregalados de assombro de qualquer outro homem. Aviendha acrescentou: — Elas sabem pouco sobre certas coisas, Rhuarc.

— Sinto muito — pediu Elayne, com a voz clara — por termos interrompido sua… dança. Talvez tivesse sido melhor não interferirmos.

Egwene a encarou, surpresa, depois percebeu o que ela estava fazendo. *Tranquilizando-os e dando uma chance para Nynaeve acalmar os nervos.*

— Vocês estavam cuidando muito bem das coisas — continuou. — Talvez tenhamos ofendido vocês, nos metendo.

O homem grisalho, Rhuarc, soltou uma risada grave.

— Aes Sedai, de minha parte, afirmo que fico feliz por… seja lá o que tenham feito. — Por um instante, ele não parecia totalmente certo, mas no momento seguinte suavizou a expressão. Tinha um bom sorriso e um rosto forte e quadrado. Era bonito, ainda que um tanto velho. — Teríamos conseguido matar todos eles, mas três Homens das Sombras… Eles decerto matariam três dos nossos, talvez todos, e não posso afirmar que daríamos conta de todos. Para os jovens, a morte é uma inimiga com quem desejam medir forças. Para nós, que somos um pouco mais velhos, ela é uma velha amiga, uma velha amante, mas não estamos ávidos para encontrá-la tão cedo.

Nynaeve pareceu relaxar com o discurso do homem, como se conhecer um Aiel que não estivesse ansioso para morrer tivesse aliviado a tensão dela.

— Eu é que deveria agradecer — disse —, e agradeço. Mas admito que fiquei surpresa em vê-los. Aviendha, você esperava nos encontrar aqui? Como?

— Eu segui vocês. — A Aiel não parecia constrangida. — Para ver o que iriam fazer. Vi os homens levarem vocês, mas estava longe demais para ajudar. Tinha certeza de que vocês me veriam se eu me aproximasse demais, então me mantive cerca de cem passos atrás. Quando percebi que não conseguiriam se salvar, já era tarde demais para tentar qualquer coisa sozinha.

— Tenho certeza de que fez o que pôde — respondeu Egwene, fraca. *Ela estava a apenas cem passos da gente? Luz, os bandidos não viram nadinha.*

Aviendha interpretou aquelas palavras como um incentivo para falar mais.

— Eu sabia onde Coram devia estar, e ele sabia onde estavam Dhael e Luaine, que sabiam… — Ela parou, franzindo o rosto para o homem mais velho. — Não esperava encontrar o chefe de um clã, muito menos do meu próprio, entre os que vieram. Rhuarc, quem lidera os Aiel Taardad, com você aqui?

Rhuarc deu de ombros, como se aquilo não tivesse importância.

— Os chefes dos ramos se revezam e tentam decidir se de fato desejam ir para Rhuidean, quando eu morrer. Eu não teria vindo, mas Amys, Bair, Melaine e Seana me perseguiram como gatas-bravas atrás de uma cabra-

selvagem. Os sonhos diziam que eu devia ir. Elas perguntaram se eu queria mesmo morrer velho e gordo em cima de uma cama.

Aviendha riu, como se escutasse uma grande piada.

— Ouvi dizer que um homem encurralado entre a esposa e uma Sábia deseja em vez disso enfrentar dez inimigos. Um homem encurralado entre a esposa e três Sábias, e cuja própria mulher é uma Sábia, deve desejar tentar matar o Cega-vista.

— O desejo passou pela minha cabeça. — Ele franziu a testa para algo no chão. Eram três anéis da Grande Serpente, reparou Egwene, e um anel de ouro muito mais pesado, feito para o dedo largo de um homem. — Ainda passa. Tudo precisa mudar, mas eu não seria parte dessa mudança se pudesse me afastar dela. Três Aes Sedai viajando para Tear.

Os outros Aiel se entreolharam, mas pareciam não querer que Egwene e as outras percebessem.

— Você falou de sonhos — começou Egwene. — As suas Sábias sabem o que significam os sonhos que têm?

— Algumas sabem. Se quiser saber mais a respeito, precisa falar com elas. Talvez contem a uma Aes Sedai. Nada contam aos homens, exceto o que os sonhos dizem que devemos fazer. — De repente, ele pareceu cansado. — E costuma ser o que queremos evitar, se possível.

Ele se inclinou para pegar o anel masculino. Nele havia o desenho de um grou voando sobre uma lança e uma coroa. Egwene já sabia o que era. Já o vira muitas vezes antes, balançando em um cordão de couro preso ao pescoço de Nynaeve. A mais velha das Aceitas pisou nos outros anéis para tirá-lo das mãos do homem. Seu rosto estava vermelho, cheio de raiva e de emoções demais para que Egwene as desvendasse. Rhuarc não se moveu para pegar o anel de volta, mas continuou falando com o mesmo tom cansado.

— E uma delas leva um anel de que ouvi falar quando menino. O anel dos reis de Malkier. Eles cavalgaram com os shienaranos contra os Aiel, no tempo de meu pai. Eram bons na dança das lanças. Mas Malkier sucumbiu à Praga. Dizem que apenas um rei, ainda criança, sobreviveu, e ele corteja a morte que levou sua terra como outros homens cortejam belas mulheres. Isso é de fato muito estranho, Aes Sedai. De tudo de estranho que achei que veria quando Melaine me arrastou para fora da minha própria fortaleza, para o outro lado da Muralha do Dragão, nada foi mais estranho do que isso. O

caminho que você abre para mim é um onde jamais pensei que meus pés andariam.

— Não abro caminho algum para você — retrucou Nynaeve, ríspida. — Só quero prosseguir na minha jornada. Esses homens tinham cavalos. Vamos levar três e seguir viagem.

— À noite, Aes Sedai? — inquiriu Rhuarc. — Sua viagem é tão premente que precisa atravessar essas terras perigosas no escuro?

Nynaeve relutou visivelmente antes de responder.

— Não. — Em um tom mais firme, acrescentou: — Mas pretendo partir assim que o sol nascer.

Os Aiel carregaram os mortos para fora da paliçada, mas nem Egwene nem suas companheiras queriam usar a cama nojenta onde Adden dormira. Pegaram os anéis e dormiram a céu aberto, sob seus próprios mantos e os cobertores que pegaram emprestados dos Aiel.

Quando a aurora começou a clarear o céu a leste, os Aiel prepararam um café da manhã feito de carne dura e seca, que Egwene hesitou em comer até Aviendha explicar que era carne de bode, além de um pão ázimo quase tão difícil de mastigar quanto a carne fibrosa e um queijo branco de gosto ácido com nervuras azuis, duro o bastante para fazer Elayne resmungar que os Aiel deveriam treinar mastigando pedras. Mas a Filha-herdeira comeu tanto quanto Egwene e Nynaeve juntas. Depois de escolher os melhores para Egwene e as outras duas, os Aiel soltaram os cavalos. Só cavalgavam se fosse extremamente necessário, explicou Aviendha, e soou como se preferisse correr com bolhas nos pés. Os animais que escolheram eram quase tão altos e corpulentos quanto cavalos de batalha, com pescoços imponentes e olhos ferozes. Um garanhão preto para Nynaeve, uma égua ruana para Elayne e uma égua cinza para Egwene.

Ela decidiu chamar a cinza de Bruma, na esperança de que um nome suave talvez a amansasse, e de fato Bruma pareceu caminhar mais tranquila em direção ao sul, enquanto o sol formava uma borda vermelha acima do horizonte.

Todos os Aiel que haviam sobrevivido à luta as acompanharam a pé. Outros três haviam morrido, além dos que os Myrddraal mataram. No momento eram dezenove, ao todo. Andavam a passos largos, acompanhando os cavalos sem dificuldade. No início, Egwene tentou fazer com que Bruma andasse devagar, mas os Aiel acharam aquilo muito engraçado.

— Aposto uma corrida de dez milhas — disse Aviendha — e veremos quem vai ganhar, eu ou o seu cavalo.

— Eu aposto uma de vinte! — gritou Rhuarc, gargalhando.

Egwene achou que eles estavam falando sério, e, quando ela e as outras duas deixaram os cavalos andarem a passos mais ligeiros, os Aiel não deram sinal algum de que ficariam para trás.

Quando avistaram os telhados de palha de Jurene a distância, Rhuarc falou:

— Vá em paz, Aes Sedai. Que vocês sempre encontrem água e sombra. Talvez nos vejamos outra vez, antes que cheguem as mudanças. — Ele soou taciturno. Enquanto os Aiel se viravam de volta na direção sul, Aviendha, Chiad e Bain ergueram as mãos em despedida. Não pareciam reduzir a marcha, apesar de não acompanharem mais os cavalos. Na verdade, seguiam até um pouco mais depressa. Egwene suspeitou que pretendiam manter o ritmo até chegarem aonde que quer quisessem ir.

— O que ele quis dizer com isso? — perguntou. — "Talvez nos vejamos outra vez, antes que cheguem as mudanças"?

Elayne sacudiu a cabeça.

— Não importa o que ele quis dizer — retrucou Nynaeve. — Estou feliz por terem chegado ontem à noite, mas também estou feliz por terem partido. Espero que a gente encontre um navio aqui.

Jurene era um lugar pequeno, uma aldeia de casas de madeira de um só andar, mas o estandarte do Leão Branco de Andor se agitava sobre a cidade em um mastro alto. Cinquenta Guardas da Rainha montavam guarda, vestidos em casacos vermelhos com golas brancas e compridas sob as reluzentes placas peitorais. Foram alocados ali, como explicou o capitão, para fornecer um abrigo seguro para os refugiados que desejassem partir para Andor, mas a cada dia chegavam menos. A maioria seguia para aldeias mais ao sul do rio, perto de Aringill. Tinha sido uma boa coisa as três mulheres chegarem na hora em que chegaram, pois esperavam receber ordens de retornar a companhia para Andor a qualquer dia. Os poucos habitantes de Jurene provavelmente iriam com eles, deixando o que restara para os bandidos e os soldados cairhienos das Casas em conflito.

Elayne manteve o rosto escondido no capuz do manto de lã pesada, mas nenhum dos soldados pareceu associar a garota de cabelos louro-acobreados à Filha-herdeira. Alguns lhe pediram para fazer companhia, e Egwene não

tinha certeza de que Elayne ficou satisfeita ou chocada. Ela respondeu aos homens que lhe perguntaram que não tinha tempo para eles. De um jeito estranho, era bom ter a atenção deles. Ela decerto não tinha desejo algum de beijar qualquer um daqueles sujeitos, mas era agradável ser lembrada de que pelo menos alguns homens a achavam tão bela quanto Elayne. Nynaeve deu um tapa no rosto de um dos sujeitos. Aquilo quase provocou uma risada em Egwene, e Elayne abriu um sorriso. Egwene pensou que Nynaeve levara um beliscão, e, apesar da carranca, a amiga também não parecia totalmente incomodada.

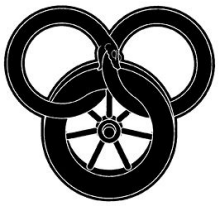
As três não estavam usando os anéis. Nynaeve não precisara de muito para convencê-las de que Tear era um lugar onde elas não gostariam de ser confundidas com Aes Sedai, ainda mais se a Ajah Negra estivesse por lá. Egwene guardara o seu na bolsa, junto com o *ter'angreal* de pedra, e volta e meia tateava para se lembrar de que ainda estavam lá. Nynaeve pendurara o seu no cordão que carregava o pesado anel de Lan, aninhado entre os seios.

Havia um navio em Jurene, preso ao único píer de pedras às margens do Erinin. Não era o navio que Aviendha avistara, ao que parecia, mas ainda assim era um navio. A visão da embarcação deixou Egwene consternada. Duas vezes maior que o *Garça Azul*, o *Flechador* desmentia o nome com uma proa tão redonda quanto o capitão.

O sujeito proeminente piscou para Nynaeve e coçou a orelha quando ela perguntou se a embarcação era rápida.

— Rápida? Estou cheio dessas madeiras excelentes de Shienar e de tapetes de Kandor. Quem precisa ser rápido com um carregamento desses? Os preços só vão subir. Sim, creio que haja navios mais velozes atrás de mim, mas eles não atracarão por aqui. Eu mesmo não teria atracado se não tivesse encontrado larvas na carne. Que ideia idiota achar que teriam carne para vender em Cairhien. O *Garça Azul*? É, vi Ellisor preocupado com alguma coisa ao norte do rio hoje de manhã. Ele não vai zarpar tão cedo, eu acho. É isso que dá seguir em um navio veloz.

Nynaeve pagou as passagens — e em dobro, por causa dos cavalos — com uma expressão que fez Egwene e Elayne evitarem falar com ela até bem depois que o *Flechador* já estivesse longe de Jurene.



CAPÍTULO 40



Um Herói na Noite

Apoiado no gradil, Mat observou a cidade murada de Aringill ficar mais próxima enquanto os remos empurravam o *Gaivota Cinzenta* em direção ao píer de madeira. Protegidas por altos muros de pedra que avançavam até o rio, as docas fervilhavam de gente, e mais passageiros desembarcavam dos navios de diversos tamanhos atracados por toda a extensão do píer. Algumas pessoas empurravam barris e puxavam trenós ou carroças de rodas altas, levando pilhas de mobília e baús bem presos, mas a maioria apenas carregava algumas trouxas nas costas, quando muito. Nem todos pareciam apressados. Muitos homens e mulheres se aglomeravam, indecisos, com crianças chorosas agarradas às pernas. Soldados de casacos vermelhos e placas peitorais reluzentes tentavam fazê-los sair dos desembarcadouros e ir para a cidade, mas a maioria parecia assustada demais para se mexer.

Mat se virou e protegeu os olhos do sol para observar o rio de onde vinham. Essa parte do Erinin era mais movimentada do que ao sul de Tar Valon, com uma dezena de embarcações se movendo, que ele podia ver, desde um barquinho de proa pontuda avançando depressa rio acima, contra a corrente, empurrado por duas velas triangulares, até um largo navio de proa e velas quadradas, ainda bem ao norte.

No entanto, quase metade dos navios à vista nada tinha a ver com o comércio do rio. Duas embarcações largas e de deques vazios seguiam lentamente pelo rio em direção a uma cidade menor na margem oposta, enquanto outras três voltavam para Aringill, todas com o convés tão

abarrotado que mais pareciam um barril de peixes. O sol poente, ainda bem acima do horizonte, encobria em sombras um estandarte que esvoaçava sobre essa outra cidade. Aquele lado do rio era a costa de Cairhien, mas ele não precisava enxergar o estandarte para saber que a figura era a do Leão Branco de Andor. Escutara bastante falatório nas poucas aldeias andorianas onde o *Gaivota Cinzenta* fizera suas breves paradas.

Ele sacudiu a cabeça. Política não lhe interessava. *Desde que não tentem me dizer mais uma vez que sou andoriano só por causa de um mapa qualquer. Que me queime, daqui a pouco vão querer que eu lute naquele maldito exército, se esse negócio cairhieno se espalhar. E seguindo ordens! Luz!* Com um calafrio, ele se virou na direção de Aringill. Os homens descalços no *Gaivota Cinzenta* aprontavam as cordas para jogar aos que aguardavam no cais.

O Capitão Mallia o observava de longe, perto timão. O sujeito jamais abandonara os esforços de cair em suas graças, muito menos as tentativas de descobrir que missão tão importante era aquela. Mat por fim mostrara a carta selada, contando que era da Filha-herdeira para a Rainha. Uma mensagem pessoal de uma filha para sua mãe, nada mais. Mallia parecia ouvir apenas as palavras “Rainha Morgase”.

Mat sorriu para si mesmo. Um bolso fundo em seu casaco guardava duas bolsas ainda mais gordas do que estavam quando ele embarcara, e ele tinha moedas soltas o suficiente para encher outras duas. Sua sorte não fora tão boa quanto naquela primeira e estranha noite, quando os dados e todo o restante pareciam ter enlouquecido, mas ainda assim havia sorte. Depois da terceira noite, Mallia desistira de tentar demonstrar sua cordialidade aceitando jogar, mas seu baú de dinheiro já estava mais leve. E ficaria ainda mais depois de Aringill. Mallia precisava reabastecer as provisões ali — Mat examinou a confusão de pessoas no píer —, se fosse possível, a qualquer preço.

Quando voltou os pensamentos para a carta, o sorriso morreu. Com apenas uma forçadinha com uma faca de lâmina quente, o selo de lírio dourado se desprendera. Não descobrira nada: Elayne estava estudando muito, fazendo progressos e ansiosa para aprender. Era uma filha muito dedicada, e o Trono de Amyrlin a punira por fugir e a mandara jamais tocar no assunto outra vez, por isso a mãe entenderia por que ela não podia falar sobre o que acontecera. A jovem contou que fora elevada a Aceita, não era

maravilhoso ter acontecido assim, tão cedo? E também disse que novas tarefas eram confiadas a ela, que teria que sair de Tar Valon por um breve período a serviço da própria Amyrlin. A mãe não precisava se preocupar.

Era muito fácil para ela dizer a Morgase que não se preocupasse. Ele é quem fora enfiado no caldeirão de sopa. Aquela carta idiota devia ser a razão para aqueles homens terem ido atrás dele, mas nem mesmo Thom conseguira desvendar algo, embora tivesse resmungado sobre "criptogramas", "códigos" e "o Jogo das Casas".

Mat guardara a carta em segurança sob o forro do casaco, com o selo de volta no lugar, e apostaria que ninguém jamais desconfiaria que ele a tinha lido. Se quisessem tanto assim pôr as mãos na carta, a ponto de matá-lo, era possível que tentassem outra vez. *Eu disse que entregaria essa maldita carta, Nynaeve, e vou, não importa quem tente me impedir.* Mesmo assim, tinha algumas palavrinhas para dizer àquelas três mulheres irritantes, da próxima vez que as visse — *Isso se eu chegar a vê-las de novo. Luz, nunca tinha pensado nisso* —, palavras que achava que elas não gostariam nada de ouvir.

Enquanto os tripulantes lançavam as cordas no píer, Thom chegou ao convés, os estojos dos instrumentos nas costas e a trouxa em uma das mãos. Mesmo mancando, caminhou até o gradil empertigado, dando leves floreios com o manto para fazer os retalhos coloridos tremularem e soprando o bigode longo e branco com ares de importância.

— Ninguém está olhando, Thom — comentou Mat. — E acho que mal repariam num menestrel, a não ser que ele estivesse levando comida.

Thom olhou para as docas.

— Luz! Ouvi dizer que a coisa estava feia, mas não esperava isso! Pobres coitados. Metade deles parece estar morrendo de fome. Pode ser que arranjar um quarto para passar a noite nos custe uma dessas suas bolsas. E a outra por uma refeição, se for do tamanho das outras que você tem comido. Quase passei mal só de assistir. Se tentar comer daquele jeito às vistas desse pessoal aí embaixo, pode levar uma sova até seus miolos saltarem da cabeça.

Em resposta, Mat apenas sorriu.

Mallia cruzou o convés a passos pesados, puxando a ponta da barba, enquanto o *Gaivota Cinzenta* era levado para atracar. Tripulantes correram para armar a prancha de desembarque, onde Sanor montou guarda, os braços

fortes cruzados na frente do peito caso a multidão no píer tentasse embarcar. Ninguém tentou.

— Então nos separamos aqui — começou Mallia, dirigindo-se a Mat. O sorriso do capitão não era tão animado quanto poderia. — Têm certeza de que não há nada mais que eu possa fazer para ajudar? Que a minha alma queime, nunca vi tamanha ralé! Esses soldados deveriam limpar as docas… E com as espadas, se necessário. Assim os mercadores decentes poderiam fazer seus negócios. Talvez Sanor possa ajudá-los abrindo caminho entre essa gente até a sua estalagem.

Para que você saiba onde vamos ficar? Sem chance.

— Eu tinha pensado em comer um pouco antes de pisar em terra, talvez acompanhado de um joguinho de dados para passar o tempo. — O rosto de Mallia ficou branco. — Mas acho que prefiro ter um chão firme sob meus pés, durante a próxima refeição. Então nos separamos agora, capitão. Foi uma viagem muito agradável.

Enquanto o alívio ainda lutava com a consternação no rosto do homem, Mat recolheu seus pertences do convés e, usando o bastão como muleta, caminhou com Thom até a prancha. Mallia os seguiu até o topo, murmurando palavras de pesar pela partida, palavras que alternavam verdade e hipocrisia. Mat tinha certeza de que o homem odiava perder a chance de cair nas graças de seu Grão-lorde Samon por saber detalhes do pacto entre Andor e Tar Valon.

Enquanto Mat e o menestrel abriam caminho em meio à multidão, Thom resmungou:

— Sei que aquele sujeito está longe de ser agradável, mas por que é que você fica provocando? Já não foi suficiente ter traçado até a última raspa da comida que ele achava que seria suficiente até Tear?

— Não como tanto assim há quase dois dias. — Uma bela manhã, a fome simplesmente desaparecera, para seu grande alívio. Foi como soltar a última amarra que o prendia a Tar Valon. — Estava jogando quase tudo fora, e deu o maior trabalho não deixar ninguém ver. — Diante das feições abatidas da multidão, muitas delas de crianças, aquilo não parecia mais tão engraçado. — Mallia merecia a provocação. E aquele navio, ontem? Aquele que estava preso num atoleiro, ou algo assim. Ele poderia ter parado para ajudar, mas não chegou nem perto, nem mesmo com todos os gritos da outra tripulação. — À frente deles havia uma mulher de cabelos compridos e escuros que

poderia ser bonita, se não parecesse tão esgotada. Ela observava o rosto de cada homem que passava diante de si, como se procurasse alguém. Um garoto um pouco mais alto que seu quadril e duas meninas menores agarravam-se a ela, chorando. — Todo aquele papo sobre bandidos do rio e ciladas. Não parecia uma cilada, pra mim.

Thom desviou de uma carroça de rodas altas, onde uma gaiola com dois porcos que guinchavam estava presa sobre um calombo coberto de lona, e quase tropeçou em um trenó puxado por um homem e uma mulher.

— E por acaso você sai do seu caminho para ajudar os outros, é? Engraçado como nunca percebi.

— Ajudo qualquer um que possa pagar — retrucou Mat, com firmeza. — Só os tolos das historinhas ajudam os outros sem ganhar nada em troca.

As duas meninas choravam, agarradas às saias da mãe, e o garoto lutava contra as lágrimas. Os olhos fundos da mulher pararam em Mat por um instante, observando seu rosto, antes de voltar a procurar. Ela também parecia querer chorar. Por impulso, ele catou um punhado de moedas soltas no bolso, sem nem olhar para contá-las, e as enfiou nas mãos da mulher. Ela levou um susto, encarou o ouro e a prata nas mãos com uma expressão aturdida que logo se transformou em um sorriso, depois abriu a boca, lágrimas de gratidão enchendo seus olhos.

— Compre algo para eles comerem — disse o rapaz, mais do que depressa e apressou o passo antes que ela pudesse falar qualquer coisa. Percebeu que Thom olhava para ele. — Que cara de bobo é essa? O dinheiro vem fácil, basta encontrar alguém que goste de jogar. — Thom assentiu bem devagar, mas Mat não soube ao certo se ele compreendera seus motivos. *Aquelas malditas crianças chorando estavam me dando nos nervos, é só isso. Esse menestrel besta agora com certeza acha que eu vou dar dinheiro para qualquer vagabundo que apareça. Idiota!* Por um momento desconfortável, não soube dizer se referia-se a Thom ou a si mesmo.

Recompondo-se, evitou olhar para qualquer rosto por tempo o suficiente para enxergar de verdade até encontrar o que procurava, ao pé do píer. O soldado sem capacete, de casaco vermelho e placa peitoral que apressava as pessoas para avançarem para a cidade tinha o ar lamuriento de um soldado de infantaria, um líder experiente de dez ou mais. Com as pálpebras semicerradas diante do sol poente, o homem lembrava Uno, embora tivesse

os dois olhos. Parecia quase tão cansado quanto as pessoas com quem bradava.

— Circulando — gritava, com a voz rouca. — Não podem ficar aqui, maldição. Circulando. Todos para a cidade.

Mat parou bem em frente ao soldado e abriu um sorriso.

— Com licença, capitão, mas o senhor sabe me dizer onde posso encontrar uma estalagem decente? E também um estábulo que venda bons cavalos. Teremos um longo caminho a percorrer, amanhã de manhã.

O soldado o olhou de cima a baixo, examinando Thom e o manto de menestrel, depois voltou-se outra vez para Mat.

— Capitão, é? Bem, garoto, pode acreditar que tem a sorte do próprio Tenebroso se conseguir encontrar até mesmo um estábulo onde dormir. A maioria desse pessoal passa a noite debaixo de cercas vivas. E se encontrar um cavalo que ainda não tenha sido abatido para servir de comida, é bem provável que tenha que lutar com o dono para fazê-lo vender o bicho.

— Comer cavalo! — resmungou Thom, enojado. — As coisas estão tão ruins assim, deste lado do rio? A Rainha não está mandando comida?

— Estão péssimas, menestrel. — O soldado parecia querer cuspir de desdém. — As pessoas cruzam o rio mais rápido do que os moinhos conseguem produzir farinha ou que os carroções trazem alimento das fazendas. Bem, não vai durar muito. A ordem já chegou. Amanhã mesmo, vamos parar de deixar qualquer um atravessar, e, se tentarem, mandaremos de volta. — Ele olhou com desprezo para o povo que se aglomerava nas docas, como se tudo aquilo fosse culpa deles, depois encarou Mat com o mesmo olhar severo. — Vocês estão ocupando espaço, viajantes. Circulando. — Ele elevou a voz, voltando a gritar, dirigindo-se a quem pudesse ouvir. — Circulando! Não podem ficar aqui, maldição! Circulando!

Mat e Thom se juntaram às pessoas, carroças e trenós que seguiam em direção aos portões da muralha da cidade, adentrando Aringill.

As ruas principais eram pavimentadas de pedras cinza lisas, mas estavam tão apinhadas de gente que era difícil enxergar as pedras sob as próprias botas. A maioria parecia se deslocar a esmo, sem rumo, e os que haviam desistido de andar estavam sentados, abatidos, nos cantos da rua. Os mais sortudos mantinham os pertences embrulhados diante de si ou levavam objeto estimado nos braços. Mat viu três homens segurando relógios e uma dúzia ou mais com cálices ou travessas de prata. A maioria das mulheres

segurava crianças junto ao peito. Um burburinho preenchia o ar, um murmúrio baixo de preocupação. Ele abriu caminho pela multidão com uma carranca no rosto, procurando a placa de alguma estalagem. Havia todo tipo de prédio, de madeira, tijolos e pedras, todos praticamente colados uns nos outros, com telhados de telha, laje ou palha.

— Não é típico de Morgase — comentou Thom, depois de um tempo, meio para si mesmo. As sobrancelhas grossas estavam franzidas.

— O que é que não é típico dela? — perguntou Mat, distraído.

— Interditar a passagem. Mandar as pessoas embora. Ela tinha um temperamento difícil, mas também sempre teve o coração mole com os pobres e famintos. — Ele sacudiu a cabeça.

Foi então que Mat viu uma placa — "O Ribeirinho", estava escrito, e tinha a imagem de um sujeito descalço e sem camisas dançando a jiga. O rapaz virou-se naquela direção, usando o bastão para conseguir cruzar o fluxo de gente.

— Bem, só pode ter sido ela. Quem mais poderia ser? Esqueça Morgase, Thom. Ainda falta muito para chegarmos em Caemlyn. Primeiro, vamos ver quanto ouro custa uma cama para passarmos a noite.

O salão da estalagem O Ribeirinho parecia tão cheio quanto as ruas lá fora, e quando o estalajadeiro ouviu o que Mat queria, riu até o queixo tremer.

— Estou ajeitando quatro numa cama só, agora. Se minha própria mãe viesse pedir abrigo, não conseguiria arranjar nem um mísero cobertor perto da lareira.

— Como deve ter percebido — disse Thom, a voz assumindo aquele eco característico —, sou um menestrel. Sem dúvidas o senhor pode nos arrumar pelos menos catres em algum canto, e em troca posso entreter sua clientela com histórias e malabarismos, engolindo fogo e fazendo truques com as mãos.

O estalajadeiro riu na cara dele.

Enquanto Mat o puxava de volta para a rua, Thom grunhiu, já com a voz normal:

— Você nem me deu chance de perguntar sobre o estábulo. Sem dúvida eu teria conseguido no mínimo um lugarzinho no palheiro.

— Já dormi em estábulos e celeiros o suficiente, desde que deixei Campo de Emond — retrucou Mat. — E também já passei muitas noites

debaixo de arbustos. Quero uma cama.

No entanto, nas quatro estalagens seguintes os estalajadeiros deram a mesma resposta que o primeiro, e os dois últimos quase os atiraram para fora quando Mat sugeriu apostar uma cama nos dados. E quando o dono da quinta estalagem afirmou que não teria um catre nem para a própria Rainha — e o lugar se chamava A Boa Rainha —, Mat suspirou e perguntou:

— E o estábulo? Sem dúvidas poderíamos dormir no palheiro, se pagarmos.

— Meu estábulo é para cavalos — retrucou o homem de rosto redondo —, não que tenham sobrado tantos, aqui na cidade. — Ele estivera polindo uma caneca de prata, mas ao falar aquilo abriu a porta de um armário raso que ficava apoiado em um baú fundo e cheio de gavetas e a colocou junto com outras. Eram todas diferentes. Um copo de dados feito de couro trabalhado jazia sobre o baú, bem ao lado do arco formado pelas portas do armário. — Não ponho ninguém lá, pessoas podem assustar os cavalos e talvez até fujam com eles. Quem paga para eu guardar os animais quer que eles sejam bem tratados, e também tem dois cavalos meus lá. Não tem cama nenhuma para os senhores no meu estábulo.

Mat olhou o copo de dados, pensativo. Puxou uma coroa andoriana do bolso e a colocou sobre o baú. A moeda seguinte era um marco de prata de Tar Valon, depois um de ouro, e uma coroa tairena de ouro. O estalajadeiro olhou as moedas e lambeu os lábios carnudos. Mat acrescentou dois marcos de prata illianenses e mais uma coroa andoriana, depois olhou para o homem de rosto redondo. O estalajadeiro hesitou. Mat estendeu a mão para pegar as moedas, mas a mão do estalajadeiro as alcançou primeiro.

— Talvez, se forem só vocês dois, os cavalos não fiquem muito incomodados.

Mat sorriu para o homem.

— Falando em cavalos, por quanto o senhor vende seus dois? Com selas e rédeas, é claro.

— Não vou vender meus cavalos — retrucou o homem, apertando as moedas contra o peito.

Mat ergueu o copo de dados e o sacudiu.

— Aposto o dobro contra os seus cavalos, com selas e rédeas. — Ele também sacudiu o bolso do casaco e fez as moedas soltas tilintarem, para

mostrar que tinha dinheiro para cobrir a aposta. — Lanço os dados uma vez contra o melhor de dois lançamentos seus.

Mat quase riu quando o rosto inteiro do estalajadeiro se iluminou pela ganância.

Ao adentrar o estábulo, a primeira coisa que o rapaz fez foi examinar as doze estrebarias com cavalos à procura de um par de capões marrons. Eram cavalos comuns, mas eram dele. Precisavam de uma escovação urgente, mas tirando isso pareciam em bom estado, ainda mais levando em conta que todos os cavalariços, exceto um, tinham ido embora. O estalajadeiro menosprezara os homens, diante das queixas de que não podiam mais viver com o que ele lhes pagava, e parecia considerar um crime o fato de que o único que restara tivera a audácia de dizer que estava indo para casa, para a cama, pois estava cansado de fazer sozinho o trabalho de três.

— Cinco seis — murmurou Thom, atrás dele. O olhar que lançou para o estábulo não era tão fascinado quanto deveria, já que fora ele quem sugerira ficarem em um, em primeiro lugar. Partículas de poeira reluziam à última luz do sol poente que entrava pelas amplas janelas, e as cordas usadas para içar fardos de feno pendiam de roldanas nas vigas do teto, parecendo trepadeiras. O palheiro estava escondido na penumbra acima. — Quando ele conseguiu quatro seis e um cinco no segundo lance, achou que sua derrota era certa, e eu também. Você não tem ganhado todas as vezes, ultimamente.

— Eu ganho quando preciso. — Mat estava bastante aliviado por não ganhar todas as vezes. Sorte era uma coisa, mas a lembrança daquela noite ainda o deixava arrepiado. Mesmo assim, por um instante, enquanto sacudia o copo de dados, ele praticamente sabia qual seria o resultado. Enquanto arremessava o bastão no celeiro acima, um trovão estrondeou no céu. Ele subiu a escada, falando com Thom. — Foi uma boa ideia. Achei que você iria gostar de escapar da chuva agora à noite.

A maior parte do feno estava dividido em fardos empilhados e encostados nas paredes externas, porém havia mais do que o suficiente solto para ele jogar o manto por cima e improvisar uma cama. Thom surgiu no topo da escada enquanto o rapaz tirava duas fatias de pão e um naco de queijo com nervuras verdes do alforje de couro. O estalajadeiro, cujo nome era Jeral Florry, se separara da comida quase pelo mesmo valor de um cavalo, em épocas menos conturbadas. Os dois comeram enquanto a chuva começava a batucar no telhado, bebendo água dos cantis para ajudar a

engolir a comida, já que Florry não tinha vinho, a preço algum. Quando terminaram, Thom desencavou o acendedor, pegou o cachimbo comprido cheio de tabaco e recostou-se para fumar.

Mat estava deitado de barriga para cima, encarando o teto imerso nas sombras e se perguntando se a chuva pararia antes do amanhecer — queria se livrar daquela carta o mais rápido possível. Foi quando ouviu o eixo de uma carroça ranger no estábulo. Rolando para o canto do celeiro, espiou lá para baixo. O lusco-fusco era suficiente para ele enxergar.

Uma mulher esguia se espreguiçava depois de puxar os varais da carroça de rodas altas que acabara de trazer para o abrigo da chuva, tirando o manto e resmungando baixinho enquanto o sacudia para tirar a água. Ela usava os cabelos em uma infinidade de pequeninas tranças, e o vestido de seda, que Mat julgou que fosse verde-claro, tinha bordados elaborados na altura dos seios. O vestido um dia fora refinado, mas no momento estava esfarrapado e manchado. Ela massageou as costas, ainda falando sozinha em voz baixa, e correu para as portas do estábulo para espiar a chuva. Com a mesma pressa, esquivou-se para fechar as grandes portas, encerrando o estábulo na escuridão. Houve uns ruídos lá embaixo, um tilintar e um barulho de líquido esguichando, e de repente uma pequena chama trêmula surgiu em um lampião nas mãos dela. A mulher olhou em volta, encontrou um gancho em uma das colunas da estrebaria, pendurou a lanterna e começou a procurar algo sob a lona amarrada que cobria a carroça.

— Ela foi rápida — comentou Thom, baixinho, com a boca no cachimbo. — Poderia ter botado fogo no estábulo esfregando a lasca de pedra e o aço no escuro, desse jeito.

A mulher reapareceu com a ponta de uma fatia de pão, que abocanhou como se estivesse dura, mas não se importasse por conta da fome.

— Ainda sobrou um pouco daquele queijo? — sussurrou Mat. Thom negou com a cabeça.

A mulher começou a fungar, e Mat percebeu que ela devia ter sentido o cheiro da fumaça de tabaco de Thom. Estava prestes a se levantar e anunciar a presença dos dois quando as portas do estábulo se abriram outra vez.

A mulher se agachou, pronta para correr, quando quatro homens, saídos da chuva, adentraram o estábulo, já tirando os mantos molhados e revelando casacos claros com mangas largas e bordados no peitoral, além de calças

largas com bordados nas pernas. As roupas eram finas, mas os homens eram corpulentos e carrancudos.

— Então, Aludra — começou um homem de casaco amarelo —, você não correu tão rápido quanto pensou, não é? — Ele tinha um sotaque estranho aos ouvidos de Mat.

— Tammuz — disse a mulher, como se a palavra fosse um xingamento. — Não foi o bastante que seus descuidos tenham causado minha expulsão da Guilda, seu descerebrado, agora você ainda resolve me seguir. — Ela falava do mesmo jeito esquisito que o homem. — Acha que estou contente em ver você?

O homem chamado Tammuz soltou uma risada.

— Você é uma bela idiota, Aludra, coisa que eu sempre soube. Se tivesse simplesmente ido embora, poderia ter vivido uma vida longa em algum lugar tranquilo. Mas não conseguiu esquecer os segredos que tem na cabeça, não? Achou mesmo que não descobriríamos que você tentou continuar fazendo apenas o que ela tem direito de fazer, a Guilda? — De repente, uma faca surgiu na mão do homem. — Será um grande prazer cortar essa sua garganta, Aludra.

Mat sequer notou que havia se levantado até se ver segurando uma das cordas duplas que pendiam do teto do celeiro, já pulando para baixo. *Que me queime por ser tão idiota!*

Teve tempo apenas para um pensamento desvairado, e em seguida estava atacando os homens de mantos, derrubando-os de uma só vez. As cordas escorregaram de suas mãos, e ele caiu, rolando pelo chão coberto de palha, as moedas pulando de seus bolsos, até dar de cara com uma baia. Quando conseguiu se levantar, os quatro homens também já se erguiam. E todos eles seguravam facas. *Seu idiota cego pela Luz! Que me queime! Que me queime!*

— Mat!

O rapaz olhou para cima, e Thom atirou o bastão. Ele o apanhou no ar bem a tempo de derrubar a lâmina do punho de Tammuz e acertar uma pancada forte na lateral da cabeça dele. O homem se contorceu, mas os outros três vieram logo atrás, e, por um instante turbulento, Mat fez tudo o que pôde, rodopiando o cajado para afastar as facas, golpeando joelhos, tornozelos e costelas até conseguir desferir um bom golpe em uma cabeça.

Quando o último homem caiu, ele os encarou por um instante, depois ergueu o olhar para a mulher.

— Você tinha que escolher justo este estábulo para ser assassinada?

Ela deslizou uma adaga de lâmina fina de volta na bainha do cinturão.

— Eu teria ajudado, mas fiquei com medo que me confundisse com um deles, esses palhaços, se me aproximasse com aço nas mãos. E escolhi este estábulo porque a chuva está molhada, e também eu, e não tinha ninguém vigiando o lugar.

Ela era mais velha do que ele imaginara, tinha pelo menos dez ou quinze anos a mais que ele, mas era bonita, com olhos grandes e escuros e uma boca pequena e carnuda que parecia prestes a fazer beicinho. *Ou se preparando para ganhar um beijo.* Ele soltou uma risadinha e apoiou-se no bastão.

— Bem, o que está feito está feito. Acho que você não estava tentando nos criar problemas.

Thom descia do andar de cima, com alguma dificuldade por causa da perna, e Aludra olhou para ele, depois para Mat. O menestrel vestira o manto outra vez. Raramente deixava que o vissem sem ele, sobretudo se fosse a primeira vez.

— Parece até uma história — disse a mulher. — Resgatada por um menestrel e um jovem herói — ela olhou de cara feia os homens esparramados no chão do estábulo — desses sujeitos filhos de umas porcas!

— Por que é que eles queriam matar você? — perguntou Mat. — Ele falou alguma coisa sobre segredos.

— O segredo — começou Thom, quase que na voz que usava para as performances — de produzir fogos de artifício, se eu não estiver enganado. Você é uma Iluminadora, não é? — Ele fez uma mesura cortês com um floreio elaborado do manto. — Sou Thom Merrilin, um menestrel, como pode ver. — Quase como uma reflexão tardia, acrescentou: — E este é Mat, um jovem com talento para arrumar confusões.

— Eu era uma Iluminadora — respondeu Aludra, de modo severo —, mas ele, esse porco chamado Tammuz, arruinou uma apresentação minha para o Rei de Cairhien e quase destruiu a sala do capítulo. Quanto a mim, era a Mestra da Sala do Capítulo, então a Guilda julgou que eu fosse a culpada. — A voz dela adquiriu um tom defensivo. — Não revelo os segredos da Guilda, não importa o que Tammuz diga, mas não pretendo

morrer de fome se posso produzir fogos de artifício. Não estou mais na Guilda, então as regras de lá não mais se aplicam a mim.

— Galldrian — comentou Thom, soando quase tão impassível quanto ela. — Bem, ele agora é um rei morto, não verá mais fogos de artifício.

— Na Guilda — continuou ela, soando cansada —, todos praticamente me culpam por esta guerra em Cairhien, como se aquela única noite de desastre tivesse causado a morte de Galldrian. — Thom fez uma careta. — Parece que eu não posso mais ficar aqui — prosseguiu. — Tammuz e esses outros desgraçados vão acordar em breve. Talvez dessa vez digam aos guardas que roubei o que eu mesma fiz. — Ela olhou para Thom e depois para Mat, com o cenho franzido, perdida em pensamentos, então pareceu tomar uma decisão. — Preciso recompensá-los, mas não tenho dinheiro. Porém tenho algo que deve valer tanto quanto ouro. Talvez seja até melhor. Veremos o que vocês acham.

Mat e Thom se entreolharam enquanto ela se enfiava sob a lona que cobria a carroça. *Ajudo qualquer um que possa pagar.* Pensou ver um brilho especulativo surgir nos olhos azuis de Thom.

Aludra separou um embrulho de um grupo de outros parecidos, um pequeno rolo de tecido oleoso e pesado quase da largura dos próprios braços. Ela o pôs sobre a palha, desamarrou as cordas que o atavam e desenrolou o tecido no chão. Havia quatro fileiras de bolsos presos, e em cada uma delas eles eram maiores do que os da anterior. Cada bolso continha um cilindro de papel revestido de cera que ocupava quase todo o espaço, e um cordão escuro se projetava para fora.

— Fogos de artifício — disse Thom. — Eu sabia. Aludra, você não pode fazer isso. Pode vender isso por dinheiro suficiente para passar dez dias ou mais numa boa estalagem e comer bem por todo o período. Bem, em qualquer lugar que não aqui em Aringill.

Ela se ajoelhou ao lado da longa tira de tecido lubrificado e deu uma fungada.

— Fique quieto, velhote. — A forma como ela disse aquilo não soou indelicada. — Será que não posso demonstrar gratidão? Acha que eu lhes daria isso se não tivesse mais nenhum para vender? Prestem bastante atenção em mim.

Mat agachou ao lado dela, fascinado. Só vira fogos de artifício duas vezes na vida. Mascates haviam levado alguns a Campo de Emond, a um

custo bem alto para o Conselho da Aldeia. Quando tinha dez anos, tentara abrir um para ver o que havia dentro e causara um alvoroço. Bran al'Vere, o Prefeito, o algemara. Doral Barran, que na época era a Sabedoria, o enchera de varadas. Seu pai lhe dera uma surra de cinto, quando chegou em casa. Ninguém na aldeia falou com ele durante um mês, exceto Rand e Perrin, e os dois praticamente só diziam o quanto ele fora estúpido. Mat esticou a mão para tocar um dos cilindros. Aludra deu-lhe um tapa.

— Eu disse para observar primeiro! Esses menores fazem uma barulheira, mas nada além disso. — Eram do tamanho do dedinho dele. — Esses outros fazem um barulhão e soltam uma luz forte. Estes aqui fazem barulho, soltam a luz e várias faíscas. E estes — que eram mais grossos que o dedão dele — fazem tudo isso, mas as faíscas são multicoloridas. Quase como uma flor noturna, mas não no céu.

Flor noturna?, pensou Mat.

— Precisam ter cuidado especial com esses. Estão vendo o detonador? É muito comprido. — Ela reparou no olhar perdido de Mat e sacudiu uma das cordas compridas e escuras diante dele. — Aqui, aqui!

— Onde acende o fogo — resmungou em resposta. — Eu sei disso.

Thom fez um barulho com a garganta e alisou o bigode com o dorso da mão, como se encobrisse um sorriso.

Aludra grunhiu.

— Onde acende o fogo. Isso mesmo. Não se aproximem demais de nenhum deles, mas assim que acenderem o estopim desses aqui, corram. Estão entendendo? — Ela enrolou o comprido tecido bruscamente. — Podem vender, se quiserem, ou podem usá-los. Mas não esqueçam: nunca aproximem isso do fogo. Fogo fará todos eles explodirem. Se todos explodirem ao mesmo tempo, até podem destruir uma casa. — Ela hesitou ao amarrar as cordas de volta, depois acrescentou: — Tem uma última coisa, que vocês já devem ter ouvido. Não tentem abrir nenhum deles, como alguns belos idiotas resolvem fazer para ver o que tem dentro. Às vezes, o conteúdo deles em contato com o ar pode causar uma explosão sem nem precisar do fogo. Podem perder os dedos, ou até mesmo a mão.

— Ouvi dizer — retrucou Mat, secamente.

Ela franziu a testa para ele, parecendo se perguntar se ele faria aquilo de qualquer jeito, depois empurrou o embrulho enrolado nas mãos dele.

— Tome. Preciso ir agora, antes que esses filhos de umas cabras acordem. — Olhando para a porta ainda aberta e a chuva que caía pela noite, ela suspirou. — Talvez encontre outro local seco. Acho que vou seguir em direção a Lugard, amanhã. Esses porcos estão esperando que eu vá para Caemlyn, certo?

Lugard ficava ainda mais longe do que Caemlyn, e Mat de repente se lembrou daquele pedaço de pão duro. E ela dissera que não tinha dinheiro. Ela não compraria refeição alguma com fogos de artifício até encontrar uma pessoa que pudesse pagar por eles. E nem sequer olhara para o ouro e a prata que saíram do bolso dele, quando caiu. As moedas reluziam sobre a palha, à luz do lampião. *Ah, Luz, acho que não posso deixá-la passar fome.* Pegou todas as moedas caídas que conseguiu reunir rápido.

— Hã… Aludra? Tenho bastante, está vendo? Pensei que talvez… — Ele estendeu as moedas para ela. — Sempre posso ganhar mais.

Ela hesitou, o manto jogado em um dos ombros, depois sorriu para Thom enquanto terminava de ajeitá-lo.

— Ele ainda é jovem, não é?

— Ele é jovem — concordou Thom. — E não tem nem a metade da maldade que gostaria de ter. Pelo menos às vezes.

Mat lançou um olhar irritado para os dois, então baixou a mão.

Erguendo os varais da carroça, Aludra virou-a e começou a avançar para a porta, dando um chute nas costelas de Tammuz ao passar. Ele soltou um grunhido meio grogue.

— Gostaria de saber uma coisa, Aludra — começou Thom. — Como foi que você acendeu aquele lampião tão rápido, no escuro?

Ela parou perto da porta e sorriu para ele por cima do ombro.

— Quer que eu revele todos os meus segredos? Estou grata, mas não apaixonada. Este segredo nem a Guilda conhece, pois fui eu que descobri sozinha. Mais do que isso não revelarei. Quando eu souber fazer o truque funcionar direito, e de um jeito que só funcione quando eu quiser, esses gravetos vão me trazer uma fortuna. — Jogando o peso contra os varais, ela puxou a carroça para o meio da chuva e foi tragada pela noite.

— Gravetos? — repetiu Mat. Ele se perguntou se a moça não seria um pouco esquisita da cabeça.

Tammuz soltou outro grunhido.

— É melhor fazermos o mesmo, garoto — sugeriu Thom. — Senão teremos que escolher entre cortar quatro gargantas ou passar os próximos dias dando explicações para os Guardas da Rainha. Esses aí parecem ser do tipo que botariam a guarda em nosso encalço só de raiva. E têm motivos para estarem com raiva, suponho. — Um dos companheiros de Tammuz se contorceu, como se recobrasse a consciência, e soltou um resmungo ininteligível.

Quando terminaram de reunir todos os pertences e selar os cavalos, Tammuz já estava de quatro, com a cabeça caída, e os outros também se remexiam e grunhiam, inquietos.

Saltando para a sela, Mat encarou a chuva do lado de fora, que caía mais forte do que nunca.

— Um maldito herói — resmungou. — Thom, se parecer que eu for dar uma de herói outra vez, pode me bater.

— E o que você teria feito de diferente?

Mat fechou a cara para ele, então puxou o capuz e ajeitou a parte de trás do manto por cima do rolo grosso amarrado atrás do cepilho alto da sela. Mesmo com o tecido oleoso, uma proteção a mais contra a chuva não faria mal.

— Pode me bater! — Ele enfiou os calcanhares nas costelas do cavalo e avançou a galope pela noite chuvosa.



CAPÍTULO 41



Juramento de Caçador

Enquanto o *Ganso das Neves* avançava para o longo píer de pedras de Illian com as velas enroladas, impulsionado pelos remos, Perrin permanecia junto à popa, observando um grande número de pássaros de pernas compridas que avançava pela grama pantanosa que praticamente envolvia o grande porto. Reconheceu os pequenos grous brancos e pôde adivinhar quem eram seus irmãos azuis, bem maiores, mas não conhecia muitos dos pássaros de crista, alguns de penas vermelhas ou rosadas, outros com bicos achatados e mais largos que os de patos. Uma dezena de espécies de gaivotas planavam e davam rasantes sobre o porto, e um pássaro negro de bico comprido e pontudo planava bem junto à superfície da água, formando sulcos com a parte de baixo do bico. Navios três ou quatro vezes mais compridos que o *Ganso das Neves* estavam ancorados ao longo do porto, aguardando a vez de entrar no píer ou apenas esperando a mudança da maré para que pudessem navegar para além do extenso quebra-mar. Pequenos barcos de pesca estavam próximos ao pântano, e, nos córregos que entremeavam a área, dois ou três homens arrastavam redes presas em longas estacas suspensas de cada lado do barco.

O vento carregava um forte cheiro de maresia e não ajudava muito a aliviar o calor. O sol já estava a meio caminho do horizonte, mas ainda parecia meio-dia. O ar parecia molhado, era a única definição que ele conseguia dar. Molhado. Seu nariz captou o odor de peixe fresco que vinha dos botes, o de peixe velho e lama vindo do pântano e o fedor pungente de

um imenso curtume que ficava em uma ilha sem árvores no gramado do pântano.

O Capitão Adarra resmungou baixinho atrás deles, o timão rangeu, e o *Ganso das Neves* mudou ligeiramente o curso. Os homens descalços encarregados dos remos se moviam como se não quisessem emitir som algum. Perrin não demorou o olhar neles por mais tempo do que um relance.

Em vez disso, olhou para o curtume, observando uns homens rasparem o couro estirado em fileiras de molduras de madeira enquanto outros usavam grandes varas para erguer o couro imerso em gigantescos barris. Às vezes eles empilhavam os couros em carrinhos de mão e os levavam até o prédio grande e baixo no canto do pátio, e às vezes os couros retornavam aos tonéis, com uma adição de líquidos que jorravam de enormes jarros de pedra. Eles deviam produzir mais couro em um dia do que era feito em Campo de Emond em meses, e Perrin viu que havia outro curtume em uma ilha mais adiante.

Não que ele tivesse algum interesse real em navios, barcos de pesca, curtumes ou mesmo nos pássaros — embora se perguntasse o que os vermelho-claros estavam pescando com os bicos chatos e pensasse que alguns deles pareciam bons para comer, quando se descuidava —, mas qualquer coisa parecia melhor do que ver a cena que se desenrolava atrás de si, no convés do *Ganso das Neves*. O machado em seu cinturão não poderia defendê-lo daquilo. *Nem mesmo uma muralha de pedra seria defesa suficiente*, pensou.

Moiraine não demonstrara achar bom nem ruim descobrir que Zarine — *Não vou chamá-la de Faile, seja lá o nome que quiser dar a si mesma! Ela não é um falcão!* — sabia que ela era Aes Sedai, embora talvez tivesse ficado um pouco aborrecida com ele por não ter contado nada. *Um pouco aborrecida. Ela me chamou de tolo, mas foi só. Por um tempo.* Moiraine não parecera se incomodar por Zarine ser uma Caçadora da Trombeta. Mas tudo mudou quando ela ficou sabendo que a garota pensava que eles a levariam até a Trombeta de Valere, e descobriu que ele também sabia disso e não lhe contara — e Zarine conversara com Moiraine mais do que abertamente sobre ambos os assuntos, na opinião dele. Foi então que o olhar frio e sombrio da Aes Sedai adquirira uma qualidade que o fizera sentir como se estivesse preso em um barril de neve em pleno inverno. A mulher

não dissera uma palavra sequer, mas o encarava de um jeito muito severo e com muita frequência para que pudesse simplesmente ignorá-la.

Ele espiou por cima do ombro e logo voltou a observar o litoral. Zarine estava sentada de pernas cruzadas no convés, perto dos cavalos amarrados entre os mastros, a trouxa e o manto escuro ao seu lado e as saias apertadas e divididas muito bem-arrumadas. Ela fingia analisar as torres e os topos dos prédios da cidade que se aproximava. Moiraine também observava Illian, logo à frente dos homens que remavam, mas vez ou outra lançava um olhar severo à garota de debaixo do grande capuz de seu manto de fina lã cinza. *Como é que ela consegue continuar vestida nisso?*, pensou Perrin. Seu casaco estava desabotoado, a camisa aberta no colarinho.

Zarine respondia cada olhar da Aes Sedai com um sorriso, mas cada vez que Moiraine se virava, engolia em seco e esfregava a testa.

Perrin a admirava muito por conseguir abrir um sorriso enquanto Moiraine a encarava. Era muito mais do que ele era capaz de fazer. Nunca vira a Aes Sedai perder a compostura, mas estava a ponto de desejar que ela gritasse, tivesse um ataque de raiva ou qualquer coisa além de encará-lo. *Luz, talvez não qualquer coisa!* Talvez o olhar fosse suportável.

Lan estava sentado mais à frente, mais perto da proa que Moiraine, e o manto que parecia mudar de cor ainda estava guardado nos alforjes a seus pés. Ele parecia absorto em examinar a lâmina da espada, mas fazia pouco esforço para esconder o próprio divertimento. Às vezes retorcia os lábios no que quase parecia um sorriso. Perrin não tinha certeza, em alguns momentos pensava que fosse apenas uma sombra. As sombras podiam fazer até um martelo parecer estar sorrindo. Obviamente, cada uma das mulheres pensava que era delas que ele estava rindo, mas o Guardião não parecia se importar com as caras feias e bocas apertadas que recebia das duas.

Alguns dias antes, Perrin ouvira Moiraine perguntar a Lan, com uma voz gélida, se ele vira alguma coisa engraçada. “Eu jamais riria de você, Moiraine Sedai”, respondera o homem, com toda a calma, “mas se realmente pretende me enviar para Myrelle, preciso me acostumar a sorrir. Ouvir dizer que ela conta piadas a seus Guardiões. Um Gaidin deve rir dos gracejos da detentora de seu elo. Você com frequência já fez gracejos para que eu risse, não é verdade? Talvez prefira que eu fique com você, no fim das contas.” Ela lançara a ele um olhar que teria acorrentado qualquer outro homem ao mastro, mas o Guardião sequer piscou. Lan fazia aço frio parecer latão.

A tripulação se habituara a continuar o trabalho no mais completo silêncio quando Moiraine e Zarine estavam juntas no convés. O Capitão Adarra mantinha a cabeça inclinada e olhava como se escutasse algo que não queria. Passava as ordens em sussurros, em vez dos gritos de costume. Todos descobriram que Moiraine era uma Aes Sedai, e todos perceberam que ela estava descontente. Perrin se deixara entrar em uma discussão com Zarine, e já não tinha certeza de qual dos dois gritara as palavras "Aes Sedai", mas toda a tripulação ficara sabendo. *Maldita mulher!* Ele não sabia se estava pensando em Moiraine ou em Zarine. *Se ela é o falcão, o que é que deve ser o gavião? Será que eu vou ficar preso com* duas *mulheres como ela? Luz! Não! Ela não é um falcão, e fim de papo!* A única coisa boa que ele conseguia ver em tudo aquilo era que, com uma Aes Sedai irritada com que se preocupar, ninguém da tripulação prestava muita atenção aos olhos dele.

Loial não estava em nenhum lugar à vista, no momento. O Ogier ficava em sua cabine asfixiante sempre que Moiraine e Zarine estavam juntas na parte de cima do navio — trabalhando em suas anotações, ele alegava. Só subia para o convés à noite, para fumar seu cachimbo. Perrin não entendia como ele conseguia suportar o calor, até mesmo aguentar Moiraine e Zarine era melhor que ficar nos deques inferiores.

Ele suspirou e fixou o olhar em Illian. A cidade de que se aproximavam era grande, tão grande quanto Cairhien ou Caemlyn, as duas únicas cidades grandes que ele já vira. Ela se elevava por detrás de um monstruoso pântano, que se estendia por milhas e mais milhas, parecendo uma planície gramada irregular. Illian não tinha muralhas, mas parecia toda feita de torres e palácios. As construções eram todas de pedras claras, exceto por algumas que pareciam cobertas de reboco branco, embora fossem de pedras brancas, cinzentas ou avermelhadas, às vezes até em tons claros de verde. Os telhados de telha reluziam sob o sol em uma centena de matizes diferentes. Muitos navios estavam ancorados nas extensas docas, a maioria menor que o *Ganso das Neves,* e o lugar estava tumultuado com o embarque e desembarque de cargas. Havia estaleiros no extremo da cidade, abrigando grandes navios em todos os estágios de construção, desde esqueletos de ripas robustas de madeira a embarcações quase prontas para deslizar até o porto.

Talvez Illian fosse grande o bastante para manter os lobos afastados. Eles com certeza não caçariam naqueles pântanos. O *Ganso das Neves*

ultrapassara os lobos que o seguiam desde as montanhas. Ele os buscava, cauteloso, e sentia… nada. Era uma sensação curiosa de vazio, apesar de ser o que ele desejava. Desde aquela primeira noite, seus sonhos haviam sido só seus, pelo menos a maioria. Moiraine perguntara a respeito com uma voz indiferente, e ele contara a verdade. Por duas vezes se vira naquele estranho tipo de sonho de lobos, e nas duas vezes Saltador aparecera para expulsá-lo, dizendo que ele ainda era muito novo e inexperiente. O que Moiraine achara daquilo, ele não fazia ideia: a mulher não dissera nada, exceto que era melhor ter cuidado.

— Para mim, está muito bom — grunhiu. Estava quase se acostumando a ver Saltador morto, mas não morto, nos sonhos com os lobos. Atrás de si, ouviu o Capitão Adarra arrastar as botas pelo convés e resmungar algo, surpreso por qualquer coisa ter sido dita em voz alta.

Cordas foram arremessadas para a costa. Enquanto ainda eram amarradas aos postes ao longo do píer, o capitão franzino começou a se movimentar, dando sussurros enérgicos para a tripulação. As hastes de apoio foram armadas para içar os cavalos até o desembarcadouro quase tão depressa quanto a prancha de desembarque foi posta no lugar. O cavalo de batalha preto de Lan dava coices e quase quebrou a haste que o erguia. O animal de Loial, enorme e de machinhas peludas, precisou de duas.

— Uma honra — sussurrou Adarra para Moiraine, fazendo uma mesura quando ela pisou na larga prancha que levava ao píer. — Uma honra ter servido à senhora, Aes Sedai. — Ela avançou para a costa sem olhar para ele, o rosto escondido sob o largo capuz.

Loial só apareceu depois que todos já estavam no píer, inclusive os cavalos. O Ogier desceu retumbando pela prancha de desembarque, tentando vestir o longo casaco enquanto carregava os enormes alforjes e o cobertor listrado, o manto pendurado em um dos braços.

— Não sabia que tínhamos chegado — disse, ofegante. — Estava relendo meu… — Ao olhar Moiraine, a voz dele foi morrendo. A mulher parecia absorta em observar Lan selar Aldieb, mas as orelhas do Ogier tremiam como as de um gato nervoso.

As anotações, pensou Perrin. *Um dia desses eu preciso ver o que ele está escrevendo sobre essa coisa toda.* Sentiu cócegas na nuca e deu um salto para a frente antes de perceber que também sentia um perfume fresco e herbóreo entre os odores de especiarias, alcatrão e os fedores das docas.

Zarine agitou os dedos, sorrindo para eles.

— Se eu posso fazer isso só de passar os dedos, fazendeiro, qual seria a altura do pulo se eu…

Ele estava começando a se cansar da expressão contemplativa daqueles olhos escuros e oblíquos. *Ela pode ser bonita, mas me olha como se eu fosse uma ferramenta desconhecida, tentando descobrir como foi feita e para que deve servir.*

— Zarine. — A voz de Moiraine era fria, mas serena.

— Meu nome é Faile — retrucou Zarine com firmeza. Por um instante, de nariz em pé daquele jeito, ela parecia mesmo um falcão.

— Zarine — repetiu Moiraine, a voz firme —, é hora de nossos caminhos se separarem. Poderá caçar melhor em outro lugar, e em maior segurança.

— Acho que não — retorquiu Zarine, com a mesma firmeza. — Um Caçador deve seguir os rastros que vê, e nenhum Caçador ignoraria o rastro que vocês quatro deixam. E eu me chamo Faile. — Ela estragou um pouco o discurso ao engolir em seco, mas não piscou ao encarar Moiraine.

— Tem certeza? — perguntou Moiraine, baixinho. — Tem certeza de que não vai mudar de ideia… Falcão?

— Tenho certeza. Não há nada que você ou seu Guardião com cara de pedra possam fazer para me impedir. — Zarine hesitou, depois acrescentou, mais devagar, como se tivesse resolvido ser totalmente sincera: — Pelo menos, nada do que estiverem dispostos a fazer poderá me impedir. Sei um pouco sobre as Aes Sedai. Por causa de todas as histórias, sei que há certas coisas que vocês não fazem. E não acredito que o cara de pedra faria tudo o que é preciso para que eu desista.

— Tem certeza? — perguntou Lan, muito calmo. Sua expressão era impassível, mas Zarine engoliu em seco outra vez.

— Não precisa ameaçar a moça, Lan — interveio Perrin. Surpreendeu-se ao perceber que tinha os olhos cravados no Guardião.

O olhar de Moiraine silenciou os dois.

— Você acha que sabe o que uma Aes Sedai não faria, não acha? — perguntou, em um tom mais baixo do que antes. Exibia um sorriso nada agradável. — Vou dizer o que precisa fazer, se quiser ir conosco. — As pálpebras de Lan estremeceram, em surpresa. As duas mulheres se olharam como um falcão e um rato, mas Zarine dessa vez não era o falcão. — Vai ter

que jurar por seu juramento de Caçador que fará o que eu mandar, prestará atenção em mim e não nos deixará. Quando descobrir mais do que deveria sobre o que fazemos, não permitirei que caia em mãos erradas. Tome isso como uma verdade, garota. Você deve jurar agir como uma de nós, e não fará nada que ponha em risco nossos objetivos. Não fará perguntas sobre aonde estamos indo, ou por quê: ficará satisfeita com o que eu decidir revelar. Vai precisar jurar isso tudo, ou vai ficar aqui em Illian. E não deixará este pântano até que eu volte para libertá-la, nem que fique aqui pelo resto da vida. Isso *eu* juro.

Zarine virou a cabeça, inquieta, observando Moiraine com o canto do olho.

— Posso ir com vocês se jurar? — A Aes Sedai assentiu. — Serei uma de vocês, igual a Loial ou ao cara de pedra. Mas não vou poder perguntar nada. Eles podem perguntar alguma coisa? — O rosto de Moiraine perdeu um pouco da paciência. Zarine se endireitou e ergueu a cabeça. — Muito bem, então eu juro. Juro pelos votos que fiz como Caçadora. Se quebrar um juramento, quebrarei os dois. Eu juro!

— Feito — disse Moiraine, tocando a testa da jovem. Zarine estremeceu. — Já que a trouxe até nós, Perrin, ela é sua responsabilidade.

— Minha?! — protestou ele.

— Não sou responsabilidade de ninguém além de mim mesma! — reclamou Zarine, quase gritando.

A Aes Sedai continuou a falar, com a voz serena, como se os dois não tivessem aberto as bocas nem por um segundo.

— Parece que você encontrou o falcão de Min, *ta'veren*. Tentei desencorajá-la, mas vejo que ela vai se empoleirar no seu ombro não importa o que eu faça. O Padrão tece um futuro para você, pelo que parece. Mas lembre-se disso: se for preciso, eu corto sua trama. E se a garota puser em perigo o que deve acontecer, você compartilhará o mesmo destino que ela.

— Não a chamei para vir com a gente! — protestou Perrin. Moiraine montou Aldieb com muita calma, ajustando o manto por cima da sela da égua branca. — Eu não chamei!

Loial deu de ombros para ele e disse alguma coisa, apenas movendo os lábios. Sem dúvidas devia ser algum ditado sobre os perigos de irritar uma Aes Sedai.

— Você é *ta'veren*? — perguntou Zarine, incrédula. Ela correu o olhar pelas roupas grosseiras de camponês e parou nos olhos amarelos. — Bem, talvez. Seja lá o que você for, ela parece capaz de ameaçá-lo com tanta facilidade quanto faz comigo. Quem é Min? O que ela quis dizer com "vou me empoleirar no seu ombro"? — Ela contraiu o rosto. — Se você tentar me transformar em uma responsabilidade sua, arranco suas orelhas. Está me ouvindo?

Com uma careta, ele deslizou o arco sem corda por debaixo do cepilho da sela, ao longo do flanco de Galope, e montou. Indócil após aqueles dias no navio, o cavalo castanho fez jus ao nome, até que Perrin o acalmou com uma das mãos firme nas rédeas e tapinhas no pescoço.

— Nenhuma dessas perguntas merece resposta — grunhiu. *A maldita da Min contou pra ela! Que a queime, Min! Que a queime também, Moiraine! E Zarine!* Ele não conseguia lembrar de Rand ou Mat sofrendo este tipo de ataque feminino vindo de todos os lados. Ou dele mesmo, antes de deixar Campo de Emond. Nynaeve era a única, naquela época. E a Senhora Luhhan, naturalmente: ela mandava nele e em Mestre Luhhan em todos os locais, exceto na ferraria. E Egwene tinha um certo poder, na maioria das vezes em relação a Rand. A Senhora al'Vere, mãe de Egwene, sempre tinha um sorriso no rosto, mas tudo também sempre parecia ser feito do jeito que ela queria. E o Círculo das Mulheres cuidava de todo mundo.

Resmungando sozinho, ele se abaixou e agarrou o braço de Zarine. A jovem soltou uma exclamação surpresa e quase deixou cair a trouxa quando ele a ergueu para a garupa da sela. As saias divididas facilitaram que ela sentasse em Galope.

— Moiraine vai ter que comprar um cavalo para você — resmungou. — Não vai dar para você ir andando o caminho todo.

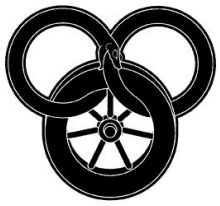
— Você é forte, ferreiro — comentou Zarine, esfregando o próprio braço —, mas não sou um pedaço de ferro. — Ela se ajeitou e enfiou a trouxa e o manto entre os dois. — Posso comprar meu próprio cavalo, se precisar de um. O caminho todo até onde?

Lan já estava saindo das docas em direção à cidade, com Moiraine e Loial atrás de si. O Ogier olhou para trás, na direção de Perrin.

— Nada de perguntas, esqueceu? E meu nome é Perrin, Zarine. Não é "grandão", nem "ferreiro", nem qualquer outra coisa. Perrin. Perrin Aybara.

— E o meu é Faile, cabeludo.

Produzindo um som próximo de um rosnado, ele cravou as botas em Galope, que avançou atrás dos outros. Zarine precisou passar os braços por sua cintura para não cair da garupa do cavalo castanho. Ele pensou que ela estava rindo.



CAPÍTULO 42



Acalmando o Texugo

O burburinho da cidade logo abafou o riso de Zarine — se é que aquilo era um riso — com o clamor típico que Perrin se lembrava de Caemlyn e Cairhien. Os sons eram diferentes ali, mais lentos, com entonações distintas, mas também eram os mesmos. Botas, rodas e cascos se chocavam contra os paralelepípedos das ruas toscas e desniveladas, eixos de carros e carroças guinchavam, música, risadas e cantorias eram ouvidas nas estalagens e tavernas. Vozes. O zumbido alto de vozes, como se tivesse enfiado a cabeça em uma gigantesca colmeia. Uma cidade gigantesca, viva.

Captou o clangor de um martelo em uma bigorna vindo de uma rua lateral e girou os ombros sem nem perceber. Sentia falta de ter o martelo e a pinça nas mãos, do metal incandescente emitindo faíscas a cada golpe seu. Os sons da ferraria foram morrendo atrás dele, enterrados sob o ressoar de carros e carroças, do tagarelar dos lojistas e da gente nas ruas. Por trás de todos aqueles odores de pessoas e cavalos, de cozidos e assados e dos centenas de aromas peculiares às cidades, havia o cheiro de pântano e de maresia.

Ele ficou surpreso na primeira vez que se depararam com uma ponte dentro da cidade, um arco baixo de pedras sobre uma hidrovia de não mais que trinta passos de largura. Foi apenas na terceira construção similar que percebeu que Illian era entrecortada por tantos canais quanto ruas, e que havia tantos homens impulsionando barcaças abarrotadas quanto açoitando animais que deslocavam os pesados carroções. Liteiras avançavam pela multidão nas ruas, e de vez em quando aparecia a carruagem envernizada de

algum nobre ou de algum mercador abastado, com insígnias ou símbolos das Casas em pinturas bem grandes nas portas. Muitos dos homens usavam a barba de um modo peculiar, sem cobrir o lábio superior, ao passo que as mulheres pareciam apreciar chapéus de abas largas ligado a lenços, que amarravam no pescoço.

Cruzaram uma enorme praça rodeada por gigantescas colunas de mármore branco — cada uma com pelo menos quinze braças de altura e duas de largura — que não sustentam coisa alguma, apenas uma coroa de ramos de oliveira esculpida na parte mais alta. Havia dois imensos palácios brancos, um em cada canto da praça, com caminhos rodeados de colunas, varandas arejadas, torres delgadas e teto arroxeado. À primeira vista, eram idênticos, mas depois Perrin percebeu que um deles tinha as dimensões apenas uma fração menor que o outro, as torres não deviam ser nem passos mais curtas.

— O Palácio do Rei — explicou Zarine, às costas dele — e o Grande Salão do Conselho. A história conta que o primeiro Rei de Illian disse ao Conselho dos Nove que poderiam ocupar qualquer palácio que desejassem, contanto que não tentassem construir um maior do que o dele. Então o Conselho construiu uma réplica exata do Palácio do Rei, mas com dois pés a menos em todas as medidas. Sempre foi assim em Illian. O Rei e o Conselho dos Nove brigam entre si, a Assembleia luta contra os dois, e, enquanto eles se enfrentam em suas batalhas, o povo vive praticamente do jeito que preferir, sem quase nenhum controle externo. Não é um jeito ruim de se viver, se for mesmo preciso se prender a uma cidade. Acho que você também vai gostar de saber, ferreiro, que esta é a Praça de Tammaz, onde fiz o Juramento do Caçador. Acho que vai acabar aprendendo tanto comigo que ninguém vai perceber que você ainda tem feno nos cabelos.

Perrin fez um esforço para segurar a língua, determinado a não ficar mais encarando as construções.

Ninguém parecia considerar Loial algo tão fora do comum. Poucas pessoas o olharam com atenção, e algumas crianças pequenas se apressaram em segui-los por algum tempo, mas parecia que os Ogier não eram desconhecidos em Illian. Além disso, ninguém na multidão parecia notar o calor ou a umidade.

Pela primeira vez, Loial não demonstrou satisfação com a aceitação das pessoas. Suas longas sobrancelhas caíram até as bochechas, e suas orelhas

ficaram murchas, embora Perrin não estivesse muito certo de que aquilo não era apenas provocado pelo ar. Sua própria camisa estava colada ao corpo com uma mistura de suor e umidade.

— Está com medo de encontrar outros Ogier aqui, Loial? — perguntou. Sentiu Zarine se remexer em suas costas e maldisse a própria língua. Queria dar a ela ainda menos informações do que Moiraine parecia disposta a compartilhar. Assim, talvez ela ficasse bem entediada e fosse embora. *Isso se Moiraine a deixar partir, a essa altura. Que me queime, não quero nenhuma droga de falcão empoleirado no meu ombro, mesmo que ela seja bonita.*

Loial assentiu.

— Nossos alveneiros às vezes vêm aqui. — Ele proferiu a frase em um sussurro não apenas para os padrões de um Ogier, mas para qualquer um. Até mesmo Perrin mal conseguiu ouvir. — Do Pouso Shangtai, quer dizer. Foram alveneiros do *nosso* pouso que construíram parte de Illian. O Palácio da Assembleia, o Grande Salão do Conselho, alguns outros prédios. E eles sempre mandam nos chamar quando precisam de algum reparo. Perrin, se houver algum Ogier aqui, vai me mandar de volta para o *pouso*. Eu devia ter pensado nisso antes. Este lugar me deixa desconfortável, Perrin. — As orelhas dele se remexiam, nervosas.

Perrin se aproximou em Galope e estendeu a mão para tocar o ombro de Loial. Era uma esticada longa, bem acima de sua cabeça. Consciente de Zarine às suas costas, escolheu as palavras com cuidado.

— Loial, não acredito que Moiraine deixaria que o levassem. Você já está com a gente há um bom tempo, e parece que ela quer que continue conosco. Ela não vai deixar que o levem, Loial. — *Por que não?* perguntou-se, de repente. *Ela me mantém aqui porque acha que posso ser importante para Rand, e talvez porque não queira que eu espalhe o que sei por aí. Talvez seja por isso que ela quer mantê-lo por perto.*

— É claro que não — disse Loial, com uma voz um pouco mais forte, e suas orelhas se levantaram. — Afinal de contas, sou muito útil. Ela pode ter que viajar pelos Caminhos outra vez, e não conseguiria fazer isso sem mim. — Zarine se mexeu atrás de Perrin, que sacudiu a cabeça, tentando encontrar o olhar de Loial. Mas o amigo não estava olhando. Pareceu ter acabado de ouvir o que dissera, e os tufos de suas orelhas despencaram um pouco. —

Espero que não seja isso, Perrin. — O Ogier olhou a cidade ao redor deles, e suas orelhas terminaram de desabar. — Não gosto desse lugar, Perrin.

Moiraine aproximou-se de Lan e falou, baixinho, mas Perrin conseguiu captar as palavras.

— Há algo errado na cidade.

O Guardião assentiu.

Perrin sentiu uma comichão entre os ombros. As palavras da Aes Sedai soaram sombrias. *Primeiro Loial, e agora ela. O que é que eu não estou conseguindo ver?* O sol brilhava sobre os telhados reluzentes e refletia nas paredes de pedras claras. Aquelas construções pareciam mais frescas por dentro. Os prédios eram claros e luminosos, assim como as pessoas. As pessoas.

No começo, ele não viu nada fora do comum. Homens e mulheres cuidavam de suas vidas, resolutos, embora mais lentos do que ele estava acostumado a ver, mais para o norte. Pensou que pudesse ser por causa do calor e do sol inclemente. Então percebeu um jovem padeiro avançando depressa pela rua, levando uma grande bandeja de pães frescos equilibrada na cabeça. A expressão no rosto do rapaz era tão emburrada que ele parecia prestes a rosnar. A mulher diante da loja de um tecelão parecia prestes a morder o homem que erguia os retalhos de cores vivas para ela examinar. Um malabarista em um canto trincava os dentes e encarava as pessoas que atiravam moedas no chapéu à sua frente como se os odiasse. Nem todos tinham aquela aparência, mas ele achava que pelo menos um rosto a cada cinco expressava raiva e ódio. E achava que as pessoas não estavam sequer cientes disso.

— Qual é o problema? — perguntou Zarine. — Você está tenso. Parece que estou abraçada a uma pedra.

— Tem algo errado — respondeu. — Não sei o que é, mas tem alguma coisa errada. — Loial assentiu com tristeza e resmungou algo sobre o obrigarem a ir embora.

Os prédios em torno deles começaram a mudar à medida que eles avançavam, cruzando novas pontes em direção ao outro lado de Illian. Muitas das pedras claras não eram polidas naquela parte. As torres e os palácios haviam desaparecido, substituídos por estalagens e armazéns. Muitos dos homens na rua e algumas das mulheres caminhavam de um modo estranho e gingado, e todos tinham os pés descalços que Perrin associava

aos marinheiros. O cheiro de piche e cânhamo era forte no ar, assim como o cheiro de madeira, tanto fresca quanto curada, e o odor de lama rançosa era o mais proeminente. Os odores dos canais também variavam, fazendo o nariz de Perrin se franzir. *Penicos*, pensou. *Penicos e privadas velhas.* Ele sentiu um embrulho no estômago.

— A Ponte das Flores — anunciou Lan, enquanto cruzavam mais uma ponte baixa. Ele inspirou profundamente. — E agora estamos no Bairro Perfumado. Os illianenses são muito poéticos.

Zarine sufocou uma risada nas costas de Perrin.

Como se de repente tivesse perdido a paciência com o passo lento de Illian, o Guardião conduziu o grupo mais depressa até uma estalagem, cujos dois andares de pedras grosseiras com veios verdes ficavam abrigados sob telhas verde-claras. A noite já se aproximava, a luz diminuía enquanto o sol se punha, o que aliviara um pouco o calor, mas não muito. Garotos sentados em escadinhas para desmontar diante da estalagem ficaram de pé em um pulo para recolher os cavalos. Um menino de cabelos pretos, com cerca de dez anos, perguntou a Loial se ele era um Ogier. Quando Loial respondeu que sim, o garoto soltou um "Eu bem pensei que o senhor fosse, mesmo", com um aceno de cabeça orgulhoso. Ele conduziu o grande cavalo de Loial para longe, jogando para cima e pegando no ar o cobre que o Ogier lhe entregara.

Perrin franziu a testa para a placa da estalagem por um instante, antes de seguir os outros para dentro. Um texugo de listras brancas dançava sobre as pernas traseiras, acompanhado de um homem que carregava o que parecia ser uma pá de prata. "Acalmando o Texugo", dizia a placa. *Deve ser alguma história que nunca ouvi.*

O chão do salão estava coberto de serragem, e fumaça de tabaco preenchia o ambiente. O lugar também tinha cheiro de vinho, peixe sendo cozido na cozinha e um intenso perfume floral. As vigas expostas no teto alto eram entalhadas de um jeito rústico, enegrecidas pelo tempo. Àquela hora da noite, assim tão cedo, pouco menos de um quarto dos bancos e banquetas era ocupado por homens com casacos e calças simples de trabalhadores, alguns com os pés descalços dos marinheiros. Todos sentavam da forma mais amontoada possível em torno de uma mesa, onde uma bela moça de olhos escuros, a dona do perfume, cantava ao som do dedilhar de uma sabiola de doze cordas e dançava sobre a mesa, rodopiando a saia. A blusa branca e folgada tinha um decote bem profundo. Perrin reconheceu a melodia — "A

Donzela Dançante” —, mas as palavras que a moça cantava eram diferentes da canção que ele conhecia.

A lugardeira foi à cidade
ver o que havia para ver.
Piscou os olhinhos, deu um sorrisinho
e beijou um rapaz ou três,
ou três.
Com as canelas finas e a pele branquinha,
agarrou um capitão cortês,
cortês.
Com um suspiro suave e uma risada alegre,
seguiu e livre foi ser,
foi ser.

Ela começou a entoar outro verso, e, quando Perrin percebeu o significado do que ela cantava, sentiu o rosto ficar quente. Pensara que nada poderia chocá-lo depois de ver as moças latoeiras dançando, mas a dança dava apenas um vislumbre, uma ideia. A garota estava cantando sobre tudo abertamente.

Zarine balançava a cabeça acompanhando a canção, sorrindo. Seu sorriso escancarou-se ainda mais quando ela olhou para Perrin.

— Ora, fazendeiro, acho que nunca conheci um homem da sua idade que ainda fosse capaz de corar.

Ele olhou para ela irritado e quase não se conteve e disse algo que sabia que seria estúpido. *Essa mulher maldita me deixa desconcertado antes mesmo que eu consiga pensar. Luz, aposto que ela pensa que eu nunca nem beijei uma garota!* Ele tentou não prestar mais atenção ao que a moça cantava. Se não conseguisse tirar o vermelho do rosto, Zarine com certeza o faria corar ainda mais.

Um lampejo de susto passou pelo rosto da proprietária quando eles entraram. Grande e redonda, com o cabelo arrumado em um coque grosso perto da nuca e um cheiro forte de sabão, a mulher conseguiu reprimir o espanto depressa e correu até Moiraine.

— Senhora Mari — disse —, nunca nem imaginei que veria a senhora aqui hoje. — Ela hesitou, encarando Perrin e Zarine, e lançou um olhar a Loial, mas não da forma indagativa com que olhou para os outros dois. Na realidade, os olhos da mulher brilharam ao notar o Ogier, mas sua atenção estava toda focada na "Senhora Mari". Ela baixou a voz: — Meus pombos chegaram em segurança? — Ela parecia encarar Lan como parte de Moiraine.

— Tenho certeza que sim, Nieda — respondeu Moiraine. — Eu estou viajando, mas tenho certeza de que Adine anotou todas as informações. — Ela olhou a moça que cantava sobre a mesa sem desaprovação ou qualquer outra expressão. — O Texugo estava bem mais tranquilo da última vez que vim.

— É, Senhora Mari, sim, estava, sim. Mas, no caso, parece que esses grosseirões nem superaram o inverno ainda. Nem tive briga nenhuma aqui no Texugo nos últimos dez anos, até o fim desse inverno sumir. — Ela indicou com a cabeça o único homem que não estava sentado perto da cantora, um sujeito ainda maior que Perrin, encostado na parede com os braços robustos cruzados e batendo o pé ao som da cantoria. — Até Bili andou tendo trabalho para sossegar o pessoal, então acabei contratando a moça para distrair um pouco a raiva. Veio, no caso, de algum lugar em Altara, essa moça. — Ela inclinou a cabeça e escutou por um momento. — Uma voz bonita, mas eu cantava melhor, sim, e dançava melhor também, quando tinha a idade dela.

Perrin ficou boquiaberto ao imaginar aquela mulher enorme saltitando em uma mesa e cantando aquela música — alguns versos chegaram aos seus ouvidos: "Não vou usar combinação nenhuma. Nenhuma." —, até que Zarine cutucou-o com força nas costelas. Ele grunhiu.

Nieda olhou para ele.

— Vou misturar um pouco de mel e enxofre para essa sua garganta, rapaz. No caso, é melhor você nem pegar friagem antes que o tempo esquente, ainda mais com uma moça bonita dessas nos braços.

Moiraine lançou a ele um olhar para indicar que ele estava atrapalhando.

— Estranho a senhora ter sofrido com brigas — disse. — Eu me lembro muito bem de como seu sobrinho acaba com elas. Aconteceu alguma coisa que deixou o povo mais irritadiço?

Nieda refletiu por um instante.

— Talvez. No caso, é difícil dizer. Sim, os jovens riquinhos sempre vêm para as docas atrás das meretrizes e das bebedeiras que, no caso, jamais podem acontecer ao ar livre. Talvez eles no caso venham com mais frequência agora, desde o inverno difícil. Talvez. Sim, e andam se batendo mais, também. Foi sim um inverno difícil. Isso deixa os homens mais irritados, e no caso também as mulheres. Tanta chuva e tanto frio. Ora, duas dessas manhãs eu mesma acordei e encontrei gelo no lavatório. No caso, nem foi tão ruim quanto o inverno passado, é claro, mas sim, aquele foi um inverno que valeu por mil anos. Quase o bastante para me fazer acreditar naquelas histórias de água congelada caindo dos céus. — Ela deu uma risadinha para demonstrar a incredulidade. Era um som esquisito para uma mulher tão grande.

Perrin sacudiu a cabeça. *Ela não acredita em neve?* No entanto, se ela considerava este clima frio, ele conseguia acreditar que ela de fato pensasse assim.

Moiraine inclinou a cabeça, pensativa, o capuz encobrindo seu rosto.

A moça sobre a mesa começava a recitar um novo verso, e Perrin percebeu que outra vez escutava sem querer. Ele nunca ouvira falar de uma mulher que fizesse qualquer coisa remotamente parecida com o que a garota estava cantando, mas parecia interessante. Notou que Zarine o observava escutar a música e tentou fingir que não percebera nada.

— O que aconteceu de incomum em Illian, ultimamente? — perguntou Moiraine, por fim.

— Acredito que, no caso, dá pra chamar a ascensão de Lorde Brend ao Conselho dos Nove de incomum — respondeu Nieda. — Que a Sorte me espicace, nem consigo me lembrar de ouvir o nome dele antes do inverno, mas sim, ele chegou na cidade, vindo de algum lugar perto da fronteira com Murandir, segundo os rumores, e foi elevado em uma semana. Sim, dizem que ele é um homem bom, e o mais forte dos Nove. Eles todos seguem a liderança dele, pelo que dizem por aí, embora seja o mais novo e, no caso, desconhecido. Mas às vezes eu tenho esses sonhos estranhos com ele.

Moiraine abriu a boca, e Perrin tinha certeza de que era para perguntar se Nieda estava falando de sonhos que aconteceram nas últimas noites. Mas a Aes Sedai hesitou e, em vez disso, disse:

— Que tipo de sonhos estranhos, Nieda?

— Ah, bobagens, Senhora Mari. Só bobagens. A senhora quer mesmo escutar? Sonhos com Lorde Brend em lugares estranhos, caminhando por pontes suspensas. Sim, esses sonhos no caso são obscuros, mas vêm quase todas as noites. A senhora já ouviu falar nisso? Bobagens, que a Sorte me espicace! Ainda assim são sonhos estranhos. Bili diz que ele também sonha os mesmos sonhos. Sim, eu acho que ele escuta meus sonhos e copia. Bili nem é muito inteligente, às vezes, eu acho, sim.

— Talvez esteja sendo injusta com ele — sussurrou Moiraine.

Perrin encarou o capuz escuro. Ela parecia abalada, mais até do que quando pensou que um novo falso Dragão surgira em Ghealdan. Ele não conseguia sentir cheiro de medo, mas… Moiraine estava assustada. Aquilo era muito mais aterrorizante do que pensar em Moiraine irritada. Ele podia imaginá-la irritada, mas não conseguia nem começar a concebê-la assustada.

— Como sou tagarela — comentou Nieda, batendo no coque em sua nuca. — Como se meus sonhos tolos pudessem ter importância. — Ela soltou outra risadinha. Mais rápida, pois aquilo não era tão besta quanto acreditar na neve. — A senhora parece cansada, Senhora Mari. Vou levar vocês para os quartos. E depois darei uma boa refeição com rajado-vermelho recém-pescado.

Rajado-vermelho? Um peixe, pensou Perrin. Sentia cheiro de peixe cozido.

— Quartos — concordou Moiraine. — Sim. Queremos os quartos. A refeição pode esperar. Navios. Nieda, que navios estão indo para Tear? De manhã bem cedo. Preciso fazer uma coisa esta noite. — Lan olhou para ela de rosto franzido.

— Tear, Senhora Mari? — Nieda riu. — Ora, nenhum para Tear. Os Nove proibiram todos os navios daqui de partirem para Tear e todos os navios vindos de lá de passarem por aqui faz um mês hoje, mas eu acho que o Povo do Mar está pouco ligando para isso. Mas nem há navios do Povo do Mar no porto. Sim, isso, no caso, é estranho. A ordem dos Nove, quer dizer, e o silêncio do Rei a respeito, já que ele sempre levanta a voz para quem dá um passo sem seu comando. Ou talvez nem seja isso, exatamente. Sim, de fato só se fala sobre a guerra em Tear, mas os barqueiros e carroceiros que abastecem o exército de provisões no caso dizem que os soldados todos olham para o norte, para Murandy.

— Os caminhos da Sombra são confusos — comentou Moiraine, com a voz severa. — Faremos o que for preciso. Os quartos, Nieda. E depois vamos comer aquela refeição.

O quarto de Perrin era mais confortável do que ele esperava, pela aparência do restante do Texugo. A cama era larga, e o colchão, macio. A porta era feita de ripas inclinadas, e uma brisa cruzou o quarto quando ele abriu as janelas, trazendo os aromas do porto. E também algo dos canais, mas pelo menos era refrescante. Ele pendurou o manto em um pino, com o machado e a aljava, e apoiou o arco em um canto. Tudo o mais deixou nos alforjes e no cobertor. Talvez aquela não fosse uma noite tranquila.

Se Moiraine soara assustada antes, não foi nada comparado a quando ela disse que precisava fazer algo aquela noite. Por um instante, a mulher exalara um cheiro de medo, como se acabasse de anunciar que enfiaria a mão em um ninho de vespas e o esmagaria com os próprios dedos. *O quê, pela Luz, ela está tramando? Se Moiraine está com medo, eu deveria estar em pânico.*

Mas ele percebeu que não estava. Nem em pânico e nem sequer assustado. Sentia-se… ansioso. Pronto para que algo acontecesse, quase ávido. Determinado. Reconhecia os sentimentos. Era o que os lobos sentiam imediatamente antes de uma luta. *Que me queime, preferia estar com medo!*

Foi o primeiro a descer de volta para o salão, depois de Loial. Nieda preparara uma grande mesa para eles, com cadeiras com encosto de ripas em vez de bancos. Encontrara até uma cadeira do tamanho de Loial. A garota do outro lado do salão entoava uma canção sobre um rico mercador que, depois de perder os cavalos de uma forma improvável, decidira, por alguma razão, puxar a própria carruagem. Os homens que a escutavam se dobravam em gargalhadas, urrando. As janelas mostravam a escuridão se aproximando mais depressa do que ele esperava. Pelo cheiro no ar, havia uma chuva a caminho.

— Esta estalagem tem um quarto para Ogier — comentou Loial, enquanto Perrin se sentava. — Parece que todas as estalagens de Illian têm, na esperança de atrair a clientela Ogier quando os alveneiros aparecem por aqui. Nieda disse que é sinal de boa sorte ter um Ogier sob seu teto. Acho que não aparecem muitos por aqui. Os alveneiros sempre ficam juntos quando viajam a trabalho. Humanos são tão impacientes, e os Anciões estão sempre com medo que os nervos se aflorem e alguém resolva enfiar um cabo

longo no machado. — Ele olhou os homens ao redor da cantora como se suspeitasse que fizessem aquilo. Suas orelhas murcharam outra vez.

O rico mercador estava a ponto de perder a carruagem, arrancando mais gargalhadas da plateia.

— Consegui descobrir se tem algum Ogier do Pouso Shangtai aqui em Illian?

— Tinha, mas Nieda disse que foram embora durante o inverno. Disse que não concluíram o trabalho. Não entendo. Os alveneiros não deixariam um trabalho incompleto, a não ser que não fossem pagos, e Nieda disse que não foi o caso. Certa manhã, eles simplesmente sumiram, mas alguém os viu atravessando o Passadiço de Maredo à noite. Perrin, não gosto desta cidade. Não sei por quê, mas ela me deixa… pouco à vontade.

— Ogier — explicou Moiraine — são sensíveis a algumas coisas. — Ela ainda mantinha o rosto encoberto, mas Nieda devia ter enviado alguém para comprar um manto leve de linho azul-escuro para ela. O cheiro de medo se dissipara, mas sua voz soava extremamente controlada. Lan segurava a cadeira para ela, os olhos transparecendo preocupação.

Zarine foi a última a descer, passando os dedos pelos cabelos lavados. O perfume herbal que ela emanava estava ainda mais forte. Ela olhou para a travessa que Nieda pôs sobre a mesa e resmungou entre dentes:

— Odeio peixe.

A mulher robusta trouxera toda a comida em um carrinho com prateleiras. Ele estava empoeirado em alguns pontos, como se tivesse sido retirado às pressas do depósito por respeito à Moiraine. E os pratos eram de porcelana do Povo do Mar, ainda que lascados.

— Coma — retorquiu Moiraine, encarando Zarine. — Lembre-se de que qualquer refeição pode ser a sua última. Você decidiu viajar conosco, então esta noite comerá peixe. Pode ser que morra amanhã.

Perrin não reconheceu o peixe branco e quase redondo rajado de vermelho, mas o cheiro era bom. Pôs dois pedaços no prato com o garfo de servir, sorrindo para Zarine com a boca cheia. O gosto também era bom, um pouco apimentado. *Coma a droga do peixe, falcão*, pensou. Também pensou que, pela expressão de Zarine, ela estava a ponto de mordê-lo.

— Quer que eu mande a garota parar de cantar, Senhora Mari? — perguntou Nieda. Ela servia tigelas de ervilhas e algum tipo de mingau duro e amarelo na mesa. — Para que comam sossegados?

Com os olhos fixos no prato, Moiraine pareceu não ouvir.

Lan escutou por um instante: o mercador já perdera, em sequência, a carruagem, a capa, as botas, o ouro e todo o restante das roupas, e agora estava reduzido a ter que matar um porco para jantar. O homem então sacudiu a cabeça.

— Ela não vai nos incomodar. — Por um momento, pareceu prestes a dar um sorriso, até olhar para Moiraine. Logo em seguida, a preocupação retornou a seus olhos.

— O que há de errado? — perguntou Zarine, ignorando o peixe. — Sei que alguma coisa está errada. Não vejo tanta expressão nesse seu rosto desde que o conheci, cara de pedra.

— Sem perguntas! — interrompeu Moiraine, ríspida. — Você vai saber o que eu contar, e nada mais!

— O que é que você *vai* me contar? — inquiriu Zarine.

A Aes Sedai sorriu.

— Coma seu peixe.

Depois daquilo, a refeição prosseguiu quase em silêncio, exceto pelas canções que ecoavam pelo salão. Uma sobre um homem rico cuja mulher e filhas o faziam de idiota o tempo inteiro, sem nunca esvair sua arrogância. Outra que falava de uma jovem mulher que decidira dar um passeio sem roupa alguma no corpo, e mais uma que contava sobre um ferreiro que conseguira pôr uma ferradura em si mesmo, não no cavalo. Zarine quase engasgou rindo dessa última, e perdeu a compostura o suficiente para abocanhar um pedaço de peixe. De repente, fez uma careta, como se tivesse enfiado lama na boca.

Não vou rir dela, disse Perrin a si mesmo. *Por mais boba que ela pareça, vou mostrar a ela um pouco de boas maneiras.*

— Está uma delícia, não é? — comentou.

Zarine lançou um olhar amargo em resposta, e Moiraine olhou de cara feia por ele ter interrompido seus pensamentos. Foi a única conversa daquela refeição.

Nieda estava retirando os pratos e arrumando uma bandeja de queijos na mesa quando o fedor de algo repugnante eriçou os pelos da nuca de Perrin. Era um cheiro de algo que não deveria ser, e ele já o sentira duas vezes antes. Ele olhou em volta do salão, incomodado.

A garota continuava a cantar para o amontoado de ouvintes, alguns homens caminhavam perto da porta, e Bili ainda estava encostado na parede, batendo o pé aos sons da sabiola. Nieda deu um tapinha no cabelo enrolado, lançou uma breve olhada para o salão e se virou para levar o carrinho.

Ele olhou os companheiros. Loial, como esperado, puxara um livro do bolso do casaco e parecia ter se esquecido de onde estava. Zarine, mexendo distraída em um pedaço de queijo, encarou primeiro Perrin, depois Moiraine, depois Perrin outra vez, tudo isso enquanto tentava disfarçar. Mas era em Lan e Moiraine que ele estava de fato interessado. Eles eram capazes de sentir um Myrddraal, um Trolloc ou qualquer Criatura da Sombra a mais de cem passos de distância. Mas a Aes Sedai mantinha o olhar distante, fixo à mesa diante dela, e o Guardião cortava um naco de queijo amarelo enquanto a observava. Ainda assim, o cheiro de algo errado estava lá, como em Jahra e na fronteira de Remen, e dessa vez não ia embora. Parecia vir de algo dentro do salão.

Ele analisou o aposento outra vez. Bili estava encostado na parede, alguns homens cruzavam o salão, a moça cantava em cima da mesa, os homens gargalhavam ao redor dela. *Homens cruzando o salão?* Ele olhou para eles, o rosto franzido. Seis homens de feições comuns, indo na direção em que ele estava sentado. Feições muito comuns. Acabara de recomeçar a analisar os sujeitos que ouviam a moça cantar, quando de repente lhe ocorreu que o fedor de algo errado estava emanando daqueles seis. De repente, adagas surgiram nas mãos deles, como se os homens tivessem percebido que Perrin reparara neles.

— Eles têm facas! — vociferou, jogando a travessa de queijos nos homens.

O salão irrompeu em confusão, homens aos berros, a cantora gritando, Nieda gritando por Bili, tudo acontecendo ao mesmo tempo. Lan deu um salto ficando de pé, uma bola de fogo saltou da mão de Moiraine, Loial agarrou a cadeira como um porrete, e Zarine se desviou para um dos lados, xingando. Ela também tinha uma faca em mãos, mas Perrin estava muito ocupado para ficar reparando no que os outros estavam fazendo. Aqueles homens pareciam olhar diretamente para ele, e seu machado estava pendurado em um pino lá em cima, no quarto.

Ele puxou uma cadeira, arrancou um dos grossos pés que formavam um dos apoios do encosto, arremessou a carcaça nos homens e partiu,

determinado, agarrado ao longo cassetete. Eles tentavam alcançá-lo como se Lan e os outros fossem apenas obstáculos no caminho. Estavam todos muito próximos, então tudo o que ele podia fazer era afastar as lâminas, e os movimentos largos do cassetete ameaçariam tanto Lan, Loial e Zarine quanto qualquer um dos seis agressores. De soslaio, viu Moiraine em um dos cantos, a frustração estampada no rosto: estavam tão embolados que não havia nada que ela pudesse fazer sem ameaçar tanto amigos quanto inimigos. Nenhum dos sujeitos que manejavam as facas sequer olhava para ela, já que a Aes Sedai não estava entre eles e Perrin.

Ofegante, ele conseguiu acertar um dos homens de aparência comum bem no meio da cabeça, com tanta força que ouviu o osso rachar, e de repente percebeu que estavam todos caídos. Parecia que tudo aquilo durara um quarto de hora ou mais, mas notou que Bili acabara de chegar, as mãos enormes se preparando enquanto ele olhava os seis homens caídos no chão. Bili não tivera tempo de chegar à briga antes que ela acabasse.

Lan, com uma expressão ainda mais sombria que a habitual, começou a revistar os corpos minuciosamente, mas com uma rapidez que revelava sua repugnância. Loial ainda segurava a cadeira erguida e, com um susto e um sorriso encabulado, a pousou de volta no chão. Moiraine olhava para Perrin, assim como Zarine, que recuperava a faca do peito de um dos homens mortos. O fedor de algo errado se dissipara, como se tivesse morrido com os agressores.

— Homens Cinza — murmurou a Aes Sedai —, e atrás de você.

— Homens Cinza? — Nieda soltou uma risada alta e nervosa. — Ora, Senhora Mari, só falta a senhora dizer que acredita em assombrações, urso-papão Espectros e o Velho Ceifador com seus cães negros na Caçada Selvagem. — Alguns dos homens que estavam escutando as músicas também riram, embora parecessem tão incomodados com Moiraine quanto com os homens mortos. A cantora olhou para Moiraine, também, com os olhos arregalados. Perrin lembrou-se daquela única bola de fogo, antes de todos se amontoarem. Um dos Homens Cinza tinha um aspecto meio chamuscado e exalava um cheiro enjoativo de queimado.

Moiraine virou-se de Perrin para a mulher robusta.

— Um homem pode caminhar na Sombra — retrucou, com muita calma — sem ser uma Criatura da Sombra.

— Ah, sim, Amigos das Trevas. — Nieda pôs as mãos nos generosos quadris e encarou os corpos com o cenho franzido. Lan terminara a revista. Ele olhou para Moiraine e balançou a cabeça, como se confirmasse suas esperanças de que não encontraria coisa alguma. — Devem ser é ladrões, mesmo que, no caso, eu nunca tenha ouvido falar de ladrões atrevidos a ponto de entrar numa estalagem. E nunca tive uma morte sequer aqui no Texugo. Bili! Vá se livrar desses sujeitos, jogue num canal e despeje serragem nova. Pela porta dos fundos, veja bem. Eu, no caso, nem quero a Guarda metendo aqueles narizes compridos dentro do Texugo. — Bili assentiu, como se estivesse ansioso para ser útil, depois de ter falhado em ajudar. Ele agarrou um homem morto em cada mão, pelo cinturão, e os arrastou em direção à cozinha.

— Aes Sedai? — perguntou a cantora de olhos escuros. — Não quis ofendê-la com minhas canções de salão. — Ela cobria com as mãos a parte exposta do colo, que era quase tudo. — Posso cantar outras, se os senhores preferirem.

— Pode cantar o que quiser, garota — respondeu Moiraine. — A Torre Branca não está tão isolada do mundo quando pensa, e já ouvi canções mais grosseiras do que você poderia cantar. — Mesmo assim, ela não parecia satisfeita por o salão saber que era uma Aes Sedai. Olhou para Lan, ajeitou o manto de linho no ombro e foi caminhando até a porta.

O Guardião se moveu bem depressa para interceptá-la, e os dois conversaram baixinho diante da porta, mas Perrin era capaz de escutá-los como se conversassem bem ao lado dele.

— Pretende ir sem mim? — perguntou Lan. — Eu jurei mantê-la inteira, Moiraine, quando aceitei o elo.

— Você sempre soube que existem alguns perigos que não está em condições de enfrentar, meu Gaidin. Tenho que ir sozinha.

— Moiraine…

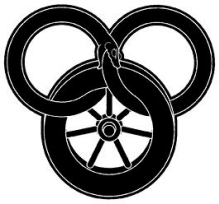
Ela o interrompeu:

— Preste atenção, Lan. Se eu falhar, você vai saber, e então será obrigado a voltar à Torre Branca. Eu não mudaria isso, ainda que tivesse tempo. Não quero que você morra em uma tentativa vã de me vingar. Leve Perrin com você. Parece que a Sombra me fez ver a importância dele no Padrão de uma forma muito clara. Eu fui uma tola. Rand é um *ta'veren* tão forte que ignorei o significado de ele manter dois outros tão perto de si. Com

Perrin e Mat, a Amyrlin ainda pode ser capaz de afetar o curso dos acontecimentos. Com Rand à solta, ela vai ter que fazer isso. Conte a ela o que aconteceu, meu Gaidin.

— Você fala como se já estivesse morta — retrucou Lan, de forma rude.

— Há de ser o que a Roda tecer, e a Sombra obscurece o mundo. Preste atenção, Lan, e obedeça, como jurou fazer. — Com isso, ela partiu.



CAPÍTULO 43



Irmãos-das-Sombras

A garota de olhos escuros subiu de volta na mesa e recomeçou a cantar, com voz vacilante. Perrin conhecia a melodia como "O Galo da Senhora Aynora", e, embora as palavras outra vez fossem diferentes, para sua decepção — e vergonha, por sentir-se decepcionado —, era de fato sobre um galo. Nem mesmo a Senhora Luhhan teria desaprovado a letra. *Luz, estou ficando igual a Mat*.

Nenhum dos ouvintes reclamou. Alguns dos homens ficaram um pouco insatisfeitos, mas pareciam tão nervosos quanto a garota, em relação ao que Moiraine aprovaria. Ninguém queria ofender uma Aes Sedai, mesmo que ela já tivesse partido. Bili retornou e levantou mais dois Homens Cinza. Alguns dos que escutavam a canção olharam os corpos e sacudiram a cabeça. Um deles cuspiu na serragem.

Lan entrou na frente de Perrin.

— Como é que você reconheceu esses sujeitos, ferreiro? — perguntou, baixinho. — A mácula da maldade deles não era forte o bastante para que eu ou Moiraine sentíssemos. Já aconteceu de Homens Cinza passarem por cem guardas sem serem notados, Guardiões entre eles.

Muito consciente do olhar de Zarine sobre si, Perrin tentou manter a voz em um tom ainda mais baixo que o de Lan.

— Eu… senti o cheiro deles. Já tinha sentido antes, em Jahra e Remen, mas ele sempre desaparecia. Nas outras duas vezes, eles tinham ido embora antes de chegarmos. — Não sabia ao certo se Zarine conseguira escutar ou

não. Ela estava inclinada para a frente, esforçando-se para ouvir a conversa, embora tentasse disfarçar.

— Então estão seguindo Rand. E seguindo você agora, ferreiro. — O Guardião não demonstrou sinal de surpresa. Elevou a voz a um tom normal. — Vou dar uma olhada lá fora, ferreiro. Pode ser que seus olhos vejam algo que eu deixe passar. — Perrin assentiu. O pedido de ajuda do Guardião era um indício da preocupação que sentia. — Ogier, seu povo também enxerga melhor que a maioria.

— Ah, oh — disse Loial. — Bem, então acho que posso dar uma olhada também. — Ele virou os olhos grandes e redondos para os dois Homens Cinza que ainda estavam caídos no chão. — Acho que não deve ter mais nenhum deles lá fora. Você acha?

— O que estamos procurando, cara de pedra? — perguntou Zarine.

Lan a olhou por um instante, então sacudiu a cabeça, como se tivesse desistido de dizer algo.

— O que conseguirmos encontrar, garota. Vou saber quando vir.

Perrin pensou em subir para pegar o machado, mas o Guardião foi direto para a porta sem levar a espada. *Ele praticamente não precisa dela*, pensou Perrin, rabugento. *É quase tão perigoso sem a espada quanto com ela.* Ele agarrou o pedaço de pau e seguiu em frente. Era um alívio perceber que Zarine ainda estava com a faca na mão.

Nuvens pretas e espessas se acumulavam. A rua estava vazia, escura como se já estivesse no fim do crepúsculo. Parecia que o povo não esperara para ser pego pela chuva. Um sujeito cruzava uma ponte mais à frente, na rua. Era a única pessoa à vista, em todas as direções. O vento se tornava mais forte, soprando um trapo pelas pedras irregulares da calçada. Outro, preso sob a beirada de um dos blocos incrustados, drapejava com um leve estrépito. Trovões ressoavam e ribombavam.

Perrin franziu o nariz. Sentia cheiro de fogos de artifício, naquele vento. *Não, não exatamente fogos de artifício.* Era um cheiro que lembrava enxofre queimado. Quase isso.

Zarine deu uma pancadinha no pedaço de cadeira nas mãos dele com a lâmina da faca.

— Você é mesmo forte, grandão. Quebrou aquela cadeira como se fosse feita de raminhos.

Perrin grunhiu. Percebeu que estava ereto, e encurvou o corpo de propósito. *Garota idiota!* Zarine soltou uma risada baixinha, e ele ficou sem saber se continuava como estava ou se deveria se endireitar de novo. *Idiota!* Dessa vez, o xingamento era para si mesmo. *Você deveria estar procurando. O quê?* Ele não via nada a não ser a rua, e não sentia cheiro de nada além do enxofre quase queimado. E de Zarine, é claro.

Loial também parecia se perguntar o que estavam procurando. Coçou uma das orelhas peludas, espiou em uma das direções da rua, depois na outra, coçou a outra orelha. Então olhou para o telhado da estalagem.

Lan surgiu do beco ao lado do Texugo e seguiu para a rua, os olhos estudando as sombras mais escuras ao longo dos prédios.

— Talvez ele tenha deixado escapar algo — murmurou Perrin, embora achasse difícil de acreditar, e virou-se em direção ao beco. *Eu tenho que olhar, então vou olhar. Talvez ele tenha mesmo deixado escapar alguma coisa.*

Lan parara um pouco mais à frente, encarando a calçada de pedra diante de seus pés. O Guardião começou a caminhar de volta para a estalagem a passos rápidos, ainda olhando para a rua à frente como se seguisse algo. O que quer que fosse, levava direto para uma das escadinhas para desmontar, quase ao lado da porta da estalagem. Ele parou ali, olhando para o topo do bloco de pedra cinza.

Perrin desistiu de entrar no beco, que fedia tanto quanto os canais daquela parte de Illian, e em vez disso foi andando na direção de Lan. Ele logo viu o que o Guardião encarava. Duas inscrições haviam sido gravadas no topo da escadinha de pedra, como se um cão gigantesco tivesse cravado as patas dianteiras ali. O cheio de enxofre quase queimado era mais forte naquela área. *Cães não deixam pegadas na pedra. Luz, não pode ser!* Ele também conseguia distinguir a trilha que Lan seguira. O Cão trotara pela rua até a escadinha de desmontar, depois voltara pelo mesmo caminho. Deixara pegadas nas pedras como se fossem um campo arado. *Eles não fazem isso!*

— Um Cão das Trevas — explicou Lan, e Zarine prendeu o ar. Loial soltou um gemido baixinho. Para um Ogier. — Um Cão das Trevas não deixa marcas na terra, ferreiro, nem mesmo na lama, mas as pedras são outra história. Não se vê um Cão das Trevas ao sul das Montanhas de Dhoom desde as Guerras dos Trollocs. Eu diria que esse aqui estava caçando alguma coisa. E, agora que encontrou, foi avisar seu mestre.

Eu? pensou Perrin. *Homens Cinza e Cães das Trevas me caçando? Isso é loucura!*

— Está dizendo que Nieda tinha razão? — inquiriu Zarine, com a voz trêmula. — O Ceifador está mesmo cavalgando na Caçada Selvagem? Luz! Sempre achei que isso fosse só uma história.

— Não seja completamente idiota, garota — retrucou Lan, a voz severa. — Se o Tenebroso estivesse livre, estaríamos muito mais que mortos. — Ele espiou pela rua, seguindo a trilha das pegadas. — Mas Cães das Trevas são bastante reais. Quase tão perigosos quanto Myrddraal e ainda mais difíceis de matar.

— Agora coloque os Espectros na história — resmungou Zarine. — Homens Cinza. Espectros. Cães das Trevas. Era melhor ter me levado até a Trombeta de Valere, fazendeiro. Que outras surpresas vocês têm pra mim?

— Sem perguntas — retorquiu Lan. — Você ainda sabe muito pouco, então Moiraine pode liberá-la do juramento se prometer não nos seguir. Eu mesmo posso tomar seu juramento, e você pode seguir logo o seu caminho. Seria algo muito sábio da sua parte.

— Você não vai me afugentar, cara de pedra — respondeu Zarine. — Não me assusto com facilidade. — Mas ela soava assustada. E também estava com cheiro de assustada.

— Tenho uma pergunta — interrompeu Perrin —, e quero uma resposta. Você não sentiu esse Cão das Trevas, Lan, e nem Moiraine. Por quê?

O Guardião ficou em silêncio por um momento.

— A resposta para isso, ferreiro — respondeu, por fim, taciturno — pode ser mais do que eu ou você queremos saber. E espero que ela não mate todos nós. Vocês três, durmam o quanto puderem. Duvido que passemos a noite em Illian e temo que uma cavalgada difícil nos espere.

— O que você vai fazer? — perguntou Perrin.

— Vou atrás de Moiraine. Contar sobre o Cão das Trevas. Ela não pode ficar irritada comigo por isso, não se sabe que não poderia notá-lo até ser agarrada pela garganta.

Os primeiros pingos grossos de chuva começaram a bater nas pedras da calçada enquanto eles voltavam para dentro. Bili removera o último Homem Cinza morto e varria a serragem onde havia sangue. A moça de olhos escuros entoava uma canção triste sobre um rapaz que deixava seu amor. A Senhora Luhhan teria gostado bastante.

Lan correu na frente, atravessou o salão e subiu as escadas. Quando Perrin chegou ao segundo andar, o Guardião já estava descendo, afivelando o cinturão, com o manto que mudava de cor pendendo de um dos braços, como se ele não se importasse com quem o veria.

— Se ele está usando isso na cidade… — Os cabelos desgrenhados de Loial quase espanaram o teto quando ele balançou a cabeça. — Não sei se vou conseguir dormir, mas vou tentar. Sonhar vai ser mais agradável do que ficar acordado.

Nem sempre, Loial, pensou Perrin, enquanto o Ogier cruzava o corredor.

Zarine parecia querer ficar com ele, mas Perrin a mandou dormir e fechou a porta na cara dela com força. Encarou a própria cama com relutância, despindo-se até ficar de roupas de baixo.

— Preciso descobrir — suspirou, então deitou na cama. A chuva tamborilava lá fora, os trovões ressoavam. A brisa que entrava pela janela trazia um pouco do frescor da chuva, mas ele achou que não precisaria dos cobertores que estavam no pé do colchão. Seu último pensamento antes que o sono o chamasse foi que se esquecera outra vez de acender uma vela, embora o quarto estivesse escuro. *Descuidado. Não posso ser descuidado. O descuido arruína todo o trabalho.*

* * *

Sonhos corriam por sua cabeça. Cães das Trevas o perseguiam. Ele nunca os via, mas ouvia seus uivos. Desvanecidos e Homens Cinza. Um homem alto e esguio volta e meia surgia entre eles, sumindo depressa, vestindo um casaco com bordados requintados e botas de franjas douradas. Na maior parte do tempo, o homem erguia o que parecia ser uma espada brilhante como o sol e dava uma risada triunfal. Outras vezes, aparecia sentado em um trono, com reis e rainhas curvados diante dele. Eram cenas estranhas, como se não fossem de fato seus sonhos.

Então tudo mudou, e ele soube que estava no sonho com os lobos que buscava. Dessa vez, tinha torcido para encontrá-lo.

Estava no alto de uma torre de pedras, comprida e de topo achatado, o vento bagunçando seus cabelos, trazendo mil aromas secos e um leve sinal de água escondida a distância. Por um instante, pensou que tinha a forma de um lobo. Apalpou o próprio corpo para ter certeza de que o que via era ele

mesmo. Usava seu casaco, suas calças e botas e segurava seu arco, a aljava pendia ao lado do corpo. O machado não estava lá.

— Saltador! Saltador! Onde você está? — O lobo não veio.

Havia montanhas escarpadas ao seu redor, assim como outras torres altas, separadas por planícies áridas e cumes desordenados, e em alguns lugares erguiam-se largos platôs com as laterais íngremes. A vegetação crescia, mas não era muito exuberante. Grama curta e dura. Arbustos arrepiados e espinhosos e outras plantas que pareciam ter espinhos até nas folhas encorpadas. Árvores isoladas e atrofiadas, retorcidas pelo vento. Mesmo assim, os lobos conseguiam encontrar caça naquela terra.

Enquanto olhava a paisagem árida, um círculo de escuridão de repente encobriu uma parte das montanhas. Ele não sabia dizer se a escuridão estava bem diante de seu rosto ou a meio caminho das montanhas, mas parecia enxergar através dela e além. Mat, chacoalhando um copo de dados. O oponente encarava Mat com olhos de fogo. Mat não parecia ver o homem, mas Perrin o conhecia.

— Mat! — gritou. — É Ba'alzamon! Luz, Mat, você está jogando com Ba'alzamon!

Mat jogou os dados, e, enquanto eles giravam, a visão desvaneceu, e o lugar escuro foi coberto de montanhas outra vez.

— Saltador! — Perrin se virou devagar, olhando em todas as direções. Até olhou para o céu. *Agora ele pode voar.* As nuvens prometiam uma chuva que o chão muito abaixo do topo da torre beberia assim que desabasse. — Saltador!

Uma escuridão formou-se entre as nuvens, um vão para outro lugar. Egwene, Nynaeve e Elayne encaravam uma imensa jaula de metal com a porta erguida, presa a uma armadilha pesada. Elas entravam na jaula e estendiam os braços, juntas, para soltar o fecho. A porta de barras caía bruscamente atrás delas. Uma mulher de cabelo todo trançado ria das três, e outra, toda de branco, ria dela. O vão no céu se fechou, e havia apenas nuvens.

— Saltador, onde está você? — chamou. — Preciso de você! Saltador!

O lobo cinzento surgiu, aterrissando no topo da torre como se tivesse saltado de algum ponto mais alto.

Perigoso. Você foi advertido, Jovem Touro. Muito jovem. Muito novo, ainda.

— Preciso saber, Saltador. Você disse que há coisas que eu preciso ver. Preciso ver mais, saber mais. — Ele hesitou, pensando em Mat, Egwene, Nynaeve e Elayne. — As coisas estranhas que vejo aqui. São reais?

A resposta de Saltador parecia vir lentamente, como se fosse tão simples que o lobo não compreendia a necessidade de dá-la, ou como fazer isso. Mas algo finalmente veio.

O que é real não é real. O que não é real, é real. A carne é um sonho, e os sonhos têm carne.

— Isso não me diz nada, Saltador. Não estou entendendo. — O lobo olhou para ele, como se o rapaz tivesse dito que não entendia que a água era molhada. — Você disse que eu precisava ver algo, então me mostrou Ba'alzamon e Lanfear.

Presa-do-Coração. Caçadora-da-Lua.

— Por que me mostrou aquilo, Saltador? Por que eu precisava vê-los?

A Última Caçada está chegando. A resposta veio repleta de tristeza e de uma sensação de inevitabilidade. *O que será, terá de ser.*

— Não consigo entender! A Última Caçada? Que Última Caçada? Saltador, Homens Cinza tentaram me matar hoje à noite.

Os Não-mortos caçando você?

— Isso! Homens Cinza! Atrás de mim! E um Cão das Trevas estava bem do lado de fora da estalagem! Quero saber por que estão atrás de mim.

Irmãos-das-Sombras! Saltador se agachou e olhou para os lados, como se esperasse um ataque. *Há muito tempo não vemos Irmãos-das-Sombras. Precisa ir, Jovem Touro. Grande perigo! Fuja dos Irmãos-das-Sombras!*

— Por que eles estão atrás de mim, Saltador? Você sabe. Sei que sabe!

Fuja, Jovem Touro. Saltador pulou, batendo as patas da frente no peito de Perrin, empurrando-o para trás, para a beirada. *Fuja dos Irmãos-das-Sombras.*

O vento soprou em suas orelhas quando ele caiu. Saltador e o topo da torre diminuíam acima dele.

— Por quê, Saltador? — gritou. — Preciso saber por quê!

A Última Caçada está chegando.

Ele ia bater. Sabia disso. O chão se aproximava depressa, e ele ficou tenso à espera do impacto da queda…

* * *

Acordou com um susto, olhando para a vela que bruxuleava sobre a pequena mesa ao lado da cama. Relâmpagos iluminavam a janela, os trovões a sacudiam ruidosamente.

— Como assim a Última Caçada? — murmurou. *Não acendi nenhuma vela.*

— Você fala sozinho. E se debate dormindo.

Ele deu um salto e maldisse a si mesmo por não ter percebido o perfume herbal no ar. Zarine estava sentada em um banquinho, quase no limite da luz da vela, observando-o com o cotovelo apoiado no joelho e o queixo apoiado no punho.

— Você é *ta'veren* — disse, como se esclarecesse algo. — O cara de pedra acha que esses seus olhos esquisitos enxergam coisas que os dele não conseguem enxergar. Homens Cinza querem matar você. Você viaja com uma Aes Sedai, um Guardião e um Ogier. Você liberta Aiel enjaulados e mata Mantos-brancos. Quem é você, fazendeiro? O Dragão Renascido? — A voz da moça indicava que aquela era a coisa mais ridícula que ela podia pensar, mas mesmo assim ele mudou de posição, incomodado. — Seja lá quem você for, grandão — acrescentou —, ficaria melhor com um pouco mais de pelos no peito.

Ele se virou, xingando, e puxou um dos cobertores até o pescoço. *Luz, ela não cansa de me fazer pular como um sapo em pedra quente.* O rosto de Zarine estava quase nas sombras. Ele não podia vê-la muito bem, a não ser quando um relâmpago lançava um pouco de claridade pela janela, a iluminação grosseira formando sombras próprias no nariz pronunciado e maçãs do rosto altas da moça. De repente, lembrou-se de Min dizendo que ele deveria fugir de uma bela mulher. Quando reconheceu Lanfear naquele sonho de lobo, pensou que Min se referia a ela, pois não achava que pudesse haver mulher mais bonita que Lanfear. Mas a mulher era parte de um sonho. Zarine estava ali, sentada, observando-o com aqueles olhos escuros e oblíquos, refletindo, ponderando.

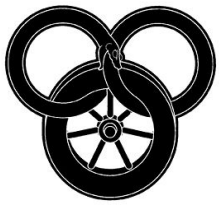
— O que está fazendo aqui? — perguntou. — O que é que você quer? Quem é você?

Ela jogou a cabeça para trás e soltou uma risada.

— Sou Faile, fazendeiro, uma Caçadora da Trombeta. Quem você acha que sou, a mulher dos seus sonhos? Por que pulou desse jeito? Parece até que eu belisquei a sua bunda.

Antes que ele pudesse encontrar uma resposta, a porta bateu na parede, e Moiraine surgiu na porta do quarto, o rosto pálido e sombrio como a morte.

— Seus sonhos de lobo revelam tanto quanto os de um Sonhador, Perrin. Os Abandonados *estão* à solta, e um deles governa Illian.



CAPÍTULO 44



Caçados

Perrin saiu da cama e começou a se vestir, sem se importar se Zarine estava ou não observando. Ele sabia o que pretendia fazer, mas perguntou a Moiraine mesmo assim.

— Vamos embora?

— A não ser que você deseje estreitar os laços com Sammael — retrucou a mulher, seca.

Um trovão ressoou, como se para pontuar a frase, e um relâmpago iluminou o céu. A Aes Sedai mal olhava para Zarine.

Enquanto enfiava a camisa nas calças, ele de súbito desejou que já estivesse com o casaco e o manto. Dizer o nome de um dos Abandonados em voz alta deixara o quarto gélido. *Ba'alzamon não é o suficiente, precisamos dos Abandonados à solta também. Luz, será que encontrar Rand ainda adianta alguma coisa? Será que é tarde demais?* Porém, continuou se vestindo e calçando as botas. Era isso ou desistir, e o povo de Dois Rios não tinha fama de desistir.

— Sammael? — perguntou Zarine, com a voz fraca. — Um dos Abandonados está governando…? Luz!

— Ainda quer nos acompanhar? — perguntou Moiraine, baixinho. — Não a obrigaria a ficar aqui, não agora, mas vou lhe dar uma última chance de jurar seguir um caminho diferente do meu.

Zarine hesitou, e Perrin parou com metade do casaco já vestida. Sem dúvidas ninguém escolheria acompanhar as pessoas que haviam despertado a ira de um dos Abandonados. Ela não escolheria isso naquele momento, depois de descobrir um pouco do que eles enfrentavam. *A não ser que ela tenha uma excelente razão*. Mas, independentemente do motivo, ninguém que descobrisse que um dos Abandonados estava à solta ficaria ali sentado refletindo, mas sim sairia correndo atrás de um navio do Povo do Mar e pediria uma passagem para o outro lado do Deserto Aiel.

— Não — disse Zarine, enfim, e ele começou a relaxar. — Não, não vou jurar seguir outro caminho. Quer vocês me levem ou não até a Trombeta de Valere, nem mesmo a pessoa que encontrar a Trombeta terá vivido uma história como essa. Acho que essa história será contada por muitas eras, Aes Sedai, e quero fazer parte dela.

— Não — gritou Perrin, bruscamente. — Essa resposta não é boa o suficiente. O que é que você quer?

— Não tenho tempo para essa briguinha — interrompeu Moiraine. — A qualquer momento *Lorde Brend* pode descobrir que um dos Cães das Trevas está morto. E podem ter certeza de que ele saberá que isso foi obra de um Guardião e virá atrás da Aes Sedai do Gaidin. Vocês querem ficar aqui sentados até ele descobrir onde estão? Mexam-se, crianças tolas! Mexam-se! — Ela desapareceu no corredor antes que ele pudesse abrir a boca.

Zarine também não esperou e saiu correndo do quarto, deixando a vela para trás. Perrin recolheu seus pertences depressa e correu até a escada dos fundos, ainda afivelando o cinturão com o machado. Ele alcançou Loial na descida, o Ogier tentava enfiar um livro de capa de madeira nos alforjes e vestir o manto ao mesmo tempo. Perrin ajudou-o com o manto enquanto os dois desciam as escadas, e Zarine alcançou-os antes que saíssem do prédio pela chuva forte.

Perrin curvou os ombros para se proteger da chuva e correu até o estábulo, cruzando o quintal enegrecido pela tempestade sem parar para puxar o capuz do manto. *Ela deve ter um motivo. Viver uma maldita história não é razão suficiente para ninguém, a não ser uma mulher louca!* A chuva ensopou seus cachos bagunçados, colando-os à cabeça, antes de chegar à porta do estábulo.

Moiraine já estava lá, em um manto impermeável coberto de gotas de chuva, e Nieda erguia uma lanterna para que Lan terminasse de selar os

cavalos. Havia um animal a mais, um capão baio com o nariz ainda mais acentuado que o de Zarine.

— Vou enviar pombos todos os dias — dizia a mulher robusta. — Ninguém vai suspeitar de mim, no caso. Que a Sorte me espicace! Até os Mantos-brancos me têm em boa conta.

— Escute bem, mulher! — retrucou Moiraine, bruscamente. — Não estou falando de um Manto-branco ou de um Amigo das Trevas. Você vai fugir desta cidade e levará junto todos os que ama. Já me obedeceu por doze anos. Obedeça agora!

Nieda assentiu, relutante, e Moiraine soltou um grunhido exasperado.

— O baio é seu, garota — explicou Lan, para Zarine. — Pode montar. Se não souber cavalgar, ou aprende na prática ou aceita minha oferta.

Apoiando uma das mãos no cepilho alto, ela saltou com facilidade e sentou-se na sela.

— Pensando bem, cara de pedra, já montei um cavalo uma vez. — Ela se virou para amarrar a trouxa atrás de si.

— O que você quis dizer, Moiraine? — exigiu Perrin, enquanto jogava o alforje no lombo de Galope. — Você disse que ele conseguiria descobrir onde estou. Ele sabe. Os Homens Cinza! — Nieda soltou uma risadinha, e ele se perguntou, irritado, o quanto a mulher saberia ou acreditaria entre as coisas que dissera não acreditar.

— Sammael não enviou os Homens Cinza. — Moiraine montou Aldieb com calma, as costas eretas e uma precisão calculada, quase como se não houvesse pressa. — Mas o Cão das Trevas foi mandado por ele. Acredito que tenha seguido meus rastros. Ele não teria enviado os dois. Alguém está atrás de você, mas acho que Sammael nem sabe da sua existência. Ainda.

Perrin parou com um dos pés no estribo, olhando para ela, mas a mulher parecia mais preocupada em dar palmadinhas no pescoço arqueado da égua do que com seu rosto indagativo.

— Assim como eu fui atrás de você — comentou Lan, e a Aes Sedai fungou alto.

— Queria que você fosse mulher, Gaidin. Assim, poderia mandá-lo para a Torre como noviça, para aprender a obedecer! — Ele ergueu uma sobrancelha e tocou o cabo da espada, então subiu na sela, e ela suspirou. — Talvez a sua desobediência seja algo bom. Às vezes é. Além do mais, acho que nem Sheriam e Siuan Sanche juntas poderiam ensiná-lo a ser obediente.

— Não entendo — continuou Perrin. *Acho que ando dizendo muito isso, e estou ficando cansado. Quero algumas respostas que eu* consiga *entender.* Ele terminou de montar o cavalo, para que Moiraine não olhasse para baixo. Ela já tinha vantagens demais. — Se não foi ele que enviou os Homens Cinza, quem foi? Se foi um Myrddraal ou outro Abandonado… — Ele parou e engoliu. *OUTRO Abandonado! Luz!* — Se alguém os enviou, por que não disseram nada a ele? São todos Amigos das Trevas, não são? E por que eu, Moiraine? Por que eu? Rand é que é o maldito Dragão Renascido!

Perrin ouviu os arquejos de Zarine e Nieda e só então percebeu o que acabara de dizer. O olhar de Moiraine parecia esfolá-lo como o aço mais afiado do mundo. *Língua desgraçada. Quando foi que eu parei de pensar antes de falar?* Parecia que havia sido quando sentira pela primeira vez os olhos de Zarine a observá-lo. Ela o observava naquele instante, a boca escancarada.

— Você está ligada a nós, agora — disse Moiraine, olhando para a mulher de rosto forte. — Não há como voltar atrás. Nunca mais. — Zarine parecia querer responder, e também parecia receosa de dizer o que quer que estivesse em sua mente, mas a Aes Sedai já voltara a atenção para o outro lado. — Nieda, saia de Illian hoje à noite. Agora mesmo! E segure essa língua, ainda mais do que segurou por todos esses anos. Alguns podem cortá-la fora, dependendo do que você disser. E o farão antes que eu consiga chegar até você.

O tom severo deixou dúvidas sobre o que ela faria exatamente se chegasse até a outra mulher, e Nieda assentiu com vigor, como se tivesse ouvido tanto a ameaça quanto o aviso.

— Quanto a você, Perrin. — A égua branca aproximou-se, e ele se inclinou para trás e se afastou da Aes Sedai, apesar de ter se convencido de que a enfrentaria. — Há muitos fios tecidos no Padrão, e alguns são tão negros quanto a própria Sombra. Cuide para que um deles não o estrangule. — Ela tocou os flancos de Aldieb com os calcanhares, e a égua saltou para a chuva. Mandarb a seguia bem de perto.

Que a queime, Moiraine, pensou Perrin, enquanto cavalgava atrás deles. *Às vezes eu não sei de que lado você está.* Ele olhou para Zarine, que cavalgava a seu lado como se tivesse nascido em cima de uma sela. *E você, de que lado está?*

A chuva mantinha as pessoas longe das ruas e dos canais, por isso parecia que nenhum olho os observava partir, mas também fazia os cavalos caminharem com insegurança pelas ruas de pedras. Quando o grupo chegou ao Passadiço de Maredo, uma ampla via de terra batida e um pouco elevada que atravessava o pântano rumo ao norte, o aguaceiro começara a diminuir. Os trovões ainda ressoavam, mas os raios já reluziam bem longe deles, talvez em alto-mar.

Perrin sentiu que estavam com um pouco de sorte. A chuva se estendera por tempo suficiente para encobrir a partida do grupo, mas no momento parecia que teriam uma noite limpa para cavalgar. Ele expressou o pensamento, mas Lan sacudiu a cabeça em discordância.

— Cães das Trevas gostam mais de céu limpo e noites enluaradas e menos da chuva, ferreiro. Uma boa tempestade pode afugentá-los de vez. — Como se aquelas palavras fossem uma ordem, a chuva virou uma garoa fraca. Perrin ouviu Loial grunhir atrás de si.

O passadiço elevado e o pântano terminavam juntos, a cerca de duas milhas da cidade, mas a estrada continuava, com uma leve curva para o leste. O crepúsculo encoberto pelas nuvens tornou-se noite, e a chuva fina continuava a cair. Moiraine e Lan mantinham o passo firme, cavalgando bem rápido. Os cascos dos cavalos faziam as poças no chão de terra batida respingarem. A lua brilhava por entre as fendas das nuvens. Colinas baixas começavam a se elevar ao redor deles, e as árvores passaram a aparecer cada vez em maior número. Perrin pensou que deveria haver uma floresta mais adiante, mas não sabia ao certo se gostava da ideia. A mata podia escondê-los dos perseguidores, mas a mata também podia permitir que esses mesmos seguidores se aproximassem sem que eles percebessem.

Um uivo agudo foi ouvido atrás deles, bem ao longe. Por um instante, pensou que fosse um lobo. Surpreendeu-se por quase não ser capaz de frear o ímpeto de fazer contato. O uivo se repetiu, e ele soube que não era de um lobo. Outros responderam, todos a milhas de distância, lamentos horripilantes cheios de sangue e morte, gritos que falavam de pesadelos. Para sua surpresa, Lan e Moiraine reduziram a marcha, e a Aes Sedai foi analisando as colinas ao redor, cobertas pela noite.

— Eles estão muito longe — comentou Perrin. — Não vão alcançar a gente se continuarmos avançando.

— Os Cães das Trevas? — murmurou Zarine. — Esses são os Cães das Trevas? Tem certeza de que não é a Caçada Selvagem, Aes Sedai?

— Mas é — respondeu Moiraine. — É.

— Ninguém é capaz de ir mais rápido que os Cães das Trevas, ferreiro — retrucou Lan —, nem mesmo montado no mais veloz dos cavalos. É preciso sempre enfrentá-los e derrotá-los, ou o alcançarão.

— Eu podia ter ficado no *pouso*, sabe? — comentou Loial. — A esta altura, minha mãe já teria me obrigado a me casar, mas não teria sido uma vida ruim. Muitos livros. Eu não precisava ter vindo aqui para Fora.

— Ali — disse Moiraine, apontando para um montinho sem árvores bem à direita. Não havia qualquer árvore que Perrin pudesse enxergar a duzentos passos ou mais ao redor de onde ela apontava, e mesmo mais ao longe elas eram esparsas. — Precisamos vê-los chegando se queremos ter alguma chance.

Os lúgubres uivos dos Cães das Trevas se fizeram ouvir outra vez, mais perto, porém ainda distantes.

Lan apressou um pouco o ritmo de Mandarb, após Moiraine ter definido a base do grupo. Enquanto subiam a colina, os cascos dos cavalos batiam nas pedras semienterradas na terra, escorregadias por causa da garoa. Aos olhos de Perrin, a maioria das pedras tinha cantos quadrados demais para ser natural. Chegando ao topo, desceram das montarias, espalhados ao redor de um rochedo baixo e arredondado. A lua surgiu por entre uma fenda nas nuvens, e ele pôde ver que estava de frente para um rosto de pedra desgastado pelo tempo, a cerca de dois passos de distância. Um rosto de mulher, imaginou, pelo comprimento dos cabelos. Com a chuva, ela parecia chorar.

Moiraine desmontou da égua e ficou olhando na direção de onde vinham os uivos. Ela era uma silhueta sombria e encapuzada, a água da chuva refletindo o luar ao deslizar por seu manto impermeável.

Loial levou o cavalo até a escultura, para observá-la, depois inclinou-se mais para perto e tateou suas feições.

— Acho que ela era uma Ogier — disse, por fim. — Mas isso aqui não é um *pouso* antigo. Eu sentiria. Todos sentiríamos. E estaríamos a salvo das Criaturas da Sombra.

— O que é que vocês dois estão olhando aí? — Zarine apertou os olhos em direção à pedra. — O que é isso? Ela? Quem?

— Muitas nações se ergueram e caíram desde a Ruptura — explicou Moiraine, sem se virar. — Algumas não deixaram nada além de nomes em páginas amareladas ou traçados em mapas despedaçados. Será que deixaremos ao menos isso para trás? — Os uivos sedentos por sangue se fizeram ouvir outra vez, ainda mais próximos. Perrin tentou calcular o ritmo em que as criaturas se deslocavam e concluiu que Lan estava certo: os cavalos de fato não conseguiriam deixá-los para trás. Eles não teriam que esperar por mais muito tempo.

— Ogier — comandou Lan —, você e a garota segurem os cavalos. — Zarine protestou, mas ele cavalgou direto até ela. — Suas facas não têm muita serventia aqui, garota. — A lâmina da espada do Guardião reluziu ao luar quando ele a desembainhou. — Até isso aqui é apenas um último recurso. Pelo som, parece que há dez a caminho, não um. Seu trabalho é evitar que os cavalos fujam quando farejarem os Cães das Trevas. Nem mesmo Mandarb gosta desse cheiro.

Se a espada do Guardião não tinha serventia, o machado de Perrin também não. O rapaz sentiu uma espécie de alívio, mesmo que fossem Criaturas da Sombra: não precisaria usar o machado. Desembainhou o arco sem corda das cilhas da sela de Galope.

— Talvez isso aqui ajude.

— Tente se quiser, ferreiro — retrucou Lan. — Eles não morrem com facilidade. Quem sabe você consegue matar algum.

Perrin puxou uma corda de arcos nova de dentro da bolsa, tentando protegê-la da chuva fina. O revestimento de cera de abelhas era fino e não protegia muito da umidade prolongada. Ele posicionou o arco inclinado entre as pernas e o dobrou de leve, dando voltas com a corda nos encaixes das extremidades do arco. Quando se endireitou, já podia ver os Cães das Trevas.

Eles corriam como cavalos a galope, e, assim que os avistou, reparou que eles ganharam mais velocidade. Eram apenas dez silhuetas volumosas correndo pela noite, varrendo o terreno entre as árvores esparsas. Ele tirou uma flecha da aljava, encaixou-a, mas não puxou. Estava longe de ser o melhor arqueiro de Campo de Emond, mas entre os homens mais jovens apenas Rand se saía melhor que ele.

Decidiu que dispararia quando as criaturas estivessem a trezentos passos de distância. *Idiota! Você teria dificuldade até pra acertar um alvo parado,*

a essa distância. Mas, se esperar, pela rapidez com que estão vindo… Ele se posicionou ao lado de Moiraine e ergueu o arco. *Só preciso imaginar que essa sombra em movimento seja um cachorrão enorme.* Ele puxou a flecha com uma pena de ganso na ponta até o rosto e soltou. Teve a certeza de que ela se fundira com a sombra mais próxima, porém o único resultado foi um rosnado. *Não vai funcionar. Estão vindo rápido demais!* Ele já preparava outra flecha. *Por que não está fazendo nada, Moiraine?* Podia ver os olhos das criaturas, brilhantes como prata, os dentes cintilando como aço reluzente. Tão negros quanto a própria noite e do tamanho de pequenos pôneis, as bestas disparavam em sua direção, silenciosos, ansiando pela matança. O vento trazia o fedor de enxofre queimado. Os cavalos relinchavam, amedrontados, até mesmo o cavalo de batalha de Lan. *Que a queime, Aes Sedai, faça alguma coisa!* Ele soltou a flecha outra vez: o Cão das Trevas à frente cambaleou e continuou avançando. *Eles podem morrer!* Disparou mais uma, e a criatura que liderava o grupo cambaleou, tropeçou nas próprias pernas e desabou, mas mesmo assim Perrin sentiu um instante de desespero. Um caíra, mas os outros nove já haviam coberto dois terços da distância. Pareciam correr ainda mais depressa, como sombras deslizando no chão. *Mais uma flecha. Dá tempo para mais uma, talvez, e depois eu pego o machado. Que a queime, Aes Sedai!* Ele preparou outra.

— Agora — disse Moiraine, enquanto a flecha saía do arco.

O ar entre as mãos dela pegou fogo e disparou como um raio em direção aos Cães das Trevas, tornando a noite tão clara quanto o dia. Os cavalos relincharam e pularam, tentando se soltar.

Perrin pôs o braço diante do rosto para proteger os olhos do brilho branco de tão quente e incandescente, como uma fornalha se abrindo. O sol irrompeu de repente, no meio da noite, e desapareceu. Quando destapou os olhos, a visão estava tomada de pontinhos, e a marca daquela linha de fogo ainda se desvanecia. Onde antes estavam os Cães das Trevas, nada havia além de solo encoberto pela noite e chuva fina. As únicas sombras que se moviam eram formadas pelas nuvens que cortavam a lua.

Pensei que ela jogaria fogo em cima deles ou evocaria um relâmpago, mas isso…

— O que foi isso? — perguntou com a voz rouca.

Moiraine olhava outra vez na direção de Illian, como se pudesse enxergar através de todas aquelas milhas de escuridão.

— Talvez ele não tenha visto — disse, quase para si mesma. — Está longe, e, se não estiver atento, talvez não tenha percebido.

— Quem? — perguntou Zarine. — Sammael? — A voz dela tremeu um pouco. — Você disse que ele estava em Illian. Como é que poderia ver qualquer coisa que aconteceu aqui? O que foi que você fez?

— Uma coisa proibida — respondeu Moiraine, fria. — Proibida por votos quase tão poderosos quanto os Três Juramentos. — Ela tomou as rédeas de Aldieb da garota e deu um tapinha no pescoço da égua, para acalmá-la. — Algo que não é usado há quase dois mil anos. Algo que pode me levar a ser estancada só por saber que existe.

— Talvez…? — A voz de Loial era um sussurro débil. — Talvez seja melhor irmos? Pode haver mais deles.

— Acho que não — respondeu a Aes Sedai, montando. — Ele não soltaria dois grupos ao mesmo tempo, mesmo que tenha dois. Eles se virariam um contra o outro em vez de caçar a presa. E creio que nós não sejamos a presa principal, ou ele teria vindo em pessoa. Nós éramos… um contratempo, eu acho. — Ela tinha um tom de voz tranquilo, mas estava claro que não gostava de ser tão subestimada. — E talvez um extra para ele enfiar no bolso, se não desse muito trabalho. Ainda assim, não é muito bom ficar mais perto dele do que o necessário.

— Rand? — perguntou Perrin. Ele quase podia sentir Zarine se inclinando para escutar. — Se não somos nós que ele está caçando, então é Rand?

— Talvez — respondeu Moiraine. — Ou talvez Mat. Não se esqueça de que ele também é *ta'veren* e que soou a Trombeta de Valere.

Zarine soltou um grito abafado.

— Ele *soou* a Trombeta? Alguém já *encontrou*?

A Aes Sedai a ignorou, inclinando-se na sela para olhar bem nos olhos de Perrin, o negro cintilante se impondo sobre o dourado reluzente.

— Mais uma vez, os acontecimentos me ultrapassam. Não gosto nada disso. E você também não deveria gostar. Se os acontecimentos me escapam, podem muito bem pisoteá-lo, e a todo o resto do mundo.

— Ainda faltam muitas léguas até Tear — comentou Lan. — A sugestão do Ogier é boa. — Ele já estava montado na sela.

Depois de um instante, Moiraine se endireitou e encostou os calcanhares nas costelas da égua. Antes que Perrin pudesse tirar a corda do arco e pegar

as rédeas de Galope com Loial, ela já estava na metade da descida do monte. *Que a queime, Moiraine! Vou encontrar respostas em algum lugar!*

* * *

Encostado em um tronco caído, Mat aproveitava o calor da fogueira — as chuvas haviam desviado para o sul três dias antes, mas ele ainda sentia a umidade. Porém, naquele exato momento, o rapaz mal tinha consciência das chamas que dançavam. Perscrutava, pensativo, o pequeno cilindro polido que tinha nas mãos. Thom tocava a harpa, distraído, resmungando sozinho sobre a chuva e a umidade, sem olhar para Mat. Grilos cricrilavam na mata escura ao redor deles. Surpreendidos pelo pôr do sol entre uma aldeia e outra, decidiram parar em um arvoredo distante da estrada. Por duas noites, haviam tentado alugar um quarto para pernoitar. E por duas vezes um fazendeiro soltara os cachorros em cima deles.

Mat desembainhou a faca da cintura, hesitante. *Sorte. Só explode às vezes, ela disse. Sorte.* Com todo o cuidado, fez uma incisão ao longo do tubo. *Era* um tubo, e de papel, como ele imaginara ao encontrar pedaços de papel no chão, depois que os fogos de artifício foram disparados, em casa. Era feito de camadas de papel, mas do lado de dentro só havia algo que parecia poeira, ou talvez poeira misturada a minúsculas pedrinhas cinza-escuras. Ele puxou algumas com o dedo e as virou na palma da mão. *Como, pela Luz, é que pedrinhas podem explodir?*

— Que a Luz me queime! — vociferou Thom. — Ele atirou a harpa dentro do estojo para protegê-la do que Mat tinha na mão. — Está tentando nos matar, garoto? Nunca lhe disseram que essas coisas explodem com dez vezes mais força no ar do que no fogo? Fogos de artifício só perdem para o trabalho das Aes Sedai, garoto.

— Talvez — disse Mat —, mas Aludra não me pareceu uma Aes Sedai. Eu costumava pensar isso do relógio do Mestre al'Vere, que só podia ser obra das Aes Sedai, mas um dia abri o compartimento traseiro e vi que era cheio de pecinhas de metal. — Ele mudou de posição, incomodado com a lembrança. A Senhora al'Vere fora a primeira a encontrá-lo, aquele dia, junto com a Sabedoria, o pai e o Prefeito, e nenhum deles acreditara que ele só queria olhar. *Eu poderia ter colocado todas a peças de volta.* — Acho

que Perrin poderia fazer um, se visse todas aquelas rodinhas, engrenagens e sei lá mais o quê.

— Você ficaria surpreso, garoto — retrucou Thom, seco. — Até um relojoeiro medíocre é um homem bastante rico, e merece ser. Mas um relógio não explode na sua cara!

— Nem isso aqui. Bem, agora já não tem mais serventia. — Ele atirou o punhado de papel e pedrinhas na fogueira, e Thom soltou um guincho. As pedrinhas faiscaram e soltaram pequeninas explosões, junto com um cheiro pungente de fumaça.

— Você *está* tentando nos matar. — A voz de Thom era instável e foi ficando mais alta e forte à medida que ele continuava falando. — Se eu decidir que quero morrer, vou até o Palácio Real quando chegarmos a Caemlyn e dou um beliscão na bunda da Morgase! — O longo bigode se agitou. — Não faça mais isso!

— Não explodiu — comentou Mat, franzindo o rosto para o fogo. Ele enfiou a mão no rolo com tecido revestido de óleo do outro lado dos troncos e pescou um fogo de artifício um tamanho maior. — Por que será que não fez barulho?

— Não me interessa por que não fez barulho! Não faça mais isso!

Mat olhou para ele e riu.

— Pare de tremer, Thom. Você não tem por que ficar com medo. Agora eu já sei o que tem dentro. Pelo menos, sei como é, mas… não precisa falar nada. Não vou abrir mais nenhum, Thom. De qualquer forma, é mais legal acendê-los.

— Não estou com medo, seu porqueiro bronco — rebateu Thom, com elaborada dignidade. — Estou é tremendo de ódio, por viajar com um grosseirão com cérebro de cabra que pode acabar matando nós dois por não ser capaz de pensar além do próp…

— Ei, o fogo!

Mat e Thom se entreolharam ao ouvir sons de cavalos se aproximando. Já era tarde para qualquer pessoa de bem estar viajando. No entanto, a Guarda da Rainha cuidava da segurança da estrada, ali tão perto de Caemlyn, e os quatro que cavalgavam em direção à fogueira iluminada decerto não pareciam ladrões. Um deles era uma mulher. Todos os homens usavam longas capas e pareciam criados dela, que era bonita, com olhos azuis, e usava um colar de ouro, um vestido de seda cinza e um manto de

veludo com um grande capuz. Os homens desmontaram dos cavalos. Um deles segurou as rédeas da mulher, e outro, o estribo. Ela sorriu para Mat, tirando as luvas enquanto se aproximava da fogueira.

— Creio que esteja tarde, jovem mestre — disse —, e venho lhes incomodar para pedir indicações do caminho até uma estalagem, se conhecerem alguma.

Ele escancarou um sorriso e começou a se levantar. Já estava de cócoras quando ouviu um dos homens murmurar algo e outro revelar uma besta de debaixo do manto, já empunhada, o grampo com a flecha.

— Mate-o, seu idiota! — gritou a mulher, e Mat arremessou o fogo de artifício em direção às chamas e se jogou para apanhar o bastão. Houve uma enorme explosão e um clarão de luz.

— Aes Sedai! — gritou um dos homens.

— São fogos de artifício, imbecil! — respondeu a mulher, também gritando.

Mat rolou para o lado, levantou-se com o bastão nas mãos e viu a flecha da besta cravada no tronco caído, quase onde estava sentado, enquanto o arqueiro desabava com o cabo de uma das facas de Thom a lhe adornar o peito.

Só houve tempo de enxergar essa cena, pois outros dois homens atravessaram o fogo em sua direção, empunhando as espadas. Um deles de súbito tropeçou e caiu de joelhos, largando a espada para agarrar a faca cravada em suas costas, depois desabou de cara no chão. O último homem não viu a queda do companheiro. Ele obviamente esperava que ainda estivesse acompanhado, dividindo a atenção do oponente, quando deu um golpe empurrando a lâmina bem na direção do tronco de Mat. Quase com desprezo, o jovem de Dois Rios quebrou o punho do sujeito com uma extremidade do bastão, mandando a espada pelos ares, e rachou a testa dele com a outra. O homem revirou os olhos e desabou.

Pelo canto do olho, Mat viu a mulher caminhando na direção dele e apontou para ela com o dedo esticado, como se fosse uma faca.

— Você usa roupas muito boas para uma ladra, mulher! Sente aí até eu decidir o que vou fazer com você, ou eu…

Ela ficou tão surpresa quanto Mat ao ver a faca que de repente irrompeu em sua garganta, fazendo brotar uma flor vermelha de sangue, que começou a jorrar. Ele iniciou o movimento de dar um passo à frente, como se para

amparar a queda da mulher, mas soube que seria inútil. O longo manto aterrissou por cima dela e a cobriu por inteiro, exceto a face e o cabo da faca de Thom.

— Que o queime — resmungou Mat. — Que o queime, Thom Merrilin! Uma mulher! Luz, poderíamos tê-la amarrado e entregado à Guarda da Rainha amanhã, em Caemlyn. Luz, talvez eu até deixasse ela ir embora. Ela não roubaria mais ninguém sem a ajuda desses três, e o único que sobreviver vai levar dias até conseguir enxergar direito e meses até conseguir erguer uma espada. Que o queime, Thom, não precisava matá-la!

O menestrel mancou até o ponto onde jazia a mulher e deu um chute para afastar o manto. A adaga caíra da mão dela. A lâmina tinha o tamanho de duas mãos e o dobro da espessura do polegar de Mat.

— Preferia que eu tivesse esperado ela cravar isso nas suas costas, garoto? — Ele recuperou a própria faca e limpou a lâmina no manto da mulher.

Mat percebeu que cantarolava "Ela Usava Uma Máscara Que Cobria a Face" e parou. Inclinou-se e escondeu o rosto da mulher com o capuz do manto.

— É melhor irmos andando — disse, baixinho. — Não quero ter que explicar isso se a gente topar com a Guarda da Rainha.

— E com ela nessas roupas? — completou Thom. — Não mesmo! Eles devem ter roubado a esposa de algum mercador ou a carruagem de alguma senhora da nobreza. — Ele amansou o tom de voz. — Rapaz, se vamos partir, é melhor tratar de selar seu cavalo.

Mat levou um susto e desviou os olhos da mulher morta.

— É verdade, é melhor, não é? — Ele não olhou de volta para o corpo.

Não sentia o mesmo remorso em relação aos homens. Na sua opinião, um homem que decidia roubar e matar merecia o que levava ao perder o jogo. Não se demorou muito a olhá-los, mas também não desviou os olhos quando pousaram em um dos ladrões. Foi só depois de selar o capão e amarrar seus pertences atrás do animal, enquanto chutava terra para apagar o fogo, que percebeu que encarava o sujeito que disparara a besta. Havia algo de familiar nas feições dele, nas sombras que as chamas fumegantes formavam em seu rosto. *Sorte*, disse a si mesmo. *É sempre a sorte*.

— O sujeito era um bom nadador, Thom — comentou, enquanto subia na sela.

— Que bobagem é essa, agora? — O menestrel também já estava montado no cavalo, muito mais preocupado em arrumar os estojos dos instrumentos na parte de trás da sela do que com os mortos. — Como é que você tinha certeza de que o homem sabia nadar?

— Ele chegou em terra firme navegando em uma jangadinha que saiu de Erinin no meio da noite. Acho que gastou toda a sorte que tinha.

Mat conferiu outra vez as amarras do rolo de fogos de artifício. *Se esse idiota pensou que isso era obra de alguma Aes Sedai, imagine só o que teria pensado se eu disparasse* todos *ao mesmo tempo.*

— Tem certeza, garoto? A chance de ser o mesmo homem… Ora, nem você apostaria nisso.

— Tenho certeza, Thom. — *Elayne, vou torcer seu pescoço da próxima vez que encontrá-la. O de Egwene e o de Nynaeve também.* — E tenho certeza de que vou despachar essa maldita carta assim que chegarmos em Caemlyn.

— Estou dizendo, garoto, não tem nada nessa carta. Eu comecei a jogar *Daes Dae'mar* quando era mais novo que você, sei reconhecer códigos e criptogramas mesmo sem saber o que significam.

— Bom, eu nunca joguei esse seu Grande Jogo, Thom, essa porcaria de Jogo das Casas, mas sei muito bem quando estou sendo seguido, e sei que não estou sendo seguido com tanto empenho e até tão longe só pelo dinheiro que tenho nos bolsos. Não fariam isso por menos que um baú cheio de ouro. Só pode ser a carta. — *Que se queime, as mulheres bonitas sempre me trazem problemas.* — Ainda quer dormir hoje à noite, depois disso tudo?

— Com o sono dos inocentes, garoto. Mas, se você quiser cavalgar, eu cavalgo.

O rosto de uma bela mulher flutuou na mente de Mat com uma adaga cravada na garganta. *Que azar, era uma linda mulher.*

— Então vamos cavalgar! — respondeu, feroz.



CAPÍTULO 45



Caemlyn

Mat tinha vagas lembranças de Caemlyn, mas, quando os dois se aproximaram da cidade, logo nas primeiras horas da manhã, parecia que ele jamais pisara naquele lugar. Desde a aurora, já não estavam sozinhos na estrada, e no momento caminhavam em meio a outros cavaleiros, comboios de carroções de mercadores e pessoas a pé, todos seguindo em direção à enorme cidade.

Erguido sobre colinas, o lugar era sem dúvidas tão grande quanto Tar Valon, cercado por imensas muralhas com cinquenta pés de altura, construídas com pedras cinza-claro rajadas de branco e prata que reluziam à luz do sol, intercaladas por imensas torres redondas com o estandarte do Leão de Andor flamulando no topo, vermelho no fundo branco. Do lado de fora das muralhas outra grande cidade fora erguida ao redor da primeira, toda de tijolos vermelhos, pedras cinza e paredes caiadas. Havia estalagens espremidas entre casas de três ou quatro andares tão lindas que poderiam pertencer a mercadores abastados e lojas ao lado de amplos armazéns sem janelas, com seus produtos expostos em mesas cobertas por toldos. Mercados abertos abrigados sob telhas vermelhas e roxas enfileiravam-se de ambos os lados da estrada, homens e mulheres já anunciando suas mercadorias aos gritos, vociferando as pechinchas a plenos pulmões. Àquilo tudo somava-se os sons de bezerros, ovelhas, bodes e porcos espremidos junto a gansos, galinhas e patos engaiolados. Ele se lembrava de pensar, da última vez que estivera em Caemlyn, que a cidade era barulhenta demais.

Dessa vez, o lugar soava como as batidas de um coração que pulsava de fartura.

A estrada levava a portões em arco de vinte pés de altura, abertos mas sob a vigilância atenta da Guarda da Rainha, em seus casacos vermelhos e placas peitorais reluzentes. Os guardas não olharam para ele e Thom mais do que para qualquer outro transeunte, nem mesmo repararam no bastão enviesado na sela à sua frente. Ao que parecia, a maior preocupação dos homens era que o povo continuasse circulando, e, assim, os dois avançaram. Torres finas se elevavam aos céus, ainda mais altas do que as das muralhas, e domos reluzentes cintilavam em branco e dourado acima das ruas apinhadas de gente. Logo na entrada dos portões, a estrada se dividia em duas ruas paralelas, separadas por uma larga faixa de grama e árvores. As colinas da cidade se elevavam como degraus em direção a um topo rodeado por outra muralha, tão brilhante quanto a de Tar Valon, com ainda mais torres e domos do lado de dentro. Era a Cidade Interna, lembrou Mat, e no cume das colinas mais altas ficava o Palácio Real.

— Não faz sentido esperar — comentou com Thom. — Vou entregar a carta de uma vez. — Ele observou as liteiras e carruagens que abriam caminho pela multidão e as lojas com todas as mercadorias expostas. — Um homem poderia ganhar um pouco de ouro nessa cidade, Thom, se encontrasse um jogo de dados ou de cartas. — Não tinha tanta sorte nas cartas quanto nos dados, mas pouca gente jogava cartas, além dos nobres e abastados. *Agora é com esses que tenho que arrumar um jogo.*

Thom bocejou e ergueu o manto de menestrel como se fosse um cobertor.

— Já cavalgamos a noite inteira, garoto. Vamos pelo menos encontrar alguma coisa para comer, primeiro. A Bênção da Rainha tem boas refeições. — Ele bocejou de novo. — E boas camas.

— Eu me lembro desse lugar — comentou Mat, devagar. E se lembrava, de certa forma. O estalajadeiro era um homem gordo de cabelos grisalhos, Mestre Gill. Moiraine encontrara ele e Rand lá, quando Mat pensava que enfim tinham se livrado dela. *Agora ela está por aí, jogando seu jogo com Rand. Nada a ver comigo. Não mais.* — Encontro você lá, Thom. Eu disse que entregaria essa carta assim que chegasse aqui, e é o que pretendo fazer. Pode ir na frente.

Thom assentiu, virou o cavalo de lado e gritou por cima do ombro, no meio de um bocejo:

— Não vá se perder, garoto. É uma cidade grande, essa Caemlyn.

E rica. Mat condiziu o cavalo pela rua abarrotada. *Me perder! Eu tenho um excelente senso de orientação, droga.* A doença parecia ter apagado algumas partes de sua memória. Ele olhava para uma estalagem, com os andares superiores se projetando por cima do térreo e a placa na entrada rangendo com a brisa, e se lembrava de tê-la visto antes, mas não conseguia se recordar de qualquer outra construção ao redor. Podia se lembrar de um trecho de cem passos de alguma rua nos mínimos detalhes enquanto os entornos permaneciam um mistério, como dados ainda dentro do copo.

Mesmo com os buracos na memória, ele tinha certeza de que jamais estivera na Cidade Interna ou no Palácio Real. *Eu não me esqueceria disso!* No entanto, não era preciso recordar o caminho. As ruas da Cidade Nova — o nome veio à mente de supetão: era a parte de Caemlyn que tinha menos de dois mil anos — avançavam em todas as direções, mas todos os bulevares principais levavam à Cidade Interna. Os guardas nos portões não faziam qualquer movimento para impedir alguém de entrar.

Dentro daquelas muralhas brancas havia construções que quase poderiam pertencer a Tar Valon. As ruas sinuosas chegavam aos topos das colinas e revelavam torres finas de paredes ladrilhadas que cintilavam em centenas de cores à luz do sol, além dos parques construídos abaixo em padrões que só podiam ser apreciados de cima, ou da vista geral da cidade e das florestas depois das planícies ondulantes. Não importava muito que ruas ele pegaria. Todas elas espiralavam em direção ao que ele buscava: o Palácio Real de Andor.

Em pouco tempo, cruzava a enorme praça oval diante do Palácio, seguindo em direção aos portões compridos e dourados. O branco puro do Palácio de Andor sem dúvida não ficaria deslocado entre as maravilhas de Tar Valon, com torres finas e domos dourados reluzindo sob o sol, varandas altas e intrincados trabalhos de cantaria. Qualquer folha de ouro em um daqueles domos seria o suficiente para levar uma vida de luxo por um ano.

Tinha menos gente na praça do que nos outros locais, como se aquele lugar fosse reservado para ocasiões importantes. Havia uma dezena de Guardas em pé diante dos portões fechados, os arcos enviesados todos exatamente no mesmo ângulo diante das reluzentes placas peitorais, os rostos escondidos pelas barras de aço dos elmos polidos. Um oficial atarracado, cujo manto vermelho jogado para trás revelava um nó dourado trançado no

ombro, caminhava de um extremo a outro da fila, analisando cada homem como se achasse que fosse encontrar algum vestígio de ferrugem ou poeira em seus uniformes.

Mat puxou as rédeas e abriu um sorriso.

— Bom dia para o senhor, capitão.

O oficial se virou, encarando-o pelas barras do elmo com olhos miúdos, como um ratinho rechonchudo em uma gaiola. O homem era mais velho do que ele esperava, sem dúvidas velho o bastante para ter mais de um nó de graduação, e também era gordo, não robusto.

— O que quer, fazendeiro? — inquiriu o homem rude.

Mat inspirou fundo. *Faça direito. Impressione o idiota para que ele não deixe você o dia inteiro esperando. Não quero ter que esfregar o papel da Amyrlin por aí, para não tomar chá de cadeira.*

— Eu venho de Tar Valon, da Torre Branca, trazendo uma carta da…

— *Você* vem de Tar Valon, fazendeiro? — A barriga gorda do oficial se sacudiu com suas gargalhadas, mas logo as gargalhadas foram interrompidas, como se cortadas por uma faca, e o homem cravou os olhos em Mat. — Não queremos nenhuma carta de Tar Valon, seu golpista, *se* é que você tem uma coisa como essa! Nossa boa Rainha, que a Luz a ilumine, não receberá nada que venha da Torre Branca até que a Filha-herdeira tenha retornado. Eu nunca ouvi falar de um mensageiro da Torre usando casaco e calças de fazendeiro. Está bem claro para mim que você planeja dar algum golpe, talvez esteja achando que vai ganhar umas moedas se chegar dizendo que traz cartas, mas vai ter é sorte se não acabar numa cela! Se você vem mesmo de Tar Valon, volte pra lá e mande a Torre devolver a Filha-herdeira antes que a gente vá buscá-la! Se for algum pilantra atrás de prata, saia da minha frente antes que eu o surre até a beira da morte! De qualquer modo, seu idiota louco, dê o fora daqui!

Mat estava tentando falar desde o início do discurso. Mais do que depressa, disse:

— A carta é dela, camarada. É da…

— Já não avisei para dar o fora, rufião? — vociferou o homem. Tinha o rosto quase tão vermelho quanto a jaqueta. — Não quero mais ver essa sua cara, seu miserável! Se não tiver sumido depois que eu contar até dez, prendo você por emporcalhar a praça com essa sua presença! Um! Dois!

— Consegue contar até um número tão alto, seu gordo idiota? — retrucou Mat, bruscamente. — Estou dizendo, foi Elayne que mandou…

— Guardas! — O rosto do oficial estava roxo. — Prendam este homem por ser um Amigo das Trevas!

Mat hesitou por um instante, certo de que ninguém poderia levar tal acusação a sério, mas os Guardas de casacos vermelhos dispararam em direção a ele, uma dezena de homens usando capacetes e placas peitorais. Ele deu meia-volta com o cavalo e galopou à frente deles, seguido pelos berros do gordo. O capão não era um corredor, mas conseguiu deixar os homens a pé para trás com facilidade. As pessoas nas ruas sinuosas desviavam para sair do caminho, sacudindo os punhos atrás dele e disparando quase tantos xingamentos quanto o capitão.

Idiota, pensou, referindo-se ao oficial gordo, depois acrescentou um para si mesmo. *Eu tinha era que ter dito o maldito nome dela logo no início. "Elayne, a Filha-herdeira de Andor, envia esta carta à mãe, Rainha Morgase." Luz, quem é que iria pensar que as coisas estavam tão ruins em relação a Tar Valon?* Pelo que ele se lembrava da última visita, a Guarda Real gostava quase tanto de Aes Sedai e da Torre Branca quanto da própria Rainha Morgase. *Que a queime, Elayne devia ter me contado. E eu também poderia ter perguntado*, acrescentou, relutante.

Antes de chegar aos portões em arco que levavam à Cidade Nova, reduziu a marcha a um passeio. Não achava que a Guarda da Rainha ainda estava atrás dele, e não havia razão para passar galopando e chamar a atenção dos homens que guardavam o portão, mas esses o ignoraram tanto quanto da primeira vez que ele passou.

Ao cruzar o grande arco, ele sorriu e quase deu meia-volta. De súbito se lembrou de algo e teve uma ideia que pareceu muito mais atraente do que entrar caminhando pelos portões do Palácio. Mesmo que o oficial obeso não estivesse de vigia nos portões, achou que seria a melhor opção.

Ele se perdeu duas vezes à procura d'A Bênção da Rainha, mas enfim encontrou a placa de um homem ajoelhado diante de uma mulher de cabelos louros acobreados e uma coroa de rosas douradas, com uma das mãos na cabeça dele. Era uma grande construção de três andares feita de pedra, com janelas altas sob o teto de telhas vermelhas. Ele deu a volta até o estábulo nos fundos, onde um sujeito com cara de cavalo vestindo um colete de couro

que parecia tão grosseiro quanto ele próprio pegou as rédeas do animal de Mat. Ele achou que se lembrava do sujeito. *Sim. Ramey.*

— Quanto tempo, Ramey. — Mat jogou um marco de prata para o homem. — Você lembra de mim, não lembra?

— Não posso dizer que… — começou o sujeito, quando percebeu o brilho de prata onde deveria haver cobre. Então tossiu, e o breve menear de cabeça se transformou em uma junção de continência com uma espécie de mesura canhestra. — Ora, é claro que lembro, jovem mestre. Me perdoe. Me fugiu da cabeça. A minha cabeça não é muito boa para gente. É boa para cavalos. Eu conheço cavalos, conheço. Excelente animal, jovem mestre. Vou cuidar muito bem dele, pode ter certeza. — Ele disse tudo aquilo muito depressa, sem dar espaço para Mat responder qualquer coisa, então correu com o capão até o estábulo antes que precisasse pronunciar o nome do rapaz.

Com uma careta amarga, o jovem de Dois Rios enfiou o rolo gordo de fogos de artifício debaixo do braço e jogou o resto dos pertences sobre os ombros. *O sujeito não conseguiria dizer a diferença entre mim e as unhas de Asa-de-gavião.* Um homem corpulento e musculoso estava sentado em um barril virado para baixo ao lado da porta da cozinha, afagando a orelha de um gato branco e preto enroscado em seu joelho. O homem analisou Mat com os olhos semicerrados, detendo-se no bastão em seu ombro, mas não parou de afagar o gato. Mat achou que se lembrava dele, mas o nome não lhe veio à cabeça. Não disse nada ao passar pela porta, e nem o homem. *Eles não têm motivo para se lembrar de mim. Essas malditas Aes Sedai devem vir buscar gente todos os dias.*

Na cozinha, duas cozinheiras subalternas e três ajudantes saltavam entre fornos e espetos sob o comando de uma mulher redonda e com os cabelos presos em um coque, que completava as ordens com o auxílio de uma comprida colher de pau. Mat tinha certeza de que se lembrava da mulher. *Coline, e que nome para uma mulher assim tão grande, mas todo mundo a chamava de Cozinheira.*

— Ora, Cozinheira — anunciou —, estou de volta, e não faz nem um ano que fui embora.

Ela o perscrutou por um instante e assentiu.

— Eu me lembro de você. — Ele começou a abrir um sorriso. — Você estava com aquele jovem príncipe, não é? — prosseguiu a mulher. — O tal

que parecia muito com Tigraine, que a Luz ilumine sua memória. É o servo dele, não é? Quer dizer que ele vai voltar, o jovem príncipe?

— Não — respondeu com certa rispidez. *Príncipe! Luz!* — Não creio que ele vá voltar tão cedo, e acho que a senhora não gostaria de que ele voltasse. — Ela protestou, afirmando como o príncipe era um rapaz fino e bonito. *Que me queime, será que existe alguma mulher que não tenha fantasias com Rand e faça cara de apaixonada ao ouvir o nome dele? Ela gritaria como se estivesse prestes a morrer se soubesse o que ele anda fazendo.* Mas se recusou a deixá-la prosseguir. — Mestre Gill está? E Thom Merrilin?

— Na biblioteca — respondeu a mulher, com uma fungada contida. — Diga àquele Basel Gill que mandei avisar que os canos precisam de uma limpeza. E hoje mesmo. — Ela entreviu algo que uma das cozinheiras subalternas estava fazendo com um rosbife e saiu gingando em direção à moça. — Não tanto, criança. Vai adocicar demais a carne se puser muito arrath. — Parecia já ter se esquecido de Mat.

Ele balançou a cabeça e foi procurar a tal biblioteca de que não conseguia se lembrar. Também não lembrava se Coline era casada com Mestre Gill, mas já ouvira uma dona de casa dar instruções ao marido, e era bem daquele jeito. Uma bela garçonete de olhos grandes deu uma risadinha e guiou-o por um corredor ao lado do salão.

Quando ele pisou na biblioteca, parou e observou. Devia haver mais de trezentos livros nas prateleiras embutidas nas paredes, e outros tantos sobre as mesas. Em sua vida inteira, nunca vira tantos livros em um só lugar. Reconheceu uma cópia em encadernação de couro de *As Jornadas de Jain, o Viajante* em uma mesa próxima à porta. Sempre tivera vontade de ler aquele livro, já que Rand e Perrin sempre citavam alguns trechos, mas parecia que nunca conseguia ter tempo para os livros que queria ler.

Basel Gill, com seu rosto rosado, e Thom Merrilin estavam sentados um de frente para o outro diante de um tabuleiro de pedras, os cachimbos em seus dentes expelindo finas linhas de fumaça de tabaco. Uma gata malhada estava sentada sobre a mesa ao lado de um copo de dados de madeira, o rabo enrolado sobre as patas, observando a partida. O manto do menestrel não estava em qualquer lugar à vista, então Mat supôs que ele já tivesse arrumado um quarto.

— Foi mais rápido do que eu esperava, garoto — comentou Thom, com o cachimbo na boca. Ele cofiou o longo bigode branco enquanto avaliava sua próxima jogada no tabuleiro hachurado. — Basel, você se lembra de Mat Cauthon.

— Sim, sim — confirmou o estalajadeiro gordo, espiando o tabuleiro. — Estava doente da última vez que esteve aqui, pelo que me lembro. Espero que tenha melhorado, rapaz.

— Estou melhor — respondeu Mat. — O senhor só se lembra disso? De que eu estava doente?

Mestre Gill estremeceu com a jogada de Thom e tirou o cachimbo da boca.

— Considerando com quem você foi embora, rapaz, e considerando o rumo que as coisas tomaram, talvez seja melhor que eu não me lembre de nada além disso.

— A reputação das Aes Sedai não anda das melhores, não é? — Mat deixou os pertences em uma grande poltrona, o bastão apoiado no encosto, e sentou-se em outra, balançando uma das pernas por cima do braço da poltrona. — Ao que parece, os Guardas do Palácio pensam que a Torre Branca raptou Elayne. — Thom encarou o rolo de fogos de artifício, preocupado, olhou para o próprio cachimbo e resmungou sozinho antes de voltar a estudar o tabuleiro.

— Longe disso — respondeu Gill —, mas a cidade inteira sabe que ela desapareceu da Torre. Thom diz que ela voltou, mas não ouvimos falar nada disso por aqui. Talvez Morgase saiba, mas todo mundo, até os cavalariços, está pisando em ovos para não ser degolado. Lorde Gaebril evitou que ela realmente mandasse alguém para o carrasco, mas eu não diria que ela não seria capaz disso. E ele com certeza não acalmou os nervos da rainha em relação a Tar Valon. Na verdade, acho até que piorou.

— Morgase tem um novo conselheiro — explicou Thom, com uma voz seca. — Gareth Bryne não gostava dele, então se afastou para suas terras e foi tomar conta da lã das ovelhas. Basel, vai botar uma pedra ou não?

— Só um instante, Thom. Só um instante. Quero fazer a jogada certa. — Gill cravou os dentes no cachimbo e franziu o rosto para o tabuleiro, com uma baforada de fumaça.

— Então a Rainha tem um conselheiro que não gosta de Tar Valon — continuou Mat. — Bem, isso explica a atitude dos Guardas quando eu disse

que vinha de lá.

— Se você contou isso a eles — retrucou Gill —, teve sorte de ter escapado sem nenhum osso quebrado. Pelo menos se tiver falado com um dos homens novos. Gaebril substituiu metade dos Guardas de Caemlyn por homens selecionados por ele, o que foi um grande feito, considerando há quanto tempo está aqui. Tem gente dizendo que é capaz de Morgase se casar com ele. — O homem começou a mover uma pedra para o tabuleiro, mas a recolheu, balançando a cabeça. — Os tempos mudam. As pessoas mudam. Mudança demais para mim. Acho que estou ficando velho.

— Parece que você está é querendo esperar eu ficar velho com você antes de mover uma pedra — resmungou Thom. A gata se espreguiçou e se esticou em cima da mesa para que ele lhe afagasse as costas. — Conversar o dia inteiro não vai ajudar você a encontrar uma boa jogada. Por que não admite a derrota de uma vez, Basel?

— Eu jamais admito a derrota — retrucou Gill, com vigor. — Ainda vou vencer você, Thom. — Ele assentou uma pedra branca na interseção de duas linhas. — Você vai ver. — Thom bufou.

Pelo que Mat pôde ver do tabuleiro, achou que Gill não tinha muitas chances.

— Só preciso evitar os guardas e deixar a carta de Elayne nas mãos da rainha. — *Ainda mais se forem todos como aquele gordo idiota. Luz, será que ele disse a todos os outros que sou um Amigo das Trevas?*

— Você não entregou? — vociferou Thom. — Achei que estivesse ansioso para se livrar dela.

— Está com uma carta da Filha-herdeira? — exclamou Gill. — Thom, por que não me contou?

— Me desculpe, Basel — murmurou o menestrel. Ele cravou o olhar em Mat, por debaixo das espessas sobrancelhas, e soprou o bigode. — O garoto acha que tem alguém tentando matá-lo por conta disso, então pensei que seria melhor deixar que ele dissesse apenas o que quisesse, e nada mais. Parece que ele não está mais preocupado.

— Que tipo de carta? — perguntou Gill. — Ela está voltando para casa? E Lorde Gawyn? Espero que sim. Na verdade, ouvi falar até mesmo de guerra contra Tar Valon. Como se alguém fosse idiota o bastante para entrar em uma guerra contra as Aes Sedai. Se quer saber a minha opinião, acho que isso se encaixa direitinho com esses rumores loucos de que as Aes Sedai

estão apoiando um falso Dragão em algum lugar a oeste, usando o poder dele como arma. Não que eu entenda por que alguém iria querer entrar em uma guerra contra elas por saber disso. Muito pelo contrário.

— Você é casado com Coline? — perguntou Mat, e Mestre Gill se sobressaltou.

— A Luz me guarde disso! Dá até pra pensar que a estalagem é dela, agora. Se ela fosse minha mulher…! O que isso tem a ver com a carta da Filha-herdeira?

— Nada — respondeu Mat —, mas você falou tanto que pensei que devia ter esquecido as perguntas que fez. — Gill tossiu como se estivesse sufocado, e Thom soltou uma risada. Mat continuou antes que o estalajadeiro pudesse retrucar. — A carta está selada, e Elayne não me contou o que escreveu. — Thom o olhava de esguelha, cofiando o bigode. *Será que ele está pensando que vou admitir que a abrimos?* — Mas acho que ela não está voltando para casa. Ela quer ser uma Aes Sedai, se você quer saber. — Ele contou sobre a tentativa de entregar a carta, omitindo algumas partes que os dois não precisavam ouvir.

— Homens novos — comentou Gill. — O oficial parece ser, pelo menos. Aposto com você. Da mesma laia dos salteadores, a maioria, exceto os mais astutos. Espere até a tarde, rapaz, depois da troca dos Guardas do portão. Diga o nome da Filha-herdeira logo no começo e abaixe um pouco essa cabeça, caso o novo sujeito também seja um dos homens de Gaebril. Basta bater uma continência que não terá problemas.

— Que me queime se eu vou bater continência. Não puxo lã nem raspo cascalho para ninguém. Nem mesmo pra a própria Morgase. Dessa vez, não vou passar nem perto dos guardas. — *Preferia não saber o que foi que aquele gordo andou espalhando.*

Os dois o encaravam como se ele tivesse enlouquecido.

— Como, sob a Luz — começou Gill —, você pretende entrar no Palácio Real sem passar pela Guarda? — Ele arregalou os olhos como se acabasse de se lembrar de algo. — Luz, você não pretende… rapaz, seria preciso ter a sorte do próprio Tenebroso para escapar com vida!

— De que é que você está falando agora, Basel? Mat, que ideia idiota é essa que você quer tentar?

— Eu tenho sorte, Mestre Gill — retrucou Mat. — Deixe uma refeição me esperando para quando eu voltar. — Ele se levantou, pegou o copo de

dados e virou o conteúdo sobre o tabuleiro de pedras, para testar a sorte. A gata malhada saltou para o chão, sibilando para ele com as costas arqueadas. Os cinco dados marcados pararam, cada um mostrando um único ponto. *Os Olhos do Tenebroso.*

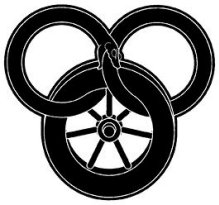
— Esse é o melhor lance, ou o pior — comentou Gill. — Depende do jogo que se está jogando, não é? Rapaz, acho que você está prestes a entrar em um dos jogos perigosos. Por que não leva esse copo para o salão e vai perder uns cobres? Você tem cara de ser um sujeito que aprecia uma jogatina. Eu cuido para que a carta chegue ao Palácio em segurança.

— Coline quer que você limpe os canos — disse Mat, à guisa de resposta, e se virou para Thom enquanto o estalajadeiro ainda piscava e resmungava sozinho. — Não vai fazer muita diferença se eu levar uma flechada tentando entregar essa carta ou uma facada nas costas enquanto espero. Seria trocar seis por meia dúzia. Só não se esqueça da minha refeição, Thom. — Ele atirou um marco de ouro na mesa, diante de Gill. — Mande colocarem minhas coisas em um quarto, estalajadeiro. Se precisar de mais moedas, você as terá. Cuidado com o rolo grande, ele deixa Thom apavorado.

Enquanto saía, ouviu Gill dizer a Thom:

— Sempre pensei que esse garoto fosse só conversa. Como é que ele consegue ouro?

Eu sempre ganho, é assim que consigo, pensou, sombrio. *Só preciso ganhar mais uma vez, para acabar com essa história da Elayne. E vai ser a última da Torre Branca para mim. Só mais uma vez.*



CAPÍTULO 46



Uma Mensagem das Sombras

Durante a caminhada rumo à Cidade Interna, Mat estava não estava nem um pouco seguro de que sua tentativa daria certo. Se o que tinha ouvido fosse verdade, daria, mas era da veracidade da informação que ele tinha dúvidas. Evitou a praça oval diante do Palácio, mas vagou pelas laterais da imensa estrutura e de seus gramados, percorrendo ruas que serpenteavam com os contornos das colinas. Os domos dourados do Palácio reluziam, debochados e inacessíveis. Ele já completara quase uma volta, estava chegando outra vez à praça, quando a viu. Uma encosta íngreme coberta de flores baixas se erguia da rua até uma muralha branca de pedra bruta. Inúmeros galhos de árvores frondosas se projetavam do alto do muro, e ele conseguia ver os topos de outras, mais além, em um dos jardins do Palácio Real.

Um muro feito para parecer um barranco, pensou, *e um jardim do outro lado. Talvez Rand estivesse falando a verdade.*

Uma olhadela casual para os dois lados revelou que a rua sinuosa estava vazia. Ele teria que se apressar, pois as curvas não permitiam que ele enxergasse muito longe, e a qualquer instante alguém poderia aparecer. Ele escalou a encosta de quatro, bem depressa, sem se preocupar com os sulcos que suas botas deixavam nas fileiras de flores brancas e vermelhas. A pedra bruta da muralha fornecia apoio para as mãos, enquanto as saliências e os calombos davam bons calços para os pés, mesmo para um homem de botas.

Que descuido fazerem uma coisa tão fácil de escalar, pensou enquanto subia. Por um instante Mat foi transportado de volta para casa, com Rand e

Perrin, para uma viagem que tinham feito para além das Colinas de Areia, nos limites das Montanhas da Névoa. Quando retornaram a Campo de Emond, despertaram a ira de todos os que puderam descer as mãos nos três, e ele foi o que mais sofreu, já que todos presumiram que a ideia fora dele. Haviam passado três dias escalando os paredões e dormindo ao relento. Comeram ovos tirados direto dos ninhos de cristas-vermelhas, tetrazes de asa cinzenta roliços, que os rapazes matavam com arcos ou estilingues, e coelhos que capturavam em armadilhas. Passaram o tempo todo rindo de como não tinham medo da má sorte das montanhas e de como talvez até pudessem encontrar algum tesouro. Ele trouxera uma pedra estranha da expedição, onde a cabeça de um peixe grande fora gravada, além de uma pena branca que caíra do rabo de uma águia-das-neves e um pedaço de pedra branca do tamanho de sua mão, que mais parecia a escultura da orelha de um homem. Ele achou que parecia uma orelha, mas Rand e Perrin não, e Tam al'Thor disse que podia ser.

Seus dedos deslizaram de um sulco mais raso, e ele se desequilibrou e perdeu o apoio do pé esquerdo. Com uma exclamação surpresa, por pouco não falhou ao segurar no muro e se içar até o topo. Ficou parado ali um pouco, ofegante. Não teria sido uma queda grande, mas seria suficiente para quebrar a cabeça. *Idiota, ficando distraído desse jeito. Quase me matei nesse barranco. Aquilo já foi há muito tempo.* Sua mãe já devia ter jogado todas aquelas coisas fora. Com uma última olhada para garantir que ninguém o vira — a curva da rua lá embaixo ainda estava vazia —, ele saltou para dentro dos muros do Palácio.

O jardim era grande, com caminhos de pedra ao longo dos vastos gramados entre as árvores e videiras robustas que subiam pelos caramanchões. E flores se espalhavam por todos os lados. Flores brancas cobriam as pereiras, e mais flores brancas e rosa pontilhavam as macieiras. Rosas de todas as cores, como raios-de-sol dourados, glória-de-emond púrpura e muitas outras que ele não conseguia identificar. Algumas nem pareciam verdadeiras. Uma delas tinha botões dourados e escarlate que mais pareciam pássaros, e outra não era muito diferente de um girassol, só que os botões amarelos tinham mais de dois pés de comprimento e brotavam em galhos do tamanho de um Ogier.

Ele ouviu o barulho de botas andando nas pedras e se agachou atrás de uma moita junto ao muro no mesmo instante em que dois guardas passavam

marchando, os colarinhos brancos visíveis por cima das placas peitorais. Os dois nem olharam na direção dele, que sorriu para si mesmo. *Sorte. Com só um tantinho de sorte, eles não vão nem chegar a me ver até eu entregar essa maldita carta a Morgase.*

Ele deslizou pelo jardim como uma sombra, como se caçasse coelhos, ficando imóvel atrás de um arbusto ou do tronco de uma árvore toda vez que ouvia o barulho de botas. Outra dupla de soldados passou, o segundo tão perto que ele poderia ter dado dois passos e beliscado os traseiros dos dois. Enquanto os homens desapareciam por entre as flores e árvores, ele arrancou um fulgor-das-estrelas vermelho intenso e enfiou a flor de pétalas curvas nos cabelos com um grande sorriso. Aquilo era tão divertido quanto roubar tortas de maçã no Dia do Sol, e ainda mais fácil. As mulheres sempre vigiavam atentamente os tabuleiros, mas os soldados idiotas jamais erguiam os olhos das pedras.

Não demorou muito até que ele encostasse no muro branco do próprio Palácio e começasse a se esgueirar à procura de uma porta, escondido por trás de uma fileira de rosas brancas que cresciam sobre uma cerca de ripas. Logo acima de sua cabeça havia várias janelas amplas em forma de arco, mas ele achou que seria um pouco mais difícil se explicar caso fosse pego subindo uma janela do que andando por um corredor. Outros dois soldados apareceram, e ele ficou imóvel: passariam a três passos de onde estava. Ele ouvia vozes da janela logo acima, a conversa dos dois homens era alta o bastante para ele distinguir as palavras.

— …a caminho de Tear, Grande Mestre. — O homem soava assustado e obsequioso.

— Deixe que elas acabem com os planos dele, se puderem. — Esta voz era mais grave e forte, de um homem acostumado a comandar. — Vai ser bem feito para ele, ter os planos frustrados por três garotas sem treinamento. Sempre foi um tolo, e ainda é. Tem alguma notícia do garoto? É ele quem pode destruir todos nós.

— Não, Grande Mestre. Ele desapareceu. Mas, Grande Mestre, uma das garotas é cria de Morgase.

Mat deu meio giro, depois parou. Os soldados estavam se aproximando. Não pareciam ter visto o susto que ele levou entre os espessos galhos de rosas. *Circulando, seus idiotas! Passem logo para eu ver quem é esse maldito homem!* Ele perdera um trecho da conversa.

— …tem estado muito impaciente desde que recuperou a liberdade — dizia a voz grave. — Nunca entendeu que os melhores planos precisam de tempo para amadurecer. Quer o mundo todo em um dia só, e *Callandor* também. Que o Grande Senhor o leve! Ele pode pegar a garota e tentar fazer uso dela. E isso pode acabar prejudicando meus próprios planos.

— Como quiser, Grande Mestre. Devo ordenar que ela seja trazida de Tear?

— Não. Se aquele tolo descobrisse, encararia como uma jogada contra ele. E quem é que sabe o que ele anda vigiando, além da espada? Faça ela ter uma morte discreta, Comar. Não deixe que a morte atraia qualquer atenção. — A risada do homem era encorpada e retumbante. — Aquelas relaxadas ignorantes da Torre vão ter dificuldade em devolvê-la, depois desse novo desaparecimento. Isso pode funcionar tão bem quando o outro plano. Providencie isso depressa. Rápido, antes que ele próprio tenha tempo de levá-la.

Os dois soldados estavam quase lado a lado com ele. Mat tentou fazer os homens andarem mais rápido com a força da mente.

— Grande Mestre — começou o outro homem, indeciso —, talvez isso seja difícil. Sabemos que ela está a caminho de Tear, mas a embarcação onde ela viajava foi encontrada em Aringill, e as três moças já tinham deixado o navio antes disso. Não sabemos se ela pegou outro navio ou se está cavalgando em direção ao sul. E talvez não seja fácil encontrá-la depois que ela chegar a Tear, Grande Mestre. Talvez se o senhor…

— Será que só restaram idiotas nesse mundo? — perguntou a voz grave e severa. — Acha que posso circular em Tear sem que ele saiba? Não pretendo lutar com ele, não agora, ainda não. Traga a cabeça da garota, Comar. Traga todas as três cabeças, ou você acabará rezando para que eu arranque a sua!

— Sim, Grande Mestre. Será como o senhor quiser. Sim. Sim.

Os soldados passaram esmigalhando as pedras, sem olhar para os lados. Mat só esperou até os dois virarem de costas e saltou para agarrar o amplo peitoril de pedras, erguendo-se o bastante para enxergar pela janela.

Ele mal notou o carpete taraboniano franjado no chão, que devia valer uma gorda bolsa de prata. Uma das portas largas e entalhadas estava se fechando. Um homem alto, com ombros largos e o peitoral apertado no casaco bordado de seda verde, encarava a porta com olhos azul-escuros. A

barba preta era baixa e tinha uma mecha branca sobre o queixo. No geral, o homem parecia resistente, além de acostumado a dar ordens.

— Sim, Grande Mestre — disse de repente, e Mat quase largou o peitoril. — Ele pensara que aquele era o homem da voz grave, mas foi a voz servil que escutou. Nada servil agora, mas a mesma voz. — Será como o senhor quiser, Grande Mestre — disse o homem, amargo. — Eu mesmo arranco as cabeças das mocinhas. Assim que as encontrar! — Ele saiu pela porta pisando firme, e Mat se soltou.

Passou um instante ali, agachado atrás das cercas de rosas. Alguém dentro do Palácio queria Elayne morta, depois acrescentara Egwene e Nynaeve aos planos. *O quê, sob a Luz, elas estão fazendo, indo para Tear?* Só podiam ser elas.

Ele puxou a carta da Filha-herdeira do forro do casaco e franziu o rosto. Talvez, com isso nas mãos, Morgase acreditasse nele. Ele podia descrever um dos homens. Mas o tempo de avançar na surdina chegara ao fim. O grandalhão poderia estar a caminho de Tear antes mesmo que ele conseguisse encontrar Morgase, e então nada do que ela fizesse seria garantia de impedi-lo.

Respirando fundo, Mat oscilou entre duas cercas de rosas, ao custo de apenas alguns furos provocados pelos espinhos, e partiu pelo caminho de pedras atrás dos soldados. Erguia a carta de Elayne bem diante de si, para que o lírio dourado do selo ficasse claramente visível, e foi repassando na mente o que queria dizer. Quando tinha tentado se esconder, os guardas pipocavam como cogumelos depois da chuva, mas bastou querer falar com um para percorrer quase toda a extensão do jardim sem ver sequer uma alma. Passou por diversas portas. Não seria muito bom adentrar o Palácio sem permissão, pois a Guarda poderia fazer as besteiras antes e escutar depois. Entretanto, quando começava a cogitar entrar por uma das portas, ela foi aberta por um jovem oficial sem capacete, com um nó dourado no ombro.

A mão do homem tocou o cabo da espada na mesma hora, e ele já tinha puxado quase um pé de aço antes que Mat pudesse empurrar a carta na direção dele.

— Elayne, a Filha-herdeira, envia esta carta à sua mãe, a Rainha Morgase, capitão. — Ele ergueu a carta de modo que o lírio do selo ficasse evidente.

Os olhos escuros do oficial examinaram o entorno, como se procurassem por outras pessoas, mas sem deixar de observar Mat.

— Como foi que conseguiu entrar nesse jardim? — Ele não desembainhou o restante da espada, mas também não a guardou. — Elber está nos portões principais. Ele é um paspalho, mas jamais deixaria alguém ficar vagando pelo interior do Palácio.

— Um gordo com olhos de rato? — Mat maldisse a própria língua, mas o oficial assentiu com vigor, e também quase sorriu, mas não pareceu reduzir a vigilância ou a desconfiança. — Ele ficou com raiva quando soube que eu vinha de Tar Valon e nem me deu chance de mostrar a carta ou mencionar o nome da Filha-herdeira. Disse que me prenderia se eu não fosse embora, por isso pulei o muro. Prometi que entregaria esta carta à Rainha Morgase em pessoa, compreende, capitão? Eu prometi, e sempre cumpro minhas promessas. Está vendo este selo?

— O maldito muro do jardim, outra vez — resmungou o oficial. — Deviam triplicar a altura. — O homem encarou Mat. — Tenente da Guarda, não capitão. Sou o Tenente da Guarda Tallanvor. Reconheço o selo da Filha-herdeira. — A espada enfim deslizou de volta para dentro da bainha. Ele esticou a mão, e não era a mão da espada. — Pode me dar a carta, que eu entrego para a Rainha. Depois de lhe mostrar a saída. Tem gente que não seria tão gentil se o encontrasse vagando por aí.

— Eu prometi entregar a carta em mãos — respondeu Mat. *Luz, nunca pensei que não me deixariam fazer isso.* — Eu prometi. À Filha-herdeira.

Mat mal percebeu que a mão de Tallanvor tinha se mexido antes que a espada do oficial estivesse colada em seu pescoço.

— Vou levar você até a Rainha, caipira — disse Tallanvor, baixinho. — Mas saiba que arranco a sua cabeça num piscar de olhos se você sequer pensar em machucá-la.

Mat abriu seu melhor sorriso. A lâmina levemente curva parecia bem afiada contra a lateral do seu pescoço.

— Sou um andoriano leal — disse — e um súdito fiel da Rainha, que a Luz a ilumine. Ora, se eu estivesse aqui durante o inverno, sem dúvida teria seguido Lorde Gaebril.

Tallanvor o encarou com a boca contraída, depois enfim guardou a espada. Mat engoliu em seco e controlou o impulso de tocar a garganta para conferir se estava cortada.

— Tire a flor do cabelo — comandou Tallanvor, embainhando a espada. — Está achando que veio aqui para paquerar?

Mat puxou o fulgor-das-estrelas do cabelo e seguiu o oficial. *Seu idiota, botar uma flor no cabelo? Preciso parar de bancar o paspalho.*

Ele não o seguia, exatamente, pois Tallanvor mantinha a atenção nele mesmo enquanto o conduzia pelo caminho. O resultado foi uma espécie de estranha procissão, com o oficial de um lado, mais na frente, porém meio virado, para o caso de Mat tentar qualquer coisa. De sua parte, Mat tentava parecer tão inocente quanto um bebê espalhando água na banheira.

As coloridas tapeçarias nas paredes haviam rendido uma boa prata aos tecelões, bem como os tapetes do piso de azulejos, mesmo ali nos corredores. Havia ouro e prata por toda parte, em pratos e travessas, tigelas e canecas, gravados em baús e armários baixos de madeira polida, tão belos quanto tudo o que ele vira na Torre. Serviçais saíam de todos os cantos, de libré vermelho com colarinho branco, abotoaduras e o Leão Branco de Andor no peito. Ele ficou imaginando se Morgase jogava dados. *Que pensamento típico de um cabeça-de-lã. Rainhas não jogam dados. Mas, quando eu lhe entregar essa carta e contar que alguém no Palácio quer matar Elayne, aposto que ela vai me dar uma bolsa cheinha.* Ele se permitiu a pequena fantasia de ser nomeado como lorde. Sem dúvida o homem que revelasse uma trama de assassinato da Filha-herdeira poderia esperar uma recompensa dessas.

Tallanvor o conduziu por tantos corredores e pátios que ele começou a se perguntar se conseguiria encontrar o caminho de volta sozinho. Foi quando de repente reparou que um dos pátios abrigava mais do que serviçais. Rodeado por um corredor com colunas, o pátio tinha um lago redondo no centro, com peixes brancos e amarelos que nadavam sob folhas flutuantes de lírios e lótus brancos. Homens de casacos coloridos, bordados em ouro ou prata, e mulheres em amplos vestidos ainda mais elaborados montavam guarda ao lado de uma mulher de cabelos louro-acobreados sentada na borda elevada do lago, passando os dedos pela água e olhando com pesar para os peixes que subiam até seus dedos à procura de alimento. Um anel da Grande Serpente envolvia o terceiro dedo de sua mão esquerda. Havia um homem negro e alto ao lado dela, a seda vermelha do casaco quase encoberta pelos arabescos e folhas de ouro bordados por cima, mas foi a mulher que atraiu o olhar de Mat.

Não era preciso ver a fina coroa de rosas douradas em seus cabelos ou a estola que pendia de seu vestido branco rajado de vermelho, toda bordada com os Leões de Andor, para Mat saber que estava olhando para Morgase, pela Graça da Luz, Rainha de Andor, Defensora do Reino, Protetora do Povo, Grão-trono da Casa Trakand. Ela tinha o rosto e a beleza de Elayne, mas era o que Elayne seria quando amadurecesse. Todas as outras mulheres no pátio ficavam em segundo plano, desbotadas diante de sua presença.

Eu dançaria uma jiga com ela, e também roubaria um beijo dela ao luar, não importa quantos anos tenha. Ele se sacudiu. *Não se esqueça de quem ela é!*

Tallanvor abaixou-se sobre um dos joelhos, um punho pressionado na pedra branca do pátio.

— Minha Rainha, trago um mensageiro que porta uma carta de Lady Elayne.

Mat olhou a postura ajoelhada do homem e optou por fazer uma reverência profunda.

— Da Filha-herdeira… hã… minha Rainha. — Ele ergueu a carta enquanto se curvava, de modo a exibir a cera dourada do selo. *Depois que ela ler e souber que Elayne está bem, eu conto a ela.* Morgase virou os olhos azul-escuros para ele. *Luz! Assim que ela ficar de bom humor.*

— Traz uma carta de minha filha ardilosa? — A voz dela era fria, mas com indício do calor que poderia ser despertado. — Isso deve significar que ela está viva, pelo menos! Onde ela está?

— Em Tar Valon, minha Rainha — conseguiu responder. *Luz, adoraria uma competição para ver quem pisca primeiro, ela ou a Amyrlin.* Ele pensou melhor e decidiu que preferia não ver nada daquilo. — Pelo menos estava quando eu saí de lá.

Morgase acenou, impaciente, com a mão, e Tallanvor se ergueu para pegar a carta de Mat e entregar a ela. Por um instante, a mulher olhou o selo de lírio com a cara fechada, depois o rompeu com um giro rápido dos punhos. Murmurava sozinha enquanto lia, sacudindo a cabeça a cada duas linhas.

— Ela não pode contar mais nada, não é mesmo? — resmungou. — Vamos ver se ela vai se manter firme… — De repente seu rosto se iluminou. — Gaebril, ela foi elevada a Aceita. Menos de um ano na Torre, e já foi elevada. — O sorriso foi embora tão depressa quanto surgira, e ela contraiu

os lábios. — Quando eu puser as mãos nessa garota desgraçada, ela vai desejar que ainda fosse noviça.

Luz, pensou Mat, *será que nada vai deixá-la de bom humor?* Ele decidiu que teria que dizer de uma vez, mas desejou que ela não parecesse prestes a cortar fora a cabeça de alguém. — Minha Rainha, por acaso eu escutei…

— Fique quieto, garoto — disse calmamente o sujeito negro de casaco com detalhes dourados. Era um homem bonito, quase tão bem-apessoado quanto Galad e de aparência quase tão juvenil quanto ele, apesar do branco rajado em suas têmporas. Mas o homem precisava ser medido em uma escala maior: era mais alto que Rand e tinha os ombros quase do tamanho dos de Perrin. — Vamos ouvir o que você tem a dizer em um instante. — Ele estendeu a mão por cima do ombro de Morgase e puxou a carta das mãos dela. O olhar da rainha se virou para ele, e Mat pôde ver sua irritação, mas o homem negro pousou a mão forte no ombro de Morgase, sem nunca tirar os olhos do que estava lendo, e a raiva da rainha se dissolveu. — Parece que ela deixou a Torre outra vez — disse. — A serviço do Trono de Amyrlin. A mulher se atropelou mais uma vez, Morgase.

Mat não teve dificuldade em segurar a língua. *Sorte*. Estava presa no céu da boca. *Às vezes, não sei se isso é bom ou ruim.* O homem negro era o dono da voz grave, o "Grande Mestre" que queria a cabeça de Elayne. *Ela o chamou de Gaebril. O conselheiro dela quer matar Elayne? Luz!* E Morgase olhava para ele como um cãozinho amoroso com a mão do dono sobre o ombro.

Gaebril virou os olhos quase negros para Mat. O homem tinha um olhar poderoso e uma aparência astuta.

— O que pode nos dizer disso, garoto?

— Nada… hã… milorde. — Mat pigarreou. O olhar do homem era pior que o da Amyrlin. — Fui a Tar Valon visitar minha irmã. Ela é uma noviça. Else Grinwell. Sou Thom Grinwell, milorde. Lady Elayne soube que eu pretendia passar em Caemlyn no caminho de volta. Sou de Comfrey, milorde, uma pequena aldeia ao norte de Baerlon. Nunca tinha visto um lugar maior que Baerlon até visitar Tar Valon, e ela, Lady Elayne, quer dizer, ela me deu essa carta para trazer. — Ele pensou que Morgase tinha olhado para ele quando o ouviu dizer que vinha do norte de Baerlon, mas ele sabia que lá

havia uma aldeia chamada Comfrey, recordava-se de ouvir alguém mencionar.

Gaebril assentiu, mas disse:

— Você sabe aonde Elayne estava indo, garoto? Ou a serviço de quê? Fale a verdade, e não terá nada a temer. Minta, e será levado a interrogatório.

Mat não precisou fingir a expressão de preocupação.

— Milorde, essa foi a única vez que vi a Filha-herdeira. Ela me entregou a carta… e um marco de ouro! E me mandou trazer a carta para a Rainha. Não sei mais do seu conteúdo do que ouvi aqui.

Gaebril pareceu ponderar, o rosto escuro não dava sinal de que acreditava ou não em qualquer palavra.

— Não, Gaebril — começou Morgase, de repente. — Muitos já foram levados a interrogatório. Posso ver a necessidade, pois você me alertou, mas não por isso. Não um garoto que só trouxe uma carta cujo conteúdo ele nem conhece.

— Como a minha Rainha mandar, assim deve ser — respondeu o homem negro. O tom era respeitável, mas ele tocou o rosto dela de uma forma que a fez ruborizar e abrir os lábios, como se esperasse um beijo.

Morgase deu uma respiração vacilante.

— Diga, Thom Grinwell, minha filha parecia bem quando você a viu?

— Parecia, minha Rainha. Ela sorriu, gargalhou e revelou a língua insolente, quer dizer…

Morgase deu uma risada suave pela expressão que ele fez.

— Não tenha medo, rapaz. Elayne tem mesmo a língua insolente, e até demais, para o próprio bem. Fico feliz por ela estar bem. — Aqueles olhos azuis o analisavam profundamente. — Um jovem que deixa a própria aldeia costuma encontrar dificuldade para retornar. Acho que você vai viajar para muito longe antes de ver Comfrey outra vez. Talvez até retorne a Tar Valon. Se isso acontecer e se você vir minha filha, diga a ela que costumamos nos arrepender do que é dito em momentos de raiva. Não vou tirá-la da Torre Branca antes da hora. Diga a ela que penso bastante no período que passei lá e que sinto falta das conversas tranquilas com Sheriam, em seu gabinete. Conte a ela que eu disse isso, Thom Grinwell.

Mat deu de ombros, constrangido.

— Sim, minha Rainha. Mas… hã… eu não pretendo voltar a Tar Valon. Uma vez na vida de um homem já é mais do que suficiente. Meu pai precisa da minha ajuda para tocar a fazenda. Minhas irmãs vão ficar presas com a ordenha, se eu não voltar.

Gaebril soltou uma risada profunda, revelando seu divertimento.

— Então está ansioso para ordenhar vacas, garoto? Talvez deva ver um pouco do mundo, antes que tudo mude. Aqui! — Ele exibiu uma bolsa e a jogou. Ao apanhá-la, Mat sentiu as moedas sob o couro lavado. — Se Elayne pôde dar a você um marco de ouro para transportar essa carta, eu darei dez por trazê-la até aqui a salvo. Veja o mundo antes de voltar para as suas vacas.

— Sim, milorde. — Mat ergueu a bolsa e conseguiu abrir um sorriso fraco.

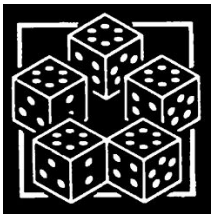
O homem negro, no entanto, já o dispensara com um gesto e se virara para Morgase com as mãos nos quadris.

— Acho que chegou a hora, Morgase, de lançar aquela pústula na fronteira de Andor. Por seu casamento com Taringail Damodred, você tem direito a reivindicar o Trono do Sol. A Guarda da Rainha pode tornar essa reivindicação tão forte quanto qualquer outra. Talvez eu até possa ajudá-los com algumas pequenas coisas. Escute.

Tallanvor tocou o braço de Mat, e os dois se afastaram, curvando-se em mesuras. Mat achou que ninguém percebera. Gaebril ainda falava, e cada lorde e lady parecia prestar muita atenção às palavras dele. Morgase escutava com a testa franzida, mas assentia tanto quanto todos os outros.



CAPÍTULO 47



Correndo contra a Sombra

Saindo depressa do pequeno pátio onde havia o lago com peixes, Tallanvor guiou Mat até o pátio maior, na frente do Palácio, por trás dos portões altos e dourados que reluziam ao sol. Logo seria meio-dia. Mat sentiu um ímpeto de sair dali, uma pressa de partir. Era difícil acompanhar o passo do jovem oficial. Alguém poderia estranhar se ele começasse a correr, e talvez — só talvez — as coisas de fato tivessem acontecido como pareceram, no outro pátio. Talvez Gaebril não suspeitasse mesmo de nada. *Talvez*. Ele se lembrou daquele par de olhos quase negros, agarrando tudo, prendendo como os dentes de um ancinho. *Luz, talvez*. Ele se forçou a caminhar como se tivesse todo o tempo do mundo. *Sou só um caipira grosseirão e cabeça-oca admirando o ouro e os tapetes. Só um caipira que nunca imaginou que alguém poderia lhe enfiar uma faca nas costas.* Foi assim até Tallanvor o conduzir à entrada de um dos portões e o acompanhar até o lado de fora.

O oficial gordo com olhos de rato ainda estava lá com a Guarda, e, ao avistar Mat, ficou com o rosto vermelho outra vez. Antes que ele pudesse abrir a boca, porém, Tallanvor falou:

— Ele entregou uma carta da Filha-herdeira para a Rainha. Fique feliz, Elber, por nem Morgase nem Gaebril terem ficado sabendo que você tentou impedir o rapaz. Lorde Gaebril ficou muito interessado na missiva de Lady Elayne.

O rosto de Elber foi do vermelho a um branco igual ao de seu colarinho. Ele fuzilou Mat com o olhar e correu de volta para a fila de guardas, os olhos miúdos espiando os homens por trás das barras dos elmos, como se tentasse descobrir se algum deles percebera seu medo.

— Obrigado — disse Mat ao homem que o acompanhara, e com sinceridade. Ele já se esquecera do homem gordo, até encará-lo outra vez. — Adeus, Tallanvor.

Ele avançou para atravessar a praça oval, tentando não andar depressa demais, e ficou surpreso quando Tallanvor começou a caminhar ao seu lado. *Luz, será que ele está com Gaebril ou com Morgase?* Ele já quase podia sentir uma coceira entre as omoplatas, como se uma faca estivesse prestes a ser cravada bem entre elas. *Ele não sabe, que me queime! Gaebril não suspeita que eu sei!* Foi então que o jovem oficial enfim se pronunciou.

— Você ficou muito tempo em Tar Valon? Na Torre Branca? Tempo suficiente para aprender alguma coisa sobre o lugar?

— Só fiquei lá três dias — respondeu Mat, com cautela. Ele teria reduzido esse tempo e, se tivesse como entregar a carta sem admitir que estivera em Tar Valon, teria feito isso, mas achava que o homem não acreditaria que alguém viajara para tão longe apenas para ver a irmã e depois partira no mesmo dia. *O quê, sob a Luz, é que* ele *está tentando descobrir?* — Eu aprendi o que vi nesse tempo. Nada muito importante. Ninguém me deu uma visita guiada ou me contou coisas. Só fui para ver Else.

— Você deve ter ouvido alguma coisa, camarada. Quem é Sheriam? Conversar com ela no gabinete significa alguma coisa?

Mat sacudiu a cabeça com vigor, tentando não revelar o alívio em seu rosto.

— Não sei quem ela é — disse, com sinceridade. Talvez tivesse ouvido Egwene, ou quiçá Nynaeve, mencionar o nome. Uma Aes Sedai, talvez? — Por que deveria significar alguma coisa?

— Eu não sei — murmurou Tallanvor. — Tem muita coisa que eu não sei. Às vezes acho que ela está querendo dizer algo… — Ele lançou a Mat um olhar penetrante. — Você é *mesmo* um andoriano leal, Thom Grinwell?

— É claro que sou. — *Luz, se eu começar a repetir isso o tempo todo, vou acabar acreditando.* — E você? Serve a Morgase e Gaebril com lealdade?

Tallanvor o encarou com um olhar tão severo quanto a piedade dos dados.

— Eu sirvo a Morgase, Thom Grinwell. A ela, servirei até a morte. Passe bem, camarada. — Ele se virou e marchou de volta para o Palácio, uma das mãos agarrada ao cabo da espada.

Observando-o se afastar, Mat resmungou sozinho:

— Aposto isso aqui — deu um puxão na bolsa de couro lavado que recebera — que Gaebril diz a mesma coisa. — Fossem lá quais fossem os jogos que jogavam no Palácio, ele não queria se meter em nenhum deles. E desejava garantir que Egwene e as outras também ficassem de fora. *Mulheres idiotas! Agora vou ter que salvar o couro delas em vez de me preocupar com o meu!* Ele só começou a correr depois que as ruas o ocultaram das vistas de quem estivesse no Palácio.

Quando adentrou A Bênção da Rainha, ainda correndo, a cena na biblioteca não mudara muito. Thom e o estalajadeiro ainda estavam sentados diante do tabuleiro de pedras — era outro jogo, dava para ver pela posição das pedras, mas Gill ainda levava a pior —, e a gata malhada estava outra vez na mesa, limpando-se com a língua. Uma bandeja com os cachimbos apagados e os restos de uma refeição para dois jazia próxima à gata, e os pertences dele já não estavam na poltrona. Cada homem tinha uma caneca de vinho perto do cotovelo.

— Vou embora, Mestre Gill — anunciou. — Pode ficar com a moeda e descontar uma refeição. Vou ficar para comer, mas depois vou pegar a estrada para Tear.

— Que pressa é essa, garoto? — Thom parecia observar mais a gata do que o tabuleiro. — Acabamos de chegar.

— Então entregou a carta de Lady Elayne, não é? — perguntou o estalajadeiro, ansioso. — E voltou inteiro, pelo que parece. Você escalou mesmo o muro, que nem o outro rapaz? Não, isso não tem importância. A carta acalmou Morgase? Ainda precisaremos pisar em ovos, camarada?

— Imagino que tenha acalmado — respondeu Mat. — Acho que acalmou. — Ele hesitou por um instante, balançando a bolsa de Gaebril na mão. Ela produziu um tinido. Mat não tinha conferido se havia mesmo dez marcos de ouro, mas, pelo peso, achava que sim. — Mestre Gill, o que você pode me contar sobre Gaebril? Além de que ele não gosta das Aes Sedai. Você disse que ele está há pouco tempo em Caemlyn?

— Por que quer saber dele? — perguntou Thom. — Basel, vai colocar uma pedra ou não? — O estalajadeiro deu um suspiro e pôs uma pedra preta no tabuleiro, então o menestrel sacudiu a cabeça.

— Bem, rapaz — começou Gill —, não há muito o que dizer. Ele veio do oeste durante o inverno. Lá das suas bandas, eu acho. Talvez de Dois Rios. Ouvi alguém mencionar as montanhas.

— Não temos lordes em Dois Rios — retrucou Mat. — Talvez haja alguns para os lados de Baerlon. Eu não sei.

— Pode ser de lá, rapaz. Eu nunca nem tinha ouvido falar nele antes, mas não conheço muito bem os lordes do interior. Ele veio quando Morgase ainda estava em Tar Valon, foi isso, e metade da cidade estava morrendo de medo de a Torre sumir com ela também. A outra metade não queria que ela voltasse. Os motins recomeçaram, que nem no ano passado, logo no fim no inverno.

Mat sacudiu a cabeça.

— Não ligo pra política, Mestre Gill. É em Gaebril que estou interessado. — Thom franziu a testa para ele e começou a limpar a sobra de fumo do cachimbo comprido com um canudo.

— É de Gaebril que estou falando, rapaz — retrucou Gill. — Durante os motins, ele assumiu a liderança da facção em defesa de Morgase. Foi ferido durante as lutas, pelo que ouvi dizer, e quando ela retornou ele já havia controlado a situação. Gareth Bryne não gostava dos métodos de Gaebril, que pode se comportar de forma muito rígida. Mas Morgase ficou tão satisfeita em ver a ordem restaurada que o nomeou para o posto que Elaida ocupava.

O estalajadeiro parou. Mat esperou que o homem prosseguisse, mas isso não aconteceu. Thom encheu o cachimbo de tabaco e foi acender uma lasca de madeira na pequena lâmpada que ficava na cornija da lareira, exatamente para esse fim.

— O que mais? — perguntou Mat. — O sujeito deve ter uma razão para fazer o que faz. Se ele se casar com Morgase, vai virar rei quando ela morrer? Se Elayne também morrer, quer dizer?

Thom engasgou enquanto acendia o cachimbo, e Gill gargalhou.

— Andor é governado por uma rainha, rapaz. Sempre uma rainha. Se Morgase e Elayne morrerem, a Luz permita que não, a parente mais próxima de Morgase é que subiria ao trono. Pelo menos quanto a isso agora não resta

dúvida: é uma prima dela, Lady Dyelin. Nada como a Sucessão, logo depois do sumiço de Tigraine. Naquela época, Morgase levou dois anos para subir ao Trono do Leão. Dyelin poderia, então, manter Gaebril como conselheiro ou se casar com ele para consolidar a linhagem, o que não seria muito provável de acontecer, a não ser que Morgase tivesse filhos com ele. Mas mesmo assim o homem seria apenas Príncipe Consorte. Nada mais que isso. Graças à Luz Morgase ainda é jovem. E Elayne é saudável. Luz! A carta não dizia que ela está doente, dizia?

— Ela está bem. — *Pelo menos por enquanto.* — Não tem mais nada que possa me dizer sobre ele? Você não parece gostar dele. Por quê?

O estalajadeiro franziu o cenho, perdido em pensamentos, coçou o queixo e sacudiu a cabeça.

— Acho que não gostaria de vê-lo casado com Morgase, mas na verdade não sei por quê. Dizem que ele é um bom homem, e todos os nobres o têm em alta conta. Eu não gosto da maioria dos homens que ele trouxe para a Guarda. Muita coisa mudou desde a chegada dele, mas não posso dizer que é tudo obra dele. É só que parece ter muita gente conspirando pelos cantos, depois que ele apareceu. Andamos até parecendo cairhienos, do jeito que estavam as coisas antes dessa guerra civil. Todo mundo tramando e tentando levar vantagem. Ando tendo uns pesadelos desde que Gaebril chegou, e não sou o único. São coisas bestas com que se preocupar, os sonhos. Deve ser só pela preocupação com Elayne, com o que Morgase pretende fazer em relação à Torre Branca, e com o povo agindo feito os cairhienos. Eu simplesmente não sei. Por que está fazendo tantas perguntas a respeito de Lorde Gaebril?

— Porque ele quer matar Elayne — respondeu Mat —, junto com Egwene e Nynaeve. — Ele não encontrou nada de útil nas coisas que Gill dissera. *Que me queime, eu não tenho que saber por que ele quer matar as três. Só preciso impedir.*

Os dois homens o encaravam outra vez. Como se ele estivesse louco. Outra vez.

— Está ficando doente de novo? — perguntou Gill, desconfiado. — Lembro que você olhava torto para todo mundo, naquela época. Ou é isso ou então você acha que é algum tipo de brincadeira. Você tem cara de quem gosta de pregar peças nos outros. Se for isso, é uma das feias!

Mat fez uma careta.

— Não é uma peça, droga. Eu ouvi Gaebril mandando um cara chamado Comar cortar a cabeça de Elayne. E aproveitar para cortar as de Egwene e Nynaeve. Um homem grandalhão, com uma mecha branca na barba.

— Parece mesmo com Comar — comentou Gill, lentamente. — Ele era um bom soldado, mas dizem que deixou a Guarda por causa de algum problema de dados viciados. Não que alguém diga isso na cara dele, já que o homem era um dos melhores espadachins da Guarda. Está falando sério, não está?

— Acho que ele está, Basel — interveio Thom. — Acho mesmo que ele está falando sério.

— Que a Luz brilhe sobre nós! O que Morgase disse? Você contou a ela, não contou? Que a Luz o queime, você contou a ela!

— Claro que contei — respondeu Mat, amargo. — Com Gaebril ali do lado, e ela olhando para ele que nem um cachorrinho carente! Eu disse "posso ser só um aldeão que acabou de escalar um dos seus muros há meia hora, mas já fiquei sabendo que esse seu fiel conselheiro aí, esse por quem você parece estar apaixonada, quer matar a sua filha". Luz, camarada, ela teria mandado cortar a *minha* cabeça!

— Talvez tivesse mesmo. — Thom encarou os entalhes elaborados no fornilho do cachimbo e puxou uma das pontas do bigode. — O temperamento dela sempre foi inesperado como um relâmpago, e duas vezes mais perigoso.

— Você sabe melhor que a maioria, Thom — comentou Gill, distraído. Olhando para o nada, ele esfregou as mãos nos cabelos grisalhos. — Tem que haver alguma coisa que eu possa fazer. Não empunho uma espada desde a Guerra dos Aiel, mas… Bem, não seria de muita ajuda. Eu acabaria morto sem ter feito coisa alguma. Mas preciso fazer alguma coisa!

— Boatos. — Thom esfregou o lado do nariz. Parecia estudar o tabuleiro de pedras e falar sozinho. — Ninguém pode impedir que boatos cheguem aos ouvidos de Morgase, e se ela ouvir boatos o suficiente, vai começar a se perguntar se é verdade. Os boatos são a voz do povo, e com frequência a voz do povo diz a verdade. Morgase sabe disso. Não há um só homem vivo que a enfrentaria no Jogo. Com amor ou sem amor, quando Morgase começar a observar Gaebril de perto, ele não vai conseguir esconder nem mesmo as cicatrizes de infância. E se ela descobrir que ele quer fazer mal a Elayne — Thom pôs uma pedra no tabuleiro. Pareceu uma jogada estranha à primeira vista, mas Mat reparou que, em mais três movimentos, um terço das pedras

de Gill estaria encurralado —, Lorde Gaebril terá um funeral bastante elaborado.

— Você e seu Jogo das Casas — resmungou Gill. — Ainda assim, pode ser que funcione. — Um sorriso surgiu em seu rosto, de repente. — Já até sei a quem devo contar isso para espalhar os boatos. Só preciso comentar com Gilda que sonhei com essa história, e em três dias ela já vai ter espalhado pra metade das garçonetes da Cidade Nova como se fosse verdade absoluta. A mulher é a maior fofoqueira que o Criador já fez.

— Só tome cuidado para que não seja possível rastrear esse boato de volta até você, Basel.

— Não tenho medo disso, Thom. Ora, uma semana atrás um sujeito me contou um dos meus pesadelos como se fosse uma história que alguém contou para outro alguém, que contou para ele. Gilda deve ter bisbilhotado quando eu contava o caso para Coline, mas, quando eu perguntei, ela me deu uma lista de nomes que iam até o outro lado de Caemlyn e evaporou. Ora, eu fui seguindo a lista e encontrei o último homem, só de curiosidade, para saber por quantas bocas aquilo tinha passado, e o sujeito garantiu que ele próprio sonhara aquilo. Não se preocupe, Thom.

Mat não se importava muito com o que o povo faria com os boatos, já que boato algum ajudaria Egwene e as outras, mas uma coisa o intrigava.

— Thom, você parece estar encarando isso tudo com muita calma. Pensei que Morgase fosse o grande amor da sua vida.

O menestrel encarou o fornilho do cachimbo outra vez.

— Mat, uma mulher muito sábia uma vez me disse que o tempo curaria as minhas feridas, que o tempo acalmava tudo. Não acreditei nela. Só que ela estava certa.

— Quer dizer que você não ama mais Morgase.

— Garoto, faz quinze anos que deixei Caemlyn, e estava a apenas meio passo do machado do carrasco, com a tinta da assinatura de Morgase ainda fresca no mandado de prisão. Sentado aqui ouvindo Basel tagarelar… — Gill protestou, e Thom elevou o tom de voz — tagarelar, como eu dizia, sobre Morgase e Gaebril, sobre esse suposto casamento, percebi que a paixão já morreu faz muito tempo. Sim, acredito que ainda tenha afeição por ela, talvez até a ame um pouco, mas não é mais uma grande paixão.

— E eu aqui achando que você ia sair correndo até o Palácio para avisá-la. — Ele riu e ficou surpreso quando Thom começou a rir também.

— Não sou tão tolo assim, garoto. Qualquer idiota sabe que homens e mulheres às vezes pensam de modos diferentes, mas a maior diferença é a seguinte: os homens esquecem, mas nunca perdoam, enquanto as mulheres perdoam, mas nunca esquecem. Morgase pode até beijar meu rosto, me dar uma caneca de vinho e dizer que sentiu saudades de mim. Mas depois pode muito bem deixar a Guarda me arrastar até a prisão e o carrasco. Não. Morgase é uma das mulheres mais capazes que já conheci, e isso é bastante coisa. Quase sinto pena de Gaebril pelo momento em que ela descobrir o que ele está tramando. Tear, você disse? Será que tem alguma chance de esperar até amanhã para partir? Preciso mesmo de uma noite de sono.

— Quero estar o mais perto possível de Tear antes do anoitecer. — Mat piscou. — Você quer vir comigo? Pensei que queria ficar aqui.

— Não acabou de me ouvir dizer que eu decidi *não* ter a cabeça cortada? Tear me parece mais seguro do que Caemlyn, e de repente isso não parece mais uma má ideia. Além disso, gosto daquelas garotas. — Uma faca surgiu na mão dele e desapareceu na mesma hora. — Não quero que nada aconteça com elas. Mas, se quer chegar depressa a Tear, precisa ir para Aringill. Um barco veloz nos levará até lá dias mais rápido que cavalos, mesmo que a gente não pare até matá-los. E não estou falando isso só porque minha bunda já tomou o formato da sela.

— Para Aringill, então. Desde que seja rápido.

— Bem — interveio Gill —, se você está indo embora, garoto, talvez seja melhor eu providenciar aquela refeição. — Ele empurrou a cadeira para trás e começou a andar até a porta.

— Guarde isso para mim, Mestre Gill — pediu Mat, jogando a bolsa de couro lavado.

— O que é isso, rapaz? Moedas?

— Dinheiro para aposta. Gaebril não sabe, mas fez uma aposta comigo. — A gata saltou da mesa quando Mat pegou o copo de dados de madeira e virou o conteúdo sobre a mesa. Cinco seis. — E eu sempre ganho.



CAPÍTULO 48



Seguindo o Ofício

O *Flechador* seguia em direção ao píer de Tear, na margem oeste do Rio Erinin, mas Egwene não prestava a menor atenção na cidade. Inclinada no gradil, de cabeça baixa, ela mantinha os olhos fixos nas águas do Erinin que passavam depressa pelo casco robusto do navio e no remo dianteiro que balançava a seu lado, entrando e saindo do seu campo de visão, abrindo sulcos brancos no rio. Aquilo a deixava enjoada, mas sabia que levantar a cabeça só agravaria o enjoo ainda mais. Olhar a costa só deixaria o balanço espiralado do *Flechador* ainda mais evidente.

A embarcação balançava daquele jeito desde a partida de Jurene. Ela não queria saber como fora a navegação antes, queria mesmo era que o *Flechador* tivesse naufragado antes de chegar a Jurene. Queria que o capitão tivesse sido obrigado a atracar em Aringill, para que elas encontrassem outro navio. Queria que jamais tivessem posto o pé em um navio. Queria muitas coisas, a maioria apenas para desviar seus pensamentos do lugar onde estava.

Depois que os remos começaram a impulsionar a embarcação, os balanços se tornaram mais suaves do que antes, com as velas, mas muitos dias haviam se passado para que a alteração fizesse alguma diferença. Seu estômago parecia se remexer como leite em uma jarra de pedra. Ela engoliu em seco e tentou esquecer a imagem.

Não haviam avançado muito nos planos, dentro do *Flechador*. Nynaeve mal conseguia passar dez minutos sem vomitar, e ver aquilo sempre fazia Egwene pôr para fora o tanto de comida que tivesse conseguido engolir. O calor, que aumentava à medida que o navio descia o rio, também não ajudava. Nynaeve estava lá embaixo, e Elayne sem dúvidas segurava uma bacia na frente dela.

Ah, Luz, não! Não pense nisso! Campos verdes. Prados. Luz, prados não balançam desse jeito. Beija-flores. Não, beija-flores, não! Cotovias. Cotovias cantando.

— Senhora Joslyn? Senhora Joslyn!

Ela levou um momento para reconhecer o nome falso que dissera ao Capitão Canin, assim como a voz dele. Ergueu a cabeça devagar e fixou o olhar em seu rosto comprido.

— Estamos atracando, Senhora Joslyn. A senhora não parava de dizer o quanto ansiava para chegar em terra firme. Bem, chegamos. — A voz do homem não disfarçava a avidez que sentia de se livrar das três passageiras, duas das quais haviam feito pouco mais que refluxar, como ele chamava, e gemer a noite inteira.

Marinheiros descalços e sem camisa jogavam cordas para os homens no píer de pedra que chegava até o rio. Os doqueiros pareciam usar longos coletes de couro, em vez de camisas. Os remos já haviam sido recolhidos, exceto por um par que evitava qualquer batida forte do navio no desembarcadouro. As pedras planas do píer estavam molhadas, e o ar carregava uma sensação de chuva recém-caída, o que era um tanto reconfortante. O movimento cessara havia algum tempo, percebeu, mas seu estômago ainda se lembrava. O sol ia baixo em direção ao oeste. Ela tentou não pensar em jantar.

— Muito bom, Capitão Canin — disse, com toda a dignidade que conseguiu reunir. *Ele não falaria assim se eu estivesse usando meu anel, nem mesmo que eu vomitasse em cima das botas dele.* Ela estremeceu ao visualizar a cena.

O anel da Grande Serpente e o aro retorcido do *ter'angreal* pendiam em um cordão de couro em seu pescoço. Ela podia sentir o anel de pedra frio em contato com a pele, o que era quase o bastante para contrastar com a umidade abafada do ar, mas ela também descobrira que, quanto mais usava o

ter'angreal, mais sentia vontade de tocá-lo sem qualquer bolsa ou tecido entre ele e a pele.

Tel'aran'rhiod ainda revelava pouca coisa de utilidade imediata. Às vezes ela tinha vislumbres de Rand, Mat ou Perrin, mais comuns em seus próprios sonhos sem o *ter'angreal*, porém nada fazia sentido. Os Seanchan, em quem ela se recusava a pensar. Pesadelos com um Manto-branco usando Mestre Luhhan como isca bem no meio de uma imensa armadilha dentada. Por que tinha um falcão no ombro de Perrin, e o que haveria de importante no fato de ele escolher entre aquele machado que passara a usar e um martelo de ferreiro? O que significava ver Mat jogando dados com o Tenebroso, e por que será que ele vivia gritando "Estou indo!", e por que ela sempre pensava, no sonho, que ele estava gritando com ela? E Rand. Ele seguia furtivamente em direção a *Callandor*, avançando na completa escuridão, enquanto seis homens e cinco mulheres caminhavam ao redor dele, alguns caçando-o, outros ignorando-o. Alguns tentavam guiá-lo até a espada brilhante de cristal, outros queriam impedir que ele a alcançasse, e pareciam não saber onde ele estava, ou viam apenas lampejos dele. Um dos homens tinha chamas nos olhos, e seu desespero para ver Rand morto era tão grande que ela quase podia sentir. Ela achava que o conhecia. Ba'alzamon. Mas quem eram os outros? Rand mais uma vez naquela câmara seca e empoeirada, com as minúsculas criaturas invadindo sua pele. Rand confrontando uma horda Seanchan. Rand confrontando-a, junto com a mulher ao lado dela, e uma *delas* era Seanchan. Era tudo confuso demais. Ela precisava parar de pensar em Rand e nos outros e se concentrar no que estava bem ali, na sua frente. *O que a Ajah Negra está tramando? Por que não sonho com elas? Luz, por que não consigo aprender a fazer os sonhos revelarem o que eu quero?*

— Leve os cavalos para terra firme, capitão — pediu a Canin. — Vou avisar Senhora Maryim e Senhora Caryla. — Maryim era Nynaeve, e Caryla, Elayne.

— Já mandei um homem avisá-las, Senhora Joslyn. E seus animais estarão no píer assim que meus homens equiparem as hastes de apoio.

Ele soava muito satisfeito em se livrar delas. Egwene pensou em dizer ao homem que não se apressasse, mas rejeitou a ideia na mesma hora. O balanço do *Flechador* podia ter parado, mas ela queria pisar em terra firme outra vez. Imediatamente. No entanto, parou para fazer carinho no nariz de

Bruma e deixou a égua cinza roçar sua mão, para mostrar a Canin que não tinha pressa.

Nynaeve e Elayne surgiram na escadaria das cabines carregando trouxas e alforjes, e Elayne praticamente carregava Nynaeve também. Quando sua conterrânea de Dois Rios viu que Egwene observava, empurrou a Filha-herdeira para longe e andou sozinha pelo resto do caminho, até onde alguns homens montavam uma estreita prancha de desembarque para o píer. Dois tripulantes vieram amarrar uma larga tipoia de lona sob a barriga de Bruma, e Egwene desceu correndo para recolher os próprios pertences. Quando retornou, a égua já estava no píer, e a ruana de Elayne balançava na tipoia de lona a meio caminho do chão.

Um instante depois de pôr os pés no píer, tudo o que ela sentiu foi alívio. Aquilo ali não iria girar e se inclinar. Só então começou a examinar a cidade aonde sofrera tanto para chegar.

Os compridos desembarcadouros eram ladeados por armazéns de pedra, e muitos navios, grandes e pequenos, estavam atracados ao longo do píer ou ancorados no rio. Mais que depressa ela evitou olhar os navios. Tear fora erguida em solo plano, sem quase nenhuma elevação. Nas ruas enlameadas entre os armazéns, dava para ver casas, estalagens e tavernas de madeira e pedra. Os telhados de ardósia ou azulejo tinham estranhos cantos acentuados, e alguns, topos pontudos. Mais além era possível ver uma muralha alta de pedras cinza-escuras, e ainda mais além havia os topos de torres com varandas altas e palácios de domos brancos. Os domos tinham um formato meio quadrado, e os topos das torres eram pontudos como alguns telhados do lado de fora da muralha. De modo geral, Tear parecia tão grande quanto Caemlyn ou Tar Valon e, ainda que não fosse bonita como as outras duas, era uma das grandes cidades. No entanto, ela achava difícil olhar para qualquer outra construção que não a Pedra de Tear.

Ela ouvira histórias sobre o lugar, sabia que era a maior fortaleza que existia, e também a mais antiga, a primeira construção erguida após a Ruptura do Mundo. Mas nada a havia preparado para aquela visão. A princípio, pensou que fosse uma gigantesca colina de pedras cinza, ou uma montanha baixa e inóspita, muito extensa, se estendendo desde o oeste do Erinin até atravessar a muralha, adentrando a cidade. Mesmo depois de notar o enorme estandarte drapejando bem no alto — com as três luas crescentes brancas inclinadas por cima de um campo metade vermelho, metade

dourado; o estandarte drapejava a pelo menos trezentos passos acima do rio, mas era grande o bastante para ser visto com clareza —, mesmo depois de ver as muralhas e torres, era difícil acreditar que a Pedra de Tear era uma construção de pedra, não algo esculpido a partir de uma montanha.

— Feita com o Poder — murmurou Elayne. Ela também encarava a Pedra. — Fluxos de Terra combinados para puxar as pedras do solo, Ar para trazê-las de todos os cantos do mundo, e Terra e Fogo para unir tudo em um bloco só, sem junção, ligas ou argamassa. Atuan Sedai diz que a Torre não poderia fazer uma coisa dessas, hoje em dia. Estranho, se levarmos em conta como os Grão-lordes se sentem em relação ao poder.

— Eu acho — comentou Nynaeve em voz baixa, olhando para os doqueiros que circulavam ao redor delas — que, exatamente por causa disso, é melhor a gente não mencionar alguns outros fatos em voz alta. — Elayne parecia dividida entre ficar indignada, já que falara tão baixo, e concordar. A Filha-herdeira concordava com a antiga Sabedoria com muita frequência e prontidão, até demais para o gosto de Egwene.

Só quando Nynaeve está certa, admitiu para si mesma, ressentida. Qualquer mulher que usasse o anel ou sequer fosse associada a Tar Valon seria vigiada nesse lugar. Os doqueiros descalços, em seus coletes de couro, não prestavam qualquer atenção às três enquanto corriam de lá para cá carregando fardos e caixotes, tanto nas costas quanto em carrinhos. Um forte odor de peixe pairava no ar. Os três desembarcadouros seguintes abrigavam dezenas de barquinhos de pesca agrupados, exatamente como aquele desenho no gabinete da Amyrlin. Homens sem camisa e mulheres descalças carregavam cestas de peixes para fora dos barcos, montinhos cor de prata, bronze, verdes e de outras cores que ela jamais imaginara que peixes podiam ter, como vermelho vivo, azul-escuro e amarelo-ovo, além de alguns rajados ou com manchas brancas e de outros tons.

Ela baixou a voz para que apenas Elayne escutasse.

— Ela tem razão, Caryla. Lembre-se de por que se chama Caryla. — Ela não queria que Nynaeve escutasse esse tipo de confissão.

O rosto da mulher não se alterou ao ouvir suas palavras, mas Egwene sentiu uma satisfação irradiando dela como o calor emanando de um forno de cozinha.

O garanhão negro de Nynaeve estava sendo baixado até o píer. Os marinheiros já haviam tirado os equipamentos de montaria do navio e jogado

de qualquer jeito nas pedras molhadas do píer. Nynaeve olhou para os cavalos e abriu a boca. Egwene tinha certeza de que a mulher mandaria os homens selarem os animais, mas a amiga logo fechou a boca outra vez, os lábios contraídos como se aquilo tivesse exigido esforço. Ela deu um puxão forte na trança. Antes que a tipoia estivesse totalmente baixada, Nynaeve jogou o cobertor de sela listrado de azul nas costas do cavalo e assentou a sela de cepilho alto por cima. Nem olhou para as outras mulheres.

Egwene não estava ansiosa para cavalgar, no momento — para seu estômago, o balanço de um cavalo talvez fosse muito próximo do balanço do *Flechador* —, mas outra olhadela para as ruas lamacentas a convenceu. Seus sapatos eram robustos, mas ela não gostaria de ter que limpar a lama depois, nem de ter que erguer as saias enquanto caminhava. Selou Bruma depressa e montou na égua, ajeitando as saias, antes de decidir que a lama talvez não fosse má ideia. Com algumas agulhadas a bordo do *Flechador* — Elayne quem fizera tudo, dessa vez, e o alinhavo da Filha-herdeira era muito bom — os vestidos das três foram divididos e adaptados para a montaria.

O rosto de Nynaeve empalideceu por um instante, logo que ela subiu na sela e o garanhão decidiu se agitar. Ela se controlou, a boca bem apertada e a mão firme nas rédeas, e logo controlou o animal. Quando as três já haviam ultrapassado os armazéns em uma cavalgada lenta, ela já conseguia falar:

— Temos que encontrar Liandrin e as outras sem que saibam que estamos à procura delas. Sem dúvida elas sabem que estamos vindo, ou pelo menos que alguém está vindo, mas gostaria que não descobrissem que estamos aqui até que seja tarde demais para elas. — A mulher respirou fundo. — Confesso que não pensei em nenhum jeito de conseguir isso. Ainda. Alguma de vocês tem uma sugestão?

— Um apanhador de ladrões — sugeriu Elayne, sem hesitar. Nynaeve franziu a testa para ela.

— Quer dizer alguém como Hurin? — perguntou Egwene. — Mas Hurin estava a serviço de seu próprio rei. Os apanhadores de ladrões daqui não servem aos Grão-lordes?

Elayne assentiu, e por um instante Egwene invejou o estômago da Filha-herdeira.

— Servem, sim. Mas apanhadores de ladrões não são iguais à nossa Guarda da Rainha ou aos Defensores da Pedra tairenos. Eles servem ao governante, mas muita gente que foi roubada paga a eles para recuperarem o

que foi levado. E às vezes eles recebem para localizar pessoas. Pelo menos em Caemlyn. Acho que aqui em Tear não deve ser diferente.

— Então alugamos quartos numa estalagem — sugeriu Egwene — e pediremos ao estalajadeiro que encontre um apanhador de ladrões.

— Não numa estalagem — retrucou Nynaeve com firmeza, conduzindo o garanhão. Parecia jamais deixar o animal fugir de seu controle. Um instante depois, ela moderou um pouco o tom. — Liandrin conhece a gente, e temos que presumir que as outras também conheçam. Elas com certeza vão ficar de olho nas estalagens, à procura de quem seguiu o rastro que deixaram para trás. Quero acionar a armadilha bem na cara delas, mas não com a gente dentro. Não ficaremos em uma estalagem.

Egwene recusou-se a dar a ela a satisfação da pergunta.

— Onde, então? — Elayne franziu a testa. — Se eu revelar quem sou… Isso é, se alguém acreditar em mim, vestida nessas roupas e sem escolta… Se soubessem quem eu sou seríamos bem recebidas pela maioria das Casas nobres, e muito provavelmente dentro da própria Pedra, pois as relações entre Tear e Caemlyn são boas. Mas nossa presença não seria mais segredo. A cidade inteira ficaria sabendo antes mesmo do fim do dia. Não consigo pensar em nenhum outro lugar, exceto numa estalagem, Nynaeve. A não ser que esteja pensando em se hospedar em uma fazenda no meio do mato, mas não vamos encontrá-las aqui tão longe do interior.

Nynaeve olhou de relance para Egwene.

— Eu vou saber quando vir. Me deixem procurar.

Elayne desviou a testa franzida de Nynaeve para Egwene, então pelo caminho inverso.

— "Não corte as orelhas fora porque não gosta dos brincos" — murmurou.

Egwene manteve a atenção completamente focada na rua por onde estavam passando. *Que me queime se vou permitir que ela pense que estou sequer refletindo a respeito!*

As ruas não estavam muito cheias, não em comparação com as de Tar Valon. Talvez a lama desencorajasse o povo. Carros e carroções passavam sacudindo, a maioria puxada por bois com grandes chifres, os condutores ou carroceiros caminhando ao lado com aguilhões compridos de uma madeira pálida e cheia de farpas. Nenhuma carruagem ou liteira usava aquelas ruas. O odor de peixe também pairava no ar por ali, e não eram poucos os homens

que passavam correndo levando enormes cestas cheias de peixes nas costas. As lojas não pareciam prósperas. Nenhuma exibia as mercadorias do lado de fora, e Egwene quase não via gente entrando nelas. A frente das lojas eram adornadas com placas — a agulha e o rolo de tecido do alfaiate, a faca e a tesoura do cuteleiro, o tear do tecelão e outras mais —, porém a maioria das pinturas estava descascando. As poucas estalagens tinham placas em estado igualmente terrível e também não pareciam muito cheias. Nos telhados das casas menores, espremidas entre as lojas e estalagens, com frequência faltavam telhas ou pedaços de ardósia. Aquela parte de Tear era pobre. E, pelo que ela via nos rostos das pessoas na rua, poucos ainda se davam ao trabalho de tentar. O povo se deslocava, trabalhando, mas a maioria já desistira. Poucos sequer deram atenção às mulheres que cavalgavam por onde todos os outros caminhavam.

Os homens usavam calças largas, em geral amarradas nos tornozelos. Apenas alguns tinham casacos, peças escuras e compridas justas nos braços e no peitoral e mais largas abaixo da cintura. Havia mais homens de sapatos baixos do que de botas, mas a maioria pisava na lama descalço. Uma boa quantidade não usava casaco ou camisa e prendia as calças com uma faixa larga, muitas vezes colorida e geralmente suja. Alguns usavam largos chapéus de palha cônicos, outros, boinas de tecido inclinados para um dos lados do rosto. Os vestidos das mulheres tinham golas altas que iam até o queixo e saias na altura dos tornozelos. Muitas usavam aventais curtos em tons pastel, às vezes dois ou três, cada um menor que o que estava embaixo, e a maioria usava os mesmos chapéus de palha dos homens, porém tingidos para combinar com os aventais.

Foi ao observar uma mulher que ela entendeu pela primeira vez como as pessoas que usavam sapatos lidavam com a lama. A mulher amarrara pequenas plataformas de madeira às solas dos sapatos, que ficavam elevadas a cerca de dois palmos da superfície da lama. Ela caminhava como se estivesse com os pés firmemente plantados no chão. Egwene viu outras pessoas com o mesmo tipo de plataformas, tanto homens quanto mulheres. Algumas mulheres andavam descalças, mas não tantas quanto os homens.

Ela estava se perguntando que loja venderia uma plataforma daquelas quando Nynaeve de repente girou o cavalo preto e entrou em um beco entre uma casa de dois andares comprida e estreita e a loja de um oleiro, com paredes de pedra. Egwene trocou olhares com Elayne, a Filha-herdeira deu

de ombros, e as duas seguiram a mulher mais velha. Egwene não sabia onde Nynaeve estava indo, ou por quê — e pretendia conversar com ela a respeito daquilo —, mas também não queria que se separassem.

O beco de repente se abriu em um pequeno pátio atrás da casa, cercado pelos prédios que o rodeavam. Nynaeve já desmontara e amarrara as rédeas a uma figueira, em um lugar onde o garanhão não conseguiria alcançar a grama que brotava em um trecho de vegetação que ocupava metade do pátio. Uma fileira de pedras fora disposta formando um caminho até a porta dos fundos. Nynaeve o percorreu, resoluta, e bateu à porta.

— O que é isso? — inquiriu Egwene, por impulso. — Por que estamos parando aqui?

— Não viu as ervas nas janelas da frente? — Nynaeve bateu à porta outra vez.

— Ervas? — perguntou Elayne.

— Uma Sabedoria — explicou Egwene enquanto descia da sela e amarrava Bruma ao lado do garanhão preto. *Gaidin é um péssimo nome para um cavalo. Será que ela acha que eu não sei a quem ela se refere?* — Nynaeve encontrou uma Sabedoria, ou Buscadora, ou seja lá o nome que dão por aqui.

Uma mulher abriu a porta, apenas o suficiente para olhar para fora, desconfiada. No começo, Egwene pesou que ela fosse gorda, mas logo a mulher abriu a porta até o fim. Era de fato corpulenta, mas a forma como se movia revelava que havia músculos por baixo das roupas. A mulher parecia tão forte quanto a Senhora Luhhan, e alguns em Campo de Emond diziam que Alsbet Luhhan era quase tão forte quanto o marido. Não era verdade, mas não estava assim tão longe.

— Em que posso ajudar? — perguntou a mulher, em um sotaque similar ao da Amyrlin. O cabelo grisalho estava arrumado em cachos volumosos que caíam dos lados da cabeça, e os três aventais eram em tons de verde, cada um ligeiramente mais escuro que o mais abaixo, mas todos em tons claros. — Qual das três precisa de mim?

— Sou eu — explicou Nynaeve. — Preciso de algo para estômago embrulhado. E talvez uma das minhas companheiras precise também. Quer dizer, se tivermos vindo ao lugar certo.

— Vocês não são tairenas — constatou a mulher. — Eu devia ter percebido isso pelas roupas antes mesmo de falarem. Meu nome é Mãe

Guenna. Também sou chamada de Sábia, mas já estou velha o bastante para não achar que esse título vai bastar para cauterizar as suturas. Podem entrar, vou preparar algo para os seus estômagos.

A cozinha era asseada, embora pequena, com panelas de cobre penduradas na parede, e ervas secas e linguiças penduradas no teto. Os diversos armários altos de madeira clara tinham entalhes de algum tipo de grama alta nas portas. A mesa era quase branca de tão esfregada, e os encostos das cadeiras tinham entalhes de flores. Uma panela cheia do que cheirava a sopa de peixe cozinhava lentamente sobre o fogão de pedra, e uma chaleira de bico estava começando a ferver. Não havia fogo na lareira de pedras, pelo que Egwene se sentiu muito agradecida. O fogão já aumentava bastante a temperatura, embora Mãe Guenna parecesse não perceber. Havia algumas louças enfileiradas na cornija da lareira, e outras empilhadas de forma organizada nas prateleiras de cada lado. O chão tinha um aspecto de recém-varrido.

Mãe Guenna fechou a porta atrás delas e já cruzava a cozinha até os armários quando Nynaeve perguntou:

— Que erva a senhora vai botar no chá? Folha-de-urdume? Ou erva-azul?

— Eu daria, se tivesse alguma dessas. — Mãe Guenna remexeu nas prateleiras por um momento e pegou uma jarra de pedra. — Como não tenho tido tempo para sair para colher, vou dar pra você um preparado de folhas de charco-branco.

— Não estou familiarizada com essas — comentou Nynaeve, devagar.

— Funcionam tão bem quanto folha-de-urdume, mas tem um gosto que nem todos apreciam. — A mulher grandalhona salpicou folhas secas e quebradas em um bule azul e o levou até a lareira para acrescentar água quente. — Conhece o ofício, então? Sente-se. — Ela apontou para a mesa com a mão que segurava duas canecas azuis esmaltadas que pegara da cornija. — Sente-se para conversarmos. Qual das outras está com o estômago ruim?

— Eu estou bem — respondeu Egwene, com um ar despretensioso, ao tomar uma cadeira. — Está enjoada, Caryla? — A Filha-herdeira negou com a cabeça com certa exasperação.

— Sem problemas. — A mulher de cabelos grisalhos serviu uma caneca de líquido escuro para Nynaeve, depois sentou-se à mesa diante dela. — Fiz

o bastante para dois, mas chá de charco-branco dura mais que peixe salgado. Quanto mais velho estiver, mais bem funciona, mas também mais amargo fica. Vira uma disputa entre o quanto precisa ficar bem do estômago e o quanto sua língua consegue aguentar. Beba, garota. — Depois de um instante, ela serviu a segunda caneca e tomou um gole. — Está vendo? Não vai lhe fazer mal.

Nynaeve ergueu a própria caneca, fazendo um pequeno som de desagrado ao primeiro gole. No entanto, quando baixou a caneca outra vez, tinha o rosto tranquilo.

— Talvez seja só um pouquinho amargo. Diga, Mãe Guenna, será que vamos ter que aguentar essa chuva e essa lama por muito mais tempo?

A mulher mais velha fechou a cara, dividindo o descontentamento entre as três antes de fixar o olhar em Nynaeve.

— Não sou uma Chamadora de Ventos do Povo do Mar, garota — sussurrou. — Se eu pudesse prever o tempo, preferiria enfiar lúcios vivos debaixo do meu vestido do que admitir. Os Defensores consideram esse tipo de coisa similar ao trabalho das Aes Sedai. Agora, você conhece o ofício ou não? Parece que andaram viajando. O que é bom para fadiga? — vociferou a mulher, de repente.

— Chá de raiz-de-fadiga — respondeu Nynaeve —, ou raiz-de-andilay. Já que a senhora quer fazer perguntas, o que faria para aliviar as dores do parto?

Mãe Guenna bufou.

— Aplicaria toalhas quentes, criança, e quem sabe daria um pouco de funcho-branco, se fosse um parto especialmente difícil. Uma mulher não precisa de mais do que isso e de uma mão para acalmá-la. Não consegue pensar numa pergunta que não possa ser respondida por uma camponesa qualquer? O que você dá para dor no coração? Do tipo letal.

— Pó de flor-de-gheandin na língua — retrucou Nynaeve, irritada. — Se uma mulher sentir pontadas na barriga e cuspir sangue, o que você faz?

As duas continuaram testando os conhecimentos uma da outra, alternando perguntas e respostas cada vez mais depressa. O ritmo diminuía um pouco quando uma falava de alguma planta que a outra conhecia por um nome diferente, mas elas logo retomavam a velocidade, debatendo a superioridade das tinturas sobre os chás, dos unguentos sobre os cataplasmas, e quando cada um era melhor que o outro. Aos poucos, as perguntas ligeiras

começaram a se encaminhar para as ervas e raízes que uma conhecia e a outra não, trocando conhecimentos. Egwene começou a ficar irritada enquanto ouvia.

— Depois de dar o liga-osso — dizia Mãe Guenna —, enrole o membro quebrado em uma toalha encharcada de água fervida em flor-de-cabra azul. Preste atenção, só a azul! — Nynaeve assentiu com impaciência. — Tem que ser o mais quente que der pra aguentar. Uma parte de flor-de-cabra azul para dez de água, não menos que isso. Substitua as toalhas assim que pararem de fumegar, e repita o procedimento o dia inteiro. O osso vai se curar duas vezes mais depressa do que só com o liga-osso, e duas vezes mais forte.

— Vou guardar isso — comentou Nynaeve. — Você disse que usava raiz de língua-de-ovelha para dor nos olhos. Eu nunca ouvi…

Egwene não aguentava mais.

— Maryim — interrompeu —, você acredita mesmo que ainda vai precisar saber dessas coisas? Você não é mais uma Sabedoria, ou já se esqueceu disso?

— Não me esqueci de nada — retorquiu Nynaeve, com rispidez. — Eu me lembro até mesmo da época em que você era tão ávida quanto eu para aprender coisas novas.

— Mãe Guenna — começou Elayne, com a voz suave —, o que a senhora faz quando duas mulheres não conseguem parar de discutir?

A mulher de cabelos grisalhos apertou os lábios e encarou a mesa com a testa franzida.

— Em geral, sejam homens ou mulheres, aconselho que se afastem um do outro. É a melhor coisa, e a mais fácil.

— Em geral? — perguntou Elayne. — E se não puderem se afastar por alguma razão? Digamos que sejam irmãs.

— Eu tenho um jeito de frear um brigão — começou a mulher, devagar. — Não é algo que eu encoraje ninguém a fazer, mas alguns vêm até mim. — Egwene pensou ter visto o indício de um sorriso no canto da boca de Mãe Guenna. — Eu cobro um marco de prata por mulher. Dois pra cada homem, porque eles são mais alvoroçados. Tem gente que paga o que for, se o preço for bom.

— Mas qual é a cura? — perguntou Elayne.

— Eu digo a cada um pra trazer o outro aqui, para trazer a pessoa com quem vive discutindo. Ambos esperam que eu sossegue a língua do outro. —

Mesmo sem querer, Egwene escutava. Percebeu que Nynaeve também prestava bastante atenção. — Depois de recolher o pagamento — prosseguiu Mãe Guenna, erguendo o braço robusto —, eu levo os dois para os fundos e enfio as cabeças deles nos barris de água de chuva até eles concordarem em parar de discutir.

Elayne explodiu em gargalhadas.

— Acho que eu mesma já devo ter feito uma coisa dessas — comentou Nynaeve, em uma voz um tanto leve demais. Egwene torcia para que a expressão em seu rosto não parecesse com a de Nynaeve.

— Não me surpreenderia se tivesse feito. — Mãe Guenna exibia um grande sorriso. — Eu digo aos brigões que, da próxima vez que os vir discutindo, farei a mesma coisa de graça, mas usando o rio. É impressionante como a cura dá certo, principalmente para os homens. E é impressionante o que ela fez pela minha reputação. Por algum motivo, nenhuma das pessoas que passam por essa cura revela às outras os detalhes, e eu recebo novos pedidos todos os meses. Quando uma pessoa é burra o bastante para comer um amia, não sai por aí espalhando. Tenho certeza de que nenhuma de vocês quer gastar um marco de prata.

— Acho que não — respondeu Egwene, e olhou feio para Elayne quando a amiga irrompeu em gargalhadas outra vez.

— Bom — retrucou a mulher grisalha. — Os que eu curo das brigas tendem a me evitar feito espinho em suas redes, a não ser que de fato peguem alguma doença, e eu estou gostando da companhia de vocês. A maioria dos que me procuram hoje em dia querem algo para afastar os sonhos ruins, e ficam irritados quando digo que não tenho nada para lhes dar. — Ela franziu a testa por um momento, esfregando as têmporas. — É bom ver três rostos que não parecem crer que a única saída é se jogar do navio e se afogar. Se ficarem mais tempo em Tear, venham me ver outra vez. A garota chamou você de Maryim? Eu sou Ailhuin. Da próxima vez, conversaremos na companhia de um chá do Povo do Mar, em vez de algo que azede a língua. Mas Luz, eu detesto o gosto de charco-branco. Um peixe amia seria mais doce. Na verdade, se tiverem tempo de ficar mais um pouco, posso preparar uma erva preta de Tremalking. E também falta pouco para a hora do jantar. Só tenho pão, queijo e sopa, mas vocês são bem-vindas.

— Seria excelente, Ailhuin — respondeu Nynaeve. — Na verdade… Ailhuin, se tiver um quarto extra, eu gostaria de alugá-lo para nós três.

A mulher corpulenta encarou cada uma delas sem dizer uma palavra. Ela se levantou, enfiou o vaso de chá de folhas de pântano no armário de ervas, então pegou um bule vermelho e um saco de dentro de outro armário. A mulher só falou depois de coar um bule da erva preta de Tremalking, pôr quatro canecas limpas na mesa, uma vasilha com favo de mel e colheres de peltre e sentar-se de volta na cadeira.

— Tenho três quartos vazios lá em cima, agora que as minhas filhas estão todas casadas. Meu marido, que a Luz brilhe sobre ele, se perdeu numa tempestade nas Garras do Dragão há quase vinte anos. Não precisamos falar em alugar, se eu decidir deixar que fiquem nos quartos. Se, Maryim. — Mexendo o mel dentro do chá, ela examinou as três mais uma vez.

— O que fará a senhora decidir? — perguntou Nynaeve, baixinho.

Ailhuin continuou mexendo, como se tivesse se esquecido de beber.

— Três jovens mulheres guiando bons cavalos. Não entendo muito de cavalos, mas esses aí me parecem tão bons quanto os que lordes e ladies conduzem. Você, Maryim, entende tanto do ofício que deveria estar pendurando ervas na própria janela, ou escolhendo onde pendurar. Nunca ouvi falar de uma mulher que praticasse o ofício longe do local onde nasceu, mas, pelo seu modo de falar, você está muito longe. — Ela olhou para Elayne. — Não existem muitos lugares com essa cor de cabelo. Andor, eu diria, pelo seu modo de falar. Os homens tolos estão sempre querendo encontrar uma andoriana de cabelos amarelos. O que eu quero saber é por quê. Estão fugindo de alguma coisa? Só que não me parecem ladras, e nunca ouvi falar de três mulheres juntas para perseguir um homem. Então me contem o motivo, e, se eu gostar, os quartos são seus. Se quiserem me pagar, podem comprar alguma carne vez ou outra. Carne é sempre bem-vinda, desde que os negócios com Cairhien minguaram.

— Estamos atrás de algumas coisas, Ailhuin — explicou Nynaeve. — Ou melhor, umas pessoas. — Egwene se obrigou a ficar quieta e torceu para estar se saindo tão bem quanto Elayne, que bebericava o chá como se ouvisse uma conversa sobre vestidos. Egwene não acreditava que os olhos escuros de Ailhuin Guenna deixassem passar muita coisa. — Elas roubaram algumas coisas, Ailhuin — prosseguiu Nynaeve. — Da minha mãe. E cometeram assassinato. Estamos aqui para que a justiça seja feita.

— Que minha alma queime — respondeu a mulher corpulenta —, será que vocês não têm homens? Os homens não prestam para muito além de

levantar peso e se meter no caminho, na maioria das vezes… E beijar, essas coisas… Mas, se existe uma batalha para lutar ou um ladrão para capturar, deixem que eles façam. Andor é tão civilizada quanto Tear. Vocês não são Aiel.

— Não tinha mais ninguém além de nós — explicou Nynaeve. — Os que talvez pudessem vir no nosso lugar foram mortos.

Três Aes Sedai mortas, pensou Egwene. *Elas não poderiam ser da Ajah Negra. Mas, se não tivessem sido mortas, a Amyrlin não teria sido capaz de confiar nelas três. Ela está tentando obedecer aos malditos Três Juramentos, mas está bem no limite.*

— Aaah — comentou Ailhuin, com tristeza. — Mataram seus homens? Irmãos, maridos, pais? — Um borrão de cor brotou nas bochechas de Nynaeve, e a mulher interpretou mal a emoção. — Não, garota, não me diga. Não quero revirar mágoas antigas. Deixe assentar no fundo até se dissolver. Isso, isso… fique tranquila. — Egwene se esforçou para não soltar um grunhido de repulsa.

— Preciso contar isso para você — retrucou Nynaeve, com a voz firme. O vermelho ainda coloria sua face. — Esses assassinos e ladrões são Amigos das Trevas. São mulheres, mas tão perigosas quanto qualquer espadachim, Ailhuin. Se você está se perguntando por que não procuramos uma estalagem, é esse o motivo. Elas não podem saber que estão sendo seguidas, e talvez estejam vigiando a cidade à nossa espera.

Ailhuin dispensou tudo aquilo com um fungado.

— Das quatro pessoas mais perigosas que eu conheço, duas são mulheres que não carregam sequer uma faca, e apenas um dos homens é espadachim. Quanto a Amigos das Trevas… Maryim, quando tiver a minha idade, vai aprender que falsos Dragões são perigosos, peixes-leão são perigosos, tubarões são perigosos, assim como as tempestades repentinas do sul. Mas Amigos das Trevas são paspalhos. Paspalhos imundos, mas paspalhos. O Tenebroso está preso onde o Criador o prendeu, e nenhum Espectro ou peixe-papão que assusta criancinhas pode tirá-lo de lá. Paspalhos não me assustam, a não ser que estejam operando meu barco. Suponho que não tenham provas que levem aos Defensores da Pedra? É só a palavra de vocês contra a delas?

O que é um Espectro?, pensou Egwene. *E um peixe-papão, aliás?*

— Teremos provas quando as encontrarmos — respondeu Nynaeve. — Elas estarão carregando as coisas que roubaram, e sabemos descrever todas elas. São coisas antigas e sem valor para ninguém além de nós e nossas amigas.

— Vocês ficariam surpresas com o valor de algumas coisas antigas — retrucou Ailhuin, seca. — O velho Leuese Mulan puxou três tigelas e uma caneca de pedra-do-coração em suas redes, no ano passado. Lá nas Garras do Dragão. Agora, em vez de um barquinho de pesca, ele é dono de um navio mercante que faz negócios pelo rio. O velho besta nem sabia o que tinha até eu contar pra ele. Devem ter outros de onde aqueles saíram, mas Leuese não conseguiu nem lembrar a localização exata. Não sei nem como era que ele conseguia pescar algum peixe naquela rede. Metade dos barcos de pesca de Tear passaram meses procurando *cuendillar* em vez de sargos e linguados, depois disso, e alguns até levavam lordes dizendo onde jogar as redes. Isso é o tanto que as coisas velhas podem valer, quando são velhas o bastante. Agora, decidi que vocês precisam mesmo de um homem metido nisso, e conheço o homem certo.

— Quem? — perguntou Nynaeve, mais do que depressa. — Se está pensando num lorde, um dos Grão-lordes, lembre-se de que não teremos provas antes de encontrá-las.

Ailhuin gargalhou até perder o fôlego.

— Garota, ninguém do Maule conhece um Grão-lorde ou qualquer outro tipo de lorde. Peixes amia e lagartos não se misturam. Vou trazer o homem perigoso que conheço que não é espadachim, mas é o mais perigoso dos dois. Juilin Sandar é um caçador de ladrões. O melhor deles. Não sei como isso funciona em Andor, mas aqui os caçadores de ladrões podem trabalhar tanto para você ou para mim quanto para um lorde ou mercador, e cobrando menos por isso. Juilin vai encontrar essas mulheres para vocês, *se* elas puderem ser encontradas, e vai trazer essas coisas de volta sem nem que vocês precisem chegar perto dessas Amigas das Trevas.

Nynaeve concordou, como se ainda não estivesse inteiramente certa, e Ailhuin amarrou aos sapatos um par daquelas plataformas — que ela chamava de tamancos — e correu para fora. Por uma das janelas da cozinha, Egwene observou a mulher passar pelos cavalos e fazer a curva do beco.

— Você está aprendendo a ser uma Aes Sedai, *Maryim* — comentou, virando as costas para a janela. — Manipula as pessoas tão bem quanto

Moiraine.

O rosto de Nynaeve ficou branco.

Elayne caminhou duro pelo chão e deu um tapa no rosto de Egwene. A jovem ficou tão chocada, que só foi capaz de encará-la.

— Você foi longe demais — informou a mulher de cabelos dourados, com rispidez. — Longe demais. Temos que viver juntas, ou acabaremos morrendo juntas! Por acaso você deu seu nome verdadeiro a Ailhuin? Nynaeve contou a ela o que podia, que estamos caçando Amigas das Trevas. E já é arriscado demais ligar nossos nomes a Amigas das Trevas. Ela disse que as mulheres eram perigosas, assassinas. Preferia que dissesse que são da Ajah Negra? Em Tear? Arriscaria tudo sem saber se Ailhuin conseguiria guardar *esse* segredo?

Egwene esfregou o rosto, cautelosa. Elayne tinha um braço forte.

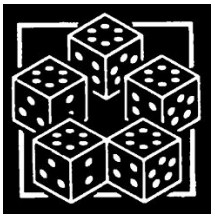
— Não sou obrigada a gostar de fazer isso.

— Eu sei. — A Filha-herdeira suspirou. — Nem eu. Mas é o que *precisamos* fazer.

Egwene se virou outra vez para espiar os cavalos pela janela. *Sei que precisamos. Mas não sou obrigada a gostar.*



CAPÍTULO 49



Tempestade em Tear

Egwene retornou à mesa e a seu chá. Pensou que talvez Elayne tivesse razão, que tivesse mesmo ido longe demais, mas não conseguiu se forçar a pedir desculpas. Então as três permaneceram sentadas, em silêncio.

Ailhuin retornou acompanhada de um homem, um sujeito esguio de meia-idade que parecia esculpido em madeira velha. Juilin Sandar deixou os tamancos na porta e pendurou o chapéu de palha cônico e liso em um pino. Do cinturão passado por cima do casaco marrom pendia uma adaga dentada quebra-espada muito parecida com a de Hurin, mas com ranhuras curtas de cada um dos lados da mais longa. Além disso, o homem carregava um cajado exatamente da sua altura, mas da espessura de um polegar. Era feito daquela madeira clara com ripas salientes que os boiadeiros usam para açular os bois. Os cabelos pretos eram cortados bem rente, e os olhos negros pareciam registrar cada detalhe do recinto. E de todas as presentes. Egwene podia apostar que ele examinara Nynaeve duas vezes, e, pelo menos para ela, a falta de reação da outra mulher era um sinal claro: estava óbvio que Nynaeve também notara.

Ailhuin fez um gesto para que o homem ocupasse um lugar à mesa. Ele virou as mangas do casaco, fez uma reverência para cada uma delas e sentou-se, o cajado apoiado em seu ombro. Não disse nada até a mulher grisalha preparar um bule de chá fresco e todos beberem um gole de suas canecas.

— Mãe Guenna me contou sobre o problema de vocês — disse, baixinho, pousando a caneca sobre a mesa. — Vou ajudar se puder, mas logo os Grão-lordes vão arrumar alguns problemas para eu resolver.

A mulher corpulenta bufou.

— Juilin, quando foi que você começou a pechinchar como um vendedor tentando fazer o cliente comprar linho a preço de seda? Não diga que sabe quando os Grão-lordes vão chamar você se não sabe de verdade.

— Não digo que sei quando — retrucou Sandar, abrindo um sorriso —, mas sei que vão, porque vi homens nos telhados à noite. Bem pelo canto do olho, pois eles sabem se esconder que nem peixes-agulhas num junco, mas percebi o movimento. Ninguém reportou nenhum roubo por enquanto, porém há ladrões aqui dentro das muralhas, pode apostar seu jantar nisso. Pode escrever. Em uma semana, serei convocado até a Pedra para dar conta da invasão de um bando de ladrões às casas dos mercadores, ou até mesmo à mansão de algum lorde. Os Defensores podem vigiar as ruas, mas sempre mandam buscar um caçador de ladrões quando é preciso ir atrás ladrões, e eu sempre sou o primeiro a ser chamado. Não estou tentando aumentar meu preço, mas, seja lá o que eu precise fazer por essas belas mulheres, é melhor que seja rápido.

— Acho que ele está falando a verdade — disse Ailhuin, com relutância. — Ele pode até dizer que a lua é verde e a água é branca, se achar que isso pode lhe render um beijo, mas mente menos que a maioria dos homens a respeito das outras coisas. Creio que seja o homem mais honesto que já nasceu no Maule.

Elayne levou a mão à boca, e Egwene se esforçou para não rir. Nynaeve permanecia imóvel e claramente impaciente.

Sandar fez uma careta para a mulher grisalha, então pareceu decidir ignorar o que ela dissera. Ele sorriu para Nynaeve.

— Admito que estou curioso a respeito dessas ladras. Já vi ladras mulheres e já vi quadrilhas, mas nunca ouvi falar de uma quadrilha de mulheres. E estou devendo uns favores à Mãe Guenna. — Seus olhos pareciam focados em Nynaeve mais uma vez.

— Quanto você cobra? — perguntou ela, ríspida.

— Para recuperar os itens roubados — respondeu o homem, sem perder tempo —, cobro a décima parte do valor do que eu recuperar. Para encontrar pessoas, cobro um marco de prata por indivíduo. Mãe Guenna disse que os

objetos roubados são de pouco valor a não ser para as senhoras, por isso sugiro que fiquem com a primeira opção. — Ele sorriu outra vez. Tinha dentes muito brancos. — Eu não cobraria nada das senhoras, mas sei que a fraternidade vai fazer cara feia, então vou cobrar o mínimo possível. Um cobre ou dois, nada mais.

— Conheço um apanhador de ladrões — comentou Elayne. — De Shienar. Um homem muito *respeitoso*. Carrega uma espada junto da quebra-espada. Por que você não tem uma espada?

Sandar pareceu surpreso por um instante, e logo depois pareceu aborrecido consigo mesmo por ter se surpreendido. Também parecia não ter entendido a mensagem que ela tentara passar, ou decidiu ignorá-la.

— Vocês não são tairenas. Ouvi falar de Shienar, senhora. Histórias de Trollocs, e de como lá todos os homens são guerreiros. — Seu sorriso indicava que pensava que aqueles eram contos infantis.

— Tudo verdade — retrucou Egwene. — Ou verdade o bastante. Eu estive em Shienar.

Ele piscou para ela, então prosseguiu.

— Não sou um lorde ou um mercador rico, não sou sequer um soldado. Os Defensores não perturbam muito os estrangeiros por portarem espadas, a menos que desejem ficar muito tempo, é claro. Mas eu seria jogado numa cela na Pedra. Existem leis, senhora. — Ele deslizou a mão pelo cajado, num gesto inconsciente. — Eu me viro muito bem sem uma espada. — O homem concentrou o sorriso em Nynaeve mais uma vez. — Agora, se pudessem descrever os objetos…

Ele parou de falar quando a mulher que encarava colocou a bolsinha de moedas no canto da mesa e contou treze marcos de prata. Egwene achou que ela escolhera as moedas mais leves: a maioria era tairena, apenas uma andoriana. A Amyrlin dera a elas uma boa quantidade de ouro, mas mesmo assim o dinheiro não duraria para sempre.

Nynaeve encarou a bolsinha, pensativa, antes de amarrar as cordas e enfiá-la de volta na bolsa.

— Tem treze mulheres para o senhor encontrar, Mestre Sandar, e pagarei essa mesma quantia quando as localizar. Encontre as mulheres, e nós mesmas recuperaremos nossos pertences.

— Eu mesmo posso fazer isso, e cobrando menos — protestou o homem. — E não há necessidade de recompensa extra. Eu cobro o que cobro. Não

tenha medo de que eu vá aceitar algum suborno.

— Não precisam temer isso — concordou Ailhuin. — Eu disse que o homem é honesto. Só não acreditem se ele disser que está apaixonado.

Sandar olhou feio para a mulher.

— Sou eu quem está pagando, Mestre Sandar — retrucou Nynaeve com firmeza —, então escolherei o que vou comprar. O senhor pode apenas localizar essas mulheres? — Ela aguardou que o homem assentisse, relutante, antes de prosseguir. — Pode ser que elas estejam juntas, ou não. A primeira é uma taraboniana. É um pouco mais alta que eu, bem clara, tem olhos escuros e cabelos cor de mel, que vivem presos em pequenas tranças, à moda de Tarabon. Alguns homens a consideram bonita, mas ela não tomaria isso como elogio. Tem uma língua cruel e irritadiça. A segunda é kandoriana. Tem cabelos compridos e negros, com uma mecha branca acima da orelha esquerda, e…

Ela não forneceu nenhum nome, e Sandar não perguntou. Era tão fácil mudar de nome. Como já faziam negócios, o homem tinha parado de sorrir. As treze mulheres foram descritas enquanto ele escutava com muita atenção, e, quando Nynaeve terminou, Egwene teve a certeza de que o homem seria capaz de repetir palavra por palavra.

— Pode ser que Mãe Guenna já tenha lhe informado — completou Nynaeve —, mas vou repetir. Essas mulheres são mais perigosas do que se pode imaginar. Mais de uma dúzia já morreu nas mãos delas, pelo menos que eu saiba, e não me surpreenderia se descobrisse que essas mortes são apenas uma gota de todo o sangue que elas têm nas mãos. — Sandar e Ailhuin piscaram, surpresos, ao ouvir aquilo. — Se descobrirem que está perguntando por elas, você vai morrer. Se capturarem você, farão com que diga onde estamos, e é provável que Mãe Guenna morra conosco. — A mulher grisalha parecia descrente. — Acredite em mim! — O olhar de Nynaeve exigia concordância. — Acredite em mim ou eu pego esse dinheiro de volta e encontro alguém mais inteligente!

— Quando eu era jovem — respondeu Sandar, com a voz grave —, uma ladra conseguiu enfiar a faca nas minhas costelas porque acreditei que uma bela mulher não seria tão rápida quanto um homem. Não cometo mais esse tipo de erro. Vou me comportar como se essas mulheres fossem todas Aes Sedai, e da Ajah Negra. — Egwene quase engasgou, e o homem abriu um sorriso arrependido enquanto guardava as moedas dentro da própria bolsa,

que enfiou de volta por trás do cinturão. — Não tive a intenção de assustar a senhora. Não tem nenhuma Aes Sedai em Tear. Pode levar alguns dias, se elas não estiverem juntas. Treze mulheres juntas é fácil de se encontrar, mas separadas fica mais difícil. De qualquer forma, eu vou encontrá-las. E não vou afugentá-las antes que as senhoras saibam onde estão.

Depois que o homem pôs o chapéu, calçou os tamancos e saiu pela porta dos fundos, Elayne se pronunciou:

— Espero que ele não esteja confiante demais. Ailhuin, eu ouvi o que ele disse, mas… Será que ele entendeu mesmo que essas mulheres são perigosas?

— Sandar nunca deu uma de bobo, a não ser por um par de olhos ou por um belo tornozelo — respondeu a mulher grisalha. — E esse é um defeito de qualquer homem. Ele é o melhor caçador de ladrões de Tear. Não se preocupem. Vai encontrar essas suas Amigas das Trevas.

— Vai chover de novo antes de amanhecer. — Nynaeve estremeceu, apesar do calor do ambiente. — Sinto uma tempestade chegando. — Ailhuin apenas balançou a cabeça e começou a encher as tigelas de sopa de peixe para o jantar.

Depois de todas comerem e se lavarem, Nynaeve e Ailhuin sentaram-se à mesa para falar de ervas e curas. Elayne foi trabalhar em um pequeno bordado de diminutas flores brancas e azuis que começara a fazer no ombro de seu manto, depois foi ler uma cópia de *Os Ensaios de Willim de Maneches* que Ailhuin guardava na pequena prateleira de livros. Egwene tentou ler, mas nem os ensaios nem *As Jornadas de Jain, o Viajante* e nem os contos bem-humorados de Aleria Elffin conseguiram prender sua atenção por mais de algumas páginas. Ela tocou o *ter'angreal* de pedra sob o decote do vestido. *Onde será que elas estão? O que será que querem no Coração? Ninguém além do Dragão — ninguém além de Rand — pode tocar* Callandor, *então o que é que elas querem? O quê? O quê?*

Quando já era tarde, Ailhuin levou cada uma das moças a um quarto no andar de cima, mas depois que a mulher se recolheu as três se juntaram no quarto de Egwene, à luz de uma única lanterna. Egwene já estava apenas de roupas de baixo, e o cordão pendia de seu pescoço com os dois anéis. O de pedra rajada parecia muito mais pesado que o outro. Era isso o que as três faziam todas as noites desde a partida de Tar Valon, com a única exceção da noite que passaram com os Aiel.

— Podem me acordar daqui a uma hora — avisou às outras.

Elayne franziu o rosto.

— Tão pouco, dessa vez?

— Se sente incomodada? — perguntou Nynaeve. — Talvez esteja usando demais esse anel.

— Se eu não estivesse usando demais, ainda estaríamos em Tar Valon esfregando panelas e torcendo para encontrar uma irmã Negra antes que um Homem Cinza nos descobrisse — retrucou Egwene, ríspida. *Luz, Elayne tem razão. Estou respondona como uma criança malcriada.* Ela respirou fundo. — Talvez eu esteja *mesmo* incomodada. Talvez seja porque agora estamos muito perto do Coração da Pedra. Muito perto de *Callandor*. Muito perto da armadilha, seja ela qual for.

— Tome cuidado — pediu Elayne.

Nynaeve completou, mais baixinho:

— Tome muito cuidado, Egwene. Por favor. — Ela dava puxões curtos na trança.

Egwene se acomodou na cama de cabeceira baixa, as duas outras sentadas em dois banquinhos, uma de cada lado, enquanto trovões ressoavam no céu. O sono chegou bem devagar.

* * *

Ela estava outra vez nas planícies irregulares, como sempre começavam todos os sonhos. Flores e borboletas banhadas pela luz do sol primaveril, pássaros cantando e uma brisa suave. Ela usava seda verde com pássaros dourados bordados sobre os seios, além de sandálias de veludo verde. O *ter'angreal* parecia leve o bastante para flutuar para fora do vestido, mas o peso do anel da Grande Serpente o puxava para baixo.

Por simples tentativa e erro, ela aprendera algumas das regras de *Tel'aran'rhiod*. Mesmo aquele Mundo dos Sonhos, aquele Mundo Invisível, tinha suas regras, ainda que estranhas, e ela estava certa de que não conhecia nem um décimo delas. Também aprendera uma forma de ir aonde desejasse. Fechando os olhos, ela esvaziou a mente, como fazia para abraçar *saidar*, mas precisava preencher o vazio com algo diferente. Não era tão fácil, pois o botão de rosa insistia em se formar, e ela ficava sentindo a Fonte Verdadeira, desejando abraçá-la. Visualizou o Coração da Pedra, a mesma

estrutura que vira em todos os outros sonhos, e o reproduziu com perfeição em todos os detalhes, dentro do vazio. As gigantescas colunas de pedra vermelha polida. As pedras do chão desgastadas pelo tempo. O domo muito acima de sua cabeça. A espada de cristal, intocável, girando lentamente no ar, o cabo para baixo. Quando a imagem parecia tão real que ela tinha a certeza de que poderia estender a mão e tocá-la, abriu os olhos e estava lá, no Coração da Pedra. Ou no Coração da Pedra que existia em *Tel'aran'rhiod*.

As colunas estavam lá, e *Callandor*. Ao redor da espada reluzente, quase tão turvas e imateriais quanto sombras, treze mulheres sentadas de pernas cruzadas observavam a espada girar. Liandrin, com os cabelos cor de mel, virou a cabeça, encarou Egwene com aqueles olhos grandes e escuros e abriu um sorriso com os lábios em forma de botão de rosa.

* * *

Ofegando, Egwene sentou-se na cama tão depressa que quase caiu para o lado.

— Qual é o problema? — inquiriu Elayne. — O que aconteceu? Você parece assustada.

— Você acabou de fechar os olhos — comentou Nynaeve, baixinho. — É a primeira vez, desde que começamos isso, que você volta sem que a gente precise acordá-la. Alguma coisa aconteceu, não foi? — Ela deu um puxão forte na trança. — Está tudo bem?

Como foi que eu voltei?, perguntou-se Egwene. *Luz, não sei nem o que fiz*. Ela sabia que estava apenas tentando adiar o que precisava dizer. Desamarrando o cordão em torno do pescoço, ela botou na palma da mão os dois anéis, o da Grande Serpente e o *ter'angreal*, que era maior e retorcido.

— Elas estão esperando por nós — explicou, por fim. Não era preciso explicitar quem. — E acho que sabem que estamos em Tear.

Do lado de fora, a tempestade desabava na cidade.

* * *

Com a chuva martelando no convés acima de sua cabeça, Mat encarava o tabuleiro de pedras na mesa entre ele e Thom, mas não conseguia se

concentrar no jogo, embora tivessem apostado um marco de prata andoriano. Trovões ressoavam, e raios caíam do outro lado das pequenas janelas. Quatro lampiões iluminavam a cabine do capitão do *Andorinha*. *Essa porcaria de navio pode até ser ágil que nem o pássaro, mas ainda está lento demais, maldição.* A embarcação deu um leve solavanco, depois outro. O balanço pareceu mudar. *Acho bom que ele não tenha nos enfiado em um desses malditos bancos de lama! Se aquele homem não estiver avançando o mais depressa possível com essa banheira lerda, vou enfiar aquele ouro pela goela dele!* Ele soltou um bocejo — não dormia bem desde a partida de Caemlyn, estava preocupado demais para conseguir dormir direito — e depois outro. Então pôs uma pedra branca na interseção de duas linhas: com mais três jogadas, apanharia quase um quinto das pedras pretas de Thom.

— Você poderia ser um bom jogador, garoto — comentou o menestrel em voz baixa, com a boca no cachimbo, colocando a pedra seguinte —, se fizesse algum esforço. — O tabaco cheirava a folhas e nozes.

Mat pegou outra pedra da pilha em seu cotovelo, depois piscou os olhos e a posicionou. Nas mesmas três jogadas, as pedras de Thom teriam cercado mais de um terço das dele. Ele não previra o movimento, e estava sem saída.

— Você nunca perde? Já perdeu algum jogo?

Thom tirou o cachimbo da boca e passou a mão pelo bigode.

— Faz muito tempo que não. Morgase vencia de mim na metade das vezes. Dizem que bons comandantes e bons jogadores do Grande Jogo também são bons com as pedras. Morgase é a melhor, e não tenho dúvidas de que também pode liderar uma batalha.

— Não prefere jogar outra partida de dados? As pedras demoram muito.

— Gosto de ter a chance de ganhar mais de um lance em nove ou dez — retrucou o homem de cabelos brancos, seco.

Mat deu um salto e ficou de pé quando a porta se abriu com um estrondo, e o Capitão Derne entrou. O homem de rosto quadrado abanou o manto para afastá-lo dos ombros, sacudindo a chuva e resmungando xingamentos para si mesmo.

— Que a Luz me queime os ossos, não sei por que deixei vocês alugarem o *Andorinha*. Vocês ficam pedindo que eu vá mais depressa, não importa se é sob a noite mais escura ou a chuva mais pesada. Mais depressa. Sempre

mais depressa, que maldição! Eu já poderia ter topado com cem atoleiros, a essa altura!

— Você queria o ouro — retrucou Mat, seco. — Disse que esse monte de ripas velhas era rápido, Derne. Quando é que chegaremos a Tear?

O capitão abriu um sorriso tenso.

— Estamos chegando no píer. E que me queime e que eu vire um maldito fazendeiro se chegar a levar qualquer porcaria capaz de falar! Agora, onde está o resto do meu ouro?

Mat correu até uma das janelas e deu uma espiada. Com ajuda dos desagradáveis clarões dos relâmpagos, pôde ver apenas um desembarcadouro de pedras todo molhado, quase nada mais. Pescou a segunda bolsa de ouro de dentro do bolso e lançou-a para Derne. *Ninguém nunca ouviu falar em um homem do rio que não jogasse dados!*

— Já não era sem tempo — grunhiu para o homem. *A luz permita que eu não tenha chegado tarde demais.*

Ele enfiara todas as mudas de roupas e os cobertores no alforje de couro. Levava a trouxa em um ombro e o rolo de fogos de artifício no outro, preso a uma corda. Seu manto cobria tudo, mas deixava um pedacinho exposto na frente ao corpo. Melhor ele se molhar do que os fogos de artifício. Ele poderia se secar e ficar novinho em folha, mas um teste com um balde provara que os fogos de artifício não. *Acho que o pai de Rand estava certo.* Mat sempre pensara que o Conselho da Aldeia não disparava fogos na chuva porque o espetáculo era mais bonito em noites limpas.

— Já não está na hora de vendermos essas coisas? — perguntou Thom, enquanto ajeitava o manto de menestrel nos ombros. O manto cobria a harpa e a flauta no estojo de couro, mas a trouxa de roupas e os cobertores iam pendurados nas costas, por fora do manto de retalhos.

— Só depois que eu descobrir como funcionam, Thom. Além do mais, pense só como vai ser divertido disparar todos eles.

O menestrel estremeceu.

— Desde que você não dispare todos ao mesmo tempo, garoto. E desde que não jogue na lareira durante o jantar. Não me surpreenderia, pelo jeito que vem se comportando com eles. Você teve sorte de o capitão aqui não nos ter atirado fora do navio dois dias atrás.

— Ele não faria isso. — Mat riu. — Não com a perspectiva de ganhar essa bolsa. Não é, Derne?

Derne brincava com a bolsa de ouro na mão.

— Eu não perguntei nada antes, mas agora você já me deu esse ouro e não vai tê-lo de volta. Que história é essa? Para que toda essa pressa?

— Uma aposta, Derne. — Bocejando, Mat apanhou o bastão, pronto para partir. — Uma aposta.

— Uma aposta! — Derne encarou a bolsa pesada. Havia outra idêntica àquela guardada em seu baú de dinheiro. — O vencedor deve levar um reino inteiro!

— Mais que isso — respondeu Mat.

A chuva caía com tanta força no convés que ele só conseguiu ver a prancha de desembarque quando um relâmpago estourou sobre a cidade. O rugido do aguaceiro mal o deixava ouvir os próprios pensamentos. No entanto, distinguia luzes em algumas janelas rua acima. Encontraria estalagens naquela área. O capitão não foi até o convés para vê-los partir, e ninguém da tripulação quisera ficar debaixo da chuva. Mat e Thom desembarcaram no píer de pedras sozinhos.

Mat xingou quando suas botas afundaram na lama da rua, mas não havia jeito. Avançou, caminhando a passos largos o mais rápido que podia, as botas e a ponta do bastão grudando no chão a cada passo. O ar era rançoso e cheirava a peixe, mesmo com a chuva.

— Vamos encontrar uma estalagem — disse, bem alto, para ser ouvido mesmo com o barulho da chuva —, e depois eu vou sair para procurar.

— Com esse tempo? — gritou Thom, em resposta. A chuva escorria por seu rosto, mas ele estava mais interessado em proteger os instrumentos do que a cara.

— Comar pode ter ido embora de Caemlyn antes de nós. Se ele estava em um bom cavalo em vez dos pangarés em que cavalgávamos, pode ter partido de Aringill talvez um dia inteiro antes de nós, e eu não sei quanto tempo conseguimos recuperar com aquele idiota do Derne.

— Foi uma travessia rápida — admitiu Thom. — O *Andorinha* merece o nome.

— Seja como for, Thom, com chuva ou sem chuva, tenho que encontrá-lo antes que ele encontre Egwene, Nynaeve e Elayne.

— Umas horas a mais não vão fazer diferença, garoto. Uma cidade do tamanho de Tear tem centenas de estalagens. Deve haver mais umas cem do lado de fora dos muros, e algumas são bem pequenas, com não mais que uma

dúzia de quartos para alugar, tão minúsculas que você pode passar por elas sem nem perceber. — O menestrel ergueu um pouco mais o capuz do manto, resmungando sozinho. — Vamos levar semanas para vasculhar todas. Mas Comar também vai levar essas mesmas semanas. Podemos passar a noite longe da chuva. Pode apostar qualquer moeda que ainda tenha que Comar não vai ficar debaixo dela.

Mat sacudiu a cabeça. *Uma estalagem minúscula com uma dúzia de quartos.* Antes de deixar Campo de Emond, o maior prédio que ele já vira era a estalagem Fonte de Vinho, e duvidava de que Bran al'Vere tivesse mais que uma dúzia de quartos para alugar. Egwene morava com os pais e as irmãs nos quartos da frente do segundo andar. *Que me queime, às vezes acho que nenhum de nós deveria ter deixado Campo de Emond.* Mas Rand sem dúvida tinha que ter partido, e Egwene decerto teria morrido se tão tivesse ido para Tar Valon. *E agora ela pode morrer por ter ido.* Ele não acreditava que conseguiria viver na fazenda outra vez, as vacas e ovelhas sem dúvidas não jogariam dados. Porém, Perrin ainda tinha alguma chance de voltar para casa. *Vá para casa, Perrin,* se pegou pensando. *Vá para casa enquanto ainda pode.* Ele se recompôs. *Idiota! Por que ele iria querer isso?* Pensou em deitar-se na cama, mas afastou o pensamento. *Ainda não.*

Relâmpagos cruzaram o céu. Três raios cortantes dispararam ao mesmo tempo, lançando a luz forte em uma casa estreita que parecia ter um monte de ervas penduradas nas janelas, ao lado de uma loja bem fechada, que pela placa com desenhos de tigelas e pratos pertencia a um oleiro. Bocejando, ele encolheu os ombros debaixo da chuva que caía e tentou puxar as botas da lama grudenta com mais rapidez.

— Acho que posso deixar essa parte da cidade de lado, Thom — gritou. — Toda essa lama e esse cheiro de peixe. Dá para pensar que Nynaeve, Egwene ou, imagine só, Elayne escolheriam ficar por aqui? As mulheres gostam das coisas limpinhas e organizadas, Thom, além de bem cheirosas.

— Pode ser, garoto — resmungou o menestrel, depois tossiu. — Você ficaria surpreso com o que as mulheres são capazes de aguentar. Mas pode ser.

Segurando o manto para manter o rolo de fogos de artifício coberto, Mat apertou o passo.

— Ande, Thom. Quero encontrar Comar ou as garotas ainda hoje à noite. Ou ele ou elas.

O menestrel mancava atrás dele, tossindo de vez em quando.

Eles atravessaram os largos portões da cidade, que estavam sem guardas, por causa da chuva, e Mat ficou aliviado em sentir o chão pavimentado outra vez sob os pés. Havia uma estalagem a não mais de cinquenta passos. As janelas do salão iluminavam o meio da rua, e a música que vinha de dentro podia ser ouvida na noite lá fora. Até Thom percorreu mais depressa os últimos cinquenta passos sob a chuva, manco ou não.

A Lua Crescente tinha um senhorio cujo tamanho da cintura fazia o longo casaco azul ficar tão justo acima quanto abaixo do quadril, ao contrário da maioria dos homens ocupando as cadeiras de encosto baixo. Mat pensou que as calças largas do senhorio, amarradas nos tornozelos sobre os sapatos baixos, deviam ser grandes o suficiente para caber dois homens comuns, um em cada perna. As garçonetes usavam vestidos escuros de gola alta e aventais curtos e brancos. Havia um sujeito tocando um saltério entre as duas lareiras de pedra. Thom analisou o homem com um olhar crítico e sacudiu a cabeça.

O rotundo estalajadeiro, que atendia por Cavan Lopar, ficou mais que satisfeito em alugar os quartos. Ele franziu a testa para as botas enlameadas, mas a prata do bolso de Mat — o ouro estava começando a acabar — e o manto coberto de retalhos de Thom suavizaram a expressão na testa gorda do sujeito. Quando Thom disse que poderia se apresentar algumas noites por uma pequena quantia, os queixos de Lopar chacoalharam de prazer. Não sabia nada sobre um homem forte com uma mecha branca na barba, nem sobre três mulheres com descrições similares às que Mat fornecera. O rapaz deixou todos os pertences no quarto, exceto o manto e o bastão, mal notando que havia uma cama — dormir era tentador, mas ele não podia se permitir pensar naquilo. Depois engoliu um cozido de peixe picante e correu de volta para a chuva. Para sua surpresa, Thom foi junto.

— Achei que quisesse ficar no seco, Thom.

O menestrel deu um tapinha no estojo da flauta que ainda levava sob o manto. O restante das coisas estava no quarto.

— As pessoas falam com os menestréis, garoto. Posso descobrir alguma coisa que você não consiga. Quero proteger essas garotas tanto quanto você.

Havia outra estalagem a cerca de cem passos de distância, do lado oposto da rua encharcada de chuva, outras duas um pouco mais além, e depois mais outras. Mat entrava em todas que encontrava. Escondia-se por

tempo suficiente para Thom fazer um floreio no manto e contar uma história, e depois o menestrel deixava alguém lhe pagar uma caneca de vinho enquanto Mat percorria o lugar, perguntando por três mulheres e um sujeito alto com uma mecha branca na barba preta e curta. Ele ganhou algumas moedas nos dados, mas não conseguiu descobrir nada, e tampouco Thom. Estava satisfeito em ver que o menestrel tomava apenas alguns golinhos de vinho em cada estalagem. O homem passara a viagem quase abstêmio, mas Mat não tinha certeza de que ele não afundaria no vinho outra vez quando chegasse a Tear. Depois de visitarem duas dezenas de salões, Mat começou a sentir as pálpebras pesarem. A chuva diminuíra um pouco, mas ainda caía firme e em pingos gordos, refrescando o vento. O cinza-escuro do céu anunciava a alvorada que se aproximava.

— Garoto — murmurou Thom —, se não voltarmos à Lua Crescente, vou dormir aqui mesmo, na chuva. — Ele parou para tossir. — Você percebeu que passou direto por três estalagens? Luz, estou tão cansado que não consigo pensar. Você tem algum plano para saber em que lugares entrar e não me contou?

Mat passou os olhos sonolentos por um homem alto que corria por uma esquina da rua, vestindo uma capa. *Luz, estou* mesmo *cansado. Rand está a quinhentas léguas daqui, brincando de ser o maldito Dragão.*

— O quê? Três estalagens? — Eles estavam parados quase diante de outra, O Copo de Ouro, segundo a placa que rangia ao vento. Não parecia em nada com um copo de dados, mas decidiu tentar mesmo assim. — Só mais uma, Thom. Se não encontrarmos ninguém aqui, voltamos e vamos pra cama. — A cama soava melhor do que um jogo de dados com uma aposta de cem marcos de ouro, mas ele se forçou a entrar.

Depois de dois passos para dentro do salão, Mat o avistou. O homem grande usava um casaco verde com listras azuis nas mangas bufantes, mas ainda assim era Comar, a barba preta cortada rente, a mecha branca acima do queixo e tudo o mais. Estava sentado em uma das estranhas cadeiras de encosto baixo diante de uma mesa no canto oposto do salão, sacudindo um copo de dados de couro e sorrindo para o homem à frente. O sujeito usava um longo casaco e calças largas e não estava sorrindo. Olhava as moedas na mesa como se desejasse tê-las de volta em sua bolsa. Outro copo de dados jazia ao lado do cotovelo de Comar.

Este suspendeu o copo na mão e começou a rir um instante antes de os dados pararem de girar.

— Quem é o próximo? — gritou, puxando o dinheiro da aposta para seu lado da mesa. Já havia uma pilha de prata considerável, ao seu lado. Ele meteu os dados no copo e começou a sacudi-los. — Tem mais alguém querendo testar a sorte? — Parecia não haver ninguém, mas ele continuava sacudindo o copo e gargalhando.

Foi fácil distinguir o estalajadeiro, embora eles não usassem aventais em Tear. O casaco era do mesmo tom de azul-escuro usado por todos os outros estalajadeiros com quem Mat falara. Era roliço, mas tinha pouco mais da metade da altura de Lopar e metade do número de queixos. O homem estava sentado sozinho a uma mesa, polindo uma caneca de peltre com movimentos ríspidos e encarando Comar do outro lado do salão, embora desviasse os olhos quando o andoriano olhava de volta. Alguns dos outros homens também olhavam de soslaio, carrancudos, para o sujeito de barba rajada. Mas não quando ele estava olhando.

Mat refreou o primeiro ímpeto, que foi o de correr até Comar, dar uma surra na cabeça do homem com o bastão e exigir saber o paradeiro de Egwene e das outras. Algo estava errado ali. Comar era o primeiro homem que ele via portando uma espada, mas a forma como os outros o encaravam indicava mais do que o medo de um espadachim. Até a garçonete que levou vinho para o homem — e recebeu um beliscão na bunda, em agradecimento — soltou uma risada nervosa.

Analise a coisa de todos os ângulos, pensou Mat, exausto. *Metade dos problemas que eu arrumo é por não fazer isso. Preciso pensar.* O cansaço parecia ter estufado sua cabeça com fios de lã. Ele fez um gesto para Thom, e os dois foram andando até o estalajadeiro, que os encarou, desconfiado, quando os dois se sentaram.

— Quem é o homem com a mecha na barba? — perguntou Mat.

— Não são da cidade, não é? — retrucou o estalajadeiro. — Ele também é estrangeiro. Nunca tinha visto o sujeito até hoje à noite, mas sei o que ele é. Um forasteiro que veio para cá e fez uma fortuna com comércio. Um mercador rico o bastante para usar uma espada. Isso não é motivo para ele tratar a gente desse jeito.

— Se nunca viu o homem antes — perguntou Mat —, como é que sabe que ele é um mercador?

O estalajadeiro o encarou como se ele fosse burro.

— Pelo casaco, camarada, e pela espada. Ele não pode ser um lorde ou um soldado, se for de fora da cidade, então só pode ser um mercador rico. — O homem sacudiu a cabeça diante da estupidez dos estrangeiros. — Eles vêm para os nossos lados, nos olham de cima e alisam nossas mulheres bem debaixo dos nossos narizes, mas esse aí não tem o direito de fazer nada disso. Se eu vou ao Maule, não fico apostando contra as moedas de algum pescador. Se for ao Tavar, não vou apostar nos dados com os fazendeiros que vendem as colheitas. — Ele começou a polir o peltre com ainda mais violência. — Que sorte tem esse homem. Deve ter feito a fortuna assim.

— Ele ganha, é? — Bocejando, Mat se perguntou como se sairia jogando dados com outro homem de sorte.

— Às vezes ele perde — resmungou o estalajadeiro —, quando a aposta é de alguns poucos pennies de prata. Às vezes. Mas deixe só a aposta chegar a um marco… Não foi menos de dez vezes que vi esse homem ganhar nas Coroas com três coroas e duas rosas. E mais ainda no Topo, como foram três seis e dois cincos. No Três, ele não lança nada menos que seis, e saem três seis e um cinco a cada lance no Compasso. Se tiver toda essa sorte, bom para ele, que a Luz brilhe sobre ele, mas que vá usar com outros mercadores, como é direito. Como é que um homem pode ter uma sorte dessas?

— Dados viciados — disse Thom, depois deu uma tossida. — Quando ele quer ter a certeza da vitória, usa dados que sempre mostram a mesma face. O homem é esperto o bastante para não tirar o maior lance, pois o povo começa a desconfiar quando alguém só tira o rei. — Ele ergueu uma sobrancelha para Mat. — Ele tira um resultado quase impossível de se vencer, mas isso não pode mudar o fato de que sempre mostram a mesma face.

— Já ouvi falar disso — respondeu o estalajadeiro, devagar. — Os illianenses fazem isso, pelo que ouvi. — O homem sacudiu a cabeça. — Mas eles dois estão usando o mesmo copo e os mesmos dados. Não pode ser.

— Traga aqui dois copos de dados — pediu Thom — e dois conjuntos de dados. Coroas ou pontos, não faz diferença, contanto que sejam iguais.

O estalajadeiro franziu o rosto, mas se afastou — cautelosamente levando consigo a caneca de peltre — e retornou com dois copos de couro. Thom despejou os cinco cubos de osso de um dos copos na mesa, diante de Mat. Fossem de pontos ou símbolos, todos os conjuntos de dados que Mat já

vira eram feitos de osso ou madeira. Aqueles tinham pontos. Ele ergueu os dados, encarando o menestrel com uma carranca.

— Eu deveria estar enxergando alguma coisa?

Thom despejou os dados do outro copo na própria mão. Depois, em um movimento ligeiro e difícil de acompanhar, jogou-os de volta para dentro e apoiou o copo de cabeça para baixo na mesa, antes que os dados caíssem. Manteve a mão em cima do copo.

— Faça uma marca em cada um deles, garoto. Algo sutil, mas que você seja capaz de reconhecer.

Mat percebeu que trocava olhares intrigados com o estalajadeiro. Então os dois olharam o copo virado sob a mão do amigo. Ele sabia que Thom aprontaria algum truque, menestréis estavam sempre fazendo coisas impossíveis, como engolir fogo e puxar panos de seda do ar, mas não via como aquilo seria possível, se estava observando tão de perto. Desembainhou a faca de cintura e fez um pequeno arranhão em cada um dos dados, bem ao lado do círculo de seis pontos.

— Está bem — disse, devolvendo os dados à mesa. — Mostre o seu truque.

Thom estendeu a mão, apanhou os dados e os colocou na mesa outra vez, a um pé de distância.

— Procure as marcas, garoto.

Mat franziu a testa. A mão de Thom ainda estava no copo de couro de cabeça para baixo, o menestrel não o movimentara, nem levara os dados de Mat para perto dele. O rapaz pegou os dados… e piscou. Não havia qualquer marca neles. O estalajadeiro ofegou.

Thom virou a palma da mão livre, revelando cinco dados.

— Suas marcas estão nestes aqui. É isso que Comar está fazendo. É um truque infantil, muito simples, mas não imaginei que ele tivesse mãos tão leves.

— Acho que não quero mais jogar dados com você — comentou Mat, devagar. O estalajadeiro olhava os dados, mas não parecia ver uma solução. — Chame a Guarda, ou seja lá o nome que vocês dão aqui — sugeriu Mat. — Mande prendê-lo. — *Em uma cela de prisão, ele não vai conseguir matar ninguém. Mas e se elas já estiverem mortas?* Tentou não dar atenção àquilo, mas o pensamento persistia. *Então eu mato ele e Gaebril também, custe o que custar! Mas elas não estão, que me queime! Não podem estar!*

O estalajadeiro sacudia a cabeça.

— Eu? Eu, denunciar um mercador aos Defensores? Eles nem olhariam os dados dele. Bastaria uma palavra dele, e eu seria acorrentado para trabalhar com as dragas dos canais nas Garras do Dragão. Ele poderia me retalhar aqui mesmo, e os Defensores diriam que fiz por merecer. Pode ser que ele vá embora em breve.

Mat fez uma careta irônica.

— Se eu expuser o homem, será que basta? O senhor chama a Guarda, ou os Defensores, ou quem quer que seja?

— Você não entende. Você é estrangeiro. Mesmo que seja de fora, ele é um homem rico e importante.

— Espere aí — disse Mat, olhando para Thom. — Não vou deixar que ele alcance Egwene e as outras, custe o que custar. — Ele bocejou enquanto puxava a cadeira para trás.

— Espere, garoto — chamou Thom, com a voz baixa e premente. O menestrel se levantou da cadeira. — Que o queime, você não sabe em que está se metendo!

Mat acenou para que Thom ficasse e caminhou até Comar. Ninguém mais aceitara o desafio do homem barbado, e ele olhou com interesse quando o rapaz de Dois Rios apoiou o bastão na mesa e se sentou.

Comar analisou o casaco de Mat e abriu um sorriso asqueroso.

— Que apostar cobres, fazendeiro? Não perco meu tempo com… — Ele parou de falar quando Mat pôs uma coroa de ouro andoriana na mesa e bocejou, sem se esforçar para cobrir a boca. — Você fala pouco, fazendeiro, e poderia melhorar um pouco os modos, mas o ouro fala por si mesmo e não precisa demonstrar boas maneiras. — Ele sacudiu o copo de couro em sua mão e despejou os dados. Soltou risadinhas antes mesmo de os cubos de osso pararem, mostrando três coroas e duas rosas. — Não vai bater isso, fazendeiro. Será que tem mais algum ouro escondido nesses trapos que esteja disposto a perder? O que foi que você fez? Roubou seu mestre?

Ele estendeu o braço para recolher os dados, mas Mat os apanhou antes. Comar cravou os olhos nele, mas deixou-o ficar com o copo. Se os lances fossem iguais, jogariam outras rodadas até que um dos dois ganhasse. Mat sorria enquanto sacudia o copo. Não pretendia dar a Comar a chance de trocá-los. Se ambos jogassem os mesmos lances três ou quatro vezes seguidas — exatamente os mesmos, todas as vezes —, até mesmo os

Defensores dariam ouvidos às reclamações. O salão inteiro veria, todos teriam que testemunhar a seu favor.

Ele jogou os dados na mesa. Quicaram de modo estranho. Ele sentiu algo… se remexer. Foi como se sua sorte estivesse enlouquecendo. O salão parecia se contorcer ao redor dele, repuxando os dados com fios. Por algum motivo, quis olhar para a porta, mas manteve os olhos nos dados. Eles pararam. Cinco coroas. Os olhos de Comar pareciam prestes a saltar das órbitas.

— Você perdeu — murmurou Mat. Se a sorte chegara a tal ponto, talvez fosse hora de forçar um pouco mais. Uma vozinha em sua cabeça o mandava pensar, mas ele estava cansado demais para escutar. — Acho que sua sorte está esgotada, Comar. Se você fez algum mal àquelas garotas, está tudo acabado.

— Mas eu nem encontrei… — começou a responder Comar, ainda encarando os dados, depois levantou a cabeça depressa. Estava pálido. — Como é que você sabe o meu nome?

Ele ainda não as encontrara. *Sorte, doce sorte, fique comigo.*

— Volte para Caemlyn, Comar. Diga a Gaebril que não conseguiu encontrar as garotas. Diga que estão mortas. Diga qualquer coisa, mas saia de Tear hoje à noite. Se eu o vir outra vez, mato você.

— Quem é você? — perguntou o homem corpulento, inseguro. — Quem… — No instante seguinte ele estava de pé, a espada desembainhada.

Mat empurrou a mesa para cima do homem, virando-a, e agarrou o bastão. Esquecera como Comar era grande. O homem barbado empurrou a mesa de volta para cima dele. Mat caiu com a cadeira, agarrado ao bastão, enquanto o sujeito atirava a mesa longe e avançava para golpeá-lo. Mat empurrou os pés contra o tronco do sujeito, para impedir que ele avançasse, e girou o bastão meio sem jeito, apenas para desviar a espada. Mas o golpe fez o bastão voar de suas mãos, e o rapaz se viu segurando o punho de Comar, a lâmina da espada a um palmo de seu rosto. Com um grunhido, ele rolou para trás e fazendo o máximo de força que pôde com as pernas, para arremessá-lo. O homem arregalou os olhos enquanto era arremessado por cima de Mat e desabava em uma mesa, de cara para cima. O rapaz de Dois Rios arrastou-se até o bastão, mas, quando o alcançou, Comar já não se movia.

O grandalhão jazia com os quadris e as pernas esparramados na mesa e o restante do corpo caído para baixo, a cabeça no chão. Os homens que estavam sentados à mesa tinham levantado, eles apertavam as mãos e se entreolhavam, nervosos, a uma distância segura. Um burburinho baixo e aflito preencheu o salão. Não era o som que Mat esperava.

A espada de Comar jazia a curta distância de sua mão. No entanto, o homem não se movia. Ele observou enquanto Mat chutava a espada para longe e se ajoelhava ao lado dele. *Luz! Acho que a coluna dele está quebrada!*

— Eu avisei que era melhor você ir, Comar. Sua sorte acabou.

— Idiota — sussurrou o grandalhão. — Você… acha… que eu… era o único… atrás delas? Elas não… vão… viver até… — Os olhos encaravam Mat, e a boca estava aberta, mas o homem não disse mais uma palavra. E não diria nunca mais.

Mat encarou o olhar vítreo do homem morto, tentando arrancar mais palavras dele com a força do pensamento. *Quem mais, que o queime? Quem? Onde estão? Minha sorte. Que me queime, o que aconteceu com a minha sorte?* Ele percebeu que o estalajadeiro puxava seu braço freneticamente.

— Você precisa ir. Tem que ir. Antes que os Defensores cheguem. Vou mostrar os dados a eles. Vou contar que foi um forasteiro, um homem alto, de cabelos vermelhos e olhos cinzentos. Ninguém vai sofrer. Um homem com quem sonhei ontem à noite. Ninguém real. Ninguém vai me contradizer. Ele ganhou o dinheiro de todo mundo com os dados. Mas você precisa ir. Precisa! — Todos no salão pareciam olhar para o outro lado.

Mat foi puxado para longe do homem morto e levado para fora. Thom já o aguardava sob a chuva. Ele agarrou o braço do garoto e saiu mancando apressado pela rua, arrastando um Mat cambaleante. O capuz do rapaz pendia nas costas, a chuva ensopava seus cabelos e escorria por seu rosto e pescoço, mas ele nem reparava. O menestrel continuava olhando por cima do ombro, examinando a rua atrás deles.

— Está quase dormindo, garoto? Não parecia com sono lá dentro. Vamos, garoto. Os Defensores vão prender todos os estrangeiros que estiverem num raio de duas ruas, não importa como o estalajadeiro descreva o homem.

— É a sorte — murmurou Mat. — Eu descobri tudo. Os dados. Minha sorte funciona melhor quando as coisas são… aleatórias. Que nem os dados. Não funciona muito com as cartas. É péssima com as pedras. Muito padrão. Tem que ser aleatório. Até mesmo encontrar Comar. Eu fui visitando todas as estalagens. E entrei numa por acaso. Thom, se eu quiser encontrar Egwene e as outras a tempo, preciso procurar sem nenhum padrão.

— Do que é que você está falando? O homem está morto. Se ele já tiver matado as três… bem, você as vingou. Se ele não tiver, você as salvou. Agora será que dá para andar mais depressa, maldição? Os Defensores não vão demorar a chegar, e não vão ser tão gentis como a Guarda da Rainha.

Mat se desvencilhou de Thom e apressou o passo, cambaleante, arrastando o bastão.

— Ele deixou escapar que ainda não tinha encontrado elas. Mas disse que não era o único. Thom, eu acredito nele. Olhei dentro dos olhos dele, e ele estava falando a verdade. Ainda preciso encontrá-las, Thom. E agora não sei nem quem está atrás delas. Preciso encontrá-las.

Sufocando um enorme bocejo com a mão, Thom puxou o capuz de Mat para protegê-lo da chuva.

— Hoje não, garoto. Preciso dormir, e você também.

Molhado. Meu cabelo está pingando no rosto. Sua mente estava confusa. Depois de um instante, percebeu que precisava dormir. E notou o quanto estava cansado apenas por precisar pensar para chegar a essa conclusão.

— Está bem, Thom. Mas vou voltar a procurar assim que o dia clarear. — Thom assentiu e tossiu, e os dois avançaram pela chuva de volta à Lua Crescente.

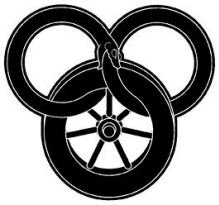
A aurora não demorou a chegar, mas Mat pulou da cama, e ele e Thom partiram para tentar vasculhar todas as estalagens no interior dos muros de Tear. Mat foi se deixando vagar para onde sua vontade e cada esquina o levassem, sem procurar por algum lugar específico e jogando uma moeda para decidir onde entrar. Por três dias e noites ele fez isso, e por três dias e noites a chuva caiu sem parar, às vezes trovejante, às vezes silenciosa, mas sempre jorrando.

A tosse de Thom piorou, e ele precisou parar de tocar flauta e contar histórias, e não carregaria a harpa por aí, com daquele tempo. No entanto, o homem insistia em ir junto, e as pessoas ainda conversavam com um

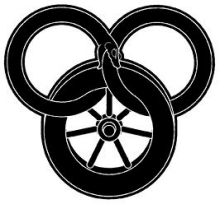
menestrel. A sorte de Mat nos dados parecia ainda melhor depois que ele começara a perambular a esmo, embora jamais permanecesse na mesma taverna ou estalagem mais do que o tempo suficiente para ganhar algumas moedas. Nenhum dos dois ouviu qualquer coisa útil. Rumores de guerra com Illian. Rumores de invasão a Mayene. Rumores de invasão andoriana, o Povo do Mar encerrando os negócios, os exércitos de Artur Asa-de-gavião retornando dos mortos. Rumores de que o Dragão estava vindo. Os homens com quem Mat jogava eram pessimistas em relação a todos os boatos, parecia que procuravam os mais sombrios que pudessem encontrar e acreditavam em um pouco de cada um. Ele, no entanto, não ouviu sequer um sussurro que pudesse levá-lo a Egwene e às outras. Nenhum estalajadeiro vira qualquer mulher cujas descrições batessem com as delas.

Ele começou a ter pesadelos, sem dúvida causados pela preocupação. Egwene, Nynaeve e Elayne, além de um sujeito de cabelo brancos e bem curtos que usava um casaco de mangas bufantes e listradas como o de Comar. O homem gargalhava enquanto tecia uma teia ao redor delas. Só que algumas vezes era para Moiraine que o homem preparava a armadilha. Em outras, segurava uma espada de cristal no lugar da teia, uma espada que reluzia como o sol assim que ele a tocava. Ainda outras vezes, era Rand quem erguia a espada. Por alguma razão, ele sonhava bastante com Rand.

Mat tinha certeza de que tudo aquilo era porque ele não estava dormindo o suficiente, nem comendo, e mesmo assim não parava para comer quando se lembrava disso. Tinha uma aposta para ganhar, dizia a si mesmo, e pretendia conseguir, nem que lhe custasse a própria vida.



CAPÍTULO 50



O Martelo

O sol da tarde estava inclemente quando a barca atracou em Tear. Poças haviam se formado nas pedras fumegantes do cais, e Perrin sentia que o lugar era quase tão abafado quanto Illian. O ar cheirava a piche, madeira e corda — dava para ver estaleiros mais ao sul ao longo do rio —, a especiarias, ferro e cevada, a perfumes, vinhos e uma centena de aromas diferentes que ele não conseguia distinguir naquela miscelânea, a maioria vinda dos armazéns atrás das docas. Quando o vento trouxe uma corrente passageira do norte, Perrin também sentiu odores de peixe, que desapareceram assim que o vento virou outra vez. Nenhum cheiro de coisa para caçar. Sua mente tentou alcançar os lobos antes mesmo que ele percebesse o que estava fazendo e fechasse a guarda. Fizera isso com muita frequência, ultimamente. Não havia lobo algum, é claro. Não em uma cidade como aquela. Ele desejou não estar se sentindo tão… sozinho.

Assim que a rampa foi baixada na extremidade da barca, Perrin conduziu Galope até o píer, atrás de Moiraine e Lan. O imenso contorno da Pedra de Tear se erguia à esquerda deles, sombreado, parecendo mais uma montanha escura, apesar do grande estandarte no topo. Ele não queria olhar para a Pedra, mas parecia impossível vislumbrar a cidade sem vê-la. *Será que ele já está aqui? Luz, se ele tiver tentado entrar* naquilo ali, *pode já estar morto.* Então teria sido tudo em vão.

— O que viemos encontrar aqui? — perguntou Zarine, atrás dele. Ela não havia parado de fazer perguntas, parara apenas de fazê-las à Aes Sedai

ou ao Guardião. — Em Illian encontramos os Homens Cinza e a Caçada Selvagem. O que é que tem aqui em Tear… que alguém quer tanto impedir vocês de encontrar?

Perrin olhou em volta. Nenhum dos doqueiros que passavam transportando cargas pareceu ter ouvido. Tinha certeza de que sentiria cheiro de medo, caso alguém os escutasse. Engoliu a resposta afiada que estava na ponta da língua. A dela era mais rápida, e mais afiada.

— Gostaria que você não estivesse tão ansiosa — retumbou a voz de Loial. — Parece pensar que aqui vai ser tudo tão fácil quanto em Illian, Faile.

— Fácil? — resmungou Zarine. — Fácil! Loial, quase fomos mortos duas vezes na mesma noite. Illian já era suficiente para uma canção de Caçador. Por que acha que foi fácil?

Perrin fez uma careta. Preferiria que Loial não tivesse decidido chamar Zarine pelo nome que ela escolhera; era um lembrete constante de que Moiraine pensava que a mulher era o falcão de Min. E fazia Perrin ficar se perguntando se ela também seria a bela mulher com quem Min o avisara para tomar cuidado. *Pelo menos eu não topei com o gavião. Ou com um Tuatha'an carregando uma espada! Se essa não foi a visão mais estranha, então sou um mercador de lã!*

— Pare de fazer perguntas, Zarine — disse ele, montando em Galope. — Você vai saber por que estamos aqui quando Moiraine decidir contar. — Ele tentou não olhar para a Pedra.

Ela virou os olhos escuros e oblíquos para ele.

— Acho que você não sabe o motivo, ferreiro. Acho que é por isso que não quer me contar, porque não sabe. Admita, fazendeiro.

Com um pequeno suspiro, ele cavalgou para longe do desembarcadouro atrás de Moiraine e Lan. Zarine não retrucava com tanta ferocidade quando o Ogier se recusava a responder alguma de suas perguntas. Ele achou que ela estava tentando intimidá-lo para que ele passasse a usar aquele nome. Não adiantaria.

Moiraine amarrara o manto impermeável atrás da sela, por cima da trouxa aparentemente inofensiva que continha o estandarte do Dragão. Apesar do calor, ela usava o manto de linho azul de Illian. O capuz largo encobria sua face, e o anel da Grande Serpente estava preso em um cordão em volta do pescoço. Tear, dissera ela, não proibia a presença de Aes Sedai,

apenas a canalização, mas os Defensores da Pedra vigiavam de perto qualquer mulher que usasse o anel. Ela não queria ser vigiada na visita a Tear.

Lan enfiara o manto que mudava de cor nos alforjes dois dias antes, quando ficara claro que quem quer que enviara os Cães das Trevas — *Sammael*, lembrou Perrin, sentindo um arrepio, e tentou não pensar mais naquele nome —, quem quer que tivesse sido, não mandara mais nenhum no encalço deles. O Guardião não fizera concessões ao calor de Illian, e também não fez nenhuma ao calor um pouco mais brando de Tear. O casaco verde-acinzentado estava abotoado até a gola.

Perrin usava o casaco meio desabotoado e o colarinho da camisa aberto. Tear podia até ser um pouco mais fresca do que Illian, mas ainda era quente como o verão de Dois Rios, e, como sempre acontecia após a chuva, a umidade do ar fazia o calor piorar ainda mais. O cinturão em que ele prendia o machado estava pendurado e enrolado no cepilho alto da sela. Assim, ficava à mão caso fosse preciso, e ele se sentia melhor sem usá-lo.

Nas primeiras ruas por onde passaram, ele se surpreendeu com a lama. Apenas as aldeias e cidades menores tinham ruas de terra, pelo que vira, e Tear era uma das grandes cidades. O povo, no entanto, não parecia ligar, e muitos caminhavam descalços. Uma mulher que andava em pequenas plataformas de madeira chamou sua atenção por um tempo, e ele se perguntou por que todos não as usavam. As calças largas dos homens pareciam mais frescas do que as dele, mais justas, porém Perrin tinha certeza de que se sentiria um idiota se as usasse. Imaginou-se vestido naquelas calças e com um daqueles chapéus redondos de palha, e deu uma risadinha.

— Qual é a graça, Perrin? — perguntou Loial. Suas orelhas caíram até os tufos se esconderem entre os cabelos, e ele olhava preocupado para as pessoas na rua. — Essa gente parece… derrotada, Perrin. Não estavam assim da última vez que eu vim aqui. Nem mesmo um povo que permite que cortem os bosques merece um semblante desses.

Quando Perrin começou a analisar os rostos em vez de apenas observar o cenário como um todo, viu que Loial estava certo. Algo desaparecera em muitos daqueles rostos. Esperança, talvez. Curiosidade. Eles mal olhavam o grupo que passava, exceto para sair do caminho dos cavalos. O Ogier, montado em um animal do tamanho de um cavalo de tração, recebia o mesmo olhar de indiferença que Lan ou Perrin.

As ruas se tornaram amplas e pavimentadas depois que eles ultrapassaram os portões da muralha da cidade, alta e cinzenta, passando pelos olhos escuros e severos dos soldados vestidos com placas peitorais por cima dos casacos vermelhos de mangas largas que terminavam em punhos estreitos e brancos, além de elmos redondos com abas e uma saliência no topo. Em vez das calças folgadas que os outros homens vestiam, as deles eram justas e ficavam enfiadas dentro das botas que iam até os joelhos. Os soldados franziram as testas para a espada de Lan, tocando as próprias, e lançaram olhares penetrantes para o machado e o arco de Perrin; apesar das testas franzidas e dos olhares enviesados, ainda havia certa derrota nas expressões deles também, como se mais nada continuasse a realmente valer o esforço.

As construções eram maiores e mais altas do lado de dentro dos muros, embora a maioria não fosse muito diferente das do lado de fora. Perrin achou os telhados um tanto estranhos, especialmente os mais pontudos, porém já vira tantos telhados diferentes desde que saíra de casa que apenas se perguntou que tipo de pregos teriam sido usados naquelas telhas. Em alguns lugares, nem mesmo usavam pregos nas telhas.

Palácios e grandes construções se elevavam entre casas menores e mais simples, dispostos de forma caótica. Uma estrutura de torres com domos brancos e quadrados, rodeada por ruas largas, poderia muito bem ser cercada de lojas, estalagens e casas. Um imenso saguão, cuja frente era ornamentada por colunas quadradas de mármore, cada uma com quatro passos de lado, e onde cinquenta degraus levavam a portas de bronze de cinco braças de altura, ficava entre uma padaria e uma alfaiataria.

Mais homens naquela área usavam casacos e calças como os dos soldados, embora de cores mais vibrantes e sem as armaduras, e alguns até portavam espadas. Ninguém andava descalço, nem mesmo os que usavam as calças largas. Os vestidos das mulheres eram, na maioria das vezes, mais longos, com decotes que exibiam os ombros nus, por vezes os colos, e eram feitos tanto de seda quanto de lã. O Povo do Mar vendia muita lã em Tear. Liteiras e carruagens levadas por grupos de cavalos deslocavam-se pelas ruas, junto com carroças e carros de boi. Ainda assim, muitos dos rostos tinham aquela mesma expressão abatida.

A estalagem que Lan escolhera, a Estrela, ficava entre a loja de um tecelão e uma ferraria, com vielas estreitas entre elas. A ferraria era de

pedra nua cinza, e a loja do tecelão e a estalagem, de madeira, mas a Estrela tinha quatro andares e pequenas janelas até no teto. O ressoar dos teares competia com dificuldade contra o clangor do martelo do ferreiro. Eles entregaram os cavalos aos cavalariços para serem levados até os fundos e adentraram a estalagem. Aromas de peixe, pão e talvez cozido vinham da cozinha, além do cheiro de carneiro assado. Todos os homens no salão da estalagem usavam casacos justos e calças largas. Perrin achou que homens mais ricos — de alguma forma, tinha certeza de que os homens de casacos coloridos com mangas bufantes e as mulheres de ombros desnudos em seda brilhante eram todos ricos ou nobres — não tolerariam o barulho. Talvez fosse por esse motivo que Lan escolhera aquele lugar.

— Como é que vamos conseguir dormir com essa algazarra? — resmungou Zarine.

— Sem perguntas? — retrucou ele, com um sorriso. Por um instante, achou que ela lhe mostraria a língua.

O estalajadeiro era um homem meio calvo de rosto redondo, e usava um comprido casaco azul-escuro e as tais calças folgadas. Ele se curvou em uma mesura, comprimindo as mãos sobre a grande barriga. Seu rosto tinha aquela mesma aparência, uma resignação abatida.

— Que a Luz brilhe sobre as senhoras, e sejam bem-vindas. — O homem suspirou. — Que a Luz brilhe sobre os senhores, mestres, e sejam bem-vindos. — O homem levou um leve susto com os olhos amarelos de Perrin, depois, exausto, dirigiu a atenção a Loial. — Que a Luz brilhe sobre você, amigo Ogier, e seja bem-vindo. Faz um ano ou mais desde que eu vi um de vocês aqui em Tear. Um trabalho ou outro na Pedra. Eles ficaram hospedados na Pedra, é claro, mas eu os vi na rua um dia. — A fala foi concluída com outro suspiro, o homem parecia incapaz de reunir curiosidade o bastante para questionar a presença de mais um Ogier em Tear, ou mesmo a presença de qualquer um dos outros.

Foi o próprio homem calvo, cujo nome era Jurah Haret, que mostrou os quartos ao grupo. Ao que parecia, o vestido de seda de Moiraine e a forma como ela escondia o rosto, somados à expressão dura e à espada de Lan, faziam dos dois uma lady e seu guarda, aos olhos do homem, portanto eram dignos de sua atenção pessoal. Ele obviamente pensou que Perrin fosse algum tipo de criado, e ficou clara a sua dúvida quanto a Zarine — para o visível descontentamento da moça. Loial, por sua vez, era um Ogier, afinal

de contas. Ele chamou alguns homens para juntar duas camas para Loial e ofereceu um salão privado para as refeições de Moiraine, se ela desejasse. Ela aceitou com muita graça.

O grupo subiu junto para os andares superiores em uma pequena procissão, até que Haret foi embora com mesuras e suspiros, deixando-os do lado de fora do quarto de Moiraine, onde haviam começado. As paredes eram de massa branca, e a cabeça de Loial encostava no teto do corredor.

— Sujeito odioso — resmungou Zarine, batendo a terra das saias justas com ambas as mãos, irritada. — Acho que ele pensou que eu fosse sua criada, Aes Sedai. Não vou tolerar isso!

— Cuidado com essa língua — avisou Lan, em voz baixa. — Se usar esse nome perto dos ouvidos dos outros, vai se arrepender, garota. — Ela o encarou como se fosse começar uma discussão, mas os olhos frios e azuis do Guardião conseguiram silenciá-la daquela vez, ainda que não tivessem amansado o olhar que ela deu em resposta.

Moiraine ignorou os dois. Olhando para o nada, alisava o manto com as mãos, quase como se as estivesse limpando. Na opinião de Perrin, ela não tinha se dado conta do que estava fazendo.

— Como é que vamos encontrar Rand? — perguntou, mas ela não pareceu ouvi-lo. — Moiraine?

— Não se afastem da estalagem — avisou, depois de um instante. — Tear pode ser uma cidade perigosa para os que não sabem como as coisas acontecem por aqui. O Padrão pode se romper, neste lugar. — A última frase saiu baixa, como se para si mesma. Com uma voz estranha, ela continuou: — Lan, vamos ver o que conseguimos descobrir sem atrair a atenção. E vocês fiquem perto da estalagem!

— "Fiquem perto da estalagem" — imitou Zarine, quando a Aes Sedai e o Guardião desapareceram escada abaixo. Mas ainda assim falou, baixinho, para que os dois não ouvissem. — Esse Rand. É ele que vocês chamam de… — Se ela virasse um falcão naquele instante, pareceria um falcão muito incomodado. — E estamos em Tear, onde o Coração da Pedra guarda… e as Profecias dizem… Que a Luz me queime, *ta'veren*, será que eu quero participar dessa história?

— Não é uma história, Zarine. — Por um instante, Perrin soou quase tão abatido quanto o estalajadeiro. — A Roda nos tece dentro do Padrão. Você escolheu unir sua trama à nossa, agora é tarde demais para desfazer.

— Luz! — resmungou a mulher. — Você falou igualzinho a *ela*!

Ele a deixou lá com Loial e foi guardar suas coisas no quarto, onde havia uma cama baixa e confortável, porém pequena, do tipo que o povo da cidade julgava adequada a um servo, além de um lavatório, um banquinho e pinos na parede coberta de massa branca. Quando voltou, os dois já não estavam mais lá. O ressoar do martelo na bigorna o chamava.

Havia tantas coisas estranhas em Tear que foi um alívio entrar na ferraria. O térreo consistia em um ambiente amplo, sem parede nos fundos. Havia apenas duas portas compridas, que permaneciam abertas e davam em um pátio para ferrar cavalos, além de um brete para bois. Havia martelos pendurados em suportes, e pinças de diversos tamanhos e tipos pendiam de traves expostas nas paredes. Esteios, facas para casco e outras ferramentas de ferraria haviam sido dispostas com cuidado em bancos de madeira com cinzéis, chifres de bigorna, moldes de forja e todos os equipamentos do ofício de um ferreiro. Latas continham pedaços de ferro de diferentes espessuras. Cinco discos amoladores de asperezas diversas estavam dispostos no chão de terra batida, além de seis bigornas e três forjas com laterais de pedra e os respectivos foles, embora apenas uma tivesse os carvões acesos. Barris com água para a têmpera permaneciam à mão.

O ferreiro batia o martelo em um pedaço de ferro amarelo de tão escaldante, que segurava com pinças robustas. Usava calças largas e tinha os olhos azul-claros. No entanto, o comprido colete de couro sobre o peitoral desnudo e o avental não eram muito diferentes dos que Perrin e Mestre Luhhan usavam em Campo de Emond, e os braços e ombros fortes do homem eram prova dos anos que passara moldando metal. Os cabelos escuros tinham quase a mesma quantidade de fios grisalhos que o rapaz se lembrava de ver em Mestre Luhhan. Mais coletes e aventais pendiam na parede, como se o homem tivesse aprendizes que não estivessem ali no momento. O fogo das forjas tinha cheiro de casa. O ferro quente tinha cheiro de casa.

O ferreiro virou-se para jogar o pedaço em que trabalhava de volta nos carvões, e Perrin se aproximou e foi soprar o fole para ele. O homem olhou para ele, mas não disse nada. Perrin subia e descia o cabo do fole com movimentos lentos, firmes e compassados, mantendo os carvões na temperatura certa. O ferreiro retomou o trabalho com o ferro, dessa vez na ponta arredondada da bigorna. Perrin pensou que o homem devia estar fazendo um escopro. O martelo ressoava em golpes rápidos e certeiros.

O homem falou sem tirar os olhos da tarefa.

— Aprendiz? — Foi só o que disse.

— Sim — respondeu Perrin, com a mesma simplicidade.

O ferreiro continuou o trabalho por um tempo. *Era mesmo* um escopro, um instrumento para limpar o interior de barris de madeira. De vez em quando, o homem examinava Perrin, pensativo. Deixando o martelo de lado por um instante, o homem pegou uma barra de ferro pequena, grossa e retangular e enfiou-a na mão de Perrin. Então pegou o martelo outra vez e retomou o trabalho.

— Veja o que pode fazer com isto — disse.

Sem nem pensar, Perrin foi até uma bigorna do outro lado da forja e bateu a madeira na beirada. O material fez um ótimo som. O aço não passara tanto tempo no forno e não absorvera muita fuligem do carvão. Ele empurrou quase todo o comprimento da barra para dentro dos carvões em brasa, provou a água dos dois barris, para ver qual fora salgada — o terceiro era de azeite de oliva —, depois tirou o casaco e a camisa e escolheu um colete de couro e um avental que lhe coubessem. A maioria daqueles sujeitos tairenos não era tão grande quanto ele, mas conseguiu achar um colete. Encontrar um avental foi mais fácil.

Quando se virou, viu que o ferreiro, ainda trabalhando de cabeça baixa, assentia e sorria para si mesmo. Mas apenas estar ambientado com uma ferraria não era o bastante para ser um ferreiro habilidoso. Isso ele ainda teria de provar.

Quando retornou à bigorna com dois martelos, um conjunto de pinças chatas de cabos compridos e um cinzel pontudo e afiado, a barra de aço já aquecera até ficar vermelho-escura, exceto pela pequeno pedacinho que ele deixara para fora dos carvões. Perrin soprou os foles, observando o metal clarear até chegar em um amarelo quase branco. Então puxou a barra com as pinças, repousou-o sobre a bigorna e pegou o martelo mais pesado dos dois que escolhera. Tinha cerca de dez libras, estimou, e um cabo maior do que a maioria das pessoas que não conhecia o trabalho com metais julgava necessário. Ele o segurou perto da ponta: o metal incandescente às vezes soltava faíscas, e já vira as cicatrizes nas mãos do ferreiro de Morro Redondo, um sujeito descuidado.

Não queria fazer nada elaborado ou extravagante. Uma escolha mais simples parecia o melhor, no momento. Começou arredondando os cantos da

barra, depois martelou o centro no formato de uma lâmina larga, quase tão larga quanto o pedaço original na extremidade sem corte, mas com uma boa mão e meia de comprimento. De vez em quando, devolvia o metal aos carvões para mantê-lo daquele tom amarelo pálido, e depois de algum tempo trocou para o martelo mais leve, com a metade do peso do anterior. Afinou o pedaço além da lâmina, depois o entortou sobre a ponta da bigorna, criando uma curvatura para baixo logo ao lado da lâmina. Um cabo de madeira poderia ser colocado ali depois. Perrin encaixou o cinzel pontudo e afiado no furo quadrado da bigorna e posicionou o metal incandescente por cima. Um golpe certeiro do martelo cortou a ferramenta que fizera. Ou quase fizera. Seria uma faca de chanfradura, para alisar e nivelar os topos das ripas dos barris depois de colados, entre outras coisas. Quando terminasse. O escopro do outro homem lhe dera aquela ideia.

Assim que fez o corte, Perrin atirou o metal brilhante dentro do barril de têmpera salgado. O dessalgado fazia uma têmpera mais dura, para os metais mais pesados, enquanto o azeite gerava uma mais branda, para facas boas. E espadas, pelo que ouvira, mas nunca participara da feitura de qualquer coisa do tipo.

Quando o metal já estava bem frio, com uma tonalidade cinza-escura, ele o removeu da água e o levou para os discos amoladores. Um movimento curto e lento nos pedais foi dando polimento à lâmina. Com cuidado, ele aqueceu a parte da lâmina outra vez. As cores se intensificaram, chegando à cor de palha, depois ao bronze. Quando aquele bronze começou a subir em ondas pela lâmina, ele deitou a peça de lado para esfriar. A extremidade final estava pronta para ser afiada. Enfiar o metal outra vez em um dos barris destruiria a têmpera que ele acabara de dar.

— Um trabalho muito caprichado — comentou o ferreiro. — Nenhum movimento desperdiçado. Está procurando trabalho? Meus aprendizes foram embora, todos os três, aqueles imprestáveis. Tem muita coisa que você poderia fazer.

Perrin sacudiu a cabeça.

— Não sei por quanto tempo vou ficar em Tear. Mas queria trabalhar um pouco mais, se o senhor não se importar. Faz muito tempo, e eu sinto falta. Posso fazer algum trabalho que teria sido dos seus aprendizes.

O ferreiro bufou alto.

— Você é muito melhor do que qualquer um daqueles grosseirões, só embromando e encarando, resmungando sobre pesadelos. Como se todos nós não tivéssemos pesadelos de vez em quando. Sim, pode trabalhar aqui pelo tempo que quiser. Luz, tenho pedidos de uma dúzia de facas de tanoeiro e três enxós de cobre. E um carpinteiro daqui da rua precisa de um martelo de entalhe, e… É muita coisa para listar. Comece com as facas de tanoeiro, e veremos o quanto avançamos até a noite.

Perrin se perdeu no trabalho, e por um tempo esqueceu-se de tudo que não fosse o calor do metal, o ruído do martelo e o cheiro da forja. Mas chegou um momento em que olhou para cima e notou que o ferreiro — que dissera se chamar Dermid Ajala — tirava o colete, o pátio já escuro. Toda a luz vinha da forja e de um par de lampiões. Zarine estava sentada em uma bigorna ao lado de uma das forjas frias, observando-o.

— Então você é mesmo um ferreiro, ferreiro — comentou.

— Ele é, sim, senhora — respondeu Ajala. — Aprendiz, pelo que diz, mas o trabalho que fez aqui hoje se equipara ao de um mestre de ferraria, pelo que pude ver. Movimentos certeiros e mais do que firmes.

Perrin ficou pouco à vontade diante dos elogios, e o ferreiro abriu um sorriso para ele. Zarine encarou os dois, sem compreender.

Perrin foi recolocar o colete e o avental nos pinos, mas, ao tirá-los do corpo, ficou subitamente consciente do olhar de Zarine em suas costas. Era como se ela o tocasse. Por um instante, o cheiro herbóreo que ela emanava pareceu arrebatador. Ele mais do que depressa passou a camisa pela cabeça, enfiou-a de modo desajeitado para dentro das calças e jogou o casaco no corpo. Ao se virar, viu que Zarine exibia um daqueles sorrisinhos sutis e misteriosos que sempre o deixavam nervoso.

— Então é isso que pretende fazer? — perguntou. — Chegou até aqui para virar ferreiro outra vez?

Ajala parou de puxar as portas do pátio para ouvir.

Perrin pegou o martelo pesado que usara, uma cabeça de dez libras e um cabo do tamanho de seu antebraço. Era bom senti-lo nas mãos. Parecia certo. O ferreiro o encarara nos olhos uma vez e nem mesmo piscara: era o trabalho que importava, a destreza de um homem com o metal, não a cor de seus olhos.

— Não — disse, com certa tristeza. — Um dia, espero. Mas ainda não. — Foi pendurar o martelo de volta na parede.

— Fique com ele. — Ajala pigarreou. — Não costumo distribuir meus martelos bons, mas… O trabalho que você fez hoje é de longe mais valioso do que esse martelo, e talvez ele o ajude quando chegar esse tal "um dia". Camarada, se alguma vez conheci alguém feito para empunhar um martelo de ferreiro, esse alguém é você. Fique com ele. Pode ficar.

Perrin apertou as mãos no cabo. Parecia mesmo certo.

— Obrigado — respondeu. — Não tenho como expressar o quanto isso significa para mim.

— Só se lembre desse "um dia", camarada. Só se lembre disso.

Quando os dois saíram, Zarine olhou para ele e disse:

— Você faz ideia de como os homens são esquisitos, ferreiro? Não. Não pensei que fizesse. — Ela disparou, deixando-o para trás enquanto segurava o machado com uma das mãos e coçava a cabeça com a outra.

Ninguém no salão deu muita atenção a ele, um homem de olhos dourados carregando um martelo de ferreiro. Perrin subiu para o quarto e, pela primeira vez, lembrou-se de acender uma vela de sebo. A aljava e o machado pendiam do mesmo pino na parede. Ele suspendeu o machado em uma das mãos e o martelo na outra. Pela experiência medindo metais, notou que o machado, com a lâmina em meia-lua e a ponta grossa, era umas boas cinco ou seis libras mais leve que o martelo, porém parecia dez vezes mais pesado. Ele recolocou a arma no ilhó aberto no cinto e pôs o martelo no chão, abaixo do pino, o cabo apoiado na parede. O cabo do machado e o do martelo quase se tocavam, dois pedaços de madeira da mesma espessura. Dois pedaços de metal quase do mesmo peso. Por um longo tempo, Perrin ficou sentado no banquinho, observando os dois. Ele ainda os encarava quando Lan enfiou a cabeça no quarto.

— Venha, ferreiro. Precisamos conversar sobre algumas coisas.

— Eu *sou* um ferreiro — respondeu Perrin, e o Guardião franziu a testa em resposta.

— Não me vá enlouquecer por conta do inverno, ferreiro. Se não for mais capaz de se manter de pé, pode acabar arrastando todos nós montanha abaixo.

— Vou me manter de pé — retrucou Perrin, quase rosnando. — Vou fazer o que tem de ser feito. O que é que você quer?

— Você, ferreiro. Não está escutando? Venha, fazendeiro.

O nome que Zarine usava com tanta frequência o fez se levantar, irritado, mas Lan já estava virando as costas. Perrin apressou-se até o corredor e seguiu o Guardião para a frente da estalagem, com intenção de dizer ao homem que já estava cheio daquela história de "ferreiro" e "fazendeiro", que seu nome era Perrin Aybara. O Guardião entrou correndo no único salão de jantar privado da estalagem, que dava para a rua.

Perrin o seguiu.

— Escute aqui, *Guardião*, eu…

— Escute você, Perrin — interrompeu Moiraine. — Cale a boca e escute. — O rosto dela estava tranquilo, mas os olhos pareciam tão sombrios quanto a voz.

Perrin não percebera que havia mais gente no salão além dele e do Guardião, parado de pé com um dos braços apoiado na cornija da lareira apagada. Moiraine estava sentada à mesa que ficava bem no centro do salão, uma peça simples de carvalho preto. Nenhuma das outras cadeiras de espaldar alto e entalhado estava ocupada. Zarine estava emburrada, encostada na parede oposta a Lan, e Loial escolhera sentar-se no chão, já que não cabia em nenhuma das cadeiras.

— Que bom que decidiu se juntar a nós, fazendeiro — comentou Zarine, com sarcasmo. — Moiraine se recusou a dizer qualquer coisa até você chegar. Está olhando para nós como se estivesse decidindo quem é que vai morrer. Eu…

— Cale a boca — interrompeu Moiraine, ríspida. — Um dos Abandonados está em Tear. O Grão-lorde Samon é Be'lal.

Perrin estremeceu.

Loial fechou os olhos com força e gemeu:

— Eu podia ter ficado no *pouso*. É provável que estivesse muito feliz, casado com quem minha mãe tivesse escolhido. Ela é uma boa mulher, minha mãe, e não teria me entregado a uma má esposa. — Suas orelhas estavam totalmente afundadas nos cabelos desgrenhados.

— Pode voltar para o Pouso Shangtai — disse Moiraine. — Vá agora, se quiser. Não vou impedir.

Loial abriu um olho.

— Eu posso ir?

— Se quiser — respondeu a mulher.

— Ah. — Ele abriu o outro olho e coçou a bochecha com os dedos rombudos do tamanho de salsichas. — Eu acho… eu acho… Se tenho essa escolha… Acho que vou ficar com todos vocês. Já tomei muitas notas, mas nem de longe o suficiente para completar meu livro, e eu não gostaria de deixar Perrin, e Rand…

Moiraine o interrompeu com uma voz fria.

— Bem, Loial. Fico feliz por você ter decidido ficar. Será bom aproveitar seu conhecimento. Mas, até que isso esteja terminado, não tenho tempo para ouvir suas reclamações!

— Suponho — começou Zarine, a voz instável — que não haja chance de eu ir embora? — Ela olhou para Moiraine e estremeceu. — Pensei que não. Ferreiro, se eu sobreviver a isso, farei você pagar.

Perrin a encarou. *Eu! Essa besta pensa que isso é culpa minha? Fui eu quem a chamou para vir?* Ele abriu a boca, notou a expressão nos olhos de Moiraine e fechou-a de novo, mais do que depressa. Depois de um instante, perguntou:

— Ele está atrás de Rand? Para impedi-lo, matá-lo?

— Acho que não — respondeu a mulher, baixinho. Sua voz era como aço frio. — Temo que o que ele pretende é deixar Rand adentrar o Coração da Pedra e tocar *Callandor*, depois roubá-la dele. Temo que ele pretenda matar o Dragão Renascido com a mesma arma que servirá para anunciá-lo.

— Vamos fugir outra vez? — perguntou Zarine. — Como em Illian? Nunca pensei em fugir, mas nunca achei que encontraria Abandonados quando fiz meu juramento de Caçador.

— Desta vez — respondeu Moiraine —, não vamos fugir. Vamos nos atrever a não fugir. Os mundos e o tempo dependem de Rand, o Dragão Renascido. Desta vez, vamos lutar.

Perrin sentou-se, preocupado.

— Moiraine, você está falando sobre muitas coisas nas quais mandou que a gente nem mesmo pensasse. Você tem certeza que pôs *mesmo* selos de proteção neste quarto contra escutas? — Quando a Aes Sedai negou com a cabeça, ele agarrou a ponta da mesa com tanta força que fez o carvalho escuro ranger.

— Não estou falando de um Myrddraal, Perrin. Ninguém conhece a força dos Abandonados. Só se sabe que Ishamael e Lanfear eram os mais fortes, porém até o mais fraco deles conseguiria sentir qualquer selo que eu

erguesse a uma milha ou mais de distância. E conseguiria destroçar todos nós em questão de segundos. É provável que não conseguíssemos dar nem um passo.

— O que está dizendo é que ele a faz andar na ponta dos pés, de tanta preocupação — murmurou Perrin. — Luz! O que vamos fazer? Como é que podemos fazer alguma coisa?

— Nem mesmo os Abandonados podem enfrentar o fogo devastador — respondeu a mulher. Perrin se perguntou se aquilo era o que ela tinha usado nos Cães das Trevas. Aquela visão ainda o deixava transtornado, e também o que ela falara depois de matar aquelas criaturas. — Aprendi algumas coisas no último ano, Perrin. Estou… mais perigosa do que quando cheguei a Campo de Emond. Se conseguir me aproximar o bastante de Be'lal, posso destruí-lo. Mas, se ele me encontrar primeiro, pode destruir todos nós muito antes que eu tenha qualquer chance. — Ela voltou a atenção a Loial. — O que pode me dizer de Be'lal?

Perrin piscou os olhos, confuso. *Loial?*

— Por que está perguntando a ele? — vociferou Zarine, irritada. — Primeiro diz ao ferreiro que quer que a gente lute contra um dos Abandonados, alguém que pode nos matar antes mesmo que a gente consiga perceber! E agora pergunta a Loial sobre ele?

— Faile! Faile! — murmurou Loial, com certa urgência. Era o nome que ela escolhera, mas a mulher continuou falando.

— Achei que as Aes Sedai soubessem de tudo. Luz, pelo menos eu sou inteligente o bastante para não dizer que vou lutar com alguém antes de saber tudo o que for preciso a respeito da pessoa! Você… — A voz dela foi morrendo sob o olhar de Moiraine, até que se tornou um murmúrio.

— Os Ogier — respondeu a Aes Sedai, fria — têm uma longa memória, garota. Já passaram bem mais de cem gerações humanas desde a Ruptura, mas menos de trinta gerações de Ogier. Ainda aprendemos coisas que não sabíamos com as histórias deles. Agora me conte, Loial. O que sabe sobre Be'lal? E seja breve, pelo menos desta vez. Quero sua boa memória, não sua boa conversa fiada.

Loial pigarreou, um som muito similar ao de lenha rolando por uma canaleta.

— Be'lal. — As orelhas do Ogier despontaram pelos cabelos, trêmulas como duas asas de beija-flor, depois desabaram outra vez, de repente. —

Não sei o que pode haver nas histórias sobre ele que você já não saiba. Ele não é muito mencionado, a não ser quando falam da destruição do Salão dos Serviçais, pouco antes de Lews Therin Fratricida e os Cem Companheiros o selarem na prisão com o Tenebroso. Jalanda, filho de Aried, filho de Coiam, escreveu que ele era chamado de Invejoso, que abandonou a Luz porque invejava Lews Therin, mas que também invejava Ishamael e Lanfear. Em *Um Estudo da Guerra da Sombra*, Moilin, filha de Hamada, filha de Juendan, se referiu a Be'lal como o Tecedor de Redes, mas não sei por quê. Ela mencionou que ele saíra vencedor de um jogo de pedras contra Lews Therin, e que sempre se gabava disso. — Ele olhou Moiraine e continuou, a voz rimbombando: — Estou tentando ser breve. Não tenho conhecimento de qualquer coisa importante a respeito dele. Muitos autores dizem que Be'lal e Sammael lideraram a luta contra o Tenebroso antes de abandonarem a Luz, e que ambos eram mestres na espada. De verdade, é tudo o que sei. Talvez ele tenha sido mencionado em outros livros, em outras histórias, mas não os li. Não se fala de Be'lal com muita frequência. Me desculpe por não poder dizer nada útil.

— Talvez você tenha dito algo útil — respondeu Moiraine. — Eu não sabia desse nome, Tecedor de Redes. E nem que ele invejava o Dragão, assim como os companheiros da Sombra. Isso reforça minha crença de que ele deseja *Callandor*. Deve ter sido por essa razão que decidiu se tornar um Grão-lorde de Tear. E Tecedor de Redes… É o nome de um maquinador, alguém que planeja com argúcia e paciência. Você se saiu muito bem, Loial. — Por um instante, a boca do Ogier se curvou em um sorriso de satisfação, mas o sorriso logo se desfez.

— Não vou fingir que não estou com medo — anunciou Zarine, de repente. — Só um tolo não teria medo dos Abandonados. Mas jurei que seria um de vocês, e serei. Só queria dizer isso.

Perrin sacudiu a cabeça. *Ela* só *pode estar* louca. *Eu poderia querer não fazer parte deste grupo. Poderia querer estar de volta em casa, trabalhando na forja de Mestre Luhhan.* Em voz alta, disse:

— Se ele estiver dentro da Pedra, se estiver esperando Rand, teremos que entrar lá para alcançá-lo. Como é que vamos fazer isso? Todo mundo vive dizendo que ninguém entra na Pedra sem a permissão dos Grão-lordes, e, olhando daqui, não vejo outra entrada que não pelos portões.

— Você não vai entrar — respondeu Lan. — Moiraine e eu seremos os únicos a entrar. Quanto mais gente for, mais difícil será. Qualquer que seja a forma que eu encontrar parar entrar, imagino que não vá ser fácil, mesmo que só para dois.

— Gaidin… — começou Moiraine, com a voz firme, mas o Guardião a interrompeu no mesmo tom.

— Nós vamos juntos, Moiraine. Não vou ficar para trás desta vez. — Depois de um instante, ela assentiu. Perrin pensou ter visto Lan relaxar. — O restante de vocês, é melhor ir dormir — prosseguiu o Guardião. — Preciso sair para analisar a Pedra. — Ele fez uma pausa. — Tem uma coisa que a sua notícia afastou da minha cabeça, Moiraine. É uma coisa pequena, e não entendo o que significa. Há alguns Aiel em Tear.

— Aiel! — exclamou Loial. — Impossível! A cidade inteira estaria em pânico se um Aiel passasse por esses portões.

— Eu não disse que eles estavam andando pelas ruas, Ogier. Os telhados e as chaminés da cidade são esconderijos tão bons quanto o Deserto. Não vi menos de três, mas parece que ninguém mais em Tear os viu. E, se eu vi três, podem ter certeza de que há vários outros que não consegui ver.

— Para mim, isso não quer dizer nada — respondeu Moiraine, devagar. — Perrin, por que está com essa cara franzida?

Ele não havia notado a própria expressão.

— Estava pensando naquele Aiel em Remen. Ele disse que, quando a Pedra cair, os Aiel deixarão a Terra da Trindade. É o Deserto, não é? Ele disse que era uma profecia.

— Eu li cada palavra das Profecias do Dragão — respondeu Moiraine, em voz baixa —, em todas as traduções, e não há nenhuma menção aos Aiel. Ficamos tateando às cegas enquanto Be'lal trama suas redes e a Roda tece o Padrão à nossa volta. Mas será que os Aiel são parte da tessitura da Roda, ou de Be'lal? Lan, você precisa encontrar logo um modo de eu entrar na Pedra. De Nós. De nós entrarmos na Pedra.

— Como ordenar, Aes Sedai — respondeu o homem, mas seu tom era mais afetuoso do que formal. Ele desapareceu pela porta. Moiraine encarou a mesa com a testa franzida, os olhos perdidos em pensamentos.

Zarine se aproximou e olhou para Perrin com a cabeça inclinada.

— O que você vai fazer, ferreiro? Parece que querem que a gente fique aqui esperando e observando enquanto partem para a aventura. Não que eu

esteja reclamando.

Ele duvidou da última frase.

— Primeiro — respondeu — vou comer alguma coisa. E depois vou pensar a respeito de um martelo. — *E tentar descobrir o que sinto por você. Falcão.*



CAPÍTULO 51



Uma Isca para a Rede

Pelo canto do olho, Nynaeve pensou ter vislumbrado um homem alto, de cabelos ruivos e com um manto marrom esvoaçante bem no fim da rua iluminada pelo sol. Porém, quando ela se virou para espiar por baixo da aba do chapéu de palha azul que ganhara de Ailhuin, um carro de bois já se arrastava entre eles. Quando o veículo deu uma guinada para a frente, o homem já havia desaparecido. Ela tinha quase certeza de que ele carregava um estojo de flauta nas costas, e suas roupas sem dúvida não eram tairenas. *Não pode ser Rand. Só porque tenho sonhado com ele, não quer dizer que o rapaz tenha percorrido todo esse caminho desde a Planície de Almoth.*

Um dos homens descalços passou apressado, levando nas costas uma cesta com uma dúzia de peixes grandes cujos rabos tinham forma de foice. Ele de repente tropeçou, e os peixes de escamas prateadas voaram por cima de sua cabeça. O homem aterrissou com as mãos e os joelhos na lama e encarou os peixes, que tinham saído da cesta. Cada uma das silhuetas compridas e brilhosas estava de pé, as cabeças enfiadas na lama, formando um círculo perfeito. Até mesmo as poucas pessoas que passavam ficaram boquiabertas. O homem se levantou devagar, parecendo alheio à lama que o encobria. Pegou a cesta e começou a recolher os peixes, sacudindo a cabeça e resmungando sozinho.

Nynaeve apenas piscou, surpresa, mas tinha assuntos com o vigarista com cara de tacho que a encarava diante da porta de seu estabelecimento,

alguns cortes sangrentos de carne pendendo de ganchos atrás dele. Ela deu um puxão na trança e cravou o olhar no sujeito.

— Muito bem — disse, ríspida —, eu levo, mas se isso é o que você cobra por um corte tão ruim, nunca mais volto aqui.

O homem deu de ombros sem se alterar enquanto recolhia as moedas que ela entregou, depois enrolou a gordurosa carne de carneiro para assado em um tecido que a mulher tirou da cesta que levava nos braços. Ela olhou feio para o sujeito enquanto acomodava a carne enrolada dentro da cesta, mas aquilo não o afetou.

Nynaeve deu um giro para sair andando a passos firmes… e quase tropeçou. Ainda não estava acostumada com aqueles tamancos. Eles sempre grudavam na lama, e ela não entendia como o povo conseguia usá-los. Esperava que o sol secasse o solo de uma vez, mas tinha a sensação de que a lama era mais ou menos permanente, ali no Maule.

Retornou à casa de Ailhuin pisando com cautela e resmungando entre dentes. Os preços estavam ridículos, e a qualidade, inevitavelmente mais baixa, mas quase ninguém parecia se importar, nem as pessoas que compravam, nem as que vendiam. Foi um alívio passar por uma mulher que gritava com um lojista, sacudindo uma fruta vermelha amarelada e toda machucada em cada uma das mãos. Nynaeve não sabia que fruta era: naquele lugar havia muitos tipos de frutas e legumes de que ela nunca ouvira falar. A mulher mostrava a todos o lixo que o homem vendia, mas o vendedor apenas a encarava, abatido, sem sequer se dar ao trabalho de discutir.

Havia uma justificativa para os preços, ela sabia. Elayne explicara que os ratos haviam devorado todos os grãos dos celeiros, já que ninguém em Cairhien podia comprá-los, e também falara sobre a importância que o comércio de grãos cairhieno ganhara desde a Guerra dos Aiel. Mas nada justificava a forma como aquela gente parecia prestes a se deitar e morrer. Em sua vida, já vira o granizo arruinar as colheitas em Dois Rios, os gafanhotos devorarem as plantações, a língua-negra assolar as ovelhas e a mancha-vermelha fazer o tabaco definhar de modo que nada restara para vender aos mercadores que vinham de Baerlon. Podia se lembrar de quando, por dois anos seguidos, não havia qualquer coisa para comer além de sopa de nabo e cevada velha, quando os caçadores tinham sorte quando traziam um coelho magro, mas o povo de Dois Rios sempre se reerguia quando desabava, e todos voltavam ao trabalho. Aquela gente tinha vivido apenas

um ano ruim, e a pesca e os outros negócios pareciam florescer. Ela não tinha paciência com eles. O problema era que ela sabia que precisava ter um pouco de paciência. Era uma gente estranha, com modos estranhos, e todos pareciam encarar com normalidade algumas coisas que ela interpretava como bajulação, até mesmo Ailhuin e Sandar. Sabia que só precisava ter um pouco de paciência.

Se tento ter paciência com eles, por que não faço o mesmo com Egwene? Ela deixou aquilo de lado. A criança só lhe dava dor de cabeça, retrucava diante das sugestões mais óbvias e fazia objeção às mais sensatas. Mesmo quando estava claro o que elas deveriam fazer, Egwene queria ser convencida. Nynaeve não estava acostumada a ter que convencer as pessoas, ainda mais alguém cujas fraldas havia trocado. O fato de ser apenas sete anos mais velha que Egwene não vinha ao caso.

São todos aqueles pesadelos, disse a si mesma. *Não consigo entender o que significam, e agora Elayne e eu também os temos, e ainda não sei o que significam. Além disso, Sandar não fala nada, a não ser que ainda está procurando, e eu estou tão frustrada que… poderia cuspir!* Ela puxou a trança com tanta força que doeu. Pelo menos fora capaz de convencer Egwene a não usar mais o *ter'angreal*, a guardá-lo de volta na bolsa em vez de levá-lo o tempo todo colado à pele. Se a Ajah Negra estava em *Tel'aran'rhiod*… Não, ela não queria pensar nessa possibilidade. *Nós* vamos *encontrá-las!*

— Eu vou acabar com elas — murmurou. — Tentando me vender feito uma ovelha! Me caçando feito um animal! Eu serei a caçadora desta vez, não o coelho! Aquela Moiraine! Se ela não tivesse aparecido em Campo de Emond, eu teria ensinado o suficiente a Egwene. E quanto a Rand… eu poderia… poderia ter feito alguma coisa. — Saber que nada daquilo era verdade não ajudava, só piorava as coisas. Ela odiava Moiraine quase tanto quanto odiava Liandrin e a Ajah Negra, talvez na mesma intensidade do ódio que sentia pelos Seanchan.

Ela virou uma curva, e Juilin Sandar precisou dar um salto para sair do caminho e não ser pisoteado. Mesmo bastante acostumado a usá-los, quase tropeçou nos próprios tamancos, e foi só o cajado que o salvou de cair de cara na lama. Aquela madeira clara e cheia de juntas era chamada de bambu, ela aprendera, e era mais resistente do que parecia.

— Senhora… hã… Senhora Maryim — disse Sandar, recuperando o equilíbrio. — Eu estava… procurando a senhora. — Ele abriu um sorriso nervoso. — Está irritada? Por que está me olhando desse jeito?

Ela suavizou a expressão.

— Não estava franzindo a testa para o senhor, Mestre Sandar. O açougueiro… Não importa. Por que está me procurando? — Ela prendeu a respiração. — Por acaso as encontrou?

Ele olhou em volta, como se suspeitasse que as pessoas que passavam estivessem tentando ouvir a conversa.

— Sim. Sim, a senhora precisa vir comigo. As outras estão esperando. As outras. E Mãe Guenna.

— Por que está tão nervoso? Não deixou que elas o notassem, deixou? — perguntou ela, ríspida. — Por que está tão assustado?

— Não! Não, senhora. Eu… eu não me revelei. — Os olhos do homem passearam outra vez pela rua, e ele deu um passo à frente, baixando a voz a um sussurro baixo e premente. — Essas mulheres que a senhora procura, elas estão na Pedra! São convidadas de um Grão-lorde! O Grão-lorde Samon! Por que as chamou de ladras? O Grão-lorde Samon! — O homem quase guinchava. Estava com o rosto coberto de suor.

Dentro da Pedra! Com um Grão-lorde! Luz, como vamos chegar até elas agora? Com esforço, ela sufocou a própria impaciência.

— Fique calmo — pediu, tranquilizando o homem. — Mantenha a calma, Mestre Sandar. Podemos dar uma explicação satisfatória. — *Espero que possamos. Luz, se ele disparar até a Pedra para contar a esse Grão-lorde que estamos atrás delas…* — Venha comigo até a casa da Mãe Guenna. Joslyn, Caryla e eu explicaremos tudo. De verdade. Venha.

Ele deu um aceno de cabeça curto e apreensivo, diminuindo o passo para acompanhá-la enquanto ela lutava com os tamancos. Tinha a expressão de quem queria sair correndo.

Ao chegar na casa da Sábia, correu para os fundos. Ninguém nunca usava a porta da frente, não que ela já tivesse visto, nem mesmo a própria Mãe Guenna. Os cavalos estavam presos a um corrimão de bambu, bem longe das figueiras novas e dos vegetais de Ailhuin, e as selas e rédeas estavam guardadas dentro da casa. Pela primeira vez, não parou para fazer um carinho no nariz de Gaidin e dizer a ele que era um bom garoto e mais

sensato que o xará. Sandar parou para raspar a lama dos tamancos com a ponta do cajado, mas ela correu para dentro.

Ailhuin Guenna estava sentada em uma das cadeiras de encosto alto que fora puxada para o aposento, os braços caídos dos lados do corpo. Os olhos da mulher grisalha estavam saltados de raiva e medo, e ela parecia tentar fazer esforço para se mexer, mas não movia um músculo. Nynaeve não precisou sentir a trama sutil de Ar para entender o que havia acontecido. *Luz, elas nos encontraram! Que o queime, Sandar!*

A ira a inundou, derrubou as paredes internas que costumavam mantê-la afastada do Poder, e, quando a cesta caiu de suas mãos, ela era um botão de flor branco em um arbusto de abrunheiro, abrindo-se para abraçar *saidar*, abrindo-se… Foi como se ela batesse em outra parede, uma parede de vidro transparente. Podia sentir a Fonte Verdadeira, mas a parede obstruía tudo, a não ser o anseio de ser preenchida com o Poder Único.

A cesta caiu no chão, e, enquanto quicava, a porta atrás dela se abriu e Liandrin entrou, seguida por uma mulher de cabelos negros com uma mecha branca acima da orelha esquerda. As duas usavam vestidos de seda longos e coloridos com os ombros à mostra, e o brilho de *saidar* as envolvia.

Liandrin alisou o vestido vermelho e sorriu com os lábios de botão de rosa. O rosto de boneca revelava todo o seu divertimento.

— Sabe, bravia — começou —, você não tem…

Nynaeve a acertou na boca o mais forte que pôde. *Luz, preciso sair daqui.* Ela golpeou Rianna com o dorso da mão com tanta força que a mulher de cabelos negros caiu sentada no chão, grunhindo. *Elas devem estar com as outras, mas, se eu conseguir chegar até a porta, se conseguir chegar num ponto onde não possam me prender, poderei fazer alguma coisa.* Ela empurrou Liandrin com força, atirando-a para longe da porta. *Só preciso escapar desse bloqueio, e eu…*

Golpes a atingiram por todos os lados, como se estivesse sendo socada por diversos punhos e bastões. Nem Liandrin, com o sangue escorrendo da boca agora apertada, nem Rianna, com os cabelos tão desgrenhados quanto seu vestido verde, ergueram a mão. Nynaeve podia sentir os fluxos de Ar se entrelaçando ao seu redor tão bem quanto os golpes. Ainda lutava para chegar até a porta, mas percebeu que estava de joelhos. Os golpes que não podiam ser vistos não cessavam, varas e punhos invisíveis golpeavam as costas e o estômago, a cabeça e os quadris, os ombros, os seios, as pernas, a

cabeça. Gemendo, caiu de lado no chão e se curvou em posição fetal, tentando se proteger. *Ah, Luz, eu tentei. Egwene! Elayne! Eu tentei! Não vou chorar! Que as queime, vocês podem me espancar até me matar, mas não vou chorar!*

Os golpes cessaram, mas Nynaeve não conseguia parar de tremer. Seu corpo doía da cabeça aos pés.

Liandrin agachou-se ao seu lado, os braços em volta dos joelhos, seda roçando contra seda. Já limpara o sangue da boca. Seus olhos escuros eram severos, e seu rosto já não revelava divertimento algum.

— Talvez você seja muito burra para perceber quando a derrota chegou, bravia. Lutou com quase tanta fúria quanto aquela outra tola, aquela Egwene. Ela quase enlouqueceu. Vocês precisam aprender a ser submissas. Vocês *vão* aprender a ser submissas.

Nynaeve estremeceu e buscou *saidar* outra vez. Não tinha nenhuma esperança real, mas precisava fazer algo. Forçando caminho pela dor, ela buscou… e atingiu aquele escudo invisível. Liandrin recuperara o divertimento em seu olhar, a alegria soturna de uma criança terrível que gosta de arrancar as asinhas das moscas.

— Não temos mais utilidade para essa aqui, pelo menos — comentou Rianna, ao lado de Ailhuin. — Vou parar o coração dela. — Os olhos da Sábia quase saltaram das órbitas.

— Não! — As tranças de Liandrin, curtas e cor de mel, balançaram quando ela virou a cabeça de repente. — Sempre você mata rápido demais, e só o Grande Senhor pode fazer uso dos mortos. — Ela sorriu para a mulher atada à cadeira por correntes invisíveis. — Você viu os soldados que vieram conosco, velha. Sabe quem nos aguarda na Pedra. O Grão-lorde Samon não vai gostar nada se você falar sobre o que aconteceu aqui dentro da sua casa hoje. Se segurar a língua, poderá viver, talvez para servir a ele outra vez, um dia. Se abrir a boca, servirá apenas ao Grande Senhor das Trevas, do além-túmulo. Qual é a sua escolha?

De repente, Ailhuin conseguiu mover a cabeça. Ela balançou os cachos grisalhos e mexeu a boca.

— Eu… eu vou segurar a língua — soltou a mulher, com desânimo, depois lançou a Nynaeve um olhar constrangido, envergonhado. — Se eu falar, de que vai adiantar? Um Grão-lorde pode arrancar minha cabeça só mexendo a sobrancelha. De que eu posso lhe servir, garota? De quê?

— Está tudo bem — respondeu Nynaeve em um tom cansado. *A quem ela poderia contar? Só lhe restaria a morte.* — Sei que a senhora ajudaria, se pudesse.

Rianna jogou a cabeça para trás e gargalhou. Ailhuin desabou em seu lugar, totalmente livre, mas permaneceu sentada olhando as próprias mãos sobre o colo.

Liandrin e Rianna juntas puxaram Nynaeve de pé e a empurraram em direção à frente da casa.

— Se nos causar algum problema — explicou a mulher de cabelos negros, com a voz severa —, vou fazer você arrancar o próprio couro e dançar só com o esqueleto.

Nynaeve quase soltou uma risada. *Que espécie de encrenca eu poderia causar?* Estava blindada da Fonte Verdadeira. Os machucados doíam tanto que ela mal conseguia ficar de pé. Qualquer coisa que pudesse fazer, as outras duas combateriam como se fosse um acesso de raiva infantil. *Mas esses machucados vão cicatrizar, que as queime, e vocês ainda vão cometer um deslize! E quando isso acontecer…*

Havia mais gente no cômodo da frente da casa. Dois soldados grandalhões em elmos redondos com abas e placas peitorais que brilhavam sobre os casacos vermelhos de mangas bufantes. Os dois homens estavam com os rostos suados, e os olhos escuros observavam o entorno como se os sujeitos estivessem tão assustados quanto ela. Amico Nagoyin estava lá, esguia e bela, o pescoço longo e a pele pálida, inocente como uma criança colhendo flores. Joiya Byir tinha uma expressão amável, apesar daquela placidez suave comum às mulheres que usavam o Poder por tanto tempo. Era quase o semblante acolhedor de uma avó, embora a idade não tivesse dado qualquer toque cinza aos cabelos negros ou enrugado sua pele. Os olhos cinzentos pareciam mais os das madrastas das histórias, a mulher que matava os filhos da primeira esposa de seu marido. As duas brilhavam com o Poder.

Elayne estava entre as duas irmãs Negras e exibia um olho roxo, uma bochecha inchada, o lábio ferido e uma das mangas do vestido rasgada.

— Sinto muito, Nynaeve — disse, com a voz rouca, como se sentisse dor na mandíbula. — Só as vi quando já era tarde demais.

Egwene estava caída no chão com o rosto coberto de hematomas, quase irreconhecível. Quando Nynaeve e suas acompanhantes entraram, um dos

soldados corpulentos ergueu Egwene para seu ombro. Ela permaneceu ali, bamboleando, débil como um saco de cevada meio vazio.

— O que foi que vocês fizeram com ela? — inquiriu Nynaeve. — Que as queime, o que foi…! — Algo invisível a atingiu na boca com tanta força que ela ficou com a visão turva por um instante.

— Ora, ora — avisou Joiya Byir, com um sorriso que os olhos desmentiam. — Não vou tolerar perguntas e nem xingamentos. — Ela também soava como uma avó. — Fale quando alguém se dirigir a você.

— Eu contei a você que ela, a garota, não parava de lutar, sim? — comentou Liandrin. — Que lhe sirva de lição. Se tentar causar qualquer problema, o mesmo tratamento lhe virá.

Nynaeve ansiava em fazer algo por Egwene, mas deixou-se ser empurrada para fora, até a rua. Ela forçou as mulheres a empurrá-la. Recusar-se a cooperar era uma pequena forma de luta, mas era tudo de que dispunha no momento.

Havia poucas pessoas na rua enlameada, como se todos tivessem decidido que seria melhor fazer qualquer outra coisa, e os poucos transeuntes passavam apressados pelo outro lado, sem sequer olhar a carruagem preta laqueada que estava parada atrás de um grupo de seis cavalos brancos, todos iguais, com grandes plumas brancas nas rédeas. Um cocheiro, vestido como os soldados, mas sem armadura ou espada, estava sentado no assento, e outro abriu a porta quando as mulheres saíram da casa. Antes de ele a abrir, Nynaeve pôde ver o símbolo pintado. Um punho com manoplas de prata agarrando raios dentados.

Ela supôs que fosse o símbolo do Grão-lorde Samon. *Deve ser Amigo das Trevas, se tem assuntos a tratar com a Ajah Negra. Que a Luz o queime!* Mas estava mais interessada no homem que se jogou de joelhos ao ver as mulheres.

— Que o queime, Sandar, por quê…? — Ela deu um salto quando algo que parecia um pedaço de pau a atingiu entre os ombros.

Joiya Byir abriu um sorriso infantil e balançou um dedo.

— Você vai mostrar respeito, criança. Ou pode perder essa língua.

Liandrin riu. Segurou os cabelos negros de Sandar e puxou a cabeça dele para trás com um tranco. O homem a encarou com os olhos de um sabujo fiel, ou de um vira-lata à espera de um chute.

— Não seja tão dura com esse homem. — Ela fez a palavra "homem" soar como "cachorro". — Ele teve que ser… persuadido… a servir. Mas sou muito boa em persuadir, não sou? — Soltou outra risada.

Sandar lançou um olhar confuso a Nynaeve.

— Eu tinha que fazer isso, Senhora Maryim. Eu… tinha. — Liandrin torceu os cabelos do homem, que voltou os olhos para ela. Era outra vez aquele olhar de cão ansioso.

Luz!, pensou Nynaeve. *O que foi que elas fizeram com ele? O que será que vão fazer com a gente?*

Ela e Elayne foram jogadas de qualquer jeito dentro da carruagem, Egwene afundada no meio, a cabeça caída. Liandrin e Rianna subiram e se sentaram de frente para elas. O brilho tênue de *saidar* ainda as envolvia. Para onde haviam ido as outras, Nynaeve não tinha muita vontade de descobrir naquele momento. Queria alcançar Egwene, tocá-la, confortar sua dor, mas não era capaz de mover nem um músculo abaixo do pescoço, a não ser para se contorcer. Fluxos de Ar ataram as três como camadas de cobertores bem enrolados. A carruagem deu uma guinada e pôs-se em movimento, balançando forte na lama, apesar das molas de couro.

— Se vocês a tiverem machucado… — *Luz, posso ver que a machucaram. Por que não digo o que quero?* Mas era quase tão difícil forçar as palavras a saírem quanto erguer uma das mãos. — Se vocês a tiverem matado, não vou descansar até que todas sejam caçadas e mortas como cães selvagens.

Rianna cravou os olhos nela, mas Liandrin apenas fungou.

— Não seja uma idiota, bravia. Queremos vocês vivas. Isca morta não pega nada.

Isca? Para quê? Para quem?

— Você é a tola, Liandrin! Acha que estamos aqui sozinhas? Só nós três, que ainda nem somos Aes Sedai completas? Somos mesmo a isca, Liandrin. E vocês caíram na armadilha que nem galinhas gordas.

— Não conte isso a ela! — cortou Elayne, ríspida, e Nynaeve piscou, surpresa, antes de perceber que a jovem estava ajudando na invenção. — Se deixar a raiva dominar você, vai acabar dizendo o que elas não podem ouvir. Elas têm que nos levar para a Pedra. Elas têm que…

— Cale a boca! — interrompeu Nynaeve, bruscamente. — Está deixando a *sua* língua dominar você!

Elayne conseguiu demonstrar vergonha mesmo com o rosto machucado. *Deixe elas ruminarem isso*, pensou Nynaeve.

Mas Liandrin apenas sorriu.

— Quando sua função como isca terminar, vão nos contar tudo. Vão querer contar. Dizem que vocês um dia vão ser muito fortes, mas eu vou garantir que sempre me obedeçam, antes mesmo que o Grande Mestre Be'lal ponha em prática os planos que tem para vocês. Ele mandou chamar os Myrddraal. Treze. — Os lábios de botão de rosa se abriram em um sorriso ao proferir as últimas palavras.

Nynaeve sentiu um embrulho no estômago. Um dos Abandonados! Seu cérebro ficou paralisado de choque. *O Tenebroso e todos os Abandonados estão presos em Shayol Ghul, foram presos pelo Criador no momento da criação.* Mas a catequese não ajudou: ela sabia muito bem que aquilo era mentira. Então, deu-se conta de todo o resto. Treze Myrddraal. E treze irmãs da Ajah Negra. Ela ouviu Elayne gritar antes de perceber que também estava gritando, debatendo-se inutilmente contra as correntes de Ar invisíveis. Era impossível dizer o que era mais alto: seus gritos desesperados ou as gargalhadas de Liandrin e Rianna.



CAPÍTULO 52



Em Busca de um Remédio

Largado no banquinho do quarto do menestrel, Mat fez uma careta ao ouvir Thom tossir outra vez. *Como é que vamos continuar essa droga dessa busca se ele está tão doente que não consegue nem andar?* Na mesma hora, sentiu vergonha do pensamento. Thom vinha participando tão ativamente na busca quanto ele próprio, esforçando-se dia e noite, mesmo sabendo que estava ficando doente. Mat andara tão absorto na busca que prestara pouca atenção à tosse de Thom. A alternância entre a chuva constante e o calor úmido não ajudava.

— Vamos, Thom — disse. — Lopar falou que tem uma Sábia aqui perto. É assim que eles chamam as Sabedorias por aqui, Sábias. Nynaeve adoraria isso, né?

— Eu não preciso… de nenhuma mistura… nojenta… enfiada pela minha goela, garoto. — Thom apertou o punho fechado por entre o bigode, em uma vã tentativa de conter a tosse seca. — Pode ir na frente. Só me dê… algumas horas… aqui na cama… E aí eu vou me juntar a você na busca. — O chiado devastador o fez se curvar até quase tocar a cabeça nos joelhos.

— Então quer dizer que você quer que eu faça todo o trabalho enquanto fica aqui descansando? — perguntou Mat, em tom de brincadeira. — Como é que eu posso encontrar alguma coisa sozinho? É você que descobre a maioria das informações que ouvimos. — Aquilo não era bem verdade: os homens falavam tão abertamente durante um jogo de dados quanto ao pagar

uma caneca de vinho para um menestrel. E ainda mais com um menestrel que tossia tanto que poderia estar com uma doença contagiosa. Mas estava começando a achar que a tosse de Thom não cessaria sozinha. *Se esse bode velho morrer e me largar sozinho, com quem é que vou jogar pedras?*, ele se perguntou quase irritado. — Seja como for, essa sua maldita tosse não me deixa dormir. Nem mesmo no quarto ao lado.

Ignorando os protestos do homem de cabelos brancos, Mat puxou Thom para levantá-lo. Ficou chocado ao perceber o quanto do peso do menestrel teve que amparar. Apesar do calor abafado, Thom insistia em usar o manto coberto de retalhos. Mat usava o casaco aberto, e todos os três laços da camisa desamarrados, mas deixou o bode velho fazer como preferisse. Ninguém no salão prestou atenção quando ele saiu quase carregando Thom pelo mormaço da tarde.

O estalajadeiro dera indicações simples, mas, quando os dois chegaram ao portão e encararam a lama do Maule, Mat quase deu meia-volta para pedir a indicação de outra Sábia. Devia haver mais de uma, em uma cidade daquele tamanho. O chiado de Thom o fez decidir. Com uma careta, Mat deu um passo pra dentro do caminho enlameado, carregando o menestrel.

Ele tinha imaginado, pelas indicações, que os dois deviam ter passado pela casa da Sábia na saída das docas, naquela primeira noite. Quando viu a casa comprida e estreita, bem ao lado da loja de um oleiro, com montes de ervas para fora da janela, se lembrou que tinha sim passado por lá. Lopar mencionara alguma coisa sobre entrar pela porta dos fundos, mas ele já estava farto daquela lama.

E do cheiro de peixe, pensou, franzindo a cara para os homens descalços que patinhavam com as cestas nas costas. Também havia pegadas de cavalos na rua, marcas que começavam a ser apagadas por pés humanos e carros de boi. Havia sido alguns cavalos puxando uma carroça ou quem sabe uma carruagem. Ali em Tear, vira apenas bois puxando carroças e carros, pois os nobres e mercadores tinham muito orgulho de seus belos cavalos, então nunca deixavam o animal fazer qualquer tipo de trabalho. Mas também não tinha visto qualquer carruagem desde que deixara a cidade murada.

Afastando os cavalos e as marcas de rodas da mente, ele conduziu Thom até a porta da frente e deu uma batida. Depois de um tempo, bateu de novo. E de novo.

Estava prestes a desistir e voltar à Lua Crescente, apesar da tosse de Thom, apoiado em seus ombros, quando ouviu o som de passos dentro da casa.

A porta não abriu mais do que uma nesga, e uma mulher corpulenta, com cabelos grisalhos, espiou o lado de fora.

— O que é que você quer? — perguntou ela, a voz cansada.

Mat abriu seu melhor sorriso. *Luz, estou ficando cheio dessa gente maldita que age como se não houvesse mais esperança.*

— Mãe Guenna? Meu nome é Mat Cauthon. Cavan Lopar disse que a senhora talvez pudesse fazer algo pela tosse do meu amigo. Posso pagar muito bem.

Ela os analisou por um momento, parecendo escutar o chiado de Thom, depois soltou um suspiro.

— Acho que pelo menos isso eu ainda posso fazer. É melhor vocês irem entrando. — Ela abriu a porta e começou a se arrastar para os fundos da casa antes mesmo que os dois se movessem.

A mulher tinha um sotaque tão parecido com o da Amyrlin, que Mat estremeceu, mas a acompanhou, quase carregando Thom.

— Eu não… preciso disso — sibilou o menestrel. — Essas malditas misturas… sempre têm gosto… de estrume!

— Cale a boca, Thom.

A mulher robusta conduziu os dois até a cozinha, revirou um dos armários e pegou pequenos potes e pacotinhos de ervas, resmungando em voz baixa.

Mat ajudou Thom a sentar em uma das cadeiras de encosto alto e olhou pela janela mais próxima. Havia três bons cavalos amarrados ali nos fundos. Ficou surpreso por a Sábia ter mais de um animal, ou, aliás, ter sequer um. Não vira qualquer outra pessoa além de nobres e abastados a cavalo em Tear, e aqueles três animais pareciam ter custado mais que um punhado de prata. *Cavalos mais uma vez. Pouco me interessam esses malditos cavalos!*

Mãe Guenna preparou uma espécie de chá forte com cheiro rançoso e forçou goela abaixo de Thom, segurando o nariz do menestrel quando ele tentou protestar. Mat concluiu que a mulher tinha menos gordura no corpo do que ele pensara, ao reparar em como ela conseguia segurar a cabeça do menestrel com firmeza usando apenas a dobra de um dos braços enquanto

despejava o líquido preto na boca do homem. Não fraquejava, não importava o quanto ele tentasse impedi-la.

Quando ela afastou a caneca, Thom conseguiu tossir e esfregar a boca com o mesmo vigor.

— Gaaah! Mulher… eu não sei… se você… quer me afogar… ou me matar… com esse gosto! Você devia… ser uma maldita… ferreira!

— Vai tomar isso duas vezes por dia, até essa tosse ir embora — anunciou a mulher, com firmeza. — E vou lhe entregar um bálsamo para esfregar no peito todas as noites. — Um pouco daquele cansaço sumiu enquanto ela confrontava o menestrel, as mãos apoiadas nos largos quadris. — O bálsamo é tão fedido quanto esse chá é amargo, mas você vai esfregar, e no capricho! Se não fizer isso, eu arrasto você lá para cima que nem uma carpa magrela numa rede e amarro você à cama com esse seu manto! Nunca recebi um menestrel, e não vou deixar o primeiro que me aparece se matar de tanto tossir.

Thom encarou a mulher, furioso, e soprou o bigode com um tossido, mas pareceu levar a ameaça a sério. Pelo menos, não respondeu, apesar de parecer prestes a atirar o chá e o bálsamo na cara dela.

Quanto mais a tal Mãe Guenna falava, mais soava como a Amyrlin, aos ouvidos de Mat. Pela expressão amarga nos olhos de Thom e pela mirada firme da mulher, achou que era melhor acalmar um pouco os ânimos, antes que o menestrel decidisse se recusar a tomar os remédios. E que ela decidisse obrigá-lo.

— Conheci uma mulher que falava igualzinho à senhora — comentou. — Falava muito de peixes e redes, essas coisas. E também falava parecido. O sotaque, quer dizer. Acho que ela é tairena.

— Pode ser. — A mulher grisalha de repente demonstrou cansaço outra vez, e ficou encarando o chão. — Conheci umas garotas que tinham essa sua fala na língua, também. Duas delas tinham, pelo menos. — Ela soltou um suspiro pesado.

Mat sentiu que se arrepiava até os cabelos. *Minha sorte não pode ser tão boa assim.* Mas não apostaria um cobre que havia outras duas mulheres diferentes com sotaques de Dois Rios passando em Tear por acaso.

— Três garotas? Três moças? Chamadas Egwene, Nynaeve e Elayne? Essa última tem os cabelos da cor do sol e olhos azuis.

Ela franziu o cenho para ele.

— Não foram os nomes que elas me contaram — respondeu a mulher, devagar —, mas suspeitei que elas não tivessem me dado os nomes verdadeiros. Deviam ter seus motivos, pensei. Uma delas era uma moça bonita de olhos azuis e cabelos louros acobreados até os ombros. — Ela também descreveu Nynaeve, com aquela trança até a cintura, e Egwene, de olhos grandes e escuros e sorriso vivo. Três belas mulheres, tão diferentes entre si quanto era possível. — Vejo que são as moças que você conhece — concluiu. — Eu lamento muito, garoto.

— Por que a senhora lamenta? Faz dias que estou tentando encontrá-las! — *Luz, passei exatamente aqui na primeira noite! Passei bem na frente delas! Eu queria o acaso. Que maior acaso pode haver do que o local onde um navio atraca numa noite chuvosa, onde eu calhei de olhar justo na hora que estourou uma porcaria de um relâmpago? Que me queime! Que me queime!* — Diga onde elas estão, Mãe Guenna.

A mulher grisalha olhou com cansaço para o fogão onde o bule fervia. Ela mexeu a boca, mas não disse coisa alguma.

— Onde é que elas estão? — inquiriu Mat. — É importante! Elas estão correndo perigo, eu preciso encontrá-las.

— Você não entende — respondeu a mulher, baixinho. — É um estrangeiro. Os Grão-lordes…

— Não ligo para nenhum… — Mat piscou e encarou Thom. O menestrel parecia franzir a testa, mas também tossia com tanta força que o rapaz não pôde ter certeza. — O que é que os Grão-lordes têm a ver com as minhas amigas?

— Você simplesmente não…

— Não diga que não entendo! Eu pago pela informação!

Mãe Guenna cravou os olhos nele.

— Eu não aceito dinheiro por…! — Ela fechou a cara, cheia de fúria. — Está me pedindo para dizer coisas sobre as quais me ordenaram não falar. Sabe o que vai acontecer comigo se eu contar e você sussurrar meu nome por aí? Vou perder a língua, para começar. Depois vou perder outras partes do corpo, e depois os Grão-lordes vão pegar o que restar de mim, e vou passar minhas últimas horas pendurada, gritando e servindo de exemplo para que os outros sejam obedientes. E não vai adiantar nada para aquelas jovens mulheres, nem se eu contar e nem se eu morrer!

— Juro que jamais vou mencionar seu nome a ninguém. Eu juro. — *E vou manter esse juramento, velha maldita, se a senhora me disser onde elas estão!* — Por favor? Elas estão correndo perigo.

A mulher o estudou por um longo tempo. Mat teve a sensação de que ela vasculhara cada detalhe dele.

— Diante desse juramento, vou lhe contar. Eu… eu gostava delas. Mas você não pode fazer nada. Chegou tarde demais, Matrim Cauthon. Chegou umas três horas atrasado. Elas foram levadas para a Pedra. O Grão-lorde Samon mandou buscá-las. — Ela sacudiu a cabeça, perplexa e preocupada. — Ele enviou… mulheres… capazes de canalizar. Eu mesma não tenho nada contra as Aes Sedai, mas isso é proibido por lei. A lei que os próprios Grão-lordes criaram. Ainda que eles decidissem quebrar todas as outras leis, não quebrariam essa. Por que um Grão-lorde mandaria uma Aes Sedai para resolver seus assuntos? E o que ele quer com aquelas garotas, pra começar?

Mat quase explodiu em gargalhadas.

— Aes Sedai? Mãe Guenna, a senhora me deixou com o coração na boca, e acho que o fígado também. Se Aes Sedai vieram buscá-las, não há nada com que se preocupar. As três também serão Aes Sedai, um dia. Não que eu ache isso bom, mas é o que elas… — O sorriso foi morrendo quando notou a veemência com que a mulher sacudia a cabeça.

— Garoto, essas meninas lutaram como peixes-leão presos na rede. Não importa se elas vão se tornar Aes Sedai ou não, essas mulheres que as levaram trataram todas as três que nem pescado. Amigos não se machucam daquele jeito.

Ele sentiu o rosto se contorcer. *Aes Sedai as machucaram? Pela Luz, como assim? A maldita Pedra. O lugar faz o Palácio em Caemlyn parecer um quintal! Que me queime! Eu estava lá fora, na chuva, e olhei pra essa casa! Que me queime por ter sido cego pela Luz!*

— Se você quebrar a mão — comentou Mãe Guenna —, vou botar uma tala e cobrir de cataplasmo. Mas, se estragar minha parede, estripo seu couro que nem o de um peixe!

Ele piscou os olhos, depois olhou o próprio punho e percebeu as juntas arranhadas. Sequer se lembrava de ter socado a parede.

A mulher larga tomou a mão de Mat com uma pegada firme, mas os dedos que a examinaram eram de uma gentileza surpreendente.

— Nada quebrado — grunhiu, depois de um tempo. Os olhos que observavam seu rosto também eram gentis. — Parece que você se preocupa com elas. Com uma delas, pelo menos, eu suponho. Sinto muito, Mat Cauthon.

— Não sinta — retrucou o rapaz. — Pelo menos agora eu sei onde elas estão. Só preciso tirá-las de lá. — Ele pescou as duas últimas coroas de ouro andorianas e apertou-as na mão da mulher. — Pelos remédios de Thom, e por me contar sobre as garotas. — Em um impulso, beijou-a na bochecha e abriu um sorriso. — E isso é por mim.

Com um susto, ela levou a mão ao rosto, sem saber se olhava para as moedas ou para Mat.

— Tirá-las de lá, você diz. Simples assim. Tirá-las da Pedra. — De súbito, ela acertou as costelas de Mat com um dedo tão forte que parecia um galho de árvore. — Você me faz lembrar do meu marido, Mat Cauthon. Ele era um tolo cabeça-dura que saía dando gargalhadas, navegando bem pro olho da tempestade. Quase acredito que você vai conseguir. — Então ela notou as botas enlameadas, aparentemente pela primeira vez. — Levei seis meses para ensinar aquele homem a não trazer lama para dentro da minha casa. Se você tirar aquelas garotas de lá, essa em quem você está de olho vai ter um trabalhão pra deixar você decente o suficiente pra ficar dentro de casa.

— A senhora é a única mulher que poderia fazer isso — retrucou, com um sorriso que se alargou ainda mais ante o olhar firme da mulher. *Tirá-las de lá. É só isso o que eu preciso fazer. Tirar aquelas garotas da maldita Pedra de Tear.* Thom tossiu outra vez. *Ele não vai entrar na Pedra desse jeito. Só que… Como é que vou fazer para impedi-lo?* Mãe Guenna, posso deixar meu amigo aqui? Acho que ele está muito doente para voltar para a estalagem.

— O quê? — vociferou Thom. Ele tentou se levantar da cadeira, tossindo tanto que mal podia falar. — Não estou… nada disso, garoto! Você acha… que entrar na Pedra… vai ser… igual a entrar na cozinha da sua mãe? Acha que… conseguiria… passar pelos portões… sem mim? — Ele se apoiou no encosto da cadeira, dobrado para a frente. A tosse e o chiado o impediam de se erguer o suficiente para ficar de pé.

Mãe Guenna pousou uma das mãos no ombro de Thom e o empurrou de volta sem dificuldade, como se ele fosse uma criança. O menestrel lhe

lançou um olhar surpreso.

— Eu cuido dele, Mat Cauthon — anunciou a mulher.

— Não! — gritou Thom. — Você não pode… fazer isso comigo! Não pode… me deixar aqui… com essa velha… — Apenas a mão da mulher no ombro dele o impediu de cair para a frente.

Mat sorriu para o homem de cabelos brancos.

— Foi bom conhecê-lo, Thom.

Enquanto corria para a rua, percebeu que se perguntava por que dissera aquilo. *Ele não vai morrer, maldição. Aquela mulher vai mantê-lo vivo nem que tenha que agarrá-lo pelo bigode e puxá-lo da cova. Sim, mas quem é que vai me manter vivo?*

À frente dele, a Pedra de Tear erguia-se, imponente, sobre a cidade. Inconquistável, a fortaleza fora sitiada cem vezes, uma pedra onde cem exércitos haviam quebrados os dentes. E ele precisava dar um jeito de entrar lá.

E resgatar três mulheres. De algum jeito. Com uma gargalhada que fez até as pessoas que caminhavam emburradas pela rua olharem para ele, Mat retornou à Lua Crescente sem se importar com a lama ou o ar abafado. Já sentia os dados rolando em sua cabeça.



CAPÍTULO 53



Um Fluxo de Espírito

Perrin reajustou o casaco enquanto caminhava de volta à Estrela em meio às sombras da noite. Um cansaço bom se entranhava em seus braços e ombros. Além das tarefas mais triviais, Mestre Ajala o fizera trabalhar em uma grande peça ornamental, toda elaborada com curvas e arabescos, para o portão de algum lorde do campo. Ele gostara de fazer algo tão bonito.

— Achei que os olhos dele fossem saltar da cara, ferreiro, quando você disse que não faria o trabalho se fosse para um Grão-lorde.

Ele olhou de soslaio para Zarine, que caminhava a seu lado, o rosto parcialmente oculto pelas sombras. Mesmo aos olhos dele as sombras estavam ali, apenas mais fracas do que pareceriam a qualquer outro. Elas ressaltavam as maçãs do rosto altas da moça, suavizavam o nariz expressivo. Ele não conseguia se decidir a respeito dela. Ainda que Moiraine e Lan insistissem para que os dois não se afastassem da estalagem, Perrin gostaria que ela encontrasse outra coisa para fazer que não ficar olhando-o trabalhar. Por alguma razão, sentia-se cada vez mais incomodado todas as vezes que pensava naqueles olhos oblíquos a encará-lo. Mais de uma vez, perdera o jeito com o martelo, fazendo Mestre Ajala franzir a testa para ele, espantado. As garotas sempre tiveram o poder de desconcertá-lo, sobretudo quando sorriam para ele, mas Zarine nem mesmo precisava sorrir. Apenas olhar. Ele se perguntou mais uma vez se ela seria a bela mulher a respeito de quem Min o alertara. *Melhor que ela seja o falcão.* Aquele pensamento o surpreendeu de tal forma que chegou a tropeçar.

— Não queria fazer nada que fosse parar nas mãos de um dos Abandonados. — Seus olhou reluziam, dourados, a encará-la. — Se fosse para um Grão-lorde, como é que eu poderia saber para qual deles era? — A jovem estremeceu. — Não quis assustar você, Fai… Zarine.

Ela abriu um sorriso grande, sem dúvida pensando que ele não era capaz de vê-la.

— Você ainda vai cair, fazendeiro. Já pensou em deixar crescer a barba?

Já é ruim o bastante ela estar sempre zombando de mim, mas metade das vezes eu sequer a compreendo!

Quando os dois chegaram à porta da frente da estalagem, Moiraine e Lan os encontraram, chegando pelo outro lado. A Aes Sedai usava aquele manto de linho com o capuz largo que escondia o rosto. A luz saía das janelas do salão, formando poças amarelas na calçada de pedras. Duas ou três carruagens passaram fazendo barulho, e havia pelo menos uma dezena de pessoas à vista, correndo de volta para casa para o jantar, mas a maior parte da rua era ocupada pelas sombras. A loja do tecelão estava fechada. O silêncio era ensurdecedor.

— Rand está em Tear. — A voz fria da Aes Sedai emergiu das profundezas do capuz, como se viesse de uma caverna.

— Tem certeza? — perguntou Perrin. — Não ouvi falar de nada estranho acontecendo. Nenhum casamento, nenhum poço secando. — Ele notou que Zarine franziu a testa, confusa. Moiraine não fora muito aberta com ela, e nem ele. Manter a boca de Loial fechada fora mais difícil.

— Não escuta os boatos, ferreiro? — perguntou o Guardião. — Houve tantos casamentos nos últimos quatro dias quanto nos últimos seis meses. E tantos assassinatos quanto no último ano inteiro. Uma criança caiu da varanda de uma torre, hoje. Cem passos até a calçada de pedras. Ela se levantou e correu até a mãe sem nem um arranhão. A Primeira de Mayene, "convidada" da Pedra desde o inverno, anunciou que vai se submeter à vontade dos Grão-lordes, depois de ter dito, ainda ontem, que Mayene e todos os seus navios arderiam em chamas antes que um senhor de terras taireno pusesse os pés na cidade. Os homens não tiveram coragem de torturá-la, e aquela jovem tem uma determinação de ferro, então me diga se acha que isso não deve ser obra de Rand. Ferreiro, Tear está fervilhando como um caldeirão, de cima a baixo.

— Para mim, esses acontecimentos não eram necessários como comprovação — explicou Moiraine. — Perrin, você sonhou com Rand ontem à noite?

— Sonhei — admitiu o rapaz. — Ele estava no Coração da Pedra, segurando aquela espada — sentiu Zarine se remexer atrás dele. —, mas andei tão preocupado com isso que nem me surpreendi com o sonho. Ontem à noite só tive pesadelos.

— Um homem alto? — perguntou Zarine. — Com cabelos vermelhos e olhos cinzentos? Segurando alguma coisa que brilhava tão forte que doía nos olhos? Num lugar todo feito de enormes colunas de pedra vermelha? Ferreiro, diga que você não sonhou com isso.

— Sabem — comentou Moiraine —, ouvi falar desse sonho umas cem vezes, só hoje. Todos falam de pesadelos… Be'lal não parece se preocupar muito em blindar os próprios sonhos. Mas falaram desse ainda mais do que de todos os outros. — Ela de repente deu uma risada, que pareceu o bater de um sino grave e frio. — O povo diz que ele é o Dragão Renascido. Dizem que ele está vindo. Sussurram pelos cantos, temerosos, mas dizem.

— E quanto a Be'lal? — perguntou Perrin.

A resposta de Moiraine o pegou de surpresa, cortante como uma lâmina.

— Vou cuidar dele hoje à noite. — Ela não exalava cheiro de medo.

— *Vamos* cuidar dele hoje à noite — consertou Lan.

— Sim, meu Gaidin. Vamos cuidar dele.

— E o que é que vamos fazer? Vamos ficar sentados aqui, esperando? Já esperei nas montanhas o suficiente para uma vida inteira, Moiraine.

— Você, Loial… e Zarine vão para Tar Valon — respondeu a Aes Sedai. — Até isso terminar. Lá será o lugar mais seguro para vocês.

— Onde está o Ogier? — perguntou Lan. — Quero vocês três no caminho para o norte o quanto antes.

— Lá em cima, imagino — respondeu Perrin. — No quarto dele, ou talvez no salão de jantar. As luzes de lá estão acesas. Ele vive trabalhando naquelas anotações. Acho que vai ter muito a contar no livro sobre as nossas fugas. — Ele se surpreendeu com o amargor da própria voz. *Luz, seu idiota, está querendo enfrentar outro Abandonado? Não. Não, mas estou cansado de fugir. Eu me lembro de quando não fugi. Lembro de partir para a luta, e foi melhor. Mesmo achando que eu ia morrer, foi melhor.*

— Eu vou chamá-lo — anunciou Zarine. — Não tenho vergonha de admitir que fico feliz em fugir dessa luta. Os homens lutam quando deveriam fugir, e os tolos também lutam quando deveriam fugir. Mas eu não precisava ter dito isso duas vezes. — Ela saiu na frente do grupo a passos firmes, as saias justas e divididas balançando ruidosamente por conta do atrito do tecido.

Perrin examinou o salão enquanto o grupo seguia Zarine até a escadaria dos fundos. Havia menos homens às mesas do que ele esperava. Uns estavam sozinhos, os olhos fitando o vazio, mas alguns grupos de dois ou três conversavam em sussurros assustados, tão baixos que seus ouvidos mal podiam captar. Mesmo assim, ele ouviu três vezes a palavra "Dragão".

Ao alcançar o topo da escada, ouviu outro som baixo, um baque de algo caindo no salão de jantar privado. Ele examinou o corredor naquela direção.

— Zarine? — Não houve resposta. Sentiu um arrepio nos pelos da nuca e avançou para onde ouvira o som. — Zarine? — Ele empurrou a porta. — Faile!

Ela jazia caída no chão, perto da mesa. Quando Perrin fez menção de correr para dentro do salão, o comando de Moiraine o fez parar.

— Pare, seu idiota! Pare, pela sua vida! — Ela avançou lentamente pelo corredor, virando a cabeça como se tentasse ouvir ou procurasse algo. Lan seguia atrás dela com a mão na espada e um olhar que revelava que ele sabia que o aço de nada adiantaria. Ela andou até o lado da porta e parou. — Afaste-se, Perrin. Afaste-se!

Ele olhava para Zarine, aflito. Para Faile. Ela jazia ali, inerte. Por fim se forçou a recuar, deixando a porta aberta e se posicionando de modo a ainda poder vê-la. Ela parecia morta. Perrin não conseguia ver o peito dela se mexer. Queria uivar. Franzindo a testa, ele remexia a mão, a mesma que usara para empurrar a porta, abrindo e fechando os dedos. Sentia um formigamento penetrante, como se tivesse batido o cotovelo.

— Você não vai fazer nada, Moiraine? Se não for, vou até ela.

— Fique quieto, ou não irá a lugar algum — respondeu ela, muito calma. — O que é aquilo perto da mão direita dela? Parece que ela soltou quando caiu. Não consigo identificar.

Perrin cravou os olhos nela, depois espiou dentro do quarto.

— Um ouriço. Parece um ouriço entalhado em madeira. Moiraine, diga o que está acontecendo! O que foi que houve? Me diga!

— Um ouriço — murmurou a mulher. — Um ouriço. Fique quieto, Perrin. Preciso pensar. Senti o disparo. Consigo sentir os resíduos dos fluxos entrelaçados. Espírito. Puro Espírito, nada mais. Quase nada requer fluxos puros de Espírito! Por que aquele ouriço me faz pensar em Espírito?

— Você sentiu o disparo de quê, Moiraine? O que é que havia aqui? Uma armadilha?

— Sim, uma armadilha — respondeu a mulher, a irritação abrindo leves rachaduras naquela calma fria habitual. — Uma armadilha para mim. Eu teria sido a primeira a entrar neste salão, se Zarine não tivesse saído correndo na frente. Lan e eu com certeza teríamos entrado aí para traçar nossos planos e esperar o jantar. Fique quieto, se quiser que eu consiga ajudar essa garota. Lan! Traga o estalajadeiro aqui!

O Guardião disparou escada abaixo.

Moiraine andava de um lado para o outro no corredor, às vezes parando para espiar pela porta, das profundezas do capuz. Perrin não conseguia ver qualquer sinal de que Zarine estava viva. O peito dela não se movia. Ele tentou ouvir as batidas do coração da mulher, mas até para seus ouvidos aquilo era impossível.

Quando Lan retornou, segurando à sua frente um Jurah Haret muito assustado, a mão forte apertando a nuca gorda, a Aes Sedai virou-se para o homem calvo.

— O senhor prometeu reservar este salão para mim, Mestre Haret. — A voz dela era severa e precisa como uma faca afiada. — Prometeu não deixar sequer a criada entrar para limpar se eu não estivesse presente. Quem foi que o senhor deixou entrar, Mestre Haret? Diga!

Haret tremia como um pudim.

— S-só as d-duas ladies, senhora. E-elas q-queriam deixar uma surpresa para a senhora. Eu juro, senhora. E-elas me m-mostraram. Um pequeno o-ouriço. E-elas disseram que a s-senhora ficaria s-surpresa.

— Eu fiquei surpresa, estalajadeiro — respondeu Moiraine, em voz baixa. — Saia daqui! E se disser uma só palavra sobre isso, mesmo durante o sono, derrubo essa estalagem e deixo só um buraco no chão.

— S-sim, senhora — sussurrou o homem. — Eu juro! Eu juro!

— Vá!

Desesperado para chegar às escadas, o estalajadeiro acabou caindo de joelhos. Desceu fazendo uma barulhada, o que indicava que devia ter caído

mais de uma vez pelo caminho.

— Ele sabe que estou aqui — disse Moiraine ao Guardião — e encontrou alguém da Ajah Negra para montar a armadilha. Mas talvez pense que caí nela. Foi um pequeno lampejo de Poder, mas talvez ele seja forte o bastante para ter sentido.

— Então não vai suspeitar da nossa aproximação — comentou Lan, baixinho. O homem quase sorriu.

Perrin encarava os dois, rosnando.

— E ela? — inquiriu. — O que fizeram com ela, Moiraine? Ela está viva? Não consigo saber se ela está respirando!

— Ela está viva — respondeu Moiraine, devagar. — Eu não posso e nem me atrevo a chegar perto o bastante para afirmar muito mais que isso, mas ela está viva. Está… dormindo, de certa forma. Como um urso dorme durante o inverno. Seu coração está batendo tão devagar que seria possível contar os minutos entre as batidas. A respiração também. Ela está dormindo. — Mesmo por detrás daquele capuz, Perrin sentia os olhos da mulher sobre ele. — Acho que ela não está lá, Perrin. Não está mais no próprio corpo.

— Como assim, ela não está no próprio corpo? Luz! Não está dizendo que eles… levaram a alma dela? Que nem os Homens Cinza! — Moiraine sacudiu a cabeça, e ele suspirou aliviado. Sentia o peito doer como se não tivesse respirado desde a última frase da Aes Sedai. — Então onde ela está, Moiraine?

— Eu não sei — respondeu a mulher. — Tenho uma suspeita, mas não sei.

— Uma suspeita, um palpite, qualquer coisa! Que me queime, onde? — Lan se remexeu com a rispidez de sua voz, mas Perrin sabia que tentaria quebrar o Guardião como ferro sobre um cinzel se o homem tentasse impedi-lo. — Onde?

— Eu sei muito pouco, Perrin. — A voz de Moiraine era como uma música fria e impiedosa. — Lembrei o pouco que sei sobre o que conecta um ouriço entalhado com Espírito. O entalhe é um *ter'angreal* cuja última análise foi feita por Corianin Nedeal, a última Sonhadora da Torre. Sonhar é um Talento do Espírito, Perrin. Não é um assunto que eu tenha estudado, meus Talentos seguem outros caminhos. Acredito que Zarine está presa dentro de um sonho, talvez até no Mundo dos Sonhos, *Tel'aran'rhiod*. Tudo o que ela é está dentro desse sonho. Tudo. Uma Sonhadora manda apenas

uma parte de si. Se Zarine não retornar logo, seu corpo vai morrer. Talvez ela continue viva no sonho. Eu não sei.

— Tem muita coisa que você não sabe — murmurou Perrin. Ele olhou para dentro do salão e quis chorar. Zarine parecia tão pequena ali, deitada. Tão indefesa. *Faile. Juro que só vou chamar você de Faile, para o resto da vida.* — Por que você não faz nada?

— A armadilha foi disparada, Perrin, mas é uma armadilha que ainda pode pegar qualquer um que entre no salão. Eu seria pega antes mesmo de alcançá-la. E tenho trabalho a fazer hoje à noite.

— Que a queime, Aes Sedai! Que o seu trabalho queime! E esse Mundo dos Sonhos? É como os sonhos de lobos? Você disse que essas Sonhadoras às vezes viam lobos.

— Eu contei o que podia — respondeu ela, ríspida. — Está na hora de você partir. Lan e eu precisamos ir para a Pedra. Não podemos mais esperar.

— Não — interrompeu Perrin, baixinho. No entanto, ergueu a voz quando Moiraine abriu a boca. — Não! Eu não vou deixá-la!

A Aes Sedai respirou fundo.

— Muito bem, Perrin. — Sua voz era gelo: calma, suave, fria. — Fique, se desejar. Talvez sobreviva a esta noite. Lan!

Ela e o Guardião avançaram pelo corredor até os quartos. Retornaram dentro de instantes, Lan com o manto que mudava de cor, e desapareceram pelas escadas sem dizer uma palavra.

Ele olhou para Faile pela porta aberta. *Preciso fazer alguma coisa. Se isso for como os sonhos de lobo…*

— Perrin — o ressoar profundo de Loial fez-se ouvir —, o que foi que aconteceu com Faile? — O Ogier seguia apressado pelo corredor, em uma camisa de manga, com tinta nos dedos e uma caneta na mão. — Lan falou que eu precisava ir embora, depois contou alguma coisa sobre Faile ter caído em uma armadilha. O que ele quis dizer?

Absorto, Perrin contou o que Moiraine dissera. *Pode ser que funcione. Pode ser. Tem que funcionar!* Ele ficou surpreso quando Loial grunhiu.

— Não, Perrin, isso não é certo! Faile era tão livre. Não é certo aprisioná-la!

Perrin observou o rosto de Loial e de repente lembrou-se das antigas histórias que descreviam os Ogier como inimigos implacáveis. As orelhas

dele estavam esticadas para trás, coladas à lateral da cabeça, e o rosto grande estava duro como uma bigorna.

— Loial, vou tentar ajudar Faile. Mas ficarei completamente indefeso no processo. Pode me proteger?

Loial ergueu as mãos enormes, acostumadas a segurar os livros com tanto cuidado, e curvou os dedos grossos, como se estivesse esmagando uma pedra.

— Ninguém vai passar por mim enquanto eu viver, Perrin. Nem um Myrddraal, nem mesmo o próprio Tenebroso. — Ele disse aquilo com o tom de quem apenas constata um fato.

Perrin assentiu e olhou outra vez pela porta. *Tem que funcionar. Não me interessa se Min me avisou para tomar cuidado com ela ou não!* Com um rosnado, ele pulou na direção de Faile, esticando a mão. Pensou ter tocado o tornozelo dela antes de apagar.

* * *

Perrin não sabia se o sonho da armadilha era ou não em *Tel'aran'rhiod*, mas conhecia o lugar dos sonhos de lobo. Estava rodeado por colinas cobertas de grama, com alguns arbustos espalhados. Viu cervos pastando ao redor dos arvoredos, e uma manada de algum tipo de animal veloz saltando pela grama. Pareciam cervos de listras marrons, mas com chifres compridos e retos. Os aromas que o vento trazia informavam que eles eram bons para comer, e ainda outros aromas indicavam outras boas caças ao redor. Era um sonho de lobo.

Ele percebeu que usava o colete de couro comprido de ferreiro e tinha os braços desnudos. Sentia um peso ao lado do corpo. Tocou o cinturão onde levava o machado, mas não era o machado que pendia do ilhó. Passou os dedos e sentiu a cabeça do pesado martelo de ferreiro. Parecia certo.

Saltador pousou diante dele.

Você veio de novo, como um tolo. A imagem que o lobo enviara era de um filhote enfiando o nariz em um tronco de árvore oco para lamber mel, apesar das abelhas que picavam seus olhos e focinho. *O perigo é maior do que nunca, Jovem Touro. Coisas malignas caminham no sonho. Os irmãos e irmãs evitam as montanhas de pedras erguidas pelas de duas pernas, e quase temem sonhar uns com os outros. Você precisa ir!*

— Não — retrucou Perrin. — Faile está aqui, aprisionada em algum lugar. Preciso encontrá-la, Saltador. Eu preciso! — Ele sentiu algo mudando dentro de si, algo se transformando. Olhou para as próprias pernas, cobertas de pelos enrolados, as patas largas. Era um lobo ainda maior que Saltador.

Você veio com força demais! Cada mensagem trazia choque. *Você vai morrer, Jovem Touro!*

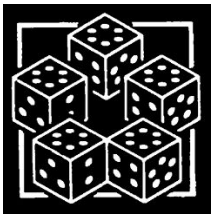
Se eu não libertar o falcão, irmão, não me importo.

Então vamos à caça, irmão.

Com os narizes ao vento, os dois lobos dispararam pela planície à procura do falcão.



CAPÍTULO 54



Dentro da Pedra

Os telhados de Tear não eram lugar para um homem sensato passear à noite, concluiu Mat, enquanto perscrutava o escuro. Um pouco mais de cinquenta passos de uma rua larga, ou talvez de uma praça estreita, separavam a Pedra do telhado onde ele estava, três andares acima dos paralelepípedos da calçada. *Mas desde quando eu sou sensato? As únicas pessoas que conheci que eram sensatas o tempo inteiro eram tão entediantes que chegavam a dar sono.* Quer fosse uma rua ou uma praça, ele estava desde o cair da noite dando a volta em toda a extensão, que circundava a Pedra. O único lugar por onde não passara fora a margem do rio, onde o Erinin corria junto à fortaleza, sem nada para interromper seu curso além da muralha da cidade. A muralha ficava a apenas duas casas à direita. Até então, o topo da muralha parecia o melhor caminho até a Pedra, mas não era um caminho que ele pegaria feliz.

Segurando o bastão e uma pequena lata com alça de arame, Mat avançou com cuidado até uma chaminé de tijolos que ficava um pouco mais próxima da muralha. O rolo de fogos de artifício — ou o que um dia fora um rolo de fogos de artifício, antes do arranjo que ele fizera no quarto da estalagem — se sacudia em suas costas. No momento era mais parecido com uma trouxa. Ele comprimira o máximo possível, mas o embrulho ainda era muito grande para ser levado pelos telhados à noite. Um pouco mais cedo, a trouxa provocara um escorregão que fizera uma das telhas deslizar pela beirada de

um telhado, e um homem que dormia em um quarto abaixo acordou, soltou um grito de “ladrão!” e fez Mat correr em disparada. Ele ajeitou a trouxa nas costas sem pensar e agachou-se na sombra da chaminé. Depois de um instante, pousou a latinha no chão. A alça de arame estava começando a ficar desconfortavelmente quente.

A empreitada parecia um pouco mais segura enquanto observava a Pedra oculto pelas sombras, mas aquilo não era muito encorajador. A muralha da cidade não era nem de perto tão robusta quanto as que ele vira em outros lugares, como Caemlyn ou Tar Valon. O paredão tinha menos de um passo de espessura e era sustentado por grandes suportes de pedra, no momento também cobertos por um manto de escuridão. Um passo era largura mais do que suficiente para atravessar caminhando, naturalmente, porém a queda para cada um dos lados era de quase dez braças. Uma queda no escuro, direto na calçada dura. *Mas algumas dessas casas malditas dão com os fundos bem para o muro, e consigo chegar no alto com a maior facilidade e correr direto para a porcaria da Pedra!*

Isso era possível, mas não era uma ideia particularmente agradável. Os lados da Pedra pareciam despenhadeiros. Analisando outra vez a altura, Mat disse a si mesmo que era capaz de escalar o muro. *É claro que sou. Que nem escalei aqueles desfiladeiros nas Montanhas da Névoa.* Mais de cem passos para cima, em linha reta, ficava uma ameia. Devia haver seteiras mais abaixo, mas não conseguia distingui-las à noite. Não dava para se espremer por uma seteira. *Cem malditos passos. Talvez cento e vinte. Que me queime, nem Rand tentaria escalar isso.* Porém, era a única entrada que havia encontrado. Todos os portões que avistara estavam bem fechados e eram robustos o bastante para embarreirar uma manada de touros, sem mencionar os quase dez soldados que montavam guarda com muita atenção em cada uma das entradas fechadas, todos com elmos, placas peitorais e espadas nos cinturões.

De súbito Mat piscou os olhos e forçou a vista em direção à lateral da Pedra. *Havia* um idiota escalando a muralha, parecia uma sombra se movendo sob o luar. A pessoa já tinha passado mais da metade do caminho, e corria o risco de uma queda de setenta passos até a calçada abaixo. *Idiota, é? Bem, sou tão idiota quanto ele, já que também vou subir. Que me queime, ele vai acabar soando algum alarme lá em cima e me denunciando.* Ele já não podia ver o homem. *Quem é esse sujeito, pela Luz?*

Que me importa quem ele é? Que me queime, mas que maneira mais desgraçada de se vencer uma aposta. Vou querer um beijo de cada uma, até mesmo de Nynaeve!

Ele se remexeu para espiar a muralha, tentando escolher o ponto por onde subir, e de repente sentiu aço pressionando sua garganta. Sem pensar, afastou a lâmina com um tranco e deslizou o bastão por debaixo dos pés do homem. Um segundo sujeito chutou os pés de Mat, que caiu quase em cima do homem que havia derrubado e rolou pelas telhas, soltando a trouxa de fogos de artifício — *Se isso cair na rua, eu acabo com os dois!* —, e pôs o bastão para rodopiar. Sentiu carne sendo atingida, e da segunda vez ouviu gemidos. Então, duas lâminas pressionaram sua garganta.

Ele congelou, os braços abertos. As pontas das lanças curtas, embaçadas para evitar refletir até mesmo o fraco luar, pressionavam sua carne quase a ponto de tirar sangue. Seus olhos acompanharam as lanças até os rostos das pessoas que as empunhavam, mas as cabeças estavam cobertas, os rostos escondidos por véus negros que revelavam apenas os olhos que o encaravam. *Que me queime, topei com ladrões de verdade! O que foi que houve com a minha sorte?*

Ele abriu um sorriso com muitos dentes à mostra, para que o grupo o enxergasse sob o luar.

— Não quero atrapalhar os senhores no trabalho, então, se puderem me deixar seguir meu caminho, deixo os senhores seguirem o seu e não abro a boca. — Os homens de véus não se moveram, e nem as lanças. — Não quero gritaria, assim como vocês. — Os sujeitos permaneciam parados como estátuas, encarando-o. *Que me queime, eu não tenho tempo para isso. É hora de jogar os dados.* Por um instante aterrador, pensou que as palavras em sua cabeça haviam soado estranhas. Apertou o bastão, encostando-o de um lado do corpo, e quase soltou um grito quando alguém pisou forte em seu pulso.

Ele rolou os olhos para ver quem era. *Que me queime por ser tão idiota, eu me esqueci do sujeito que rolei por cima.* Porém, notou outra silhueta se movendo por trás daquela que prendia seu punho e concluiu que, no fim das contas, fora melhor não ter conseguido usar o bastão.

Uma bota macia e amarrada até o joelho repousava em seu braço. Aquilo incitava sua memória. Algo relacionado a um homem encontrado nas montanhas. Ele olhou o restante da silhueta coberta pelo manto da noite,

tentando distinguir o corte e as cores das roupas que pareciam envoltas em sombras, com cores que se mesclavam demais à escuridão para que as enxergasse com clareza. Tentou distinguir o que havia por trás da faca de lâmina longa no punho do sujeito, o que havia até o véu negro que cobria seu rosto. Um rosto de véu negro. Véu negro.

Aiel! Que me queime, o que esses malditos Aiel estão fazendo aqui? Ele sentiu o estômago afundar ao se lembrar de ouvir que os Aiel usavam os véus quando pretendiam matar.

— Sim — concordou uma voz masculina —, nós somos Aiel.

Mat levou um susto: não percebera que havia falado em voz alta.

— Você dança bem para alguém pego de surpresa — comentou uma jovem voz feminina. Ele achou que fosse ela quem estava pisando em seu pulso. — Talvez outro dia eu tenha tempo para dançar com você de um jeito mais apropriado.

Ele começou a abrir um sorriso — *Se ela quer dançar, acho que não devem estar prestes a me matar!* —, mas então franziu a testa. Tinha a lembrança de que os Aiel às vezes diziam as coisas de uma forma diferente.

As lanças foram recolhidas, e mãos o ergueram. Ele as dispensou e se sacudiu como se estivesse em um salão de estalagem, não em cima de um telhado coberto pela noite em companhia de quatro Aiel. Sempre compensava deixar o adversário saber que enfrentava alguém de nervos inabaláveis. Os Aiel levavam aljavas nas cinturas, além de facas e outras daquelas lanças curtas nas costas, e mais os arcos dentro de estojos. As pontas das lanças longas se projetavam por cima dos ombros. Mat percebeu que cantarolava "Estou no Fundo do Poço" e parou.

— O que está fazendo aqui? — perguntou a voz masculina. Como usavam véus, Mat não tinha muita certeza de qual deles havia falado. A voz soava mais velha, confiante, acostumada a comandar. Achou que podia distinguir a mulher, pelo menos: era a única mais baixa que ele, mas não muito. Todos os outros eram uma cabeça ou mais maiores que ele. *Malditos Aiel*, pensou. — Vigiamos você há algum tempo — prosseguiu o homem mais velho —, observando-o examinar a Pedra. Já a analisou de todos os lados. Por quê?

— Eu poderia perguntar o mesmo de todos vocês — comentou outra voz. Mat foi o único que se assustou quando um homem de calças largas emergiu das sombras. O sujeito parecia estar sem sapatos, para pisar melhor nas

telhas. — Esperava encontrar ladrões, não Aiel — prosseguiu o homem —, mas não pensem que me assustam por estarem em maioria. — Um cajado fino, mais baixo que a cabeça do homem, tornou-se um borrão e produziu um zumbido quando foi rodopiado. — Meu nome é Juilin Sandar, sou um caçador de ladrões e gostaria de saber por que todos vocês estão em cima de um telhado examinando a Pedra.

Mat sacudiu a cabeça. *Quantas pessoas resolveram subir nesses malditos telhados hoje?* Só faltava Thom aparecer e começar a tocar a harpa, ou surgir alguém à procura de uma estalagem. *Um desgraçado de um apanhador de ladrões!* Ele se perguntou por que os Aiel continuavam parados.

— Você espreita bem, para um homem da cidade — comentou a voz do homem mais velho. — Mas por que está nos seguindo? Não roubamos nada. E por que é que ficou tanto tempo encarando a Pedra, hoje à noite?

Mesmo sob o luar, a surpresa de Sandar era evidente. Ele levou um susto, abriu a boca… e a fechou de volta quando mais quatro Aiel irromperam da escuridão atrás dele. Com um suspiro, apoiou-se no bastão delgado.

— Parece que eu é que fui pego — resmungou. — Parece que *eu* é que vou ter que responder às perguntas de *vocês*. — Ele perscrutou a Pedra, depois balançou a cabeça. — Eu… fiz uma coisa hoje que… me preocupa. — Ele quase parecia falar sozinho, tentando desvendar o que acontecera. — Uma parte de mim diz que foi a coisa certa, que devo obediência. Sem dúvida parecia certo, quando fiz. Mas uma vozinha me diz que eu… cometi uma traição. Tenho certeza de que essa voz está errada, e ela é muito fraquinha, mas não para. — Ele ficou em silêncio e balançou a cabeça outra vez.

Um dos Aiel assentiu e falou com a voz do homem mais velho:

— Eu sou Rhuarc, do ramo dos Nove Vales dos Aiel Taardad, e já fui *Aethan Dor*, um Escudo Vermelho. Algumas vezes os Escudos Vermelhos fazem o que os seus caçadores de ladrões fazem. Digo isso para que compreenda que sei o que você faz e o tipo de homem que deve ser. Não pretendo machucá-lo, Juilin Sandar dos caçadores de ladrões, nem as pessoas de sua cidade, mas não lhe será permitido dar o grito de alerta. Se fizer silêncio, viverá. Se não, não.

— Não pretende fazer mal à cidade — repetiu Sandar, sem pressa. — Então por que está aqui?

— A Pedra. — O tom de Rhuarc deixava claro que não pretendia dizer nada além daquilo.

Depois de um instante, Sandar assentiu e murmurou:

— Eu quase gostaria que você tivesse o poder de causar algum mal à Pedra, Rhuarc. Vou segurar minha língua.

Rhuarc, o rosto ainda coberto pelo véu, se virou para Mat.

— E você, jovem sem nome? Vai me dizer por que vigia a Pedra tão de perto?

— Eu só queria dar uma caminhada ao luar — respondeu Mat, muito calmo. A mulher pôs a ponta da lança outra vez em sua garganta, e ele tentou não engolir. *Bem, talvez eu possa contar alguma coisa a eles.* Ele não podia deixar transparecer que estava abalado. Se deixasse o oponente perceber uma coisa dessas, perderia toda a vantagem. Com muito cuidado, usando dois dedos, afastou a lâmina do próprio pescoço. Imaginou ouvir a mulher rir baixinho. — Algumas pessoas que conheço estão dentro da Torre — explicou, tentando soar despreocupado. — Prisioneiras. Quero tirá-las de lá.

— Sozinho, sem nome? — perguntou Rhuarc.

— Bem, parece que não tem mais ninguém para vir comigo — retrucou Mat, ríspido. — A não ser que vocês queiram ajudar? Parecem que também estão interessados na Pedra. Se entrarem, talvez possamos ir juntos. O lance é arriscado de qualquer jeito, mas minha sorte é boa. — *Até agora, pelo menos. Esbarrei com Aiel de véus negros e não fui degolado por eles, não dá para ter mais sorte que isso. Que me queime, não seria nada mau levar alguns Aiel lá para dentro comigo.* — Apostar na minha sorte não costuma ser tão ruim.

— Não viemos atrás de prisioneiros, jogador — respondeu Rhuarc.

— Está na hora, Rhuarc. Mat não soube dizer de qual dos Aiel vinha a voz, mas o homem assentiu.

— Sim, Gaul. — Ele olhou de Mat para Sandar, e de volta para Mat. — Não cantem o grito de alerta. — O homem se virou e, dois passos adiante, já se misturara à sombra.

Mat levou um susto. Os outros Aiel também haviam desaparecido, deixando-o sozinho com o apanhador de ladrões. *A menos que tenham deixado alguém nos vigiando. Que me queime, como é que eu vou saber?*

— Espero que não queira me impedir também — disse a Sandar, enquanto jogava outra vez a trouxa de fogos de artifício nas costas e apanhava o bastão. — Quero entrar lá, ao seu lado ou por cima de você, de um jeito ou de outro. — Ele foi até a chaminé e pegou a latinha. A alça de arame estava mais do que morna.

— Essas pessoas que você mencionou — começou Sandar. — Por acaso são três mulheres?

Mat franziu o rosto, lamentando que não houvesse luz suficiente para revelar o rosto do homem. A voz do sujeito era esquisita.

— O que é que você sabe delas?

— Sei que elas estão dentro da Pedra. E conheço um pequeno portão perto do rio por onde um caçador de ladrões tem permissão para entrar com um prisioneiro, para levá-lo até as celas. As celas onde elas devem estar. Se confiar em mim, jogador, posso nos levar até lá. O que acontecer depois disso fica por conta do acaso. Talvez a sua sorte nos traga de volta com vida.

— Eu sempre tive sorte — começou Mat, devagar. *Será que me acho sortudo o bastante para confiar nele?* Não gostava muito da ideia de se passar por um prisioneiro: parecia fácil demais a encenação se tornar realidade. Porém, não parecia ser mais arriscado do que subir trezentos pés ou mais naquela escuridão.

Ele olhou na direção da muralha da cidade. Ela estava encoberta em sombras, silhuetas indistintas que deslizavam por ela. Aiel, não tinha dúvidas. Devia haver mais de cem. Haviam desaparecido, mas dava para ver as sombras se deslocando pela parede vertical que formava o lado íngreme da Pedra de Tear. Não daria mais para subir por ali. Aquele sujeito que subiu mais cedo podia até ter conseguido entrar sem disparar nenhum alarme — o tal grito de alerta de Rhuarc —, mas cem ou mais Aiel avançando juntos deviam soar como sinos. No entanto, talvez desviassem a atenção. Se causassem uma comoção lá para cima, dentro da Pedra, talvez o vigia das celas não prestasse tanta atenção a um apanhador de ladrões arrastando um ladrão.

Eu poderia muito bem apimentar um pouco a confusão. Dei muito duro por isso.

— Muito bem, apanhador de ladrões. Só não vá concluir no último minuto que sou um prisioneiro de verdade. Podemos começar a caminhada

até o seu portão assim que eu remexer um pouquinho esse formigueiro. — Pensou ter visto Sandar franzir a testa, mas não diria ao homem mais do que o necessário.

Sandar o seguiu pelos telhados, subindo para os andares de cima com a mesma facilidade que ele. O último telhado era só um pouco mais baixo que o topo da muralha e ia direto até ela, bastava se erguer um pouco, em vez de escalar.

— O que está fazendo? — sussurrou Sandar.

— Espere por mim aqui.

Com a latinha balançando em uma das mãos, suspensa pela alça de arame, e segurando o bastão à frente na horizontal, Mat respirou fundo e começou a avançar em direção à Pedra. Tentou não pensar na altura a que estava da calçada lá embaixo. *Luz, esse troço maldito tem três pés de largura! Daria pra caminhar por ele com uma porcaria de uma venda, e dormindo!* Três pés de largura, no escuro, e mais de cinquenta pés até a calçada. Ele também tentou não pensar que Sandar poderia não estar lá quando ele voltasse. Estava quase comprometido com a ideia idiota de fingir ser um ladrão capturado pelo sujeito, mas parecia muito provável que retornasse ao telhado só para descobrir que Sandar sumira, decerto para voltar com reforços e fazer dele um prisioneiro de verdade. *Não pense nisso. Mantenha o foco na tarefa que tem nas mãos. Pelo menos finalmente vou ver como é.*

Como suspeitara, havia uma seteira na muralha da Pedra, bem no topo, um entalhe profundo que formava uma abertura comprida e estreita, suficiente para passar uma flecha. Se a Pedra fosse atacada, os soldados lá dentro dariam algum jeito de impedir qualquer tentativa de seguir por aquele caminho. A fenda estava escura. Não parecia haver alguém de vigia. O que era algo sobre o qual ele também tentara evitar pensar.

Sem parar por muito tempo, Mat pousou a latinha a seus pés, equilibrou o bastão na parede bem ao lado da Pedra e soltou a trouxa das costas. Mais do que depressa, enfiou a trouxa para dentro da rachadura, empurrando-a o mais fundo que pôde. Queria que o máximo possível de barulho fosse ouvido do lado de dentro. Puxou um canto do tecido encerado, revelando os estopins amarrados. Depois de pensar um pouco, em seu quarto, decidiu cortar os pavios longos, para igualá-los ao tamanho do menor. Então usara as sobras de corda para ajudar a amarrar todos os pavios juntos. Achava que todos

dispariam ao mesmo tempo, produzindo um estrondo e um clarão que seria suficiente para atrair a atenção de qualquer um que não fosse completamente surdo.

A tampa da latinha estava tão quente que ele teve que soprar os próprios dedos duas vezes antes de arrancá-la, e desejou saber o tal truque de Aludra para acender aquela lanterna com tanta facilidade. Expôs o pedaço escuro de carvão que havia lá dentro, acomodado em uma cama de areia. A alça foi removida e virou uma pinça, e um soprinho trouxe de volta o brilho vermelho ao carvão. Ele encostou a brasa nos pavios amarrados, largou a pinça e o carvão ao lado do muro enquanto as cordinhas assoviavam em chamas, agarrou o bastão e saiu correndo de volta para a muralha.

Isso é loucura, pensou enquanto corria. *Não me importa qual vai ser o tamanho da explosão. Eu poderia quebrar o pescoço fazendo iss…!*

O estrondo atrás de si foi mais alto do que qualquer coisa que já ouvira em toda a vida. Um soco monstruoso o golpeou pelas costas, expulsando todo o ar de seus pulmões antes mesmo de ele conseguir aterrissar no topo do muro, estatelado de barriga para baixo, mal conseguindo segurar o bastão que balançava sobre a beirada. Por um instante, permaneceu ali, tentando recobrar o fôlego, tentando não pensar em como *sem dúvida* finalmente gastara toda a sorte para não cair do muro. Seus ouvidos reverberavam como os sinos de Tar Valon.

Ele se levantou com cuidado e olhou para trás, na direção da Pedra. Uma nuvem de fumaça se erguia em torno da seteira. Por trás da fumaça, o contorno sombreado da seteira parecia diferente. Maior. Ele não entendia como nem por quê, mas de fato parecia maior.

Parou para pensar apenas por um instante. Em um extremo da muralha devia estar Sandar, esperando para entrar na Pedra levando-o disfarçado de prisioneiro, ou então retornando com soldados. No outro extremo, deveria haver alguma forma de entrar sem qualquer chance de Sandar traí-lo. Mat avançou pelo caminho que acabara de percorrer, sem se preocupar com a escuridão ou o risco de queda para qualquer um dos lados.

A seteira *estava* maior, a maior parte da pedra mais fina no meio simplesmente desaparecera, deixando um buraco grosseiro, como se alguém tivesse passado horas martelando a parede.

Ele forçou passagem pela nova abertura, tossindo com a fumaça penetrante, depois pulou para o chão do lado de dentro e caminhou uns doze

passos até dar de cara com Defensores da Pedra, pelo menos dez deles, todos gritando e confusos. A maioria estava apenas de camisa, e nenhum usava elmo ou placa peitoral. Alguns seguravam lanternas. Outros erguiam espadas desembainhadas.

Idiota!, gritou em pensamento. *Foi para isso que acendeu aquelas porcarias, para começo de conversa! Idiota cego pela Luz!*

Não tinha tempo de retornar até a muralha. Girando o bastão, partiu para cima dos soldados antes que os homens pudessem fazer mais que notar sua presença. Lançou-se na direção deles, golpeando cabeças, espadas, joelhos e o que mais pudesse, sabendo que eram muitos para enfrentar sozinho, sabendo que aquela jogada de dados imbecil custara qualquer chance que Egwene e as outras pudessem ter.

De repente Sandar surgiu ao lado dele, iluminado pela luz das lanternas largadas pelos homens agarrados às espadas, o cajado fino rodopiando ainda mais rápido que o bastão de Mat. Pegos de surpresa por dois homens com bastões, os soldados desabaram como pinos em um jogo de boliche.

Sandar olhou para os homens caídos, balançando a cabeça.

— Defensores da Pedra. Eu ataquei Defensores! Vão querer minha cabeça por…! O que foi que você fez, jogador? Aquele clarão de luz, o trovão que arrebentou a pedra. Você invocou raios? — Ele baixou a voz a um sussurro. — Será que eu me juntei a um homem capaz de canalizar?

— Fogos de artifício — respondeu Mat, ríspido. Seu ouvido ainda zumbia, mas podia ouvir o som de mais botas a caminho, botas que corriam pelas pedras, avançando com baques surdos. — As celas, homem! Me leve até as celas antes que chegue mais alguém!

Sandar se recompôs.

— Por aqui! — O homem disparou por um corredor lateral, afastando-se das botas que chegavam. — Temos que correr! Vão nos matar se nos encontrarem! — Em algum ponto acima, gongos começaram a disparar um alarme, e mais estrondos de botas ecoaram pela Pedra.

Estou indo, pensou Mat, enquanto corria atrás do apanhador de ladrões. *Vou resgatar vocês ou vou morrer! Eu prometo!*

Os gongos do alarme ecoavam pela Pedra, mas Rand não prestou mais atenção a eles do que ao estrondo anterior, um trovão abafado que viera de algum lugar abaixo. A lateral de seu corpo doía. A antiga ferida ardia, e quase se abrira com a escalada na lateral da fortaleza. Ele também não deu

atenção à ferida. Tinha um sorriso torto congelado nos lábios, um sorriso de antecipação e terror que não poderia ter desfeito nem mesmo se quisesse. Estava perto, agora. O sonho. *Callandor.*

Finalmente terminarei com isso tudo. De um jeito ou de outro, estará tudo acabado. Os sonhos vão chegar ao fim. As iscas, as provocações, a caçada. Vou terminar com tudo!

Rindo sozinho, ele disparou pelos corredores sombrios da Pedra de Tear.

* * *

Egwene levou a mão ao rosto, estremecendo. Sua boca tinha um gosto amargo, e ela sentia sede. *Rand? O quê? Por que estava sonhando com Mat outra vez, tudo misturado com Rand, e gritando que estava vindo? O quê?*

Ela abriu os olhos e encarou os muros de pedra cinza, onde uma tocha rústica soltava fumaça e produzia sombras que tremeluziam. Então deu um grito, ao se lembrar de tudo.

— Não! Eu não serei acorrentada outra vez! Não serei encolarada! Não!

Nynaeve e Elayne chegaram ao lado dela em um instante, os rostos cheios de hematomas com expressões tão preocupadas e aterrorizadas que Egwene foi incapaz de acreditar nos sons tranquilizantes que as duas emitiam. Mas só o fato de que elas estavam lá já era o suficiente para silenciar seus gritos. Ela não estava só. Fora feito prisioneira, mas não estava sozinha. E não fora encolarada.

Tentou se sentar, e as duas ajudaram. Tinham de ajudá-la, pois cada um de seus músculos doía. Conseguia se lembrar de cada golpe invisível recebido durante o frenesi que quase a enlouquecera quando descobriu… *Não vou pensar nisso. Preciso pensar em como vamos fugir daqui.* Ela deslizou para trás até conseguir se apoiar em uma parede. A dor lutava com o cansaço, a batalha de se recusar a ceder consumira toda a força que lhe restava, e os machucados pareciam deixá-la ainda mais esgotada.

A cela estava vazia, exceto pelas três mulheres e a tocha. O chão era nu, frio e duro. A porta de tábuas brutas, lascada como se inúmeros dedos já a tivessem arranhado, inutilmente, era a única abertura nas paredes. Mensagens haviam sido deixadas na pedra, a maioria escrita por mãos

trêmulas. “Que a Luz tenha misericórdia e me deixe morrer”, dizia uma delas. Ela tirou aquilo da cabeça.

— Ainda estamos blindadas? — murmurou. Até falar doía.

Ao mesmo tempo em que Elayne assentiu, Egwene percebeu que não deveria ter perguntado. A bochecha inchada da mulher de cabelos dourados, o lábio ferido e o olho roxo eram resposta suficiente, ainda que sua própria dor não fosse. Se Nynaeve tivesse sido capaz de tocar a Fonte Verdadeira, elas sem dúvida teriam sido Curadas.

— Eu tentei — respondeu Nynaeve, desesperada. — Eu tentei, tentei e tentei. — Ela deu um puxão forte na trança, a raiva se infiltrando em sua voz, apesar do medo e da falta de esperança. — Uma delas está sentada lá fora. É Amico, aquela desgrenhada exibida, se elas não estiverem se revezando desde que nos jogaram aqui. Acho que uma é suficiente para manter a blindagem, depois que os fluxos são combinados. — A mulher soltou uma risada amarga. — Tanto esforço elas fizeram… para nos capturar, e agora parece que não somos nem um pouco importantes. Já faz horas desde que bateram aquela porta na nossa cara, e ninguém veio perguntar nada. Nem nos ver, ou sequer trazer uma gota d’água. Talvez queiram deixar a gente aqui até morrermos de sede.

— Isca — comentou Elayne, com a voz trêmula, embora obviamente estivesse tentando soar destemida. Sem a menor sombra de sucesso. — Liandrin disse que somos uma isca.

— Isca para quê? — perguntou Nynaeve, vacilante. — Isca para quem? Se eu sou uma isca, quero me enfiar pelas gargantas delas até todas sufocarem!

— Rand. — Egwene parou para engolir, até mesmo uma única gota d’água seria bem-vinda. — Eu sonhei com Rand e *Callandor*. Acho que ele está vindo para cá. — *Mas por que será que sonhei com Mat? E Perrin? Era um lobo, mas tenho certeza de que era ele.* — Não fiquem com tanto medo — disse, tentando soar confiante. — Nós vamos escapar, de um jeito ou de outro. Se conseguimos vencer os Seanchan, conseguiremos vencer Liandrin.

As outras duas a encararam. Nynaeve disse:

— Liandrin disse que treze Myrddraal estão a caminho, Egwene.

Percebeu que olhava outra vez a mensagem arranhada na parede: “Que a Luz tenha misericórdia e me deixe morrer.” Ela cerrou os punhos. Sentiu

câimbras na mandíbula, com o esforço de não gritar aquelas palavras. *É melhor morrer. A morte é melhor do que me voltar para a Sombra, do que passar a servir ao Tenebroso!*

Ela percebeu que uma de suas mãos agarrara a bolsa no cinturão com força. Podia sentir os dois anéis lá dentro, o pequeno círculo da Grande Serpente e o anel maior, de pedra retorcida.

— Não levaram o *ter'angreal* — comentou, espantada. Revirou a bolsa e tirou-o de dentro. O anel fazia peso em sua mão, rajado e colorido, um anel com apenas uma borda.

— Não somos importantes o suficiente sequer para sermos revistadas — suspirou Elayne. — Egwene, tem certeza de que Rand está vindo para cá? Preferia me libertar do que esperar pela possibilidade de que ele chegue, mas se existe alguém capaz de derrotar Liandrin e as outras, é ele. O Dragão Renascido deve empunhar *Callandor*. Ele *tem que* ser capaz de derrotá-las.

— Não se acabarmos aprisionando ele junto com a gente — murmurou Nynaeve. — Não se elas tiverem preparado uma armadilha que ele não veja. Por que está encarando esse anel, Egwene? *Tel'aran'rhiod* não vai nos ajudar agora. A não ser que você consiga sonhar com uma forma de escaparmos daqui.

— Talvez eu consiga — começou, devagar. — Eu poderia canalizar em *Tel'aran'rhiod*. A barreira delas não vai me impedir de alcançar o Mundo dos Sonhos. Basta dormir, não preciso canalizar. E estou cansada o bastante para dormir.

Elayne franziu a testa, contraindo-se ao sentir as feridas repuxadas.

— Eu arrisco qualquer coisa, mas como é que você vai conseguir canalizar, mesmo em um sonho, sem contato com a Fonte Verdadeira? E, se conseguir, como é que isso vai nos ajudar aqui?

— Eu não sei, Elayne. Só porque estou blindada aqui, não quer dizer que também esteja no Mundo dos Sonhos. No mínimo, vale a tentativa.

— Talvez — respondeu Nynaeve, preocupada. — Também arrisco qualquer coisa, mas você viu Liandrin e as outras da última vez que usou esse anel. E disse que elas também viram você. E se estiverem lá de novo?

— Espero que estejam — respondeu Egwene, em um tom sombrio. — Espero que estejam.

Ela agarrou o *ter'angreal* e fechou os olhos. Sentiu Elayne alisando seus cabelos e ouviu-a murmurar baixinho. Nynaeve começou a cantarolar aquela

canção de ninar de sua infância, e pela primeira vez não sentiu raiva alguma. Os sons e toques suaves a acalmaram, deixaram-na se render ao cansaço, permitindo que o sono chegasse.

* * *

Ela usava seda azul dessa vez, mas não notou qualquer coisa além disso. Uma brisa suave acariciava seu rosto sem hematomas e avivava o voo das borboletas sobre as flores silvestres. A sede desaparecera, e também a dor. Ela tentou abraçar *saidar* e foi preenchida pelo Poder Único. Mesmo o triunfo que sentiu ao ter sucesso era pequeno se comparado à onda de Poder que a invadia.

Com relutância, se forçou a encerrar o contato com a Fonte, fechou os olhos e preencheu o vazio com uma imagem perfeita do Coração da Pedra. Aquele era o único lugar da Pedra que era capaz de visualizar, além da cela, e como distinguiria entre dois cubículos sem qualquer traço característico? Quando abriu os olhos, estava lá. Porém, não estava sozinha.

A silhueta de Joiya Byir estava parada diante de *Callandor*, tão insubstancial que a luz da espada brilhava através dela. A espada de cristal parara de apenas reluzir com o reflexo da luz e no momento pulsava com um brilho próprio, como se alguma luz dentro dela estivesse sendo revelada, coberta, e depois encoberta outra vez. A irmã Negra teve um sobressalto e virou-se para Egwene.

— Como? Você está blindada! Seu Sonho chegou ao fim!

Antes que as primeiras palavras saíssem da boca da mulher, Egwene alcançou *saidar* outra vez, urdiu a intrincada trama de Espírito que lembrava ter sido usada contra ela e cortou o contato de Joiya Byir com a Fonte. Os olhos da Amiga das Trevas se arregalaram, aqueles olhos cruéis e tão incongruentes com o rosto belo e gentil, mas Egwene já começara a tecer Ar. A silhueta da outra mulher podia parecer uma névoa, mas os elos a contiveram. Egwene parecia não precisar fazer esforço para sustentar a urdidura dos dois fluxos. Quando se aproximou, pôde ver o suor na testa de Joiya Byir.

— Você tem um *ter'angreal*! — O medo no rosto da mulher era evidente, mas sua voz lutava para escondê-lo. — Só pode ser isso. Um *ter'angreal* que escapou e que não requer canalização. Acha que vai adiantar de alguma

coisa, garota? Nada do que fizer aqui poderá afetar o que acontece no mundo real. *Tel'aran'rhiod* é um sonho! Quando eu acordar, vou pessoalmente arrancar esse *ter'angreal* de você. Cuidado com o que faz, para eu não entrar furiosa na sua cela.

Egwene sorriu para ela.

— Tem certeza de que vai acordar, Amiga das Trevas? Se o seu *ter'angreal* requer canalização, por que você não acordou assim que eu a blindei? Talvez não consiga acordar enquanto estiver blindada aqui. — Seu sorriso morreu, o simples esforço de sorrir para aquela Aes Sedai era maior do que ela podia suportar. — Uma mulher me mostrou uma cicatriz que ganhou em *Tel'aran'rhiod*, Amiga das Trevas. O que acontece aqui *continua* real quando você acorda.

O suor escorria pela face lisa e de idade indefinida da irmã Negra. Egwene se perguntou se a mulher acreditava estar prestes a morrer. Quase desejou ser cruel o bastante para fazer aquilo. A maioria dos golpes invisíveis que sofrera vieram daquela mulher, que a esmurrara apenas porque tentara rastejar para longe, apenas porque se recusara a desistir.

— Uma mulher capaz de dar surras tão violentas — comentou Egwene — não deve fazer objeção a uma mais leve. — Mais do que depressa, urdiu outro fluxo de Ar. Joiya Byir arregalou os olhos escuros, incrédula, quando o primeiro golpe a atingiu nos quadris. Egwene percebeu como ajustar a tessitura para que não precisasse sustentá-la. — Você vai se lembrar disso, quando acordar, e vai sentir. Quando eu permitir que você acorde. E tem mais uma coisa. Se tentar me bater outra vez, trarei você de volta para cá e a deixarei aqui para o resto da vida! — Os olhos da irmã Negra a encaravam cheios de ódio, mas também deixavam escapar um traço de lágrimas.

Egwene sentiu vergonha por um momento. Não pelo que estava fazendo a Joiya, já que a mulher merecia cada golpe. Se não pelo que fizera a ela, então pelas mortes dentro da Torre. Não era exatamente aquilo, e sim porque estava gastando tempo com a própria vingança enquanto Nynaeve e Elayne permaneciam sentadas dentro de uma cela, torcendo contra todas as chances para que ela fosse capaz de resgatá-las.

Ela prendeu os fluxos de suas tessituras antes que percebesse o que fizera, depois parou para analisar o que acabara de fabricar. Três tramas separadas, e não só não encontrara problemas para sustentá-las juntas, como

também conseguira fazer com que as três se sustentassem sozinhas. Julgava-se capaz de lembrar como fizera. E poderia ser útil.

Depois de um instante, desfiou uma das tramas, e a Amiga das Trevas soluçou, tanto de alívio quanto de dor.

— Eu não sou como você — declarou Egwene. — Essa é a segunda vez que fiz uma coisa dessas, e não gosto nem um pouco. Vou ter que aprender a cortar gargantas, em vez disso. — Pela expressão no rosto da irmã Negra, a mulher devia ter pensado que Egwene pretendia começar por ela.

Com um som de repulsa, a jovem de Dois Rios deixou a mulher ali, aprisionada e blindada, e correu pela floresta de colunas de pedra vermelha polida. Tinha que haver um caminho até as celas.

* * *

O corredor de pedras caiu em silêncio quando o grito derradeiro foi interrompido pelo cravar da mandíbula do Jovem Touro na garganta do de duas pernas, esmagando-a. O sangue em sua língua tinha um gosto amargo.

Ele sabia que ali era a Pedra de Tear, embora não soubesse dizer como sabia. Os de duas pernas que jaziam ao redor dele, um deles dando os últimos chutes enquanto os dentes de Saltador se enterravam em sua garganta, haviam exalado o odor rançoso de medo, durante a luta. Um odor de confusão. Ele achava que os dois não sabiam onde estavam, e sem dúvida não pertenciam ao sonho do lobo, mas ainda assim estavam ali para impedi-lo de chegar àquela porta comprida mais adiante, a porta com o cadeado de ferro. Estavam ali para vigiá-la, pelo menos. Haviam ficado surpresos em ver lobos. Pensou que tivessem ficado surpresos em notar que estavam ali.

Limpou a boca, depois encarou a própria mão com uma incompreensão momentânea. Era homem outra vez. Era Perrin. De volta ao próprio corpo, com o colete de ferreiro e o pesado martelo ao seu lado.

Temos que correr, Jovem Touro. Algo maligno se aproxima.

Perrin puxou o martelo do cinturão enquanto avançava até a porta.

— Faile deve estar aqui. — Um golpe certeiro estilhaçou o cadeado. Ele deu um chute para abrir a porta.

O cômodo estava vazio, exceto por um bloco de pedra comprido no centro do chão. Faile estava deitada sobre o bloco, parecendo dormir, os cabelos negros espalhados como um leque, o corpo tão acorrentado que ele

levou um tempo para perceber que ela estava nua. Cada corrente estava presa à pedra por uma tranca grossa.

Ele mal percebeu que cruzara o aposento até tocar a face da moça, deslizando um dedo pela maçã do rosto.

Ela abriu os olhos e sorriu para ele.

— Eu sonhei que você vinha, ferreiro.

— Já vou libertar você, Faile. — Perrin ergueu o martelo e estraçalhou uma das trancas, como se fosse de madeira.

— Eu tinha certeza. Perrin.

Enquanto seu nome saía da boca de Faile, ela também saía de vista. Com um estrépito, as correntes desabaram na pedra onde ela estivera.

— Não! — gritou. — Eu a encontrei!

O sonho não é como o mundo de carne, Jovem Touro. Aqui, a mesma caçada pode ter muitos finais.

Ele não se virou para encarar Saltador. Sabia que seus dentes estavam arreganhados em um rosnado. Ergueu o martelo outra vez, descendo-o com toda a força sobre as correntes que prendiam Faile. Com o golpe, o bloco de pedra se rachou em dois. A própria Pedra repicou, como um sino emperrado.

— Então eu vou caçar outra vez — rosnou.

Com o martelo na mão, Perrin saiu do aposento a passos largos, Saltador a seu lado. A Pedra era um lugar de homens. E homens, ele sabia, eram caçadores mais cruéis até do que os lobos.

* * *

Gongos de alarme soaram em algum ponto acima, ressoando pelo corredor, mas não abafaram muito o tinido de metal contra metal e os berros dos homens que lutavam muito perto. Aiel e Defensores, Mat suspeitou. Suportes compridos e dourados, cada um contendo quatro lampiões dourados, alinhavam-se no corredor onde ele estava, e tapeçarias de seda com cenas de batalha pendiam das paredes de pedra polida. Havia até carpetes de seda no piso, vermelho-escuro sobre azul-escuro, trançados em um ponto chamado labirinto taireno. Pela primeira vez Mat estava ocupado demais para estimar os preços de cada uma daquelas coisas.

Esse desgraçado é bom, pensou, enquanto tentava afastar uma investida de espada, mas o golpe que tentara acertar na cabeça do homem, com a outra

extremidade do bastão, acabou sendo desviado para bloquear outra vez a lâmina dardejante. *Será que ele é um desses malditos Grão-lordes?* Ele quase conseguiu desferir um bom golpe em um dos joelhos do oponente, mas o homem saltou para trás, a lâmina reta erguida em guarda.

O homem de olhos azuis sem dúvida usava um daqueles casacos de mangas bufantes; esse era amarelo com listras bordadas em fios de ouro. Mas a roupa fora vestida de qualquer jeito, apenas metade da camisa foram enfiada nas calças, e os pés estavam descalços. Os cabelos escuros e curtos estavam desgrenhados como os de alguém que acordara com pressa, mas o homem lutava com vigor. Cinco minutos antes, o sujeito irrompera de repente, atravessando uma das portas altas e entalhadas que se alinhavam no corredor, empunhando uma espada sem bainha, e Mat só pôde agradecer por tê-lo visto surgindo pela frente, não por trás. Não era o primeiro homem vestido daquela forma que Mat enfrentara, mas sem dúvida era o melhor.

— Consegue passar por mim, caçador de ladrões? — perguntou Mat, com o cuidado de não desgrudar os olhos do homem que o aguardava com a lâmina pronta para o ataque. Sandar insistira, irritado, em ser chamado de "caçador de ladrões" em vez de "apanhador de ladrões", embora para Mat fosse tudo mesma coisa.

— Não consigo — gritou Sandar, por detrás dele. — Se você se afastar para abrir caminho, vai perder espaço para balançar este remo que chama de bastão e vai acabar no espeto que nem um sargo.

Que nem o quê?

— Bem, pense em alguma coisa, taireno. Esse desgrenhado está me dando nos nervos.

O homem de casaco listrado de ouro o encarou com desprezo.

— Terá a honra de morrer pela espada do Grão-lorde Darlin, camponês, se eu assim o permitir. — Era a primeira vez que ele se dignava a falar. — Em vez disso, acho que vou pendurar vocês dois pelos calcanhares e assistir às suas peles serem arrancadas dos corpos…

— Acho que eu não gostaria disso — comentou Mat.

O rosto do Grão-lorde ficou vermelho de indignação por ser interrompido, mas Mat não deu ao homem a chance de fazer qualquer comentário ultrajado. Girando o bastão em laçadas duplas contidas, tão rápidas que transformavam as extremidades da arma em borrões, ele deu um salto para a frente. Darlin, rosnando, mal conseguia afastar o bastão. Por

hora. Mat sabia que não conseguiria manter aquele ritmo por muito tempo e, se tivesse sorte, os dois ficariam nos golpes e contragolpes. Se tivesse sorte. No entanto, não tinha qualquer intenção de contar com a sorte daquela vez. Assim que o Grão-lorde teve um momento para definir um padrão de defesa, Mat alterou o ataque no meio do giro. A extremidade do bastão que Darlin esperava que fosse golpear sua cabeça acabou mergulhando e atingindo suas pernas. A outra ponta acertou sua cabeça, e ele caiu com um estrépito cortante que o fez revirar os olhos.

Ofegante, Mat inclinou o bastão sobre o Grão-lorde inconsciente. *Que me queime, se eu tiver que lutar com mais um ou dois iguais a esse, vou acabar desabando de exaustão! As histórias não contam o trabalhão que dá para ser um herói! Nynaeve sempre acaba encontrando um jeito de me fazer trabalhar.*

Sandar andou até ele, franzindo o cenho para o Grão-lorde caído.

— Não parece tão poderoso aí no chão — comentou, espantado. — Não parece muito mais grandioso do que eu.

Mat levou um susto e espiou pelo corredor, onde um homem acabava de passar trotando ao longo de um corredor adjacente. *Que me queime, não sei se estou maluco, mas podia jurar que era Rand!*

— Sandar, acha que… — começou a falar, balançando o bastão por cima do ombro, e parou ao atingir algo.

Ele se virou e deu de cara com outro Grão-lorde vestido às pressas, dessa vez com a espada já no chão, os joelhos dobrados e as duas mãos sobre a cabeça, que Mat acertara com o bastão. Mais do que depressa, desferiu um golpe forte no estômago do homem com a ponta do bastão, para fazê-lo baixar as mãos, e depois, outra pancada na cabeça, fazendo-o desabar por cima da própria espada.

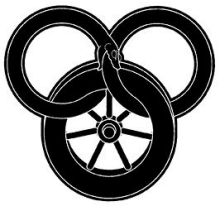
— É a sorte, Sandar — murmurou. — Não dá para competir com a maldita sorte. Agora, por que não encontra logo essa porcaria de passagem secreta que os Grão-lordes usam para descer até as celas? — Sandar insistira que existia uma escada dessas e que usá-la os pouparia de ter que atravessar a maior parte da Pedra. Mat achava que não gostava muito de homens que, de tão ávidos para verem os prisioneiros sendo interrogados, quisessem uma rota rápida de seus aposentos até as celas.

— Só fique feliz por *ter* tanta sorte — retrucou Sandar, vacilante —, ou esse aqui teria matado nós dois antes mesmo que o víssemos. Eu sei que a

porta está em algum lugar por aqui. Você vem? Ou prefere esperar outro Grão-lorde aparecer?

— Vá na frente. — Mat passou por cima do Grão-lorde inconsciente. — Não sou um maldito herói.

Correndo, o rapaz seguiu o caçador de ladrões, que espiava por todas as portas altas por que passavam, resmungando que sabia que a passagem estava ali, em algum lugar.



CAPÍTULO 55



O Que Está Escrito na Profecia

Rand adentrou a câmara devagar, caminhando por entre as grandes colunas de pedra vermelha polida que se lembrava de ter visto nos sonhos. O silêncio preenchia as sombras, mas algo o chamava. E algo piscava mais adiante, uma luz momentânea que jogava as sombras para trás, um farol. Ele deu um passo à frente, entrando embaixo de um enorme domo, e viu o que buscava. *Callandor*, suspensa no ar com a empunhadura para baixo, à espera apenas da mão do Dragão Renascido, nenhuma outra. Enquanto girava, dividia a pouca luz que havia no recinto, e vez ou outra tremulava, como se emanasse luz própria. Chamando-o. Esperando por ele.

Se é que eu sou o Dragão Renascido. Se é que não sou só mais um homem meio louco, amaldiçoado com o dom de canalizar, uma marionete de Moiraine e da Torre Branca.

— Pegue, Lews Therin. Pegue, Fratricida.

Ele se virou na direção de onde vinha a voz. O homem alto de cabelos brancos e curtos que irrompera das sombras entre as colunas era um pouco familiar. Rand não fazia ideia de quem era o sujeito vestido em um casaco de seda vermelha com listras pretas com mangas bufantes, além de calças pretas enfiadas nas botas cobertas de elaborados ornamentos em prata. Não conhecia o homem, mas já o vira em seus sonhos.

— Você as trancou em uma jaula — comentou. — Egwene, Nynaeve e Elayne. Nos meus sonhos. Você sempre trancava as três em uma jaula e fazia mal a elas.

O homem fez um gesto desdenhoso com a mão.

— Elas são menos que nada. Talvez se tornem importantes um dia, quando forem treinadas, mas não agora. Confesso estar surpreso por você se importar tanto com elas a ponto de torná-las úteis. Mas você sempre foi um tolo, sempre pronto para seguir seu coração, em vez de buscar poder. Veio cedo demais, Lews Therin. Agora terá que fazer aquilo para o qual ainda não está preparado ou morrerá. Morrerá sabendo que deixou essas mulheres que tanto preza em minhas mãos. — Ele parecia à espera de algo, vigilante. — Pretendo usá-las mais, Fratricida. Elas servirão a mim, servirão ao meu poder. E isso as machucará mais do que tudo o que já sofreram.

Atrás de Rand, *Callandor* piscou, emanando um pulso de calor em suas costas.

— Quem é você?

— Não se lembra de mim, não é? — O homem de cabelos brancos de repente soltou uma risada. — Também não me lembro de você, com essa aparência. Um camponês com um estojo de flauta nas costas. Será que Ishamael falou a verdade? Ele sempre gostou de mentir para ganhar uma polegada ou um segundo de vantagem. Não se lembra de nada, Lews Therin?

— Um nome! — exigiu Rand. — Qual é o seu nome?

— Pode me chamar de Be'lal. — O Abandonado demonstrou desprezo ao notar que Rand não reagira ao nome. — Pegue! — ordenou Be'lal, de repente, estendendo a mão em direção à espada atrás de Rand. — Já fomos para a guerra lado a lado, e por isso vou lhe dar uma chance. Uma chance pequena, mas é a chance de salvar a si próprio, a chance de salvar aquelas três que eu pretendo transformar em animaizinhos de estimação. Pegue a espada, *camponês*. Talvez seja o suficiente para lhe ajudar a sobreviver a mim.

Rand riu.

— Acha mesmo que consegue me assustar assim, tão fácil, Abandonado? Ba'alzamon em pessoa veio me caçar. Acha que vou me acovardar agora, diante de você? Rastejar diante de um Abandonado depois de ter renegado o Tenebroso na cara dele?

— É isso o que você acha? — perguntou Be'lal, baixinho. — Na verdade, você não sabe de nada. — De repente uma espada surgiu nas mãos do homem, uma espada com a lâmina feita de fogo negro. — Pegue! Pegue *Callandor*! Ela passou três mil anos, o tempo que estive preso, esperando

aqui. Esperando por você. Um dos *sa'angreal* mais poderosos que já fizemos. Pegue e defenda-se, se puder!

Ele avançou em direção a Rand como se para empurrá-lo até *Callandor*, mas o jovem andoriano ergueu as próprias mãos. *Saidin* o preencheu, trazendo o doce fluxo rápido do Poder e o embrulho no estômago causado pela mácula vil. Ele empunhava uma espada feita de chamas vermelhas, a marca da garça em sua lâmina flamejante. Começou a se movimentar nas formas que Lan ensinara até passar a deslizar de uma à outra, como se dançasse. Cortando a Seda. Água Correndo Morro Abaixo. Vento e Chuva. A lâmina de fogo negro se chocou contra a lâmina de fogo vermelho, irrompendo em faíscas, rugindo como metal incandescente se estilhaçando.

Rand retomou uma postura defensiva, tentando não demonstrar a súbita hesitação. Também havia uma garça na lâmina negra, um pássaro quase invisível de tão escuro. Já enfrentara um homem que usava uma espada de aço com a marca da garça, e quase não sobrevivera. Sabia que não tinha direito algum de portar uma marca de mestre espadachim, a figura já estava na espada que ganhara do pai, e, quando ele pensava em ter uma espada nas mãos, pensava naquela. Já abraçara a morte, como o Guardião ensinara, mas dessa vez a morte seria derradeira. Be'lal era melhor do que ele com a espada. Mais forte. Mais rápido. Um verdadeiro mestre espadachim.

O Abandonado riu, divertindo-se, balançando a espada em floreios rápidos para os dois lados. O fogo negro rugia, como se cruzar o ar com aquela rapidez o estimulasse.

— Você já foi um espadachim melhor, Lews Therin — comentou, de forma jocosa. — Lembra quando decidimos praticar aquele esporte maçante chamado esgrima e aprendemos a matar com ele, como os antigos volumes afirmavam que os homens faziam? Consegue se lembrar sequer de uma daquelas batalhas desesperadas ou de qualquer uma das nossas terríveis derrotas? É claro que não. Não se lembra de nada, não é? Desta vez não conseguiu aprender o bastante. Desta vez, Lews Therin, vou matar você. — A careta zombeteira de Be'lal se intensificou. — Talvez, se pegar *Callandor*, consiga aumentar um pouquinho seu tempo de vida. Só um pouquinho.

O Abandonado se aproximou devagar, quase como se desse tempo para Rand fazer exatamente o que ele sugerira: virar-se e correr até *Callandor*, até a Espada Que Não Pode Ser Tocada, para pegá-la. Porém a dúvida ainda

era forte dentro de Rand. *Callandor* só podia ser tocada pelo Dragão Renascido. Ele permitira que o proclamassem por uma centena de razões que pareciam, à época, não lhe dar muita escolha. Mas será que era mesmo o Dragão Renascido? Se corresse para tocar *Callandor* de verdade, não em um sonho, será que sua mão tocaria uma barreira invisível enquanto Be'lal o retalhava pelas costas?

Enfrentou o Abandonado com a espada que já conhecia, a lâmina de fogo forjada com *saidin*. E foi forçado a recuar. A Folha que Cai encontrou Seda Molhada. Gato Dança no Muro se chocou contra Javali Dispara Morro Abaixo. O Rio Erode A Margem quase o fez perder a cabeça, obrigando-o a se atirar para um dos lados com pouca elegância, a chama negra roçando seus cabelos. Depois fez um rolamento e voltou a ficar de pé para enfrentar a Pedra Cai da Montanha. Metódica e deliberadamente, Be'lal o conduzia em uma espiral cada vez mais próxima de *Callandor*.

Gritos ecoavam pelas colunas, berros, o clangor do aço, mas Rand mal ouvia. Ele e Be'lal já não estavam sozinhos no Coração da Pedra. Homens usando placas peitorais e capacetes com abas usavam as espadas contra silhuetas sombreadas e cobertas por véus que saltavam por entre as colunas com golpes de lanças curtas. Alguns dos soldados formaram uma fileira. Flechas dardejavam pela escuridão e os atingiam na garganta e no rosto, e os homens morriam enfileirados. Rand mal percebeu a luta, mesmo ao ver homens caindo mortos a poucos passos de onde estava. Sua própria luta era desesperada demais, requeria toda a sua concentração. Um gotejar quente e molhado escorria pela lateral de seu corpo. A antiga ferida estava abrindo outra vez.

Ele cambaleou de repente, não percebera o homem morto a seus pés até cair de costas no chão de pedras, por cima do estojo da flauta.

Be'lal ergueu a espada de fogo negro, rosnando.

— Pegue! Pegue *Callandor* e defenda-se! Pegue ou vou matá-lo agora! Se não pegar, vou dilacerá-lo!

— Não!

Até Be'lal levou um susto com o comando proferido naquela voz feminina. O Abandonado saiu do alcance da espada de Rand e se virou para encarar Moiraine, que avançava em direção à batalha, os olhos fixos nele, ignorando os gritos de morte ao redor.

— Pensei que tivesse sido posta fora do caminho, mulher. Não importa. Você é apenas uma amolação. Uma mosca. Uma picadinha. Vou prendê-la com as outras e ensiná-la a servir à Sombra com esses poderes ridículos. — Ele terminou com uma risada desdenhosa e ergueu a mão livre.

Moiraine não havia parado ou diminuído o passo enquanto o homem falava. Quando ele moveu a mão, a Aes Sedai estava a menos de trinta passos de distância. Ela ergueu as duas mãos.

Houve um instante de surpresa no rosto do Abandonado, que teve apenas tempo de gritar:

— Não!

Foi então que uma barra de fogo branco mais quente que o sol foi lançada das mãos da Aes Sedai, um bastão incandescente que exterminou todas as sombras. Diante daquilo, Be'lal tornou-se uma massa de partículas de pó tremulantes, flocos que dançaram sob a luz durante menos de um piscar de olhos, flocos que se dissiparam antes mesmo que seu grito esvanecesse.

Fez-se silêncio no aposento quando a barra de luz desapareceu, exceto pelos gemidos dos feridos. A luta cessara por completo, homens de véus e homens de placas peitorais estavam parados da mesma forma, parecendo atônitos.

— Ele tinha razão em relação a uma coisa — comentou Moiraine, tão serena e fria como se caminhasse em um prado. — Você precisa pegar *Callandor*. Ele pretendia matá-lo por ela, mas a espada é sua por direito de nascença. Seria muito melhor se você tivesse mais conhecimento antes de pôr a mão naquela empunhadura, mas chegou o momento, e não há mais tempo para aprender. Pegue-a, Rand.

Um raio negro a açoitou e se enroscou ao redor dela. A mulher gritou enquanto era erguida e arremessada como um saco pelo chão, até que se chocou com uma das colunas.

Rand levantou os olhos para ver de onde viera o raio. Havia uma sombra mais profunda lá no alto, perto do topo das colunas, uma escuridão que fazia todas as outras sombras parecerem o sol do meio-dia. De dentro dela, dois olhos de fogo o encaravam de volta.

Aos poucos, a sombra baixou, transformando-se em Ba'alzamon vestido em roupas negras como a morte, como o negro dos Myrddraal. Ainda assim, não eram tão escuras quanto a sombra que se agarrava a seu corpo. Ele

flutuava no ar, duas braças acima do chão, encarando Rand com uma fúria tão violenta quanto seus olhos.

— Por duas vezes lhe ofereci a chance de me servir em vida. — Chamas saltavam em sua boca enquanto ele falava, e cada palavra rugia como se saísse de uma fornalha. — Por duas vezes você recusou e me feriu. Agora, servirá ao Senhor do Túmulo em morte. Morra, Lews Therin Fratricida. Morra, Rand al'Thor. Chegou a hora da sua morte! Eu levarei sua alma!

Assim que Ba'alzamon estendeu a mão, Rand se levantou e se atirou desesperadamente em direção a *Callandor*, que ainda estava suspensa no ar, reluzente e cintilante. Não sabia se seria capaz de alcançá-la ou mesmo de tocá-la, mas tinha certeza de que era sua única chance.

O golpe de Ba'alzamon o acertou no meio do salto, atingiu-o por dentro, dilacerando-o e derrubando-o, despedaçando algo, tentando retalhar uma parte dele. Rand gritou. Sentia-se desmoronando como um saco vazio, pareciam que estavam virando-o do avesso. A dor na lateral do corpo causada pela ferida aberta em Falme era quase bem-vinda, algo a que se agarrar, um lembrete de vida. Sua mão se fechou, em um movimento convulsivo, apertando-se à empunhadura de *Callandor*.

O Poder Único irrompeu dentro dele, uma torrente maior do que ele poderia crer ia de *saidin* para dentro da espada. A lâmina de cristal brilhava ainda mais intensa do que o fogo de Moiraine. Era impossível encará-la, impossível notar que ainda era uma espada, parecia apenas uma luz intensa brilhando em seu punho. Ele lutou contra o fluxo, duelou com a maré implacável que ameaçava carregá-lo, arrastar tudo o que ele era para dentro da espada. Durante o tempo de uma batida do coração que se estendeu por séculos, ele ficou ali, vacilante, equilibrando-se, na iminência de ser arrastado como areia levada por uma onda. Com uma lentidão infinita, o equilíbrio se firmou. Era imóvel, embora era como se ele estivesse descalço na ponta de uma navalha sobre um desfiladeiro sem-fim, mas algo lhe dizia que aquilo era o melhor que podia esperar. Para canalizar aquele tanto do Poder, precisava dançar naquela navalha como dançara com as formas da garça.

Rand se virou para encarar Ba'alzamon. A sensação de ter seu interior dilacerado cessara assim que sua mão tocou *Callandor*. Apenas um instante havia se passado, mas parecia ter durado para sempre.

— Você não vai levar minha alma! — gritou. — Desta vez, vou acabar com tudo de uma vez por todas! Vou acabar com tudo agora!

Ba'alzamon fugiu, homem e sombra desaparecendo.

Por um instante, Rand ficou observando tudo, franzindo a testa. Tivera uma sensação de… dobra… com a saída de Ba'alzamon. Uma torção, como se Ba'alzamon tivesse, de alguma forma, *curvado* o que era. Ignorando os homens que o encaravam, ignorando Moiraine caída na base da coluna, Rand estendeu a mão para além de *Callandor* e contorceu a realidade para criar uma porta até aquele outro lugar. Não sabia onde, sabia apenas que era para onde Ba'alzamon fugira.

— Eu sou o caçador agora — disse, e passou pela porta.

* * *

A pedra tremeu sob os pés de Egwene. A Pedra tremeu e tilintou. A jovem recuperou o equilíbrio e parou para escutar. Não havia mais som e nem tremor. O que quer que tivesse acontecido estava acabado. Ela se apressou. Havia uma porta com barras de ferro à sua frente, presa com uma tranca do tamanho de sua cabeça. Ela canalizou Terra antes de tocá-la e, quando empurrou as barras, a tranca se partiu ao meio.

Ela atravessou, apressada, o aposento além da porta, tentando não olhar para as coisas que pendiam das paredes. Chicotes e pinças de ferro eram o que havia de mais inócuo. Com um pequeno calafrio, empurrou um portão de ferro menor e adentrou um corredor com portas de madeira bruta alinhadas e tochas rústicas dispostas em suportes de ferro a intervalos regulares. Sentiu quase tanto alívio por deixar aquelas coisas para trás do que sentiu ao encontrar o que buscava. *Mas qual cela?*

As portas de madeira se abriram com facilidade. Algumas estavam destrancadas, e as trancas das outras duraram tão pouco quanto a maior. Mas todas as celas estavam vazias. *É claro. Ninguém sonharia em estar neste lugar. Qualquer prisioneiro que conseguisse alcançar Tel'aran'rhiod sonharia com um lugar mais agradável.*

Por um instante, sentiu algo próximo do desespero. Quisera acreditar que encontrar a cela certa faria diferença. No entanto, até mesmo encontrar o lugar poderia ser impossível. Aquele primeiro corredor se estendia infinitamente, e outros se juntavam a ele.

De repente viu algo tremeluzir mais adiante. Uma silhueta ainda menos material do que Joiya Byir parecera. No entanto, era uma mulher. Tinha certeza daquilo. Uma mulher sentada em um banco ao lado da porta de uma das celas. A imagem cintilou em um contorno palpável outra vez, depois desapareceu. Não havia como confundir aquele pescoço delgado e aquele rosto pálido e inocente, com pálpebras que ondeavam à margem da sonolência. Amico Nagoyin flutuava em direção ao sono, sonhando com sua tarefa de guarda. E aparentemente brincava, sonolenta, com um dos *ter'angreal* roubados. Egwene era capaz de compreender: fora um esforço enorme parar de usar o objeto que recebera de Verin, mesmo por alguns poucos dias.

Sabia que era possível cortar o contato de uma mulher com a Fonte Verdadeira mesmo depois de ela ter abraçado *saidar*, mas ceifar uma tessitura já estabelecida deveria ser muito mais difícil que refrear o fluxo antes que ele começasse. Ela definiu os padrões da tessitura e os aprontou, fazendo tramas de Espírito muito mais fortes dessa vez, mais grossas e pesadas, uma trama mais densa e com a extremidade afiada como uma faca.

A silhueta oscilante da Amiga das Trevas surgiu outra vez, e Egwene disparou os fluxos de Ar e Espírito. Por um instante, algo pareceu resistir à urdidura de Espírito, mas ela insistiu com toda a força que tinha. O fluxo deslizou para o lugar.

Amico Nagoyin gritou. Era um som débil, quase não dava para ouvir, tão fraco como a imagem da mulher, que parecia quase um fantasma do que fora Joiya Byir. Ainda assim, as tramas de Ar a envolveram, e ela não desapareceu outra vez. O terror distorceu aquele rosto adorável da Amiga das Trevas. A mulher parecia balbuciar alguma coisa, mas seus gritos eram sussurros muito baixos para Egwene compreender.

Egwene atou e prendeu as tessituras ao redor da irmã Negra, depois voltou a atenção à porta da cela. Impaciente, deixou um fluxo de Terra atingir o cadeado de ferro. Ele se desfez em poeira negra, uma névoa que se dissolveu antes de atingir o solo. Ela escancarou a porta e não ficou surpresa em encontrar a cela vazia, exceto por uma tocha rústica que queimava.

Mas Amico está presa, e a porta está aberta.

Por um instante, considerou o que faria em seguida. Então saiu do sonho…

* * *

…e acordou para os hematomas, as dores e a sede, para a parede da cela onde estava encostada, de frente para a porta firmemente fechada. *É claro. O que acontece com as criaturas vivas é real quando elas acordam. O que eu fiz com a pedra, o ferro ou a madeira não tem efeito no mundo real.*

Nynaeve e Elayne ainda estavam ajoelhadas ao lado dela.

— Quem quer que esteja lá fora — comentou Nynaeve — gritou alguns instantes atrás, porém nada mais aconteceu. Você encontrou alguma saída?

— Devemos conseguir sair — respondeu Egwene. — Me ajudem a me levantar, e vou me livrar da tranca. Amico não vai perturbar a gente. Aquele grito foi dela.

Elayne sacudiu a cabeça.

— Estou tentando abraçar *saidar* desde que você dormiu. É diferente agora, mas ainda estou sem contato.

Egwene formou o vazio dentro de si, transformou-se no botão de rosa e se abriu a *saidar*. A muralha invisível ainda estava ali. Embora trêmula. Houve momentos em que ela quase pensou sentir a Fonte Verdadeira começando a preenchê-la com o Poder. Quase. O escudo oscilava, entrando e saindo da existência muito depressa para o movimento ser detectado. Poderia muito bem ainda ser sólido.

Ela olhou as duas outras mulheres.

— Eu a aprisionei. Eu a blindei. Ela é uma criatura viva, não um pedaço de ferro sem vida. Ela *deveria* ainda estar blindada.

— *Algo* aconteceu com a barreira que formaram em nós — retrucou Elayne —, mas Amico ainda consegue controlá-la.

Egwene deixou a cabeça desabar na parede.

— Vou ter que tentar outra vez.

— Você tem forças para isso? — Elayne fez uma careta. — Para ser franca, você parece ainda mais fraca do que antes. Essa tentativa tirou alguma coisa de você, Egwene.

— Lá, sou forte o suficiente. — Ela de fato se sentia mais cansada, menos forte, mas aquela parecia a única chance. Disse isso, e os rostos das outras confirmavam que, embora relutantes, concordavam.

— Você consegue dormir de novo tão cedo? — perguntou Nynaeve, por fim.

— Cante para mim. — Egwene esboçou um sorriso. — Como fazia quando eu era uma garotinha. Por favor? — Com uma das mãos apertando a de Nynaeve e a outra agarrada ao anel de pedra, ela fechou os olhos e tentou encontrar o sono no cantarolar sem palavras.

* * *

A ampla porta de barras de ferro permanecia aberta, e o salão adiante parecia vazio, mas Mat entrou com muita cautela. Sandar ainda estava no corredor, tentando espiar nas duas direções ao mesmo tempo, certo de que um Grão-lorde ou talvez uns cem Defensores poderiam aparecer a qualquer momento.

Não havia homens no salão, e pelo modo como as refeições haviam sido largadas pela metade sobre uma mesa comprida, todos haviam saído apressados, sem dúvida por causa da luta nos andares acima. E, a julgar pela aparência dos objetos nas paredes, ficou satisfeito por não ter encontrado qualquer um deles. Chicotes de diferentes tamanhos e comprimentos, diferentes espessuras, com diferentes números de cordas. Torqueses, pinças, grampos e ferros. Objetos que pareciam botas de metal, manoplas e capacetes, com enormes parafusos em toda a extensão, como se para apertá-los. Coisas que ele nem sequer podia começar a imaginar para que serviam. Se tivesse conhecido os homens que usavam aquelas coisas, achava que seria melhor conferir se *eles* estavam mortos antes de ir embora.

— Sandar! — sussurrou. — Vai ficar aqui a droga da noite toda? — Sem esperar resposta, correu para a porta interna, que era fechada com barras como a primeira, mas menor, e atravessou-a.

O corredor, com portas de madeira bruta dos dois lados, era iluminado pelas mesmas tochas rústicas que o aposento de onde haviam acabado de sair. A não mais de vinte passos havia uma mulher sentada em um banco ao lado de uma das portas, recostada na parede de forma estranhamente rígida. Ao ouvir o som das botas dele rangendo na pedra, ela virou a cabeça lentamente em sua direção. Uma jovem bonita. Ele se perguntou por que ela não movera nada além da cabeça, e por que mesmo aquele movimento fora feito como se a mulher estivesse meio adormecida.

Seria uma prisioneira? *No corredor? Mas ninguém com um rosto desses poderia ser uma daquelas pessoas que usa aqueles negócios pendurados*

nas paredes. Ela parecia mesmo estar quase dormindo, os olhos apenas parcialmente abertos. E o sofrimento naquele rosto tão lindo sem dúvida fazia dela uma torturada, não uma torturadora.

— Pare! — gritou Sandar, atrás dele. — Ela é Aes Sedai! É uma das que levaram as mulheres que você está procurando!

Mat congelou no meio de um passo, encarando a mulher. Lembrou-se de Moiraine arremessando bolas de fogo. Imaginou se seria capaz de desviar uma bola de fogo com o bastão. Então se perguntou se sua sorte o faria correr mais rápido que uma Aes Sedai.

— Me ajude — pediu a mulher, com a voz fraca. Seus olhos ainda pareciam quase adormecidos, mas a súplica em sua voz era muito desperta. — Me ajude. Por favor!

Mat piscou. Ela ainda não movera nem um músculo abaixo do pescoço. Ele se aproximou com cautela, acenando para Sandar parar de gritar que a mulher era Aes Sedai. Ela moveu a cabeça para acompanhá-lo. Não moveu qualquer coisa além daquilo.

Uma enorme chave de ferro pendia de seu cinturão. Mat hesitou por um instante. Aes Sedai, dissera Sandar. *Por que é que ela não se mexe?* Engolindo em seco, ele soltou a chave com extremo cuidado, como se estivesse tentando roubar um pedaço de carne da boca de um lobo. A mulher revirou os olhos em direção à porta ao seu lado. Depois fez um som que lembrava um gato que acabara de avistar um cachorro gigantesco avançando e rosnando, um gato que sabia que não haveria escapatória.

Ele não compreendia, mas, contanto que a mulher não tentasse impedi-lo de abrir aquela porta, não tinha interesse em saber por que ela estava sentada ali como um espantalho. Por outro lado, imaginou se haveria alguma coisa muito assustadora atrás da porta. *Se ela é uma das que levaram Egwene e as outras, faz sentido que esteja de vigia.* As lágrimas rolavam dos olhos da mulher. *Só que ela está com cara de que viu um maldito Meio-homem ali dentro.* Havia apenas uma forma de descobrir. Apoiando o bastão na parede, ele girou a chave na fechadura e abriu a porta, pronto para correr caso fosse preciso.

Nynaeve e Elayne estavam ajoelhadas no chão, e Egwene parecia adormecida entre elas. Ele arquejou ao ver o rosto inchado de Egwene e mudou de ideia quanto a ela parecer adormecida. As outras mulheres se viraram assim que ele abriu a porta, estavam quase tão espancadas quanto

Egwene. *Que me queime! Que me queime!* Elas olharam para ele e escancararam as bocas.

— Matrim Cauthon — exclamou Nynaeve, chocada. — Sob a Luz, o que você está fazendo aqui?

— Vim resgatar vocês, caramba — respondeu. — Que me queime se eu esperava que ia ser recebido como se tivesse vindo roubar uma torta. Podem me explicar mais tarde por que é que estão parecendo ter lutado com ursos, se quiserem. Se Egwene não puder caminhar, eu a levo nas costas. Há Aiel espalhados em toda a Pedra, ou pelo menos bem perto de nós. Ou eles estão matando os malditos Defensores ou os malditos Defensores estão acabando com eles, mas, seja lá o que for, é melhor a gente sair daqui dessa desgraça enquanto dá tempo. *Se* ainda der tempo!

— Modere esse linguajar — mandou Nynaeve.

Elayne lhe lançou um dos olhares de desaprovação que as mulheres são mestras em fazer. No entanto, nenhuma delas parecia ter concentrado todos os seus esforços naquilo. As duas começaram a sacudir Egwene como se a jovem não estivesse coberta com mais hematomas juntos do que ele já vira em toda a vida.

As pálpebras de Egwene se abriram, trêmulas, e ela soltou um ganido.

— Por que me acordaram? Eu preciso entender isso. Se soltar as amarras, ela vai acordar, e eu nunca mais vou conseguir pegá-la. Mas se eu não soltar, ela não vai poder dormir profundamente, e… — Os olhos dela pousaram nele e se arregalaram. — Matrim Cauthon! Sob a Luz, o que *você* está fazendo aqui?

— Conte você — pediu Mat para Nynaeve. Estou ocupado demais tentando resgatá-las para ter que moderar o meu linguaj… — As três naquele momento olhavam fixamente para um ponto atrás dele, encarando o que quer que fosse com tanta raiva que pareciam desejar estar carregando facas.

Ele deu um giro, mas viu apenas Juilin Sandar, com uma cara de quem tinha acabado de engolir uma ameixa podre.

— Elas têm motivo — explicou ele a Mat. — Eu… eu as traí. Mas tive que fazer isso. — As palavras do homem eram dirigidas às três. — A tal mulher com várias trancinhas cor de mel veio falar comigo, e eu… Eu tive que fazer. — Por um longo instante as três continuaram a encará-lo.

— Liandrin tem truques muito vis, Mestre Sandar — respondeu Nynaeve, por fim. — Talvez você não seja totalmente culpado. Podemos distribuir as

parcelas de culpa mais tarde.

— Já que isso está esclarecido — comentou Mat —, será que podemos ir?

Para ele, tudo estava tão claro quanto lama, mas estava mais interessado em ir embora dali bem depressa.

As três saíram mancando atrás dele pelo corredor, mas pararam em volta da mulher sentada no banco. Ela revirou os olhos para elas e choramingou.

— Por favor. Vou voltar para a Luz. Vou jurar obediência a vocês. Com o Bastão dos Juramentos nas minhas mãos, vou jurar. Por favor, não…

Mat deu um salto quando Nynaeve recuou de repente e deu um soco na mulher, derrubando-a do banco. Ela ficou ali parada, os olhos finalmente fechados por completo. Mas mesmo deitada de lado, ela permanecia na posição exata em que ficara sentada no banco.

— Acabou — anunciou Elayne, animada.

Egwene agachou-se para revirar a bolsa da mulher inconsciente e pegou um objeto que Mat não conseguiu identificar, guardando-o.

— Pois é. Que maravilha. Algo mudou nela quando você a socou, Nynaeve. Não sei o que foi, mas senti.

Elayne concordou.

— Eu também senti.

— Queria mudar absolutamente tudo em relação a ela — retrucou Nynaeve, com uma carranca. Ela segurou a cabeça de Egwene entre as mãos. A mais nova ficou nas pontas dos pés, arfando. Quando Nynaeve tirou as mãos dela e levou-as a Elayne, os hematomas de Egwene haviam desaparecido. Os da Filha-herdeira sumiram com a mesma rapidez.

— Sangue e malditas cinzas! — grunhiu Mat. — Por que você bateu numa mulher que estava apenas sentada quieta? Acho que ela não podia nem se mexer! — As três se viraram para ele, que emitiu um som abafado, como se o ar à sua volta estivesse se transformando em uma geleia grossa. Ele levitou até suas botas balançarem a cerca de um passo acima do chão. *Ah, que me queime, o Poder! Cá estava eu, com medo de aquela Aes Sedai usar o maldito Poder em mim, e agora essas desgraçadas que eu estou resgatando resolvem fazer isso! Que me queime!*

— Você não entende nada, Matrim Cauthon — disse Egwene, com a voz firme.

— Até que você entenda — completou Nynaeve, com uma voz ainda mais firme —, sugiro que guarde suas opiniões para si.

Elayne contentou-se em lançar um olhar que o fez lembrar-se de quando sua mãe procurava uma vara para lhe açoitar.

Por algum motivo, percebeu que abria o mesmo sorriso que tantas vezes abrira à sua mãe depois daquelas varadas. *Que me queime! Se elas são capazes de fazer isso, como é que alguém pode tê-las trancado naquela cela, para começo de conversa?*

— O que eu entendo é que resgatei vocês três de algo que não eram capazes de sair sozinhas, e vocês demonstram tanta gratidão quanto um daqueles sujeitos da maldita Barca do Taren, e com dor de dente!

— Você tem razão — concordou Nynaeve, e de súbito as botas de Mat atingiram o chão com tanta força que ele rangeu os dentes. Mas pôde se mexer outra vez. — Por mais que me doa dizer isso, Mat, você tem razão.

Ele ficou tentado a dar uma resposta sarcástica, mas a voz dela já oferecia desculpas o suficiente.

— Podemos ir agora? Com a luta ainda se desenrolando, Sandar acha que podemos levá-las por um portãozinho perto do rio.

— Eu não vou embora ainda, Mat — retrucou Nynaeve.

— Ainda pretendo encontrar Liandrin e esfolá-la viva — completou Egwene, soando quase como se a intenção fosse literal.

— A única coisa que quero fazer — comentou Elayne — é espancar Joiya Byir até ela guinchar, mas posso me contentar com qualquer uma delas.

— Será que vocês estão todas surdas? — rosnou Mat. — Tem uma batalha acontecendo lá fora! Vim até aqui para resgatar vocês, e pretendo fazer isso. — Egwene deu um tapinha carinhoso em seu rosto, ao passar a seu lado, e Elayne fez o mesmo. Nynaeve apenas fungou com desdém. Mat ficou encarando as três, o queixo caído. — Por que não falou nada? — grunhiu para o caçador de ladrões.

— Eu vi o que aconteceu quando você falou — respondeu Sandar, apenas. — Não sou trouxa.

— Bem, não vou ficar no meio de uma batalha! — gritou para as mulheres. Elas já saíam pela porta pequena feita de barras. — Estou indo embora, ouviram? — As três sequer olharam para trás. *Provavelmente vão acabar mortas por aí! Alguém vai cravar uma espada nelas enquanto estiverem olhando para o outro lado!* Com um rosnado, Mat ajeitou o bastão

sobre o ombro e foi atrás delas. — Vai ficar aí parado? — perguntou ao caçador de ladrões. — Não vim até aqui para deixá-las morrer agora!

Sandar o alcançou no salão com os chicotes. As três mulheres já haviam sumido, mas Mat tinha a sensação de que não seria muito difícil encontrá-las. *Basta achar malditos homens flutuando! Malditas mulheres!* Ele apressou o passo e seguiu trotando.

* * *

Perrin avançava a passos firmes pelos corredores da Pedra, soturno, em busca de algum sinal de Faile. Ele já a resgatara mais duas vezes. Em uma delas, libertara-a de uma jaula de ferro muito parecida com a que guardava o Aiel em Remen, na outra, abrira um baú de aço com um falcão trabalhado ao lado. Nas duas vezes, a mulher se desintegrara no ar depois de dizer o nome dele. Saltador trotava ao seu lado, farejando o ar. Por mais aguçado que fosse o nariz de Perrin, o do lobo era mais. Fora Saltador quem levara os dois até o baú.

Perrin se perguntou se conseguiria libertá-la de verdade. Fazia tempo que não aparecia qualquer sinal de Faile. Os corredores da Pedra estavam vazios. Lampiões queimavam e tapeçarias e armas estavam penduradas nas paredes, mas nada se movia, exceto ele e Saltador. *Só o que eu pensei que fosse Rand.* Fora apenas um vislumbre, um homem correndo e parecendo perseguir alguém. *Pode não ter sido ele. Pode não ter sido, mas acho que foi.*

Saltador de repente apressou o passo e avançou em direção a outro conjunto de portas altas, essas revestidas de bronze. Perrin tentou acompanhá-lo, mas tropeçou e caiu de joelhos, estendendo a mão para se apoiar pouco antes de desabar com a cara no chão. A fraqueza o invadiu, como se seus músculos estivessem liquefeitos. A sensação foi embora, mas levou junto um pouco de seu vigor. Era um esforço manter-se de pé. Saltador virou-se para encará-lo.

Você veio com força demais, Jovem Touro. A carne se enfraquece. Você não se preocupa em preservá-la o bastante. Logo carne e sonho morrerão juntos.

— Encontre-a — respondeu Perrin. — É só o que eu peço. Encontre Faile.

Olhos amarelos encararam olhos amarelos. O lobo se virou e correu em direção às portas. *Mais adiante, Jovem Touro.*

Perrin alcançou as portas e as empurrou. Elas não cederam. Parecia não haver forma de abri-las, não havia maçaneta ou qualquer coisa para segurar. Havia uma pequena padronagem trabalhada no metal, tão delicada que seus olhos quase não notaram. Falcões. Milhares de falcões minúsculos.

Ela tem que estar aqui. Acho que não consigo aguentar muito mais. Com um grito, ele lançou o martelo sobre o bronze. Ouviu o ressoar de um enorme gongo. Golpeou outra vez, e o repique se aprofundou. Um terceiro golpe, e as portas de bronze se estilhaçaram como vidro.

Do lado de dentro, a cem passos das portas arrebentadas, um círculo de luz rodeava um falcão acorrentado a um poleiro. A escuridão preenchia todo o restante do aposento amplo, a escuridão e o fraco farfalhar de centenas de asas.

Ele deu um passo para dentro do salão, e um falcão desceu em meio às trevas, arranhando seu rosto com as garras ao passar. Ele cobriu os olhos com o braço e as garras feriram seu antebraço. Cambaleou em direção ao poleiro. Os pássaros vinham sem cessar, falcões davam rasantes para acertá-lo e arranhá-lo, mas Perrin continuou se arrastando, sangue pingando dos braços e ombros, o braço erguido para proteger os olhos, fixos no falcão empoleirado. Ele perdera o martelo. Não lembrava onde, mas sabia que, se voltasse para procurá-lo, morreria antes de encontrar.

Ao aproximar-se do poleiro, as garras cortantes o levaram a cair de joelhos. Ele olhou por cima do braço para o falcão empoleirado, e ela o olhou de volta com olhos escuros que não piscavam. A corrente amarrada à sua perna estava presa ao poleiro com um pequeno cadeado no formato de um ouriço. Ele agarrou a corrente com ambas as mãos, sem se preocupar com os falcões que então formavam um redemoinho de garras dilacerantes ao seu redor, e, com as últimas forças, rompeu-o. A dor e os falcões trouxeram a escuridão.

* * *

Abriu os olhos e sentiu uma agonia pungente, como se seu rosto, braços e ombros tivessem sido cortados por mil facas. Não importava. Faile estava

ajoelhada ao lado dele, os olhos escuros e oblíquos cheios de preocupação, limpando seu rosto com um pedaço de pano já encharcado de sangue.

— Meu pobre Perrin — disse ela, baixinho. — Meu pobre ferreiro. Está tão machucado.

Com um esforço que lhe causou mais dor, ele virou a cabeça. Estava no salão de jantar privado da Estrela, e ao lado de um dos pés da mesa jazia um ouriço entalhado em madeira partido ao meio.

— Faile — sussurrou. — Meu falcão.

* * *

Rand ainda estava no Coração da Pedra, mas era diferente. Não havia homens lutando ali, nem homens mortos. Não havia ninguém além de si mesmo. De súbito, um grande gongo ressoou pela Pedra, depois de novo, e as próprias pedras sob seus pés ressoaram. O estrondo veio pela terceira vez, mas foi cortado de repente, como se o gongo tivesse se estilhaçado. Houve silêncio.

Onde é este lugar?, perguntou-se. *E, mais importante, onde está Ba'alzamon?*

Como se viesse em resposta, um feixe de luz fulgurante como o que Moiraine criara irrompeu das sombras por entre as colunas, direto na direção de seu peito. Por instinto, seu pulso torceu a espada. Foi mais instinto que qualquer outra coisa que o fez liberar fluxos de *saidin* para dentro de *Callandor*, uma inundação de Poder que fez a espada cintilar mais forte do que aquele feixe que se aproximava dele como um raio. O equilíbrio inconstante entre existência e destruição oscilava. Sem dúvida aquela torrente o consumiria.

O feixe de luz atingiu a lâmina de *Callandor* e se partiu, dividindo-se e passando pelos lados. Ele sentiu o casaco chamuscar com a passagem da luz, sentiu o cheiro de lã queimando. Atrás de si, as duas pontas de fogo congelado, de luz líquida, atingiram gigantescas colunas de pedra vermelha. Por onde elas passaram, a pedra deixou de existir. As barras incandescentes perfuraram outras colunas, partindo-as no mesmo instante. O Coração da Pedra ressoava enquanto colunas desabavam e se dissolviam em nuvens de poeira e fragmentos de pedra. O que caía na luz, entretanto, simplesmente… passava a não existir.

Um rosnado de fúria surgiu das sombras, e o feixe de luz branco de tão incandescente desapareceu.

Rand girou *Callandor* como se golpeasse algo à sua frente. A luz branca que ocultava a lâmina se estendeu, brilhou mais à frente e ceifou a coluna de pedra vermelha que escondia o rosnado. A pedra polida foi fatiada como seda. A coluna cortada estremeceu. Parte dela se soltou do teto e desabou, deixando enormes pedaços pontudos no chão. Conforme o ressoar sumia, ele começou a ouvir o som de botas na pedra mais adiante. Correndo.

Com *Callandor* a postos, Rand correu atrás de Ba'alzamon.

A arcada comprida que levava para o exterior do Coração desabou quando ele a alcançou. A parede inteira se desfez em nuvens de pó e pedras, como se estivesse preparada para soterrá-lo, mas Rand lançou o poder sobre ela, que se transformou em flocos flutuantes de poeira. Continuou correndo. Não sabia ao certo o que fizera, ou como, mas não havia tempo para pensar. Seguiu os passos de Ba'alzamon que ecoavam pelos corredores da Pedra.

Myrddraal e Trollocs surgiram do nada, imensas formas bestiais e rostos sem olhos distorcidos por uma fúria assassina, às centenas. Destruíram o corredor à frente e atrás dele, foices sendo giradas como espadas e lâminas de aço negro como a morte em busca de seu sangue. Sem saber como, ele os transformou em fumaça, que se fragmentou diante dele… e evaporou. O ar à sua volta de repente se tornou uma fuligem sufocante, entupindo suas narinas, impedindo a respiração. Mas ele o transformou novamente em ar fresco, uma brisa gelada. Chamas saltaram do chão sob seus pés, irromperam das paredes, do teto, jatos furiosos que chamuscavam tapeçarias e carpetes, mesas e baús, transformando-os em nuvens de cinzas. Os adornos e lampiões pendurados à frente gotejavam ouro ardente e fundido. Rand aplainou as chamas e solidificou-as em uma fina camada de vidro vermelho sobre a pedra.

As pedras ao redor dele esvaneceram quase até virar uma névoa, a Pedra se esvaneceu. A realidade estremeceu. Ele podia senti-la se desfazendo, sentia a si próprio se desfazer. Estava sendo empurrado do aqui para algum outro lugar onde absolutamente nada existia. *Callandor* ardia em suas mãos como o sol, e ele pensou que a espada fosse derreter. Pensou que ele mesmo fosse derreter com a explosão do Poder Único dentro de si, o fluxo que ele de alguma forma direcionava para selar o espaço que se abrira em torno

dele, para manter-se do lado da existência. A Pedra tornou-se sólida outra vez.

Ele não conseguia sequer começar a imaginar o que fizera. O Poder Único se revolvia com violência dentro dele a ponto de ele mal reconhecer a si próprio, a ponto de ele quase não ser mais ele próprio, a ponto de o que ele era já quase não existir. Sua estabilidade precária oscilava. De cada um dos lados, despontava uma queda sem-fim, obliterada pelo Poder que fluía dele para dentro da espada. Mas na dança ao longo da ponta afiada da lâmina havia ao menos uma certa segurança indefinida. *Callandor* brilhava tanto em seu punho que ele parecia carregar o sol. Dentro dele, indistinta, tremulante como a chama de uma vela em uma tempestade, estava a garantia de que, empunhando *Callandor*, seria capaz de qualquer coisa. Qualquer coisa.

Avançou por corredores infinitos dançando sobre a lâmina, caçando aquele que iria matá-lo, aquele que ele deveria matar. Dessa vez não poderia haver outro fim. Dessa vez um deles *teria* que morrer! Estava claro que Ba'alzamon também sabia disso. Ele sempre fugia, estava sempre fora de vista, para que Rand tivesse que persegui-lo apenas com os sons de sua fuga. Mas, mesmo fugindo, ele voltou aquela Pedra de Tear que não era a Pedra de Tear contra Rand, que lutou de volta com instinto, sorte e tentativas, lutou e correu com a ponta daquela lâmina em perfeito equilíbrio com o Poder, a ferramenta e arma que o consumiria por completo se ele falhasse.

A água encheu os corredores de cima a baixo, espessa e negra como no fundo do mar, sufocando-o. Ele a transformou em ar outra vez, por instinto, e continuou a correr. De repente o ar começou a ficar cada vez mais pesado, até parecer que cada polegada de sua pele sustentava uma montanha que o comprimia por todos os lados. Um instante antes de ser esmagado à inexistência, selecionou correntes do fluxo de Poder que corria por seu corpo. Não soube como, quais, nem por quê, tudo era rápido demais para ele pensar ou entender, mas a pressão desapareceu. Perseguiu Ba'alzamon, e o próprio ar de repente virou rocha sólida a comprimi-lo, depois pedras fundidas, depois um vazio incapaz de preencher os pulmões. O chão sob suas botas o puxou para baixo como se cada libra de súbito passasse a pesar mil, depois todo o peso simplesmente sumiu, de forma que um passo o fazia rodopiar suspenso no ar. Bocarras invisíveis escancararam-se para arrancar a mente de seu corpo, para dilacerar sua alma. Ele acionava cada armadilha

e continuava correndo. O que Ba'alzamon distorcia para destruí-lo, ele consertava, sem saber como. De alguma forma vaga, sabia que trazia os elementos de volta ao equilíbrio natural, forçava-os a se alinhar com sua própria dança naquele limite entre a existência e o nada, um limite quase invisível de tão fino. Mas esse era um pensamento distante. Toda a sua consciência jazia na perseguição, na caça, na morte que acabaria com tudo.

Então se viu outra vez no Coração da Pedra, andando pelo vazio cheio de entulhos que antes fora uma muralha. Algumas das colunas pendiam do teto como dentes quebrados. Ba'alzamon recuou, os olhos em chamas, um manto de sombras cobrindo-o. Linhas negras como fios de aço pareciam correr de Ba'alzamon até as trevas que se avolumavam ao redor dele, esvanecendo a alturas e distâncias inimagináveis por dentro daquela escuridão.

— Eu não serei desfeito! — gritou Ba'alzamon. Sua boca era fogo, seu guincho ecoou por entre as colunas. — Não posso ser derrotado! Socorro! — Um pouco da escuridão que o envolvia deslizou até suas mãos, formando uma bola tão negra que parecia absorver até a luz de *Callandor*. Um triunfo brilhou nas chamas de seus olhos, de repente.

— Você está destruído! — gritou Rand. *Callandor* rodopiou em suas mãos. Sua luz turvou a escuridão e ceifou as linhas de aço negro ao redor de Ba'alzamon, que começou a convulsionar, encolhendo e crescendo ao mesmo tempo, como se fosse dois. — Você está acabado! — Rand afundou a espada reluzente no peito de seu oponente.

Ba'alzamon gritou, e as chamas em seu rosto arderam com ainda mais ferocidade.

— Tolo! — uivou. — O Grande Senhor das Trevas jamais pode ser derrotado!

Rand puxou a lâmina de *Callandor*, e o corpo de Ba'alzamon arqueou e começou a cair, a sombra ao redor dele desvanecendo.

De repente Rand viu-se em outro Coração da Pedra, rodeado por colunas ainda inteiras, onde homens lutavam, gritando e morrendo, homens de véus contra homens de elmos e placas peitorais. Moiraine ainda jazia caída na base de uma das colunas de pedras vermelhas. Aos pés de Rand havia o corpo de um homem, estirado de costas com um buraco chamuscado bem no meio do peito. Devia ter sido um belo homem de meia-idade, mas onde

deveriam estar os olhos e a boca havia apenas vãos de onde saíam anéis de fumaça preta.

Eu consegui, pensou ele. *Matei Ba'alzamon, matei Shai'tan! Venci a Última Batalha! Luz, EU SOU o Dragão Renascido! O destruidor das nações, o responsável pela Ruptura do Mundo. Não! Eu vou ACABAR com a Ruptura, acabar com a matança! Vou FAZER com que ela acabe!*

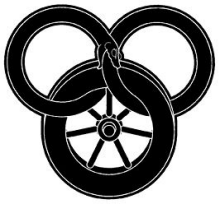
Ele ergueu *Callandor* sobre a cabeça. Raios prateados irromperam da lâmina, clarões pontiagudos que se arqueavam em direção ao grande domo acima.

— Parem! — gritou. A luta cessou. Os homens o encararam, espantados, tanto sob véus negros quanto sob as abas dos capacetes redondos. — Eu sou Rand al'Thor! — gritou, para que sua voz ressoasse pela câmara. — Eu sou o Dragão Renascido! — *Callandor* brilhava sob seu punho.

Um a um, os homens de véus e os de elmos se ajoelharam diante dele, clamando:

— O Dragão Renasceu! O Dragão Renasceu!

CAPÍTULO 56



O Povo do Dragão

O povo de toda a cidade de Tear acordou com a aurora, e todos falavam dos sonhos que haviam tido, sonhos em que o Dragão enfrentava Ba'alzamon no Coração da Pedra. Então, quando seus olhos se ergueram para a grande fortaleza da Pedra, contemplaram um estandarte drapejando no ponto mais alto. Uma silhueta sinuosa flutuava em um campo branco, parecia uma grande serpente com escamas vermelhas e douradas, mas tinha uma juba dourada de leão e quatro patas, cada uma com cinco garras douradas. Homens vieram da Pedra, atônitos e assustados, para contar em sussurros urgentes o que acontecera durante a noite, e homens e mulheres enchiam as ruas, chorando ao clamar que a Profecia fora cumprida.

— O Dragão! — gritavam. — Al'Thor! O Dragão! Al'Thor!

* * *

Espiando por uma seteira bem no alto de uma das laterais da Pedra, Mat sacudiu a cabeça ao ouvir o coro se erguer da cidade. *Bem, talvez ele seja.* Ainda achava difícil aceitar que Rand estava mesmo ali.

Todos na Pedra pareciam concordar com o povo lá embaixo, ou, se não concordavam, não deixavam transparecer. Vira Rand apenas uma vez desde a noite anterior, caminhando depressa por um corredor com *Callandor* na mão, rodeado de uma dezena de Aiel cobertos por véus e arrastando atrás de si um grupo de tairenos, um bando de Defensores da Pedra e a maioria dos

poucos Grão-lordes sobreviventes. Os Grão-lordes pareciam pensar que Rand precisaria da ajuda deles para governar o mundo. Os Aiel, por sua vez, mantinham todos afastados com olhares cortantes e, se fosse preciso, lanças. Eles sem dúvida acreditavam que Rand era o Dragão, embora o chamassem de Aquele Que Vem Com a Aurora. Havia quase duzentos Aiel na Pedra. Um terço deles tinha morrido durante a luta, mas os homens do Deserto mataram ou capturaram dez vezes mais Defensores.

Quando virou as costas para a seteira, seus olhos encontraram Rhuarc. Havia uma grande estante móvel em um dos cantos do salão, cujo mecanismo de colunas era feito de alguma madeira clara com riscas escuras. As prateleiras permaneciam presas nas colunas de madeira, de modo que, ao girar a estrutura para alcançar o próximo grupo de livros, as prateleiras se movessem, mas continuassem na horizontal. Em cada prateleira havia um livro grande, encadernado em ouro e com pedras preciosas reluzentes na capa. O Aiel tinha aberto um dos livros e estava lendo. Parecia uma obra de ensaios, Mat pensou. *Quem poderia imaginar que um Aiel leria livros? Quem poderia imaginar que um maldito Aiel soubesse ler?*

Rhuarc olhou na direção dele, os olhos azuis frios, encarando-o como um igual. Mat desviou o olhar depressa, antes que o Aiel pudesse ler os pensamentos em seu rosto. *Pelo menos não está de véu, graças à Luz! Que me queime, aquela Aviendha quase arrancou a minha cabeça quando perguntei se ela sabia dançar sem as lanças.* Bain e Chiad eram outro problema. Sem dúvida eram bonitas e mais que amigáveis, mas ele não conseguia falar com uma sem a outra estar presente. Os homens Aiel pareciam achar graça em seus esforços para encontrar uma delas sozinha, e, aliás, Bain e Chiad também. *As mulheres são esquisitas, mas as mulheres Aiel, para parecerem esquisitas, ainda precisam ser bem mais normais!*

A grande mesa no meio do salão, adornada com entalhes e folheada a ouro nas beiradas e nos pés grossos, era destinada às reuniões dos Grão-lordes. Moiraine estava sentada em uma daquelas cadeiras que se assemelhavam a tronos, com o estandarte de Tear, as Três Luas Crescentes, entalhado no elevado espaldar de ouro, cornalina polida e pérolas. Egwene, Nynaeve e Elayne estavam sentadas ao lado dela.

— Ainda não acredito que Perrin está em Tear — dizia Nynaeve. — Tem certeza de que ele está bem?

Mat balançou a cabeça. Devia ter esperado que Perrin estivesse na Pedra na noite anterior: o ferreiro sempre fora mais corajoso do que qualquer um com bom senso.

— Estava bem quando eu o deixei. — A voz de Moiraine soava serena. — Se ainda está, não sei. A… companheira dele está correndo um perigo considerável, e talvez ele também tenha se posto em perigo.

— Companheira? — perguntou Egwene, de repente. — O que… quem é a companheira de Perrin?

— Que tipo de perigo? — inquiriu Nynaeve.

— Nada com que precisem se preocupar — respondeu a Aes Sedai, tranquila. — Verei como ela está assim que puder, em breve. Só me demorei um pouco para mostrar isso a vocês, que eu encontrei junto com os *ter'angreal* e outros objetos relacionados ao Poder que os Grão-lordes colecionaram ao longo dos anos. — Ela tirou algo da bolsa e colocou na mesa, diante de si. Era um disco do tamanho da mão de um homem que parecia feito de duas lágrimas encaixadas, uma negra como piche, a outra branca como neve.

Mat lembrou-se de ter visto outros como aquele. Tão antigos quanto o que via, mas quebrados, e aquele estava inteiro. Tinha visto três daqueles discos. E não estavam completos, e sim despedaçados. Mas não podia ser, ele podia lembrar que eram feitos de *cuendillar*, um material que não pode ser quebrado por poder algum, nem mesmo o Poder Único.

— Um dos sete selos que Lews Therin Fratricida e os Cem Companheiros puseram na prisão do Tenebroso quando a resselaram — comentou Elayne, assentindo como se para confirmar a própria lembrança.

— Mais precisamente — completou Moiraine — o ponto central de um dos selos. Mas, em essência, você está certa. Durante a Ruptura do Mundo eles foram espalhados e escondidos, por segurança. No entanto, na verdade, estavam perdidos desde as Guerras dos Trollocs. — Ela fungou com desdém. — Estou começando a falar igual a Verin.

Egwene sacudiu a cabeça.

— Acho que já era de se imaginar que encontraríamos isso por aqui. Rand já tinha enfrentado Ba'alzamon duas vezes, e pelo menos um dos selos estava presente em todas as duas.

— E desta vez está inteiro — completou Nynaeve. — Pela primeira vez, o selo está inteiro. Como se agora isso importasse.

— Acha que não importa? — A voz de Moiraine era de uma calma perigosa, e as outras mulheres franziram os cenhos para ela.

Mat revirou os olhos. As quatro estavam falando sobre coisas sem importância. Ele não gostava muito de ficar a menos de vinte pés daquele disco, agora que sabia o que era, não importava o valor de *cuendillar*, mas…

— Com licença? — perguntou.

Todas elas se viraram para encará-lo, como se ele estivesse interrompendo algo importante. *Que me queime! Eu tiro as três de uma cela de prisão, salvo a vida delas umas dez vezes antes do dia raiar, e elas me olham com essas caras tão fechadas quanto a da Aes Sedai! Bem, e elas também não me agradeceram das outras vezes, não foi? É de se pensar que eu estava era metendo o nariz onde não tinha sido chamado, em vez de tentar evitar que um maldito Defensor cravasse uma espada em uma delas.* Mas em voz alta, disse suavemente:

— Não se importam se eu fizer uma pergunta, não é? Vocês estão todas conversando sobre esses assuntos… hã… de Aes Sedai, e ninguém se deu ao trabalho de me contar nada.

— Mat… — disse Nynaeve em tom de aviso, dando um puxão na trança.

Moiraine, no entanto, apenas perguntou com a voz calma, mas com um toque de impaciência:

— O que é que você deseja saber?

— Quero saber como é que tudo isso é possível. — Ele pretendia manter o tom de voz baixo, mas sem querer foi falando mais alto à medida que prosseguiu. — A Pedra de Tear caiu! As Profecias diziam que isso não aconteceria antes da vinda do Povo do Dragão. Então isso quer dizer que *nós* somos o maldito Povo do Dragão? Você, eu, Lan e uma porcaria de uns cem Aiel? — Ele avistara o Guardião durante a noite. Não parecia haver muita diferença entre Lan e os Aiel quanto a quem era o mais mortífero. Rhuarc se endireitou para encará-lo, e ele acrescentou depressa: — Desculpe, Rhuarc. Escapou.

— Talvez — começou Moiraine, devagar. — Vim aqui impedir Be'lal de matar Rand. Não esperava ver a Pedra de Tear cair. Talvez sejamos. As Profecias são cumpridas quando chega o momento, não quando pensamos que deve ser o momento.

Be'lal. Mat estremeceu. Ouvira o nome na noite anterior, e não era mais agradável à luz do dia. Se soubesse que um dos Abandonados estava à solta — e dentro da Pedra —, jamais teria se aproximado daquele lugar. Olhou para Egwene, Nynaeve e Elayne. *Bem, teria entrado aqui que nem a droga de um rato, pelo menos, não distribuindo socos a torto e a direito!* Sandar saíra correndo da Pedra ao raiar do dia. Dissera que ia levar as notícias à Mãe Guenna, mas Mat achava que correra apenas para escapar dos olhares das três mulheres, que pareciam ainda não ter decidido o que fariam com ele.

Rhuarc pigarreou.

— Quando um homem deseja se tornar o chefe do clã, deve ir a Rhuidean, nas terras dos Aiel Jenn, o clã que não é. — Ele falava lentamente, franzindo o rosto para o carpete de franjas vermelhas debaixo de suas botas macias. O homem tentava explicar algo que parecia não ter vontade alguma de explicar. — As mulheres que desejam se tornar Sábias também fazem essa jornada, mas suas marcas, *se é que* elas são marcadas, são mantidas em segredo. Os homens escolhidos em Rhuidean, os que sobrevivem, retornam com uma marca no braço esquerdo. Então.

Ele ergueu as mangas do casaco e da camisa para revelar o antebraço esquerdo, a pele muito mais clara do que a das mãos e do rosto. Gravada em sua pele, como se fosse parte dela, dando duas voltas no braço, havia a mesma forma dourada e vermelha que tremulava no estandarte no alto da Pedra.

Com um suspiro, o Aiel deixou a manga cair.

— Esse nome não é pronunciado, a não ser pelos chefes dos clãs e pelas Sábias. Nós somos… — Ele pigarreou outra vez, incapaz de falar.

— Os Aiel são o Povo do Dragão — concluiu Moiraine, baixinho, mas soando o mais próximo de espantada que Mat se lembrava de ter visto. — Eu não sabia disso.

— Então está mesmo tudo terminado — comentou Mat —, como diziam as Profecias. Podemos seguir nossos caminhos sem preocupação. — *Agora a Amyrlin não vai mais precisar que eu soe aquela maldita Trombeta!*

— Como pode dizer uma coisa dessas? — inquiriu Egwene. — Será que você não entende que os Abandonados estão à solta?

— Sem falar na Ajah Negra — acrescentou Nynaeve, taciturna. — Só capturamos Amico e Joiya. Onze fugiram, e quero muito saber como! E só a

Luz sabe quantas outra existem que nós não sabemos.

— Pois é — completou Elayne, em um tom igualmente severo. — Posso não estar à altura de enfrentar um Abandonado, mas pretendo arrancar o couro de Liandrin!

— É claro — concordou Mat, suavemente. — É claro. — *Elas enlouqueceram? Querem ir atrás da Ajah Negra* e *dos Abandonados?* — Só quis dizer que a parte mais difícil já foi. A Pedra caiu diante do Povo do Dragão, Rand está com *Callandor*, e Shai'tan está morto.

Moiraine lhe lançou um olhar tão severo que por um instante ele pensou ter sentido a Pedra tremer.

— Fique quieto, seu idiota! — mandou a Aes Sedai, com uma voz cortante. — Quer atrair a atenção dele para você, entoando o nome do Tenebroso?

— Mas ele está morto! — protestou Mat. — Rand o matou. Eu vi o corpo! — *E o fedor que saía dele também. Nunca pensei que algo pudesse apodrecer tão depressa.*

— Você viu "o corpo" — retrucou Moiraine, a boca contorcida. — O corpo de um homem. Não o Tenebroso, Mat.

Ele encarou Egwene e as outras duas mulheres. As três pareciam tão confusas quanto ele. Rhuarc aparentava refletir sobre uma batalha que pensava ter ganhado e acabara de descobrir que sequer fora lutada.

— Então quem era? — perguntou Mat. — Moiraine, minha memória tem buracos onde cabem uma carroça e um pelotão, mas me lembro de Ba'alzamon estar nos meus sonhos. Eu me lembro! Que me queime, não vejo como poderia esquecer! E reconheci o que restou daquele rosto.

— Você reconheceu Ba'alzamon — respondeu Moiraine. — Ou melhor, o homem que se denominava Ba'alzamon. O Tenebroso ainda vive, aprisionado em Shayol Ghul, e a Sombra ainda jaz no Padrão.

— Que a Luz nos ilumine e proteja — murmurou Elayne, com a voz fraca. — Eu pensei… pensei que os Abandonados eram o pior que teríamos que enfrentar, agora.

— Tem certeza, Moiraine? — perguntou Nynaeve. — Rand tinha certeza… *tem* certeza de que matou o Tenebroso. Parece que você está dizendo que Ba'alzamon nem mesmo era o Tenebroso. Não entendo! Como pode estar tão certa disso? E, se ele não era o Tenebroso, então quem era?

— Tenho certeza pela mais simples das razões, Nynaeve. Por mais rápido que tenha apodrecido, aquele era o corpo de um homem. Você acredita que, se o Tenebroso fosse morto, deixaria para trás o corpo de um ser humano? O homem que Rand matou *era* um homem. Talvez fosse o primeiro dos Abandonados a ser liberto ou talvez nunca tivesse sido preso. Pode ser que a gente nunca descubra a verdade.

— Eu… acho que sei quem ele era. — Egwene fez uma pausa, com a testa um pouco franzida. — Pelo menos, acho que tenho uma suspeita. Verin me mostrou uma página de um antigo livro que mencionava Ba'alzamon e Ishamael. Era quase em Alto Canto e praticamente incompreensível, mas me lembro de algo a respeito de "nome oculto por nome". Talvez Ba'alzamon fosse Ishamael.

— Talvez — concordou Moiraine. — Talvez fosse Ishamael. Mas, se era, pelo menos nove dos treze ainda vivem. Lanfear, Sammael, Rahvin, e… aahh! Nem mesmo saber que pelo menos alguns desses nove estão livres é o mais importante. — Ela pousou uma das mãos no disco preto e branco na mesa. — Três dos selos estão rompidos. Apenas quatro ainda estão inteiros. E só esses quatro selos separam o Tenebroso do mundo, e pode ser que mesmo com esses ainda inteiros ele consiga tocar o mundo, de alguma forma. Seja lá que batalha a gente tenha vencido aqui, batalha ou escaramuça, está longe de ser o fim.

Mat olhou as três com firmeza, Egwene, Nynaeve e Elayne. De forma lenta e relutante, mas também determinada, ele balançou a cabeça. *Malditas mulheres! Estão todas prontas pra seguir em frente com isso, seguir com a caçada à Ajah Negra, tentar enfrentar os Abandonados e o maldito Tenebroso. Bom, elas que não pensem que vou resgatá-las do caldeirão de sopa mais uma vez. Elas que não pensem, só isso!*

Uma das compridas portas duplas se abriu enquanto ele tentava pensar em algo a dizer, e uma jovem alta e de porte majestoso adentrou o recinto. Ela usava uma grinalda acima da testa, onde estava gravado um gavião em pleno voo. Os cabelos negros roçavam os ombros pálidos, que eram deixados à mostra pelo vestido da mais fina seda vermelha, assim como uma boa parte do que Mat notou ser um busto admirável. Por um instante, ela analisou Rhuarc com os olhos grandes e escuros, depois voltou-os, frios e soberbos, para as mulheres à mesa. Pareceu ignorar Mat solenemente.

— Não estou acostumada a dar recados — anunciou, exibindo, com um floreio, um pergaminho dobrado em uma das mãos delicadas.

— E quem é você, criança? — perguntou Moiraine.

A jovem aprumou-se ainda mais, o que Mat julgava impossível.

— Sou Berelain, Primeira de Mayene. — Com um gesto altivo, ela jogou o pergaminho na mesa à frente de Moiraine, depois virou-se de volta para a porta.

— Um momento, criança — pediu Moiraine, desdobrando-o. — Quem foi que lhe entregou isso? E por que foi você quem trouxe, se não está acostumada a carregar mensagens?

— Eu… eu não sei. — Berelain continuava encarando a porta. Soava intrigada. — Ela era… impressionante. — A jovem se recompôs e pareceu recuperar o próprio juízo. Por um instante, estudou Rhuarc com um leve sorriso. — O senhor é o líder desses homens de Aiel? A luta de vocês perturbou meu sono. Talvez eu os convide para jantar comigo. Um dia, em breve. — Ela olhou Moiraine por cima do ombro. — Ouvi dizer que o Dragão Renascido tomou a Pedra. Informe ao Lorde Dragão que a Primeira de Mayene jantará com ele hoje à noite. — Ela marchou para fora do salão. Mat não conseguia pensar em outra forma de descrever aquela imponente procissão de uma mulher só.

— Queria ter uma noviça como *ela* na Torre — disseram Egwene e Elayne, quase em uníssono, e compartilharam um sorriso tenso.

— Escutem isso — interrompeu Moiraine. — "Lews Therin era meu, é meu, e será para sempre meu. Eu o entrego aos seus cuidados, para que fique com ele até a minha chegada." Está assinado por Lanfear. — A Aes Sedai levou o olhar gélido a Mat. — E você achou que estava tudo acabado? Você é *ta'veren*, Mat, uma trama mais crucial para o Padrão do que a maioria, e é aquele que soou a Trombeta de Valere. Por enquanto, não há nada terminado para você.

Todos o encaravam. Nynaeve o olhava com tristeza, Egwene, como se nunca o tivesse visto antes, e Elayne parecia esperar que ele se transformasse em outra pessoa. Rhuarc tinha certo respeito no olhar, embora, pensando bem, Mat preferisse ter passado sem isso.

— Bem, é claro — disse. *Que me queime!* — Eu entendo. — *Em quanto tempo será que Thom vai estar bom para viajar? É hora de correr. Talvez Perrin venha com a gente.* — Podem contar comigo.

Do lado de fora, os gritos ainda eram ouvidos, sem cessar.

— O Dragão! Al’Thor! O Dragão! Al’Thor! O Dragão! Al’Thor! O Dragão!

* * *

E estava escrito que mão alguma além da dele empunharia a Espada encerrada na Pedra, e ele de fato a ergueu, como fogo em sua mão, e sua glória de fato incendiou o mundo. Assim tudo começou. Assim cantamos seu Renascimento. Assim cantamos o início.

* * *

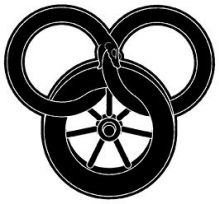
— de *Do’in Toldara te*, *Canções da Última Era*, Quarto Nove: A Lenda do Dragão. Composto por Boanne, Senhora das Canções em Talaran, a Quarta Era.

Fim do Terceiro Livro de

A Roda do Tempo



GLOSSÁRIO



Nota sobre as datas deste glossário. Três sistemas de registro de datas têm sido amplamente utilizados desde a Ruptura do Mundo. O primeiro contava os anos Depois da Ruptura (DR). Como os anos do evento e os que vieram logo em seguida foram de caos total, e considerando que o calendário foi adotado cerca de cem anos após o fim da Ruptura, sabe-se que o ponto inicial foi definido de forma arbitrária. Ao fim das Guerras dos Trollocs, muitos registros haviam se perdido, de tal modo que havia discussões sobre qual seria o ano inicial exato, de acordo com o antigo sistema. Então, um novo calendário foi estabelecido, datando do fim das Guerras e celebrando a suposta libertação do mundo da ameaça dos Trollocs. Esse segundo calendário registrava cada ano como um Ano Livre (AL). Depois da desorganização, morte e destruição causados pela Guerra dos Cem Anos, surgiu uma terceira forma de registro: é o calendário da Nova Era (NE), que encontra-se atualmente em uso.

Abandonados, os: Nome dado a treze dos mais poderosos Aes Sedai da Era das Lendas, o que os classifica entre os mais poderosos de todos os tempos. Aes Sedai que passaram para o lado do Tenebroso durante a Guerra da Sombra diante da promessa de imortalidade. De acordo com as lendas e fragmentos de registros, foram aprisionados com o Tenebroso quando a prisão dele foi resselada. Seus nomes — entre eles Lanfear, Be'lal, Sammael, Asmodean, Rahvin e Ishamael — ainda são usados para assustar crianças.

Aceitas: Jovens mulheres em treinamento para se tornarem Aes Sedai que alcançaram um certo nível de poder e passaram por determinados testes. Em geral leva-se de cinco a dez anos para que uma noviça seja elevada a Aceita. As mulheres nesse nível de treinamento ficam sob regras um pouco menos rígidas do que as noviças, e podem escolher as próprias áreas de estudo, dentro de alguns limites. Uma Aceita tem o direito a usar o anel da Grande Serpente, mas apenas no terceiro dedo da mão esquerda. Quando uma Aceita é elevada a Aes Sedai, escolhe a própria Ajah, adquire o direito a usar o xale e pode passar a usar o anel em qualquer dedo, ou não usá-lo, se as circunstâncias assim justificarem.

acre: Unidade de medida de área para terrenos, equivalente a 100 x 100 passos.

Aes Sedai: Pessoas capazes de canalizar o Poder Único. Desde o Tempo da Loucura, sobreviveram apenas as Aes Sedai mulheres. Alvo de desconfiança, medo e até mesmo ódio amplamente disseminados, muitos as culpam pela Ruptura do Mundo e as acusam de interferir nos assuntos das

nações. Ao mesmo tempo, poucos governantes optam por não ter uma conselheira Aes Sedai, mesmo nas terras em que a existência desse aconselhamento precisa ser mantida em segredo. *Ver também* Ajah; Trono de Amyrlin; Tempo da Loucura.

Aiel: Povo do Deserto Aiel. Ferozes e destemidos. Cobrem o rosto com um véu negro antes de matar, o que deu origem à expressão "agir como um Aiel de véu negro" para descrever alguém que se comporta de forma violenta. Guerreiros mortíferos com armas ou apenas com as mãos, jamais tocam em espadas. Seus flautistas tocam músicas enquanto eles entram em batalhas, e os Aiel chamam a luta de "a dança", e "a dança das lanças". *Ver também* sociedades guerreiras dos Aiel; Deserto Aiel.

Ajah: Sociedades internas das Aes Sedai, às quais todas as Aes Sedai, exceto o Trono de Amyrlin, pertencem. São designadas por cores: Azul, Vermelha, Branca, Verde, Marrom, Amarela e Cinza. Cada uma segue uma filosofia específica quanto ao uso do Poder Único e aos propósitos das Aes Sedai. A Ajah Vermelha, por exemplo, dedica-se a encontrar homens capazes de canalizar o Poder e amansá-los. A Ajah Marrom abre mão de qualquer envolvimento com o mundo e se dedica à busca por conhecimento, enquanto a Ajah Branca, amplamente abstêmia do mundo e dos valores da sabedoria mundana, dedica-se às questões filosóficas e à busca da verdade. A Ajah Verde (chamada de Ajah Guerreira durante as Guerras dos Trollocs) mantém-se a postos para enfrentar todos os novos Senhores do Medo quando Tarmon Gai'don acontecer. Há rumores de uma Ajah Negra dedicada a servir o Tenebroso.

al'Meara, Nynaeve: Mulher que exercia a função de Sabedoria em Campo de Emond, Dois Rios, distrito de Andor. Atualmente uma das Aceitas.

al'Thor, Rand: Jovem de Campo de Emond que é *ta'veren*. Era pastor de ovelhas. Atualmente proclamado o Dragão Renascido.

al'Vere, Egwene: Uma jovem de Campo de Emond. Atualmente em treinamento para ser Aes Sedai.

Alanna Mosvani: Aes Sedai da Ajah Verde.

Amalasan, Guaire: *Ver* Guerra do Segundo Dragão.

amansamento: Ato, realizado por Aes Sedai, de extinguir a capacidade de um homem de canalizar o Poder Único. É necessário, pois os homens que aprendem a canalizar enlouquecem por causa da mácula de *saidin* e terminam por fazer coisas horríveis com o Poder, em sua loucura. Um homem amansado ainda é capaz de sentir a Fonte Verdadeira, mas não consegue tocá-la. Qualquer loucura que tenha se desenvolvido antes do amansamento é detida, mas não curada, e pode-se evitar a morte caso o procedimento seja feito cedo o bastante. *Ver também* Poder Único; estancamento.

Amigos das Trevas: Os que seguem o Tenebroso e acreditam que ganharão poder, grandes recompensas e até mesmo a imortalidade quando ele for libertado.

Anaiya: Aes Sedai da Ajah Azul.

***angreal*:** Objetos remanescentes da Era das Lendas que permitem a qualquer um capaz de canalizar o Poder Único manipular uma quantidade maior do poder do que seria possível fazê-lo de forma segura, sem ajuda. Não se sabe mais como fabricá-los. Restam poucos. *Ver também sa'angreal*; *ter'angreal*.

Artur Asa-de-gavião: Rei lendário (governou entre AL 943-994) que unificou todas as terras a oeste da Espinha do Mundo. Chegou a enviar exércitos para o outro lado do Oceano de Aryth (AL 992), mas todo contato com as tropas foi perdido na ocasião de sua morte, que deu início à Guerra dos Cem Anos. Seu símbolo era um gavião dourado em pleno voo. *Ver também* Guerra dos Cem Anos.

Assassinos da Árvore: Nome que os Aiel usam para se referir aos cairhienos, sempre em tom de horror e desgosto.

Assembleia, a: Em Illian, a Assembleia é escolhida dentre mercadores e donos de navios, por eles mesmos, e tem a função de aconselhar tanto o Rei quanto o Conselho dos Nove, embora historicamente dispute o poder com ambos.

Atha'an Miere: *Ver* Povo do Mar.

***Avendesora*:** Na Língua Antiga, a "Árvore da Vida". Mencionada em muitas histórias e lendas.

***Avendoraldera*:** Uma árvore que cresceu na cidade de Cairhien de um ramo de *Avendesora*. O ramo foi um presente dos Aiel em 566 NE, apesar de nenhum registro revelar qualquer ligação entre os Aiel e *Avendesora*. *Ver também* Guerra dos Aiel.

Aviendha: Uma mulher do ramo dos Nove Vales dos Aiel Taardad, uma *Far Dareis Mai*, uma Donzela da Lança.

Aybara, Perrin: Jovem de Campo de Emond que era aprendiz de ferreiro.

Ba'alzamon: Na língua dos Trollocs, "Coração das Trevas". Acredita-se que seja o nome que os Trollocs dão ao Tenebroso. *Ver também* Tenebroso; Trollocs.

Bashere, Zarine: Uma jovem de Saldaea que é Caçadora da Trombeta. Deseja ser chamada de Faile, que na Língua Antiga significa "falcão".

Be'lal: Um dos Abandonados.

Bel Tine: Festival de primavera que celebra o fim do inverno, o brotamento da safra e o nascimento dos primeiros cordeiros.

Bornhald, Dain: Oficial dos Filhos da Luz, filho do Lorde Capitão Geofram Bornhald, que morreu em Falme, na Ponta de Toman.

braça: *Ver* comprimento, unidades de.

bravia: Mulher que aprende a canalizar o Poder Único sozinha. Apenas uma em cada quatro sobrevive à crise gerada por esse aprendizado. Tais mulheres costumam criar barreiras para que ninguém tome conhecimento de suas ações, mas, quando essas barreiras são transpostas, as bravias revelam-se entre as mais poderosas capazes de canalizar. O termo é com frequência utilizado de forma pejorativa.

Byar, Jaret: Oficial dos Filhos da Luz.

Caçada Selvagem: Muitos acreditam que o Tenebroso (com frequência chamado de Ceifador, ou Velho Ceifador, em Tear, Illian, Murandy, Altara e Ghealdan) cavalga pela noite com os "cães negros", ou Cães das Trevas, à caça de almas. Essa é a Caçada Selvagem. A chuva pode afastar os Cães das Trevas durante a noite, mas, uma vez que rastreiam alguém, os Cães devem ser enfrentados e derrotados, ou a morte da vítima é inevitável. Acredita-se que a mera visão da Caçada Selvagem traz a morte iminente, tanto para quem a vê passar, quanto para seus amados.

Caemlyn: Capital de Andor.

Cães das Trevas: *Ver* Caçada Selvagem.

Cães de Pedra: *Ver* sociedades guerreiras dos Aiel.

Cairhien: Nome de uma nação nos limites da Espinha do Mundo, cuja capital recebe o mesmo nome. A cidade foi incendiada e saqueada durante a Guerra dos Aiel, assim como muitas outras cidades e aldeias. O consequente abandono de terras cultiváveis próximas da Espinha do Mundo tornou necessária a importação de grandes quantidades de grãos. O Assassinato do Rei Galldrian (998 NE) resultou em uma guerra civil entre as Casas nobres pela sucessão do Trono do Sol, na interrupção

dos carregamentos de grãos e na fome. Cairhien tem como símbolo um sol nascente com muitos raios em um fundo de céu azul.

***Callandor*:** A Espada Que Não É Espada, a Espada Que Não Pode Ser Tocada. Uma espada de cristal guardada na Pedra de Tear, na câmara chamada de Coração da Pedra. Ninguém pode tocá-la além do Dragão Renascido. De acordo com as Profecias do Dragão, um dos principais sinais do Renascimento do Dragão e da aproximação de Tarmon Gai'don será o momento em que o Dragão Renascido empunhar *Callandor*.

canalizar: Controlar o fluxo do Poder Único. *Ver também* Poder Único.

Cantor das Árvores: Ogier com a habilidade de cantar para as árvores (chamada de "canção das árvores"), curando-as, ajudando-as a crescer e florescer ou confeccionando artigos de madeira sem ferir a árvore. Objetos feitos dessa forma são chamados de "madeira cantada", e são muito valiosos. Restam poucos Cantores das Árvores entre os Ogier. O Talento parece estar desaparecendo.

Cauthon, Mat: Um jovem de Campo de Emond, Dois Rios. Nome completo: Matrim Cauthon.

Cem Companheiros, os: Cem Aes Sedai entre os mais poderosos da Era das Lendas que, sob a liderança de Lews Therin Telamon, lançaram o ataque final que acabou com a Guerra da Sombra ao selar outra vez o Tenebroso em sua prisão. O contra-ataque do Tenebroso maculou *saidin*, e os Cem Companheiros enlouqueceram e iniciaram a Ruptura do Mundo. *Ver também* Tempo da Loucura; Ruptura do Mundo; Fonte Verdadeira; Poder Único.

Chama de Tar Valon: Símbolo de Tar Valon, do Trono de Amyrlin e das Aes Sedai. É uma representação estilizada de uma chama, uma lágrima branca com a ponta para cima.

***Ciclo de Karaethon, O*:** *Ver* Dragão, Profecias do.

Cinco Poderes, os: Há fios no Poder Único, e cada pessoa que o utiliza costuma ser capaz de compreender alguns melhor que outros. Eles são batizados conforme o elemento a que se prestam — Terra, Ar (às vezes chamado de Vento), Fogo, Água e Espírito — e chamados de os Cinco Poderes. Qualquer um que use o Poder Único é melhor em manipular um, talvez dois, e mais fraco com os demais. Alguns poucos podem ter grande força com três, mas, desde a Era das Lendas, ninguém se mostrou forte em todos os cinco. Mesmo naquela época, era algo extremamente raro. O grau de força pode variar muito entre indivíduos. Fazer certas coisas com o Poder Único requer habilidades em um ou mais dos Cinco Poderes. Por exemplo, acender e controlar um fogo requer Fogo, já afetar o clima requer Ar e Água, ao passo que Curar requer Água e Espírito. Enquanto Espírito era encontrado igualmente em homens e mulheres, uma grande habilidade com Terra e/ou Fogo era muito mais frequente em homens, e com Água e/ou Ar, em mulheres. Havia exceções, mas o fenômeno era tão prevalente que Terra e Fogo passaram a ser considerados Poderes masculinos, e Ar e Água, femininos. Geralmente, nenhuma habilidade é considerada mais forte que outra, embora haja um ditado entre as Aes Sedai: "Não há rocha tão dura que a água e o vento não desgaste, nem fogo tão feroz que a água não apague ou que o vento não elimine." Deve-se observar que qualquer ditado semelhante entre Aes Sedais homens perdeu-se há muito.

comprimento, unidades de: 10 polegadas = 3 palmos = 1 pé; 3 pés = 1 passo; 2 passos = 1 braça; 1000 braças = 1 milha; 4 milhas = 1 légua.

Conselho dos Nove: Em Illian, um conselho de nove lordes com a função de aconselhar o Rei, mas que historicamente trava com ele uma disputa pelo poder. Tanto o Rei quanto os Nove também competem com a Assembleia.

Coração da Pedra: *Ver Callandor.*

cuendillar: *Ver* pedra-do-coração.

Curadora das Crônicas: Segunda em autoridade entre as Aes Sedai, depois do Trono de Amyrlin, também atua como secretária da Amyrlin. É apontada para o cargo vitalício pelo Salão da Torre. Costuma ser da mesma Ajah à qual pertenceu a Amyrlin. *Ver também* Trono de Amyrlin; Ajah.

***Daes Dae'mar*:** O Grande Jogo, também conhecido como Jogo das Casas. Nome dado às armações, tramas e manipulações das Casas Nobres em busca de poder. Nele, é dado grande valor à dissimulação, à busca de uma coisa enquanto parece estar atrás de outra e ao alcance de objetivos com o mínimo de esforço visível.

Damodred, Lorde Galadedrid: Meio-irmão de Elayne e Gawyn. Tem como símbolo uma espada de prata alada com a ponta para baixo.

Deserto Aiel: Terra hostil, severa e praticamente desprovida de água que fica a leste da Espinha do Mundo. Chamada pelos Aiel de Terra da Trindade. Poucos forasteiros se aventuram na região, não apenas por ser quase impossível alguém não nascido lá encontrar água, mas também porque os Aiel se consideram em guerra com todos os povos, e estrangeiros não são bem-vindos. Apenas aos mascates, menestréis e Tuatha'an é permitida a entrada em segurança, e mesmo com eles o contato é limitado. Não se sabe da existência de qualquer mapa do Deserto.

Dia do Sol: Feriado e festival no meio do verão, amplamente celebrado em diversas partes do mundo.

Dragão Renascido: De acordo com as lendas e profecias, o Dragão renascerá na hora de maior necessidade da humanidade com o objetivo de salvar o mundo. Não é algo pelo que as pessoas anseiem, seja porque as Profecias dizem que o Dragão Renascido trará uma nova Ruptura ao mundo ou porque Lews Therin, o Fratricida, conhecido como o Dragão, é um nome que provoca arrepios, mesmo mais de três mil anos após sua morte. *Ver também* Dragão, o; Dragão, falso; Dragão, Profecias do.

Dragão, falso: De tempos em tempos, alguns homens afirmam ser o Dragão Renascido, e às vezes um deles consegue seguidores tão numerosos que é preciso um exército para derrubá-lo. Alguns começaram guerras que envolveram diversas nações. Ao longo dos séculos, a maioria era incapaz de canalizar o Poder Único, mas alguns podiam fazê-lo. Todos, porém, desapareceram, foram capturados ou mortos sem cumprir qualquer uma das profecias referentes ao Renascimento do Dragão. Esses homens são chamados de falsos Dragões. Entre os capazes de canalizar, os mais poderosos foram Raolin Algoz-das-trevas (335-36 DR), Yurian Arco-de-pedra (cerca de 1300-1308 DR), Davian (AL 351), Guaire Amalasan (AL 939-43) e Logain (997 NE). *Ver também* Dragão Renascido.

Dragão, o: Nome pelo qual Lews Therin Telamon era conhecido durante a Guerra da Sombra. Sofrendo da loucura que se abateu sobre todos os Aes Sedai do sexo masculino, Lews Therin matou as pessoas de seu sangue e todos os outros que amava, recebendo então a alcunha de Fratricida. *Ver também* Dragão Renascido; Dragão, Profecias do.

Dragão, Profecias do: Pouco conhecidas e raramente comentadas, as Profecias registradas em *O Ciclo de Karaethon* predizem que o Tenebroso será libertado mais uma vez para tocar o mundo. E que Lews Therin Telamon, o Dragão, responsável pela Ruptura do Mundo, renascerá para lutar em Tarmon Gai'don, a última batalha contra a Sombra. *Ver também* Dragão, o.

Elaida: Aes Sedai da Ajah Vermelha. Antiga conselheira da Rainha Morgase, de Andor. Às vezes Profetiza.

Elayne da Casa Trakand: Filha da rainha Morgase, Filha-herdeira do trono de Andor. Atualmente em treinamento para ser Aes Sedai. Tem como símbolo um lírio dourado.

Era das Lendas: A Era que terminou com a Guerra da Sombra e a Ruptura do Mundo. Uma época em que Aes Sedai realizavam maravilhas com as quais atualmente só se pode sonhar. *Ver também* Roda do Tempo; Ruptura do Mundo; Guerra da Sombra.

Escudos Vermelhos: *Ver* sociedades guerreiras dos Aiel.

Espectros: *Ver* Myrddraal.

Espinha do Mundo, a: Cadeia de altíssimas montanhas, com poucos pontos de travessia, que separa o Deserto Aiel das terras a oeste.

estancamento: Ato, realizado pelas Aes Sedai, de isolar definitivamente uma mulher capaz de canalizar do Poder Único. Uma mulher que tenha sido estancada pode sentir a Fonte Verdadeira, mas não consegue tocá-la. Foi realizado tão poucas vezes que as noviças são obrigadas a decorar os nomes e crimes de todas as mulheres que sofreram a punição.

***Far Dareis Mai*:** Literalmente "Donzelas da Lança". Sociedade guerreira dos Aiel que, ao contrário de todas as demais, admite apenas mulheres. Uma Donzela não pode se casar e permanecer na sociedade, nem lutar enquanto estiver grávida. Qualquer criança nascida de uma Donzela é entregu e a outra mulher para que esta a crie, de modo que ninguém saiba quem era a mãe da criança. ("Você não pode pertencer a nenhum homem, nem homem algum pode lhe pertencer, nem qualquer criança. A lança é sua amante, sua filha e sua vida.") Tais crianças são estimadas, pois foi previsto que alguém nascido de uma Donzela unirá os clãs e devolverá aos Aiel a grandeza que tiveram durante a Era das Lendas. *Ver também* sociedades guerreiras dos Aiel.

Filha da Noite: *Ver* Lanfear.

Filha-herdeira: Título da herdeira do trono de Andor. A filha mais velha da Rainha sucede a mãe. Sem filhas vivas, o trono passa à parente consanguínea mais próxima da Rainha.

Filhos da Luz: Sociedade de crenças estritamente ascéticas dedicada a derrotar o Tenebroso e a destruir todos os Amigos das Trevas. Foi fundada durante a Guerra dos Cem Anos por Lothair Mantelar, com o objetivo de pregar contra o crescente número de Amigos das Trevas, mas evoluiu no decorrer da guerra até se tornar uma organização militar. Extremamente rígidos em suas crenças, estão absolutamente convencidos de que apenas eles conhecem a verdade e sabem o que é certo. Odeiam as Aes Sedai e as consideram Amigas das Trevas, assim como a todos que as apoiam. São chamados de Mantos-brancos, um apelido pejorativo. Têm como símbolo um sol dourado em um fundo branco.

Fonte Verdadeira: Força motriz do universo que faz girar a Roda do Tempo. É dividida em uma metade masculina, *saidin*, e outra feminina, *saidar*, que trabalham ao mesmo tempo com e contra a outra. Apenas homens podem recorrer a *saidin*, e apenas mulheres, a *saidar*. Desde o Tempo da Loucura, *saidin* está maculado pelo toque do Tenebroso. *Ver também* Poder Único.

Fortaleza da Luz: A grande fortaleza dos Filhos da Luz, localizada em Amador, capital de Amadícia. Existe um Rei em Amadícia, mas são os Filhos que governam de fato. *Ver também* Filhos da Luz.

Gaidin: Literalmente "Irmão nas Batalhas". Título usado pelas Aes Sedai para os Guardiões. *Ver também* Guardião.

Galad: *Ver* Damodred, Lorde Galadedrid.

Gaul: Um Aiel do ramo Imran dos Shaarad, um *Shae'en M'taal*, um Cão de Pedra.

Gawyn da Casa Trakand: Filho da Rainha Morgase, irmão de Elayne, que será o Primeiro Príncipe da Espada quando Elayne subir ao trono. Tem como símbolo um javali branco.

Grande Caçada à Trombeta, A: Ciclo de histórias sobre a lendária busca pela Trombeta de Valere que ocorreu nos anos entre o fim das Guerras dos Trollocs e o início da Guerra dos Cem Anos. Se contado por inteiro, o ciclo pode durar vários dias. *Ver também* Trombeta de Valere.

Grande Jogo, o: *Ver Daes Dae'mar.*

Grande Praga, a: Região no extremo norte inteiramente corrompida pelo Tenebroso. Local onde vivem Trollocs, Myrddraal e outras criaturas da Sombra.

Grande Senhor das Trevas: Nome pelo qual os Amigos das Trevas se referem ao Tenebroso, alegando que usar seu nome verdadeiro é uma blasfêmia.

Grande Serpente: Símbolo do tempo e da eternidade, que já era antigo antes do início da Era das Lendas, consiste em uma serpente mordendo a própria cauda. Um anel na forma da Grande Serpente é dado às Aceitas entre as Aes Sedai.

Grão-lordes de Tear: Com atuação semelhante à de um conselho, os Grão-lordes são os governantes da nação de Tear, onde não há rei ou rainha. Seu número não é fixo, varia ao longo dos anos de tantos quanto vinte a tão poucos quanto seis. Não devem ser confundidos com os Senhores da Terra, que são lordes menores tairenos.

Guardião: Guerreiro que tem um elo com uma Aes Sedai. O elo é feito com o Poder Único, e concede dádivas como cura acelerada, capacidade de ficar longos períodos sem comida, água ou descanso e a habilidade de sentir a mácula do Tenebroso a distância. Enquanto o Guardião permanece vivo, a Aes Sedai com quem ele tem o elo sabe que ele está vivo, por mais distante que esteja, e, quando ele morre, ela sabe o momento e a forma como morreu. Enquanto a maioria das Ajahs acredita que é natural uma Aes Sedai ter um elo com apenas um Guardião de cada vez, a Ajah Vermelha se recusa a estabelecê-los, e a Ajah Verde crê que seja possível estabelecer elos com quantos Guardiões quiserem. Pela ética, é preciso que o Guardião aceite o elo, mas há casos em que este foi feito involuntariamente. O que a Aes Sedai ganha com o elo é um segredo muito bem guardado. *Ver também* Aes Sedai.

Guerra da Sombra: Também conhecida como Guerra do Poder, encerrou a Era das Lendas. Começou pouco depois da tentativa de libertar o Tenebroso, e logo envolveu o mundo inteiro. Em um mundo em que mesmo as lembranças do que era a guerra haviam sido esquecidas, todas as facetas foram redescobertas, muitas vezes distorcidas pelo toque do Tenebroso no mundo, e o Poder Único foi usado como arma. A guerra terminou com a renovação do selo da prisão do Tenebroso. *Ver também* Cem Companheiros, os; Dragão, o.

Guerra do Poder: *Ver* Guerra da Sombra.

Guerra do Segundo Dragão: A guerra lutada (939–43 AL) contra o falso Dragão Guaire Amalasan. Durante ela, um jovem rei chamado Artur Tanreall Paendrag, mais tarde conhecido como Artur Asa-de-gavião, ganhou importância significativa.

Guerra dos Aiel: Quando o Rei Laman de Cairhien cortou *Avendoraldera*, diversos clãs dos Aiel cruzaram a Espinha do Mundo. Eles saquearam e incendiaram a capital de Cairhien, bem como muitas outras cidades e vilarejos, e o conflito se estendeu até Andor e Tear. A opinião geral afirma que os Aiel foram finalmente derrotados na Batalha das Muralhas Reluzentes, diante de Tar Valon, mas a verdade é que Laman foi morto naquela batalha, e, tendo cumprido seu objetivo, os Aiel cruzaram a Espinha de volta. *Ver também Avendoraldera*; Cairhien.

Guerra dos Cem Anos: Série de guerras concomitantes entre alianças em constante mudança, iniciada pela morte de Artur Asa-de-gavião e a subsequente disputa por seu império. Durou de 994 AL até 1117 AL. A guerra deixou grande parte das terras entre o Oceano de Aryth e o Deserto Aiel quase desabitadas, do Mar das Tempestades à Grande Praga. A destruição foi tanta que restam apenas alguns registros da época. O império de Artur Asa-de-gavião se fragmentou com as guerras, e as nações dos dias atuais se formaram. *Ver também* Artur Asa-de-gavião.

Guerras dos Trollocs: Série de guerras iniciadas em torno de 1000 DR que duraram mais de trezentos anos, ao longo dos quais os exércitos dos Trollocs arrasaram o mundo. Com o tempo, os Trollocs foram mortos ou forçados a voltar à Grande Praga, mas algumas nações desapareceram, enquanto outras ficaram quase desabitadas. Todos os registros da época são fragmentados.

Homem Cinza: Alguém que voluntariamente entregou a alma para se tornar um assassino a serviço da Sombra. Os Homens Cinza têm uma aparência tão comum que é muito fácil passar os olhos por eles sem percebê-los. A grande maioria é de fato composta de homens, mas existe um pequeno número de mulheres.

Illian: Grande porto no Mar das Tempestades, capital da nação de mesmo nome.

Iluminadores, Guilda de: Uma corporação que detém o segredo da confecção de fogos de artifício e o guarda a sete chaves, mesmo que para isso precise matar. O nome da Guilda vem das grandes exposições, chamadas Iluminações, oferecidas para governantes e às vezes grandes lordes. Fogos de artifício menores são vendidos para uso externo, mas com avisos de atenção para o desastre que pode resultar da tentativa de descobrir o que há dentro deles. A casa do capítulo da Guilda fica em Tanchico, capital de Tarabon. A Guilda estabeleceu outra casa do capítulo em Cairhien, mas já não está em atividade.

Ishamael: Na Língua Antiga, "Traidor da Esperança". Um dos Abandonados. Nome dado ao líder dos Aes Sedai que desertaram para o lado do Tenebroso na Guerra da Sombra. Dizem que até ele mesmo esqueceu seu nome verdadeiro. *Ver também* Abandonados.

Jogo das Casas, o: *Ver Daes Dae'mar.*

***Jornadas de Jain, o Viajante, As*:** Um livro muito conhecido das histórias e observações de viagens de um célebre escritor e andarilho malkieri. A primeira edição data de 968 NE, e o livro continua a ser reimpresso. Jain, o Viajante, desapareceu pouco tempo depois da Guerra dos Aiel, e acredita-se que ele esteja morto.

Juramentos, Três: Juramentos feitos por uma Aceita quando é elevada a Aes Sedai. São proferidos enquanto ela segura o Bastão dos Juramentos, um *ter'angreal* que confirma seu compromisso com os votos. São eles: (1) Não dizer palavra que não seja verdadeira. (2) Não criar arma com a qual um homem possa matar outro. (3) Nunca usar o Poder como arma exceto contra Criaturas da Sombra, ou, em casos extremos, em defesa da própria vida, da vida de seu Guardião ou de outra Aes Sedai. Esses juramentos nem sempre foram obrigatórios, mas diversos eventos antes e desde a Ruptura fizeram com que se tornassem necessários. O segundo juramento foi o primeiro a ser adotado, em reação à Guerra do Poder. O primeiro juramento, embora levado ao pé da letra, em geral pode ser contornado por um discurso cuidadoso. Acredita-se que os dois últimos sejam invioláveis.

Laman: Rei de Cairhien, da Casa Damodred, que perdeu o trono e a vida na Guerra dos Aiel. *Ver também* Guerra dos Aiel; *Avendoraldera*.

Lan; al'Lan Mandragoran: Guardião, ligado pelo elo a Moiraine. Rei Não Coroado de Malkier, Dai Shan e último lorde dos malkieris. *Ver também* Guardião; Moiraine; Malkier.

Lanfear: Na Língua Antiga, "Filha da Noite". Uma dos Abandonados, talvez a mais poderosa depois de Ishamael. Diferente dos demais Abandonados, ela mesma escolheu o nome. Dizem ter sido apaixonada por Lews Therin Telamon. *Ver também* Abandonados; Dragão, o.

Leane: Aes Sedai da Ajah Azul e Curadora das Crônicas. *Ver também* Ajah; Curadora das Crônicas.

légua: *Ver* comprimento, unidades de.

Lews Therin Telamon; Lews Therin Fratricida: *Ver* Dragão, o.

Liandrin: Aes Sedai outrora da Ajah Vermelha, de Tarabon. Atualmente sabe-se que pertence à Ajah Negra.

Língua Antiga: A língua falada durante a Era das Lendas. Espera-se que os nobres e os bem-educados saibam falá-la, mas a maioria conhece apenas algumas poucas palavras.

Loial, filho de Arent, filho de Halan: Ogier do Pouso Shangtai.

Luz, Filhos da: *Ver* Filhos da Luz.

madeira cantada: *Ver* Cantor das Árvores.

Malkier: Nação que um dia fez parte das Terras da Fronteira, hoje consumida pela Praga. O símbolo de Malkier era um grou dourado em pleno voo.

Manetheren: Uma das Dez Nações que formaram o Segundo Pacto e o nome de sua capital. Tanto a cidade quanto a nação foram destruídas nas Guerras dos Trollocs.

Mantos-brancos: *Ver* Filhos da Luz.

Masema: Soldado shienarano que odeia os Aiel.

massa, unidades de: 10 onças = 1 libra; 10 libras = 1 pedra; 10 pedras = 1 cem-pesos; 10 cem-pesos = 1 tonelada.

Mayene: Cidade-estado no Mar das Tempestades que deve sua riqueza e independência ao conhecimento sobre a localização de cardumes de peixe-prego, que rivalizam em importância econômica com os bosques de oliveiras em Tear, Illian e Tarabon. Peixes-prego e oliveiras fornecem quase todo o óleo para os lampiões. A atual governante de Mayene é Berelain, a Primeira de Mayene. Os governantes de Mayene alegam ser descendentes de Artur Asa-de-gavião. O símbolo de Mayene é um gavião dourado em pleno voo.

Meio-homem: *Ver* Myrddraal.

menestréis: Viajantes contadores de histórias, músicos, malabaristas, acrobatas e mestres do entretenimento. Conhecidos por sua marca registrada, os mantos de retalhos multicoloridos, eles se apresentam principalmente em aldeias e cidades pequenas.

Merrilin, Thom: Menestrel e antigo amante da Rainha Morgase.

milha: *Ver* comprimento, unidades de.

Min: Uma jovem com a capacidade de ler eventos sobre as pessoas nas auras e imagens que por vezes enxerga em torno delas.

Moiraine: Aes Sedai da Ajah Azul. Nasceu na Casa Damodred e, embora não esteja na linha de sucessão ao trono, foi criada no Palácio Real em Cairhien.

Morgase: Pela Graça da Luz, Rainha de Andor, Defensora do Reino, Protetora do Povo, Grão-trono da Casa Trakand. Seu símbolo são três chaves douradas. O símbolo da Casa Trakand é uma pedra angular prateada.

Myrddraal: Criaturas do Tenebroso, comandantes dos Trollocs. Crias distorcidas de Trollocs nas quais o material humano usado para criá-los ressurge, mas maculado pelo mal que originou os Trollocs. Não têm olhos, mas enxergam como águias, tanto na luz quanto no escuro. Têm alguns poderes que vêm do Tenebroso, inclusive a habilidade de causar um medo paralisante com o olhar e a de sumir onde quer que haja sombras. Uma das poucas fraquezas conhecidas é a relutância em cruzar água corrente. Em terras diferentes, são conhecidos por diversos nomes, entre eles Meios-homens, Sem-olhos, Homens-sombra, Espreitadores, Espectros e Desvanecidos.

Nedeal, Corianin: *Ver* Talentos.

Niall, Pedron: Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz. *Ver também* Filhos da Luz.

Ogier: (1) Raça não humana, caracterizada por altura elevada (um adulto do sexo masculino tem cerca de dez pés de altura, em média), porte largo, narizes muito parecidos com focinhos e orelhas longas e peludas. Vivem em áreas chamadas de *pousos*. A saída desses *pousos* depois da Ruptura do Mundo (uma época chamada pelos Ogier de Exílio) resultou no que se chama de Saudade. Um Ogier que passa muito tempo longe do *pouso* adoece e morre. São tidos como exímios alveneiros graças à construção de grandiosas cidades humanas depois da Ruptura, mas consideram o trabalho de alvenaria apenas um aprendizado que tiveram durante o período do Exílio, menos importante que o cuidado com as árvores dos *pousos* (em especial as imensas, chamadas Grandes Árvores). Raramente deixam os *pousos*, exceto para realizar algum trabalho como alveneiros, e costumam ter pouco contato com humanos. O conhecimento sobre eles entre os humanos é escasso, e muitos creem que Ogier são apenas lendas. Embora se acredite que os Ogier são um povo pacífico e muito difícil de irritar, algumas histórias antigas afirmam que eles lutaram ao lado dos humanos nas Guerras dos Trollocs e que são inimigos implacáveis. Em geral são ávidos por conhecimento, e seus livros e histórias contêm diversas informações perdidas para os humanos. A expectativa de vida média de um Ogier é três a quatro vezes maior que a de um ser humano. (2) Qualquer indivíduo que não seja da raça humana. *Ver também* Ruptura do Mundo; *pouso*; Cantor das Árvores.

Ordeith: Na Língua Antiga, "Artemísia". Nome do homem que aconselha o Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz.

Padrão de uma Era: A Roda do Tempo tece os fios das vidas humanas no Padrão de uma Era, muitas vezes chamado simplesmente de Padrão, que forma a substância da realidade para aquela Era. *Ver também ta'veren*.

Pedra de Tear: Grande Fortaleza na cidade de Tear, que dizem ter sido construída logo após a Ruptura do Mundo, com uso do Poder Único. Foi sitiada e atacada incontáveis vezes, mas nunca com sucesso. A Pedra é mencionada duas vezes nas Profecias do Dragão. Uma delas afirma que a Pedra não cairá antes da chegada do Povo do Dragão. Em outra passagem, afirma-se que a Pedra não cairá até que as mãos do Dragão empunhem a Espada Que Não Pode Ser Tocada, *Callandor*. Alguns acreditam que essas Profecias são a razão da antipatia dos Grão-lordes pelo Poder Único e da lei tairena que proíbe a canalização. Apesar dessa antipatia, a Pedra contém uma coleção de *an'greal* e *ter'angreal* que rivaliza com a da Torre Branca, uma coleção reunida, alguns dizem, como tentativa de diminuir o resplendor da posse de *Callandor*.

pedra-do-coração: Substância indestrutível criada durante a Era das Lendas. Qualquer força conhecida usada para tentar quebrá-la é absorvida, deixando-a mais forte. Outro nome para *cuendillar*.

picadinha: Inseto pequeno, quase invisível, que pica.

Poder Único, o: O poder retirado da Fonte Verdadeira. A grande maioria das pessoas é incapaz de aprender a canalizá-lo. Pouquíssimos podem ser ensinados, e uma parcela ainda menor nasce com essa habilidade. Para esses poucos não há necessidade de aprendizado, pois tocarão a Fonte Verdadeira e canalizarão o Poder independente mente da sua vontade, e talvez sequer percebam que o fazem. Essa habilidade inata geralmente se manifesta no fim da adolescência ou início da idade adulta. Caso não aprendam a controlar, com ajuda ou por si mesmos (algo bem difícil, com uma taxa de sucesso de apenas um em cada quatro), a morte é certa. Desde o Tempo da Loucura, homem algum é capaz de canalizar sem enlouquecer de forma terrível e, em seguida, mesmo aprendendo a ter certo controle, morrer de uma espécie de doença degenerativa que faz com que o portador apodreça ainda vivo. Essa doença é causada, assim como a loucura, pela mácula do Tenebroso em *saidin*. Para uma mulher, a morte oriunda do uso de Poder sem controle é menos terrível, mas igualmente certa. As Aes Sedai buscam meninas com habilidade inata tanto para salvá-las quanto para aumentar o número de irmãs, e buscam homens capazes de canalizar para impedir as coisas terríveis que farão em sua loucura. *Ver também* Aes Sedai; canalizar; Cinco Poderes; Tempo da Loucura; Fonte Verdadeira.

Poderes, os Cinco: *Ver* Cinco Poderes.

***pouso*:** Terras dos Ogier. Muitos *pousos* foram abandonados desde a Ruptura do Mundo. Têm alguma forma de proteção, cuja compreensão se perdeu, de modo que nenhuma Aes Sedai possa canalizar o Poder Único ou sequer sentir a Fonte Verdadeira dentro deles. Tentativas de usar o Poder Único feitas de fora de um *pouso* não terão qualquer efeito no seu interior. Nenhum Trolloc entra em um *pouso*, a menos que seja forçado, e mesmo um Myrddraal o fará apenas em caso de extrema necessidade e com grande relutância e desprazer. Até os Amigos das Trevas, se muito dedicados, sentem-se desconfortáveis dentro deles.

Povo do Mar: O nome mais adequado é Atha'an Miere. Habitantes das ilhas do Oceano de Aryth e do Mar das Tempestades, passam pouco tempo nas ilhas, levando grande parte de suas vidas nos navios. A maioria do comércio marítimo é feita nos navios do Povo do Mar.

Povo Errante: *Ver* Tuatha'an.

Praga: *Ver* Grande Praga, a.

Questionadores, os: Ordem dentro dos Filhos da Luz cujos objetivos são descobrir a verdade, quando controversa, e revelar Amigos das Trevas. Em sua busca pela verdade e pela Luz, o método usual de interrogatório é a tortura. Costumam agir como se já soubessem a verdade e precisassem apenas de uma confissão. Os Questionadores referem-se a si mesmos como a Mão da Luz, a Mão que desenterra a verdade, e às vezes agem como se fossem completamente independentes dos Filhos e do Conselho dos Ungidos, que os comanda. O líder dos Questionadores é o Grão-inquisidor, que ocupa uma cadeira no Conselho dos Ungidos. Têm como símbolo o cajado vermelho-sangue de um pastor.

Rhuarc: Um Aiel, chefe do clã dos Aiel Taardad.

Roda do Tempo, a: O tempo é uma roda com sete braços, cada um uma Era. Conforme a roda gira, as Eras vêm e vão, deixando lembranças que desvanecem e se tornam lendas, que desvanecem e se tornam mitos, e que já estão há muito esquecidos quando a Era que lhes deu origem retorna. O Padrão de uma Era é um pouco diferente a cada vez que ela retorna, e a cada vez ele é sujeito a mudanças maiores.

Rogosh Olho-de-águia: Herói lendário mencionado em inúmeras histórias antigas.

Ruptura do Mundo, a: Durante o Tempo da Loucura, os Aes Sedai, tomados pela loucura e capazes de usar o poder único em um grau que hoje é desconhecido, desfiguraram a terra. Causaram grandes terremotos, arrasaram antigas cadeias de montanhas, ergueram terra onde havia oceanos e fizeram os oceanos invadirem a terra. Muitas partes do mundo ficaram completamente despovoadas, e os sobreviventes se dispersaram como poeira ao vento. Essa destruição é lembrada em contos, lendas e na história como a Ruptura do Mundo. *Ver também* Tempo da Loucura; Cem Companheiros, os.

***sa'angreal*:** Objetos que permitem que um indivíduo canalize muito mais do Poder Único do que seria possível ou seguro de outra forma. Um *sa'angreal* é semelhante a um *angreal*, porém muitíssimo mais poderoso. O volume do poder que pode ser canalizado com um *sa'angreal* está para o que se canaliza com um *angreal* como o que se canaliza com um *angreal* está para o que se canaliza sem ajuda. Remanescentes da Era das Lendas, o segredo de sua fabricação foi perdido. Restam apenas alguns, que são muito mais raros que os *angreal*.

Sabedoria: Nas aldeias, é a mulher escolhida para participar do Círculo das Mulheres por seu conhecimento em áreas como a cura e a previsão do tempo, assim como seu bom senso. É uma posição de grande responsabilidade e autoridade, tanto declarada quanto implícita. Geralmente é considerada equivalente ao Prefeito, e em algumas aldeias é sua superior. Ao contrário do Prefeito, o cargo de Sabedoria é vitalício, e é raro uma deixar o ofício antes de morrer. O conflito com o Prefeito é quase uma tradição. Dependendo da região o título pode ser outro, como Guia, Curandeira, Buscadora ou Sábia.

sabiola: Instrumento musical que pode ter seis, dez ou doze cordas. É colocado sobre os joelhos e tocado em pizzicato ou dedilhado.

***saidar/saidin*:** *Ver* Fonte Verdadeira.

Saltador: Um lobo.

Seanchan: (1) Descendentes dos exércitos que Artur Asa-de-gavião enviou para o outro lado do Oceano de Aryth, que voltaram para reclamar as terras de seus antepassados. (2) A terra onde vivem esses descendentes. *Ver também Hailene*; *Corenne*; *Rhyagelle*.

Selene: Nome usado pela Abandonada chamada Lanfear.

Sem-alma: *Ver* Homem Cinza.

Senhores do Medo: Homens e mulheres que, capazes de canalizar o Poder Único, passaram para o lado da Sombra durante as Guerras dos Trollocs, agindo como comandantes das forças dos Trollocs. Às vezes são confundidos com os Abandonados pelos menos instruídos.

Servos, Salão dos: Na Era das Lendas, o grande salão de reuniões das Aes Sedai.

Shadar Logoth: Cidade abandonada e evitada desde as Guerras dos Trollocs. Seu solo é maculado, e nem mesmo a menor pedra existente nela é segura.

Shai'tan: *Ver* Tenebroso.

Shayol Ghul: Montanha nas Terras Devastadas, local da prisão do Tenebroso.

Sheriam: Aes Sedai da Ajah Azul. Mestra das Noviças na Torre Branca.

Siuan Sanche: Filha de um pescador taireno, ela foi, segundo a lei tairena, enviada em um navio para Tar Valon antes do Segundo pôr de sol depois que foi descoberto seu potencial para canalizar. Ex-integrante da Ajah Azul. Elevada a Trono de Amyrlin em 988 NE.

sociedades guerreiras dos Aiel: Todos os guerreiros Aiel são membros de uma das sociedades guerreiras, como os Cães de Pedra (*Shae'en M'taal*), os Escudos Vermelhos (*Aethan Dor*) e as

Donzelas da Lança (*Far Dareis Mai*). Cada sociedade tem seus próprios costumes e, às vezes, deveres específicos. Por exemplo, os Escudos Vermelhos agem como polícia. Os Cães de Pedra muitas vezes fazem votos de não recuar depois de entrarem em batalha, e perderão até o último homem, se necessário, para cumprir os votos. É frequente os clãs lutarem entre si — como os Aiel Goshien, Reyn, Shaarad e Taardad —, mas membros da mesma sociedade não se enfrentam, ainda que os clãs o façam. Dessa forma, há sempre alguma espécie de relacionamento entre clãs, mesmo quando em guerra declarada. *Ver também* Aiel; Deserto Aiel; Far Dareis Mai.

Sonhador: *Ver* Talentos.

***ta'maral'ailen*:** Na Língua Antiga, "Teia do Destino". Uma grande mudança no Padrão de uma Era, centrada em uma ou mais pessoas, denominadas *ta'veren*. *Ver também* Padrão de uma Era; *ta'veren*.

***ta'veren*:** Pessoa em torno da qual a Roda do Tempo tece todos os fios de vida próximos, talvez até TODOS os fios de todas as vidas, para formar uma Teia do Destino. *Ver também* Padrão de uma Era.

Talentos: Habilidades relativas ao uso do Poder Único em áreas específicas. O mais conhecido de todos, sem dúvida, é o da Cura. Alguns, como o de Viajar (habilidade de ir de um lugar a outro sem cruzar o espaço interveniente), foi perdida. Outros, como o da Profecia (capacidade de predizer eventos futuros, mas de forma geral) são hoje em dia muito raros, quando existem. Outro Talento que há muito se pensava não mais existir era o de Sonhar, que envolve, entre outras coisas, a interpretação dos sonhos do Sonhador para prever futuros eventos de maneira mais específica do que as Profecias. Alguns Sonhadores têm a habilidade de adentrar *Tel'aran'rhiod*, o Mundo de Sonhos, e (ao que se diz) até mesmo os sonhos de outras pessoas. O último Sonhador de que se tem notícia foi Corianin Nedeal, que morreu em 526 NE.

Tanreall, Artur Paendrag: *Ver* Artur Asa-de-gavião.

Tarmon Gai'don: A Última Batalha. *Ver também* Dragão, o; Dragão, Profecias do; Trombeta de Valere.

Tear: Grande cidade portuária no Mar das Tempestades. Capital do país de mesmo nome. O estandarte de Tear é composto de três luas crescentes brancas que se inclinam por um campo metade vermelho, metade dourado. *Ver também* Pedra de Tear.

***Tel'aran'rhiod*:** Na Língua Antiga, "Mundo Invisível" ou "Mundo dos Sonhos". Um mundo vislumbrado em sonhos que os antigos acreditavam permear e circundar todos os outros mundos possíveis. Ao contrário dos outros sonhos, o que acontece às criaturas vivas no Mundo dos Sonhos é real: uma ferida sofrida lá ainda existirá ao despertar, e quem morre lá não acorda jamais.

Telamon, Lews Therin: *Ver* Dragão, o.

Tempo da Loucura: Os anos após o contra-ataque do Tenebroso macular a metade masculina da Fonte Verdadeira, quando os Aes Sedai enlouqueceram e causaram a Ruptura do Mundo. Não se sabe a duração exata desse período, mas acredita-se que tenha durado aproximadamente cem anos. Terminou com a morte do último Aes Sedai. *Ver também* Cem Companheiros; Fonte Verdadeira; Poder Único.

Tenebroso, nomear o: Dizer o nome verdadeiro do Tenebroso (Shai'tan) atrai sua atenção, trazendo inevitavelmente má sorte, na melhor das hipóteses, e desastres, na pior. Por isso muitos eufemismos são usados, entre os quais Tenebroso, Pai das Mentiras, Cega-vista, Senhor do Túmulo, Pastor da Noite, Veneno do Coração, Presa-do-coração, Velho Ceifador, Queima-grama e Mangra-folha. Os

Amigos das Trevas o chamam de Grande Senhor das Trevas. Diz-se com frequência que alguém que parece chamar o azar está "nomeando o Tenebroso".

Tenebroso: Nome mais comum, usado em todas as terras, para Shai'tan. A fonte de todo mal, antítese do Criador. Foi aprisionado em Shayol Ghul pelo Criador, no momento da criação. Uma tentativa de libertá-lo causou a Guerra da Sombra, a mácula de *saidin*, a Ruptura do Mundo e o fim da Era das Lendas.

***ter'angreal*:** Qualquer objeto remanescente da Era das Lendas que utilize o Poder Único. Diferente dos *angreal* e *sa'angreal*, cada *ter'angreal* foi feito para determinado objetivo. Por exemplo, um obriga a cumprir os votos feitos com seu auxílio. Alguns são usados pelas Aes Sedai, mas o propósito original é, em grande medida, desconhecido. Alguns matarão qualquer mulher que os use ou destruirão sua habilidade de canalizar. *Ver também angreal*; *sa'angreal*.

Terras da Fronteira, as: As nações que fazem fronteira com a Grande Praga: Saldaea, Arafel, Kandor e Shienar.

Tigraine: Como Filha-herdeira de Andor, casou-se com Taringail Damodred, com quem teve um filho, Galadedrid. Seu desaparecimento em 972 NE, logo depois do desaparecimento de seu irmão Luc, na Praga, levou a disputas em Andor, chamadas de A Sucessão, e provocou em Cairhien os eventos que acabariam por levar à Guerra dos Aiel. Tem como símbolo uma mão feminina segurando o ramo espinhoso de uma rosa branca.

Traidor da Esperança: *Ver* Ishamael.

Trollocs: Criaturas do Tenebroso, criadas durante a Guerra da Sombra. De imensa estatura, são uma mistura distorcida entre animais e humanos. Os Trollocs se dividem em bandos semelhantes a tribos, entre eles os Dha'vol, Ko'bal e Dhai'mon. Malignos por natureza, matam pelo puro prazer de matar. Traiçoeiros ao extremo, só são confiáveis quando coagidos pelo medo.

Trombeta de Valere: Objeto lendário da Grande Caçada à Trombeta. Dizem poder convocar os heróis mortos para lutar contra a Sombra.

Trono de Amyrlin: (1) Título da líder das Aes Sedai. O Salão da Torre, o mais alto conselho das Aes Sedai, formado por três representantes de cada uma das sete Ajahs (as Votantes), elege uma mulher para esse cargo vitalício. O Trono de Amyrlin tem, ao menos em teoria, autoridade quase suprema entre as Aes Sedai. O status equivale ao de um rei ou rainha. Uma forma de tratamento um pouco menos formal é apenas "Amyrlin". (2) O trono no qual se senta a líder das Aes Sedai.

Tuatha'an: Um povo nômade, também conhecido como latoeiros e Povo Errante, que vive em carroções muito coloridos e segue uma filosofia pacifista chamada Caminho da Folha. Objetos consertados pelos Latoeiros costumam ficar melhores que antes. Estão entre os poucos que conseguem atravessar o Deserto Aiel sem serem molestados, pois os Aiel evitam todo contato com eles.

Velho Ceifador: *Ver* Tenebroso; Caçada Selvagem.

Verin Mathwin: Aes Sedai da Ajah Marrom.

Sobre o autor

©Liza Groen Trombi/Locus Publications



ROBERT JORDAN, pseudônimo de James Oliver Rigney Jr., nasceu em 17 de outubro de 1948, na Carolina do Sul, Estados Unidos. Aprendeu a ler sozinho e aos 5 anos vivia imerso em histórias de autores como Mark Twain e Julio Verne. Serviu na Guerra do Vietnã, formou-se em física e, em 1977, quando trabalhava para a Marinha como engenheiro nuclear, começou a escrever. *O Dragão Renascido* é o terceiro dos 14 volumes que compõem a série *A Roda do Tempo*, considerada a maior e mais elaborada obra de literatura fantástica já criada desde os livros de J.R.R. Tolkien. Robert Jordan morreu em 16 de setembro de 2007.

Conheça a série



O Olho do Mundo



A Grande Caçada

Títulos relacionados



Silo
Hugh Howey



O oceano no fim do caminho
Neil Gaiman

Acesse o site:
www.intrinseca.com.br/arodadotempo